

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO ELETRÔNICA NO
REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL - RI/UFPI**

1. Identificação do material bibliográfico:

☒ Tese ☐ Dissertação ☐ Monografia ☐ TCC Artigo ☐ Livro
☐ Capítulo de Livro ☐ Material Cartográfico ou Visual ☐ Música
☐ Obra de Arte ☐ Partitura ☐ Peça de Teatro ☐ Relatório de pesquisa
☐ Comunicação e Conferência ☐ Artigo de periódico ☐ Publicação seriada
☐ Publicação de Anais de Evento

2. Identificação do Trabalho Científico:

Curso de Graduação: _____

Programa de pós-graduação: Programa de Pós-Graduação em História do Brasil

Outro: _____

Autor(a): Luma Pinheiro Dias

E-mail: luma_pd@hotmail.com

Orientador (a) Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz

Instituição: UFPI

Membro da banca: Elizangela Barbosa Cardoso

Instituição: UFPI

Membro da banca: Pedro Vilarinho Castelo Branco

Instituição: UFPI

Membro da banca: Gustavo de Andrade Durão

Instituição: UESPI

Membro da banca: Alcebiades Costa Filho

Instituição: UEMA

Membro da banca: _____

Instituição: _____

Título obtida: Doutorado

Data da defesa: 10 / 03 / 2026

Título do trabalho: Escritora, educadora e viajante: a trajetória intelectual de Nísia Floresta e as possibilidades de ser mulher nos Oitocentos

Agência de fomento (em caso de aluno bolsista): FAPEPI

3. Informações de acesso ao documento no formato eletrônico:

Liberação para publicação:

Total: ☒ [X]

Parcial: ☐ []. Em caso de publicação parcial especifique a(s) parte(s) ou o(s) capítulos(s) a serem publicados: _____

.....

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Em atendimento ao Artigo 6º da Resolução CEPEX nº 264/2016 de 05 de dezembro de 2016, autorizo a Universidade Federal do Piauí - UFPI, a disponibilizar gratuitamente sem ressarcimento dos direitos autorais, o texto integral ou parcial da publicação supracitada, de minha autoria, em meio eletrônico, no Repositório Institucional (RI/UFPI), no formato especificado* para fins de leitura, impressão e/ou *download* pela *internet*, a título de divulgação da produção científica gerada pela UFPI a partir desta data.

Local: Teresina Data: 09 / 05 / 2026

Assinatura do(a) autor(a): _____



Documento assinado digitalmente

LUMA PINHEIRO DIAS

Data: 09/05/2026 20:44:00-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

* **Texto** (PDF); **imagem** (JPG ou GIF); **som** (WAV, MPEG, MP3); **Vídeo** (AVI, QT).



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PRPPG
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL – PPGHB

LUMA PINHEIRO DIAS

ESCRITORA, EDUCADORA E VIAJANTE:
a trajetória intelectual de Nísia Floresta e as possibilidades de ser mulher nos
Oitocentos

TERESINA – PI

2026

LUMA PINHEIRO DIAS

ESCRITORA, EDUCADORA E VIAJANTE:
a trajetória intelectual de Nísia Floresta e as possibilidades de ser mulher nos
Oitocentos

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí para obtenção do título de Doutora.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz

TERESINA – PI

2026

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco Divisão de
Representação da Informação

D541e Dias, Luma Pinheiro.
 Escritora, educadora e viajante: a trajetória intelectual de Nísia Floresta e as possibilidades de ser mulher nos Oitocentos / Luma Pinheiro Dias. -- 2026.
 378 f.

 Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Teresina, 2026.
 “Orientadora: Prof.a Dr.a Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz”.

 1. História. 2. Nísia Floresta. 3. Escrita feminina. 4. Educação feminina. 5. Escrita de viagens. I. Queiroz, Teresinha de Jesus Mesquita. II. Título.

CDD 981

LUMA PINHEIRO DIAS

ESCRITORA, EDUCADORA E VIAJANTE:

a trajetória intelectual de Nísia Floresta e as possibilidades de ser mulher nos
Oitocentos

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí para obtenção do título de Doutora.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz

APROVADA EM ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz – UFPI
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Elizangela Barbosa Cardoso – UFPI
Examinadora interna

Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco – UFPI
Examinador interno

Prof. Dr. Gustavo de Andrade Durão – UESPI
Examinador externo

Prof. Dr. Alcebiádes Costa Filho – UEMA
Examinador externo

TERESINA – PI
2026

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me fortaleceu e sustentou ao longo desses anos, o único digno de toda honra e toda glória.

Aos meus pais, Lúcia e Raimundo (Neto), e aos meus padrinhos, Rosa e Carlos, que custearam parte da minha educação e possibilitaram meu ingresso no ensino superior.

À professora Teresinha Queiroz, pela parceria, incentivo e apoio que ultrapassam a orientação acadêmica.

Aos professores Elizangela Cardoso, Fábio Leonardo e Pedro Vilarinho, pelas contribuições no exame de qualificação. As sugestões bibliográficas e de possíveis abordagens foram essenciais para a conclusão deste trabalho.

Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, pela formação oferecida.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí, pela bolsa que viabilizou a pesquisa.

Ao meu marido, Diego, cujo apoio foi essencial para a pesquisa e a escrita, por dividir os momentos difíceis, pela confiança depositada em mim e por não permitir que eu desistisse, mesmo quando pensei que não seria capaz de concluir.

Ao meu filho, Estêvão. É certo que o caminho teria sido mais fácil (ou, ao menos, menos difícil) se eu não tivesse engravidado no segundo semestre do curso. Contudo, ao final dele, eu teria apenas o título de doutora. Maior que qualquer conquista acadêmica é a dádiva de ser mãe do Estêvão. Esta tese foi construída ao som de choros, sorrisos e gritos, entre as diferentes fases dos primeiros anos do meu filho.

À Francilene, cujo auxílio na pesquisa e apoio incondicional foram decisivos para a construção deste trabalho e para o fortalecimento da nossa amizade.

À Ariane, que cuidou do Estêvão enquanto eu cumpria o estágio docente obrigatório.

Aos professores Alcebíades Costa Filho, Gustavo de Andrade Durão, bem como à Elizângela Cardoso e Pedro Vilarinho, pela disponibilidade em avaliar o resultado da pesquisa empreendida ao longo destes quatro anos.

RESUMO

Este trabalho parte da análise da trajetória intelectual de Nísia Floresta Brasileira Augusta para discutir as possibilidades de existência feminina nos Oitocentos, considerando três aspectos de sua vivência: a escrita, a educação e as viagens que realizou por diferentes províncias do Brasil e pela Europa. Nascida Dionísia Gonçalves Pinto, em Papari, Rio Grande do Norte, em 1810, atuou como educadora e escritora em um período caracterizado pela acentuação das diferenças entre os sexos e pela reafirmação da domesticidade feminina. Concentrando seus esforços na defesa do direito das mulheres à educação, prescreveu modelos ideais de filha, esposa e mãe por meio da escrita, tornando-as capazes de promover, junto aos homens, o progresso da humanidade. Em 1838, fundou o Colégio Augusto, no Rio de Janeiro, voltado para a educação de meninas. Publicou dezenas de títulos, com traduções para o francês, o italiano e o inglês. Faleceu em Rouen, em 1885. Considerada precursora do feminismo no Brasil, Nísia Floresta constitui exemplo entre outras mulheres que se destacaram no universo da escrita e ousaram questionar os padrões de diferenciação sexual de seu tempo. Assim, interessa conhecer sua atuação como educadora, escritora e viajante, uma vez que viveu aproximadamente 28 anos na Europa, período em que conheceu outras culturas, diversos intelectuais e expandiu seus argumentos em prol da educação feminina, contra a escravidão e a perseguição aos indígenas. Entre os intelectuais mencionados em seus escritos, Mary Wollstonecraft e Augusto Comte foram escolhidos para discutir não somente a influência de terceiros na formulação de seu projeto, mas também sua inserção nos debates que circulavam nos espaços letrados europeus. Para isso, recorreu-se a fontes bibliográficas e hemerográficas, bem como à obra de Nísia Floresta, composta por livros, artigos em jornais, manuais morais para meninas, poemas e relatos de viagem, entre outros. Como inspiração teórico-metodológica, destacam-se Roger Chartier, Joan Scott, Teresinha Queiroz, Nicolau Sevcenko, Bonnie G. Scott e outros.

Palavras-chave: História. Nísia Floresta. Escrita feminina. Educação feminina. Escrita de viagens.

ABSTRACT

This work begins with an analysis of the intellectual trajectory of Nísia Floresta Brasileira Augusta to discuss the possibilities of female existence in the nineteenth century, considering three aspects of her experience: writing, education, and the travels she undertook through different provinces of Brazil and across Europe. Born Dionísia Gonçalves Pinto, in Papari, Rio Grande do Norte, in 1810, she worked as an educator and writer during a period marked by the accentuation of differences between the sexes and the reaffirmation of female domesticity. Focusing her efforts on defending women's right to education, she prescribed ideal models of daughter, wife, and mother through her writings, making them capable of promoting, alongside men, the progress of humanity. In 1838, she founded the Colégio Augusto in Rio de Janeiro, dedicated to the education of girls. She published dozens of works, with translations into French, Italian, and English. She passed away in Rouen in 1885. Considered a pioneer of feminism in Brazil, Nísia Floresta stands as an example among other women who distinguished themselves in the literary sphere and dared to question the sexual differentiation standards of her time. Thus, it is relevant to examine her role as educator, writer, and traveler, since she lived approximately 28 years in Europe, a period in which she encountered other cultures, various intellectuals, and expanded her arguments in favor of women's education, against slavery, and against the persecution of Indigenous peoples. Among the intellectuals mentioned in her writings, Mary Wollstonecraft and Auguste Comte were chosen to discuss not only the influence of others on the formulation of her project but also her insertion into the debates circulating in European literary circles. For this purpose, bibliographic and journalistic sources were consulted, as well as the works of Nísia Floresta, composed of books, newspaper articles, moral manuals for girls, poems, and travel accounts, among others. As theoretical and methodological inspiration, Roger Chartier, Joan Scott, Teresinha Queiroz, Nicolau Sevcenko, Bonnie G. Scott, and others stand out.

Keywords: History. Nísia Floresta. Women's writing. Women's education. Travel writing.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885).....	43
Figura 2: Retrato de Nísia Floresta, em Paris, por François Joseph Delintraz	44
Figura 3: Fachada do prédio do Colégio Augusto	48
Figura 4: Capa do livro <i>Consigli a mia figlia</i> , 1858.....	127
Figura 5: Capa do livro <i>Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta em 18 de dezembro de 1847</i>	133
Figura 6: Capa do livro <i>A lágrima de um Caeté</i> , 1849.....	134
Figura 7: Capa do livro <i>Opúsculo humanitário</i> , 1853.....	145
Figura 8: Capa do primeiro volume do livro <i>Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce</i> , 1864	158
Figura 9: Mapa da viagem de Nísia Floresta à Alemanha.....	178
Figura 10: Mapa da viagem de Nísia Floresta à Itália (1)	205
Figura 11: Mapa da viagem de Nísia Floresta à Itália (2)	206
Figura 12: Mapa da viagem de Nísia Floresta à Itália (3)	207
Figura 13: Mapa da viagem de Nísia Floresta à Itália (4)	208
Figura 14: Mapa da viagem de Nísia Floresta à Itália (5)	209
Figura 15: Distância entre as residências de Nísia Floresta e Augusto Comte em Paris.....	306

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
2 NÍSIA FLORESTA E A EDUCAÇÃO FEMININA NOS OITOCENTOS	26
2.1 A educação das mulheres no Brasil oitocentista.....	26
2.2 “Educai as mulheres”: o brado de Nísia Floresta pela educação feminina	61
3 A ESCRITA COMO INSTRUMENTO DE LUTA: A EXPERIÊNCIA FEMININA NO MUNDO DAS LETRAS	97
3.1 As <i>femmes auteurs</i>	97
3.2 Nísia Floresta escritora	123
4 NÍSIA FLORESTA E A LITERATURA DE VIAGEM NOS OITOCENTOS	167
4.1 A escrita de viagens nos Oitocentos	167
4.2 “Meu espírito ama as viagens, (...) mas meu coração nunca será viajor”: Nísia Floresta na Alemanha.....	177
4.3 “A Itália é um imenso livro vivo”: história, cotidiano e política em <i>Trois ans en Italie, suivis d’un voyage en Grèce</i>	203
5 OS DIÁLOGOS DE NÍSIA FLORESTA COM O PENSAMENTO EUROPEU	271
5. 1 Da Inglaterra ao Brasil: Mary Wollstonecraft e Nísia Floresta em defesa dos direitos das mulheres	271
5. 2 Entre a filosofia e a amizade: Nísia Floresta e Augusto Comte	300
CONSIDERAÇÕES FINAIS	335
REFERÊNCIAS	347

INTRODUÇÃO

Esta tese constitui a continuação e o aprofundamento dos estudos iniciados durante a feitura da dissertação intitulada *Nísia Floresta e a escrita em defesa da educação feminina nos Oitocentos*¹, apresentada ao programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí no ano de 2017. No entanto, o primeiro contato com a protagonista desta pesquisa data de 2012, com a leitura do livro *Nísia Floresta, o Carapuceiro e outros ensaios de tradição cultural*², de Maria Lúcia Pallares-Burke. A abordagem proposta pela autora despertou o interesse em conhecer e estudar a vida e a obra de Nísia Floresta.

A princípio, a pesquisa partiu das notas de rodapé: referências citadas por seus biógrafos, especialmente por Constância Lima Duarte³, indicavam os caminhos. Logo, se transformou em consultas a arquivos digitais e trabalhos acadêmicos que tivessem Nísia Floresta como foco de interesse, que eram escassos, principalmente na área de História. No entanto, esse cenário sofreu alterações nos últimos anos, com o acesso facilitado a jornais, novas edições de livros e os originais escritos por Nísia Floresta, disponibilizados em bibliotecas digitais nacionais e estrangeiras. O crescimento qualitativo e quantitativo de fontes, artigos, dissertações e teses cuja centralidade é Nísia Floresta permitiu, conseqüentemente, o aparecimento de novas indagações acerca de sua história.

Nísia Floresta Brasileira Augusta foi o pseudônimo escolhido por Dionísia Gonçalves Pinto não só para ingressar no mundo das letras, predominantemente masculino e, portanto, hostil às mulheres, mas também para construir uma história de luta em defesa da educação feminina distante das polêmicas de sua juventude, como o fim do primeiro matrimônio, contraído aos treze anos. Nasceu em 1810, no Rio Grande do Norte, mas sua atuação foi para além das fronteiras regionais e nacionais, uma vez que viajou e morou em diferentes províncias no Brasil e em cidades europeias.

Exercendo a atividade de escritora e educadora no século em que o espaço doméstico era fortemente associado ao feminino, Nísia Floresta se destacou ao reivindicar a melhoria da

¹ DIAS, Luma Pinheiro. *Nísia Floresta e a escrita em defesa da educação feminina nos Oitocentos*. 2017. 166 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017.

² PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. *Nísia Floresta, o Carapuceiro e outros ensaios de tradição cultural*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

³ DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: vida e obra*. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995.

educação oferecida às brasileiras e fundar o Colégio Augusto no Rio de Janeiro, em 1838, voltado para o ensino de meninas. Por isso, foi denominada por alguns estudiosos como precursora do feminismo no Brasil e na América Latina⁴.

A trajetória de personalidades femininas é um objeto de estudo relativamente recente para a historiografia, considerando que o aparecimento de uma história das mulheres ocorreu por volta de 1960 na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos e, posteriormente, na França⁵. Assim como em outros países ocidentais, no Brasil, esse empreendimento foi potencializado pelos movimentos de mulheres⁶. Entretanto, escrever uma história das mulheres não é uma tarefa simples, pois, de acordo com Michelle Perrot, “no teatro da memória, as mulheres são uma leve sombra”⁷. Elas estavam excluídas da narrativa histórica tradicional, que privilegiava a esfera pública da sociedade. A autora ressalta:

Mas há algo mais grave. Esta ausência no nível da narrativa é acompanhada por uma carência de traços no domínio das ‘fontes’ nas quais o historiador se alimenta, devido ao déficit de registro primário. No século 19, por exemplo, os escrivães da história [...] tomam nota de muito pouco do que tem o traço das mulheres, categoria indistinta, destinada ao silêncio. Se o fazem, quando observam a presença feminina em uma manifestação ou reunião, recorrem aos estereótipos mais conhecidos: mulheres vociferantes, megeras a partir do momento em que abrem a boca, histéricas, assim que começam a gesticular⁸.

A carência de fontes é resultado do lugar ocupado pelas mulheres nas sociedades ocidentais do passado. Em suma, a elas era negado o direito à educação, o que significou a limitação da produção de fontes escritas, justamente aquelas que eram valorizadas pela historiografia tradicional. Além disso, “os procedimentos de registro dos quais a história é tributária são fruto de uma seleção que privilegia o público”⁹. O século XIX é marcado pela

⁴ Cf.: SOIHET, Rachel. Nísia Floresta e mulheres de letras no Rio Grande do Norte: pioneiras na luta pela cidadania. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 179-199, jan./abr. 2005.; BOTTING, Eileen Hunt; MATTHEWS, Charlotte Hammond. Overthrowing the Floresta-Wollstonecraft myth for Latin American feminism. *Gender & History*, v. 26, n. 1, p. 64-83, abr. 2014. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1468-0424.12052>. Acesso em: 21 out. 2025.; DIAS, Luma Pinheiro Dias; QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. Mary Wollstonecraft, Nísia Floresta, Sophia e a escrita em defesa dos direitos das mulheres. *Contraponto*, Teresina, v. 11, n. 1, p. 43-63, jan./dez. 2022. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/contraponto/article/view/14038/8485>. Acesso em: 6 set. 2024.

⁵ PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2008.

⁶ SOIHET, Rachel; SOARES, Rosana M. A.; COSTA, Suely Gomes. A história das mulheres: cultura e poder das mulheres; ensaio de historiografia. *Revista Gênero*, Niterói, v. 2, n. 1, p. 7-30, 2. sem. 2001. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/30986>. Acesso em: 21 out. 2025.

⁷ PERROT, Michele. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2005. p. 33.

⁸ PERROT, 2005, p. 33.

⁹ PERROT, 2005, p. 34.

diferenciação das esferas pública e privada. Essa concepção é, aliás, fundamental para a elaboração das análises propostas neste trabalho. Conforme Perrot:

A distinção entre público e privado é, ao mesmo tempo, uma forma de governabilidade e de racionalização da sociedade no século XIX. Em linhas gerais, as ‘esferas’ são pensadas como equivalentes dos sexos e jamais a divisão sexual dos papéis, das tarefas e dos espaços foi levada tão longe. Aos homens, o público, cujo centro é a política. Às mulheres, o privado, cujo coração é formado pelo doméstico e a casa¹⁰.

O uso destas categorias não exclui o entendimento de que elas não são fixas. Mulheres que tiveram acesso à instrução e se apropriaram da escrita foram capazes de deixar registros sobre si, que, de acordo com Perrot, estavam “ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade”¹¹. Considerando que a educação oferecida às mulheres nos Oitocentos tinha como principais objetivos a manutenção das diferenças sexuais e o desempenho das funções de filha, esposa e mãe, aquelas que conseguiram ultrapassar as barreiras do espaço privado eram exceções. Entre elas, Nísia Floresta.

A constante busca pela diferenciação sexual, reiterada pelo discurso médico, filosófico, jurídico e retratada na literatura e na arte oitocentista, opunha homens e mulheres de tal forma que o que era considerado masculino era excluído das possibilidades femininas. Isso explica que para eles tenha sido reservado o intelecto, a ciência, a criação, enquanto elas eram vistas como seres incompletos, infantis e desprovidas de raciocínio lógico. Quando os limites imaginários eram contestados pela prática, logo a sociedade estava diante de uma aberração.

Essa concepção se aplicava às mulheres que se apropriavam da escrita, independentemente do conteúdo abordado. Se conseguiam articular ideias, criar histórias ou contestar a realidade observada, eram consideradas perigos à ordem social, para a existência da família e precisavam ser tolhidas. Nesse sentido, a escrita feminina significava uma afronta aos padrões sexuais, fazendo as certezas masculinas ruírem.

O desempenho de Nísia Floresta como educadora e escritora contestou duplamente a ordem. Seus esforços em defesa da educação feminina e o reconhecimento de seus atributos intelectuais são ilustrativos dos desafios enfrentados, assim como das possibilidades de ascensão para aquelas que ousaram desafiar os limites impostos ao seu sexo.

É importante advertir que este não é um estudo essencialmente biográfico, ainda que os debates acerca da biografia sejam indispensáveis à sua feitura, uma vez que em seus textos, Nísia Floresta faz diversas referências a si. Sobre isso, as discussões organizadas por Ângela de

¹⁰ PERROT, 2005, p. 459.

¹¹ PERROT, 2005, p. 39.

Casto Gomes oferecem contribuições relevantes. A autora informa que o crescente interesse pelas práticas que envolvem a escrita de si está relacionado ao crescimento de uma história cultural que se ocupa do espaço privado, beneficiando o estudo das mulheres. Por outro lado, Gomes acrescenta que há dificuldades metodológicas específicas para o seu estudo, pois o seu reconhecimento como fonte é recente:

A escrita auto-referencial ou escrita de si integra um conjunto de modalidades do que se convencionou chamar produção de si no mundo moderno ocidental. Essa denominação pode ser mais bem entendida a partir da ideia de uma relação que esse estabeleceu entre o indivíduo moderno e seus documentos. Considerando-se a existência de um certo consenso na literatura que trata da escrita de si, pode-se datar a divulgação de sua prática, *grosso modo*, do século XVIII, quando indivíduos ‘comuns’ passaram a produzir, deliberadamente, uma memória de si (grifos da autora)¹².

As práticas de produção de si estão relacionadas com o indivíduo que constrói sua identidade através de seus documentos. No entanto, não é algo recente. A novidade está nos novos significados atribuídos ao ato de escrever sobre a própria vida ou sobre a de terceiros para a constituição do individualismo moderno. Nesse sentido, “a chave para o entendimento dessas práticas culturais é a emergência histórica desse indivíduo nas sociedades ocidentais”¹³. O surgimento de uma categoria de indivíduo significou a transformação das noções de memória, documento, verdade, tempo e história. Gomes ressalta que:

No que se refere à memória (com desdobramentos para a história), passam a ser legítimos os procedimentos de construção e guarda de uma memória individual ‘comum’, e não apenas de um grupo social/nacional ou de ‘grande’ homem (político, militar, religioso) os argumentos que sustentam as novas práticas derivam tanto da assertiva sociológica de que todo indivíduo é social, quanto do reconhecimento da radical singularidade de cada um¹⁴.

As memórias e impressões registradas por Nísia Floresta em seus textos apresentam certa dualidade, pois são, ao mesmo tempo, memória construída intencionalmente, uma vez que é destinada a um público específico, e fontes para analisar o seu contexto de produção e experiência. Por meio da escrita, Nísia Floresta expõe suas observações acerca da sociedade brasileira e europeia, direciona as reflexões propostas aos leitores e edita fatos sobre si e seu passado conforme lhe convém.

¹² GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 10-11.

¹³ GOMES, 2004, p. 11.

¹⁴ GOMES, 2004, p. 12.

Partindo da intencionalidade da escrita de Nísia Floresta, as ressalvas feitas por Pierre Bourdieu quanto à biografia podem ser aplicadas ao seu discurso autobiográfico¹⁵. Chamando de “ilusão biográfica”, Bourdieu aponta que é preciso considerar que a história de vida dos indivíduos não é linear ou dotada de sentido prévio e sofre interações e interferências do social. A adoção do discurso autobiográfico de Nísia Floresta como fonte deste trabalho parte da noção de que “os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado”¹⁶.

Nísia Floresta é, simultaneamente, objeto e fonte neste trabalho, inclusive em relação à elaboração de si e do outro. Isso porque a escritora publicou a biografia de seu irmão, Joaquim Pinto Brasil, em 1878, como uma homenagem póstuma, mas o livro apresenta diversas menções à sua própria vida. Isso implica que os traços autobiográficos espalhados por sua obra não eram inocentes nem espontâneos. Mesmo quando escrevia manuais morais, crônicas ou poesias, Nísia Floresta não economizava nos discursos autobiográficos. Reconhecida como literata, principalmente após publicar em francês e italiano, a escritora tinha consciência de que escrevia para a posteridade e reconhecia a importância de deixar informações sobre si, ressaltando sua versão dos fatos.

Teresinha Queiroz e Nicolau Sevcenko constituem inspiração teórico-metodológica para abordar os encontros e desencontros entre História e Literatura. Sevcenko destaca a relação entre linguagem e sociedade, uma vez que a primeira é a centralidade de toda atividade humana e é produzida pelo contato entre o sujeito e a realidade, sendo o elemento modelador dessa relação¹⁷. É partindo desse pressuposto que se entende que Nísia Floresta expressa uma representação do meio espacial e social em que vivia por meio das palavras. O autor afirma que as palavras abrem fissuras na realidade e expressam as potencialidades do homem e que “falar, nomear, conhecer, transmitir, esse conjunto de atos se formaliza e se reproduz incessantemente por meio da fixação de uma regularidade subjacente a toda ordem social: o discurso”¹⁸.

Queiroz contribui em duas perspectivas. A primeira diz respeito ao discurso autobiográfico e ao cuidado que esse tipo de fonte inspira. Os textos autobiográficos são escritos que visam à posteridade, ilustrando a imagem idealizada dos autores em relação a si, e dos

¹⁵ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.) *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-191.

¹⁶ BOURDIEU, 2006, p. 190.

¹⁷ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

¹⁸ SEVCENKO, 1999, p. 19.

valores propostos por eles. A autora afirma que “não deve ser esquecido também que as posições têm uma historicidade própria e que as tomadas de consciência são específicas dos momentos em que os textos foram elaborados”¹⁹.

Outra contribuição de Queiroz é relativa aos valores e comportamentos veiculados pela palavra, seja ela escrita ou oral. As palavras “aparecem como instrumentos a abrir brechas e fissuras nas estruturas sociais e políticas, a definir perspectivas sociais que tanto interferem no presente como propõem comportamentos futuros”²⁰. De forma semelhante ao tratamento dispensado por Sevcenko e Queiroz aos literatos abordados em seus trabalhos, Nísia Floresta é estudada como fruto do seu tempo, neste caso, uma entre outras possibilidades de ser mulher nos Oitocentos e o seu discurso autobiográfico colabora para o entendimento de aspectos relacionados à sua vida e ao contexto histórico.

Roger Chartier²¹ também contribui para a análise das obras de Nísia Floresta e o diálogo que estabelece com homens e mulheres de seu tempo, contrários ou favoráveis à causa da educação feminina. A escritora oferece representações do mundo social, pautadas em seus interesses particulares, com objetivos claros e para leitores específicos. Sua escrita é uma representação possível da situação das mulheres nos Oitocentos, e elabora interlocuções com a realidade observada, construindo uma interpretação baseada em suas experiências, leituras e viagens.

O autor, tratando de escritos políticos e administrativos, oferece outra possibilidade para interpretar os textos de Nísia Floresta, pois “todos eles supõem um destinatário, uma leitura, uma eficácia. Seria necessário relê-los sob esta perspectiva, detectando o modo como têm em conta as capacidades supostas de seus destinatários imaginados”²². Adaptando aos objetivos deste trabalho, é essencial considerar para quem Nísia Floresta escreve, além das razões que a motivam a escrever.

Se a insistência em definir os limites entre os sexos e as atribuições sociais de cada um caracterizava a sociedade oitocentista, brasileira e europeia, é importante considerar o conceito de gênero proposto por Joan Scott²³. O conceito oferece suporte para analisar os discursos relativos às diferenças sexuais e sobre os lugares sociais destinados às mulheres naquele

¹⁹ QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Os literatos e a República*: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. Teresina: EDUFPI, 2011a. p. 281.

²⁰ QUEIROZ, 2011a, p. 194.

²¹ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1990.

²² CHARTIER, 1990, p. 223-224.

²³ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

período. A autora aponta que é necessário historicizar e desconstruir os termos da diferença sexual. Para Scott, “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”²⁴. Nesse sentido, o conceito de gênero é o instrumento utilizado para decodificar o sentido e compreender as complexas relações entre as diversas formas de interação humana, útil para qualquer leitura social.

Outra contribuição de Scott é para a problematização da experiência de Nísia Floresta como mulher escritora e educadora no século XIX, que não é abordada como absoluta, nem isoladamente. Scott afirma que “quando a experiência é considerada como a origem do conhecimento, a visão do sujeito individual torna-se o alicerce da evidência sobre a qual se ergue a explicação”²⁵, excluindo aspectos relevantes, como a constituição diferenciada entre os sujeitos e como a visão do sujeito é estruturada. Assim, a experiência deve ser tratada como meio e não como o fim, isto é, por meio dela deve ser possível explorar como se estabelece a diferença e como ela opera, como e de que forma ela constitui os sujeitos que veem e agem no mundo²⁶.

Nísia Floresta também exerceu o papel de historiadora, registrando e interpretando eventos históricos em sua obra literária. Em *A lágrima de um Caeté*²⁷ (1849), aborda o encontro entre o indígena e o colonizador, e escreve em meio aos acontecimentos da Revolução Praieira (1848-1850); *Dedicação de uma amiga*²⁸ (1850) é ambientado, em parte, nos anos da Cabanagem (1835-1840); em *Opúsculo humanitário*²⁹ (1853), discute, ainda que brevemente, a história desde os tempos antigos; em *Trois ans en Italie suivis d'un voyage en Grèce*³⁰ (1864-1872) registra os acontecimentos do *Risorgimento* italiano.

²⁴ SCOTT, 1995, p. 86.

²⁵ SCOTT, Joan W. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (org.). *Falas de gênero: teorias, análises, leituras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. p. 26.

²⁶ SCOTT, 1999, p. 26.

²⁷ FLORESTA, Nísia. *A lágrima de um Caeté*. Rio de Janeiro: Tipografia de L. A. F. Menezes, 1849. Disponível em: <https://archive.org/details/DELTA53690FA/page/n7/mode/2up>. Acesso em: 30 jan. 2024.

²⁸ FLORESTA, Nísia. *Dedicação de uma amiga*. Niterói: Tipografia Fluminense de Lopes & Cia, 1850.

²⁹ FLORESTA, Nísia. *Opúsculo humanitário*. Rio de Janeiro: Tipografia de M. A. Silva Lima, 1853. Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasgerais/drg376981/drg376981.html#page/1/mode/1up. Acesso em: 30 jan. 2024.

³⁰ FLORESTA, Nísia. *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*. Paris: Librairie E. Dentu, 1864. v. 1. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=v2U3AQAAMAAJ&pg=GBS.PA156>. Acesso em: 22 out. 2025.; FLORESTA, Nísia. *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*. Paris: Librairie E. Dentu, 1872. v. 2. Disponível em:

Bonnie G. Smith³¹ aponta que a historiografia foi moldada por questões ligadas ao gênero. Uma vez que as mulheres estiveram excluídas do processo criativo e intelectual, isso incidiu diretamente na sua participação no processo de profissionalização da escrita da história, entre fins do século XVIII e o século XIX. Construída com a pretensão de ser uma atividade neutra, científica e universal, a escrita da história omitia o viés masculino e ocidental, excluindo as mulheres, as narrativas femininas e outras abordagens alternativas.

A autora destaca que as mulheres no Ocidente demonstravam interesse na questão do gênero desde o final do século XVIII, mas não recebiam reconhecimento, tampouco possuíam uma carreira semelhante à dos homens. No final do século XIX, algumas inglesas e americanas possuíam percursos acadêmicos satisfatórios, mas continuavam a ser chamadas de amadoras, “sem as associações institucionais dos profissionais do sexo masculino”. A maior parte dessas mulheres escolhiam assuntos relacionados à história das mulheres, da vida social e da cultura inferior e superior, pois “a prestigiada história profissional baseada na reflexão profunda e em importantes tópicos políticos era para homens, enquanto as mulheres ‘amadoras’ buscavam um modo mais ‘superficial’ de escrever sobre o passado”³².

Nesse sentido, as mulheres eram associadas ao amadorismo e seus escritos eram vistos como comerciais, superficiais ou destinados ao entretenimento, mas não como pesquisa séria. Conforme Smith, isso fazia parte de uma estratégia institucional para definir a história como disciplina acadêmica “masculina”, excluindo ou desqualificando contribuições femininas. O impedimento para considerar a produção de mulheres amadoras e a sua relação com o desenvolvimento da feminilidade intelectual e política é a erradicação do amadorismo na historiografia, priorizando uma história sobre as realizações do profissionalismo³³.

Contribuiu para isso o fato de “cientistas históricos” estabelecerem polaridades entre o profissionalismo e o amadorismo, elevando a história política e diminuindo a relevância da história da cultura, do povo, do corpo. As mulheres escreviam enquanto cuidavam das tarefas sociais atribuídas ao seu sexo e negociavam com os editores, trazendo ao conhecimento dos leitores uma variedade de documentos, coleções e informações, transformando-os em livros de

<https://play.google.com/books/reader?id=6usJmjAoOVAC&pg=GBS.PP1>. Acesso em: 22 out. 2025. A tradução utilizada é: LÚCIO, Sônia Valério Marinho. *Uma viajante brasileira na Itália do Risorgimento: tradução comentada do livro Trois ans en'Italie suivis d'un voyage en Grèce* (vol. I – 1964; vol. II – s. d.) de Nísia Floresta Brasileira Augusta. 1999. 754 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

³¹ SMITH, Bonnie G. *Gênero e história: homens, mulheres e a prática histórica*. Bauru (SP): EDUSC, 2003. (Coleção História)

³² SMITH, 2003, p. 23.

³³ SMITH, 2003.

viagens e romances. Os profissionais, por sua vez, eram considerados pesquisadores de arquivos autênticos, mas utilizavam os serviços domésticos, principalmente para o trabalho de pesquisa, arquivamento, editoração e, em alguns casos, da escrita³⁴.

O desempenho diverso do amadorismo, que se articulava com os papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres e, eventualmente, os ultrapassavam, provoca a necessidade de repensar a historiografia produzida por amadoras, indica Smith. Se a historiografia profissional praticada por homens naquela época se caracterizava pela busca incessante do rigor metodológico e pelo privilégio dado à política de Estado, à diplomacia e à narrativa de grandes feitos militares, as historiadoras amadoras operavam com maior flexibilidade criativa, com a interpretação de exemplos estrangeiros e a incorporação de perspectivas morais e culturais. Esse modo de atuação se insere no que Smith nomeia de “alto amadorismo”, uma produção historiográfica não institucionalizada, mas não menos sofisticada, que combinava erudição, leitura ampla e sensibilidade narrativa³⁵.

Fontes bibliográficas são fundamentais para que a trajetória intelectual de Nísia Floresta e a sua produção escrita seja compreendida, pois é necessário apresentar e analisar o contexto histórico vivenciado por ela, bem como o que a historiografia discorre a respeito da escrita e educação feminina no século XIX, no Brasil e Europa. Peter Gay apresenta aspectos constitutivos da sociedade europeia do período, especialmente no que diz respeito à busca pela diferenciação sexual que reforçava a ignorância feminina e a superioridade masculina. O autor também informa sobre a receptividade e o tratamento dispensado às mulheres que ultrapassavam as limitações do espaço privado, adentrando no espaço público por meio da escrita³⁶. Queiroz³⁷ também apresenta as reações desencadeadas pela escrita feminina no período.

Para o contexto europeu, alguns dos textos reunidos em dois volumes da coleção *História das mulheres no Ocidente* contribuem com discussões interessantes. Entre eles,

³⁴ SMITH, 2003.

³⁵ SMITH, 2003.

³⁶ GAY, Peter. O poderoso sexo frágil. In: GAY, Peter. *O cultivo do ódio: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.; GAY, Peter. *A educação dos sentidos: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das letras, 1988.

³⁷ QUEIROZ, Teresinha. Amélia Bevilacqua e a escrita feminina no Brasil. In: BORRALHO, J.; GOMES, M.; BEZERRA, N. (org.). *Pontos, contrapontos não desvendados: os vários tecidos sociais de um Brasil Oitocentista*. São Luís: Café e Lápis, Editora UEMA, 2011b. p. 203-217.

destacam-se os escritos por Martine Sonnet³⁸, Michèle Crampe-Casnabet³⁹, Évelyne Berriot-Salvadore⁴⁰, Claude Dulong⁴¹, Geneviève Fraisse⁴², Stéphane Michaud⁴³, Marie-Claire Hock-Demarle⁴⁴, Annelise Maugue⁴⁵ e Ivonne Knibiehler⁴⁶. Os textos contemplam os discursos filosóficos e médicos acerca das diferenças sexuais, os espaços e funções sociais destinados às mulheres, a educação feminina, as relações familiares, dentre outros assuntos que oferecem um panorama da sociedade europeia.

As coletâneas *História das mulheres no Brasil*⁴⁷, que apresenta contribuições de autoras como Miridan Falci⁴⁸, Guacira Lopes Louro⁴⁹, Norma Telles⁵⁰, e *Nova história das mulheres*

³⁸ SONNET, Martine. Uma filha para educar. In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlete (org.). *História das mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991.

³⁹ CRAMPE-CASNABET, Michèle. A mulher no pensamento filosófico do século XVIII. In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlete (org.). *História das mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991.

⁴⁰ BERRIOT-SALVADORE, Évelyne. O discurso da medicina e da ciência. In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlete (org.) *História das mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991.

⁴¹ DULONG, Claude. Da conversação à criação. In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlete (org.). *História das mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991.

⁴² FRAISSE, Geneviève. Da destinação ao destino: história filosófica da diferença entre os sexos. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle (org.). *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991. p. 59-95.

⁴³ MICHAUD, Stéphane. Idolatrias: representações artísticas e literárias. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle (org.). *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991.

⁴⁴ HOCK-DEMARLE, Marie-Claire. Ler e escrever na Alemanha. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle (org.). *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991.

⁴⁵ MAUGUE, Annelise. A nova Eva e o velho Adão. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle (org.). *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991.

⁴⁶ KNIBIEHLER, Yvonne. Corpos e corações. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle (org.). *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991. p. 351-401.

⁴⁷ DEL PRIORI, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

⁴⁸ FALCI, Miridan B. Knox. Mulheres do sertão nordestino. In: DEL PRIORI, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

⁴⁹ LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORI, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 443-481.

⁵⁰ TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORI, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

no Brasil⁵¹, com as autoras June Hahner⁵², Ana Silvia Scott⁵³, Maria Lígia Prado e Stella Scatena Franco⁵⁴, informam sobre o contexto histórico brasileiro.

A educação feminina nos Oitocentos era objeto de discussões que movimentavam as sociedades brasileira e europeia. Nísia Floresta se posicionou a favor do direito das mulheres de receberem uma educação semelhante aos homens, não para que fossem capazes de ocupar o lugar deles nas esferas públicas, mas para desempenhar adequadamente os papéis sociais que lhes eram atribuídos de filha, esposa e mãe. Por meio de suas obras ela critica o sistema vigente, propõe uma educação ideal e delinea modelos femininos que conduziriam a humanidade ao progresso almejado.

Para que as suas ponderações relativas à educação feminina sejam compreensíveis, o ensino oferecido a meninos e meninas no século XIX é analisado com o auxílio de fontes bibliográficas e hemerográficas. José Gonçalves Gondra e Alessandra Schueler⁵⁵, discutem as diferentes formas da educação no Brasil Império, as iniciativas governamentais que incidiam sobre as práticas educativas, os diversos agentes envolvidos nas ações de ensino, dentre outros aspectos. Demerval Saviani também discute a educação no Brasil oitocentista, incluindo a formação de professores⁵⁶, as transformações decorrentes de intervenções governamentais e as diferentes ideias que influenciavam no curso da educação oferecida pelo Estado e por estabelecimentos privados⁵⁷.

Os jornais são utilizados como fontes para além das discussões sobre a educação feminina. Partindo do pressuposto de que a imprensa constitui espaço de legitimação de discursos e considerando-a como indicativo do imaginário social que a produz, os periódicos que circulavam no Brasil oitocentista oferecem informações importantes sobre os debates em torno do lugar ocupado pela mulher na sociedade e as diferenças entre os sexos. Ademais, parte dos textos de Nísia Floresta foi publicada em jornais.

⁵¹ BASSANEZI, Carla; PEDRO, Joana Maria (org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018.

⁵² HAHNER, June E. Honra e distinção das famílias. In: BASSANEZI, Carla; PEDRO, Joana Maria (org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018.

⁵³ SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018.

⁵⁴ PRADO, Maria Lígia; FRANCO, Stella Scatena. Participação feminina no debate público brasileiro. In: BASSANEZI, Carla; PEDRO, Joana Maria (org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018.

⁵⁵ GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra. *Educação, poder e sociedade no Império brasileiro*. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

⁵⁶ SAVIANI, Demerval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. *Revista Brasileira de Educação*, v. 14, n. 40, p. 143-155, jan./abr. 2009.

⁵⁷ SAVIANI, Demerval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

Tânia Regina de Luca oferece apontamentos metodológicos para o uso de jornais como fontes de pesquisa para o historiador. A autora destaca que os periódicos desempenhavam “a função estratégica na difusão de valores e modos de vida”⁵⁸ e que para sua adoção como fonte é necessário, dentre outras coisas, considerar quem os produzia, como era a sua distribuição e para qual público era endereçado. Luca afirma que: “A imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público”⁵⁹.

Os jornais foram consultados no acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, a partir da busca por termos relacionados ao interesse da pesquisa. Entre os periódicos utilizados, estão: *Correio Mercantil*⁶⁰, *Gazeta do Rio de Janeiro*⁶¹, *Diário do Rio de Janeiro*⁶², *Periódico dos Pobres*⁶³, *Jornal das Senhoras*⁶⁴ e *Jornal do Comércio*⁶⁵.

A produção escrita de Nísia Floresta constitui parte importante do corpus documental deste trabalho. Seus textos informam sobre sua vida, suas opiniões e sobre a sociedade por ela observada, e são, portanto, objeto e fonte. As obras consultadas, de acordo com a cronologia de publicação, são: *Direito das mulheres e injustiça dos homens* (1832)⁶⁶, *Conselhos à minha*

⁵⁸ LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 129.

⁵⁹ LUCA, 2008, p. 140.

⁶⁰ Foi publicado na cidade do Rio de Janeiro de 1º de janeiro de 1848 a 15 de dezembro de 1868. Nos anos iniciais da década de 50, o jornal era editado em francês aos domingos. No início de 1848, o cabeçalho do jornal trazia o nome da firma do proprietário, Francisco José dos Santos Rodrigues e Companhia. Cf.: RIBEIRO, José Alcides. *Correio Mercantil: gêneros jornalísticos, literários e muito mais...* *Revista USP*, São Paulo, n. 65, p. 131-147, mar./maio 2005.

⁶¹ Jornal que circulou entre 10 de setembro de 1808 e 31 de dezembro de 1822, no Rio de Janeiro. Foi o órgão oficial do governo português durante a permanência de D. João VI no Brasil. Circulava às quartas-feiras e aos sábados. Cf.: BIBLIOTECA NACIONAL. *Série periódicos brasileiros: Gazeta do Rio de Janeiro, 10 de setembro de 1808*. Disponível em: <https://antigo.bn.gov.br/explore/curiosidades/serie-periodicos-brasileiros-gazeta-rio-janeiro-10-setembro>. Acesso em: 14 nov. 2023.

⁶² Foi fundado por Zefferino Vito de Meirelles, português vindo de Lisboa. Circulou entre 1821 e 1878 no Rio de Janeiro. É lembrado como um dos principais veículos de propagação da literatura nacional e espaço de debates entre os homens de letras do período. Cf.: DIAS, 2017.

⁶³ Circulou no Rio de Janeiro entre 1850 e 1856, substituindo *O Anunciador*. Cf.: DIAS, 2017.

⁶⁴ Periódico semanal, publicado durante três anos consecutivos, de 1852 a 1855, no Rio de Janeiro. É considerado um dos primeiros jornais publicados por mulheres no Brasil. Contava com seções de Moda, Belas Artes, Teatro e Crítica, além de espaços dedicados a partituras de piano e a romances que eram publicados em forma de folhetins. Cf.: LIMA, Joelma Varão. “Jornal das Senhoras”: as mulheres e a urbanização na corte. *Cadernos CERU*, série 2, v. 21, n. 2, p. 227-240, dez. 2010.

⁶⁵ Publicado pela primeira vez em 1º de outubro de 1827, com publicações diárias. Fundado por Pierre René François Plancher de La Noé. Seu último número foi no ano de 2016. Cf.: BIBLIOTECA NACIONAL. *Jornal do Commercio (Rio De Janeiro)*. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/jornal-do-commercio-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 30 jan. 2024.

⁶⁶ FLORESTA, Nísia. *Direito das mulheres e injustiça dos homens*. São Paulo: Cortez, 1989.

*filha*⁶⁷ (1842), *Fany ou o modelo das donzelas*⁶⁸ (1847), *Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta*⁶⁹ (1847), *A lágrima de um caeté* (1849), *Dedicação de uma amiga* (1850), *Opúsculo humanitário* (1853), *Páginas de uma vida obscura* (1855)⁷⁰, Um improviso – na manhã do 1º corrente, ao distinto literato e grande poeta, Antonio Feliciano de Castilho⁷¹ (1855), *Passeio no Aqueduto da Carioca*⁷² (1855), Um apelo à caridade feminil (1855)⁷³, O pranto filial (1856)⁷⁴, *Itinéraire d'un voyage en Allemagne*⁷⁵ (1857), *Scintille d'un'anima brasiliana*⁷⁶ (1859), *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce* (1864-1872), Um crime cometido por amor e sua punição⁷⁷ (1875), *Viagem a Sorrento*⁷⁸ (1875), *Fragments d'un ouvrage inédit, notes biographiques*⁷⁹ (1878). Parte dos textos é citada no idioma original, conforme disponível no serviço digital *Google Play Livros*, acompanhada, em nota de rodapé,

⁶⁷ FLORESTA, Nísia. *Conselhos à minha filha*. Rio de Janeiro: Tipografia de J. S. Cabral, 1842.; A edição utilizada é: FLORESTA, Nísia. *Conselhos à minha filha, com 40 pensamentos em versos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Imperial de F. de Paula Brito, 1845. Disponível em: https://play.google.com/books/reader?id=c_ZCAQAAMAAJ&pg=GBS.PR3&hl=pt. Acesso em: 23 out. 2025.

⁶⁸ FLORESTA, Nísia. *Fany ou O modelo das donzelas*. Rio de Janeiro: Edição do Colégio Augusto, 1847. A versão utilizada é: FLORESTA, Nísia. *Fany ou o modelo das donzelas*. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Inéditos e dispersos de Nísia Floresta*. Natal: EDUFRRN, 2009. p. 95-102.

⁶⁹ FLORESTA, Nísia. *Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta*. Rio de Janeiro: Tipografia de F. de Paula Brito, 1847. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=DrlGAQAAMAAJ&hl=pt>. Acesso em: 23 out. 2025.

⁷⁰ Foi publicada em *O Brasil Ilustrado* entre 14 de março e 30 de junho de 1855.

⁷¹ FLORESTA, Nísia. Um improviso – na manhã do 1º corrente, ao distinto literato e grande poeta, Antonio Feliciano de Castilho. *O Brasil Ilustrado*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 10, p. 5, 30 abr. 1855.

⁷² FLORESTA, Nísia. Passeio ao Aqueduto da Carioca. *O Brasil Ilustrado*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 5, p. 68-70, 15 jul. 1855.

⁷³ AUGUSTA, Brasileira. Um apelo à caridade feminil. *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro, ano 12, n. 264, p. 2, 23 set. 1855.

⁷⁴ FLORESTA, Nísia. O pranto filial. *O Brasil Ilustrado*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 9, p. 141-142, 31 mar. 1856.

⁷⁵ FLORESTA, Nísia. *Itinéraire d'un voyage en Allemagne*. Paris: A. Chérié Editeur, 1857. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=SI5aAAAACAAJ&pg=GBS.PP1>. Acesso em: 23 out. 2025. A tradução utilizada é: FLORESTA, Nísia. *Itinerário de uma viagem à Alemanha*. Tradução de Francisco Chagas Pereira. Natal: Editora Universitária, 1982.

⁷⁶ FLORESTA, Nísia. *Scintille d'un'anima brasiliana*. Firenze: Tipografia Barbera. Bianchi & C., 1859. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=ShpJAQAAMAAJ&pg=GBS.PA64&hl=pt>. Acesso em: 23 out. 2025. A tradução utilizada é: FLORESTA, Nísia. *Cintilações de uma alma brasileira*. Tradução de Michele A. Vartulli. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.

⁷⁷ O texto foi extraído do primeiro volume de *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce* e publicado no *Diário de São Paulo*. Cf.: FLORESTA, 1864, p. 156-160.; FLORESTA, Nísia. Um crime cometido por amor e sua punição. *Diário de São Paulo*. São Paulo, ano 11, n. 3015, p. 1, 11 dez. 1875.

⁷⁸ FLORESTA, Nísia. Viagem a Sorrento. *A Reforma*. Rio de Janeiro, ano 7, n. 293, p. 1-2, 31 dez. 1875.

⁷⁹ FLORESTA, Nísia. *Fragments d'un ouvrage inédit, notes biographiques*. Paris: A. Chérié, 1878. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=ICxEQAAMAAJ&pg=GBS.PA2&hl=pt>. Acesso em: 4 nov. 2025. A tradução utilizada é: FLORESTA, Nísia. *Fragments de uma obra inédita: notas biográficas*. Tradução de Nathalie Bernardo da Câmara. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

da tradução baseada na edição em português, com a devida indicação dos responsáveis pela tradução.

Entre os diversos gêneros escritos por Nísia Floresta e abordados nesta tese, destaca-se a análise de seus relatos de viagem produzidos em solo europeu, onde morou por cerca de 28 anos. O período vivido na Europa teve importância significativa para a construção e consolidação de sua carreira intelectual. O contato com outras culturas e intelectuais possibilitou o alargamento e o aprofundamento de suas análises sobre diversos aspectos sociais e históricos, enriquecendo seus argumentos e fortalecendo o projeto que desenvolveu em favor da educação feminina.

Sob essa perspectiva, *Itinéraire d'un voyage en Allemagne* e os dois volumes de *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce* são analisados. Há diferenças significativas entre os textos que influenciam diretamente a abordagem adotada neste trabalho. A principal delas diz respeito à extensão de cada um: enquanto o relato referente à Alemanha apresenta 208 páginas, os dois volumes dedicados à Itália e à Grécia somam pouco mais de 750 páginas. Essa discrepância justifica que as análises sobre o primeiro sejam apresentadas em menos páginas em comparação ao espaço dedicado aos demais.

Além disso, o conteúdo dos relatos apresenta-se de forma diversificada. Sua passagem pela Alemanha é descrita com tom sentimental e nostálgico, enquanto, ao narrar sua estadia na Itália e na Grécia, adota uma postura mais combativa. Nessas últimas, além de descrever as paisagens, os monumentos e a história dos lugares visitados, insere-se na escrita da história, registrando acontecimentos relacionados ao *Risorgimento* italiano e expressando sua opinião a respeito. Por outro lado, os textos compartilham a presença constante de discursos autobiográficos, que permitem o conhecimento acerca do modo como Nísia Floresta elabora a si mesma, descreve sua atuação como escritora e educadora, bem como sua relação com outros intelectuais por meio do uso da palavra. Por fim, é necessário ressaltar que os textos foram recortados de acordo com os limites impostos pelos interesses deste trabalho.

Importa, ainda, informar quanto à datação dos dois volumes de *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*. O primeiro foi publicado em 1864. Apesar de não ser datado, Adauto da Câmara aponta 1872 como o ano de publicação do segundo, acompanhando a informação fornecida por José Carlos Rodrigues, no *Novo Mundo*⁸⁰, seguida, posteriormente, por Duarte⁸¹.

⁸⁰ CÂMARA, Adauto da. *História de Nísia Floresta*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1941.

⁸¹ DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: vida e obra*. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995.

Sônia Valério Marinho Lúcio⁸², por sua vez, aponta o intervalo entre 1865 e 1870 como o possível momento da publicação, baseando-se nas notas editadas por Nísia Floresta. Com a finalidade de facilitar a referência ao segundo volume, adota-se a cronologia sugerida por Câmara e Duarte, portanto, 1872.

Entre as autoras que contribuem para a discussão acerca das viagens e da produção de relatos escritos por mulheres viajantes no século XIX, destacam-se: Miriam Lifchitz Moreira Leite⁸³, Lígia Fonseca Ferreira⁸⁴, Ludmila de Souza Maia⁸⁵, Stella Maris Scatena Franco⁸⁶ e Lúcio⁸⁷. Da tese de doutoramento de Lúcio, além das informações nela apresentadas, utiliza-se também a tradução dos dois volumes de *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*.

Nísia Floresta estabeleceu relações nos planos intelectual e pessoal com alguns escritores e filósofos de seu tempo. Considerando os diálogos estabelecidos entre eles, direta e indiretamente, dois se destacam e se tornaram úteis para atender aos objetivos desta pesquisa: Mary Wollstonecraft e Augusto Comte. Ainda que cite e demonstre admiração por outros nomes, esses foram, em algum sentido, importantes para a elaboração do projeto da escritora brasileira em defesa da elevação moral de seu sexo.

Wollstonecraft foi aquela a quem Nísia Floresta atribuiu a originalidade de *Direito das mulheres e injustiça dos homens*, sua “tradução livre”, publicada em 1832. A brasileira supôs, a princípio, tratar-se de *Reivindicação dos direitos das mulheres*⁸⁸, publicado em 1792 pela filósofa inglesa, no entanto, estudos apresentados por Pallares-Burke evidenciaram que não se

⁸² LÚCIO, Sônia Valério Marinho. *Uma viajante brasileira na Itália do Risorgimento*: tradução comentada do livro *Trois ans en Italie suivis d'un voyage en Grèce* (vol. I – 1964; vol. II – s. d.) de Nísia Floresta Brasileira Augusta. 1999. 754 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

⁸³ MOREIRA LEITE, Miriam Lifchitz. Mulheres viajantes no século XIX. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 15, p. 129-143, 2000. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635570/3359>. Acesso em: 6 fev. 2025.

⁸⁴ FERREIRA, Lígia Fonseca. Itinerário de uma viajante brasileira na Europa: Nísia Floresta (1810-1885). *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, n. 3, p. 22-44, nov. 2016. Disponível em: <https://portal.sescsp.org.br/files/artigo/056047b5-d391-4745-a436-4421aeelb0e9.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2025.

⁸⁵ MAIA, Ludmila de Souza. Recolher as âncoras em busca da liberdade: gênero e viagem em Nísia Floresta (Europa, 1856-1885). *Varia História*, Belo Horizonte, v. 34, n. 64, p. 165-191, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/CZBdcQwcqdZ3RYW6mnf554g/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 mar. 2025.

⁸⁶ FRANCO, Stella Maris Scatena. Viagem e gênero: tendências e contrapontos nos relatos de viagem de autoria feminina. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 50, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8650737/16899>. Acesso em: 2 mar. 2025.

⁸⁷ LÚCIO, 1999.

⁸⁸ WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos das mulheres*: o primeiro grito feminista. São Paulo: EDIPRO, 2015.

tratava do mesmo texto. A partir daí travaram-se discussões e debates sobre a originalidade do seu conteúdo. Ultrapassando essa polêmica, as obras foram analisadas para evidenciar pontos concordantes ou discordantes entre o projeto formatado por cada uma, em seus respectivos contextos.

Com Comte, Nísia Floresta desenvolveu uma relação pessoal, incluindo visitas domésticas e a troca de correspondências entre os anos de 1856 e 1857, momento em que a brasileira residia em Paris. As cartas foram organizadas em livro por Constância Lima Duarte e publicadas em 2002 pela Editora Mulheres. Aquelas escritas por Comte foram localizadas na Igreja Positivista do Brasil e traduzidas por Miguel Lemos, enquanto as enviadas pela brasileira foram encontradas no acervo do Museu Augusto Comte, em Paris⁸⁹.

À análise das cartas soma-se o *Catecismo positivista*⁹⁰ de Comte e textos de Nísia Floresta que fazem referência direta ao filósofo e ao sistema de pensamento por ele proposto, como *Scintille d'un'anima brasiliana*, para discutir os limites da relação estabelecida entre ambos. O conceito de apropriação proposto por Roger Chartier contribui para mediar as análises sobre as referidas relações intelectuais, considerando que Nísia Floresta é leitora de obras filosóficas, mas não as reproduz, transformando-as em uma forma particular de compreender a realidade por ela observada.

Jean-François Sirinelli oferece subsídios para o estudo dos intelectuais. Destaca que esse campo histórico se tornou, em poucos anos, “autônomo que, longe de se fechar sobre si mesmo, é um campo aberto, situado no cruzamento da história política, social e cultural”⁹¹. Sirinelli aponta algumas características e desafios desse estudo para a História, sendo um campo em desenvolvimento e com constantes transformações. Ao tratar das estruturas elementares das sociabilidades no meio intelectual, o autor destaca a imprensa como espaço “onde os laços se atam”, pois é “antes de tudo, um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão”⁹².

No entanto, não é possível, de acordo com Sirinelli, pressupor uma tipologia dos elementos de sociabilidade, pois essas estruturas variam conforme as épocas e os subgrupos de

⁸⁹ DUARTE, Constância Lima (org.). *Cartas: Nísia Floresta e Augusto Comte*. Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres, 2002.

⁹⁰ COMTE, Augusto. *Catecismo positivista ou a sumária exposição da Religião da Humanidade*. Tradução de Miguel Lemos. 2. ed. Rio de Janeiro: Sede Central da Igreja Positivista do Brasil, 1895. Disponível em: <http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/6868>. Acesso em: 25 out. 2025.

⁹¹ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 232.

⁹² SIRINELLI, 2003, p. 249.

intelectuais estudados. O afeto, a amizade e a hostilidade desempenham um papel nas redes de sociabilidade estabelecidas entre os intelectuais, e isso interessa aos propósitos deste trabalho. Os processos de transmissão cultural também merecem destaque, pois “um intelectual se define sempre por referência a uma herança, como legatário ou como filho pródigo, quer haja um fenômeno de intermediação ou, ao contrário, ocorra uma ruptura”⁹³.

Nísia Floresta é entendida como uma intelectual que participou ativamente de debates acerca da educação feminina e sobre o lugar social das mulheres nos Oitocentos, no Brasil e na Europa, por meio da escrita de livros e publicações em jornais, promovendo e frequentando os salões europeus, um importante espaço de sociabilidade entre intelectuais do período. Ademais, demonstra conhecer argumentos formulados por outros intelectuais, ora contestando-os, ora adequando-os aos seus interesses pessoais.

Este trabalho analisa sua trajetória intelectual a partir de sua experiência como educadora, escritora e viajante, considerando as mais de duas décadas que viveu na Europa. Analisam-se, ainda, as diversas relações estabelecidas entre ela e intelectuais de seu tempo, pois seu pensamento e sua escrita não estavam, obviamente, dissociados do contexto histórico e social. O recorte temporal contempla sua vida e produção, e o espaço abrange o Brasil e a Europa. Ademais, Nísia Floresta atuou como historiadora inserida no que poderíamos denominar alto amadorismo. Parte-se da compreensão de que Nísia Floresta, embora condicionada às circunstâncias históricas de seu tempo, atuou como vetor para a reflexão sobre as possibilidades de emancipação intelectual das mulheres por meio da escrita e da educação, antecipando discussões que seriam posteriormente retomadas pelos movimentos femininos.

Este trabalho está organizado em quatro capítulos. O primeiro, *Nísia Floresta e a educação feminina nos Oitocentos*, apresenta e analisa a educação feminina naquele período e o projeto educacional formatado por Nísia Floresta por meio de sua atuação como educadora e escritora. Enquanto a educação oferecida pela maioria das instituições privadas e pelo Estado reforçava as diferenças sexuais, preparando meninos e meninas de acordo com as funções sociais que exerceriam na vida adulta, o Colégio Augusto, dirigido por Nísia Floresta, oferecia alternativas para os pais de família que desejavam instruir as filhas para além das prendas domésticas. Essa postura lhe rendeu críticas. Dividido em duas seções, a primeira aborda a educação em um contexto geral, com o uso, principalmente, de fontes bibliográficas e hemerográficas; na segunda, as observações e prescrições de Nísia Floresta quanto à educação feminina são analisadas a partir do livro *Opúsculo humanitário*.

⁹³ SIRINELLI, 2003, p. 254-255.

O segundo capítulo, *A escrita como instrumento de luta: a experiência feminina no mundo das letras*, discute a escrita feminina nos Oitocentos e a experiência de Nísia Floresta como escritora. Ainda que as limitações no campo educacional tivessem repercussão direta na produção intelectual das mulheres, muitas conseguiram ultrapassar as barreiras do espaço privado e conquistaram certo reconhecimento literário. Algumas investiram no uso de pseudônimos com a finalidade de ocultar sua identidade e facilitar a conquista de leitores. O capítulo está dividido em duas seções: uma discute a escrita feminina e os desafios impostos àquelas que ousaram ultrapassar os limites impostos ao seu sexo; a outra apresenta a produção intelectual de Nísia Floresta, acompanhada de sua biografia. Destacam-se, entre as fontes utilizadas, as bibliográficas e a obra completa de Nísia Floresta.

Nísia Floresta e a literatura de viagem nos Oitocentos intitula o terceiro capítulo, onde os relatos de viagem escritos pela brasileira são apresentados e analisados a partir do seu modo de contar: a nostalgia, o sentimentalismo e o amor pela pátria e pelos familiares, assim como seu comprometimento com o registro e a análise do cotidiano e dos eventos políticos dos lugares visitados. Seu interesse pela história também é considerado. Nísia Floresta apresenta um olhar perspicaz, analítico, crítico e revela o investimento em leituras prévias para transitar entre o passado e o presente. *Itinéraire d'un voyage en Allemagne* e os dois volumes de *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce* são as principais fontes analisadas.

O quarto capítulo, *Os diálogos de Nísia Floresta com o pensamento europeu*, é dedicado a analisar as relações intelectuais que a brasileira estabeleceu com escritores e filósofos de seu tempo. É importante conhecer em que medida seu projeto em defesa da educação feminina dialoga com ideias de outros intelectuais. Os filósofos elegíveis para a análise são Mary Wollstonecraft e Augusto Comte. Tais relações ajudam a conduzir a análise sobre o projeto formatado por Nísia Floresta em defesa da educação feminina e do progresso moral da sociedade.

2 NÍSIA FLORESTA E A EDUCAÇÃO FEMININA NOS OITOCENTOS

Antes de tornar-se Nísia Floresta Brasileira Augusta, ela era Dionísia Gonçalves Pinto. Nascida nos primeiros anos do século XIX, viveu em uma sociedade que associava a mulher à domesticidade, limitando sua atuação na esfera pública. Desafiou os padrões sexuais de seu tempo, atuando como educadora e escritora e defendendo a elevação moral e intelectual das mulheres. Este capítulo apresenta os anos de formação de Dionísia até se tornar Nísia, considerando elementos biográficos e o contexto histórico que tornam compreensível seu projeto em prol da educação feminina. Ademais, considera-se sua atuação como diretora do Colégio Augusto e suas reflexões acerca da sociedade brasileira registradas em *Opúsculo humanitário* (1853)⁹⁴, texto em que argumenta, de forma concisa, a urgência de reformar o ensino destinado às mulheres.

2.1 A educação das mulheres no Brasil oitocentista

Durante o período colonial, a educação feminina estava geralmente restrita à aprendizagem dos cuidados com a casa, o marido e os filhos. Os homens, por sua vez, recebiam instrução, e os mais abastados poderiam, inclusive, ir para a Universidade de Coimbra ou tornar-se padres jesuítas. As mulheres, independentemente de serem brancas, negras, ricas, empobrecidas, escravizadas ou indígenas, não tinham, regularmente, acesso à leitura e à escrita. Essa questão estava associada à tradição ibérica que, sob influência árabe, transportou para a Colônia a ideia de que a mulher era um ser inferior, fazendo parte do *imbecilitus sexus*, categoria que abarcava, ainda, crianças e doentes mentais⁹⁵.

No século XIX, as mulheres continuavam a ocupar uma posição social marginalizada e poucas conseguiam romper com as limitações impostas. A educação constituía um importante instrumento de subjugação feminina, reforçando, na maioria das vezes, a pretensa superioridade masculina. As decisões, conduzidas pelos homens, sobre o que as mulheres poderiam ou não

⁹⁴ FLORESTA, Nísia. *Opúsculo humanitário*. Rio de Janeiro: Tipografia de M. A. Silva Lima, 1853. Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasgerais/drg376981/drg376981.html#page/1/mode/1up. Acesso em: 30 jan. 2024.

⁹⁵ RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. Mulheres educadas na Colônia. In: LOPES, Eliane Marta Texeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (org.). *500 anos de educação no Brasil*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

aprender, reduziam seu campo de ação ao ambiente doméstico. Ensinavam-se às mulheres as primeiras letras, matemática, geografia e história, além da prática de atividades que desempenhariam quando adultas, como cozinhar e costurar. As aulas ocorriam comumente em suas casas e na companhia dos irmãos, que eram o real alvo dos ensinamentos.

Nesse cenário, o incentivo familiar, ou a simples permissão dada a algumas mulheres para que fossem instruídas de maneira semelhante à dos homens da família, foi fator decisivo para a formação de indivíduos capazes de conduzir a narrativa de suas próprias vidas. Desse grupo, destacam-se aquelas que adentraram no universo da escrita, visto como um espaço predominantemente masculino⁹⁶.

Um exemplo disso é Nísia Floresta Brasileira Augusta, pseudônimo adotado por Dionísia Gonçalves Pinto a partir de 1831, quando começou a publicar em jornais e, posteriormente, livros. Nascida no dia 12 de outubro de 1810, em Papari, na propriedade conhecida como Floresta, que estava “situada no Rio Grande do Norte, a nove léguas da capital dessa província”⁹⁷, Dionísia possuía uma trajetória distinta da maioria das mulheres naquele período.

Filha de Dionísio Gonçalves Pinto, advogado português, e da brasileira Antônia Clara Freire, Dionísia teve quatro irmãos: Clara e Joaquim, filhos legítimos de seus pais, Maria Izabel, filha do primeiro casamento de sua mãe⁹⁸, e outro, de nome não conhecido, mas mencionado por ela em *Fragments d'un ouvrage inédit, notes biographiques* (1878)⁹⁹. O pai, descrito como um homem generoso, justo, carinhoso para com os filhos e preocupado com a instrução destes, foi o responsável por incentivar a filha no mundo das letras, ao proporcionar-lhe o acesso à educação e a leitura de títulos nacionais e estrangeiros¹⁰⁰.

⁹⁶ QUEIROZ, Teresinha. Amélia Bevilacqua e a escrita feminina no Brasil. In: BORRALHO, J.; GOMES, M.; BEZERRA, N. (org.). *Pontos, contrapontos não desvendados: os vários tecidos sociais de um Brasil oitocentista*. São Luís: Café e Lápis; Editora UEMA, 2011b.

⁹⁷ FLORESTA, Nísia. *Fragments d'un ouvrage inédit, notes biographiques*. Paris: A. Chérié, 1878. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=ICxEAQAAMAAJ&pg=GBS.PA2&hl=pt>. Acesso em: 4 nov. 2025. A tradução utilizada é: FLORESTA, Nísia. *Fragments de uma obra inédita: notas biográficas*. Tradução de Nathalie Bernardo da Câmara. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

⁹⁸ É possível que o primeiro marido de Antônia Clara tenha sido Antônio Fernandes Rodrigues. Cf.: GENI. Antônio Fernandes Rodrigues. Disponível em: <https://www.geni.com/people/Ant%C3%B4nio-Fernandes-Rodrigues/6000000080563267181>. Acesso em: 30 dez. 2023.

⁹⁹ A escritora refere-se a esse irmão em pelo menos dois momentos: ao falar das expectativas que seu pai, “em vão, concebeu para seu filho primogênito, sempre adoentado”; e ao relatar a quantidade de irmãos, quando afirma que a morte de seu pai “levou consigo a felicidade da melhor das esposas e mergulhou-a, com seus cinco filhos, numa inconsolável dor e no desespero!”. FLORESTA, 2001, p. 49, 52.

¹⁰⁰ FLORESTA, 1878.

Quanto à mãe, Antônia Clara pertencia a uma família abastada da região. Informações relevantes sobre sua ascendência foram apresentadas por Hélio Galvão em artigo publicado no *Diário de Natal*, em 1949, transcrito em sua quase totalidade a seguir:

Nísia Floresta não é nenhuma surpresa para quem conheça sua ascendência materna. Andei estudando suas origens genealógicas e disso me convenci. Esta mulher admirável que ultrapassou o seu século viajando a Europa e conhecendo seus grandes homens, tem precedentes legítimos na família de sua mãe. É o caso, por exemplo, de dona Francisca Freire, irmã da mãe de Nísia, dona Antônia Clara. É o caso do capitão-mor Bento Freire do Revòredo, avô materno de Nísia, figura curiosa de patriarca, senhor de engenho, equilibrado e sereno, crescendo entre os contemporâneos e tornando-se maior, quando hoje lhe examinamos as atitudes políticas e os gestos públicos, para onde projetou a história. Até mesmo o sobrenome de Brasileira, que Nísia adotou, aparece em sua prima Joaquina Brasileira, filha do cel. Basílio Quaresma Torreão, que foi presidente da província, escritor e jornalista, a qual veio a casar com seu tio Bento José Fernandes de Barros Filho, e que são os pais do dr. Benjamim Franklin Torreão de Barros, que residia e morreu celibatário, em Lausanne, na Suíça. Dona Francisca Freire, segunda filha do casal Bento Freire e Mônica Borges, é uma rara figura de mulher, considerado o século em que viveu e agiu. Casou com Félix Ferreira da Silva, filho de um português de igual nome [...]. Foi este Félix o iniciador do comércio de gado com o Piauí, intercâmbio de largas repercussões econômicas na zona [...]. Falecendo o marido [...], dona Francisca Freire levou vida de atividade intensa, agitada e múltipla, gerindo superiormente os negócios do espólio e continuando a tradição do morto, levando por diante o negócio do gado. Uma procuração por ela outorgada logo depois da morte do marido indica o vulto e a extensão da área dos negócios que ele iniciara e ela manteve com segurança de orientação diretora. Por essa procuração constituía ela procuradores na Bahia, no ‘sertão de Tororó’, no Piauí, no Natal, na Capitania da Paraíba, no Recife, no Ceará. [...]. Na paisagem social de uma sociedade do interior no século XVIII a figura de uma mulher como dona Francisca Freire avulta e cresce surpreendentemente, revelando a pujança de uma inteligência que a época não permitiu se desenvolvesse convenientemente. Morreu de repente, mergulhado o cérebro privilegiado na nublção incurável de uma paralisia momentânea¹⁰¹.

A genealogia de Dionísia colabora para a formulação de hipóteses acerca do seu desempenho intelectual, pois sua família, além de abastada, possuía outros exemplos de mulheres que contrariavam as normas previstas para o seu sexo. Francisca Freire, tia de Dionísia, apontada como uma rara figura de mulher, ilustra o lugar ocupado pelas mulheres dentro dessa dinâmica familiar. Quando viúva, assumiu a administração dos bens deixados pelo marido, gerindo os negócios de maneira próspera. Isso pode ser constatado a partir dos dados acerca dos procuradores por ela constituídos em diferentes capitanias do Norte do Brasil.

Considerando que as expectativas sobre as mulheres entre os séculos XVIII e XIX estavam ligadas ao desempenho de atividades domésticas, Francisca Freire constituiu exceção

¹⁰¹ GALVÃO, Hélio. Dona Francisca Freire. *Diário de Natal*. Natal, ano 10, n. 1789, p. 1-4, 13 fev. 1949.

entre as suas iguais. Mas ela não foi a única. De acordo com June Hahner, algumas mulheres conseguiram administrar propriedades “com desenvoltura e independência” nos Oitocentos, especialmente no caso de viúvas de fazendeiros, que passavam a gerenciar sozinhas os bens deixados pelos maridos. Hahner reitera que na viuvez algumas restrições legais impostas às mulheres casadas ficavam suspensas, e as viúvas poderiam ser consideradas “chefes de família”¹⁰².

Conforme Miridan Knox Falci, no sertão nordestino “se gestou uma sociedade fundamentada no patriarcalismo. Altamente estratificada entre homens e mulheres, entre ricos e pobres, entre escravos e senhores, entre ‘brancos’ e ‘caboclos’”¹⁰³. Mesmo entre as mulheres, era possível observar traços dessa estratificação social, distanciando as livres, ricas e brancas daquelas pobres e escravizadas. Nesse sentido, “ser filha de fazendeiro, bem alva, ser herdeira de escravos, gado e terras era o ideal de mulher naquele sertão”¹⁰⁴.

As atividades desempenhadas pelas mulheres abastadas estavam de acordo com o seu papel no lar. Poucas tinham acesso à instrução, considerando sua exclusão do espaço público e o fato de não serem consideradas cidadãs políticas¹⁰⁵. A viuvez dava certo poder às mulheres abastadas diante da possibilidade de gerirem os negócios da família, como foi o caso de Francisca Feire. O avô de Dionísia, Bento Freire, era capitão-mor e senhor de engenho, o que colabora na elaboração de hipóteses acerca de onde provinha a riqueza da família. Sobre isso, em seus *Fragments*, a escritora afirma que o pai “*s’était marié dans une des familles les plus aisées et les plus honorables*”¹⁰⁶ do Rio Grande do Norte. Não é possível esclarecer se após a morte do capitão-mor, em 12 de janeiro de 1803¹⁰⁷, a família de Dionísia foi beneficiada financeiramente.

Papari, local de nascimento de Dionísia, recebeu esse nome dos indígenas que habitavam a região próxima ao litoral do Rio Grande do Norte. A região esteve sob domínio holandês entre os anos de 1633 e 1654 e era habitada primordialmente por nativos. Missionários italianos ocuparam o local e lideraram a construção da igreja de Nossa Senhora do Ó, na freguesia de Papari, concluída em 1755. A vila passou a depender política e administrativamente

¹⁰² HAHNER, June E. Honra e distinção das famílias. In: BASSANEZI, Carla; PEDRO, Joana Maria (org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018. p. 46-47.

¹⁰³ FALCI, Miridan B. Knox. Mulheres do sertão nordestino. In: DEL PRIORI, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 242.

¹⁰⁴ FALCI, 2004, p. 242.

¹⁰⁵ FALCI, 2004.

¹⁰⁶ FLORESTA, 1878, p. 48. “estava casado numa das famílias das mais abastadas e das mais honoráveis”. FLORESTA, 2001, p. 47.

¹⁰⁷ GENI. *Bento Freire do Revoredo*. Disponível em: <https://www.geni.com/people/Capit%C3%A3o-Mor-Bento-Freire-do-Revoredo/6000000031333056559>. Acesso em: 30 dez. 2023.

da vila de São José de Mipibu no final do século XVIII. Somente em 1852 se concretizou a separação entre ambas: Papari recebeu, então, o estatuto de Vila Imperial. O cultivo de cana-de-açúcar era a principal atividade econômica desenvolvida na região¹⁰⁸, o que esclarece o prestígio da família de Dionísia, detentora de terras de cultivo.

A vila foi visitada pelo viajante Henry Koster¹⁰⁹ por volta de 1810. Sobre o lugar, anotou:

Papari é situada num vale estreito e profundo, mas de lindo aspecto. É intensamente cultivado, principalmente este ano as terras foram valorizadas, por não haver chuvas e os trechos arenosos serem estéreis. Com efeito, quando vira n'outras paragens a terra seca e queimada, essa região é cheia de verdura, irradiando alegria derredor de si, ciente de sua superioridade. Os habitantes parecem compreender, pela sua satisfação, a partilha esplêndida que receberam. Papari tem outra vantagem, embora longe três ou quatro léguas do mar, possui um lago d'água salgada, de forma que os moradores têm peixes às portas. A maré vai até o lago, que jamais seca, e mesmo os rios d'água doce raramente param, preservando uma certa parte da ação marítima¹¹⁰.

Dentre os lugares visitados por Koster, estava a propriedade da família de Dionísia, conforme registrado:

Papari está a cinco léguas de Cunhaú. Senhor Dionisio apresentou-me a sua mulher. Ele é português e ela brasileira. Tem uma pequena propriedade no vale, que me pareceu prosperamente colocada. Papari contará uns trezentos habitantes, muito espalhados. Soube que, durante este ano, muitas pessoas se fixaram aqui pela carência de víveres nos lugares de origem. [...] Jantei à moda brasileira, numa mesa colocada a seis polegadas do solo, ao redor da qual nos sentamos ou melhor, nos deitamos, sobre as esteiras. Não havia garfos e as facas, em número de duas ou três, eram destinadas a cortar unicamente os maiores pedaços de carne. Os dedos deviam fazer o resto. [...] Fiquei em Papari um dia inteiro a fim de que meus cavalos descansassem um pouco e pude, por intermédio do senhor Dionisio, comprar um outro para o pobre Júlio, cujos pés estavam fendidos pela marcha nas areias soltas¹¹¹.

A família era, portanto, detentora de terras, provenientes provavelmente da parte de Antônia Clara. Dionísio, o pai, era um português ilustrado e permitiu à filha o acesso às

¹⁰⁸ FERREIRA, Flávio Rodrigo Freire. De Papary à (Dio) Nísia: cidade e mulher. *Imburana – Revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses*, Natal, n. 3, p. 25-37, fev./jun. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/imburana/article/view/969/878>. Acesso em: 6 nov. 2025.

¹⁰⁹ Nasceu em Portugal, em 1793, filho de ingleses. No Brasil, em 1809, se instalou em Recife. Suas viagens estavam concentradas na atual região Nordeste, onde “quanto viu, registrou fielmente”. Em 1815 publicou *Travels in Brasil*, quando estava na Inglaterra. Faleceu por volta de 1820 em Recife. Cf.: CASCUDO, Luiz da Câmara. *Biografia impossível*. In: KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Tradução de Luiz da Câmara Cascudo. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1942. p. 9-16.

¹¹⁰ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Tradução de Luiz da Câmara Cascudo. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1942. p. 104-105.

¹¹¹ KOSTER, 1942, p. 105.

primeiras letras. Dionísia não esclarece onde ou como recebeu a educação que possuía, no entanto, a anuência do pai foi fundamental para sua formação como educadora e escritora.

Adauto da Câmara sugere que Dionísia tenha feito os primeiros estudos em Goiana, pois em Papari a primeira escola foi fundada somente em 1860¹¹². Nos anos vividos no Rio Grande do Norte, entre 1819 e 1824, de acordo com ele: “Quiçá levou a instrução rudimentar que era possível às meninas de sua idade, nos dias de antanho (...). Com o pai, em Floresta, desenvolveu estes estudos, servida pelo espírito culto de Dionísio Pinto”¹¹³. Considerando que ela desenvolveu o hábito da leitura e escrita, incluindo línguas estrangeiras, é evidente que as lições ministradas pelo pai ultrapassavam o que era comumente ensinado para meninas de sua idade.

No âmbito da educação doméstica, três personagens se destacavam: os professores ou mestres particulares, que ensinavam as primeiras letras, gramática, música, piano, artes e outros conhecimentos nas casas ou fazendas para os membros da família e possíveis agregados; os preceptores, que moravam na casa da família que os contratava e eram, em sua maioria, estrangeiros; e, por fim, membros familiares que se encarregavam do ensino dos mais jovens, podendo ser a mãe, o pai e irmãos mais velhos. A função de ensinar era exercida por homens e mulheres, mas, quanto a preceptoria, quem exercia era geralmente uma mulher, considerando sua inserção no cotidiano da família¹¹⁴.

Havia enormes diferenças entre a educação feminina e masculina. Guacira Lopes Louro destaca que a educação de meninos e meninas não eram processos únicos, nem universais, dentro da sociedade oitocentista. Ressalta que as divisões de classe e etnia tinham função determinante nas formas de educação adotadas¹¹⁵. Mesmo entre as mulheres, havia divergências sobre qual seria a melhor forma de educá-las. Conforme Louro:

As concepções e formas de educação das mulheres nessa sociedade eram múltiplas. Contemporâneas e contrerrâneas, elas estabeleciam relações que eram também atravessadas por suas divisões e diferenças, relações que poderiam revelar e instituir hierarquias e proximidades, cumplicidades ou ambiguidades. Sob diferentes concepções, um discurso ganhava hegemonia e parecia aplicar-se, de alguma forma, a muitos grupos sociais a afirmação de que as ‘mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas’, ou seja, para elas, a ênfase deveria recair sobre a formação moral, sobre a constituição do caráter¹¹⁶.

¹¹² CÂMARA, Adauto da. *História de Nísia Floresta*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1941.

¹¹³ CÂMARA, 1941, p. 45.

¹¹⁴ VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. A educação doméstica no Brasil de oitocentos. *Educação em Questão*, Natal, v. 28, n. 14, p. 24-41, jan./jun. 2007.

¹¹⁵ LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORI, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 443-481.

¹¹⁶ LOURO, 2004, p. 446.

Não interessava aos pais que suas filhas soubessem além do necessário para gerenciarem o lar. Limitavam as lições de leitura e escrita, visando evitar que as jovens lessem romances indecentes ou escrevessem bilhetes para paixões proibidas. As restrições impostas à instrução de mulheres reforçavam a situação de ignorância em que a maioria vivia, impedindo-as de romper com o ciclo vicioso que garantia sua subjugação. A instrução concedida livremente para o sexo masculino também constituía elemento de dominação.

Apesar da coexistência de diversas formas e locais de ensino, eles estavam distribuídos de maneira desigual, tanto geograficamente, quanto no que dizia respeito à condição financeira das famílias e à diferenciação entre os sexos. A educação pública estava longe de atender às demandas dos habitantes do Brasil nas duas primeiras décadas do século XIX.

Dionísia, além do acesso à instrução facilitado pelo pai, foi encarregada por ele dos cuidados para com a educação do irmão, Joaquim Pinto Brasil. Muitas de suas memórias a esse respeito estão reunidas em *Fragments d'un ouvrage inédit, notes biographiques*, editado na França em 1878, mas escrito quando ela estava na Inglaterra. Apesar de se tratar de uma biografia do irmão, o texto é marcado por relatos autobiográficos, apresentando recordações de sua infância e seu contexto histórico.

O livro foi dedicado à Clara, sua irmã, com quem compartilhou os cuidados fraternais dispensados ao irmão, assim como a dor de sua partida, que é externada no início do texto:

*Deux ans se sont déjà écoulés depuis que le puissant esprit philosophique d'un frère que j'avais toujours aimé en tendre mère rentra dans le sein de Dieu; et je ne puis encore surmonter l'étrange affaiblissement des facultés de mon âme que je ressentis quand la nouvelle de ce fatal événement vint me frapper si cruellement aussitôt après mon retour en Europe*¹¹⁷.

A escritora lamenta a partida do irmão por quem sentia um amor maternal, principalmente porque seu retorno para a Europa ocorreu poucos meses antes de sua morte. Ela descreve a despedida de ambos e ressalta o carinho e a devoção que havia entre eles:

*[...] je te vois encore, ému et ne pouvant prononcer une parole, m'embrasser les pieds que je retirerai aussitôt en fondant en larmes et en te serrant dans mes bras sur ce coeur doublement impressionné devant un tel témoignage de vénération et du saint amour que tu me portais, vénération et amour que le moment suprême de me perdre rendait si solennels!*¹¹⁸

¹¹⁷ FLORESTA, 1878, p. 8. “Dois anos já se passaram desde que o poderoso espírito filosófico de um irmão que eu sempre amara, como terna mãe, entrou no seio de Deus; e ainda não pude superar o estranho enfraquecimento das faculdades de minha alma, quando a notícia desse fatal acontecimento me surpreendeu tão cruelmente logo depois do meu retorno à Europa!”. FLORESTA, 2001, p. 27.

¹¹⁸ FLORESTA, 1878, p. 35. “(...) te vejo ainda emocionado e não podendo pronunciar uma palavra, me abraçando os pés, que eu logo retirava irrompendo em lágrimas e te apertando nos meus braços sobre este coração duplamente impressionado diante de tal testemunho de veneração e do santo amor que tu

A veneração demonstrada pelo irmão é fruto de sua dedicação e cuidado para com ele desde a infância. De acordo com ela:

*Ses pas encore mal assurés suivaient, dans les allées bordées des plus odorantes fleurs variées des tropiques et ombragées de palmiers, de cajueiros, de manguiers, d'orangers, etc., les pas de sa sœur bien-aimée, à qui son père avait confié, quoiqu'elle fût encore presque une enfant, la première éducation de son cher cadet qui grandissait sous les meilleurs auspices, au milieu de sa famille aimante, et dont la précoce intelligence lui faisait concevoir les espérances les plus heureuses*¹¹⁹.

É importante destacar que a diferença etária entre eles era de apenas nove anos, ou seja, quando foi encarregada de educar o irmão, Dionísia ainda era jovem. A confiança recebida de seu pai era um sentimento recíproco. Ao escrever sobre ele, demonstra seu carinho e devoção:

Entretanto, com que ternura, e cuidados esse respeitável pai se ocupava de minha felicidade pelo meio ainda mesmo das maiores perseguições de seus vis inimigos! Como esquecia ele seus interesses, e sua própria existência para cuidar na de sua família, e particularmente velar na minha inexperta, e incauta juventude! Uma longa vida passada na obediência e atenções filiais, não compensaria tantas bondades, e tanta indulgência¹²⁰.

Houve, no entanto, um evento silenciado pela escritora que provavelmente causou estremecimento nessa relação: aos treze anos, Dionísia foi dada em casamento a Manuel Alexandre Seabra de Melo, homem rude, de pouca instrução e dono de terras, mas, poucos meses depois, voltou para a casa dos pais. Não há comprovação da anulação desse casamento¹²¹. Esse é mais um aspecto biográfico que diferencia Dionísia da maioria das meninas de seu tempo.

A indissolubilidade do casamento, conforme estabelecido pela doutrina da Igreja Católica, constituía um dos principais fundamentos para a defesa de uma escolha refletida e criteriosa do futuro cônjuge. Tal escolha deveria ser orientada, sobretudo, pelo princípio da

me tinhas, veneração e amor que o momento supremo de me perder tornava tão solenes!”. FLORESTA, 2001, p. 41.

¹¹⁹ FLORESTA, 1878, p. 49. “Seus passos ainda mal firmes, nas alamedas bordadas das mais aromáticas flores variadas dos trópicos e sombreadas de palmeiras, cajueiros, mangueiras, laranjeiras, etc., seguiam os de sua irmã querida, embora ela ainda fosse quase uma criança, a quem seu pai havia confiado a primeira educação de seu querido cadete, que crescia sob os melhores auspícios, em meio a sua família amada, e cuja inteligência precoce lhe fazia conceber as esperanças mais felizes”. FLORESTA, 2001, p. 48.

¹²⁰ FLORESTA, Nísia. *Conselhos à minha filha, com 40 pensamentos em versos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Imperial de F. de Paula Brito, 1845. p. 13. Disponível em: https://play.google.com/books/reader?id=c_ZCAQAAMAAJ&pg=GBS.PR3&hl=pt. Acesso em: 23 out. 2025.

¹²¹ DIAS, Luma Pinheiro. *Nísia Floresta e a escrita em defesa da educação feminina nos Oitocentos*. 2017. 166 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017.

igualdade, amplamente reafirmado tanto nos provérbios e adágios, quanto nos escritos dos moralistas da época. Na teoria, tratava-se “de uma igualdade etária, social, física e moral”, enquanto na prática “a igualdade etária nem sempre era desejável e (...) em certos casos, a desigualdade era preferível”, assim, “os casamentos etariamente desiguais parecem ter sido nessa época uma prática comum”¹²². No caso da união entre Dionísia e Manuel Alexandre, é crível que compartilhassem apenas o mesmo estrato social, possuindo diferenças etária, física e moral. No entanto, o maior peso para o fim do casamento pode ter sido a diferença do grau de instrução entre eles. Se era um homem rude, dificilmente concordaria com o desejo de Dionísia de instruir-se.

No Nordeste, a sociedade fundamentada no patriarcalismo, separava homens e mulheres, ricos e pobres. Quando o corpo da menina começava a amadurecer, os pais passavam a preocupar-se com o casamento. Para as filhas de fazendeiros ricos, era preferível contrair casamento com homens de famílias igualmente ricas¹²³.

Ainda que não haja comprovação a respeito de Dionísia, o pagamento de dote para firmar casamentos era um costume presente no Brasil desde o período colonial. Elizabeth Sousa Abrantes destaca que o casamento entre pessoas do mesmo estrato social era facilitado pelo pagamento de dote¹²⁴, o que sugere que esse arranjo esteve presente na união de Dionísia e Manuel Alexandre. No decorrer dos Oitocentos essa prática foi reduzida, “à medida que o individualismo crescia e os negócios e a família se separavam”¹²⁵.

Embora o divórcio não existisse, havia a possibilidade de separação legal mediante condições específicas, como, por exemplo, a não consumação, que levaria à anulação do casamento, motivos religiosos, adultério, sevícias, abandono do lar, injúria grave e doenças infecciosas¹²⁶. Não há indícios de que algum desses tenha sido o motivo do fim do casamento entre Dionísia e Manuel Alexandre.

O retorno para a casa dos pais deve ter sido marcado pelo julgamento da sociedade da época, pois o casamento, além de indissolúvel, representava um contrato entre as famílias dos nubentes. Constância Lima Duarte afirma que Manuel Alexandre, inconformado com o fim do

¹²² SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Sistema de casamento no Brasil Colonial*. São Paulo: T. A. Queiroz; Editora da Universidade de São Paulo, 1984. p. 66.

¹²³ DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

¹²⁴ ABRANTES, Elizabeth de Sousa. “*O dote é a moça educada*”: mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República. São Luís: EDUEMA, 2012.

¹²⁵ NAZZARI, Muriel. *O desaparecimento do dote: mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil, 1600-1900*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 189.

¹²⁶ SAMARA, Eni de Mesquita. *As mulheres, o poder e a família: São Paulo, século XIX*. São Paulo: Editora Marco Zero, 1989.

casamento, perseguiu Dionísia, que carregou a fama de adúltera¹²⁷. Norma Telles, por sua vez, aponta que: “por ter largado o marido, foi repudiada por toda sua família com exceção da mãe que, enquanto viveu, sempre lhe deu apoio”¹²⁸. Ao abandonar o primeiro marido, Dionísia demonstrou sua ousadia ao contrariar os padrões sociais vigentes.

Os depoimentos registrados em *Fragments* a respeito de sua afinidade com o pai contrariam a hipótese de que a relação entre ambos tenha sido afetada pela separação repentina de Dionísia. Diferindo da maioria dos pais de sua época, Dionísio prezava pela instrução de sua filha e teria mantido a ternura e o cuidado com sua família independentemente das circunstâncias. Sua nacionalidade portuguesa e sua atuação como advogado são apontados como infortúnios.

O fato de ser português tornou a família alvo de levantes antilusitanos, como em 1817, dois anos antes do nascimento de Joaquim Brasil, quando a família sofreu os efeitos da Revolução Pernambucana¹²⁹. Como consequência do desenrolar dos acontecimentos, a família mudou-se para Goianinha, no Rio Grande do Norte. Esse momento é rememorado por Nísia Floresta:

Il semblait qu'on entendait encore l'écho répéter les gémissements des victimes de 1817 immolées à la vengeance de leurs dominateurs d'outre-mer; dont le despotisme punissait avec une barbarie digne du moyen âge les chefs et les adhérents du parti républicain. Les familles et les connaissances même

¹²⁷ DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: vida e obra*. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995.

¹²⁸ TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORI, Mary (org). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

¹²⁹ Dentre as transformações decorrentes da chegada da família real portuguesa ao Brasil, o comércio local foi penalizado. A região Norte sofria os efeitos da recessão, agravados pela seca do ano anterior, que levou à diminuição da produção dos setores de abastecimento e agroexportação, em contrapartida, houve o crescimento da demanda de gêneros de subsistência, especialmente na capital pernambucana. Consequentemente, houve o aumento dos preços de gêneros alimentícios e outros. Os mercadores portugueses dominavam o comércio, e os grandes proprietários rurais estavam insatisfeitos com as dívidas pendentes com a extinta Companhia do Comércio de Pernambuco e Paraíba, assim como dependiam de produtos exportados a preços baixos e importados a altos preços. Os militares também estavam descontentes com o salário recebido e os atrasos frequentes no pagamento, e com a hierarquia que beneficiava portugueses. Sendo assim, “deu-se a emergência de uma luso-fobia, de sentimentos e ações contra os portugueses ‘acusados de monopolizar os melhores empregos civis e militares, os maiores proventos e tudo mais de bom na terra’”. A insatisfação desses grupos foi fomentada pela circulação de ideias liberais e pelos exemplos de revoltas bem-sucedidas em outros, como a Independência Americana e a Revolução Francesa. Nesse contexto, desencadeou-se a Revolução Pernambucana, opondo “colonizados e colonizador, personificado nas figuras do brasileiro e do português, e a oposição entre Colônia e Metrópole”. Foram enviados emissários ao Rio Grande do Norte, Ceará e Bahia em busca de apoio, conseguindo a adesão de localidades dos dois primeiros. Os revoltosos instituíram um governo provisório, com duração de 74 dias. Com a forte repressão das forças de D. João VI, os revoltosos se entregaram no dia 20 de maio de 1817, e receberam punições severas e exemplares. Cf.: VILLALTA, Luiz Carlos. Pernambuco, 1817, “encruzilhada de desencontros” do Império luso-brasileiro: notas sobre as ideias de pátria, país e nação. *Revista USP*, São Paulo, n. 58, p. 58-91, jun./ago. 2003.

*de ceux qu'on désignait avec mépris par le nom sacré de patriotes essayèrent directement ou indirectement les effets de la haine vouée à leurs parents et à leurs amis enveloppés dans ce parti. Le gouvernement du roi ne se contenta pas de faire tomber les têtes les plus illustres de ceux qui voulurent réaliser au Brésil la grande œuvre de la générale inspiration américaine. Il assouvait encore sa rage en leur faisant couper les mains qui, par son ordre, furent exposées, ainsi que leurs têtes, sur des poteaux dans différents lieux. C'étaient là des actes dignes de Louis XI de France!*¹³⁰

Denominando as forças governamentais de despotas e as punições infligidas de barbárie, a escritora condenou as autoridades e se mostrou favorável aos ideais dos revoltosos. Apontou, ainda, as consequências desse momento para sua família:

*Le père de Brasil, né à Lisbonne, mais tout brésilien de cœur, spectateur navré et indigné de ces horribles hécatombes auxquelles n'échappèrent pas quelques-uns de ses amis les plus distingués, se retira aussitôt qu'il le put avec sa famille dans sa terre, à Rio Grande du Nord, la fertile et charmante Floresta*¹³¹.

Discordando de historiadores que afirmam que a região habitada pela família de Dionísia não foi atingida pela Revolução de 1817, Nathalie Bernardo da Câmara afirma que o governador do Rio Grande do Norte à época, José Ignácio Borges, foi deposto pelos revolucionários, que tomaram o poder e estabeleceram o Governo Provisório Republicano de André de Albuquerque Maranhão, líder do movimento na capitania. A contrarrevolução perseguiu os liberais republicanos e, entre esses, estavam amigos da família de Dionísia, conforme mencionado por Câmara.

Em 1824¹³² a família foi alvo de hostilidades novamente, desta vez com ataques diretos à propriedade em que moravam. Os acontecimentos foram lembrados por Nísia Floresta, que

¹³⁰ FLORESTA, 1878, p. 47-78. “Parecia que ainda ouvíamos o eco repetir os gemidos das vítimas de 1817, imoladas à vingança de seus dominadores de além-mar, cujo despotismo punia, com uma barbárie digna da Idade Média, os chefes e os aderentes do Partido Republicano. As famílias, e até mesmo os conhecidos dos que designávamos com desconfiança pelo nome sagrado de patriotas, sofriam direta ou indiretamente os efeitos do ódio voltado a seus pais e a seus amigos envolvidos nesse partido. O governo do rei não se contentou em fazer cair as cabeças mais ilustres daqueles que quiseram realizar no Brasil a grande obra de inspiração americana. Ele ainda saciou sua raiva fazendo cortar-lhes as mãos que, sob sua ordem, foram expostas, assim como suas cabeças, sobre postes em diferentes lugares... atos dignos de Luís XI na França!”. FLORESTA, 2001, p. 47.

¹³¹ FLORESTA, 1878, p. 48. “O pai de Brasil, nascido em Lisboa, mas brasileiro de coração, espectador aflito e indignado com essas horríveis hecatombes, às quais não escaparam alguns de seus amigos mais distintos, retirou-se assim que pôde, com sua família, de sua terra, a fértil e charmosa Floresta”. FLORESTA, 2001, p. 47.

¹³² A Confederação do Equador reuniu opositores do governo de D. Pedro I, considerado autoritário, principalmente após o fechamento da Assembleia Constituinte em 1823 e a imposição de uma Constituição em 1824. Os revoltosos pretendiam implementar um regime republicano, e reunia muitos personagens de 1817, que continuaram a lutar em 1822 e 1824, em busca de independência. Teve início em Pernambuco e se estendeu ao Rio Grande do Norte, Paraíba e Ceará. As tropas de D. Pedro I

demonstrou a angústia diante das novas perseguições. O momento é citado em dois textos distintos. A primeira citação foi em *Conselhos à minha filha*:

Eu tinha pouco mais de tua idade quando em 1824 o horror da guerra civil patenteou-se a meus olhos, destruindo incontinente o repouso de meu querido Pai! Por vezes vi-o a ponto de sucumbir ao golpe do assassino; por vezes minha alma tremeu, e detestou os homens a cuja maldade sucumbia a inocência e a virtude nesses calamitosos tempos de horror, e de desolação! Foi n'essas tremendas crises, que eu, guiada por um verdadeiro zelo filial, achava em meu coração uma coragem superior à minha idade. Consolava minha terna mãe desolada de dor tremendo a cada instante pela preciosa vida de seu bom esposo; procurava adoçar a existência deste por meus ternos cuidados, e uma constante obediência a seus sábios preceitos. Quantas vezes o meu coração pulava de prazer ouvindo-o exclamar: 'Oh! minha filha! quão feliz sou em possuir-te!'. Depois mesmo que os Fados desencadearam seus cruéis satélites para sitiarem minha triste juventude, e me oprimiram com seus primeiros furores, a mesma exclamação escapou por vezes a esse terno Pai. Eu era a filha predileta do seu coração, e nada poupava para provar-lhe que o merecia¹³³.

Sabendo que no ano anterior Dionísia havia casado e separado do primeiro marido, e considerando as perspectivas de tratamento dispensado às mulheres que cometiam ato semelhante, é peculiar que ao descrever a si, coloque-se como a filha predileta. Ademais, a escritora indica que continuou obediente aos sábios preceitos do pai. É preciso sopesar que a destinatária dos *Conselhos* era não somente Livia, sua filha, mas meninas da sua faixa etária, portanto, não seria o momento de apontar seus erros ou a insubordinação ao pai. Por fim, interessa observar como, através da escrita, ela refaz sua trajetória, engrandecendo seus feitos e ocultando os detalhes que comprometeriam sua honra.

Outra menção aos levantes de 1824 é feita em seus *Fragments*:

Les tristes événements de 1824 vinrent de nouveau affliger les esprits libéraux et exaspérer, surtout dans les provinces du Nord, la haine fatale de nationalité qui avait déjà coûté tant de sang et de larmes! Une partie de la paisible population des villes et des environs de la Floresta commença tout d'un coup à s'ameuter çà et là, presque partout, et se livra à des excès sous des prétextes patriotiques pour opprimer ceux qu'on prétendait contraires à la nouvelle constitution qu'on venait de jurer. Plusieurs Portugais, quoiqu'ils eussent adhéré à la cause du Brésil, furent injustement poursuivis et leurs propriétés ravagées. La Floresta fut une des plus éprouvées. Une horde d'hommes effrénés, qu'on appelait la ronde légère, parcourait les environs, en tirant sur les maisons; une décharge de fusil traversant la porte extérieure d'une salle

contiveram p movimento e, assim como em 1817, os principais líderes foram presos, condenados e mortos pelas forças imperiais. Cf.: BRANDÃO, Ulisses. *A confederação do Equador*. Recife: Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, 1924.; ARAÚJO, Johny Santana de; SILVA, Francisco de Assis Oliveira. O. A construção do Estado Imperial brasileiro: Confederação do Equador e a província do Piauí 1823-1825. *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v. 20, n. 33, p. 102-119, set. 2020. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/cadernoshistoria/article/view/23544>. Acesso em: 6 nov. 2025.

¹³³ FLORESTA, 1845, p. 12.

*où se trouvait, à demi couché dans un canapé, le petit Brasil, tomba à dix centimètres au-dessus de la tête de cet enfant qui échappa à la mort comme par miracle*¹³⁴.

Assim, apesar de ser favorável às causas dos revoltosos, Dionísio foi perseguido por ser português mais uma vez. Em consequência disso, a família se viu obrigada a deixar a propriedade, e o destino desta vez foi Olinda. Ela continua:

*La consternation de toute la famille exposée à de tels attentats fut immense; et notre père, dans l'horreur que lui inspiraient ces excès, et voyant dévastée sa belle propriété si admirée naguère de tous ceux qui y recevaient l'accueil le plus hospitalier, se détermina avec peine à l'abandonner. Dégoûté d'ailleurs de cette province par d'autres chagrins qu'il y avait essuyés à cette époque, il retourna à Pernambuco, où il continua sa carrière d'avocat*¹³⁵.

Em Pernambuco, moraram em Goianinha, Olinda e Recife. Mesmo com os conflitos e mudanças, é provável que Dionísia tenha continuado os estudos, ora domésticos, ora vinculados a alguma instituição de ensino para meninas. Seus textos não apresentam nenhuma menção a algum mestre ou mestra específicos, apenas ao pai. Câmara sugere que o contato com autores clássicos portugueses tenha se dado em Recife e em Olinda¹³⁶. Dionísia falava o idioma francês e conhecia o inglês. As viagens e as mudanças com a família permitiram que tivesse contato com uma diversidade de ideias, saberes e livros.

Os conflitos do período que atingiram a família de Dionísia estavam relacionados com o processo de Independência do Brasil, que também impactou na educação. Em 1821, durante as discussões propostas nas Cortes Constituintes da Nação Portuguesa, instaladas no dia 24 de janeiro no Convento das Necessidades, em Lisboa, o reconhecimento da importância do

¹³⁴ FLORESTA, 1878, p. 49-50. “Os tristes acontecimentos de 1824 vieram novamente afligir os espíritos liberais e exasperar, sobretudo nas províncias do Norte, o ódio fatal à nacionalidade que já havia custado tanto sangue e lágrimas! Uma parte da população pacífica das cidades e arredores de Floresta começou repentinamente a se amotinar, aqui e ali, quase por toda parte, e permitiu-se a excessos sob pretextos patrióticos, para oprimir os que eram considerados contrários à nova Constituição que acabávamos de jurar. Vários portugueses, embora adeptos à causa do Brasil, foram injustamente perseguidos e suas propriedades destruídas. Floresta foi uma das que mais sofreram. Uma horda de homens desenfreados, que chamávamos de ronda leve, percorria os arredores, atirando sobre as casas; uma descarga de fuzil, atravessando a porta exterior de uma sala onde se encontrava o pequeno Brasil, caiu a dez centímetros acima da cabeça, que, meio adormecida num sofá, escapou da morte como por milagre”. FLORESTA, 2001, p. 48-49.

¹³⁵ FLORESTA, 1878, p. 49-50. “A consternação de toda a família exposta a tais atentados foi imensa; nosso pai, no horror que lhe inspiravam esses excessos e vendo devastada sua bela propriedade, outrora tão admirada por todos os que aí recebiam o mais hospitaleiro dos acolhimentos, determinou-se com lamento a abandoná-la. Além do mais, desgostoso com essa província por outros penares, ele retornou a Pernambuco, onde continuou sua carreira de advogado”. FLORESTA, 2001, p. 49.

¹³⁶ CÂMARA, 1941.

oferecimento da educação pelo Estado esbarrava na crise econômica enfrentada pelo governo¹³⁷.

O resultado dessas discussões foi a elaboração da *Constituição Política da Monarquia Portuguesa*¹³⁸, que determinava a instalação de escolas em todos os lugares do reino onde fosse conveniente para ensinar meninos e meninas a lerem, escreverem, contarem e o catecismo das obrigações religiosas e civis, bem como dava a liberdade a qualquer cidadão a abrir aulas para o ensino público. O Estado reconhecia que era incapaz de assegurar uma política educacional que contemplasse todos aqueles que tinham direito à escola e, assim, permitia que particulares suprissem essa necessidade¹³⁹.

Ainda que o Brasil não tenha sido regido pela nova Constituição, considerando os processos que levaram à declaração da Independência em 1822, as discussões e soluções apresentadas elucidam os pensamentos vigentes e as dificuldades enfrentadas pelo poder público em garantir o acesso à educação para seus cidadãos, bem como a importância das iniciativas particulares para o ensino de meninos e meninas. As elites continuaram a investir no ensino doméstico de maneira majoritária. De acordo com José Gonçalves Gondra e Alessandra Schueler:

Apesar do caráter estatal e dos fins políticos da educação escolar, enunciados e almejados pelo Império português, remontarem aos finais do século XVIII, no Brasil, observa-se que, na segunda década dos Oitocentos, se intensificaram as discussões, os projetos e as medidas legais direcionados à ampliação da instrução pública, juntamente com os processos de construção do Estado independente e do amadurecimento da ideia de formação de um novo Império – o Império do Brasil¹⁴⁰.

Através da lei de 20 de outubro de 1823, foi permitido “a qualquer um ter escola aberta de primeiras letras, sem dependência de exame, ou de alguma licença”¹⁴¹. Por um lado, o governo reconhecia a necessidade de oferecer educação para a mocidade, por outro, sabia que sozinho não seria eficiente nessa tarefa.

¹³⁷ FERNANDES, Rogério. As Cortes Constituintes da Nação Portuguesa e a educação pública. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (org.). *Histórias e memórias da educação no Brasil: século XIX*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 19-33.

¹³⁸ PORTUGAL. *Constituição Política da Monarquia Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1822. Disponível em: <https://www.parlamento.pt/Parlamento/Documents/CRP-1822.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2023.

¹³⁹ FERNANDES, 2014.

¹⁴⁰ GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra. *Educação, poder e sociedade no Império brasileiro*. São Paulo: Editora Cortez, 2008. p. 26.

¹⁴¹ BRASIL. *Lei de 20 de outubro de 1823*. Rio de Janeiro, 20 out. 1823. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/anterioresa1824/lei-40951-20-outubro-1823-574564-publicacaooriginal-97677-pe.html. Acesso em: 22 nov. 1823.

A Constituição outorgada em 1824 declarou como obrigação do Estado propiciar gratuitamente aos cidadãos a instrução primária. Nesse contexto, eram considerados cidadãos os nascidos no Brasil, libertos, mesmo que filhos de pai estrangeiro; filhos de pais brasileiros nascidos em solo estrangeiro; todos os nascidos em Portugal e suas possessões residentes no Brasil e aderiram à Independência; e estrangeiros naturalizados de qualquer religião¹⁴². As mulheres não eram consideradas cidadãs, não participando da vida política do Império.

A educação de meninas foi regulamentada através da lei de 15 de outubro de 1827, quando mandou-se criar escolas de primeiras letras nos lugares mais populosos do império. Foi posto que:

Art. 1º – Em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos, haverá as escolas de primeiras letras que forem necessárias. [...]

Art. 14º – As escolas serão do ensino mútuo nas capitais das províncias; e serão também nas cidades, vilas e lugares populosos delas, em que for possível estabelecerem-se. [...]

Art. 6º – Os professores ensinarão a ler, escrever, as quatro operações de aritmética, prática de quebrados, decimais e proporções, as noções mais gerais de geometria prática, a gramática de língua nacional, e os princípios de moral cristã e da doutrina da religião católica e apostólica romana, proporcionados à compreensão dos meninos; preferindo para as leituras a Constituição do Império e a História do Brasil. [...]

Art. 11 – Haverão escolas de meninas nas cidades e vilas mais populosas, em que os Presidentes em Conselho, julgarem necessário este estabelecimento.

Art. 12 – As Mestras, além do declarado no Art. 6º, com exclusão das noções de geometria e limitado a instrução de aritmética só as suas quatro operações, ensinarão também as prendas que servem à economia doméstica; e serão nomeadas pelos Presidentes em Conselho, aquelas mulheres, que sendo brasileiras e de reconhecida honestidade, se mostrarem com mais conhecimento nos exames feitos na forma do Art. 7º.

Art. 13 – As Mestras vencerão os mesmos ordenados e gratificações concedidas aos Mestres¹⁴³.

De acordo com o decreto, a criação de escolas deveria obedecer ao número de habitantes de cada localidade, visando atender às necessidades da população. Determinou-se o que seria ensinado, diferindo o ensino destinado aos meninos e às meninas. Elas deveriam aprender “as prendas que servem à economia doméstica”, preparando-as para suas funções quando chegassem à idade adulta. Além disso, as mestras deveriam excluir do currículo as noções de geometria e limitar a instrução de aritmética às quatro operações.

¹⁴² BRASIL. *Constituição política do Império do Brasil*. Rio de Janeiro, 1824. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm. Acesso em: 1 dez. 2023.

¹⁴³ BRASIL. *Lei de 15 de outubro de 1827*. Rio de Janeiro, 1827. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM.-15-10-1827.htm#:~:text=LEI%20DE%2015%20DE%20OUTUBRO,lugares%20mais%20populosos%20do%20Imp%C3%A9rio. Acesso em: 4 dez. 2023.

Assim, o ensino ministrado às meninas era limitado, uma vez que não se via necessidade de prepará-las para a vida pública, mas para o espaço doméstico e as funções que exerceriam no lar. As mulheres responsáveis pelo ensino de meninas deveriam demonstrar seus conhecimentos mediante exame, no entanto, contava ainda sua “reconhecida honestidade”. A igualdade em comparação aos mestres estava nos valores e gratificações recebidos.

Em meio às transformações políticas que incidiam sobre a educação no Brasil, a família de Dionísia enfrentou um novo episódio trágico, desta vez, a morte do pai, no dia 17 de agosto de 1828. Dionísio foi assassinado exercendo a profissão de advogado, ao defender interesses opostos aos dos poderosos locais. A rivalidade que culminou na morte de Dionísio era antiga, iniciada quando a família residia em Goiana¹⁴⁴. O assassinato é comentado por Nísia Floresta:

Notre père, devant aller défendre la cause d'un de ses clients dans une ville à dix-huit lieues du Recife [...]. Sa tâche terminée, il se disposait à retourner auprès de sa chère famille [...]. Le Capitan-Mor, autorité de l'époque coloniale, qui, à la honte de la civilisation progressive du Brésil, y domine encore longtemps après son indépendance, le Capitan-Mor, A. U. C. (près d'un demi-siècle s'est écoulé depuis lors et ma plume se refuse encore à tracer ce nom exécration!), despote brutal qui exerçait dans ce temps-là les prérogatives d'un titre déjà caduc, lequel lui fournissait cependant, comme à bien d'autres, l'occasion de satisfaire impunément les féroces instincts de sa nature, dissimulait depuis quelque temps sa rancune contre le digne avocat qui avait eu le courage de plaider la cause d'un malheureux père de famille que son despotisme opprimait, et de braver ainsi la terreur qu'inspirait partout son nom. Cet avocat, qui avait fait triompher le droit de son pauvre client en butte à l'injustice atroce d'un pareil tyran, tomba à l'improviste sous les coups d'assassins salariés par lui¹⁴⁵.

De acordo com a escritora, o mandante do crime ficou impune¹⁴⁶. A notícia foi recebida com dor e desespero pela família, e Dionísia, “*l'institutrice zélée de ses derniers enfants, était presque folle de douleur depuis qu'elle avait appris l'affreuse nouvelle!*”¹⁴⁷. No entanto,

¹⁴⁴ CÂMARA, 1941.

¹⁴⁵ FLORESTA, 1878, p. 55-56. “Nosso pai, indo defender a causa de um de seus clientes numa cidade a 18 léguas de Recife [...]. Terminada sua tarefa, ele se dispôs a retornar para perto de sua querida família [...]. O capitão-mor, autoridade da época colonial e vergonha da civilização de um Brasil em crescimento, o qual ele ainda dominou durante muito tempo, mesmo depois de sua Independência, o capitão-mor, A.U.C (quase meio século se passou desde então e minha pena ainda se recusa a traçar este nome execrável!!), déspota brutal que exercia nesse tempo as prerrogativas de um título já caduco, o qual lhe fornecia, no entanto, como a muitos outros, a ocasião de satisfazer impunemente os ferozes instintos de sua natureza, ele dissimulava, depois de algum tempo, seu rancor contra o digno advogado que tivera coragem de defender a causa de um infeliz pai de família, que seu despotismo oprimia, e de bradar, assim, o terror que seu nome inspirava por toda parte. Esse advogado, que fizera triunfar o direito de seu pobre cliente, alvo da injustiça atroz de um tal tirano, caiu de improviso sob os golpes de assassinos pagos por ele”. FLORESTA, 2001, p. 51-52.

¹⁴⁶ FLORESTA, 1878.

¹⁴⁷ FLORESTA, 1878, p. 58. “Instrutora cuidadosa de seus últimos filhos, estava quase louca de dor desde que tomou conhecimento da horrorosa notícia”. FLORESTA, 2001, p. 52.

conforme exposto em *Fragments*, ela precisou assumir o lugar do pai a pedido de Joaquim Brasil:

*‘Nous avons plus que jamais besoin de toi, petite mère bien-aimée’, dit-il en la couvrant de caresses, ‘nous n’avons plus de père!’... Ces paroles, dont les sons semblent vibrer encore dans mon oreille à travers une si longue série d’années, m’arrachèrent à mon sombre désespoir, et me firent surmonter le poids de mon malheur pour me vouer à ma famille et à l’éducation de cet affectueux enfant, en ne négligeant rien pour remplacer près de lui le digne père qui venait de nous être si cruellement enlevé*¹⁴⁸.

Telles sugere que Dionísia atuou como preceptora para colaborar com o sustento da família¹⁴⁹. Não é improvável que tenha exercido essa profissão, no entanto, é preciso considerar a possibilidade de que as posses de sua família materna tenha sido um facilitador para a manutenção de sua sobrevivência. Assim como sua tia Francisca Freire, Dionísia assumiu o comando da família, enquanto se dedicava à educação do seu irmão.

Ainda em 1828, Dionísia foi morar com Manuel Augusto de Faria Rocha. Em seus escritos, Nísia Floresta o identifica como marido legítimo e pai de seus filhos. Manuel era aluno da Faculdade de Direito no Mosteiro de São Bento, em Olinda, e concluiu o curso em 1832¹⁵⁰. A instituição foi inaugurada em 11 de agosto de 1827 e teve papel relevante na formação política da região. Como outras instituições de ensino criadas nesse período, tinha como objetivo atender à demanda por juristas e funcionários do Estado, além de promover a circulação de ideias e o combate ao radicalismo republicano, que causava embates na região.

O relacionamento com Augusto também contribuiu para o seu desenvolvimento intelectual, configurando-se como uma oportunidade, ainda que indireta, de participar de um ambiente de estudo e de ter vivência política¹⁵¹. Na avaliação de Sônia Valéria Marinho Lúcio:

A vivência neste ambiente político contribuiu para a atitude romanticamente liberal de Nísia, a paixão nacionalista, sua defesa intransigente da liberdade, e repúdio aos tiranos de qualquer espécie. No texto *Il Brasile* (1859) ela se refere a Pernambuco como ‘a província que o gênio da liberdade escolheu para morada’. O que não deixa de ser curioso, pois ela se mostra solidária com os revoltosos, como na descrição que faz da repressão ao movimento de 1817,

¹⁴⁸ FLORESTA, 1878, p. 58. “‘Temos mais que nunca necessidade de ti, querida mãezinha’, ele disse, cobrindo-a de carícias, “nós não temos mais pai!’... Essas palavras, cujos sons ainda parecem vibrar no meu ouvido através de uma tão longa série de anos, arrastaram-me do meu sombrio desespero e fizeram-me superar o peso da minha infelicidade, para me dedicar à minha família e à educação dessa afetuosa criança, nada negligenciando para substituir-lhe o digno pai que acabava de nos ser tão cruelmente roubado”. FLORESTA, 2001, p. 53.

¹⁴⁹ TELLES, 2004.

¹⁵⁰ CÂMARA, 1941, p. 31.

¹⁵¹ LÚCIO, Sônia Valério Marinho. *Uma viajante brasileira na Itália do Risorgimento*: tradução comentada do livro *Trois ans en Italie suivis d’un voyage en Grèce* (vol. I – 1964; vol. II – s. d.) de Nísia Floresta Brasileira Augusta. 1999. 754 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

quando de fato sua família sofreu por ser considerada inimiga: as revoltas estimularam a crescente animosidade entre lusitanos e brasileiros, e seu pai foi perseguido porque era português¹⁵².

A primeira filha do casal, Livia Augusta de Faria Rocha, nasceu em 1830 e, quando adulta, tornou-se a principal companheira de viagem da mãe, além de traduzir seus escritos para diversos idiomas. No ano seguinte nasceu o segundo filho, mas ele faleceu pouco depois. Ainda em 1831, Dionísia estreou no mundo das letras, publicando, em trinta números do jornal *Espelho das Brasileiras*¹⁵³, artigos que tratavam da posição feminina em diversas culturas. O periódico, de propriedade do tipógrafo francês Adolphe Émile de Bois Garin, era destinado às senhoras pernambucanas.

Os artigos publicados eram apenas o prenúncio do que viria no ano seguinte, quando Dionísia publicou o primeiro livro, *Direito das mulheres e injustiça dos homens* (1832)¹⁵⁴. A partir de então passou a utilizar o pseudônimo Nísia Floresta Brasileira Augusta, com o qual se identificou até o fim da vida e foi reconhecida na posteridade.

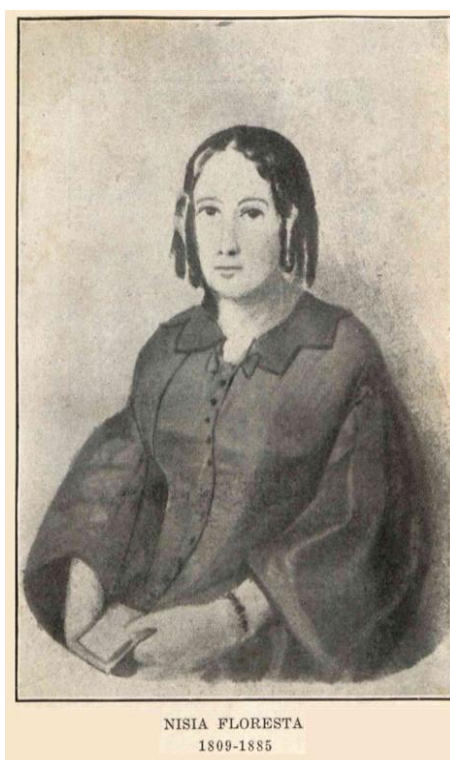


Figura 1: Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885). Fonte: CÂMARA, Adauto da. *História de Nísia Floresta*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1941.

¹⁵² LÚCIO, 1999, p. XXV.

¹⁵³ Circulou em Recife, impresso pela Tipografia Fidedigna. São conhecidos 30 números, que circularam entre fevereiro e julho de 1831. Cf.: DUARTE, 1995, p. 180.

¹⁵⁴ FLORESTA, Nísia. *Direito das mulheres e injustiça dos homens*. São Paulo: Cortez: 1989.

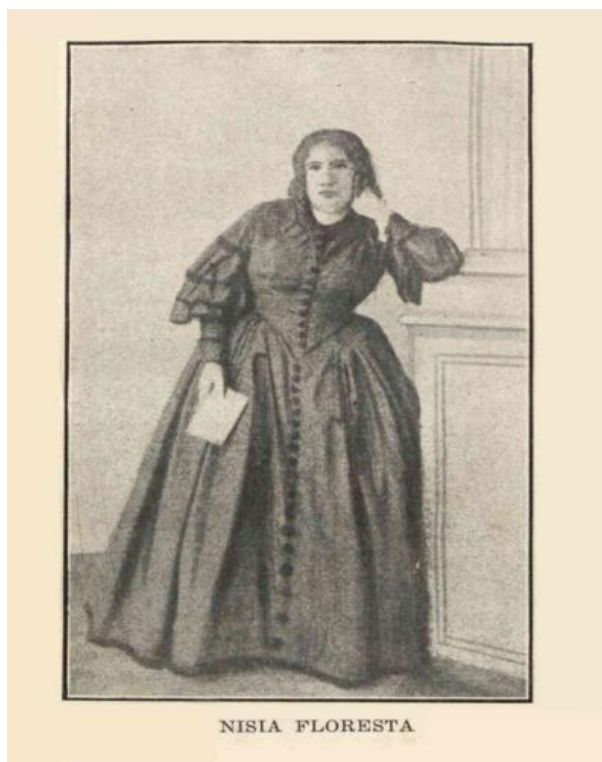


Figura 2: Retrato de Nísia Floresta, em Paris, por François Joseph Delintraz. Fonte: CÂMARA, Adauto da. *História de Nísia Floresta*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1941.; LÚCIO, Sônia Valério Marinho. *Uma viajante brasileira na Itália do Risorgimento*: tradução comentada do livro *Trois ans en'Italie suivis d'un voyage en Grèce* (vol. I – 1964; vol. II – s. d.) de Nísia Floresta Brasileira Augusta. 1999. 754 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

Ainda em 1832, Nísia Floresta mudou-se para Porto Alegre, acompanhada de Augusto, da mãe, das irmãs e da filha. De acordo com Duarte, a partida repentina para o Sul gerou especulações entre os estudiosos da vida da escritora. A autora afirma que:

Uns acreditam que ela foi obrigada a sair de Pernambuco devido às ameaças que havia recebido do primeiro marido, ainda não conformedo com o abandono. Este – armado de razões jurídicas – estaria prestes a chegar à cidade e disposto a processá-la por abandono de lar e adultério. Outros já divulgam a versão de que Manoel Augusto foi para Porto Alegre atendendo o convite de um irmão que lá morava. Se foi este – ou aquele – o motivo da mudança, não há mais como saber; sabe-se apenas que, em Porto Alegre, nova vida a aguardava¹⁵⁵.

A mudança de ares trouxe transformações para a vida da família de Nísia Floresta. A primeira delas foi o nascimento de Augusto Américo de Faria Rocha, em janeiro de 1833. Em agosto do mesmo ano, Augusto faleceu vítima de uma constipação. Durante sua vida, Nísia

¹⁵⁵ DUARTE, 1995, p. 25.

Floresta lamentou a partida precoce de seu companheiro, e passou a nomear-se viúva, o que era “quase como sinônimo de decência e pudor”¹⁵⁶.

A união com Augusto, assim como a adoção do pseudônimo, permitiu que Nísia Floresta redefinisse seu estado civil e, conseqüentemente, o respeito da sociedade para com ela. Isso fica evidente na certidão de nascimento do filho do casal:

Aos quatro dias do mês de agosto de mil oitocentos trinta e três [...], batizou solenemente o reverendo Manoel José Soares [Pina?], e pôs os santos óleos a Augusto, nascido a doze de janeiro do mesmo ano, filho legítimo do Doutor Manoel Augusto de Faria Rocha, e de Dona Nísia Floresta Brasileira Augusta, naturais de Pernambuco; neto paterno de Manoel Gonçalves de Faria, natural de Portugal, e de Joanna Sofia do Amaral, natural de Pernambuco; o materno de Dionísio Gonçalves Pinto Lisboa, natural de Portugal, e de Antônia Clara Freire, natural do Rio Grande do Norte; foram padrinhos o Doutor Manoel Antonio Rocha Faria, e sua mulher Dona Luiza Justiniana de Freitas Rocha [...]¹⁵⁷.

Ainda que a certidão de casamento de ambos não tenha sido localizada, o registro exposto acima se refere à união de Augusto e Nísia Floresta como legítima. Além disso, o documento demonstra a aceitabilidade do pseudônimo adotado pela escritora, que suplantou a assinatura de seus textos. Isso certamente colaborou para o apagamento da separação do primeiro marido e, com a morte do segundo, lhe conferiu um novo *status* social. A viuvez reforçou o seu papel de chefe da família, uma vez que precisava manter os filhos, além da mãe e irmãs. Sobre esse momento de sua vida, Lúcio defende:

Como muitas mulheres brasileiras do século XIX, que ficaram viúvas ainda bem jovens, Nísia trabalhou para manter-se e sustentar os filhos, mãe e irmãos. Diferente de muitas viúvas das crônicas de história, ela não tirou o sustento de uma fazenda com muitos escravos. Usou sua própria capacidade de trabalho, sua formação decorrente da aplicação aos estudos, e sustentou a família enquanto educadora, atividade com a qual se ocupariam os demais membros da sua família – o irmão, o filho, a filha¹⁵⁸.

As informações sobre o período que viveu em Porto Alegre são esparsas e incertas. De acordo com Câmara, Nísia Floresta atuou como preceptora a partir de 1834¹⁵⁹. Duarte apresenta a hipótese de que ela teria fundado o Colégio Brasil, destinado para a educação de meninas, e

¹⁵⁶ RITZKAT, Marly Gonçalves Bicalho. Preceptoras alemãs no Brasil. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (org.). *500 anos de educação no Brasil*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 276.

¹⁵⁷ ARQUIVO HISTÓRICO DA CÚRIA METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE. Livro de Registro de Batismo da Matriz Madre de Meus de Porto Alegre, fl. 62. In: RIO GRANDE DO SUL. *Registros da Igreja Católica, 1738-1952*. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-F833-2M?i=542&cc=2177295>. Acesso em: 6 jan. 2023.

¹⁵⁸ LÚCIO, 1999, p. XLII.

¹⁵⁹ CÂMARA, 1941, p. 48.

atuado como diretora em 1833, conforme informações fornecidas por Kraemer Neto no livro *Nos tempos da Velha Escola* e por Roberto Seidl¹⁶⁰.

Graziela Rinaldi da Rosa¹⁶¹ acredita na criação da escola, mas não oferece comprovação documental. A autora destaca que Nísia Floresta foi preceptora de José Antônio Câmara, conforme consta na biografia feita por Rinaldo Pereira da Câmara. Outra informação a respeito da sua estadia em Porto Alegre fornecida por Rosa diz respeito a um empréstimo realizado por Nísia Floresta. O credor, Francisco de Paula Coelho, recorreu à justiça para garantir o recebimento do valor de quatrocentos e seis mil quinhentos e oitenta réis, quitado em 31 de outubro de 1836¹⁶².

Essa informação permite o levantamento de algumas indagações: teria Nísia Floresta esgotado os recursos da família? Augusto não deixou herança para ser administrada por ela? Caso o colégio tenha de fato existido, não era suficiente para a manutenção familiar? As respostas não puderam ser alcançadas com a pesquisa e documentação localizada. No entanto, o crédito oferecido e a posterior quitação do empréstimo indica que Nísia Floresta possuía respeito e a confiabilidade da sociedade porto-alegrense.

A respeito das dificuldades financeiras enfrentadas após a morte de Augusto, a escritora afirmou que à sua missão como mãe ela devia:

[...] Os únicos momentos de uma ventura real, que tenho gozado neste mundo; foi ele que me deu o gosto pelo estudo na esperança de poder gozar um dia da ventura de dar-te as primeiras lições, e que ministrou-me recursos para aplinar as terríveis dificuldades, que se opuseram a que eu me colocasse no estado de poder fazê-lo livre e docemente, achando-me só no mundo, mulher fraca, sem apoio, e sem fortuna! É, enfim, a ele, que tu deves tua mãe, porque ao desejo de religiosamente preenchê-lo devo ter-me subtraído ao final desespero, a que me ia arrastando a grande, a irreparável, a nunca assaz chorada perda de teu bom pai!¹⁶³

Portanto, esclarece que o marido não deixou herança. Assim como o sentimento maternal nutrido pelo irmão foi apontado como o motor de superação da morte de seu pai, seus filhos motivaram sua reação após a morte de Augusto. A dor da perda e o papel dos filhos são ressaltados pela escritora:

Foi nesses terríveis momentos que à maneira de um total eclipse, que subtrai rapidamente a nossos olhos um belo sol, eu vi desaparecer do mundo essa cara metade de minha alma, e com ela o feliz porvir, que a nossa ternura havia

¹⁶⁰ DUARTE, 1995, p. 27.

¹⁶¹ ROSA, Graziela Rinaldi- da. *Transgressão e moralidade na formação de uma 'matrona esclarecida': contradições na filosofia de educação nisiana*. 2012. 350 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

¹⁶² ROSA, 2012.

¹⁶³ FLORESTA, 1845, p. IX.

delineado; foi nesses terríveis momentos, digo, que o grito maternal se fez mais ouvir em meu coração ulcerado; e foi só então que eu conheci a sua sublimidade, pois que desejei não viver não vivendo já teu pai¹⁶⁴.

A associação do sentimento materno à superação do luto está relacionada com a relevância que a escritora atribuía à função social da mãe. Ademais, essa era, provavelmente, mais uma forma de valorizar sua atuação como mãe. Nos anos em que residiu no Sul, Nísia Floresta presenciou os primeiros eventos da Revolução Farroupilha (1835-1845), revolta armada, com intensa participação popular, motivada pelo descontentamento com os governantes, os altos impostos, inclusive sobre o charque, principal produto econômico da região na época, e a dificuldade ou inexistência de transportes terrestres, dentre outros¹⁶⁵. A intensa agitação política e social levou Nísia Floresta e sua família a realizar uma nova mudança em 1837, desta vez para o Rio de Janeiro.

Na Corte, Nísia Floresta iniciou uma outra empreitada: fundou, em 1838, o Colégio Augusto (figura 3), voltado para a instrução feminina. Como diretora, desafiou os padrões educacionais da época ao oferecer às meninas um ensino diferente do que comumente se encontrava em outros locais. O anúncio de abertura do colégio foi fixado no *Jornal do Comércio* em 31 de janeiro:

D. Nísia Floresta Brasileira Augusta tem a honra de participar ao respeitável público, que ela pretende abrir no dia 15 de fevereiro, na rua Direita, 163, um colégio de educação para meninas, no qual além de ler, escrever, contar, coser, bordar, marcar e tudo mais que toca a educação de uma menina, ensinar-se-á a gramática da língua nacional por um método fácil, o francês, o italiano, e os princípios gerais da geografia. Haverão igualmente neste colégio mestres de música e dança. Recebem-se alunas internas e externas. A diretora, que há quatro anos se emprega nesta ocupação, dispensa-se de entreter o respeitável público com promessas de zelo, assiduidade, e aplicação no desempenho dos seus deveres, aguardando a ocasião em que possa praticamente mostrar aos pais de família que a honrarem com a sua confiança, pelos prontos progressos de suas filhas, que ela não é indigna da árdua tarefa que sobre si toma. Todavia não pode deixar de advertir que, sendo a cadeira de francês imediatamente dirigida por ela, muito se devem aproveitar as educandas da vantagem que tem de poderem no trato escolar exprimirem-se nesse idioma, o que certamente muito concorrerá para o seu adiantamento¹⁶⁶.

Alguns aspectos chamam atenção. Primeiro, o fato de Nísia Floresta se identificar através do pseudônimo, silenciando Dionísia definitivamente. Segundo, as disciplinas oferecidas vão além de “tudo mais que toca a educação de uma menina”, contemplando a gramática, o italiano e o francês, e noções básicas de geografia. Quanto ao acolhimento de

¹⁶⁴ FLORESTA, 1845, p. IX.

¹⁶⁵ Cf.: HARTMANN, Ivan. *Aspetos da Guerra dos Farrapos*. Novo Hamburgo: Feevale, 2002.

¹⁶⁶ ANÚNCIOS. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 13, n. 24, p. 4, 31 jan. 1838.

alunas, eram aceitas internas e externas. De acordo com a anunciante, ela ocupava a função de diretora há quatro anos, o que pode significar que estava se referindo ao possível estabelecimento de ensino criado em Porto Alegre.

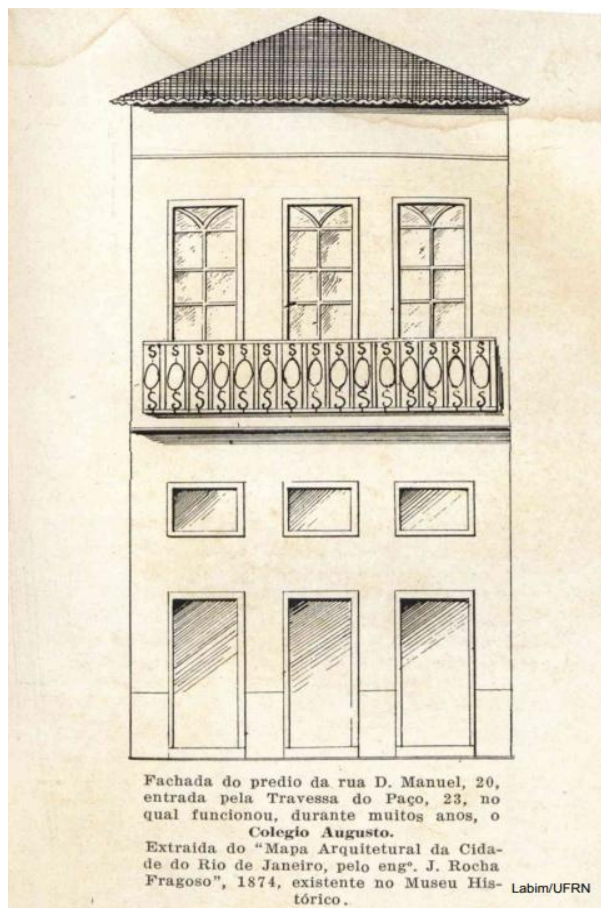


Figura 3: Fachada do prédio do Colégio Augusto. Fonte: CÂMARA, Adauto da. *História de Nísia Floresta*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1941.

A educadora se mostra fluente em francês ao garantir o adiantamento da turma por ela dirigida. As línguas estrangeiras, como francês, alemão e inglês, eram as disciplinas mais citadas nos anúncios de professores nos jornais daquele período. Em seguida, destacava-se o ensino de Geografia, Aritmética, História e, por fim, o Português. Os anúncios de colégios para moças também destacavam o ensino de línguas estrangeiras como elemento essencial da educação feminina da época, a ponto de algumas instituições contarem com professoras estrangeiras em seu corpo docente, responsáveis especificamente por essas disciplinas¹⁶⁷.

As informações a respeito do funcionamento do colégio e da atuação de Nísia Floresta como diretora estão registradas em jornais e em algumas passagens de suas obras, onde conta suas experiências por meio da escrita. Notícias sobre eventos e premiações eram publicadas em

¹⁶⁷ RITZKAT, 2000.

jornais. Câmara, por sua vez, informa sobre os Estatutos do Colégio Augusto, que estavam em posse de Henrique Castriciano¹⁶⁸. Destaca:

[...] constam os seguintes preços: – internas, 20\$000; semi-internas, 10\$000; externas, 4\$000. Trata-se de regulamento muito minucioso. As internas teriam que levar bacia de rosto, vaso de noite, etc.; as externas, cadeiras e livros. O método direto em Francês era de rigor. Entre os castigos, havia a prisão, ficar uma hora de pé, ficar privada do ‘sueto do sábado’. Para menina que chegasse ao Colégio contando episódios passados em casa, punição severa. Menina que, à noite, quando se despia para dormir, não se portasse com decência neste ato, era castigada exemplarmente, podendo até ser ‘expelida’ do Colégio. Havia educação religiosa. À noite, quando se recolhiam as internas, uma ‘tirava’ o padre-nosso etc., que as outras repetiam¹⁶⁹.

Câmara acrescenta que o colégio de Nísia Floresta não foi bem recebido por suas concorrentes estrangeiras, pois:

As audácias da diretora, seu caráter *sui juris*, suas ideias já conhecidas em prol da reabilitação da mulher, causaram mal-estar entre as rivais assustadas, e entre os catões, que aborreciam aquela mulher metida a homem, pregando a emancipação do seu sexo, batendo-se pela extinção da odiosa tirania masculina, escrevendo nos jornais, estigmatizando os senhores de escravos, afrontando desassombradamente seculares preconceitos¹⁷⁰.

A ofensiva mais significativa foi feita, de acordo com Câmara, após publicações elogiosas a respeito do colégio e da competência da diretora, em 1846 e 1847. Disso teria resultado “um surto de pasquinadas contra Nísia”, com o objetivo de atingir a sua vida particular, especulando acerca do período em que viveu no Norte. Sugeriam que ela tivera “relações íntimas com um chapeleiro e um sacerdote”. Usando a proteção do anonimato, os críticos de Nísia Floresta tinham como objetivo atingir a sua honra, questionando sua capacidade de dirigir uma instituição voltada para meninas¹⁷¹.

Em *O Mercantil* foi publicado um comentário sobre os exames do colégio, em que se afirmou: “não nos podemos dispensar de felicitar a sua diretora pelo aproveitamento de suas discípulas. [...] Grande era a concorrência e geral o sentimento de prazer, por já se ver entre nós um colégio tão bem regularizado e dirigido por uma nossa patrócia”¹⁷². Outra avaliação positiva do colégio e de sua diretora foi publicada no *Jornal do Comércio*. O autor afirma ter sido

¹⁶⁸ Nasceu em 15 de março de 1874, em Macaíba, Rio Grande do Norte. Escritor e político brasileiro. Faleceu em 26 de julho de 1947. Cf.: FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO. *Henrique Castriciano de Souza*. Disponível em: http://adcon.rn.gov.br/ACERVO/secretaria_extraordinaria_de_cultura/DOC/DOC000000000113066.PDF. Acesso em: 28 out. 2025.

¹⁶⁹ CÂMARA, 1941, p. 51-52.

¹⁷⁰ CÂMARA, 1941, p. 57.

¹⁷¹ CÂMARA, 1941, p. 58.

¹⁷² ASSISTIMOS aos exames... *O Mercantil*. Rio de Janeiro, ano 3, n. 355, p. 3, 23 dez. 1846. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/228133/per228133_1846_00355.pdf. Acesso em: 29 out. 2025.

convidado para testemunhar os exames das alunas, o que o tornou apto para avaliar o estabelecimento e o modo como era dirigido. Assegura, ainda, que os elogios feitos não eram oriundos da intenção de proteger ou lisonjear a diretora. Destaca:

Grande número de discípulas tem a Sra. D. Nísia Floresta Augusta, e por tal forma distribui o tempo, que é a única pessoa a lecionar no seu colégio: o método que adota, é simples, fácil e proveitoso; a ele e ao esmero com que o executa se deve certamente o rápido adiantamento das meninas que lhe são confiadas. [...] Entre as premiadas, algumas são educadas gratuitamente; é, portanto, a filantropia uma das qualidades que distingue a Sra. D. Nísia, e que passará às jovens que vêm executá-la quotidianamente [...]¹⁷³.

Dia 27 de dezembro, o colégio e a diretora voltaram a ser assunto em *O Mercantil*. O autor lamentou que a instrução primária, principalmente para meninas, estivesse sob o domínio da especulação daqueles cujo único objetivo era enriquecer com a atividade. Na ausência de ações efetivas do governo para fiscalizar tais instituições, caberia à imprensa ajudar os pais a fazerem escolhas acertadas a respeito. O autor estabelece um paralelo entre escolher um colégio e um esposo para as filhas e critica que os pais confiem a educação de suas filhas baseados apenas em propagandas, sem o devido exame¹⁷⁴. Argumento semelhante é elaborado por Nísia Floresta em *Opúsculo humanitário*, quando criticou fortemente as instituições dirigidas por estrangeiros, que conquistavam clientes com falsas promessas, assim como os pais que escolhiam os colégios sem avaliar o ensino ou a moralidade das professoras¹⁷⁵.

Assumindo o compromisso de recomendar publicamente os colégios que julgava adequados, o autor do artigo supracitado anota:

Já recomendamos o colégio de Mme. Tanière, hoje o mesmo faremos acerca do que é dirigido pela Sra. D. *Elisia Floresta Augusta*, na rua D. Manuel. Poucos são as nossas patrícias que apresentam, como esta Sra., tão variada instrução e método para o ensino. Ela toma o maior interesse pelo adiantamento de suas discípulas. Vê nisto um título de glória, pela convicção em que está de que presta um relevante serviço ao país em que nasceu: não é só com vistas no ganho que trabalha; se assim fosse, não ensinaria gratuitamente a muitas meninas pobres, algumas das quais ficaram este ano habilitadas a ensinarem, a se apresentarem ao concurso para os colégios públicos. E, pois, recomendando-a à estima pública e à confiança dos pais de família, nada mais fazemos do que justiça ao merecimento da Sra. D. *Elisia*

¹⁷³ O COLÉGIO Augusto. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 21, n. 356, p. 2, 24 dez. 1846. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_03&pesq=%22Col%C3%A9gio%20Augusto%22&pasta=ano%20184&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=10307. Acesso em: 29 out. 2025.

¹⁷⁴ INSTRUÇÃO primária. *O Mercantil*. Rio de Janeiro, ano 3, n. 359, p. 4, 27 dez. 1846. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/228133/per228133_1846_00359.pdf. Acesso: 30 out. 2025.

¹⁷⁵ FLORESTA, 1853.

Floresta Augusta, e obedecer aos ditames de nossa consciência (grifos nossos)¹⁷⁶.

O autor erra o primeiro nome de Nísia Floresta, apesar de elogiá-la. Esse equívoco se repete em outras ocasiões e por autores provavelmente distintos. Já em *O Mercantil* de 2 de janeiro de 1847, as palavras dirigidas à diretora são marcadas por forte ironia:

Idem de 27. A instrução do sexo feminino inda se acha abandonada a especulações: já não se deve crer nos palanfrórios de Mme. de tal que acaba de chegar de... etc. A Sra. *D. Eliza* da Praia de D. Manuel (cujo colégio hoje é melhor do que o fora o de Mme. Tanière o ano passado) é quem toma o maior interesse pelo adiantamento de suas discípulas. Trabalhos de língua não faltaram: os de agulha ficaram no escuro. Os maridos precisam de mulher que trabalhe mais e fale menos.

Idem de 28. Houve a cena mais tocante da natureza ao ver desertarem as cândidas jovens do colégio Augusto (para onde desertariam?) dirigido, não pela Sra. *D. Eliza* (como ontem) mas pela Sra. *D. Nisia Floresta Brasileira Augusta*. Esta troca de nomes de um dia para outro me faz lembrar, não o caso do confessor, mas um outro que inda em nossos dias aconteceu lá para as províncias do norte¹⁷⁷ (grifos nossos).

Segundo o autor, o fato de um mestre ser estrangeiro não deve ser tomado como prova de sua competência. Aponta o colégio de *D. Eliza* como melhor do que o de Mme. Tanière, e o que parecia um elogio, logo se transformou em escarnecimento, quando ironicamente sugere que as suas alunas não estariam recebendo ensinamentos úteis para se tornarem boas esposas. Além disso, faz referência aos boatos maldosos quanto à honra de Nísia Floresta, sugerindo que o erro em seu nome fosse justificado pela tentativa de apagar o seu passado no Norte. O autor não estava totalmente errado, pois uma das possíveis motivações para adoção do pseudônimo seria o apagamento do primeiro casamento desfeito.

Entretanto, os boatos quanto à possível relação com outros homens não se sustentavam. Conforme Câmara, a diretora possuía uma vizinhança que não admitiria os desvios a ela imputados. Afirma:

Não seria possível que, entre tanto preconceito, tanta carolice, espiada por enxames de bisbilhoteiros, uma diretora de colégio de meninas, com uma enorme responsabilidade moral, praticasse deslises que poderiam incompatibilizá-la imediatamente com a sociedade em que vivia, inflexível em punir as levandades ou a quebra de compostura... das mulheres. Nísia habitava em uma das ruas principais do Rio de Janeiro de outrora, perto do Paço, e tinha como vizinhos, segundo a crônica de Vieira Fazenda, gente de todo o respeito, os Pestanas, os Pires, os Sevênes, o Dr. Pedroso, o Almirante

¹⁷⁶ INSTRUÇÃO primária, 27 dez. 1846, p. 4.

¹⁷⁷ O MESTRE ESCOLA EM FÉRIAS. *O Mercantil*. Rio de Janeiro, ano 4, n. 2, p. 4, 2 jan. 1847. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/228133/per228133_1847_00002.pdf. Acesso em: 31 out. 2025.

Lobão, que foi a Nápoles buscar a terceira Imperatriz; os cônegos Santos Lemos, vigário de São José, e Francisco Figueiredo de Andrade etc.¹⁷⁸

Essa campanha de difamação contra Nísia Floresta, empreendida na imprensa, permite supor que as constantes menções a Augusto e à viuvez em seus textos fosse uma tentativa de construir uma imagem de si mesma e se contrapor àquela forjada por seus adversários. A diretora voltou a ser mencionada em 17 de janeiro de 1847, no *O Mercantil*. Dessa vez, a crítica foi mais direta do que as anteriores. Lê-se:

Vamos à rua D. Manuel e lancemos uma vista d'olhos sobre o *Colégio Augusto*, dirigido por D. Nísia Floresta Augusta. Há casas de educação, que tem o mau gosto de ensinar as meninas a fazer vestidos ou camisas. Mas parece que D. Augusta acha isso muito prosaico. Ensina-lhes latim. E por que não grego ou hebraico? Pobre diretora! Está tão satisfeita de si mesma e de seu colégio; está tão intimamente persuadida que é o primeiro estabelecimento de instrução do império, que, em verdade causa dó arrancar-lhe tão suave ilusão! Disse Calderão em uma de suas peças: 'Escarnecereis porventura a quem nunca viu o sol o pensar que a lua é o mais brilhante dos astros? Escarnecereis de quem nunca visse o sol nem a lua, e vos gabasse o deslumbrante e incomparável esplendor de Vênus?' – Não. É, pois, natural que D. Lísia que nunca viu senão o próprio colégio o ponha acima dos mais. Há nesta opinião mais ingenuidade do que vaidade. Notaremos apenas a D. Floresta que se esquece um tanto do verdadeiro fim da educação, que é adquirir conhecimentos úteis, e não vencer dificuldades, sem nenhuma utilidade real¹⁷⁹ (grifos nossos).

Assumindo um tom jocoso, o autor, não identificado na publicação, minimiza a importância do Colégio Augusto para a sociedade da Corte e ironiza a imagem que Nísia Floresta constrói de si mesma. Ao sugerir o ensino de grego ou hebraico, recorre à ironia para reforçar sua conclusão: no colégio, ensinam-se matérias inúteis. No entanto, o fato é que a menção constante à diretora revela justamente o que o crítico tenta negar: Nísia Floresta era uma figura influente no contexto educacional da Corte e seu trabalho tinha notoriedade suficiente para ser alvo de especulações e maledicências, uma possível tentativa de reduzir sua clientela. Em relação às disciplinas oferecidas pelo Colégio Augusto, Lúcio destaca:

as matérias eram ensinadas unicamente pela diretora, o que dá a medida da sua formação, que embora alijada das Academias de Direito e Medicina, e do ensino secundário do colégio Pedro Segundo, principais centros de ensino do Império, possibilitou o seu ingresso (e possivelmente de algumas alunas) no universo cultural dos primeiros românticos brasileiros, cuja chave de entrada, em pleno romantismo ainda era a cultura clássica. O conhecimento dos autores latinos Virgílio, Horácio, Tito Lívio, Tácito era a base do ensino. O empenho de Nísia em ensinar latim e fazer suas alunas lerem e traduzirem os autores clássicos, vinha da sua percepção de que estes autores franqueariam a entrada

¹⁷⁸ CÂMARA, 1941, p. 58.

¹⁷⁹ INSTRUÇÃO pública: revista dos colégios da capital. *O Mercantil*. Rio de Janeiro, ano 4, n. 17, p. 3, 17 jan. 1847. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/228133/per228133_1847_00017.pdf. Acesso em: 31 out. 2025.

nos ‘clubes de cultura’, dotando as mulheres de uma linguagem comum, um arquivo de citações para as conversações literárias¹⁸⁰.

Os questionamentos a respeito do que era ensinado no Colégio Augusto também são indicativos da ausência de diretrizes que fixassem os conteúdos ou as formas de ensinar naqueles anos. A educação primária e secundária passou por constante reestruturação no decorrer do século XIX. O Ato adicional de 1834 descentralizou o ensino público ao determinar a criação de Assembleias Provinciais, que seriam responsáveis pelo controle dos tributos e gastos locais, pela nomeação de funcionários, além de legislar sobre instrução pública e estabelecimentos próprios a promovê-la”, com exceção das “faculdades de medicina, os cursos jurídicos, academias atualmente existentes e outros quaisquer estabelecimentos de instrução que, para o futuro, forem criados por lei geral”¹⁸¹.

Com a referida medida legal, o poder central ficou desobrigado das responsabilidades relativas ao ensino primário e secundário, transferindo às Assembleias Provinciais as decisões nesse âmbito, o que resultou na desorganização do sistema educacional brasileiro. Nesse contexto, as principais instituições de ensino passaram a ser os colégios religiosos e particulares.

A qualificação dos professores era outro empecilho para o desenvolvimento de um sistema educacional universal, considerando que cada um possuía certa liberdade para ensinar conforme sua disposição. De acordo com Demerval Saviani, “a questão do preparo dos professores emerge de forma explícita após a independência”¹⁸². O decreto de 15 de outubro de 1827 determinou que os professores deveriam se preparar com seus próprios recursos para o ensino mútuo. Com as mudanças impostas com o Ato Adicional de 1834, as províncias tenderam a adotar a criação de Escolas Normais para a formação de professores¹⁸³.

A primeira Escola Normal foi instituída em 1835, em Niterói, tendência acompanhada por outras províncias no decorrer do século XIX. O currículo dessas instituições era composto pelas matérias ensinadas nas escolas de primeiras letras, “portanto, o que se pressupunha era que os professores deveriam ter o domínio daqueles conteúdos que lhes caberia transmitir às crianças, desconsiderando-se o preparo didático-pedagógico”¹⁸⁴.

¹⁸⁰ LÚCIO, 1999, p. L-LI.

¹⁸¹ BRASIL. *Lei nº 16, de 12 de agosto de 1834*. Rio de Janeiro, 1834. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/leimp/1824-1899/lei-16-12-agosto-1834-532609-publicacaooriginal-14881-pl.html>. Acesso em: 10 dez. 2023.

¹⁸² SAVIANI, Demerval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. *Revista Brasileira de Educação*, v. 14, n. 40, p. 143-155, jan./abr. 2009. p. 143.

¹⁸³ SAVIANI, 2009.

¹⁸⁴ SAVIANI, 2009, p. 144.

Sendo assim, concomitantemente ao processo de emergência dos sistemas estatais de ensino, ocorreu o início do processo de profissionalização docente. De início, a função era exercida de modo secundário e não especializada. A laicização do ensino subordinou os docentes à autoridade do Estado e lhes assegurou um novo estatuto socioprofissional. A adesão ao projeto, por sua vez, reflete o desejo por independência e autonomia. Os docentes eram beneficiados pela construção de um corpo administrativo autônomo, enquanto o Estado garantia certo controle da instituição escolar¹⁸⁵.

O processo, iniciado no Brasil entre fins do século XVIII e início do XIX com o envio de professores régios portugueses, prosseguiu durante o reinado de D. João, com as iniciativas de organização e normatização da profissão docente, conforme mencionado. A intervenção estatal mais efetiva nesse sentido ocorreu após a Lei Geral do Ensino de 1827, que deu início ao processo de homogeneização, unificação e hierarquização, contrastando com as iniciativas diversificadas. Por outro lado, a criação das Escolas Normais significou uma nova etapa no processo de institucionalização da profissão¹⁸⁶.

No Rio de Janeiro, a partir 1835, o governo provincial iniciou a regulamentação da instrução pública. A criação da Escola Normal foi uma das primeiras ações adotadas nesse sentido. Em 1837, a Lei Provincial reorganizou o ensino primário, definindo currículos para meninos e meninas, o recrutamento de professores e os materiais didáticos a serem usados¹⁸⁷. Quanto as escolas de instrução primária, ficou determinado que compreenderiam três classes de ensino:

- 1ª – Leitura, e escrita; as quatro operações de Aritmética sobre números inteiros, fracções ordinárias, e decimais, e proporções; princípios de Moral Cristã e da Religião do Estado; e a Gramática da Língua Nacional.
- 2ª – Noções gerais de Geometria teórica e prática.
- 3ª – Elementos de Geografia¹⁸⁸.

Os alunos deveriam ser matriculados conforme as classes citadas e deveria avançar quando possuísse domínio sobre a anterior. Escravizados e negros africanos eram proibidos de frequentarem a escola, mesmo se fossem livres ou libertos. As Câmaras Municipais eram obrigadas a oferecer aos professores públicos dos seus municípios casas para o estabelecimento

¹⁸⁵ VILLELA, Heloísa de Oliveira Santos. O mestre-escola e a professora. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (org.). *500 anos de educação no Brasil*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 95-134.

¹⁸⁶ VILLELA, 2000.

¹⁸⁷ GONDRA; SCHUELER, 2008.

¹⁸⁸ ASPHE, RHE. Lei n. 1, de 1837, e o decreto n. 15, de 1839, sobre Instrução Primária no Rio de Janeiro - 1837. *Revista História da Educação*, [S. l.], v. 9, n. 18, p. 199-205, 2012. p. 199. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/29135>. Acesso em: 28 jul. 2025.

das escolas, e o governo provincial ofereceria os móveis e utensílios necessários, os livros, compêndios, traslados de caligrafia, estampas, papel, tinta e penas, mediante orçamento organizado previamente pelos professores. As escolas que não apresentassem a frequência mínima de quinze alunos no decorrer de dois anos, seriam remanejadas para outro local onde pudesse haver demanda.

Quanto aos professores, deveriam atender aos requisitos previstos em lei municipal e, não havendo candidatos habilitados, a cadeira deveria ser ocupada temporariamente por mestres os mais qualificados e idôneos possíveis. O salário oferecido era de seiscentos mil réis anuais, além de uma gratificação de cinco mil réis por aluno formado. Os professores vitalícios poderiam perder o seu emprego diante de faltas graves, como estupro, rapto, adultério, furto ou roubo, se abandonassem a escola por três meses consecutivos, e seriam advertidos e suspensos caso desobedecessem a ordens superiores, dentre outras faltas consideradas menores. Em relação às escolas de meninas, determinava:

Artigo 17º – Nas escolas públicas de instrução primária de meninas serão ensinadas as matérias compreendidas nos números primeiro e terceiro do artigo primeiro, menos decimais e proporções, e a coser, bordar, e os mais misteres próprios da educação doméstica.

Artigo 18º – As Cadeiras das expressadas Escolas serão providas em concurso, presidido pelo Presidente da Província, ou pela pessoa a quem ele delegar.

Artigo 19º – As professoras atualmente existentes, e as que no futuro forem providas, vencerão o ordenado anual de seiscentos mil réis, e perceberão mais a gratificação de cinco mil réis por cada discipula que for julgada pronta, precedendo exame.

Artigo 20º – Em tudo o mais as Escolas Públicas de Meninas, e suas professoras, ficam compreendidas nas disposições da presente Lei¹⁸⁹.

Às meninas, portanto, estava vetado o ensino de noções gerais de Geometria teórica e prática, além de ter sido acrescentado o ensino dos afazeres domésticos, semelhante ao que havia sido proposto em 1827. Quanto aos diretores e inspetores, foi determinado que haveria na capital da província um diretor encarregado de todas as escolas de instrução primária, com gratificação anual de um conto e duzentos mil réis, cabendo a ele inspecionar e fiscalizar todas as escolas, regular o sistema, o método de ensino, escolher ou organizar compêndios, bem como os regulamentos internos, dentre outras funções. Aos inspetores foi determinado inspecionar e fiscalizar o cumprimento da lei, receber e transmitir ao diretor os mapas dos alunos, propor melhorias ao diretor e informações sobre as pretensões dos professores. Somente nas disposições gerais há menção às instituições particulares. Determina:

Artigo 25º – Todos os professores de escolas de instrução primária, assim pública como particulares, são obrigados a dar aos inspetores dos respectivos

¹⁸⁹ ASPHE; RHE, 2012, p. 202.

municípios as informações que deles exigirem e mapas exatos dos seus alunos, nos prazos e pela forma que for determinada pelos competentes Regulamentos, sob pena de multa de dez mil réis por cada falta que cometerem.

Artigo 26º – Os professores de escolas particulares de instrução primária são obrigados a solicitar do Presidente da Província licença para poderem abrir as mesmas Escolas, que lhes será concedida grátis: devendo instruir os requerimentos com atestações de boa moral, passadas pelo pároco da freguesia do seu domicílio, e pelo inspector do respectivo município¹⁹⁰.

O texto da lei previa a abertura, o funcionamento e o controle de escolas primárias públicas e particulares, assim como sobre a conduta dos professores, diretores e inspetores. Na prática, o ensino permaneceu disperso. A tentativa de regulamentação, entretanto, serviu de modelo para outras províncias¹⁹¹. Considerando que a educação era concebida como um dos pilares para a construção de uma identidade nacional proposta pelo projeto político do período, é possível compreender os investimentos na educação primária e secundária, que também foi alvo de reformulações. Conforme Gondra e Schueler, a criação do Imperial Colégio Pedro II em 1837, assinalava a construção de um “lugar de memória” nacional, fosse pela associação de sua fundação com a data do aniversário de D. Pedro II e pelo nome da instituição, fosse pela articulação de uma rede de símbolos e representações culturais que enalteciam o Império e a figura do monarca, evidentes em cerimônias solenes e em visitas inesperadas ao colégio¹⁹².

Atenta ao funcionamento das instituições de ensino da Corte, Nísia Floresta critica, em tom de denúncia, a facilidade para a abertura de escolas particulares e a ausência de fiscalização quanto ao seu funcionamento. Essa seria uma das causas, conforme a sua avaliação, do atraso educacional do Brasil. Além disso, aponta o despreparo dos professores e condena a aplicação de castigos físicos. Afirma:

As escolas de ensino primário tinham antes o aspecto de casas penitenciárias do que de casas de educação. O método da palmatória e da vara era geralmente adotado como o melhor incentivo para o desenvolvimento da inteligência. [...] Se as meninas que em muitos desses repugnantes estabelecimentos eram admitidas de comum com outro sexo ficavam isentas dessa sorte de barbaria, não deixavam, entretanto, de presenciá-la por vezes e de receber uma impressão desfavorável que muito concorria para enervar-lhes a delicadeza e a modéstia, que, de outra sorte dirigidas, tanto realce dão às qualidades naturais da mulher¹⁹³.

Em seu julgamento, portanto, as escolas se aproximavam de casas penitenciárias ao fazer uso da violência e isso prejudicava o aperfeiçoamento da delicadeza e modéstia feminina.

¹⁹⁰ ASPHE; RHE, 2012, p. 203-204.

¹⁹¹ GONDRA; SCHUELER, 2008.

¹⁹² GONDRA; SCHUELER, 2008.

¹⁹³ FLORESTA, 1853, p. 57-58

Além de condenar a prática, a educadora apontou a existência de professores sem o devido preparo para o exercício adequado de suas funções, o que, sopesando a (des)organização do ensino primário e secundário do período, era atestado na maioria dos casos. Destaca:

A palmatória era o castigo menos afrontoso reservado às meninas por mulheres, em grande parte, grosseiras, que faziam uso de palavras indecorosas, lançando-as ao rosto das discípulas onde ousavam imprimir alguma vez a mão, sem nenhum respeito para com a decência nem o menor acatamento ao importante magistério que, sem compreender, exerciam¹⁹⁴.

Assim, Nísia Floresta considera a falta de decoro e decência das professoras mais grave que os corriqueiros castigos físicos, logo, representava perigo maior para o desenvolvimento moral das alunas. Suas críticas eram escritas em tom acusatório, colocadas de maneira a convencer o leitor da veracidade de sua avaliação. Não eram meras suposições: suas afirmações partiam da realidade observada, e ela colocava a si como autoridade no assunto, uma vez que possuía experiência como diretora e professora de meninas. Independentemente da veracidade de suas concepções, seus registros tinham o objetivo de convencer o leitor da validade do seu conteúdo.

Além disso, partindo da lei que previa a perda do cargo para professores das escolas primárias públicas que ofendiam a moral ou os bons costumes¹⁹⁵, Nísia Floresta estende sua denúncia às professoras do ensino particular e à ausência de fiscalização quanto às suas respectivas condutas. Os diretores das casas de educação que, conforme o seu exame, negligenciavam a missão do magistério, também foram alvo de suas críticas:

E quais são em geral essas pessoas encarregadas da difícil missão de corrigirem erros inteiramente negligenciados pelos pais e ampliados pelo contato de uma sociedade onde o respeito pela inocência é ainda tão pouco compreendido? Quais as casas de educação cujo regime e instituições, baseados na previdência esclarecida do governo e no bom senso dos pais, possam garantir a educação radical da juventude? Não se tem visto, mesmo nesta Corte, diretores dessas casas, transpondo todas as metas de seus deveres, profanarem o mais sagrado princípio do magistério, sem que de tão criminosa conduta lhes provenha nenhum prejuízo mais que o de verem eliminado o nome de um ou outro aluno do livro de sua receita?¹⁹⁶

É importante considerar que a escrita de Nísia Floresta e a sua avaliação sobre o ensino de meninas no Brasil é atravessado pelos seus interesses pessoais e profissionais. Demonstrando preocupação com o futuro das meninas e, conseqüentemente, do país, a educadora se empenha em oferecer um ensino de qualidade e em promover o pensamento de que era indispensável

¹⁹⁴ FLORESTA, 1853, p. 58.

¹⁹⁵ ASPHE; RHE, 2012.

¹⁹⁶ FLORESTA, 1853, p. 79-80.

reformatar a educação feminina. No entanto, suas afirmações não são emitidas apenas como escritora, mas, principalmente, como diretora de uma instituição de ensino, preocupada, também, com os seus concorrentes. Dessa maneira, suas críticas apresentam certa ambiguidade, pois se referem a realidade por ela experienciada, enquanto funcionam como instrumento para enaltecer a si e, conseqüentemente, suscitar questionamentos acerca da idoneidade de seus concorrentes.

A escritora direciona suas críticas ao governo e inclui os estrangeiros, que ocupavam a posição de educadores sem serem aptos para a atividade:

Nenhuma lei geral tendente à investigação dos colégios particulares foi ainda promulgada pelo governo, nenhuma medida tomada para que o ensino da nossa mocidade seja convenientemente dirigido. [...] À parte as devidas exceções, as nossas casas de educação são dirigidas por pessoas sem a aptitude necessária ao desempenho do mais melindroso emprego entre os povos civilizados. Muitas dessas pessoas aportam às nossas praias com o fim de especularem no comércio. Vendo depois frustrados os seus planos de interesse nessa carreira, lançam mão do ensino, e ei-los metamorfoseados, de negociantes e até mesmo de artesãos, em preceptores da mocidade brasileira [...] ¹⁹⁷.

Considerando que a publicação de *Opúsculo humanitário*¹⁹⁸ ocorreu em 1853, é notória a cobrança de Nísia Floresta por leis gerais que regulamentassem o funcionamento de colégios particulares, uma vez que isso é um indício da pouca importância dada pelas autoridades à educação da mocidade na primeira metade do século XIX. Além disso, a crítica direcionada aos estrangeiros, classificando-os como comerciantes, e não como educadores, também deve ser encarada de maneira ambígua: é, ao mesmo tempo, uma observação sobre o contexto educacional brasileiro, e um ataque aos seus adversários.

Os anos de funcionamento do Colégio Augusto podem atestar o prestígio que angariou no período em que permaneceu ativo. Os anúncios da instituição eram feitos regularmente desde a sua fundação, em 1838¹⁹⁹. O último localizado data de 1856²⁰⁰, indicando, pelo menos, 18 anos de atividades. O colégio também utilizava os jornais para fazer conhecer as alunas que se

¹⁹⁷ FLORESTA, 1853, p. 80-81.

¹⁹⁸ FLORESTA, 1853.

¹⁹⁹ COLÉGIO para meninas. *Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte da Província do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1848. p. 272.; COLÉGIO para meninas. *Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte da Província do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1849. p. 56.

²⁰⁰ “Colégio Augusto. Travessa do Paço, n. 23. As aulas começam dia 8 do corrente, e a diretora se desvelará em que suas alunas se adiantem, apresentando um resultado feliz dos esforços que lhe emprega na sua educação e instrução”. COLÉGIO AUGUSTO. *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro, ano 13, n. 5, p. 3, 5 jan. 1856.

destacavam nos exames, assim como outras instituições da época, conforme publicado no *Jornal do Comércio*:

Nos dias 19 e 20, achando-se presentes como examinadores o Revm. cônego reitor Manoel Joaquim da Silveira, e os Srs. Professores Maximiano Marques de Carvalho e Daniel de Barros, procedeu-se a exames e foram premiadas as seguintes colegiais:

Em francês e geografia: Nísia da Silva Brandão, obtendo como principal prêmio uma medalha de ouro, em que se lê ‘prêmio a mérito’ –, e a firma da diretora. Maria Hermilla Soares da Câmara, obtendo uma medalha de ouro, porém menor, com a mesma legenda e firma. Mariana Amália de Carvalho, o mesmo prêmio. Francisca Emília Soares da Câmara, uma obra intitulada – *Conselhos à minha filha* – com o retrato da autora [...] ²⁰¹.

Entre a premiação, destaca-se o livreto publicado por Nísia Floresta. Além de *Conselhos à minha filha*, outros textos foram publicados através do Colégio Augusto: *Daciz ou a jovem completa* (1847), *Fany ou o modelo das donzelas* (1847) ²⁰² e o *Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta* (1847) ²⁰³, proferido no encerramento de suas atividades, foram disponibilizados para a venda a quem manifestasse interesse.

A edição e a comercialização de materiais autorais utilizados no contexto escolar são indicativos da influência que Nísia Floresta possuía. O registro do seu retorno ao Brasil em 1852, após um período vivido na Europa, também aponta para a sua relevância no cenário educacional brasileiro. No *Diário do Rio de Janeiro*, lê-se:

Chegou a esta Corte, regressando de suas viagens instrutivas, a Ilm.^a Sra. D. Nísia F. Augusta, ilustre diretora do antigo Colégio Augusto. Esta distinta Sra. tem, além de uma muito sólida instrução, o amor de fazer pelo Brasil alguma coisa, com o contingente de seu variado saber. As mulheres do seu gênero são raras, e por isso não podemos deixar de erguer um brado a seu favor para que se realize a empresa que tem premeditado. [...] A Sra. Nísia além das qualidades que apontamos, possui o grande segredo de se fazer amada por suas alunas, e servir-lhes de mãe, de mãe carinhosa e instruída, que aproveitando as horas não cessa de dar a par do carinho a instrução verdadeira. Esperamos dos nossos compatriotas, que não deixem de tomar em consideração nossos conselhos conscienciosos; e o Rio de Janeiro terá então, só um excelente estabelecimento guiado por uma mãe instruída, capaz de formar futuras mulheres, dignas de alto apreço ²⁰⁴.

A publicação enaltece o grau de instrução de Nísia Floresta e reconhece seus esforços em prol da educação feminina no Brasil. Ademais, a relação entre a educadora e suas alunas é

²⁰¹ COLÉGIO AUGUSTO. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 23, n. 342, p. 3, 26, 27 dez. 1843.

²⁰² FLORESTA, Nísia. *Fany ou O modelo das donzelas*. Rio de Janeiro: Edição do Colégio Augusto, 1847.

²⁰³ FLORESTA, Nísia. *Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta*. Rio de Janeiro: Tipografia de F. de Paula Brito, 1847. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=DrlGAQAAMAAJ&hl=pt>. Acesso em: 23 out. 2025.

²⁰⁴ PUBLICAÇÕES a pedido. *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, ano 31, n. 8917, p. 3, 17 fev. 1852.

elogiada, apontando-a como uma diretora amada, que tratava seu público com carinho maternal. Nesse contexto, os jornais são fontes relevantes para o entendimento das tramas sociais que envolviam diferentes atores, evidenciando desdobramentos que impactavam na vida particular e pública de Nísia Floresta.

Utilizados como meio de comunicação entre a escritora/educadora e os seus leitores/clientes, os jornais mostram como essa relação se dava entre tensões e harmonia, bem como a importância da palavra escrita para a construção, ou destruição, de reputações. Assim, ela faz uso da imprensa para catalisar a imagem de si que pretender tornar conhecida para o público e suprimir as vozes adversárias.

Outro exemplo da presença de Nísia Floresta e do Colégio Augusto nos jornais, é o informe da participação de suas educandas na festa de primeira comunhão promovida pela Sociedade Paternal, “instalada no Rio de Janeiro sob auspícios de S.M.I.”²⁰⁵. Na publicação do *Jornal do Comércio* consta que:

[...] No dia seguinte procedeu-se com a maior ordem possível a distribuição de prêmios conferidos àquelas que se haviam distinguido em exercícios. As diretoras concorreram foram Mme. Delamar, apresentando três jovens; D. Joaquina Jardineira, apresentando duas; Mme. de Gellns, dez; D. Nísia Floresta Augusta, vinte e duas; e Mme. Auchois, doze. A estas interessantes senhoras, auxiliadas pelo zelo eminentemente cristão do Revmo. Sr. Fournier, e piedade dos ilustres diretores da Sociedade Paternal, deram os pais sisudos, e que verdadeiramente se interessam por seus filhos, tributar sinceros louvores, mostrando-se lhes cordialmente agradecidos²⁰⁶.

Comparativamente, o colégio dirigido por Nísia Floresta apresentou o maior número de educandas premiadas na ocasião mencionada. Tais informações ajudam a compor uma noção acerca da importância e prestígio que a referida diretora possuía no cenário educacional da Corte. Ela comenta os anos em que esteve à frente da instituição em terceira pessoa, em *Opúsculo humanitário*:

Conhecemos outrora uma diretora que, não querendo fazer conhecido por fúteis exteriores o seu gosto pelo magistério, grandes dificuldades teve a superar para colocar-se, como depois se achou, à frente de um dos mais frequentados estabelecimentos dessa Corte. Impelida então pelo desejo de acelerar os progressos de suas alunas, ela fixou um certo número, não admitindo outras sem vagar algum dos lugares preenchidos. Este procedimento admirava em extremo a todos de quem era conhecido, pois não se compreende que no magistério deve haver algum interesse mais nobre que o do miserável ganho pecuniário, interesse colocado pelos verdadeiros amigos

²⁰⁵ UM PAI AGRADECIDO. Correspondências. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, n. 86, p. 1, 29 mar. 1843.

²⁰⁶ UM PAI AGRADECIDO, 29 mar. 1843, p. 1.

da educação da mocidade à frente de todas e quaisquer outras considerações²⁰⁷.

Nísia Floresta informa que enfrentou dificuldades até atingir estabilidade como diretora do Colégio Augusto, e que superando esses momentos, a instituição tornou-se uma das mais frequentadas da Corte. A limitação do número de alunas era um diferencial do colégio em relação aos demais, tendo em vista que “o geral dos pais avalia quase sempre da excelência do estabelecimento onde manda educar suas filhas, pelo grande número de alunas que contém”²⁰⁸. Ao limitar a quantidade de educandas, Nísia Floresta renunciava ao lucro que poderia alcançar com o magistério e preocupava-se com a qualidade do ensino oferecido.

Fazendo uso da escrita para formatar uma imagem de si mesma, Nísia Floresta exalta sua atuação como educadora. É difícil precisar se a educadora precede a escritora, considerando que sua experiência como preceptora do irmão e diretora do Colégio Augusto teve impacto no conjunto de sua obra. Contrariando as expectativas sob as quais viviam as mulheres de seu tempo, é reconhecida pela instrução que possui e que oferece às suas educandas e, utilizando a escrita, ultrapassa os limites de seu país, tornando-se conhecida no além-mar. Sendo assim, interessa conhecer de que forma Nísia Floresta utilizou a escrita para defender a causa da educação feminina nos Oitocentos, suas impressões sobre as mulheres brasileiras e o futuro que almejava para elas.

2.2 “Educai as mulheres”²⁰⁹: o brado de Nísia Floresta pela educação feminina

A fundação do Colégio Augusto e a vivência de Nísia Floresta como diretora da instituição repercutiram diretamente em sua escrita. Sua trajetória em defesa da educação feminina inaugurada com a publicação de *Direito das mulheres e injustiça dos homens* se consolida com a publicação dos demais títulos no decorrer de sua vida. Recorrentemente, reforça a importância de proporcionar às mulheres uma educação que as prepare para sua verdadeira missão: atuar em prol do progresso da humanidade.

Sendo assim, é relevante para a compreensão de seu projeto analisar a obra que condensa suas principais análises e considerações acerca da educação, especialmente a dispensada às mulheres: *Opúsculo humanitário*, publicado em 1853. Composto de 62 artigos, sendo os vinte

²⁰⁷ FLORESTA, 1853, p. 94.

²⁰⁸ FLORESTA, 1853, p. 93.

²⁰⁹ FLORESTA, 1853, p. 3.

primeiros publicados primeiramente no *Diário do Rio de Janeiro*²¹⁰, o *Opúsculo* é analisado a partir do seu contexto de produção, destacando-se a discussão a respeito da educação feminina no período.

Lúcio destaca o crescimento do espaço para educadoras no Rio de Janeiro, especialmente a partir de 1830, com o aparecimento de diversas escolas para meninas, parte considerável sendo dirigidas por estrangeiros. No entanto, esse espaço não existia para mulheres escritoras, que encontravam empecilhos para participar das atividades culturais e literárias da Corte. Diferentemente de Paris e os seus salões que aceitavam a participação feminina, no Brasil, as discussões literárias ocorriam em grêmios e seletas academias de poetas e filósofos no período colonial, e passaram às livrarias no início do século, como a de Evaristo Veiga e Paula Brito²¹¹.

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) também funcionava como espaço para promover iniciativas científicas e culturais. No entanto, não havia abertura para a inclusão de mulheres. Joaquim de Souza Silva²¹² apresentou ao IHGB a proposta para a admissão de Beatriz Brandão (1779-1868)²¹³, visando incentivar e estimular a escrita feminina. No entanto, a comissão, formada por Joaquim Manoel de Macedo e Gonçalves Dias, negou o pedido, alegando que a poetisa deveria ser admitida por uma sociedade literária, inexistente naquele período. Como aponta Lúcio, a preocupação de Silva em incluir as mulheres no cenário intelectual brasileiro indica que educação feminina passou a integrar projetos para o Brasil e a criação de uma nação²¹⁴.

Considerando que a educação era o caminho para a criação de um tipo adequado de mulher para que se alcançasse a sociedade desejada, era necessário substituir o tipo feminino criado pelos relatos de viajantes no Brasil, ou seja, uma mulher cercada por escravos, analfabeta, indolente²¹⁵, imagem criticada severamente por Nísia Floresta em seus escritos. A

²¹⁰ A publicação ocorria na seção Variedades. A primeira foi: FLORESTA, Nísia. Opúsculo Humanitário. *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, ano 32, n. 107, p. 1, 20 abr. 1853.

²¹¹ LÚCIO, 1999.

²¹² Nascido em 6 de junho de 1820, no Rio de Janeiro. Escritor com uma bibliografia de cerca de 80 obras, incluindo prefácios, ensaios e estudos literários, administração pública, dentre outros. Faleceu em Niterói, em 14 de maio de 1891. Cf.: BIBLIOTECA NACIONAL. Biblioteca Nacional Digital. *Joaquim Norberto de Souza*. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/joaquim-norberto-de-souza>. Acesso em: 1 ago. 2025.

²¹³ Beatriz Francisca de Assis Brandão foi poeta e educadora brasileira. Nasceu em Vila Rica, Minas Gerais. Escreveu cerca de 500 páginas de poesia, atualmente pouco conhecidas. Faleceu no Rio de Janeiro. Cf.: PEREIRA, Cláudia Gomes. A poesia esquecida de Beatriz Brandão (1779-1868). *Navegações*, v. 3, n. 1, 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/navegacoes/article/view/7182>. Acesso em: 18 nov. 2025.

²¹⁴ LÚCIO, 1999.

²¹⁵ LÚCIO, 1999.

literatura do período contribui para a construção de um perfil ideal de mulher educada, como nos romances de Joaquim Manuel de Macedo, Machado de Assis e José de Alencar. Ponto em comum entre os poucos projetos voltados para a educação feminina, era o reconhecimento de sua relevância para a formação dos homens da pátria, difundido no Ocidente no século XIX²¹⁶.

A associação entre a educação feminina e a maternidade proporcionou o acesso das mulheres a conhecimentos que antes lhes eram negados. No entanto, o ensino era voltado para o espaço doméstico, logo, as leituras eram direcionadas para atingir essa finalidade, e aquelas que tinham o desejo de escrever, deveriam se limitar aos gêneros ligados a esse domínio, como livros para crianças, didáticos, moralistas e exemplares²¹⁷, que representam a maior parte da produção de Nísia Floresta. Lúcio acrescenta:

Na esteira desta sistematização surgiram outras questões levantadas pelos movimentos feministas na Europa a partir de 1830. Estes movimentos consideraram que a valorização da maternidade possibilitara um reconhecimento da capacidade intelectual da mulher, e dava à função doméstica uma importância de ordem social. A partir daí, reivindicaram uma educação sólida, que proporcionasse, inclusive para as mulheres solteiras, um meio de enfrentar a realidade. Trouxeram para a discussão os casamentos de conveniência, tema de *Indiana*, 1832, o primeiro romance de George Sand, repetido por muitos escritores entre eles Gonçalves de Magalhães na novela *Amância*, 1846, e Nísia no texto *Daciz, ou a jovem completa*, 1847²¹⁸.

Inserida nos debates sobre a educação feminina e as funções sociais das mulheres, Nísia Floresta escreveu *Opúsculo humanitário*. O livro foi dedicado ao irmão, Joaquim Pinto Brasil, “cujo espírito superior distingue, aquilata e deplora os erros que por aí se preconizam”²¹⁹ e que “continua enérgico e perseverante na onerosa e nobre carreira que ambos encetamos lá desde o albor da juventude”²²⁰. Sua escolha justifica-se, portanto, pelo interesse, compartilhado entre eles, pela educação da mocidade. No entanto, a principal razão para essa dedicatória é, ainda, o fato de Joaquim ser pai. Assim, na figura do irmão, a escritora esperava atingir a consciência dos pais de meninas leitores da obra.

Nos primeiros dezesseis capítulos, a escritora explana o lugar ocupado pela educação das mulheres em diferentes sociedades do passado e do presente, como Ásia, Egito, Grécia, Roma, Alemanha, França e Inglaterra. Nesse primeiro momento, evidencia seus conhecimentos em História Universal e o contato com a produção de escritores e intelectuais de diferentes

²¹⁶ LÚCIO, 1999.

²¹⁷ LÚCIO, 1999.

²¹⁸ LÚCIO, 1999, p. XLV.

²¹⁹ FLORESTA, 1853, p. 1.

²²⁰ FLORESTA, 1853, p. 1.

locais, como Madame de Staël, Montesquieu, Jean-Jacques Rousseau, Condorcet, François-René de Chateaubriand, dentre outros.

Nísia Floresta estabelece uma escala de análise que parte de tempos e espaços distantes até finalmente se dedicar ao caso da educação feminina no Brasil. Seu *Opúsculo* estava inserido nas discussões a respeito do lugar que as mulheres ocupavam em suas respectivas sociedades e o tratamento dispensado à sua educação. Essa tendência integrava a busca pela melhoria e progresso das nações.

Textos com temática semelhante eram publicados em jornais do período, incluindo artigos nacionais e traduções estrangeiras, como por exemplo, o intitulado Da independência política e social das mulheres, nos tempos antigos e modernos; de sua educação, e de algumas obras mais recentes a este respeito, escritas por mulheres²²¹. A publicação se deu no *Ostensor Brasileiro*²²² em 1845, nos números 32 a 36.

No referido texto, afirma-se que “os reformadores dos últimos tempos e de todos os países têm deplorado a situação das mulheres”, no entanto, “já não se contentam de reclamar para o sexo fraco uma parte igual nos direitos e deveres da sociedade atual. Pretendem levar-nos a uma idade de ouro fabulosa”. Sendo assim, de acordo com esses filósofos reformadores, é preciso remontar às “épocas primitivas para achar o desenvolvimento livre da alma e da vontade femininas”. O autor do artigo propõe, então, estudar os “tempos passados e primitivos” a fim de verificar “até que ponto é verdade que o cristianismo tenha comprimido as faculdades nativas da mulher, e deteriorado a sua sorte”²²³.

Seguindo sua argumentação, apresenta as mulheres gregas na concepção de Homero, Sólon, Péricles, Demóstenes, Platão, entre outros. Trata também da mulher em Roma²²⁴, no Oriente Médio, na Turquia, Pérsia, entre os mulçumanos, na China, Inglaterra e França²²⁵ no passado²²⁶. E acrescenta que:

²²¹ REVUE BRITANNIQUE [Traduzido por M.]. Da independência política e social das mulheres (...). *Ostensor Brasileiro*. Rio de Janeiro, n. 32, p. 249-251, 1845a. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=700100x&pasta=ano%20184&pesq=&pagfis=282>. Acesso em: 14 nov. 2025.

²²² Circulou em 1845 no Rio de Janeiro. Criado e dirigido por Vicente Pereira de Carvalho Guimarães, poeta e romancista português, e por João José Moreira. Cf.: BRASIL, Bruno. *Ostensor Brasileiro. Biblioteca Nacional Digital*. 6 abr. 2015. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/ostensor-brasileiro-jornal-litterario-e-pictoreal/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

²²³ REVUE BRITANNIQUE [Traduzido por M.], 1845a, p. 249.

²²⁴ REVUE BRITANNIQUE [Traduzido por M.], 1845a, p. 249-251.

²²⁵ REVUE BRITANNIQUE [Traduzido por M.]. Da independência política e social das mulheres (...). *Ostensor Brasileiro*. Rio de Janeiro, n. 33, p. 257-258, 1845b. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=700100x&pasta=ano%20184&pesq=&pagfis=291>. Acesso em: 14 nov. 2025.

²²⁶ REVUE BRITANNIQUE [Traduzido por M.], 1845b, p. 257-258.

Um problema mais curioso de resolver que todos aqueles com que as academias da Europa embaraçam os sus concursos, seria este: ‘Qual a razão porque os países em que a mulher sofre o tratamento mais bárbaro e desprezível, são precisamente aqueles cujos habitantes têm o mais decidido gosto pelos prazeres sensuais?’. E porque a sensualidade é em si mesma feroz, é porque ceder ao instinto dos sentidos, consultar somente os sentidos, não ver na mulher senão um instrumento de prazer, um ludíbrio de fantasia, e um meio de fecundação humana, é dar superioridade à parte brutal da existência, sobre sua parte intelectual [...]. Portanto, é o cristianismo, essencialmente espiritualista, quem protege as mulheres; e todas as vezes que for atacado o cristianismo, podemos estar certos que serão elas embrutecidas e sacrificadas pela sociedade que sofrer esse ataque²²⁷.

A visão de que o cristianismo é essencial no processo de valorização das funções sociais femininas está presente na escrita de Nísia Floresta. Mesmo reconhecendo a grandiosidade dos babilônios, afirma que permaneceram na ignorância, pois negaram a emancipação da mulher, “não conforme o filosofismo dos socialistas, mas como a compreendeu a sabedoria Divina, elevando até a si a mulher, quando encarou em seu seio o Redentor do mundo”²²⁸.

No número 34²²⁹ do *Ostensor Brasileiro*, a continuação do texto ressalta o exemplo de mulheres que invalidam os argumentos contrários à emancipação social feminina, uma vez que “o sexo mais fraco já começa a achar-se em estado de advogar energeticamente na polêmica a sua causa”²³⁰. Entre as personalidades femininas, destaca:

A França, que perdeu madame de Staël, tem a sua *mistress* Wollstonecraft nessa eloquente sofista chamada entre os homens de George Sand; e entre as mulheres, madame Dudevant; a Alemanha via o seu mais belo gênio humilhar-se aos pés de Betinna Von Armin; a Itália pôde ensoberbecer-se com a posse da condessa Anna Pepoli; e em Inglaterra, sem falar de miss Martineau, reformadora e economista até em seus romances²³¹.

Em seguida, destaca-se obras escritas por mulheres, consideradas relevantes para a causa proposta: *A mulher considerada em seu caráter social e doméstico* e *A mulher na sua perfeição*, de Sandford; *A educação das mães de família*, por M. Aimé Martin; *A mulher e seu senhor*, de lady Morgan, *A mulher em Inglaterra, seus deveres sociais e sua vida doméstica*, por *mistress* Ellis²³². Sobre a última, afirma também preferir uma educação simples em detrimento dos “exercícios demasiado sublimes, a que algumas vezes são sujeitas as

²²⁷ REVUE BRITANNIQUE [Traduzido por M.], 1845b, p. 258.

²²⁸ FLORESTA, 1853, p. 14.

²²⁹ REVUE BRITANNIQUE [Traduzido por M.]. Da independência política e social das mulheres (...). *Ostensor Brasileiro*. Rio de Janeiro, n. 34, p. 265-267, 1845c. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=700100x&pasta=ano%20184&pesq=&pagfis=300>. Acesso em: 14 nov. 2025.

²³⁰ REVUE BRITANNIQUE [Traduzido por M.], 1845c, p. 265.

²³¹ REVUE BRITANNIQUE [Traduzido por M.], 1845c, p. 265.

²³² REVUE BRITANNIQUE [Traduzido por M.], 1845c, p. 265.

inteligências juvenis; não é partidária dessas educações de estufa que produzem aqui e ali alguns fenômenos, mas que desnaturam o caráter da mulher”²³³.

As escritoras elogiadas estavam alinhadas à ideia de que a mulher não deveria ser instruída de maneira semelhante aos homens, mas educada para desempenhar as funções sociais que dela eram esperadas. Quem propunha o contrário ameaçava o caráter da mulher. Nísia Floresta pertencia a esse grupo, pois entendia que “jamais a instrução da mulher pode ser prejudicial, quando tem por base uma bem dirigida educação. E se esta regra apresenta exceção, como naturalmente deve, é ela tão diminuta que escapa à generalidade”²³⁴.

Nísia Floresta diferencia educação e instrução, considerando que era comum o pensamento de que a mulher deveria ser educada, mas não instruída. Essa diferenciação era compartilhada por seus contemporâneos, que entendiam a educação como uma formação de aptidões, enquanto a instrução era voltada para obtenção de conhecimento. Como as mulheres eram preparadas para as funções que desempenhariam na vida adulta, a instrução recebida era diminuta comparada à destinada aos homens²³⁵.

Em termos de conclusão, o autor do artigo Da independência política e social das mulheres, afirma:

Um corolário destas observações fundadas no estudo da história, é que quando mais severos são os costumes de um povo, mais as mulheres são felizes e respeitadas. Desse respeito consagrado à mulher, em compensação e como prêmio da castidade e dos deveres que lhe impõem a sociedade, nascem o respeito e o amor da família, primeiro centro do grupo social. Esta cadeia de virtudes fáceis e austeras assegura a estabilidade e grandeza das monarquias e das repúblicas²³⁶.

Nísia Floresta utiliza recurso semelhante em seu *Opúsculo*, porém, com uma finalidade diferente, o que denota que seu trabalho estava alinhado para além das fronteiras do Brasil. Na primeira parte de sua obra, recorre à história, partindo do passado para o presente e analisando diferentes sociedades com o objetivo de “demonstrar a influência que tem a educação das mulheres sobre a moralidade e civilização dos povos”²³⁷, pois considera que “em todos os

²³³ REVUE BRITANNIQUE [Traduzido por M.], 1845c, p. 265.

²³⁴ FLORESTA, 1853, p. 35.

²³⁵ SILVA, Maria Beatriz Nizza da. Educação feminina e educação masculina no Brasil colonial. *Revista de História*, v. 55, n. 109, p. 149-164, 1977. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.1977.77331. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/77331>. Acesso em: 6 nov. 2023.

²³⁶ REVUE BRITANNIQUE [Traduzido por M.]. Da independência política e social das mulheres (...). *Ostensor Brasileiro*. Rio de Janeiro, n. 36, p. 282, 1845d. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=700100x&pasta=ano%20184&pesq=&pagfis=318>. Acesso em: 14 nov. 2025.

²³⁷ FLORESTA, 1853, p. 18.

tempos, e em todas as nações do mundo, a educação da mulher foi sempre um dos mais salientes característicos da civilização dos povos”²³⁸.

De acordo com Ana Cristina Pereira Lima, a maioria das argumentações em defesa da educação feminina na metade dos Oitocentos partia da ideia de civilidade. Acreditava-se ser necessário reduzir o número de analfabetos e ensinar novas maneiras de agir para a população para atingir a melhoria da nação. Assim, a educação de mulheres tornou-se uma necessidade, e visava atender ao desempenho de seus papéis sociais, especialmente à função de mãe²³⁹.

Partindo do sentimento generalizado de que os Oitocentos representavam para a sociedade burguesa o ápice da civilização, consolidava-se, ainda que por motivos diversos, a percepção de que não era aceitável que metade da população permanecesse em uma condição de inferioridade diante da outra, que concentrava os privilégios e poderes. Aos poucos, por conseguinte, formava-se quase um consenso, visível nas opiniões divulgadas através dos jornais, de que o progresso de uma sociedade dependia, também, do investimento na educação feminina e da preparação da mulher para participar dos avanços técnicos e científicos ao lado dos homens²⁴⁰.

Historicamente, a educação feminina foi moldada por uma perspectiva romântica que focava a religião e a moralidade e tinha como principal propósito preparar as mulheres para os papéis de mãe e esposa, logo, não para o desenvolvimento intelectual, que era reservado aos homens. O ensino primário e habilidades manuais eram considerados suficientes, com acesso restrito ao ensino secundário e superior. Enquanto as mulheres abastadas eram educadas em casa por preceptoras, as demais raramente frequentavam as escolas públicas, permanecendo como suas antepassadas²⁴¹.

Diante disso, a luta pela educação feminina teve adesão de mulheres que superaram os preconceitos e se destacaram na sociedade, assim como Nísia Floresta. Elas objetivavam estender os benefícios da instrução e do autoconhecimento para outras mulheres. Ao mesmo tempo, homens, incluindo filósofos, moralistas, jornalistas, políticos e médicos, apoiavam a causa, reconhecendo a necessidade de conferir maior dignidade às mulheres na sociedade²⁴².

²³⁸ FLORESTA, 1853, p. 3.

²³⁹ LIMA, Ana Cristina Pereira. Irmãs vicentinas e profissionalização feminina no século XIX em Fortaleza (CE). *Hist. R.*, Goiânia, v. 25, n. 2, p. 309-330, mai./ago. 2020.

²⁴⁰ DUARTE, Constância Lima. A ficção didática de Nísia Floresta. In: LOPES, Eliane Marta Texeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (org.). *500 anos de educação no Brasil*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 291-324.

²⁴¹ DUARTE, 2000.

²⁴² DUARTE, 2000.

Entretanto, os ideólogos do patriarcado, com sua habitual astúcia, apropriaram-se das demandas femininas e redefiniram os comportamentos, direitos e deveres das mulheres conforme os seus interesses. O novo papel da mulher foi centrado na supervalorização das figuras de esposa e mãe, elevadas à categoria de “santas” e “guardiãs privilegiadas da família”. A menina era valorizada apenas como futura esposa e mãe, assimilando os comportamentos esperados²⁴³.

Nísia Floresta, por sua vez, defende a educação feminina como “barômetro que indica os progressos de sua civilização”²⁴⁴. Para defender seu ponto de vista, destaca o exemplo dos alemães, que:

[...] mais entusiásticos que fanáticos, mais pensadores que galantes, concederam à mulher privilégios reais, baseados na educação sólida desse povo por demais profundo e morigerado, para compreender toda a importância da mãe de famílias, da matrona esclarecida edificando os filhos e o sexo com exemplos de uma sã moral, derramando em torno deles as luzes de um espírito reto e superior, os efeitos de um coração bem formado e generoso²⁴⁵.

Se “a mulher germânica teve sempre grandes vantagens sobre as mulheres antigas e modernas”²⁴⁶, ela é a exceção em relação aos casos citados anteriormente pela escritora. Na Ásia, por exemplo, a mulher “foi sempre considerada como um instrumento do prazer material do homem, ou como sua mais submissa escrava”²⁴⁷.

Seguindo sua exposição, Nísia Floresta destaca, ainda, a mulher inglesa como modelo a ser seguido, visto que possuía “quase logo ao sair do berço, a consciência de sua própria dignidade, ela compreende muito cedo a nobreza do sexo a que pertence e a importância do cumprimento de seus deveres”²⁴⁸. A escritora defende que: “da mesma sorte que a Inglaterra é o modelo da religião, do comércio e da liberdade, as suas mulheres o são das virtudes domésticas e da nobre altivez de seu sexo”²⁴⁹.

Fazendo uso da comparação como recurso argumentativo, a escritora opõe a mulher inglesa à mulher francesa, enaltecendo a primeira:

A donzela e a esposa representam, em França e Inglaterra, um papel diametralmente oposto no seu respectivo estado, e é ainda só à educação eminentemente religiosa da mocidade inglesa, que se deve atribuir essa grande diferença. Além disso, o espírito do galanteio que caracteriza os homens da primeira nação, sendo estranho aos da segunda, as mulheres inglesas têm a

²⁴³ DUARTE, 2000.

²⁴⁴ FLORESTA, 1853, p. 12.

²⁴⁵ FLORESTA, 1853, p. 16.

²⁴⁶ FLORESTA, 1853, p. 18.

²⁴⁷ FLORESTA, 1853, p. 4.

²⁴⁸ FLORESTA, 1853, p. 22.

²⁴⁹ FLORESTA, 1853, p. 24.

vantagem de respirar desde os seus primeiros anos na atmosfera da sinceridade, que com o sentimento de independência forma o principal caráter de sua nação²⁵⁰.

Nísia Floresta destaca o nome de algumas mulheres escritoras inglesas: Elizabeth Inchbald (1753-1821), Maria Edgeworth (1768-1849), Jane Austen (1775-1817), Elizabeth Hamilton (1756-1816) e Hannah More (1745-1833). Quanto às francesas, menciona Mme. de Staël (1766-1817) e George Sand (1804-1876), “de condições e caracteres diferentes, chegaram ambas por diversos caminhos ao pináculo da glória literária”²⁵¹. Ao citá-las, a brasileira indica ser leitora de suas obras²⁵².

Antes de se debruçar sobre a educação das mulheres no Brasil, Nísia Floresta cita, também o caso dos Estados Unidos, onde “dão à mulher uma situação intermédia, na qual ela goza das vantagens da educação que herdou da metrópole, sem imitar os costumes aristocráticos da Europa”²⁵³. A escritora citada como exemplo da potencialidade da educação da mulher americana é Harriet Elizabeth Beecher Stowe (1811-1896). A referência a essas escritoras é o endosso do argumento de que uma mulher educada e instruída corretamente seria capaz de produzir bons frutos e servir à humanidade.

Utilizando a comparação como recurso para despertar pensamento crítico do leitor, Nísia Floresta conduz suas análises ao Brasil, construindo seus argumentos em torno da necessidade e importância de oferecer uma educação adequada às mulheres brasileiras. A escritora afirma que “é quase sempre da educação que nascem os desvarios, os erros, alguma vez os crimes, que ofuscam as qualidades do espírito, mancham a vida da mulher e a tornam bem vezes infeliz, ainda que rodeada da fascinadora auréola da fortuna”²⁵⁴.

Compreendendo assim o perigo de uma educação feminina mal dirigida, a escritora questiona: “Povos do Brasil, que vos dizeis civilizados! Governo, que vos dizeis liberal! Onde está a doação mais importante dessa civilização, desse liberalismo?”²⁵⁵. De acordo com ela,

²⁵⁰ FLORESTA, 1853, p. 23-24.

²⁵¹ FLORESTA, 1853, p. 31.

²⁵² Em 1859, no *Jornal de Recife*, Nísia Floresta tem o nome citado junto ao de outras escritoras como exemplo da potencialidade intelectual feminina: “Eu compreendo belamente que a mulher é capaz de manejar a pena tão bem, senão melhor, do que o homem. A fogosa George Sand [...] é um valente escritor que sempre há de ser lido. Aspásia, a libertina, dando lições ao grande filósofo; Mme. de Sevigné nas suas cartas, em que os esgravatadores dos críticos têm descoberto erros de gramática; Mme. de Girardin, que até foi folhetinista, classe de escritores a mais masculina possível; a sentimentalíssima Anais Segalas; a nossa ilustre patricia B. A., autora do *Opúsculo humanitário*, etc., etc., etc., são provas mais que palpitantes da aptidão da mulher para as letras”. CALASANS. Cinco minutos. *Jornal do Recife*. Recife, n. 25, v. 1, p. 198, 18 jun. 1859.

²⁵³ FLORESTA, 1853, p. 37.

²⁵⁴ FLORESTA, 1853, p. 32.

²⁵⁵ FLORESTA, 1853, p. 3.

“nada, porém, ou quase nada temos visto fazer-se para remover os obstáculos que retardam os progressos da educação das nossas mulheres”²⁵⁶.

Nísia Floresta se dispõe a demonstrar como o governo e os homens do Brasil tem tratado a educação feminina, propondo uma análise franca e imparcial da educação da mulher brasileira, com o objetivo de “excitar, com o nosso exemplo, penas mais hábeis que a nossa a escreverem sobre um assunto que infelizmente tão desprezado tem sido entre nós”²⁵⁷.

Não é prudente, no entanto, deixar-se convencer pela modéstia da escritora ao externar o propósito de seu *Opúsculo*. É provável que Nísia Floresta tenha feito uso do tom moderado para alcançar um número maior de interlocutores, assim como sua análise está distante de ser neutra ou desprovida de interesse, como fica evidente no decorrer de sua escrita. Apesar disso, esclarece:

Não nos embala a vã pretensão de operar uma reforma no espírito de nosso país; por demais sabemos que muitos anos, séculos talvez, serão precisos para desarraigar herdados preconceitos, a fim de que uma tal metamorfose se opere. Esperamos somente que os zelosos operários do grande edifício da civilização, em nossa terra, atentem para os exemplos que a história apresenta, do quanto é essencial aos povos, para firmarem a sua verdadeira felicidade, o associarem a mulher a esse importante trabalho²⁵⁸.

Embora afirme que não ambiciona uma mudança efetiva e rápida no que diz respeito ao lugar ocupado pela mulher no Brasil, a escritora convida seus leitores a refletirem acerca dos exemplos citados em seu *Opúsculo* para que cheguem por si próprios à conclusão de que é necessário reformar a educação feminina no Brasil. Essa é, afinal, a estratégia adotada por ela: lançando a responsabilidade sobre os “zelosos operários do grande edifício da civilização, em nossa terra”, Nísia Floresta procura convencer seus interlocutores de que eles são os protagonistas nessa mudança, e não o texto por ela apresentado. Por fim, reforça a importância da mulher para a verdadeira felicidade de uma nação.

Nísia Floresta prossegue se ocupando da análise do estado da educação feminina no Brasil, observando os meios empregados para promover o seu desenvolvimento. Para isso, ela estabelece quem é a mulher brasileira que interessa às suas primeiras observações: “mulheres não indígenas, que nascem de famílias livres, ou aquelas a que a bondade dos pais resgata, na pia batismal, do triste selo da escravidão!”²⁵⁹.

²⁵⁶ FLORESTA, 1853, p. 43.

²⁵⁷ FLORESTA, 1853, p. 44.

²⁵⁸ FLORESTA, 1853, p. 45.

²⁵⁹ FLORESTA, 1853, p. 46.

A escritora defende que o Brasil herdou de Portugal o desprezo para com a educação feminina, tendo em vista que a “opinião da maioria de seu país” é de que as mulheres não devem possuir conhecimentos “além daqueles que a habilitam a ser a primeira e mais útil servente de sua casa”²⁶⁰. Apesar das limitações impostas ao seu sexo, Nísia Floresta cita Públia Hortênsia de Castro (1548-1595), que conseguiu transpor as barreiras do espaço privado e se destacou no universo das letras. Ela seria a comprovação de que as mulheres portuguesas não eram desprovidas de capacidade intelectual, mas vítimas “dos prejuízos de sua pátria” que “as restringem no acanhado círculo de errôneos preconceitos”²⁶¹.

Durante o período colonial, a educação de mulheres no Brasil permaneceu ignorada pelas autoridades. As meninas recebiam ensinamentos em escolas com estrutura precária e mal dirigidas, que chegavam a ser “perniciosas, que tendiam antes a estreitar, do que a dilatar-lhes o espírito, a viciá-lo, antes do que enobrecê-lo”²⁶². Comparando as casas de educação às penitenciárias, a escritora denunciou o uso de castigos físicos e associou esse método às torturas aplicadas pelo Santo Ofício.

De acordo com Nísia Floresta, “esta inaudita e brutal severidade era sancionada por um grande número de pais cuja educação tinha sido assim feita, e cujo rigor doméstico não era menos cruel”²⁶³. A escritora afirma que não havia academias nem escolas regulares até o princípio do século XIX, e que aqueles que tinham o interesse de obter conhecimentos eram obrigados a irem até a metrópole. Nesse sentido, era compreensível a ausência de incentivos ou recursos para oferecer instrução àquelas que desejavam “cultivar a sua inteligência”²⁶⁴.

A escritora aponta que a chegada da família real portuguesa em 1808 trouxe mudanças significativas para o Brasil, visto que “os seus portos, fechados até então ao estrangeiro lhe foram para logo franqueados, e o nome de reino substituiu depois o de colônia”²⁶⁵. Destaca que “alguns melhoramentos se operaram em diversos pontos, criaram-se tribunais, escolas, academias, etc., etc. [...], mas a educação da mulher permaneceu como nos férreos tempos coloniais”²⁶⁶.

Isto é, as meninas recebiam uma educação perniciosa ministrada por profissionais sem a devida qualificação ou recebendo lições de suas mães em suas casas. Enquanto aos homens

²⁶⁰ FLORESTA, 1853, p. 48.

²⁶¹ FLORESTA, 1853, p. 50.

²⁶² FLORESTA, 1853, p. 57.

²⁶³ FLORESTA, 1853, p. 58.

²⁶⁴ FLORESTA, 1853, p. 56.

²⁶⁵ FLORESTA, 1853, p. 67.

²⁶⁶ FLORESTA, 1853, p. 67.

era permitido viajar para Europa para expandirem seus conhecimentos, “a maior parte das brasileiras [...] não logravam a vantagem de aprender a ler!”²⁶⁷. Acreditava-se que a instrução feminina oferecia risco à honra das famílias, pois “ensinar-lhes a ler e escrever era proporcionar-lhes os meios de entreterem correspondências amorosas, e repetia-se sempre que a costura e trabalhos domésticos eram as únicas ocupações próprias da mulher”²⁶⁸.

Ao longo de três séculos da época moderna, o Ocidente passou por um longo e lento processo de transformação na maneira como a educação era concebida e praticada. Esse período é caracterizado pela substituição gradual dos antigos modos de aprendizagem por uma nova “forma escolar”. Durante esse período, ocorreu a transição de uma sociedade em que o aprendizado acontecia principalmente por impregnação cultural, ou seja, a transmissão de conhecimentos e valores era feita de modo informal e dispersa, para uma que passou a contar com um sistema mais estruturado, complexo e organizado pelo Estado²⁶⁹.

Entretanto, enquanto as transformações não eram efetivadas, diversas formas de transmissão de conhecimento coexistiram. As instituições que se dedicavam a essa tarefa possuíam métodos e objetivos independentes. A formação dos Estados nacionais no Ocidente europeu coincidiu com o movimento de secularização do ensino, e Portugal, ainda que “imerso num processo mais lento em relação à maioria dos seus vizinhos, desenvolveria também no final dos Setecentos e no início do Oitocentos uma política de consolidação de um sistema estatal de instrução”²⁷⁰.

Neste sentido, foram adotadas algumas medidas relacionadas à instrução primária para unificar o sistema, propondo a adoção de um método, definição de conteúdo de ensino, autorização ou proibição de livros, determinação de normas burocráticas às escolas, entre outros. Essas medidas tinham como objetivo homogeneizar e estatizar um sistema que até aquele momento se caracterizava pela diversidade, uma vez que o ensino da cultura letrada ocorria a partir de iniciativas diversificadas, como a família, a igreja, os preceptores particulares, as corporações profissionais e associações filantrópicas²⁷¹.

A transferência da Família Real e sua Corte acelerou um processo que já estava em curso. Havia o interesse de formar quadros profissionais que dariam suporte ao aparelho administrativo implementado, portanto, o principal investimento ocorreu no ensino superior. Por conseguinte, o ensino elementar permaneceu a cargo, quase totalmente, da esfera privada,

²⁶⁷ FLORESTA, 1853, p. 68.

²⁶⁸ FLORESTA, 1853, p. 68.

²⁶⁹ VILLELA, 2000.

²⁷⁰ VILLELA, 2000, p. 98.

²⁷¹ VILLELA, 2000.

“ou seja, por conta das famílias que, dependendo da importância e do sentido que conferiam à aquisição da cultura letrada, realizavam esforços, ou não, para enviar e manter seus membros numa ‘escola’”²⁷².

Entretanto, havia uma diversidade de formas e locais para ensinar e aprender. Nas grandes propriedades rurais, os responsáveis por ensinar os filhos de fazendeiros, agregados e, em alguns raros casos, escravizados, eram padres ligados aos engenhos. Nos meios urbanos, por sua vez, a diversificação era maior, e variava conforme as posses e o objetivo das famílias, e com as intenções das instituições que ofereciam o ensino²⁷³.

Do período colonial, foram herdadas poucas escolas régias ou cadeiras públicas de primeiras letras. Nessas escolas, os professores eram reconhecidos ou nomeados pelos órgãos de governos responsáveis pela instrução e seu funcionamento se dava em lugares improvisados, geralmente, na residência dos professores, que recebiam ajuda para o pagamento do aluguel. “Os alunos ou alunas dirigiam-se para a casa do mestre ou da mestra, e lá permaneciam por algumas horas. Não raramente o período escolar de 4 horas era dividido em duas seções: uma das 10 às 12 horas e outra das 14 às 16 horas”²⁷⁴. No entanto, conforme Luciano Mendes de Faria Filho:

[...] temos indícios de que a rede de escolarização doméstica, ou seja, de ensino e aprendizagem da leitura, da escrita e do cálculo, mas sobretudo daquela primeira, atendia a um número de pessoas bem superior ao da rede pública estatal. Essas escolas, às vezes chamadas de particulares, outras vezes de domésticas, ao que tudo indica, superavam em número, até bem avançado o século XIX, aquelas cujos professores mantinham vínculo direto com o Estado²⁷⁵.

Portanto, embora houvesse esforços do Estado para organizar e normatizar o ensino, a maior parte das instituições permaneciam fora do seu controle direto. Essas escolas funcionavam em espaços cedidos e organizados pelos pais dos alunos, e o pagamento dos professores ficava a cargo do chefe de família que o contratava. Outro modelo de educação escolar que se configura no decorrer do século XIX é aquele em que os pais se uniam para criar uma escola, contratando um professor ou professora. Nesse caso, a escola e o professor não mantinham qualquer vínculo com o Estado²⁷⁶.

²⁷² VILLELA, 2000, p. 98.

²⁷³ VILLELA, 2000.

²⁷⁴ FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane Marta Texeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (org.). *500 anos de educação no Brasil*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 144.

²⁷⁵ FARIA FILHO, 2000, p. 144-145.

²⁷⁶ FARIA FILHA, 2000.

Havia, ainda, os recolhimentos. Conforme anunciado *Gazeta do Rio de Janeiro* de 13 de novembro de 1813:

Em resolução de Consulta de 11 de outubro de 1813, foi S. A. R. servido conceder licença para a fundação de um recolhimento de educação de meninas, na vila de Santo Amaro, na capitania da Bahia, dando assim mais uma prova de sua paternal bondade e dos bons desejos, que tem de ver propagados nestes vastos estados estabelecimentos uteis, e de que tanto se precisa²⁷⁷.

Os recolhimentos eram instituições que abrigavam meninas com o objetivo de educá-las, afastando-as da família por tempo determinado. Apesar de se assemelharem aos conventos, não havia “qualquer referência a votos das recolhidas”²⁷⁸. Os conventos, por sua vez, surgiram no Brasil na segunda metade do século XVII e ensino da leitura e da escrita dividia espaço com o da música, do cantochoão, do órgão e dos trabalhos domésticos. Foram nesses espaços que as mulheres passaram a ser educadas, na ausência de um sistema formal de educação²⁷⁹.

Raramente, mulheres abastadas eram enviadas para Portugal para estudar. Arilda Inês Miranda Ribeiro destaca a trajetória de Tereza Margarida da Silva e Orta, que foi mandada para o Convento de Trinas, em Portugal, onde recebeu aulas de música, artes, poesias e noções de Astronomia. Utilizando o pseudônimo Dorothea, publicou *Aventuras de Diófanes*, que tivera quatro edições, sendo apontada como a primeira obra a compor a história da literatura colonial feminina²⁸⁰.

Utilizando como exemplo o Recolhimento de Nossa Senhora da Glória, de Pernambuco, Maria Beatriz Nizza da Silva esclarece que nesses locais a simplicidade no vestir era incentivada, bem como se evitava o contado com o mundo exterior. “As meninas eram, portanto, educadas num ambiente de clausura, de fechamento numa pequena sociedade de pessoas do seu sexo”²⁸¹.

As meninas recolhidas poderiam ser pobres ou enviadas por sua respectiva família, responsável pelo custeio de sua permanência na instituição. No caso do Recolhimento de Nossa Senhora da Glória, citado por Silva, as primeiras deveriam atender a alguns requisitos, como serem filhas de pais brancos e casados, ter sete anos de idade e não possuírem nenhuma doença prévia ou contagiosa, serem naturais do bispado, órfãs ao menos de pais e “verdadeiramente pobres”²⁸².

²⁷⁷ AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, n. 91, p. 4, 13 nov. 1813.

²⁷⁸ SILVA, 1977, p. 153.

²⁷⁹ RIBEIRO, 2000.

²⁸⁰ RIBEIRO, 2000.

²⁸¹ SILVA, 1977, p. 153.

²⁸² SILVA, 1977, p. 150.

Quanto às mestras dessas instituições, deveriam “instruir as meninas nos primeiros princípios da religião e preservá-las dos ‘defeitos ordinários de seu sexo’”²⁸³. A educação feminina visava preparar meninas para tornarem-se mães capazes de conduzir a educação moral de seus filhos. Não cabia, nesse caso, o desenvolvimento do estudo das ciências, pois não se enquadrava nas futuras ocupações feminis. Além disso, o ensino de latim e música deveria ser direcionado apenas àquelas que seguiriam os caminhos da religião, “pois as que deveriam viver para o marido, os filhos e o governo da casa se limitavam a aprender a ler, escrever e contar, coser e bordar”²⁸⁴.

As aulas particulares oferecidas por mestres e mestras representavam outra maneira de ter acesso à educação nesse período. Era comum o anúncio desse serviço em jornais, conforme o publicado no *Diário do Rio de Janeiro* em 1º de agosto de 1821:

Maria do Carmo propõe-se à educação de meninas, isto é, primeiras letras, cozer e cortar; quem quiser frequentar, pode das 8 da manhã; e de tarde, das 2 por diante, dirigir-se ao beco de S. José, nº 2 primeiro sobrado, e na mesma casa se ensina gramática latina e primeiras letras, tudo por preço módico: os meninos, que quiserem dirijam-se a mesma casa, e às mesmas horas²⁸⁵.

Havia diferenças entre o serviço oferecido às meninas e aos meninos. Novamente, para as meninas se destina o ensino de primeiras letras e atividades ligadas ao lar. O valor cobrado por Maria do Carmo não é revelado, nem suas qualificações, no entanto, seu público-alvo eram filhas e filhos de famílias abastadas, aqueles que podiam pagar pelos serviços.

A deficiência dos espaços próprios para as escolas era vista como um problema administrativo, uma vez que o isolamento e a distância das instituições escolares dificultavam a fiscalização, tão cobrada por Nísia Floresta, assim como a coleta de indicadores confiáveis sobre o desenvolvimento do ensino. Além disso, havia os gastos com o pagamento da “casa de escola” e do professor. Portanto: “os professores não eram controlados, os dados estatísticos eram falseados, os professores misturavam suas atividades de ensino a outras atividades profissionais e, enfim, as escolas não funcionavam, em boa parte das vezes, literalmente”²⁸⁶.

As tentativas organizativas do Estado e as poucas modificações realizadas, não foram o suficiente para impactar a educação feminina. Conforme Nísia Floresta, “pais e filhos estavam ainda por educar”²⁸⁷. Destacando a afirmação feita pelo Conde dos Arcos, mestre de uma escola da Bahia, de que seria “preciso primeiramente educar os pais, para que se possa conseguir a boa

²⁸³ SILVA, 1977, p. 156.

²⁸⁴ SILVA, 1977, p. 157.

²⁸⁵ MESTRA de meninas. *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, n. 1, p. 7, 1 ago. 1821.

²⁸⁶ FARIA FILHO, 2000, p. 147.

²⁸⁷ FLORESTA, 1853, p. 59.

educação dos filhos”²⁸⁸, a educadora reconhecia as falhas no frágil sistema educacional brasileiro e a necessidade de reformar a mentalidade dos chefes de famílias, pois os entendia como detentores das decisões, dos poderes de transformação. Apesar de uma aparente diminuição da autoridade paterna em favor do poder materno, a palavra final ainda pertencia ao pai, o provedor da família. A mulher era a “rainha do lar”, mas o homem era o “cabeça, o chefe, o juiz”. Muitos ideólogos perpetuaram essa visão, como Jean-Jacques Rousseau e Jules Michelet²⁸⁹.

Partindo de suas observações acerca desse contexto social, ela recomendou a leitura do seu *Opúsculo* aos pais brasileiros. Eles seriam responsáveis por permitir ou negar que as mulheres fossem devidamente educadas. No entanto, Nísia Floresta acreditava que os homens tinham interesse em manter as mulheres ignorantes. Afirma:

Quanto mais ignorante é um povo, tanto mais fácil é a um governo absoluto exercer sobre ele o seu ilimitado poder. É partindo deste princípio, tão contrário à marcha progressiva da civilização, que a maior parte dos homens se opõe a que se facilite à mulher os meios de cultivar o seu espírito. Porém, é este um erro, que foi e será sempre funesto à prosperidade das nações, como à ventura doméstica do homem²⁹⁰.

A escritora defende, portanto, que o desinteresse em promover a educação feminina era uma questão de poder, visto que os homens desejavam manter as mulheres debaixo de seu jugo. Entretanto, ao contrário do que pensavam, o atraso na educação das mulheres constituía prejuízo para a felicidade doméstica masculina.

No artigo Sobre a educação das mulheres, publicado no *Correio Mercantil* de 1847, é possível ler argumentos semelhantes:

Sendo as mulheres pela disposição do seu corpo menos robustas do que os homens, é evidente que a natureza não as destinou para violentos trabalhos e fadigas; mais quanto é repreensível a negligência, e desleixamento em cultivar as faculdades de sua alma! Não há coisa mais extravagante do que darem os homens má educação às mulheres, e queixarem-se depois tendo-as por desassidas e ineptas para se instruírem no conhecimento das artes? Parece de propósito quererem os homens conservá-las ignorantes para poderem a seu salvo praticarem com elas um poder absoluto²⁹¹.

Ainda que ressalte a inferioridade física das mulheres em relação aos homens, o autor do trecho acima não acredita que isso pode se configurar como justificativa para negligenciar “as faculdades de sua alma!”. Os homens, como responsáveis pelas decisões acerca da educação

²⁸⁸ FLORESTA, 1853, p. 59.

²⁸⁹ DUARTE, 2000.

²⁹⁰ FLORESTA, 1853, p. 59-60.

²⁹¹ SOBRE a educação das mulheres. *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro, ano 14, n. 19, p. 3, 26 jan. 1847.

feminina, eram, conseqüentemente os culpados de sua falta de juízo e inaptidão intelectual. Por fim, a conclusão de que os homens parecem manter as mulheres ignorantes de maneira proposital se aproxima dos argumentos apresentados por Nísia Floresta.

Uma maneira de enfraquecer a inteligência da mulher, era, segundo a escritora, incentivar o gosto pelos adornos e embelezamento do corpo, tal como Rousseau e Gregory, “tirando da beleza física e do artifício os meios para subjugar os homens”²⁹². Entretanto, considera que essas doutrinas “não têm feito mais do que tirar-lhe toda a dignidade de sua natureza”²⁹³. Acrescenta:

Todos esses princípios subversivos, espalhados com tanta profusão por penas mais ou menos hábeis de pretendidos melhoradores da educação da mulher, confirmando o antiquado e funesto prejuízo de que ela deve somente aspirar ao império das graças exteriores, só tem feito com que se aumente o número, já tão considerável, de escravas, procurando iludir despóticos ou fanáticos senhores a fim de haverem pela fraude um cetro, que elas deveriam conquistar pela razão, se lhes deixassem a liberdade de aperfeiçoarem as suas faculdades morais²⁹⁴.

Assim, homens cuja missão era o melhoramento da educação feminina, mas que incitavam o gosto pelo adorno e pelos prazeres materiais como meio para a felicidade da mulher, na verdade, tinham interesse em mantê-la cativa às suas vontades, negando-lhe o direito ao aperfeiçoamento moral através de uma educação adequada. A fraqueza física da mulher também constituía argumento para negar-lhe acesso aos estudos, “para o qual a julgam imprópria”²⁹⁵. Contra esse, Nísia Floresta alega:

Se a natureza deu à mulher um corpo menos robusto que ao homem, não tem ela por isso mesmo mais precisão do exercício de suas faculdades intelectuais, para que possa melhor preencher os deveres de filha, esposa e mãe, sem descer ao artifício?²⁹⁶.

A educação nos Oitocentos tinha como objetivo formar o caráter feminino para que as mulheres atuassem no seio familiar, exercendo as funções sociais que lhes competiam. Quanto a isso, Nísia Floresta não propôs uma ruptura, mas o seu aperfeiçoamento. Considerando a importância da mulher para o bom funcionamento da família e, conseqüentemente da sociedade, a educadora defendia a reforma da educação oferecida às mulheres para que pudessem exercer suas funções corretamente. É importante destacar que Nísia Floresta não acreditava que toda e qualquer mulher poderia ser instruída. A escritora afirmou:

²⁹² FLORESTA, 1853, p. 61.

²⁹³ FLORESTA, 1853, p. 61.

²⁹⁴ FLORESTA, 1853, p. 62-63.

²⁹⁵ FLORESTA, 1853, p. 63.

²⁹⁶ FLORESTA, 1853, p. 63-64.

Não compartilhando a doutrina de Helvécio sobre a igualdade da inteligência em todos os homens, sabemos que todas as mulheres não podem ser igualmente instruídas, ainda mesmo quando a todas se proporcionasse os meios de cultivar o seu espírito: o que pretendemos é possível, justo e de rigorosa necessidade, isto é, que todas sejam bem-educadas, em suas respectivas situações²⁹⁷.

Reconhecendo as limitações de seu projeto, Nísia Floresta defende que todas as mulheres fossem educadas de acordo com as suas particularidades. Quanto àqueles que defendiam que a instrução feminina era danosa, a escritora argumenta que, estatisticamente, as mulheres instruídas cometiam menos erros se comparadas às que eram deixadas na ignorância.

Antecipando argumentos contrários à sua afirmação do descaso para com a educação feminina nesse período, Nísia Floresta aponta a existência das escolas régias, que “eram, porém, sumamente raros”, e as professoras não possuíam as habilitações intelectuais necessárias²⁹⁸. Estabelecendo uma comparação entre o ensino nas escolas régias e nos estabelecimentos de seu tempo, indaga:

Se ainda vemos a maior parte desses lugares preenchidos por mulheres cuja principal habilitação consiste no patronato dos que as admitem nele, hoje que se vai crendo finalmente que as meninas devem aprender alguma coisa mais além dos trabalhos materiais, qual não seria a ignorância das mestras primitivas, a quem se confiava a tarefa de instruir o sexo?²⁹⁹

Nísia Floresta ressalta que essa foi a razão do descrédito dessas instituições, que continuaram a ser frequentadas apenas por meninas que o pai não dispunha de meios de custear sua permanência em escolas particulares. O ensino particular era melhor se comparado ao público, pois as diretoras esforçavam-se para adquirir reputação que garantisse a manutenção dos seus estabelecimentos, enquanto as professoras de instituições públicas, por ganharem sempre o mesmo valor, não nutriam a mesma preocupação³⁰⁰.

Passando para o período seguinte, Nísia Floresta destaca a Independência do Brasil como um momento grandioso, “época de regeneração e glória para os povos que longo tempo gereram sob a brônzea mão do despotismo estrangeiro”³⁰¹. Adiante, fala sobre a educação física e moral doméstica, pública e particular no período iniciado em 1831, ano que marca o fim do governo de D. Pedro I e o início do período Regencial.

Para Nísia Floresta, havia aqueles que reconheciam “a necessidade urgente de uma completa reforma no sistema de educação da nossa mocidade”³⁰², o que significava relativo

²⁹⁷ FLORESTA, 1853, p. 65.

²⁹⁸ FLORESTA, 1853, p. 72.

²⁹⁹ FLORESTA, 1853, p. 72.

³⁰⁰ FLORESTA, 1853, p. 72-73.

³⁰¹ FLORESTA, 1853, p. 75.

³⁰² FLORESTA, 1853, p. 78.

avanço em relação às gerações anteriores. Como exemplo, cita os pais que não aceitavam mais os castigos físicos aplicados em ambiente escolar em seus filhos. Quanto aqueles que ainda admitiam essa prática, a escritora os compara “ao sadio e vigoroso de um terreno fértil, mas inculto pela preguiça de seus braços, que vai pedir ao seu vizinho, a quem falecem iguais vantagens, o alimento necessário para a vida”³⁰³. Assim, enquanto associa o avanço geracional à negação dos castigos físicos, indica a permanência da prática como retrato da convivência do passado e do progresso entre os brasileiros.

Se a escritora não enxergava muitos avanços no estado da educação brasileira, havia quem discordasse, como se lê em análise apresentada no *Correio Mercantil* de março de 1853 e assinada por Um pai de família:

Um dos preconceitos comuns [...] é o mal estado dos colégios. A cada passo se encontram inteligências pintando com negras cores a relaxação a que estão reduzidos esses estabelecimentos, e até dando alvitre [...] para acabar quanto antes com esse estado de imoralidade que, segundo esses *moralistas*, será de funestas consequências para o futuro de nossa nascente e esperançosa mocidade; os atuais colégios enfim são casas de vender sopa, são pura mercancia [...]³⁰⁴.

A cronologia impede de afirmar que se trata de uma resposta às acusações de Nísia Floresta contra as casas de educação, uma vez que ela emitiu opinião contrária à expressa pelo autor do referido artigo, alegando que os colégios na Corte não eram devidamente fiscalizados pelas autoridades e eram dirigidos, em sua maioria, por pessoas interessadas no lucro que a atividade do magistério poderia proporcionar, e não em contribuir com o avanço da educação da mocidade³⁰⁵.

No entanto, a coexistência de textos como o citado acima e *Opúsculo humanitário*, evidenciam as discordâncias sobre o estado da educação no Brasil, e ilustram a importância que Nísia Floresta assumia nesse cenário, se posicionado em temas debatidos amplamente naquele período. Ademais, considerando as concepções que limitavam a atuação feminina em esferas públicas, é importante ressaltar que se tratava de uma mulher, educadora, proprietária de uma instituição de ensino para meninas, cuja breve viagem à Europa nos anos anteriores contribuiu para o seu enriquecimento intelectual, que utilizava a escrita para reivindicar a melhoria da educação feminina e para criticar a desorganização do sistema vigente.

Nesse sentido, se referindo aos diretores de escolas, Nísia Floresta denuncia:

³⁰³ FLORESTA, 1853, p. 79.

³⁰⁴ UM PAI DE FAMÍLIA. Os colégios na Corte. *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro, ano 10, n. 81, p. 2, 22 mar. 1853.

³⁰⁵ FLORESTA, 1853, p. 80-81.

Em todos os pontos do Brasil, qualquer homem ou mulher que saiba ler, embora não seja no português classicamente belo de A. Herculano, e tem meios de montar uma casa de educação, julga-se para logo habilitado a arrogar o título de diretor de colégio, caricaturando o que na Europa ilustrada assim se denomina. Nenhum exame, em regra, se exige desses educadores da juventude, que terá de fazer um dia a glória do nosso país; eles ensinam pelos compêndios que querem, instituem doutrinas à sua guisa³⁰⁶.

A escritora demonstra seu descontentamento diante do descaso das autoridades e da facilidade com que qualquer um poderia tornar-se diretor de uma instituição de ensino. Aqueles que, apesar de inábeis para exercerem essa função, atuavam como diretores eram meras caricaturas do que se via na Europa. Além disso, esses indivíduos eram perigosos para o futuro da mocidade brasileira.

Retornando à análise proposta no artigo publicado no *Correio Mercantil*, lê-se:

Certo fora na questão ser mais ignorante que um idiota tupinambá para não saber e não ver que a instrução entre nós ainda precisa de muitos melhoramentos, e que ainda está bem distante do termo de sua perfeição; e tão longe estamos disso negar, que somos o primeiro a reconhecer que até na mais alta classe de nossas escolas, lá mesmo existem grandes imperfeições. [...] Descendo a escala encontramos os liceus, nos quais nem todos que aí professam tem certamente as habilitações precisas, e entre os professores de primeiras letras alguns são quase analfabetos³⁰⁷.

Ainda que reconheça o atraso em que se encontravam algumas instituições de ensino na Corte, como por exemplo, o fato de que em academias de medicina existiam cirurgiões que não sabiam sequer cortar uma unha, o autor afirma que “a instrução nos colégios está melhor que a instrução pública primária e secundária”³⁰⁸. Para ele, houve avanços:

Quem se recordar do que há dez anos eram os colégios, reduzidos quase que exclusivamente ao ensino dos prosadores do tempo de Augusto, ou, em outros termos, resumidos em uma aula de latim e outra de francês, [...] quem os vê agora ensinando os rudimentos de tantas ciências úteis reconhecerá intuitivamente o grande progresso em que vão estes estabelecimentos³⁰⁹.

Nesse sentido, emite uma opinião divergente da apresentada por Nísia Floresta, distanciando-se um pouco mais quando defende que houve a diminuição do número de educadores incompetentes para exercerem suas funções. Afirma:

Sem um método que uniformize os estudos, e não obstante a falta e uma lei que proíba a qualquer um abrir um colégio, etc., etc., contudo já não vemos tão nobre ministério, como d’antes, nas mãos de tantos aventureiros, que impondo de mestres de moral da mocidade, eram eles os primeiros que a excitavam com os mais escandalosos exemplos à livre prática de todos os vícios; destes e de outros que faziam do magistério infame comércio, se alguns

³⁰⁶ FLORESTA, 1853, p. 83.

³⁰⁷ UM PAI DE FAMÍLIA, 22 mar. 1853, p. 2.

³⁰⁸ UM PAI DE FAMÍLIA, 22 mar. 1853, p. 2.

³⁰⁹ UM PAI DE FAMÍLIA, 22 mar. 1853, p. 2.

ainda existem, já não são tantos, porque à medica que nos temos adiantados, têm eles desaparecido³¹⁰.

Embora reconheça a fragilidade das iniciativas governamentais para uniformizar o ensino e os seus métodos, conforme já denunciado por Nísia Floresta, o autor defende que os avanços conquistados reduziram a quantidade de aventureiros no ramo educacional. Assim, o magistério estaria deixando de ser um comércio. Nísia Floresta, por outro lado, afirma:

Uma casa de educação entre nós é, em geral, uma especulação como qualquer outra. Calcula-se, de antemão, o número dos alunos prometidos, ou em perspectiva, as vantagens que podem resultar de uma rigorosa economia, em que por vezes a manutenção daqueles é comprometida. Fazem-se ostensivos prospectos, e conta-se com a credulidade do público, sempre solícito em acolher, sem exame, tudo o que tem a aparência de novidade e de ostentação³¹¹.

A escritora defende, portanto, que a educação continuava uma prática comercial. Quanto ao colégio de meninas, enquanto o autor acreditava que “se ainda não estão como era para desejar, força é confessar que muito melhorada está a educação feminina e em bom caminho de adiantamento”³¹², Nísia Floresta censura a educação que era oferecida às mulheres brasileiras. Entretanto, as visões de ambos se aproximam quando o autor afirmou que seria o momento de impulsionar a educação feminina, “pois que ao geral do belo sexo não se deve vedar a conveniente instrução; e sem inconveniente algum pode ela disputar com o nosso a palma literária e científica que todos podemos pretender”³¹³.

Por fim, o autor indica que suas opiniões poderiam encontrar o ceticismo de alguns leitores, o que seria resultado da: “Pena de alguma *individualidade diretora*, sustentando seus próprios interesses; não há tal; acreditai-o, meus senhores, quem isto escreve não tem, não teve e nunca terá colégio, que para a empresa tão árdua não tem habilitações” (grifos do autor)³¹⁴. A referência à pena de uma diretora pode induzir o pensamento de que se tratava de Nísia Floresta, considerando que as opiniões combatidas pelo autor do texto eram semelhantes às expressadas por ela. Porém, não foram localizadas evidências que o corrobore, considerando que a publicação de *Opúsculo humanitário* no *Diário do Rio de Janeiro* teve início no mês seguinte.

Seguindo sua análise, Nísia Floresta reitera a crítica ao governo por negligenciar a educação da mocidade. O desinteresse pelo melhoramento da educação por parte das autoridades é retomado constantemente para endossar o argumento de que essa é uma

³¹⁰ UM PAI DE FAMÍLIA, 22 mar. 1853, p. 2.

³¹¹ FLORESTA, 1853, p. 81.

³¹² UM PAI DE FAMÍLIA, 22 mar. 1853, p. 2.

³¹³ UM PAI DE FAMÍLIA, 22 mar. 1853, p. 2.

³¹⁴ UM PAI DE FAMÍLIA, 22 mar. 1853, p. 2.

permanência na história do Brasil, independentemente de quem estivesse no comando. Expressando a esperança constantemente frustrada, a escritora afirma:

Sempre que brilha um novo dia, e que nos bate à porta o jornal, apoderamos-nos com solicitude dessa folha e avidamente percorremos a sessão das Câmaras do dia antecedente em procura do assunto que temos escrito no coração e no espírito – a educação da mulher brasileira –, e dobramos a folha desconsolados e aguardamos o dia seguinte, que se escoo na mesma expectativa, no mesmo desengano!³¹⁵

Nos *Anais do Parlamento Brasileiro*, as menções à educação são esparsas. Em 1841, o deputado Paula Cândido, discutindo o orçamento do Império, dedica parte de sua fala para tratar da instrução pública. Defendeu a inspeção do governo sobre a instrução primária e secundária por meio de concursos e atestados dos professores, identificando, assim, os mais talentosos e aptos para essa função³¹⁶.

O deputado apresenta uma opinião oposta ao decreto de 1834, que transferiu a responsabilidade sobre a instrução primária para os governos locais. Ele, no entanto, defendeu que “o governo tenha uma ingerência muito direta sobre a instrução primária, não só no município neutro, onde está de posse de semelhante ingerência, como em todo o império”³¹⁷. Seu argumento era baseado em dois princípios: “1º, pela conveniência social; e 2º, porque já igual pensamento foi sancionado pelo senado”³¹⁸. Cândido menciona, ainda, a instrução feminina:

Parece, Sr. presidente, que o sexo feminino se acha em um abandono desgraçado entre nós. Na meia idade, quando se confundia a ignorância com a inocência, a mulher era muito inocente e muito boa quando era muito ignorante: ora, felizmente, não estamos mais na meia idade, é necessário que demos ao sexo feminino a maior instrução que pudermos, porque eu lembro-me de ter lido em um autor moderno que a influência das mães é tal que dificilmente se encontra um filho de mulher que sabe ler que ignore a leitura³¹⁹.

O argumento em defesa da educação feminina pouco variava entre os seus adeptos, e estavam concentrados na figura materna como primeira educadora dos filhos. Rousseau, por exemplo, em *Emílio* (1759) e *A nova Heloísa* (1762), definiu o papel natural da mulher como

³¹⁵ FLORESTA, 1853, p. 84.

³¹⁶ BRASIL. *Anais do Parlamento Brasileiro*. Câmara dos deputados. Quarto ano da quarta legislatura. Sessão de 1841. Rio de Janeiro: Tipografia da Viúva Pinto e Filho, 1883. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=132489&pasta=ano%20184&pesq=%22Sendo%20as%20mulheres%20pela%20disposi%C3%A7%C3%A3o%20%22&pagfis=15644>. Acesso em: 15 nov. 2025.

³¹⁷ BRASIL, 1883, p. 78.

³¹⁸ BRASIL, 1883, p. 78.

³¹⁹ BRASIL, 1883, p. 78-79.

boa mãe, servindo e agradando ao homem, influenciando decisivamente os novos preceitos. Jules Michelet, por sua vez, também disseminou o discurso ideológico dominante, aconselhando maridos e noivos sobre como tratar as mulheres, e orientando as mulheres como agir e o que esperar dos homens em *La Femme* (1859). Michelet consolidou a imagem da mulher/esposa dócil, meiga, frágil e dependente, que se tornou o ideal feminino desejado por muitos³²⁰. Nísia Floresta também concede às mães a primazia sobre a educação dos filhos. Daí a importância de oferecer uma educação capaz de prepará-la para exercer essa função.

As professoras do ensino primário deveriam atender certas exigências, conforme exposto no *Jornal do Comércio*, em 1840:

Pela secretaria do governo provincial do Rio de Janeiro, se faz público que no dia 20 de março deste ano, pelas 10 horas da manhã, na mesma secretaria, terá lugar o concurso para prover-se a cadeira de primeiras letras para o sexo feminino de Itaboraí. As matérias do exame, na forma da lei provincial n.º 1 de 1837, são: leitura, escrita, as quatro operações de aritmética sobre números inteiros e fracos ordinárias, princípios de moral cristã e da religião do estado, gramática da língua nacional, elementos de geografia, coser, bordar e mais misteres da educação doméstica. As senhoras que pretenderem ser admitidas enviarão seus requerimentos documentados e comparecerão no lugar, dia e hora marcados, para serem examinadas. Secretaria do governo da província no Rio Janeiro, 28 de fevereiro de 1840. – O secretário, João Cândido de Deus e Silva³²¹.

Conhecimentos básicos dividiam espaço com o ensino de atividades domésticas. Em 1844, o texto acima continuava a ser utilizado para convocar candidatas às cadeiras de primeiras letras, alternando apenas o local de destino³²², o que demonstra que não houve alterações consistentes no sistema de ensino primário para meninas. Oferecendo informações comparativas entre a educação feminina e masculina nesse período, Cândido destacou que:

Se nós procurarmos no relatório do nobre ministro a proporção na instrução primária entre o sexo masculino e feminino, achamos esta triste proporção: no Rio de Janeiro é pouco mais ou menos o número de meninas um terço do dos meninos aplicados à instrução primária; nas mais províncias, parece até de propósito, a proporção é de uma décima parte. Ora, que culpa tem o sexo feminino para não considerarmos esta instrução, quando entendo que a sociedade ganharia muito mais que se tomasse maior cuidado na instrução das meninas do que mesmo na instrução do sexo masculino?³²³

Os dados fornecidos pelo deputado ajudam a compreender a dimensão do atraso da instrução feminina. Cândido defende a necessidade de investimentos na educação de meninas para diminuição dessa desigualdade, uma vez que acredita que a mulher educada era capaz de

³²⁰ DUARTE, 2000.

³²¹ PELA secretaria do governo... *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 15, n. 64, p. 3, 7 mar. 1840.

³²² PELA secretaria do governo... *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 19, n. 161, p. 2, 20 jun. 1844.

³²³ BRASIL, 1883, p. 79.

incentivar o gosto pela ciência nos filhos. Esse cenário não sofreu grandes alterações nos anos seguintes, visto que Nísia Floresta apresenta informações do *Quadro demonstrativo do estado da instrução pública e secundária das províncias do Império e do município da Corte, no ano de 1852*, onde:

[...] vê-se que a estatística dos alunos, que frequentaram todas as aulas públicas, monta a 55.500, número tão limitado para a nossa população; e que neste número apenas 8.443 alunas se compreendem! Bastará refletir nesta desproporção, para julgar-se do atraso em que se acha a instrução do sexo, tão mal aquinhoado na partilha do ensino pago pelo governo. Nenhuma proporção há, como vamos ver, entre as escolas primárias de um e de outro sexo³²⁴.

A escritora apresenta dados específicos das províncias: em Minas Gerais, de 209 escolas, apenas 24 são frequentadas por meninas; na Bahia, entre 184 escolas primárias, apenas 26 são de meninas; em Pernambuco, do total de 82 escolas, 16 são para meninas; no Rio de Janeiro, de 116 escolas, 36 são destinadas ao ensino de meninas. Quanto às outras províncias, “apresentam proporcionalmente a mesma escassez de recursos para o cultivo da inteligência da mulher, e algumas há cujo estado de instrução pública não chegou ainda ao conhecimento do governo geral”³²⁵.

Além da escassez de estabelecimentos de ensino, Nísia Floresta aponta outro fator que agrava o quadro da educação feminina: “a confusão dos métodos, das doutrinas seguidas pelas professoras, quase sempre discordes em seus sistemas, e, como já observamos, em grande parte sem as necessárias habilitações”³²⁶. Analisar a história é a forma utilizada pela escritora não só para entender o momento presente, mas para comprovar que pouco havia sido feito em prol da instrução feminina.

De acordo com Saviani, durante a primeira metade dos Oitocentos, a instrução pública não avançou. As críticas eram direcionadas à quantidade insuficiente de escolas; ao despreparo dos professores, não solucionado mesmo com a criação das Escolas Normais a partir de 1835; à baixa remuneração, que gerava desinteresse entre os profissionais do ensino; à precariedade das instalações físicas das escolas; e à ausência de fiscalização por parte das autoridades do ensino³²⁷.

A partir do capítulo 39 de seu *Opúsculo*, Nísia Floresta fala a respeito dos pais de família que, assim como a negligência dos governantes e inaptidão dos mestres, seriam a causa do

³²⁴ FLORESTA, 1853, p. 85.

³²⁵ FLORESTA, 1853, p. 86.

³²⁶ FLORESTA, 1853, p. 86-87.

³²⁷ SAVIANI, Demerval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

atraso da educação feminina no Brasil. A eles, a escritora recorre “como uma âncora de salvação, para subtrair as gerações nascentes ao naufrágio de que as ameaçam, apenas saídas do porto, os princípios subversivos e funestos inculcados à infância”³²⁸.

Enquanto os pais preferem erroneamente confiar a educação de suas filhas a diretoras que nem sempre são aptas para exercerem essa função e escolhem instituições de acordo com o maior número de alunas, Nísia Floresta indica que a educação ideal seria aquela ministrada pela mãe devidamente capacitada para essa missão. Por isso, a escritora propõe “proporcionar a todas, conhecimentos, aptidão e gosto para preencherem elas mesmas, como deveriam, a honrosa e sublime missão de preceptoras de suas filhas”³²⁹. Para ilustrar os efeitos de uma e outra educação, a escritora propõe observar duas meninas, uma submetida ao cuidado materno e outra a uma preceptora, ambas habilitadas para o ensino, e conclui:

Aos 18 anos estas duas jovens poderão ser perfeitamente instruídas, mas não igualmente educadas e possuindo o mesmo grau de simpleza. A primeira será a esquisita delicada flor da estufa, desabrochando as suas lindas pétalas de uma corola não tocada por impuros insetos, esparzindo o precioso aroma da inocência e da candura; a segunda, a flor dos jardins, exposta ao contato de malignos insetos e às variações da atmosfera que lhe tiram por vezes o aroma, quando ela conserva ainda o brilhantismo de suas cores³³⁰.

Preferível seria, portanto, optar pela educação materna e doméstica, resguardando a menina de possíveis males externos. Mas havia nos lares brasileiros algo tão pernicioso quanto os maus exemplos dados por mestres inábeis ao ensino: a escravidão. Nesse caso, a recomendação seria recorrer aos colégios com diretoras reconhecidas pelos esforços em oferecer uma boa educação.

Os brasileiros conviviam com a escravidão desde a primeira infância, quando as mães renunciavam aos cuidados com as crianças, entregando-os a amas de leite, ou “encarregando as pretas de acalentá-las ou distraí-las”³³¹. A convivência com os escravizados, desmoralizados pelo cativeiro, incitaria o desenvolvimento de vícios. Ao assistirem os pais agirem com crueldade para com esse grupo, as crianças replicavam os comportamentos agressivos na vida adulta.

Era comum entre as mulheres abastadas que não amamentassem nem cuidassem diretamente dos filhos nos primeiros anos de vida. Essa prática despertava preocupação não apenas em Nísia Floresta, mas também entre outros intelectuais e médicos da época. Um

³²⁸ FLORESTA, 1853, p. 93.

³²⁹ FLORESTA, 1853, p. 97.

³³⁰ FLORESTA, 1853, p. 97-98.

³³¹ FLORESTA, 1853, p. 102.

exemplo disso é a tese de José Henrique de Medeiros, cunhado da escritora, intitulada *A amamentação materna é quase sempre possível*. Na dedicatória, entre os nomes mencionados, destaca-se:

À minha muito querida irmã, a senhora D. Nísia Floresta Brasileira Augusta. A filha exemplar, a mãe modelo, a amiga única. Vós, que melhor que ninguém conheceis o valor das mágicas palavras: - Filha, mãe, amiga - que tendes comigo empregado tudo o que a última tem de mais doce e sublime, que me inspirastes com o eloquente exemplo de vossa extrema dedicação e amor materno o assunto desta tese, aceita-a como exíguo penhor e grato testemunho dos vivos sentimentos de minha constante amizade, total dedicação e eterno reconhecimento³³².

Na tese, Medeiros defende que a amamentação é um dever natural e sagrado das mães, capaz de proporcionar inúmeros benefícios tanto para a mãe quanto para o bebê. Exalta a amamentação como a mais pura expressão do amor materno, um ato que fortalece o vínculo entre mãe e filho e proporciona àquela uma alegria e satisfação profundas. Crítica as mulheres que, por vaidade ou conveniência, optam por não amamentar, entregando seus filhos a amas de leite. Ele argumenta que essa prática vai contra as leis da natureza e priva a mãe e o filho de uma experiência fundamental. Medeiros também aborda os aspectos físicos e emocionais da amamentação, ressaltando a importância do leite materno como o alimento ideal para o recém-nascido e a profunda conexão que se estabelece entre mãe e filho durante o ato de amamentar.

A dedicatória de Medeiros reafirma a imagem que Nísia Floresta constrói de si mesma como modelo de filha e de mãe, revelando que essa representação era partilhada e reforçada por aqueles que a cercavam, movidos por sincera admiração. O gesto evidencia que a reverência a Nísia Floresta se manifestava também nas relações pessoais que cultivava, não sendo apenas um personagem forjado por seu próprio punho. Por fim, cabe destacar que a profissão e a posição social ocupada pelo cunhado são indicativas do prestígio que sua família possuía, considerando que os casamentos naquele contexto se davam, em sua maioria, entre pessoas dos mesmos grupos sociais.

Quanto à preocupação com os danos causados pela escravidão à educação feminina, esta não era exclusiva de Nísia Floresta. Conforme Lúcio, a literatura da época evidenciava a necessidade de formar mães de famílias diante da realidade escravista do Brasil. Joaquim Manuel de Macêdo, por exemplo, declarou a urgência de educar as mulheres no cenário em que havia esse “poderoso elemento de desmoralização”. Neste sentido, a “discussão sobre escravidão une-se com o universo feminino, ambos assuntos da vida doméstica, espaço das

³³² MEDEIROS, José Henrique de. *A amamentação materna é quase sempre possível*. Rio de Janeiro: Tipografia Imparcial de Francisco de Paula Brito, 1848.

mulheres”³³³. A escravidão foi tema de *Úrsula*, publicado por Maria Firmina dos Reis, em 1859. Nascida no dia 11 de março de 1822, em São Luís, no Maranhão, a escritora possui uma trajetória interessante, pois além das limitações próprias do seu sexo, era afrodescendente e bastarda.

Outro hábito apontado como danoso para a inocência das crianças era o ato dos adultos de falarem sem reservas em sua presença. De acordo com Nísia Floresta, no Brasil, “há mesmo aí quem, pelo simples desejo de um passatempo agradável, as entretenha sobre assuntos que fariam corar a homens bem morigerados em qualquer idade!”³³⁴. A escritora clama:

Copiemos antes de tudo a educação que naqueles países se dá à mocidade; imitemos principalmente os ingleses no respeito à religião e à lei; os alemães no hábito de pensar e no empenho de elevarem-se acima de todos os povos pelo estudo e pela reflexão; os franceses em seu espírito inventor e em suas generosas inspirações civilizadoras: a todos no gosto pelo trabalho e no desejo sempre progressivo de engrandecerem-se por seu engenho e atividade³³⁵.

Enquanto outras nações demonstravam preocupação com a educação de sua mocidade, no Brasil, ainda era necessário lutar “com grandes dificuldades para oferecer às suas mulheres uma tênue parte da instrução, que as classes mais baixas daqueles países da Europa e dos Estados Unidos podem facilmente obter!”³³⁶. Nísia Floresta não defendia apenas que as mulheres tivessem acesso ao conhecimento oferecido aos homens, mas que houvesse uma reforma na educação e, conseqüentemente, nos costumes brasileiros, visando uma transformação duradoura. No entanto:

Nas condições pois, já mencionadas, em que se acham as nossas meninas, impossível lhes será adquirirem o hábito das boas práticas, cujo todo constitui a base de uma completa educação; porquanto grande parte das mães, longe de se esforçarem por diminuir os prejudiciais efeitos de tais condições, lhes vão por seu turno inculcando princípios demasiadamente arriscados para elas no futuro. Aquelas, que melhor que ninguém podiam inspirar-lhes sentimentos simples e benignos, são quase sempre as primeiras em dar-lhes, uma o espetáculo de sua iracúndia, outra o de desleixo, ou de um luxo ruinoso [...] ³³⁷.

As mães, constantemente apontadas como primeiras e naturais preceptoras de seus filhos, ofereciam exemplos perniciosos ao seu desenvolvimento moral, reforçando o ciclo que as mantinha na ignorância. Afinal, “uma mãe é então o quadro mais eloquente, para lhes servir

³³³ LÚCIO, 1999, p. XLVI.

³³⁴ FLORESTA, 1853, p. 105.

³³⁵ FLORESTA, 1853, p. 108.

³³⁶ FLORESTA, 1853, p. 109.

³³⁷ FLORESTA, 1853, p. 110.

de norma em sua conduta futura, o modelo que devem primeiro copiar; se esse modelo não é perfeito, como poderá a menina apresentar uma cópia perfeita?”³³⁸.

A menina brasileira, de acordo com Nísia Floresta, estava sujeita a toda sorte de exemplos negativos, transformada em adulta antes do tempo. Como exemplo, a escritora destaca que “teve lugar em um colégio desta corte, em presença de oitenta alunas, um espetáculo dolorosíssimo cujo conhecimento ofereceria aos escritores estrangeiros matéria para um capítulo assaz frisante sobre a história dos nossos costumes”³³⁹.

O episódio por ela relatado, se ocorreu, é provável que tenha sido no Colégio Augusto, e que a escritora tenha transformado em letras a experiência vivida como diretora da instituição. Na ocasião mencionada, uma aluna externa do colégio respirava com dificuldade, constantemente apertada pelo espartilho, que era afrouxado pela diretora, até que:

Depois de haver passado parte de uma noite no teatro, constrangida no espartilho, para atrair à indiscreta mãe elogios pelo seu bom gosto de vesti-la, a pobre inocentinha submeteu-se ainda, na manhã seguinte, a um novo processo de aperto ataviando-se para o colégio. Apenas entrou em sua classe, a diretora viu-a vacilar querendo sentar-se; voa a tomá-la nos braços, desabotoa-lhe o vestido... era já tarde! A pobrezinha, soltando um doloroso ai, tinha expirado, vítima da vaidade de sua mãe³⁴⁰!

A trágica cena fora resultado do desejo da mãe de tornar o corpo da criança atrativo fisicamente, ação comum entre as brasileiras da época de acordo com Nísia Floresta. A diretora da instituição utilizou a situação descrita para oferecer uma lição às suas alunas:

Falou-lhes dos deveres inerentes ao cristão, do quanto é essencial conservar a pureza da alma para que a Eternidade nos surpreenda em paz em qualquer idade ou situação da vida, e demonstrou-lhes o perigo que correm os que se ocupam do físico em preferência ao moral. Suas palavras eram verdadeiras porque partiam do coração, eloquentes porque lhe as inspirava a presença de um féretro! Não podiam deixar de produzir impressão³⁴¹.

As mães, ao saberem do ocorrido, sensibilizaram-se a princípio, mas logo retornaram à prática que afetava a saúde de suas filhas. O caso foi citado pela escritora com o objetivo de exemplificar o perigo de tratar crianças como adultas, valorizando sua aparência, em prejuízo de sua saúde. A mãe, não recebendo a devida educação, não poderia estimular o cultivo das virtudes em sua prole, apenas a repetição de erros que a levava exatamente para o lado oposto disso.

³³⁸ FLORESTA, 1853, p. 111.

³³⁹ FLORESTA, 1853, p. 114-115.

³⁴⁰ FLORESTA, 1853, p. 115-116.

³⁴¹ FLORESTA, 1853, p. 116-117.

Nísia Floresta afirma que, ainda que existissem pais de famílias interessados em oferecer uma boa educação aos filhos, não seria o suficiente para transformar a realidade da nação. Na ausência de ações governamentais para solucionar os problemas educacionais, a escritora direciona seu apelo aos pais, pois “em um país onde a escravidão é permitida, deles dependem principalmente os meios de subtraírem seus filhos a grande parte dos inconvenientes, que os prejudicam”³⁴². Entre esses, a escritora ressalta o oferecimento de uma instrução superficial desacompanhada de uma educação moral. De acordo com ela, educar bem uma menina era considerado:

Mandá-la aprender a dançar, não pela utilidade que resulta aos membros de tal exercício, mas pelo gosto de a fazer brilhar nos salões; ler e escrever o português, que apesar de ser o nosso idioma não se tem grande empenho de conhecer cabalmente; falar um pouco o francês, o inglês, sem o menor conhecimento de sua literatura; cantar, tocar piano, muita vez sem gosto, sem estilo, e mesmo sem compreender devidamente a música; simples noções de desenho, geografia e história cujo estudo abandona com os livros ao sair do colégio; alguns trabalhos de tapeçaria, bordados, crochê, etc., que possam figurar pelo meio dos objetos de luxo expostos nas salas dos pais a fim de granjear fúteis louvores a sua autora³⁴³.

A maioria dos anúncios de colégios para meninas publicados em jornais do período corroboram as afirmações feitas por Nísia Floresta. Tocar piano, inclusive, era uma das formas mais eficazes de se destacar na vida social e assegurar um bom casamento³⁴⁴. A educadora critica o fato de a educação ser voltada primordialmente para formar mulheres atraentes para os homens e para conquistar fúteis elogios sobre suas prendas. Porém, havia exceções, além do Colégio Augusto. Em 20 de fevereiro de 1853, consta:

Colégio de meninas de instrução e educação de meninas em Petrópolis
Dirigido por D. Zeferina Josefa Pinto de Bulhões.
Neste estabelecimento se ensinam todas as matérias tendentes à completa instrução das meninas, e bem assim todos os ramos da mais perfeita educação. As matérias dos estudos são as seguintes:
Línguas: portuguesa, francesa, alemã. Belas Artes: desenho, música, dança, canto. Ciências: astronomia, história antiga e moderna, uso dos globos, aritmética, álgebra, geometria.
Obras de costura de diversas qualidades, bordar de lã, branco, matiz e obras de fantasia. Sendo a educação a base principal da felicidade humana, ocupa os primeiros cuidados da diretora deste colégio; que incansável pelos progressos de suas alunas, não descansará de instruí-las em todos os objetos úteis ao seu desenvolvimento físico e moral. Além das matérias acima mencionadas, as discípulas serão instruídas na doutrina cristã e preceitos de sua religião.
Condições
Por mês: 25\$000 Dança: 5\$000
Música: 6\$000 Canto: 5\$000

³⁴² FLORESTA, 1853, p. 118-119.

³⁴³ FLORESTA, 1853, p. 119-120.

³⁴⁴ RITZKAT, 2000.

Desenho: 6\$000 Alemão: 5\$000

Os pagamentos serão por trimestres adiantados, sem que faça desconto algum por ausência ou férias³⁴⁵.

As informações dispostas no anúncio permitem inferir que algum avanço houve na instrução feminina na primeira metade do século XIX, considerando a existência de instituições que iam além do ensino de prendas domésticas e da religião cristã. O estudo de astronomia, aritmética, álgebra e geometria, por exemplo, não era comumente oferecido às meninas.

Colégios semelhantes ao dirigido por Zeferina de Bulhões coexistiam com aqueles que continuavam a associar a educação feminina ao desenvolvimento de habilidades domésticas, como é o caso do Colégio de Nossa Senhora das Dores, localizado na rua da Boa Vista, cuja diretora possuía licença para o magistério concedida pelo presidente da província do Rio de Janeiro. A diretora “emprega o melhor método possível para a compreensão de qualquer menina mais ou menos estudiosa, zela todas as suas ações, palavras e movimentos”. Ensinava a doutrina cristã, a ler, escrever e contar, além de “costuras anca e de cor, e cortar a mesma, marcar, bordar, de todas as qualidades, não faltando o ponto alto para os bichos, em tapeçarias”³⁴⁶.

O conteúdo dos anúncios ajuda a compreender a diversidade de métodos de ensino e de concepções acerca do que era a educação feminina no período. A inexistência de um currículo específico, que homogeneizasse a educação oferecida às mulheres permitia que cada instituição oferecesse aulas conforme julgasse conveniente e de acordo com o seu público. Assim, havia estabelecimentos que contemplavam o interesse dos pais de oferecer uma instrução avançada ou não a suas filhas.

Para Nísia Floresta, independentemente da casa de educação para qual a menina fosse enviada, ela levava consigo os vícios adquiridos no ambiente doméstico. As educadoras, por mais empenhadas em seu ofício, não ousariam contrariar as opiniões paternas acerca da educação de suas filhas, visto que necessitavam dos valores por eles pagos por seus serviços. Dessa maneira, “(...) no Brasil, não poderá educar bem a mocidade enquanto o sistema de nossa educação, quer doméstica, quer pública, não for radicalmente reformado”³⁴⁷.

Para que algum avanço ocorresse, era necessário conciliar a atuação de diretores e mestres e a criação recebida dos pais em casa, pois:

Debalde tentarão os diretores e mestres que pertencem à exceção da regra enunciada, fazer de seus alunos indivíduos bem morigerados, conspícuos e modestos, se os pais não forem os primeiros em inspirar-lhes estes princípios.

³⁴⁵ COLÉGIO de meninas. *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, ano 29, n. 8332, p. 4, 20 fev. 1850.

³⁴⁶ COLÉGIO de Nossa Senhora das Dores. *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, ano 32, n. 6, p. 4, 7 jan. 1853.

³⁴⁷ FLORESTA, 1853, p. 121.

Debalde esperarão os pais que tal fizerem, os devidos progressos destes princípios, se os mestres não possuírem as qualidades indispensáveis para preencherem os encargos do magistério³⁴⁸.

O tema escravidão é retomado no capítulo 49 do *Opúsculo*, onde aponta os prejuízos desse sistema para a educação feminina. Contra a crueldade do sistema escravista, a escritora recorre às mães, recomendando:

Mães brasileiras, afastai dos olhos de vossos filhos o espetáculo de uma opressão cruel, que lhes enerva a compaixão, e agrava mais a triste sorte desses míseros a quem deveis, como cristãs, caridosamente dirigir. Ensinai-lhes cedo a olhá-los como nossos semelhantes, e, por conseguinte, dignos de nossa comiseração no estado a que os reduziram nossos maiores³⁴⁹.

Assunto para ser tratado adiante, a visão de Nísia Floresta acerca da escravidão se alinhava ao abolicionismo. A prática era condenável aos seus olhos e entendida como outra herança negativa deixada pela colonização portuguesa. Em seu *Opúsculo*, ela defende que os escravizados eram semelhantes aos livres e que o sistema a que estavam submetidos não era natural. Assim, caberia às mães sensibilizarem seus filhos em relação ao tratamento dispensado aos escravizados. A escritora acredita, inclusive, que “graças aos progressos da civilização moderna, a voz da humanidade, criando cada dia novos prosélitos, conseguirá banir da face de todo o mundo cristão!”³⁵⁰.

Outro costume apontado pela escritora como causador do atraso da educação feminina é o ócio em que viviam as mulheres brasileiras. Conforme enuncia, não existia o entendimento da necessidade da educação física, tão importante quanto a moral. As crianças passavam a maior parte do tempo no colo dos adultos ou das escravizadas e não realizavam passeios ao ar livre. Ela afirma:

Há em todos os lugares habitados de nossa terra, mesmo em suas primeiras cidades, muitas famílias que passam anos inteiros sem transpor o limiar de suas casas, a não ser nos domingos para irem à missa, se isso fazem! A vida se passa para grande parte delas sem outro exercício, sem outro trabalho afora o que algumas chamam com ênfase governo da casa, consistindo este muitas vezes no desgoverno, na confusão entre o nada fazer e o ordenar constantemente sem método, sem pensamento³⁵¹.

A escritora oferece sua percepção acerca da mulher brasileira enclausurada. Essa é uma concepção retomada por Gilberto Freyre, que destaca que desde 1798 o discurso médico associava a má saúde feminina, sua predisposição a doenças como tuberculose e outras

³⁴⁸ FLORESTA, 1853, p. 121.

³⁴⁹ FLORESTA, 1853, p. 127.

³⁵⁰ FLORESTA, 1853, p. 128.

³⁵¹ FLORESTA, 1853, p. 134.

“doenças sociais”, ao confinamento das mulheres nos sobrados³⁵². Hahner, por outro lado, aponta que havia variações no comportamento feminino, especialmente de acordo com a classe social³⁵³.

Nísia Floresta reforça que “é em favor de todas as mulheres brasileiras que escrevemos, é a sua prosperidade o alvo de nossos anelos”³⁵⁴ e reconhece a existência de “duas classes distintas de brasileiros: rica e pobre”³⁵⁵. Ainda que trate da educação nessas duas classes, sente-se no “dever de insistirmos com mais energia de reclamar o melhoramento da última, principalmente daquela parte que vive sem recursos”³⁵⁶. A solução apresentada pela escritora é preparar as mulheres pobres para o trabalho, de forma que tenham uma ocupação capaz de prover o sustento da sua família e ser exemplo para que seus filhos não sigam ociosos. Nísia Floresta acreditava ser “mister habituar nossos filhos para esse feliz porvir, em que todo o trabalho será feito por braços livres”³⁵⁷.

Além das diferenças existentes entre mulheres pobres e ricas, havia ainda distinções relativas ao local que habitavam e a cor da pele³⁵⁸, elementos que Nísia Floresta não ignorou em seu *Opúsculo*. De acordo com Falci, o cotidiano da mulher pobre envolvia o trabalho para sobrevivência. Diferentemente daquelas pertencentes a famílias abastadas, que não exerciam muitas atividades fora de casa, as pobres atuavam como costureiras, rendeiras, lavadeiras, fiadeiras, roceiras, e/ou acompanhavam seus companheiros em seu labor³⁵⁹.

As mulheres ricas provinham, em sua maioria, de genealogias seculares e, no princípio dos Oitocentos, grande parte delas não sabia assinar o próprio nome. De acordo com Hahner, “diferentemente das vendedoras de rua, das lavadeiras ou das escravas na lavoura, as mulheres da elite estavam menos expostas aos olhares masculinos, já que passavam muito tempo recolhidas dentro de casa”³⁶⁰.

Hahner acrescenta que a imagem da mulher brasileira cativa ao ambiente doméstico foi forjada com a colaboração de relatos de viajantes que transitaram pelo Brasil. Ao escrever *Opúsculo humanitário*, Nísia Floresta citou os relatos de viajantes estrangeiros, alegando que poucos homens haviam se ocupado, até aquele momento, de estudarem a situação das mulheres

³⁵² FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano. São Paulo: Global, 2006.

³⁵³ HAHNER, 2018.

³⁵⁴ FLORESTA, 1853, p. 144.

³⁵⁵ FLORESTA, 1853, p. 145.

³⁵⁶ FLORESTA, 1853, p. 145.

³⁵⁷ FLORESTA, 1853, p. 147.

³⁵⁸ HAHNER, 2018.

³⁵⁹ FALCI, 2004.

³⁶⁰ HAHNER, 2018, 44.

brasileiras, pois “não as acharam dignas de ocupar algumas páginas de seus livros”³⁶¹. Dentre os nomes consultados e referenciados por ela, estão: Augusto de Saint-Hilaire, François Louis Nompár de Caumont LaPorte, Jean-Ferdinand Denis e Alphonse Rendu.

Não obstante o que a historiografia brasileira discute a esse respeito, Nísia Floresta é participante e espectadora dessa sociedade, ao mesmo tempo em que discorre sobre ela. Seus argumentos são erigidos sobre aquilo que observava e vivenciava, assim como de acordo com o interesse de convencer seus leitores da necessidade de proporcionar educação física, aliada à moral, para as meninas.

A educação religiosa também foi alvo das críticas de Nísia Floresta, que aponta “a falta de instrução e de exemplos edificantes dados pelo nosso clero à mocidade”³⁶². A religião é de fundamental importância para o sucesso da reforma por ela proposta, pois:

‘A religião é a cadeia de ouro que une a terra ao céu’, repetiu o nosso marquês de Maricá. Nós parodiaremos esta bela máxima com a seguinte: A religião é a cadeia indestrutível que liga a mulher a seus deveres, a coroa mais preciosa que lhe cinge a fronte. [...] É a religião que fortifica e realça as qualidades feminis; é ela, ainda, que sustenta e consola todo o indivíduo nas circunstâncias mais difíceis da vida, a bússola invariável que lhe indica os seus deveres, e o conduz ao exato cumprimento deles³⁶³.

Embora ressalte o papel da religião para o sucesso da educação feminina, Nísia Floresta acusa o desprezo com que é tratada pelos pais e párocos, que não se empenhavam em ensinar os princípios da fé cristã para a mocidade brasileira. Um clero ignorante e desmoralizado, mais uma herança portuguesa, seria a fonte de “manam os incentivos, senão a causa primária da desordem das gerações que se têm até hoje sucedido”³⁶⁴.

Nísia Floresta afirma que não havia o ensino correto da religião cristã em nenhuma paróquia do Brasil e que as igrejas eram locais de entretenimento e interação social, fama reconhecida no exterior. Para endossar seus argumentos, cita o comentário publicado na *Revue des deux mondes*, em 1851, transcrito abaixo:

Un des principaux centres de la vie sociale au Brésil, ce sont les églises. Avant de franchir le seuil d'une maison brésilienne, entrez dans l'un des nombreux temples de Rio de Janeiro au moment d'une cérémonie religieuse, et déjà vous aurez saisi un des cotés originaux de cette population... On peut voir les femmes échanger de longs et doux regards avec les jeunes gens, qui passent

³⁶¹ FLORESTA, 1853, p. 47.

³⁶² FLORESTA, 1853, p. 148.

³⁶³ FLORESTA, 1853, p. 149.

³⁶⁴ FLORESTA, 1853, p. 150.

*et repassent, ou s'arretent même pour mieux continuer ce jeu pendant toute la durée de l'office!*³⁶⁵

As igrejas eram, de acordo com Nísia Floresta, apenas uma extensão do que se observava na sociedade, visto que não havia o compromisso com o ensino religioso e, conseqüentemente, inexistia o respeito para com as instituições religiosas. Padres e vigários não tinham o respeito pela fé cristã e não poderiam inspirar esse sentimento na mocidade. A escritora questiona:

Quando ides assistir às nossas festividades de igreja, o que é que aí vedes em geral praticarem os fiéis? Distinguis, por acaso, na fisionomia, na atitude da maior parte deles alguma coisa que vos prove irem ali somente orar? Podereis furtar-vos à verdade não confessando que esses grupos amontoados às portas de nossos templos e os que neles entram em tais ocasiões, parecem ir, antes, assistir a uma representação teatral, do que às cerimônias do santo sacrifício do Filho de Deus para resgatar o gênero humano?³⁶⁶

Ao propor perguntas para o leitor, Nísia Floresta o conduz a refletir sobre os argumentos apresentados. A escritora reforça a ideia de que as igrejas no Brasil não cumpriam a função de evangelizar homens e mulheres. Assim, acusa os erros do clero e o falho sistema de educação doméstico como responsáveis pelo “atraso de nossa civilização, a fonte de todos esses vícios que infestam a nossa sociedade”³⁶⁷.

O último capítulo de seu *Opúsculo* é iniciado com uma nova indagação: “Por mais rigorosas que tenham sido as instituições dos povos, concernentes à exclusão absoluta da mulher de toda a sorte de governo público, quem há aí que ignore ter ela a maior influência nas ações dos homens, e por conseguinte nos destinos dos povos?”³⁶⁸. Adiante, Nísia Floresta aponta que por trás de decisões e direções tomadas por homens importantes na sociedade, estava a figura feminina, o objeto do seu amor e devoção, e que, a partir desse sentimento, a mulher seria capaz de governar o homem. Ela exemplifica:

Quantas vezes a pena do circunspecto magistrado tem-lhe tremido a mão, firmando uma sentença contra sua consciência, para satisfazer o pedido de uma esposa, que lhe implora pelo réu de justiça! Quantas outras, o guerreiro impávido à frente do inimigo da pátria, no campo de batalha, curva o joelho e depõe a espada aos pés de uma mulher amada, se esta exige dele o sacrifício de sua glória e mais ainda, o de sua honra! E os monarcas! não tem alguns fechado os ouvidos às reclamações de seus súbitos para seguirem os ditames

³⁶⁵ “Um dos principais centros da vida social no Brasil é a igreja. Antes de entrar no seio de uma casa brasileira, entrai num dos numerosos templos do Rio de Janeiro no momento de uma cerimônia religiosa, e, logo capturareis uma das facetas originais dessa população. Pode-se ver mulheres trocando longos e doces olhares com rapazes, que vão e vêm, ou param para melhor continuar este jogo durante todo o ofício!”. REVUE DES DEUX MONDES apud FLORESTA, 1853, p. 152-153.

³⁶⁶ FLORESTA, 1853, p. 157.

³⁶⁷ FLORESTA, 1853, p. 154-155.

³⁶⁸ FLORESTA, 1853, p. 174-175.

do coração, que lhes fala por um desses seres destinados a abaterem o orgulho do homem curvando-o à sua vontade?³⁶⁹

Esperando levar o leitor a concordar que, em muitos dos casos citados, a mulher dirige o homem, Nísia Floresta conclui ser esse um dos principais motivos para reformar a educação feminina, afinal:

quem mais do que a mulher precisa de uma boa educação, correspondente às condições em que se acha colocada? Quem mais do que ela deve esclarecer o seu espírito de sorte a não abusar do império que exerce sobre o homem, e dirigir este à sua própria ventura e ao bem da humanidade?³⁷⁰

Nísia Floresta reafirma que caberia aos pais de família educarem suas filhas nos princípios da moral, baseados no cristianismo, “no exemplo de vossas virtudes, quer domésticas, quer cívicas”. A leitura de romances deveria ser substituída por livros de moral e filosofia religiosa, “que formem o seu espírito, esclareçam e fortifiquem sua razão”³⁷¹. As meninas deveriam estudar a história de seu país e terem consciência de “sua própria dignidade e a firme resolução de mantê-la intacta e vantajosamente por ações dignas da mulher, dignas da cristã, dignas da humanidade”³⁷². Ademais, era preciso desfazer os preceitos acerca da fraqueza do seu sexo, pois “a fraqueza escudada nas virtudes cristãs será sempre invencível”³⁷³.

Por fim, convida os pais, o governo e os povos do Brasil a contemplarem a grandeza da nação e toda a sua potencialidade a fim de demonstrar que o lugar ocupado pela mulher não fazia jus ao que ela poderia oferecer para a humanidade se fosse devidamente instruída e educada. Conclui: “Educai para isto a mulher, e com ela marchai avante na imensa via do progresso, à glória que leva o renome dos povos à mais remota posteridade!”³⁷⁴.

Em *Opúsculo humanitário*, Nísia Floresta reúne diversas facetas de si: a mulher educada, educadora, viajante e escritora. A publicação do livro adveio depois de anos à frente do Colégio Augusto como diretora e após sua primeira viagem à Europa, iniciada em 1849 e finalizada em 1852. A partir da leitura e análise do seu conteúdo é possível conhecer suas principais ideias acerca da sociedade brasileira oitocentista, especialmente no tocante à educação feminina e a necessidade de reformar o sistema que naquele momento garantia a manutenção da ignorância das mulheres e, por conseguinte, a sua submissão em relação aos homens.

³⁶⁹ FLORESTA, 1853, p. 174-175.

³⁷⁰ FLORESTA, 1853, p. 176.

³⁷¹ FLORESTA, 1853, p. 176.

³⁷² FLORESTA, 1853, p. 177.

³⁷³ FLORESTA, 1853, p. 177.

³⁷⁴ FLORESTA, 1853, p. 178.

Nísia Floresta estava em conformidade com ideias discutidas no Brasil, que circulavam em jornais e nas esferas do poder público, bem como na Europa. As referências frequentes a nomes de escritoras, escritores e intelectuais do passado e de seu tempo demonstram o seu letramento e sua capacidade argumentativa. Se no início de sua arguição a escritora afirmou não ter a pretensão de realizar uma reforma no espírito do país, ao concluir o seu texto é exatamente isso que ela propôs através da melhoria da educação feminina. A mulher devidamente instruída e educada seria capaz de conduzir os homens rumo ao progresso.

Sua atuação como preceptora durante a mocidade e, depois, como diretora do Colégio Augusto, instituição de ensino de meninas fundada por ela na Corte, ajudaram-na a forjar o seu projeto em defesa da educação feminina. Tal projeto é defendido não somente em seu *Opúsculo humanitário*: no decorrer de sua trajetória como escritora, Nísia Floresta formata modelos ideais de filha, esposa e mãe, todos baseados em uma educação que julgava adequada. A escrita é a ferramenta utilizada por ela para defender suas ideias e buscar convencer a classe letrada, composta em sua maioria por homens, dos erros que impediam o avanço da civilização e o progresso da humanidade.

Dessa maneira, interessa fazer conhecer e analisar sua produção escrita, composta por uma “tradução livre”, livros, artigos em jornais, manuais editados pelo Colégio Augusto e relatos de viagem. O estudo da trajetória de Nísia Floresta como escritora serve como pretexto para observar a atuação de outras mulheres no universo da escrita, suas produções e a sua recepção, aspectos discutidos no capítulo seguinte.

3 A ESCRITA COMO INSTRUMENTO DE LUTA: A EXPERIÊNCIA FEMININA NO MUNDO DAS LETRAS

Neste capítulo, a escrita feminina é abordada a partir da experiência de Nísia Floresta, integrando o contexto social brasileiro e europeu. Assim, a atuação de mulheres escritoras nos Oitocentos, a recepção, favorável ou não, de seus escritos a partir da ótica masculina, bem como o contexto histórico que ajuda a compreender sua ascensão em uma sociedade que limitava a sua existência são aspectos apresentados e analisados. A trajetória de Nísia Floresta é estudada a partir de suas publicações e de seus respectivos contextos de produção, dos principais assuntos abordados e de sua contribuição para a emancipação intelectual feminina.

3.1 *As femmes auteurs*

A precária educação oferecida às mulheres brasileiras nos Oitocentos repercutiu no estudo de suas histórias, visto que poucas dominavam a escrita e, conseqüentemente, escassas são as fontes produzidas por elas e deixadas para a posteridade. De acordo com June Hahner, comparativamente, as brasileiras eram menos letradas que as europeias e norte-americanas, “não mantinham diários e não eram muitas as que cultivavam o hábito de se corresponder por carta, o que limita nossa visão sobre o mundo feminino, suas atividades cotidianas (...)”³⁷⁵. Esse não é um problema encontrado apenas pela historiografia no Brasil.

Michelle Perrot destaca algumas razões da invisibilidade feminina para a História. Primeiramente, “porque as mulheres são menos vistas no espaço público, único que, por muito tempo, merecia interesse e relato. Elas atuam em família, confinadas em casa, ou no que serve de casa”³⁷⁶. Além disso, há o silêncio das fontes, pois “as mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou materiais. Seu acesso à escrita foi tardio. Suas produções domésticas são rapidamente consumidas, ou mais facilmente dispersas”³⁷⁷. Soma-se a isso, ainda, o que Perrot chamou de dissimetria sexual das fontes, já que a maioria dos relatos foram produzidos por homens que, quando falam das mulheres, tratam-nas com generalizações. Assim, “a prolixidade

³⁷⁵ HAHNER, June E. Honra e distinção das famílias. In: BASSANEZI, Carla; PEDRO, Joana Maria (org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018. p. 44.

³⁷⁶ PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 16-17.

³⁷⁷ PERROT, 2008, p. 17.

do discurso sobre as mulheres contrasta com a ausência de informações precisas e circunstanciadas”³⁷⁸.

Essa invisibilidade se torna menor no caso de mulheres que se apropriaram da escrita. Entendida como uma prática masculina, a escrita nas mãos de mulheres despertava reações ambíguas de deslumbramento e horror, visto que provocava deslocamentos sociais e repercutia na configuração dos papéis atribuídos a cada sexo. Nesse sentido, “a escrita feminina tornou-se um vetor de transformações ou de indicações para mudanças sociais almejadas por mulheres e constitui-se em reforço aos modelos da família burguesa em ascensão”³⁷⁹.

A escrita feminina nos Oitocentos representava a contestação da diferenciação sexual entre homens e mulheres. A razão, o intelecto e o espaço público estavam associados ao masculino, enquanto a emoção e o espaço doméstico limitavam o feminino. Recebendo uma educação voltada para o desempenho das atividades do lar, as meninas eram preparadas para a vida adulta que pouco comportaria trabalhos de cunho intelectual.

Nísia Floresta teve uma trajetória singular no universo da escrita, conquistando leitores no Brasil e Europa, uma vez que seus livros foram publicados e traduzidos em diferentes línguas, como francês e inglês. A instrução viabilizada pelo pai lhe garantiu contato com leituras nacionais e estrangeiras. O domínio da língua francesa, inclusive, foi o que possibilitou a publicação de seu primeiro livro, *Direito das mulheres e injustiça dos homens*³⁸⁰, em 1832.

Sua experiência não é, no entanto, a única exceção entre as mulheres brasileiras, é, antes de tudo, fruto de uma possibilidade. No decorrer do século XIX, mulheres se apropriaram da escrita para expressar expectativas, sentimentos e/ou reivindicar direitos, participando de jornais e editando livros. Defender a melhoria da educação feminina era, concomitantemente, assumir a existência da capacidade intelectual do belo sexo. Por isso, não foi uma atividade exercida sem enfrentar resistências.

Para que a ousadia inerente à escrita feminina seja inteligível é necessário conhecer o contexto social que dificultava sua existência. Acreditava-se que “o saber é contrário à feminilidade”³⁸¹, ou seja, que o intelecto sequer fazia parte da natureza feminina. A instrução era negada às mulheres não apenas para mantê-las sujeitas à vontade masculina, mas porque elas não seriam capazes de aprender.

³⁷⁸ PERROT, 2008, p. 17.

³⁷⁹ QUEIROZ, Teresinha. Amélia Bevilacqua e a escrita feminina no Brasil. In: BORRALHO, J.; GOMES, M.; BEZERRA, N. (org.). *Pontos, contrapontos não desvendados: os vários tecidos sociais de um Brasil Oitocentista*. São Luís: Café e Lápis, Editora UEMA, 2011b. p. 211.

³⁸⁰ FLORESTA, Nísia. *Direito das mulheres e injustiça dos homens*. São Paulo: Cortez: 1989.

³⁸¹ PERROT, 2008, p. 91.

Diversas representações acerca das mulheres coexistiram nos Oitocentos. Quanto ao corpo e sentimento feminino, o discurso médico e masculino repercutia diretamente sobre o modo como elas deveriam se comportar. Havia o indicativo da necessidade da higiene dos corpos femininos e do lar, associado ao desenvolvimento moral e à prática de exercícios físicos. O ideal de beleza sofreu modificações, e o espartilho foi gradualmente abandonado³⁸².

A maternidade deveria ser acompanhada, a grávida vigiada, e o parto em casa foi, aos poucos, sendo substituído pelo praticado em hospitais com profissionais. As doenças eram relacionadas especificamente com o sexo, existindo a concepção de que algumas enfermidades eram inerentes a todas as mulheres, como a enxaqueca, o histerismo, a tuberculose e doenças genitais³⁸³.

As transformações culturais reorganizavam as atribuições de cada sexo. As meninas recebiam educação da mãe ou eram enviadas para instituições onde conheciam e se relacionavam com suas semelhantes, criando laços de fraternidade ou desenvolvendo relações conflituosas, permeadas por ciúme e inveja. Quanto ao convívio com os homens, o conflito se manifestava quando as mulheres demonstravam desejo de emancipação. O casamento não envolvia sentimentos românticos e era uma oportunidade para que elas assumissem uma identidade social, sendo reconhecidas pela união contraída³⁸⁴.

A família era considerada uma célula importante para o bom funcionamento do Estado e o progresso da humanidade, era entendida como a base da sociedade. Assim, o “doméstico constitui uma instância reguladora fundamental e desempenha o papel de deus oculto”³⁸⁵. Na constituição familiar, o pai exercia poder ilimitado, “o direito, a filosofia, a política, tudo contribui para assentar e justificar sua autoridade”³⁸⁶. Seus poderes contemplavam o espaço público e privado, uma vez que ele era livre para transitar entre ambos e o único que possuía direitos políticos. Em casa, era dele as decisões econômicas, pedagógicas, “principalmente no que se refere aos filhos, e para alianças matrimoniais”³⁸⁷. Perrot destaca que esse era um modelo europeu comum a católicos, judeus, ateus, burgueses e populares.

³⁸² KNIBIEHLER, Yvonne. Corpos e corações. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle (org.). *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991. p. 351-401.

³⁸³ KNIBIEHLER, 1991.

³⁸⁴ KNIBIEHLER, 1991.

³⁸⁵ PERROT, Michelle. A família triunfante. In: PERROT, Michelle (org.). *História da vida privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009a. p. 80.

³⁸⁶ PERROT, Michelle. Figuras e papéis. In: PERROT, Michelle (org.). *História da vida privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009b. p. 107.

³⁸⁷ PERROT, 2009b, p. 111.

No Brasil, observava-se um cenário semelhante quanto ao domínio masculino sobre a família. A esse respeito, Ana Silvia Scott sintetiza:

Por muito tempo, ao longo da história do Brasil, os valores patriarcais, que remontam ao período colonial, foram referência quando o assunto é família: pressupunham a ideia de submissão de todos (parentes e/ou dependentes) que estivessem sob o poder do *pater familias*. Na ordem patriarcal, a mulher deveria obedecer a pai e marido, passando da autoridade de um para a do outro através de um casamento monogâmico e indissolúvel. O domínio masculino era indiscutível. Os projetos individuais e as manifestações de desejos e sentimentos particulares tinham pouco ou nenhum espaço quando o que importava era o grupo familiar e, dentro dele, a vontade do seu chefe, o patriarca, era soberana³⁸⁸.

O pensamento filosófico também se ocupou das diferenças entre os sexos. De acordo com Michèle Crampe-Casnabet, “geralmente, está-se de acordo, no Século das Luzes, que as mulheres constituem metade do gênero humano”³⁸⁹. Essa metade não era quantitativa, tinha um sentido funcional. A autora explica que:

A expressão metade do gênero humano parece em si mesma ambígua, porque, estranhamente, não é recíproca: não se diz dos homens que eles constituem metade do gênero humano. Intervém aqui um sofisma sutil: estamos em presença de uma metade que não parece, efetivamente, fazer par com a outra metade: digamos que a metade feminina existe em relação à metade masculina que lhe confere o fundamento e permite a sua definição³⁹⁰.

Portanto, os discursos filosóficos sustentavam, em sua maioria, a desigualdade intelectual das mulheres, ignorando, por exemplo, suas contribuições nos salões onde se propagava a literatura e as ciências. Esses discursos ignoravam a mulher como sujeito, entendendo-a apenas como objeto, enquanto o homem é ao mesmo tempo sujeito e objeto. Concentrando em suas mãos o direito de falar sobre si e sobre o outro, neste caso, a mulher, os homens legitimavam o lugar ocupado pela sua metade³⁹¹.

Crampe-Casnabet destaca, ainda, que os textos filosóficos discutiam acerca da natureza feminina, pois recorrer a ela possibilitava formular uma teoria racional do feminino. Nesse sentido, a natureza estava relacionada à mulher, e a cultura ao homem. Os questionamentos também eram dirigidos às suas faculdades intelectuais, visto que se acreditava que ela não poderia ter simultaneamente a beleza e a razão. Para parte dos filósofos iluministas, as mulheres

³⁸⁸ SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018. p. 15-16.

³⁸⁹ CRAMPE-CASNABET, Michèle. A mulher no pensamento filosófico do século XVIII. In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlete (org.) *História das mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991. p. 371.

³⁹⁰ CRAMPE-CASNABET, 1991, p. 372.

³⁹¹ CRAMPE-CASNABET, 1991.

não eram capazes de invenção e estavam “excluídas do gênio, ainda que possam ter acesso à literatura e a certas ciências. Essa incapacidade é baseada numa psicologia ‘natural’. A mulher é o ser da paixão e da imaginação, não do conceito”³⁹².

A noção de imaginação não estava ligada à capacidade inventiva, que levava ao conhecimento, mas “senhora do erro e da falsidade, a imaginação está marcada pelo selo da infância”³⁹³. Seu excesso poderia levar ao adoecimento. A associação do feminino com a imaginação tornava a mulher infantil, frágil e incontrolável.

Esse discurso filosófico legitimava as funções de esposa e mãe como naturais do sexo feminino. O seu dever era procriar, e este era “inseparável do estatuto de servidão doméstica: ocupar-se do marido, dos filhos, da casa, confere e impõe tantos deveres que seria cruel sobrecarregar a mulher com outras preocupações”³⁹⁴. Tinha-se, assim, a justificativa para confiná-las no espaço doméstico e para mantê-las sem acesso à instrução. Nesse contexto, o casamento era entendido como um contrato voluntário de submissão, onde o marido era superior à sua esposa. A educação oferecida às mulheres tinha a função de prepará-las para suas funções naturais. Quanto à cidadania, essa deveria ser-lhe negada, pois sua participação na vida pública representava perigo para a unidade e funcionamento familiar.

Arthur Schopenhauer (1788-1860), filósofo alemão, ilustra o pensamento intelectual masculino de sua época ao descrever as mulheres como seres infantis, incapazes de amadurecimento cognitivo. Esse seria, inclusive, o motivo para que fossem elas as primeiras educadoras de seus filhos, pois:

Com toda razão, poder-se-ia chamar o sexo feminino de não-estético. Nem para a música, nem para a poesia, tampouco para as artes plásticas as mulheres têm, real e verdadeiramente, talento e sensibilidade; quando, porém, elas afetam ou simulam essas qualidades, de nada mais se trata senão de pura macaqueação voltada a seu desejo de agradar³⁹⁵.

Para mães e educadoras em nossa primeira infância, as mulheres se mostram particularmente adequadas, já que são infantis, tolas e têm visão curta. Em poucas palavras, são crianças grandes: uma espécie de estágio intermediário entre a criança e o homem, que é, este sim, uma pessoa de verdade³⁹⁶.

O filósofo desconsiderava a mulher enquanto indivíduo. A possibilidade de conceder direitos iguais a homens e mulheres só seria possível, em sua concepção, se a elas fosse dado

³⁹² CRAMPE-CASNABET, 1991, p. 386.

³⁹³ CRAMPE-CASNABET, 1991, p. 387.

³⁹⁴ CRAMPE-CASNABET, 1991, p. 388.

³⁹⁵ SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de lidar com as mulheres*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 25.

³⁹⁶ SCHOPENHAUER, 2004, p. 27.

um intelecto masculino. O autor compartilha a ideia de que o sexo feminino é uma metade imperfeita do masculino, uma vez que “quando a natureza dividiu o sexo humano em duas partes, não fez o corte exatamente na metade. Em toda polaridade, a diferença entre o polo positivo e o negativo não é puramente qualitativa, mas também quantitativa”³⁹⁷.

Usando de tom sarcástico, Schopenhauer desdenha de qualquer tentativa de equiparação entre os sexos e defende que isso desorganizaria a sociedade. Afirma: “Concedendo à mulher direitos acima da natureza, impuseram-lhe igualmente deveres acima da natureza, daí decorre para ela uma infinidade de desgraças”³⁹⁸. O tom permanece o mesmo ao descartar a possibilidade de que mulheres exercessem funções públicas, como, por exemplo, quando afirma:

As mulheres, como pessoas que, por causa da fraqueza de seu intelecto, são muito menos capazes do que os homens de entender, reter e tomar como norma princípios gerais, ficam em regra atrás deles em relação à virtude da justiça e, portanto, também da probidade e da retidão; por isso, a injustiça e a falsidade são seus fardos mais frequentes e a mentira seu elemento real. [...] A ideia de ver mulheres exercendo a magistratura desperta risos³⁹⁹.

Schopenhauer é apenas um dentre tantos que defendem a inferioridade feminina e a negação de seus direitos civis. O não reconhecimento de funções sociais para além do lar deveria mantê-la restrita a esse espaço, em um estado de subserviência aos homens. No entanto, a existência de mulheres que ultrapassavam esses limites era a contradição prática desses discursos. Ainda que, quando acontecesse, eram associadas ao masculino e dissociadas de seu próprio sexo.

O campo das artes e literatura também se ocupou do feminino. Stéphane Michaud destaca que “nunca se falou tanto das mulheres como no século XIX”⁴⁰⁰. Eram retratadas como anjos ou demônios, encontrando plenitude apenas na maternidade. Michaud afirma que o “espelho que a literatura oferece fala, assim, de uma verdade não sabida ou que se teria desejado manter oculta. Ela esclarece a sociedade sobre si própria, mais fortemente do que em qualquer época anterior”⁴⁰¹. Assim como na filosofia, a literatura discutiu acerca da natureza da mulher, formatando modelos ideais, que pesavam sobre o imaginário social. A mulher simbólica

³⁹⁷ SCHOPENHAUER, 2004, p. 9.

³⁹⁸ SCHOPENHAUER, 2004, p. 6.

³⁹⁹ SCHOPENHAUER, 2004 p. 93.

⁴⁰⁰ MICHAUD, Stéphane. Idolatrias: representações artísticas e literárias. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle (org.). *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991. p. 146.

⁴⁰¹ MICHAUD, 1991, p. 150.

representava um instrumento de poder. Entrava em cena não somente o desejo masculino, mas a liberdade feminina, refletindo a ambiguidade daquela sociedade.

Nesse contexto, a escrita conferia certo poder a quem dela se apropriava, daí o desconforto causado pela atividade quando exercida por mulheres. Havia o apego dos homens à imagem da mulher, aquela construída no imaginário, uma vez que a mulher real causava escândalo, espanto. A literatura se constituiu relevante não apenas como campo de representação do feminino pelo masculino, mas por possibilitar a existência de mulheres leitoras e escritoras⁴⁰².

Antes de se tornar leitora, a mulher necessitava ser alfabetizada e poucas conseguiam este feito. Marie-Claire Hooock-Demarle informa que entre 1780 e 1880, aproximadamente, os principais países da Europa implantaram o ensino primário e secundário para meninas. Assim, “saber ler e escrever é um primeiro passo, transposto relativamente depressa, mas as dificuldades começam com a livre escolha da leitura e a reflexão sobre os seus conteúdos”⁴⁰³. Importa compreender que uma mulher alfabetizada era aquela que ia além da escrita e leitura do próprio nome, devendo ser capaz de reflexão. A autora afirma:

Mas ler e escrever são também instrumentos de integração das mulheres no mundo moderno; ler implica uma organização social da leitura, escrever uma relação privilegiada com um público, mas ambos engendram formas de sociabilidade no seio das quais se opera uma reflexão das mulheres sobre si mesmas, sobre os meios que lhes são dados para se manifestarem, sobre os seus modos de expressão específicos e sobre sua percepção própria do tempo e do espaço⁴⁰⁴.

Ainda que tivessem acesso à educação primária, não se deve esquecer que o papel atribuído às mulheres dificultava sua progressão nos estudos. Houve aquelas que entenderam ser necessário obter o conhecimento por vias não convencionais, que ultrapassavam os limites escolares. Esperava-se que a mulher fosse a educadora de seus filhos em sua primeira idade, ao mesmo tempo em que ela estava excluída da cultura letrada.

A preparação para educar os filhos contava com a leitura de textos e manuais de cunho religioso e moral, uma ponte criada por filósofos e pedagogos das Luzes, que levou ao interesse por outros gêneros. Os homens logo identificaram essa inclinação como perigosa para a

⁴⁰² MICHAUD, 1991.

⁴⁰³ HOOCK-DEMARLE, Marie-Claire. Ler e escrever na Alemanha. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle (org.). *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991. p. 171-172.

⁴⁰⁴ HOOCK-DEMARLE, 1991, p. 172.

manutenção da ordem doméstica, uma vez que “a leitora não cumpre nem o seu ofício de esposa e de mãe, nem a sua missão de mulher, que é velar pela ordem íntima da família e do lar”⁴⁰⁵.

Entretanto, seria errôneo acreditar que a atividade intelectual feminina foi resultado apenas da permissão de homens desatentos, que, sem medirem as consequências, possibilitaram seu contato à cultura letrada. Apesar de todas as tentativas de impedir o acesso de mulheres ao conhecimento, especialmente através dos discursos que reforçavam sua natureza servil, sempre existiram aquelas exceções que desafiavam os padrões sexuais vigentes.

As mulheres aproveitaram as brechas entre o discurso e a prática para avançar pelos espaços que lhe eram negados. A leitura de outros gêneros além daqueles recomendados pelos intelectuais e legisladores gerou a transformação da leitura feminina de repetitiva para uma que promovia reflexão. O romance era o preferido entre as mulheres, ajudando-as a vivenciar uma realidade diferente das suas. E era mais que isso:

O romance torna-se o espelho do que vivem então as mulheres em França ou na Alemanha, ele já não é sinônimo de evasão, mas, pelo contrário, de uma tomada de consciência da existência de um mundo europeu de mulheres confrontadas com os mesmos problemas. Da leitura nasce uma solidariedade feminina que atinge as mulheres de todas as classes sociais e de todas as gerações. [...] De objeto de leitura pessoal, de suplemento de alma e de evasão, o livro tornou-se o ponto de partida de uma reflexão de si e dos outros⁴⁰⁶.

A mulher que lia tornava-se ainda mais perigosa quando decidia criar, escrever. Essa foi uma transição marcada por disputas e animosidades. O desprezo para com as capacidades intelectuais femininas, “não reconhece também o gênio ou o talento das mulheres autores”⁴⁰⁷. Ao serem referidas pelo masculino, e não como *autoras*, ficava evidente a negação de sua competência criativa.

O texto assinado por Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) na seção Crônica estrangeira, do periódico *Courrier Du Brésil* é demonstrativo do tratamento oferecido às *femmes auteurs*⁴⁰⁸. Proudhon argumenta que as mulheres são intelectualmente limitadas, incapazes de pensamento abstrato, síntese ou julgamento crítico, e que sua contribuição se restringe a analogias e improvisos. Afirma:

La femme ne forme par elle-même ni universaux ni catégories : capable jusqu'à un certain point de recevoir l'idée et d'en suivre la déduction, elle l'attend d'ailleurs ; elle ne généralise point, ne synthétise pas. Son esprit est

⁴⁰⁵ HOOCK-DEMARLE, 1991, p. 181.

⁴⁰⁶ HOOCK-DEMARLE, 1991, p. 183.

⁴⁰⁷ HOOCK-DEMARLE, 1991, p. 189.

⁴⁰⁸ PROUDHON, Pierre-Joseph. Les femmes auteurs. *Courrier Du Brésil*. Rio de Janeiro, ano 5, n. 27, p. 4-5, 4 jul. 1858. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709719&Pesq=Proudhon&pagfis=934>. Acesso em: 1 ago. 2025.

antimétaphysique. Comme dit Daniel Stern, si une idée lui vient, c'est un accident heureux, une rencontre, un raccroc, dont elle-même ne peut pas donner la démonstration, la raison. Il en résulte que la femme est incapable de produire une composition régulière, ne fût-ce qu'un simple roman. De son fonds, elle ne saisit que des analogies ; elle fait de la marqueterie, des impromptus ; elle compose des macédoines et des monstres. Dans la conversation, elle ne saisit pas d'ensemble le discours de son interlocuteur : c'est au dernier mot qu'elle demande la réplique. Par la même raison, elle n'a pas de puissance critique : elle fera l'épigramme, le trait d'esprit, la satire ; elle réussit dans la mimique ; elle ne sait ni motiver ni formuler un jugement. Sa raison est louche comme les yeux de Vénus. La femme a contribué largement pour sa part au vocabulaire des langues, je le crois ; mais ce n'est pas elle qui a créé les mots qui servent aux idées abstraites — substance, cause, temps, espace, quantité, rapport, etc. ; ce n'est pas elle, par conséquent, qui a créé les règles grammaticales et les particules, pas plus qu'elle n'a inventé l'arithmétique et l'algèbre. On peut toujours, dans le livre d'une femme, après avoir retranché ce qui vient d'emprunt, imitation, lien commun et grappillage, reconnaître ce qui lui est propre : or, à moins que la nature ne vienne à changer ses lois, je puis dire que ce résidu se réduit constamment, comme impression de lecture ou de conversation, à quelques gentilleses comme philosophie, à rien.

Proudhon cita sua filha de três anos e o modo como nomeia objetos a sua volta como exemplo de toda a filosofia que uma mulher poderia adquirir: analogias, aproximações, falsas semelhanças, esquisitices, variantes, sendo incapazes de análise, de síntese, de uma ideia adequada ou de uma concepção.

O autor relata que, em 1839, perguntou a M. Droz sobre Madame de Staël, confessando que não conseguira terminar a leitura de suas obras mais famosas. Droz contou que ele e Andrieux, antes entusiastas da autora, anos depois sentiram o mesmo desgosto ao relê-las. Assim, afirma que as celebridades femininas eram criadas e sustentadas pela leitura de suas obras por jovens, que não mantinham o gosto quando na maturidade. Acrescenta, ainda, que o defeito de muitas escritoras era quererem ser homens, mas, não conseguindo, ficavam aquém da própria mulher. Por fim, o autor ironiza a opinião daqueles que elevavam a escritora em relação a Napoleão. No caso de Madame de Staël, afirma, não ofereceu nada como um homem de Estado, e diante de escritores consagrados, nada poderia oferecer.

Proudhon também comenta a atuação de George Sand na escrita. Assume que se alguma mulher possuía um verdadeiro gênio, fora ela. Destaca a sua educação privilegiada, sua vasta experiência social e cultural, e a sua extraordinária capacidade de expressão, fatores que possibilitaram sua entrada na carreira literária. Entretanto, questiona a profundidade de suas ideias, além da sua reputação e honra, e considera que seus romances apresentavam estilo superficial, característico de épocas de decadência literária, carecendo da solidez e concisão dos grandes clássicos.

As ideias defendidas por Proudhon representam o pensamento hegemônico dos Oitocentos acerca da capacidade intelectual e o papel social das mulheres. As contribuições das mulheres estariam limitadas a aspectos superficiais ou emocionais, associados ao ambiente doméstico, por conseguinte, à família. Portanto, qualquer tentativa de incursão no campo intelectual ou artístico era vista como uma aberração ou uma falha. As críticas direcionadas a figuras proeminentes como Madame de Staël e George Sand são exemplares dessa mentalidade, desvalorizando suas obras e vidas sob o pretexto de que elas se afastaram de um ideal feminino.

Se a negação em aceitar a mera existência de uma escrita feminina dificultava sua prática, isso não foi capaz de inibir a sua difusão. As mulheres criaram caminhos para escrever, como utilizar o nome dos maridos ao publicarem, “o que dá lugar a muitas discussões familiares e nem sempre é percebido como uma honra”⁴⁰⁹. A realização de traduções constituiu uma estratégia feminina para manter-se escrevendo. Isso porque era considerada uma atividade servil, executada no lar e anonimamente. Novamente, elas foram além do que lhes era permitido, conforme explica Hooock-Demarle:

Traduzir é fazer um uso concreto dos conhecimentos adquiridos e, para certas mulheres que disso têm consciência, há uma margem de liberdade na escolha dos textos a traduzir, e até mesmo a possibilidade de introduzir, ao acaso da tradução, reflexões e matizes que não encontrariam noutro lado. [...] Se traduzir faz parte daquele que Proudhon chama de ‘uma atividade de serviço’, esta atividade fornece, todavia, às mulheres que a praticam o impulso necessário para passarem a um outro modo de escrita⁴¹⁰.

É importante ressaltar que a introdução de Nísia Floresta no mundo das letras se deu a partir da publicação de *Direito das mulheres e injustiça dos homens*, apontado como uma tradução livre de *Reivindicação dos direitos das mulheres*⁴¹¹, de Mary Wollstonecraft. Ainda que seja necessário discutir adiante as especificidades desse episódio, ele serve como exemplificação da aproximação entre as vivências femininas nesse período.

De acordo com a saber compartilhado no período, a natureza feminina não permitia o desenvolvimento criativo e parte daquelas que se apropriaram da escrita, o fizeram no domínio do privado⁴¹². Entre as que conseguiram publicar, enfrentaram o sarcasmo “que, no século XIX, acompanha as mulheres que ‘se pretendem autores’”⁴¹³. O crescimento do contingente de mulheres que pretendiam “ganhar a vida pela pena” não implicava a crença de que pudessem,

⁴⁰⁹ HOOCK-DEMARLE, 1991, p. 189.

⁴¹⁰ HOOCK-DEMARLE, 1991, p. 190.

⁴¹¹ WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos das mulheres*: o primeiro grito feminista. São Paulo: EDIPRO, 2015.

⁴¹² PERROT, 2008, p. 97.

⁴¹³ PERROT, 2008, p. 97.

de fato, tornar-se escritoras profissionais, dada a impossibilidade de serem reconhecidas como tais⁴¹⁴.

As diferenças entre os sexos pareciam tão óbvias que dispensavam explicações. No entanto, os constantes esforços masculinos em reforçar sua superioridade e limitar o poder feminino à esfera do lar eram resultantes do medo que sentiam das mulheres e das consequências das transformações que assistiam no decorrer do século. Essa diferenciação era mantida através de duas proposições: “as mulheres já tinham todo o poder que poderiam usar, e fora de casa elas eram mal equipadas para exercer qualquer poder”⁴¹⁵.

Embora se ocupassem em reforçar a domesticidade das mulheres, os homens reconheciam que elas possuíam um poder invisível, que estavam no controle das ações masculinas secretamente. Em síntese, elas controlavam os seus maridos, agindo com falsa submissão, de forma que, mesmo limitadas ao espaço doméstico, atuavam nas decisões públicas. Por outro lado, acreditavam que as mulheres eram o sexo frágil, “demasiadamente pura e vulnerável”⁴¹⁶. Peter Gay afirma que:

O medo que o homem sente da mulher é tão antigo quanto a história, mas foi só no século burguês que ele se transformou num tema proeminente nos romances populares e tratados médicos. [...] Para a maioria dos homens que se regalavam com a dominação, uma mulher que abandonasse sua própria esfera constituía não apenas uma anomalia, uma mulher-macho; mais do que isso, levantava incômodas questões quanto ao papel masculino, um papel que não se definia mais isoladamente, mas numa constrangedora confrontação com o sexo oposto⁴¹⁷.

Essas visões, muitas vezes conflitantes entre si, eram afrontadas pela atuação de mulheres que escreviam e contradiziam as certezas masculinas. De acordo com Gay, entre as motivações para a escrita estava o interesse por dinheiro. “Artigos, poemas, dramas, romances, livros de viagem e de autoajuda eram mostras de um talento arduamente adquirido e precariamente gozado”. Ademais, “a mulher autora era [...] uma protagonista na grande redefinição de papéis que marcou a era”⁴¹⁸. Gay acrescenta que:

As razões pelas quais as mulheres entraram nesse modo de ganhar a vida eram bastante óbvias, na época. As obstruções enfrentadas por uma poeta ou uma romancista eram menores, se comparadas às que bloqueavam seu acesso às profissões liberais, para não falar da política. Ela podia escrever em casa, recolhidamente, nos intervalos dos serviços domésticos; não exigia capital,

⁴¹⁴ PERROT, 2008, p. 97-98.

⁴¹⁵ GAY, Peter. O poderoso sexo frágil. In: GAY, Peter. *O cultivo do ódio: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 296.

⁴¹⁶ GAY, 2001, p. 304.

⁴¹⁷ GAY, Peter. *A educação dos sentidos: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das letras, 1988. p. 128.

⁴¹⁸ GAY, 2001, p. 331.

treinamento ou instrução avançada – apenas uma mesa, a parafernália para escrever e algum tempo roubado⁴¹⁹.

As reações à tomada da pena por mulheres eram diversas, entre críticas, assombro e deslumbramento; “não se tratava de maneira alguma, de uma guerra implacável e de posições definidas”⁴²⁰. Enquanto algumas vozes se levantavam para tentar barrar o seu avanço, outras se mostravam impressionadas. Parte dos editores logo identificaram que essa seria uma atividade lucrativa e, portanto, era digna de investimentos. Os escritores viram aí uma ameaça e, inseguros, “traduziam em censura contra-agressiva a sua preocupação com escritoras agressivas”⁴²¹.

O medo, além da concorrência pelo mercado literário, residia sobre o futuro da família enquanto base da sociedade. Afinal, quem substituiria a mulher no ambiente doméstico caso ela se tornasse uma escritora profissional? O receio causado por esse questionamento repercutiu na escrita de homens, que traspuseram suas inseguranças em enredos repletos de lares devastados, maridos adúlteros, crianças negligenciadas e doentes. Independentemente de acumular as funções de esposa, mãe e escritora, o lar sempre seria prejudicado, como o era até mesmo pelo simples gosto pela leitura⁴²².

O deslocamento causado pela escrita interpunha obstáculos às mulheres que inexistiam para os homens que exerciam a atividade. O conteúdo do que elas escreviam não importava tanto quanto o ato de escrever, ainda que não exigissem a concessão de direitos. Entre as que escreviam, não havia necessariamente o questionamento às funções sociais de seu sexo, o que significava uma vida dividida entre as obrigações domésticas e o desejo de escrever. Annelise Mauge destaca que:

As mulheres escritoras não ignoravam que não é fácil ser um indivíduo de corpo inteiro apenas durante uma parte do tempo. Elas vivem constantemente as dificuldades e contradições desse modo de viver. ‘Por vezes, quando ensino ou costuro, quereria estar a ler ou a escrever’, confessava Charlotte Bronte. Mas não só o tempo entra em jogo. As mil preocupações determinadas pelas necessidades dos outros, ‘essa série de tarefas domésticas’, queixava-se Eugénie de Guérin, ‘que ocupam todos os meus momentos e todo o meu próprio eu’, dispersaram e diluem um eu que, no ímpeto criador, aspira com uma intensidade particular a concentrar-se para desenvolver sua singularidade⁴²³.

⁴¹⁹ GAY, 2001, p. 332.

⁴²⁰ GAY, 2001, p. 332.

⁴²¹ GAY, 2001, p. 333.

⁴²² MAUGUE, Annelise. A nova Eva e o velho Adão. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle (org.). *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991. p. 582-601.

⁴²³ MAUGUE, 1991, p. 585.

Apesar do desejo de escrever, as mulheres estavam cientes das limitações que a atividade implicava. Além da oposição masculina, existia a resistência por parte de suas semelhantes. Dentre essas, Gay destaca George Eliot, que “não se opunha em princípio às ‘senhoras romancistas’; o que a aborrecia era que as mulheres contemporâneas estavam turvando a pura corrente da literatura com uma lamacenta avalanche de ficção popularesca”. A escritora criticava a composição de “heroínas sobre-humanas, belas, instruídas e sagazes, religiosas”⁴²⁴, e ignorou a distância entre a mulher que escrevia e a sociedade por ela retratada.

Pseudônimo de Mary Ann Evans, George Eliot nasceu em 1819, em Chilvers Coton, Reino Unido. Em 1844, realizou seu primeiro trabalho: a tradução da obra de Levi Strauss. Essa era, afinal, uma estratégia utilizada por mulheres para ingressarem no mundo das letras e ter ganhos financeiros. Seguiu publicando romances e poesias⁴²⁵. Suas histórias retratam o cotidiano e as relações interpessoais e suas heroínas possuíam caráter ambíguo: questionam a realidade vivenciada, mas terminam por se adequarem ao comportamento preponderante. Janaína Gomes Fontes destaca que:

Ao ler suas reflexões e conflitos, percebe-se que seus desejos e vontades se contrapõem a diversos valores da sociedade vitoriana, principalmente os que oprimem as mulheres. No entanto, por mais que se esforcem no sentido de fugir dessa opressão, elas acabam tendo que se submeter a ela. É como se Eliot tentasse denunciar, por meio do comportamento de suas heroínas, os malefícios de um sistema que subjuga as mulheres, mas seja por medo de não conseguir aceitação, seja por um certo conservadorismo próprio, acabasse por castigá-las para que aprendessem suas lições⁴²⁶.

Se Eliot manteve o conservadorismo em sua escrita, sua vida era outra. De acordo com Maugue, enquanto suas personagens tomavam decisões altruístas, abnegadas e agiam conforme o esperado para o seu sexo, Eliot se casou aos sessenta anos com um homem vinte anos mais novo. “Antes tinha vivido perto de trinta anos em união livre com George Lewes, de resto casado e pai de família”, mas sua criatura, Maggie Tulliver⁴²⁷, se recusou a casar com um homem que já havia sido pretendente de uma amiga⁴²⁸.

⁴²⁴ GAY, 2001, p. 336.

⁴²⁵ FONTES, Janaína Gomes. *George Eliot: a maternidade ressignificada*. 2014. 268 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

⁴²⁶ FONTES, Janaína Gomes. As heroínas de George Eliot: subversão ou conformismo. In: SEMINÁRIO MULHER E LITERATURA, 14., 2011, Brasília. *Anais do XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura/ V Seminário Internacional Mulher e Literatura*, Brasília, 2011, v. 1, n. 1. p. 2. Disponível em: <<http://www.mulhereliteratura.com.br/anais/>>. Acesso em: 1 abr. 2016.

⁴²⁷ Protagonista do livro *O moinho à beira do rio Floss*, publicado por George Eliot em 1860, em três volumes.

⁴²⁸ MAUGUE, 1991, p. 587.

Nesse sentido, Maugue aponta a contradição e indaga: “Em que medida não procura Eliot desculpar-se por ter tido a ousadia de ser ela mesma, através do amor e da escrita, descrevendo essas heroínas que põem toda a sua energia em se anularem?”⁴²⁹. A distância entre o que escrevia e o que vivia não impediu que Eliot atingisse o reconhecimento e o prestígio social. Ainda que não desafiasse os padrões sexuais em suas produções, não deixou, por outro lado, de transgredir ao ultrapassar os limites impostos às suas semelhantes ao se apropriar da escrita.

George Sand também se destacou no meio literário, apesar da vida íntima conturbada e destoante da moral prescrita para o seu sexo. De acordo com Gay, sua relação com a escrita transitava entre o interesse financeiro e a paixão e o prazer⁴³⁰. Nascida Aurore Dupin, em 1804, vinda da aristocracia, produziu romances, contos, peças de teatro, artigos e ensaios políticos entre os anos de 1830 e 1876. O pseudônimo seria inspirado no relacionamento com Jules Sandeau⁴³¹. Avaliando sua trajetória, Perrot afirma que ela:

[...] constitui o próprio exemplo da posição fronteira, mesmo no seu caso, de uma ‘mulher escritor’. [...] Depois, pela escolha de um pseudônimo masculino [...]. A ausência de *s* em George seria de uma vontade andrógena? É provável que ela tenha procurado escapar da obscura coorte das ‘mulheres autoras’, para inscrever-se na gloriosa linhagem dos grandes escritores. Em todo caso, ela endossa sua masculinidade, pelo menos em sua vida profissional, fala de si no masculino [...]⁴³².

Ao escolher um pseudônimo masculino, Sand ofereceu aos conservadores a explicação para o seu sucesso: não possuía natureza feminina. Maugue acrescenta: “Andrógina, Sand? Talvez; mas, porque tem gênio, homem em primeiro lugar, homem essencialmente”; não era comparada aos homens, mas “incluída entre eles”⁴³³. Acusada de levar uma vida promíscua e possuir amantes, a escrita era um meio de sobrevivência, iniciada após um casamento infeliz. Logo, sua reputação não era das melhores:

Sem dúvida, a notoriedade que ela gozou e suportou até a década de 1830 estava ligada à sua juvenil militância política e sexual. Jamais desapareceu totalmente a espantosa descrição que faziam dela, de escandalosa conquistadora do mundo literário, zombando dos padrões morais dominantes, com seus amantes, seus charutos, suas calças. Mas os companheiros de ofício de Sand, os escritores, descontavam a maledicência e celebravam a profissional honesta e trabalhadora⁴³⁴.

⁴²⁹ MAUGUE, 1991, p. 587.

⁴³⁰ GAY, 2001.

⁴³¹ COSTA, Patrícia Rodrigues; SOUSA, Germana Henriques Pereira de. George Sand no Brasil. *Belas infieis*, Brasília, v. 4, n. 1, p. 257-288, 2015.

⁴³² PERROT, 2008, p. 98.

⁴³³ MAUGUE, 1991, p. 595.

⁴³⁴ GAY, 2001, p. 354.

A escritora travestia-se de homem e frequentava assembleias e espaços públicos não ocupados por suas iguais. Apesar do sucesso na França, e fora dela, “a recepção da obra de Sand ilustra também as dificuldades do reconhecimento”⁴³⁵, pois estava constantemente sob suspeita, apontada como inspirada em homens ou escrita por eles. Além disso, seu posicionamento político levantava suspeitas, ora estava equivocada, ora era acusada de ser omissa.

De acordo com Perrot, “o caso de Sand, em seus paradoxos, ilustra a dificuldade, para uma mulher, de transpor a barreira das letras. Apesar de tudo, as mulheres transpuseram essa barreira”⁴³⁶. Ainda que os discursos médicos, filosóficos, ou que as representações na literatura e na arte insistissem em uma mulher sem intelecto, infantilizada e sem capacidade criativa, a escrita feminina confrontava essas certezas e desorganizava os papéis sexuais nos Oitocentos. As tentativas de impedir a prática, desmoralizar aquelas que ousavam escrever e desqualificar suas produções não foram suficientes para impedir o avanço das “mulheres autores”.

Personalidade importante para a formação de Nísia Floresta como escritora, Madame de Staël é outro nome de destaque entre as escritoras daquele período. Nascida em Paris, em 1766, Anne-Louise Germaine de Staël-Holstein “escreveu artigos, peças de teatro, romances, artigos em jornais, realizou traduções e ensaios sobre diversos assuntos que na grande maioria das vezes remetia ao contexto político e cultural francês”⁴³⁷. Filha única de Jacques Necker, banqueiro e ministro das finanças de Luís XVI em 1788 e de Suzanne Curchod, intelectual responsável por um salão literário respeitável em Paris no século XVIII, que contava com a participação de Diderot e D’Alembert, Germaine iniciou os estudos cedo e frequentava os salões de sua mãe. Isso contribuiu para que tivesse acesso ao mundo político aristocrático⁴³⁸.

Entre 1781 e 1785 escreveu três romances, que foram publicados somente dez anos depois: *Mirza, Adelaide et Théodor* e *Pauline*. Em 1786 escreveu a peça de teatro *Sophie ou Les sentiments secrets*, publicada em 1790. Em 1788, publicou *Lettres sur le caractère et les écrits de J. J. Rousseau*. No entanto, foi no século XIX que alcançou o reconhecimento como escritora, com a publicação de *De la Littérature: considérée dans ses rapports avec les*

⁴³⁵ PERROT, 2008, p. 99.

⁴³⁶ PERROT, 2008, p. 99.

⁴³⁷ SCHAEFFER, Louise Salles. Um estudo sobre a vida de Madame de Stael através do seu romance *Corine ou L’Italie* na primeira metade do século XIX. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 12., 2021. *Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 12*. Florianópolis, 2021. p. 1-2. Disponível em: https://www.fg2021.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/fg2020/1613677791_ARQUIVO_d05248fd76d1155dcbe9bc50002133f1.pdf. Acesso em: 4 ago. 2025.

⁴³⁸ SCHAEFFER, 2021, p. 3.

Institutions Sociales (1800), *Delphine* (1802), *Corinne ou L'Italie* (1807), *Dix annés d'exil* (1810) e *De L'Allemagne* (1813)⁴³⁹.

Sua escrita era diversa, abordando temas relevantes no contexto de sua época. Bonnie G. Smith destaca a relevância de Madame de Staël para uma historiografia produzida por mulheres e como serviu de inspiração para outras escritoras. É importante destacar, primeiramente, que Nísia Floresta enaltece a atuação intelectual e política de Madame de Staël, elegendo-a exatamente como inspiração, como exemplo de mulher instruída que fez bom uso da educação recebida.

Em seu relato de viagem pela Alemanha, por exemplo, Nísia Floresta se aproxima em diversos momentos da obra da escritora francesa. Em *Corinne*, Madame de Staël, conforme indicado por Smith, “reivindicou o gênio histórico para as mulheres e para si própria, mostrando, para o melhor e para o pior, como ele operava na narrativa do passado”⁴⁴⁰. Ela teria recebido o apelido de *homasse*, que significa “homem-mulher”⁴⁴¹, perspectiva que corresponde às concepções que circulavam a respeito das mulheres que cruzavam as fronteiras impostas ao seu sexo.

Na avaliação de Smith, Madame de Staël seria considerada uma historiadora excêntrica de acordo com os padrões contemporâneos, pois além do uso de ópio, a escritora produzia enquanto se movimentava, em viagens, “no caos da fuga e do exílio”, e não em um escritório particular e devidamente equipado para sua atividade⁴⁴². Nas primeiras três décadas do século XIX, a pesquisa em arquivos não era o principal meio para escrever a história, e os historiadores tinham formações alternativas, como juristas e teólogos, portanto, não possuíam poder institucional, assim como a pedagogia, o público, a metodologia e as práticas historiográficas não eram definidas com rigidez.

De acordo com Smith, a atuação de Madame de Staël ajudou a “definir uma nova categoria de escritoras – as amadoras – que olharam para o passado. Ela era a heroína, o modelo, o gênio ao qual todas aspiravam”⁴⁴³. Entretanto, muitas mulheres escritoras não se encontravam em posição privilegiada, e produziram ensaios, romances e textos históricos com fins financeiros. Apesar da importância da escrita amadora, ela foi tratada com falta de apreço pelos

⁴³⁹ SCHAEFFER, 2021, p. 3.

⁴⁴⁰ SMITH, Bonnie G. *Gênero e história: homens, mulheres e a prática histórica*. Bauru (SP): EDUSC, 2003. (Coleção História). p. 43.

⁴⁴¹ SMITH, 2003.

⁴⁴² SMITH, 2003, p. 46.

⁴⁴³ SMITH, 2003, p. 87.

estudiosos, incluindo mulheres eruditas, que optam por considerar que a escrita da história por mulheres teria iniciado na década de 1970.

Essa visão parte da ideia de que a escrita amadora é desleixada, desinteressada e não segue padrões institucionais. Assim, a escrita feminina é tratada positivamente quando enfatiza a “inspiração virtuosa, patriótica, religiosa e moral por trás dessas obras, conectando-as ao republicanismo e ao civismo, em seus esforços para torná-las inteligíveis e valiosas por seus próprios méritos”⁴⁴⁴. O posicionamento dessas mulheres acerca da política, da religião ou da vida doméstica é tida como consequência da influência de um pai, irmão ou marido. Smith, entretanto, adverte:

Esses estudiosos consideram que a obra histórica dessas mulheres tem por objetivo promover o avanço da influência da esfera doméstica e, portanto, das mulheres. Mesma essa avaliação mais positiva torna essas escritoras amadoras tépidas em comparação com as mulheres das barricadas, as escravas fugitivas que lutaram por seu povo e as feministas ativistas que deram início a construção de um movimento de massa⁴⁴⁵.

Smith ressalta que, assim como Madame de Staël, escritoras como Stéphanie-Félicité de Genlis, Victorine de Chastenay, Lucy Aikin, Lydia Maria Child, Cristina Belgiojoso e Johanna Shopenhauer escreveram em meio a conflitos e perigos, e tiveram a sua vida pessoal silenciada. Nísia Floresta poderia ser incluída nesse grupo, reservadas as suas particularidades, considerando a distância entre a sua escrita moralista e a sua vida pessoal, marcada pelo apagamento do abandono do primeiro marido e por viagens desacompanhadas das figuras masculinas de sua família⁴⁴⁶.

Enquanto a historiografia profissional era território masculino e se caracterizava pelo interesse no rigor metodológico e a atenção dada à política de Estado e aos feitos militares, as mulheres historiadoras amadoras apresentavam maior fluidez criativa, abordando interpretações de exemplos estrangeiros e incorporando aspectos morais e culturais. Smith propõe o que denomina de “alto amadorismo” para se referir à produção dessas mulheres que, apesar de serem associadas ao amadorismo de forma depreciativa, e estarem excluídas dos espaços acadêmicos e institucionalizados, desenvolveram uma escrita erudita, demonstrando domínio sobre assuntos diversos e variadas abordagens⁴⁴⁷, assim como Nísia Floresta.

No Brasil, a inserção de mulheres no mercado literário não se deu sem estranhamento e resistências. Mesmo em fins do século XIX ainda era comum que elas adotassem um tom ameno

⁴⁴⁴ SMITH, 2003, p. 88.

⁴⁴⁵ SMITH, 2003, p. 89.

⁴⁴⁶ SMITH, 2003.

⁴⁴⁷ SMITH, 2003.

e modesto, que Norma Telles classifica como uma espécie de máscara para protegerem-se das críticas do público. A multiplicidade de concepções acerca da natureza feminina, postulada pelas burguesias europeias ainda no século XVIII “foi difundida entre nós pela intelectualidade, especialmente os positivistas, e definia a mulher, quando maternal, doce e submissa como força do bem”⁴⁴⁸. No entanto, essa visão poderia transmutar-se facilmente “quando não se comportava com propriedade, saía da esfera da família ou usurpava atividades que não lhe eram culturalmente atribuídas. Tornava-se então um monstro, malvada ou decaída”⁴⁴⁹.

Daí a necessidade de adotar uma postura tal como Nísia Floresta em *Opúsculo humanitário*⁴⁵⁰, quando propõe a reforma da educação feminina, aponta os erros cometidos pela sociedade brasileira, especialmente pelos homens letrados e governantes, mas afirma que seu objetivo é apenas inspirar “penas mais hábeis que a nossa”⁴⁵¹ a discorrerem sobre o assunto por ela abordado. A ambiguidade da ação estava em colocar-se em uma posição de modéstia, ao mesmo tempo em que sua escrita desafiava os padrões sexuais por simplesmente existir.

A prática da escrita feminina foi precedida pelo hábito da leitura. As mulheres foram, primeiramente, leitoras da produção masculina. No Brasil da primeira metade do século XIX, poucas eram aquelas que detinham o domínio da leitura. Ainda assim, o interesse recaía sobre os romances, que nem sempre eram associados a uma conduta considerada errada. De acordo com Telles:

Em geral o romance era considerado pernicioso e perigoso para mocinhas. A mulher que lê em silêncio conclui com o livro uma aliança que foge ao controle da sociedade de seu meio imediato. Ela conquista assim um espaço de liberdade ao qual somente ela tem acesso. Por isso, o que as jovens e as esposas podiam e deveriam ler era bem policiado por pais, médicos e clérigos. A ela era permitida somente uma literatura amena e que reforçasse os preceitos dominantes⁴⁵².

Embora a leitura recomendada fosse a de manuais religiosos ou formação moral, as mulheres não se limitaram apenas a esses gêneros. A transição de leitoras para escritoras também ocorreu de forma gradual entre parte das brasileiras com acesso à instrução, que se tornaram produtoras e não apenas consumidores das obras masculinas. Nessa, a mulher era

⁴⁴⁸ TELLES, Norma. Paisagens de letras e palavras. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 18, n. esp. 1, p. 49-70, 2013. p. 51.

⁴⁴⁹ TELLES, 2013, p. 51.

⁴⁵⁰ FLORESTA, Nísia. *Opúsculo humanitário*. Rio de Janeiro: Tipografia de M. A. Silva Lima, 1853. Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasgerais/drg376981/drg376981.html#page/1/mode/1up. Acesso em: 30 jan. 2024.

⁴⁵¹ FLORESTA, 1853, p. 44.

⁴⁵² TELLES, 2013, p. 57.

representada de acordo com a vontade dos autores, ora personagens doces, virtuosas e altruístas, que sacrificavam seus interesses em favor da família, ora eram transformadas em ameaça à ordem, em dissimuladas e manipuladoras⁴⁵³.

Quanto às mulheres que tomavam posse da escrita, essa transformação era mais acentuada, pois passavam a serem vistas como anomalias. Como a criação pertencia aos homens, eram masculinizadas, tanto para justificar a existência do seu intelecto, como para ridicularizá-las. Nesse sentido, é compreensível a atitude tomada por parte delas de desqualificarem seus próprios escritos.

Algumas assumiam uma postura conformista e, se antecipando às possíveis críticas, reconheciam a fragilidade de seus escritos. Sobre isso, Roger Chartier ressalta que “a construção da identidade feminina se enraíza na interiorização pelas mulheres, de normas enunciadas pelos discursos masculinos”, portanto, “as representações da inferioridade feminina, incansavelmente repetidas e mostradas, se inscrevem nos pensamentos e nos corpos de umas e de outros”⁴⁵⁴.

Ainda que existissem aquelas que acreditassem que de fato e por natureza eram inferiores aos homens, as mulheres escritoras contestavam essa concepção, ainda que não escrevessem com o objetivo de reivindicar direitos. E quando o faziam, o tom brando era adotado para minimizar as críticas e facilitar sua aceitação. Maria Lígia Prado e Stella Scatena Franco, a esse respeito, destacam:

Assim, é muito comum encontrarmos nos escritos femininos dessa época a convivência de propostas de mudanças bastante radicais com relação ao comportamento feminino ao lado de afirmações extremamente convencionais. As escritoras faziam isso porque se preocupavam com as repercussões de seus escritos entre o público leitor e com as represálias que podiam sofrer por pensarem muito diferente do esperado⁴⁵⁵.

Ainda que adotassem o método de adequar o conteúdo de seus textos às expectativas masculinas para viabilizar sua escrita e minimizar as possibilidades de rejeição, o ato de escrever era por si só uma ousadia. Conforme Claude Dulong:

Ao imaginarem apenas heroínas virtuosas, não teriam essas romancistas deliberadamente escolhido reprimir a sua sexualidade em proveito de sua

⁴⁵³ TELLES, 2013.

⁴⁵⁴ CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 4, p. 37-47, 1995. p. 40.

⁴⁵⁵ PRADO, Maria Lígia; FRANCO, Stella Scatena. Participação feminina no debate público brasileiro. In: BASSANEZI, Carla; PEDRO, Joana Maria (org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018. p. 207.

intelectualidade? Por outras palavras, o ato libertador, o ato emancipador era escrever, independentemente do que se escrevia⁴⁵⁶.

Era, portanto, uma escolha consciente, assim como o uso de pseudônimos, geralmente masculinos, estratégia comumente seguida por escritoras para facilitar a recepção de suas produções. Nesse contexto, a escolha de Nísia Floresta por um nome feminino suscita interesse. Destoando da maioria de suas companheiras de profissão, a brasileira tornou-se conhecida pelo pseudônimo, no Brasil e Europa, e viu seu trabalho sendo mencionado e até recebendo elogios mesmo com a escolha. Aparentemente, ela não possuía intenção de se esconder ou fugir de seus críticos.

Nesse sentido, Nísia Floresta não foi a única exceção de seu tempo. Outras mulheres adentraram no mundo na escrita e deixaram seu nome marcado para a posteridade. Beatriz Brandão, oriunda de uma família aristocrática de Minas Gerais, se destacou como poetisa. Casou-se com o Alferes Vicente Batista Rodrigues Alvarenga, escolha possivelmente questionada por sua família, e não teve filhos. Contrariando as expectativas sobre o seu sexo, “continuou a ler e a escrever poemas, a atuar como regente do coral de moças da Matriz do Pilar e até mesmo fundou uma escola”⁴⁵⁷.

A poetisa mineira foi uma das três primeiras mestras a se submeter ao exame público para o cargo docente após a Lei de 15 de outubro de 1827, sendo aprovada em 20 de abril de 1830 para exercer a função na Imperial Cidade de Ouro Preto. Em 1832, Beatriz Brandão “ofereceu o libelo de divórcio contra seu marido, dizendo-se vítima de sevícias por ele praticadas”⁴⁵⁸. Conforme indicado por Cláudia Gomes Pereira, sua poesia teve a traição como tema recorrente. Além de atuar como educadora, enviava seus textos para outras cidades, publicando-os no *Parnaso Brasileiro* (1831 e 1832) e no *Marmota Fluminense* (1852 e 1857), no Rio de Janeiro. Publicou o seu primeiro livro em 1856, *Cantos da mocidade*, anunciado em jornais da época. Além disso, traduziu e publicou alguns poemas, como *Cartas de Leandro e Hero* (1859) e *Catão* (1860)⁴⁵⁹.

Outro exemplo é Luiza Amélia de Queiroz, nascida em Piracuruca, em 26 de dezembro de 1838. Mesmo recebendo uma instrução rudimentar, apenas o ensino primário, foi autodidata,

⁴⁵⁶ DULONG, Claude. Da conversação à criação. In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlete (org.). *História das mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991. p. 488-489.

⁴⁵⁷ PEREIRA, Cláudia Gomes. A poesia esquecida de Beatriz Brandão (1779-1868). *Navegações*, v. 3, n. 1, 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/navegacoes/article/view/7182>. Acesso em: 18 nov. 2025. p. 18.

⁴⁵⁸ PEREIRA, 2010, p. 19.

⁴⁵⁹ PEREIRA, 2010.

se inserindo no cenário literário de seu tempo com a publicação de *Flores incultas* (1875) e *Georgina ou os efeitos do amor* (1898)⁴⁶⁰. A escritora foi a primeira mulher a escrever e publicar uma obra no Piauí. Sua escrita traz “o nacionalismo, a religiosidade, a volta ao passado, o culto à natureza e o pessimismo”⁴⁶¹.

O poema *A mulher, que compõe Flores incultas*, questiona o tratamento dispensado às mulheres escritoras em fins do século XIX. Luiza Amélia escreveu:

A mulher que toma a pena
Para lira a transformar,
É, para os falsos sectários,
Um crime que os faz pasmar!
Transgride as leis da virtude;
A mulher deve ser rude,
Ignara por condição!
Não deve aspirar a glória!...
Nem um dia na história
Fulgar com distinção!⁴⁶²

A poetisa se dirige àqueles que consideravam a escrita feminina um crime, uma transgressão da ordem. Para esses, a mulher virtuosa deveria cultivar a ignorância e não buscar o reconhecimento público dos seus feitos. Considerando a data do poema, observa-se que o desprezo para com “a mulher que toma a pena” pouco havia mudado entre o início e o fim dos Oitocentos. Olivia Candeia Lima Rocha afirma que:

A ousadia de Luiza Amélia de Queiroz em dedicar-se à escrita poética em uma sociedade em que a prática literária era eminentemente masculina e a vida feminina voltada para o lar e as prendas domésticas foi bastante criticada por seus contemporâneos. [...] Dedicatórias e o ano em que foram escritas podem ser encontrados em diversos desses trabalhos, desvelando uma mulher que tinha na escrita uma forma de comunicação com o mundo, de homenagear e consolar pessoas queridas, uma maneira de inscrever-se socialmente, de registrar seus pensamentos, anseios e decepções⁴⁶³.

Apesar dos ataques que recebia por exercer a escrita, Luiza Amélia foi homenageada pela Academia Piauiense de Letras, que a escolheu como patrona de uma de suas cadeiras.

⁴⁶⁰ ROCHA, Olívia Candeia Lima. Luiza Amélia de Queiroz: uma pioneira das letras e do feminismo no Piauí. In: QUEIROZ, Luíza Amélia de. *Flores incultas*. Teresina: Academia Piauiense de Letras; EDUFPI, 2015. p. 251-260.

⁴⁶¹ SANTOS, Jaiane da Silva; QUEIROZ, Geisiane Dias. A multiplicidade de sentimentos na poesia de Luíza Amélia de Queiroz. *Contraponto*, Teresina, v. 9, n. 2, p. 91-113, jun./dez. 2020. p. 92.

⁴⁶² QUEIROZ, Luiza Amélia. A mulher. In: QUEIROZ, Luíza Amélia de. *Flores incultas*. Teresina: Academia Piauiense de Letras; EDUFPI, 2015. p. 60.

⁴⁶³ ROCHA, Olívia Candeia Lima. Feminismo e escrita de mulheres no Piauí (1875-1925). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. 27., 2013. *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo social*. Natal: ANPUH, 2013. p. 3. Disponível em: https://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364699481_ARQUIVO_OLIVIAROCHAANPUH2013.pdf. Acesso em: 10 fev. 2024.

Criada em 1917, a Academia tinha como objetivo reunir os literatos e intelectuais, bem como incentivar a literatura na sociedade local. “Estabelecer um lugar de distinção para os escritores significava instituir espaços de consagração em torno dos autores que formavam essas agremiações, distinguindo-os dos demais homens de letras da época”⁴⁶⁴, portanto, a escolha de Luiza Amélia para patrocinar uma cadeira é significativa do prestígio que desfrutava entre parte dos intelectuais da época.

Maria Firmina dos Reis, por sua vez, apresenta trajetória singular, especialmente considerando que era afrodescendente e filha ilegítima. Apesar das dificuldades de sua época, publicou *Úrsula*, em 1859, e exemplifica o tom ameno utilizado por algumas mulheres escritoras para minimizar os possíveis efeitos negativos de sua atividade. No prólogo, firma:

Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume. Não é a vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor-próprio de autor. Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem; com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo⁴⁶⁵.

A maranhense vai além da modéstia, colocando sua obra como inferior a qualquer outra, não apenas por ser uma mulher, brasileira, tendo em vista que as estrangeiras conseguiam espaço maior no cenário local, como também por ter pouca instrução, considerando que era autodidata. Nega que tenha interesse em igualar-se aos homens e que nutra a vaidade de ser reconhecida como autor.

Maria Firmina atuou como professora de primeiras letras entre 1847 e 1880, ano em que fundou uma escola mista⁴⁶⁶. Kelen Benfanatti Paiva destaca que: “com as limitações próprias da época em que viveu, faz uso de estratégias de inserção social para ocupar um lugar distinto daquele socialmente instituído para mulheres de seu tempo: o âmbito do privado, do lar”⁴⁶⁷. As estratégias mencionadas pela autora são a literatura, a imprensa e a educação, que permitiram que mulheres transitassem pelo espaço público da sociedade⁴⁶⁸. Nísia Floresta fez uso dessas

⁴⁶⁴ ROCHA, 2013, p. 6.

⁴⁶⁵ REIS, Maria Firmina. *Úrsula e outras obras*. Brasília: Edições Câmara, 2018. p. 12.

⁴⁶⁶ MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma pioneira: Maria Firmina dos Reis. In: DUARTE, Constância Lima et al. (org.). *Maria Firmina dos Reis: facas de uma precursora*. Rio de Janeiro: Malê, 2018. p. 21-39.

⁴⁶⁷ PAIVA, Kelen Benfenatti. Maria Firmina dos Reis: educação e emancipação feminina. In: DUARTE, Constância Lima et al. (org.). *Maria Firmina dos Reis: facas de uma precursora*. Rio de Janeiro: Malê, 2018. p. 159.

⁴⁶⁸ PAIVA, 2018.

estratégias, assim como Maria Firmina, exercendo a atividade de educadora, escritora e publicando em jornais.

No Brasil, a imprensa constituiu um meio importante para a expressão e divulgação da escrita feminina nos Oitocentos. Os periódicos dedicados às mulheres tornam-se cada vez mais comuns no decorrer do século. Como autoras, poderiam enviar contribuições anônimas ou assinadas com pseudônimos, sem que tivessem que lidar com os obstáculos impostos por editores. Ao se dirigirem para o público feminino e divulgarem suas produções, incentivavam a leitura e a escrita de mulheres, individual e coletivamente.

A princípio, a presença de publicações de autoria feminina em jornais era pequena. Ainda que fossem destinados para o público feminino, o espaço concedido a elas era limitado. Esses jornais versavam sobre literatura, moda e ditavam modelos de educação a serem seguidos. De acordo com Zahidé Lupinacci Muzart, mesmo quando tímida, a participação de mulheres em periódicos foi constante, “tanto nos dirigidos por homens quanto nos inúmeros criados e mantidos por elas próprias”⁴⁶⁹. A autora acrescenta que:

Uma das razões para a criação dos periódicos de mulheres no século XIX partiu da necessidade de conquistarem direitos. Em primeiro lugar, o direito à educação; em segundo, o direito à profissão e, bem mais tarde, o direito ao voto. Quando falamos dos periódicos do século XIX, há que se destacar, pois, essas grandes linhas de luta. O direito à educação era, primordialmente, para o casamento, para melhor educar os filhos, mas deveria incluir também o direito de frequentar escolas, daí decorrendo o direito à profissão⁴⁷⁰.

A entrada de Nísia Floresta no mundo das letras se deu em 1831 com a publicação de artigos que discutiam a posição ocupada pelas mulheres em diversas culturas durante trinta números do jornal *Espelho das Brasileiras*, de Recife. *Espelho Diamantino*⁴⁷¹, *A Fluminense Exaltada*⁴⁷² e *O Mentor das Brasileiras*⁴⁷³ são exemplos de jornais voltados para as mulheres, que aceitavam suas contribuições. Sobre o último, Mônica Yumi Jinzenji destaca que:

Escritas atribuídas à autoria feminina totalizam 56 das 1.024 páginas, o que representa 5,4% do volume total do conteúdo impresso. Nessas páginas se encontram principalmente hinos, sonetos e poesias (21), correspondências de

⁴⁶⁹ MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 225-233, jan./jun. 2003. p. 225.

⁴⁷⁰ MUZART, 2003, p. 226.

⁴⁷¹ Fundado por Pierre Plancher. Circulou no Rio de Janeiro entre 1827 e 1828, quinzenalmente. Cf.: DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. p. 28.

⁴⁷² Circulou entre os anos de 1832 e 1846, no Rio de Janeiro. Defendia a monarquia e se interessava pela condição feminina. Cf.: DUARTE, 2016, p. 60.

⁴⁷³ Circulou entre os anos de 1829 e 1832, em São João Del-Rei. Foi criado e era dirigido por homens, mas direcionado para o público feminino. Entre os assuntos abordados, destacam-se artigos em defesa da instrução feminina. Cf.: JINZENJI, Mônica Yumi. *Leitura e escrita femininas no século XIX. Cadernos Pagu*, Campinas, p. 367-394, jan./jun. 2012.

leitoras (31) e transcrições de discursos de professoras de escolas públicas de meninas (12) quando da realização dos exames públicos semestrais⁴⁷⁴.

Sendo assim, a participação feminina foi ativa, não apenas como leitoras, mas como autoras de ensaios, poesias, preservando sua identidade. O editor, o primeiro a ter contato com o conteúdo submetido ao jornal, funcionava como um censor, aceitando publicar aquilo que estava em conformidade com os princípios do periódico. A importância de jornais dedicados às mulheres não estava limitada à criação de espaços que garantissem a sua participação, mas por reconhecê-las como necessárias para a construção e manutenção da sociedade. Isso fica evidente quando se lê o primeiro número de *O Espelho Diamantino*, “periódico de política, literatura, belas artes, teatro e modas dedicado às senhoras brasileiras”:

A influência das mulheres sobre as vontades, ações e felicidade dos homens, abrange todos os momentos e todas as circunstâncias da existência, e quanto mais adiantada a civilização, tanto mais influente se mostra esse inato poder [...]. Tendo as mulheres uma parte tão principal nos nossos interesses e negócios, necessário é que se lhes dê conta destes mesmos negócios, e dos princípios que se originam os deveres, e os acontecimentos, para que elas fiquem à altura da civilização e dos seus progressos, pois que pretender conservá-las em um estado de preocupação e estupidez, pouco acima dos animais domésticos, é uma empresa tão injusta como prejudicial ao bem da humanidade, e as noções que a tem ensaiado, tem caído do maior embrutecimento e relaxação moral⁴⁷⁵.

As ideias veiculadas pelo periódico estavam comprometidas com a elevação social da mulher através da concessão de instrução, pois reconhecia que esse era um passo importante para atingir o progresso que o Brasil independente desejava alcançar. É notável que os argumentos apresentados em 1828 se assemelham aos defendidos por Nísia Floresta em 1853, em *Opúsculo humanitário*, conforme discutido no primeiro capítulo. Além de evidenciar que a precariedade da educação oferecida às mulheres permaneceu uma constante durante a primeira metade dos Oitocentos, essa semelhança reforça que os jornais que tinham o público feminino como alvo, bem como parte das mulheres que escreviam, compartilhavam o objetivo de reivindicar direitos.

Se no início do século a presença de contribuições femininas nos jornais era incipiente, na segunda metade multiplicam-se, e periódicos criados e dirigidos por mulheres começam a circular em diferentes regiões do Brasil, originando a chamada imprensa feminina⁴⁷⁶. Para isso, contribuiu o aumento do número de mulheres letradas⁴⁷⁷. Assim, parte daquelas que recebiam

⁴⁷⁴ JINZENJI, 2012, p. 377.

⁴⁷⁵ O PROSPECTO. *O Espelho Diamantino*. Rio de Janeiro, n. 1, p. 1-2, set. 1827.

⁴⁷⁶ JINZENJI, 2012.

⁴⁷⁷ HAHNER, 2018.

uma educação capaz de transformá-la de leitora em escritora, defendia a instrução feminina, possibilitando novas oportunidades para o seu sexo.

Conforme Muzart, a participação feminina na imprensa é minimizada pela historiografia, que desconsidera o número considerável de mulheres que escreveram em jornais, que habitavam diversas regiões do Brasil e faziam parte de classes sociais distintas, incluindo negras e brancas⁴⁷⁸. Exemplo disso é a existência de mulheres como Nísia Floresta, filha de pai português, que incentivava sua educação, e Maria Firmina, bastarda, afrodescendente, pobre e autodidata. Ambas contribuíram com a imprensa de seu tempo.

O apagamento dessa participação é político, de acordo com Muzart, considerando que mulheres que adotavam uma postura combativa na reivindicação por seus direitos eram silenciadas, ridicularizadas, enquanto as demais, que assumiram um tom conformista, modesto, eram elogiadas e agraciadas pelo público masculino⁴⁷⁹. Na prática, os anúncios e comentários positivos acerca de produções femininas eram direcionados, principalmente, para quem se adequasse aos padrões formatados pelos homens.

Outro periódico dedicado ao belo sexo começou a circular no dia 1º de janeiro de 1852, no Rio de Janeiro: *O Jornal das Senhoras*, dirigido por Joana Paula Manso de Noronha, “uma argentina que, separada de seu marido, um compositor e violinista português, viveu no Rio, onde lecionou, colaborou para jornais e publicou vários trabalhos literários”⁴⁸⁰. O jornal era voltado para “modas, literatura, belas artes, teatros e crítica”. E, de acordo com a redatora:

Redigir um jornal é para muitos literatos o apogeu da suprema felicidade, ‘já sou Redator’, esta frasezinha dita com seus botões faz crescer os palmos a qualquer indivíduo. No circuito ilustrado o Redator é sempre recebido com certo prestígio do homem que em letra de imprensa pode dizer muita coisa, propícia ou fatal a alguém. [...] Ora, pois, uma Senhora a testa da redação de um jornal! Que bicho de sete cabeças será? Ora! Não pode ser. A sociedade do Rio de Janeiro principalmente, Corte e Capital do Império, Metrópole do sul d’América, acolherá de certo com satisfação e simpatia *O JORNAL DAS SENHORAS* redigido por uma Senhora mesma: por uma americana que, se não possui talentos, pelo menos tem vontade e o desejo de propagar a ilustração, e cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e para emancipação moral da mulher⁴⁸¹.

⁴⁷⁸ MUZART, 2003.

⁴⁷⁹ MUZART, 2003.

⁴⁸⁰ HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 34.

⁴⁸¹ NORONHA, Joana Paula Manso de. Às nossas assinantes. *O Jornal das Senhoras*. Rio de Janeiro, p. 1, 1 jan. 1852.

De início, Noronha afirma saber que sua posição causará estranhamento, considerando que era comumente ocupada por homens. Se a função de redator de um jornal era motivo de vaidade para quem a exercesse, no caso de mulheres, seria “um bicho de sete cabeças”, logo “não pode ser”. Para ganhar a simpatia de leitores e leitoras, a redatora assume aquele tom de modéstia e humildade, afirmando que não possuía talento, apenas o interesse de propagar a ilustração. Por fim, assume o compromisso com o “melhoramento social” e a “emancipação moral da mulher”.

A redatora argumenta que: “em França, em Inglaterra, na Itália, na Espanha, nos Estados Unidos, em Portugal mesmo, os exemplos abundam de senhoras dedicadas à literatura colaborando em diferentes jornais”. Não aceitar a existência de mulheres nesse espaço seria um atraso. Indaga: “Porventura a América do Sul, ela só, ficará estacionária nas suas ideias, quando o mundo inteiro marcha ao progresso e tende ao aperfeiçoamento moral e material da sociedade?”⁴⁸².

Sua existência era, certamente, uma afronta à concepção de que a mulher era desprovida de capacidade intelectual. A criação de um jornal escrito por mulheres e endereçado a elas, também. Noronha convida: “por carta fechada, à redação do jornal podem dirigir-se todas as senhoras que desejarem honrar as nossas páginas”⁴⁸³. O periódico era destinado à mulher de elite, com acesso à instrução. As publicações sobre as inovações da moda, no teatro, e outras seções de interesse feminino, dividiam espaço com artigos em defesa da inteligência das mulheres e que negavam a sua inferioridade, contestando aquilo que considerava como injustiças contra o seu sexo.

O jornal, de acordo com Hahner, enfrentou a hostilidade masculina e a timidez e indiferença femininas em um grau maior do que aqueles que vieram depois⁴⁸⁴. No entanto, não foi ignorado totalmente pelas mulheres instruídas, que enviavam suas contribuições para a redatora. Consciente das dificuldades inerentes à escrita feminina, Noronha se certificava de manter a discrição e o anonimato de suas colaboradoras que assim desejassem.

Seis meses após a inauguração de *O Jornal das Senhoras*, Noronha deixou a redação e repassou a função para Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco. Entre os motivos para essa decisão estaria as dificuldades financeiras para manter o seu funcionamento, o que significa que sua circulação era insuficiente para sua manutenção. A nova redatora, conforme Hahner,

⁴⁸² NORONHA, 1 jan. 1852, p. 1.

⁴⁸³ NORONHA, 1 jan. 1852, p. 2.

⁴⁸⁴ HAHNER, 1981.

“acentuou a superioridade emocional da mulher e suas qualidades espirituais pelas quais deveria ser venerada”⁴⁸⁵.

Em 1855, findou-se a circulação do jornal, o que não significa que não obteve êxito em sua missão de proporcionar ilustração ao sexo feminino. *O Jornal das Senhoras* permitiu a interação entre suas leitoras e colaboradoras, incentivando a leitura e escrita feminina. Hahner ressalta que, “embora as colaboradoras de *O Jornal das Senhoras* demonstrassem uma grande timidez, deram um pequeno passo na estrada em direção a superar seus medos e a se tornarem mais conscientes dos problemas que enfrentavam”⁴⁸⁶.

Os jornais fundados por mulheres com a finalidade de esclarecer as leitoras e proporcionar-lhes um lugar seguro para publicarem aumentaram em termos quantitativos e qualitativos no final do século XIX. As proprietárias pertenciam à classe média e, geralmente, investiam seus recursos para a manutenção do periódico⁴⁸⁷. O interesse pela imprensa estava ligado diretamente ao desejo de resgatar o seu sexo da ignorância e lutar por direitos, ainda que isso ameaçasse a reputação daquelas que participavam desse empreendimento.

Participando da imprensa ou escrevendo livros, as mulheres que se apropriaram da escrita no Brasil e Europa passaram a ocupar espaços que antes lhes eram negados. Essas mulheres desafiavam os conhecimentos acerca das diferenças sexuais e comprovavam a existência de inteligência feminina. Fazendo uso de diferentes estratégias para garantir sua inserção e sobrevivência no universo das letras, a difusão da escrita de mulheres se tornou irreversível. Independentemente do conteúdo escrito, sua prática era em si contestadora.

É a partir desse contexto que a produção escrita de Nísia Floresta é apresentada e analisada a seguir, considerando sua empreitada como uma exceção possível. Sua ousadia foi além do ato de apropriar-se da escrita ao utilizá-la para defender e reivindicar direitos para suas iguais.

3.2 Nísia Floresta escritora

A trajetória de Nísia Floresta como escritora apresenta similaridades e discordâncias em relação a outras que lhe são contemporâneas. Primeiramente, seu acesso à instrução foi facilitado pelo pai, Dionísio Gonçalves Pinto. Seu primeiro casamento foi realizado aos treze

⁴⁸⁵ HAHNER, 1981, p. 41.

⁴⁸⁶ HAHNER, 1981, p. 42.

⁴⁸⁷ TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla. *História das mulheres no Brasil* (org.). São Paulo: Contexto, 2004. p. 401-442.

anos, mas desfeito pouco depois. Após a morte do pai, tomou para si a responsabilidade sobre a família, composta pela mãe e irmãos. Em seguida, juntou-se com Manuel Augusto de Faria Rocha, em 1828.

Neste período, estava instalada na província de Pernambuco, onde publicou uma série de artigos a respeito do lugar ocupado pela mulher em diferentes culturas no jornal *O Espelho das Brasileiras*, em 1831. No ano seguinte, lançou seu primeiro livro, *Direito das mulheres e injustiça dos homens*, que identificou como uma tradução livre de *Reivindicação dos direitos das mulheres*, de Mary Wollstonecraft, de 1792.

Foi a primeira vez que utilizou o pseudônimo. Há diferentes versões para a sua escolha. Gilberto Freyre oferece a explicação de que Nísia seria o diminutivo de Dionísia; Floresta, seria referência ao local em que nasceu; Brasileira, pois exprime seu nacionalismo e Augusta seria em homenagem ao segundo companheiro⁴⁸⁸. Telles, por sua vez, sugere que Nísia seria uma homenagem ao pai⁴⁸⁹.

A escritora não justificou a sua escolha, o que é compreensível, uma vez que o pseudônimo se tornou tão relevante que suprimiu seu nome de batismo e apagou, entre os seus contemporâneos, possíveis manchas em sua honra, como o abandono do primeiro casamento. Ela utilizou outros pseudônimos, como Tellezilla, Telesila, B.A., Une Brésiliene, Quotidiana Fidedigna, no entanto, nenhum ganhou proporções além do texto escrito.

Essa obra é, em parte, a responsável por lhe tornar conhecida postumamente como pioneira do feminismo no Brasil, pois associou seu nome ao de Wollstonecraft, conhecida por reivindicar direitos para o seu sexo ainda no século XVIII. A filósofa inglesa “*Wollstonecraft developed a rational theological justification for the idea that women held equal rights alongside men*”⁴⁹⁰. Nísia Floresta afirma que traduziu o livro livremente do francês para o português, e o ofereceu às brasileiras e acadêmicos brasileiros⁴⁹¹. A escritora inicia minimizando a sua capacidade intelectual, certamente fazendo uso dessa estratégia para angariar a simpatia do leitor. Afirma:

Assaz conheço a incapacidade de meus talentos para fazer uma tradução digna de vós: porém, convencida da indulgência e bondade, que constitui o vosso

⁴⁸⁸ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano. São Paulo: Global, 2006.

⁴⁸⁹ TELLES, 2004, p. 405.

⁴⁹⁰ BOTTING, Eileen Hunt. *Wollstonecraft, Mill, and women's human rights*. New Haven: Yale University Press, 2016. p. 1. “desenvolveu uma justificação teológica racional para a ideia de que as mulheres tinham direitos iguais aos dos homens”.

⁴⁹¹ FLORESTA, 1989, p. 20.

principal caráter, não hesitei propor-me a essa tarefa na esperança de que, desculpando benignos os meus erros, acolhereis as minhas boas intenções⁴⁹².

Os elogios que Nísia Floresta dirige aos leitores têm o objetivo de prepará-los para o conteúdo exposto, inclusive para aquilo que certamente não lhes agradaria, como, por exemplo, a afirmação de que não havia motivos racionais para manter as mulheres presas à ignorância e em submissão cega aos homens. Dos acadêmicos, a escritora espera que:

Atendendo ao estado a que nosso infeliz sexo tem sido injustamente condenado, privado das vantagens de uma boa educação, longe de criticardes a minha temeridade, lamentareis a nossa sorte, pois que até em pequenas empresas não podemos desenvolver nossos talentos naturais⁴⁹³.

Assim, endereçando a obra para um público específico, a escritora objetivava promover reflexões acerca do tratamento dispensado às mulheres no Brasil por aqueles que poderiam mudar o futuro do país. Em novembro do mesmo ano, Nísia Floresta se mudou para Porto Alegre com Augusto, a primeira filha do casal, Lívia, a mãe e as irmãs Clara e Izabel.

No ano seguinte, marcado pelo nascimento de outro filho e pela morte do companheiro, uma segunda impressão de *Direito das mulheres e injustiça dos homens* foi lançada em Porto Alegre pela Tipografia de V. F. de Andrade⁴⁹⁴. A reimpressão da obra pode significar não somente a sua recepção positiva, mas indicar a necessidade financeira que a família precisava suprir após a partida de Augusto.

A terceira edição do livro foi realizada em 1839, no Rio de Janeiro, onde a família residia desde 1837. Os anúncios de venda de exemplares datam do ano de sua chegada na Corte⁴⁹⁵, o que confirma que, além de diretora do Colégio Augusto, Nísia Floresta almejava a carreira de escritora, incluindo os ganhos financeiros da atividade. É provável que os exemplares impressos não tenham sido vendidos em sua totalidade quando moravam no Rio Grande do Sul. Por outro lado, a terceira reimpressão pode indicar que a obra foi mais bem recebida no Rio de Janeiro.

⁴⁹² FLORESTA, 1989, p. 21.

⁴⁹³ FLORESTA, 1989, p. 22.

⁴⁹⁴ FLORESTA, Nísia. *Direito das mulheres e injustiça dos homens*. 2. ed. Porto Alegre: Tipografia de V. F., 1833. Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or1622247/or1622247.pdf. Acesso em: 30 jan. 2024.

⁴⁹⁵ ANÚNCIOS. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 11, n. 234, p. 3, 21 out. 1837.; ANÚNCIOS. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 11, n. 268, p. 3, 20 nov. 1837.; ANÚNCIOS. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 13, n. 8, p. 4, 11 jan. 1838.; ANÚNCIOS. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 13, n. 39, p. 3, 19 fev. 1838.; ANÚNCIOS. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 13, n. 232, p. 3, 17 out. 1838.

Em 1842, Nísia Floresta publicou seu segundo livro, *Conselhos à minha filha*⁴⁹⁶, pela tipografia de J. E. S. Cabral, no Rio de Janeiro. Escrito como presente para o aniversário de doze anos de Livia, foi o texto mais reeditado da escritora. No Brasil, a segunda edição é do ano de 1845⁴⁹⁷, dessa vez pela Tipografia de F. de Paula Brito. Na Europa, foi editado na Itália, em 1858⁴⁹⁸ (figura 4), e na França, em 1859⁴⁹⁹. O texto foi adotado pelo bispo de Mandovi para ser lido nas escolas de meninas.

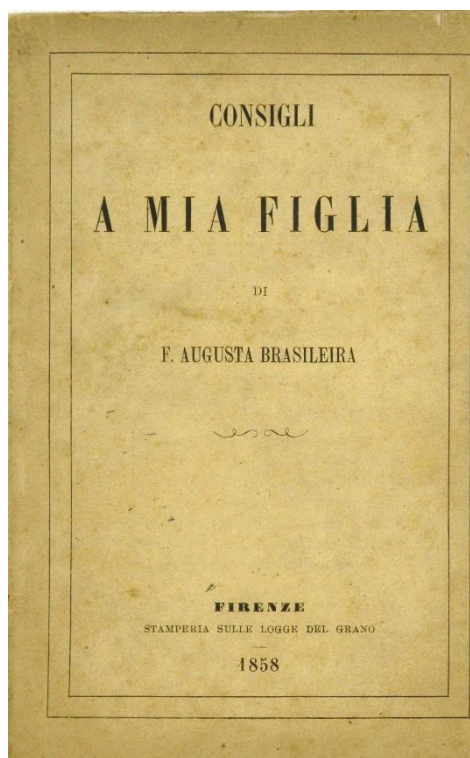


Figura 4: Capa do livro *Consigli a mia figlia*, 1858. Fonte: FLORESTA, Nísia. *Consigli a mia figlia*. Florença: Stamperia Sulle Logge del Grano, 1858. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/view/?45000008039&bbm/2878#page/1/mode/2up>. Acesso em: 30 jan. 2024.

Conselhos à minha filha reúne direcionamentos para que as meninas se mantivessem longe de vícios e desenvolvessem virtudes específicas. Além de prescrever o que considerava

⁴⁹⁶ FLORESTA, Nísia. *Conselhos à minha filha*. Rio de Janeiro: Tipografia de J. S. Cabral, 1842.

⁴⁹⁷ FLORESTA, Nísia. *Conselhos à minha filha, com 40 pensamentos em versos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Imperial de F. de Paula Brito, 1845. Disponível em: https://play.google.com/books/reader?id=c_ZCAQAAMAAJ&pg=GBS.PR3&hl=pt. Acesso em: 23 out. 2025.

⁴⁹⁸ FLORESTA, Nísia. *Consigli a mia figlia*. Florence: Stamperia Sulle Logge del Grano, 1858. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/view/?45000008039&bbm/2878#page/1/mode/2up>. Acesso em: 30 jan. 2024.

⁴⁹⁹ FLORESTA, Nísia. *Conseils a ma fille*. Traduit de l'Italien par B.D.B. Paris: Le Monnier, 1859. Há ainda uma segunda edição da obra nesse ano na Itália: FLORESTA, Nísia. *Consigli a mia figlia*. 2. ed. Mandovi: [s. n.], 1859.

ideal moralmente para meninas e mulheres, Nísia Floresta apresenta detalhes de sua vida, como os sentimentos diante da morte do pai e da perda de Augusto, bem como seu empenho em garantir a sobrevivência e educação dos filhos. A escrita autobiográfica é uma constante em suas obras, com menções diretas e indiretas a si mesma.

Constância Lima Duarte apresenta a crítica feita por Dídimo Nepote ao livro de Nísia Floresta para o jornal veneziano *L'Etá Presente*, em 1958:

Ora, estes conselhos foram ditados por uma nobre alma, a uma juvenzinha: e às juvenzinhas dirigem-se. A elas resultarão mais caros porque não saem do círculo daquelas virtudes mais frequentes e menos rumorosas que são necessárias na reclusa vida de uma mulher e porquê de toda página sopra um sentido de convicção na fé religiosa e na atividade moral que convence e consola⁵⁰⁰.

Em seus *Conselhos*, Nísia Floresta deixa evidente o caráter pedagógico de sua escrita. Em tom professoral, se dirige não somente às suas filhas, como às suas alunas. Na segunda edição, afirma:

Minha filha, instada para consentir na reimpressão destes conselhos, que há três anos te ofereci, sem nada mudar da simplicidade de seu estilo, eu quis ajuntar a eles os quarenta pensamentos, que, te sendo por mim igualmente dedicados, te farão, pelo número, pensar naquele período de minha vida, em que tanto me tens ouvido falar, almejando atingi-lo na esperança de contemplar-te então um modelo das virtudes que me hei esforçado sempre por inspirar-te⁵⁰¹.

A escritora afirma ter pedido permissão para a filha para reimprimir os *Conselhos*, além de acrescentar quarenta pensamentos em verso. Essa é uma maneira de estender o cuidado com Lúvia para as outras meninas, demonstrando que sua preocupação era maternal para com todas. O modelo a ser seguido por elas era a própria autora, que resignadamente suportou as perdas e dificuldades, e manteve suas virtudes intactas. O livro foi utilizado entre as educandas do Colégio Augusto. No *Jornal do Comércio*, consta o anúncio:

A autora dos *Conselhos à minha filha*, anuncia ao público que, por engano do impressor, anunciou-se a venda de tais conselhos no *Mercantil*⁵⁰² de 31 p.p. À instância de algumas pessoas de sua amizade, ela os mandou reimprimir, assim como para o uso de suas educandas. Restando-lhe ainda 300 exemplares, ela os oferece grátis à mocidade de seu sexo desta Corte, cujos pais poderão mandar por eles em sua residência travessa do Paço, n. 23⁵⁰³.

⁵⁰⁰ NEPOTE, Dídimo apud DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta*. Recife: Editora Massangana, 2010. p. 42.

⁵⁰¹ FLORESTA, 1845, p. 1.

⁵⁰² A venda do livro foi anunciada também no dia seguinte à publicação no *Jornal do Comércio*. Cf.: VENDEM-SE na livraria nacional... *O Mercantil*. Rio de Janeiro, ano 2, n. 230, p. 4, 8 ago. 1845.

⁵⁰³ ANÚNCIOS. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 20, n. 212, p. 2, 7 ago. 1845.

Nísia Floresta retifica o suposto erro cometido pelo impressor ao oferecer o livro à venda. O anúncio esclarece que a tiragem fora superior a 300 exemplares, pois esse é apenas o excedente, a quantidade que restou após a distribuição entre suas educandas e seus conhecidos. Ela não demonstra o interesse em comercializar o livro, ao contrário, se propôs a doá-lo a quem tivesse interesse pela leitura. A informação é dirigida especialmente aos pais, com quem constantemente estabelece diálogo, reconhecendo que eram os responsáveis pelas decisões que envolviam o acesso de suas filhas à leitura.

O teor moralista era comum aos livros oferecidos às meninas do período, um dos poucos gêneros permitidos para leitura feminina. Não foi coincidência ter sido adotado pelo bispo de Mondovi nas escolas para meninas da sua diocese. Nísia Floresta comenta que a relação entre eles permaneceu respeitosa mesmo após ter negado o pedido para cortar trechos do livro, no segundo volume de *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*⁵⁰⁴:

*Selon ses idées et celles de bien d'autres sur le droit exclusif du prêtre d'être le seul dépositaire du secret des âmes, il avait paru d'abord un peu choqué de ce qu'une mère eût dit dans ces lignes à son enfant âgée de douze ans de lui confier toutes les pensées de son âme afin qu'elle, guide le plus intéressé à son bonheur, pût mieux la diriger en lui faisant éviter par sa propre expérience les écueils dont cet âge ne connaît pas le danger. L'exemple que j'avais cité, dans une autre page, de la fille romaine qui sut soustraire son père à la mort en allant lui offrir en cachette son sein dans la prison, où il était condamné à mourir de faim, n'avait pas non plus été bien du goût d'un esprit trop scrupuleux pour admirer dans un tel acte l'innocente sublimité de cette charité filiale. Quoi qu'il en soit, le sévère évêque était revenu de son rigide jugement sur ces simples lignes si naturelles d'une mère, et les Conseils avaient été de nouveau publiés sans aucun changement*⁵⁰⁵.

Embora o seu relato ofereça apenas uma das versões a respeito, não deixa de ser um indicativo da sua personalidade e do seu comprometimento com seus princípios e ideais. O

⁵⁰⁴ FLORESTA, Nísia. *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*. Paris: Libraire E. Dentu, 1872. v. 2. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=6usJmjAoOVAC&pg=GBS.PP1>. Acesso em: 22 out. 2025. A tradução utilizada é: FLORESTA, Nísia. Três anos na Itália, seguidos de uma viagem à Grécia, v. 2. In: LÚCIO, Sônia Valério Marinho. *Uma viajante brasileira na Itália do Risorgimento: tradução comentada do livro Trois ans en Italie suivis d'un voyage en Grèce* (vol. I – 1964; vol. II – s. d.) de Nísia Floresta Brasileira Augusta. 1999. 754 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999b.

⁵⁰⁵ FLORESTA, 1872, p. 237. “Segundo suas idéias, e as de muitos outros, sobre o direito exclusivo do padre ser o único guardião do segredo das almas, de início ficou um pouco chocado por uma mãe dizer à sua filha de doze anos para confiar-lhe todos os pensamentos de sua alma, para que a mãe, o guia mais interessado em sua felicidade, pudesse guiá-la, fazendo com que evitasse, por sua própria experiência, as armadilhas cujos perigos essa idade desconhece. O exemplo que citei no livro, da moça romana que salvou o pai da morte indo em segredo oferecer-lhe o seio para que ele se alimentasse na prisão, onde estava condenado a morrer de fome, não foi também do agrado do seu espírito, muito escrupuloso para admirar no inocente ato a sublimidade da caridade filial. De qualquer modo o severo bispo voltou atrás nos seu rígido julgamento sobre essas simples linhas de uma mãe, tão espontâneas, e os *Conseils* foram reimpressos sem nenhuma mudança”. FLORESTA, 1999b, p. 73.

exemplo citado, que poderia gerar desconforto em leitores mais conservadores, é justificado pela mensagem central da obra. A decisão da autora de não remover o conteúdo em questão reforça o objetivo principal de seu trabalho: persuadir o leitor de seu ponto de vista, neste caso, a demonstração da caridade filial.

Nísia Floresta enaltece o amor materno, o que acaba por reforçar a intencionalidade reformadora de seus *Conselhos*. Faz parte de sua argumentação convencer seus leitores de que escreve movida por esse forte sentimento e pela preocupação com o desenvolvimento das virtudes de sua filha, e leitoras, e, conseqüentemente, com a sua felicidade. Afirma:

Há na natureza um sentimento que excede a todas as paixões d'alma; todas as afeições lhe são inferiores, nenhuma o disputa; ele é o único, imenso, verdadeiro, seu império atravessa os séculos, as nações, os costumes, sem que os costumes das nações, e os séculos, influam em sua essência: ele se conserva em sua pureza, a despeito das vicissitudes, e mesmo da morte! [...] Sim, o sentimento maternal está além de todas as paixões humanas. É só uma mãe que é capaz dos maiores sacrifícios sem outras vistas, sem outra recompensa mais do que o seu próprio amor⁵⁰⁶.

Afinal, quem contestaria o seu interesse ao aconselhar as meninas de seu tempo, estando ela movida por tão forte sentimento? Assim, ela confere credibilidade aos seus *Conselhos*. No entanto, é importante ressaltar que Nísia Floresta não inaugurou o gênero ou linha argumentativa. Desde o século anterior, conforme mencionado, esse era um recurso utilizado em obras destinadas às mulheres.

O escocês John Gregory (1724-1773), escritor, médico e moralista, escreveu *A father's legacy to his daughters*⁵⁰⁷, o livro de conduta feminina mais vendido do final do século XVIII e início do século XIX, na Grã-Bretanha e América. A primeira edição é de 1774, publicada postumamente. Vendeu 6 mil cópias entre 1774 e 1776. Teve edições publicadas até 1877. Traduzido para o francês, italiano e russo. No livro, aconselha suas filhas, ainda na infância, preparando-as para a vida adulta. O autor, criticado por Wollstonecraft em *Reivindicação dos direitos das mulheres*, enalteceu seu sentimento paterno e se mostrou preocupado com o futuro de suas filhas, que já haviam perdido a mãe. Assim, ele desejou que suas palavras fossem recebidas como prova de seu afeto⁵⁰⁸.

No Brasil, o médico, político e intelectual José Lino Coutinho (1784-1836) escreveu um conjunto de cartas para a sua filha, publicado postumamente em 1849, na Bahia, sob o título

⁵⁰⁶ FLORESTA, 1845, p. 7-8.

⁵⁰⁷ GREGORY, John. *A father's legacy to his daughters*. Londres: Wood & Innes, 1808. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/cache/epub/50108/pg50108-images.html>. Acesso em: 18 fev. 2024.

⁵⁰⁸ Cf.: MORAN, M.C. Between the Savage and the Civil: Dr John Gregory's Natural History of Femininity. In: KNOTT, S., TAYLOR, B. (org.) *Women, Gender and Enlightenment*. Londres: Palgrave Macmillan, 2005.

Cartas sobre a educação de Cora, seguidas de um catecismo moral, político e religioso. Coutinho se formou em Medicina pela Universidade de Coimbra, e participou ativamente da vida pública nos primeiros anos do século XIX. Foi deputado em diversas legislaturas do Império, colaborando nos debates acerca da administração e organização do país⁵⁰⁹. A publicação das *Cartas* foi motivada pelo “comércio de obras que buscavam valorizar a educação moral à luz de preceitos civilizatórios (...)”⁵¹⁰.

Além disso, o êxito da obra seria decorrente do tom intimista da narrativa, típico da época. As cartas eram endereçadas ora à filha, ora à educadora responsável pelos cuidados diretos com a criança. Quanto ao conteúdo, ia além da comunicação entre pai e filha: “a correspondência pretendia formar o melhor modelo de esposa, mãe e mulher, através de um feixe de regras, condutas e sensibilidades próprias ao universo feminino oitocentista”⁵¹¹.

Apesar do conteúdo conservador e as recomendações visando o desenvolvimento das virtudes tidas como femininas, o contato com manuais como os *Conselhos* fez parte do caminho trilhado por mulheres para atingir a autonomia no campo da leitura e da escrita. O empreendimento de Nísia Floresta se destaca por ser escrito por uma mulher e endereçado ao seu sexo, objetivando não somente sua educação, mas sua elevação moral e social. A escritora estima que sua filha, assim como suas demais leitoras, possa “pela regularidade de sua conduta, pela sua obediência, e pela docilidade aos conselhos de sua mãe, preparar-se uma mocidade feliz, e uma velhice sem remorsos”⁵¹².

Nísia Floresta seguiu atuando como diretora do Colégio Augusto e *Conselhos à minha filha* estava entre os prêmios oferecidos às educandas que se destacavam na instituição⁵¹³. Em 1847, três livros foram publicados. O primeiro, *Daciz ou a jovem completa*, não teve nenhum exemplar localizado até o momento. Sobre isso, Adauto da Câmara informa:

Pensamos que o único exemplar que existe é o que pertence a Henrique Castriciano, e que ele teve a gentileza de nos ceder para uma rápida leitura.

⁵⁰⁹ Cf.: MAGALHÃES, Pablo Iglesias; JUNQUEIRA, Lucas de Faria. A biblioteca de um estadista do Império: o inventário de livros de José Lino Coutinho (1836). *Almanack*, Guarulhos, n. 16, p. 206-257, ago. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/alm/article/view/13123/9166>. Acesso em: 19 nov. 2025.

⁵¹⁰ SANTANA, Flávio Carreiro de. Civilidade, sensibilidade e cotidiano familiar no Brasil Império: o exemplo das “Cartas sobre a educação de Cora”. In: FREITAS, Talitta Tatiane Martins; CAPELOZI, Lays da Cruz. *Anais do VI Simpósio Nacional de História Cultural: escritas da História: ver, sentir, narrar*. Uberlândia: GT Nacional de História Cultural, 2012. p. 1-2. Disponível em: <https://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Flavio%20Carreiro%20de%20Santana.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2025.

⁵¹¹ SANTANA, 2012, p. 2.

⁵¹² FLORESTA, 1845, p. 30.

⁵¹³ NOS DIAS 18, 19 e 20 tiveram... *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 20, n. 349, p. 4, 23 dez. 1845.

Nísia foi preceptora de Daciz (Amélia Miranda), de quem diz que era descendente de ilustres avós, que se notabilizaram na guerra do Sul contra o estrangeiro (Cisplatina). É a encarnação das virtudes de uma ‘jovem perfeita’. Recusa casar com o marechal B. M. Casou com o seu eleito, teve três filhos, que Nísia julgou necessário dizer que eram amamentados pela própria mãe. É uma historieta ao gosto do tempo⁵¹⁴.

As educandas do Colégio Augusto são as destinatárias imediatas de Nísia Floresta. Novamente, ela faz uso da escrita com a finalidade de educar moralmente as jovens leitoras. Se em seus *Conselhos* a escritora prescreveu diretamente comportamentos e sentimentos a serem cultivados e evitados pelas meninas, em *Daciz*, elaborou uma narrativa a fim de exemplificar o modelo ideal de mulher.

Através de sua protagonista, a escritora evidencia a importância do casamento enquanto escolha dos nubentes, sem o envolvimento de ambições, assim como exalta a amamentação oferecida exclusivamente pelas mães. Esse último aspecto é retomado em outros textos seus, por exemplo, quando critica o hábito entre as brasileiras de delegar essa função às amas de leite, o que seria, em sua concepção, a causa de vícios morais.

A comercialização do texto foi anunciada em jornais nos anos subsequentes à sua publicação, conforme localizado no *Jornal do Comércio*, *Periódico dos Pobres*, *Correio da Tarde*, *O Anunciador*⁵¹⁵ e *O Grátis*⁵¹⁶. A seguir, alguns exemplos:

Daciz, ou a jovem completa. História moral, por uma Brasileira; acha-se à venda na rua da Quitanda n. 70⁵¹⁷.

História oferecida às educandas do Colégio Augusto, pela sua diretora, Nísia Floresta Brasileira Augusta; acha-se à venda na Rua do Ouvidor n. 158, a sair ao largo de S. Francisco de Paula⁵¹⁸.

Daciz, ou a jovem completa. História moral, por B. A., acha-se à venda na rua do Ouvidor n. 158, por 320 réis⁵¹⁹.

Os anúncios, feitos anos após a publicação, tendo em vista que todos datam de 1850, indicam a circulação da obra, assim como a venda em diferentes locais. Através deles se tem conhecimento de que foi primeiramente oferecido às educandas do Colégio Augusto e, depois, disponibilizado para o público em geral. O valor é informado em alguns números e, diferentemente dos *Conselhos*, pode ter sido fonte de ganhos financeiros para a autora.

⁵¹⁴ CÂMARA, Adauto da. *História de Nísia Floresta*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1941. p. 118-119.

⁵¹⁵ DACIZ ou a jovem completa... *O Anunciador*. Rio de Janeiro, n. 5, p. 3, 5 fev. 1850.

⁵¹⁶ HISTÓRIA moral... *O Grátis*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 34, p. 1, 3 out. 1850.

⁵¹⁷ DACIZ, ou a jovem completa. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 24, n. 95, p. 2, 8 abr. 1849.

⁵¹⁸ HISTÓRIA oferecida... *Periódico dos Pobres*. Rio de Janeiro, n. 16, p. 4, 22 maio 1850.

⁵¹⁹ DACIZ, ou a jovem completa. *Correio da Tarde*. Rio de Janeiro, n. 760, p. 4, 19 ago. 1850.

Nísia Floresta continuou a produzir o mesmo gênero, e publicou *Fany ou o modelo das donzelas*⁵²⁰, também através do Colégio Augusto. O nome é por si só autoexplicativo: trata-se de uma historieta em que a personagem principal, Fany, é apresentada como detentora de virtudes femininas e, portanto, como modelo a ser seguido por suas iguais. Se Daciz era a jovem completa, que se casou e exerceu adequadamente os papéis de esposa e mãe, Fany era a filha ideal, capaz de abnegar de seus interesses, inclusive do matrimônio, para auxiliar os pais no cuidado com os irmãos.

A história se passa em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, durante a Revolução Farroupilha. Fany é apenas uma adolescente, a primogênita entre nove filhos. Seus pais se envolveram na guerra e a família enfrentou dificuldades. Ela, no entanto, se manteve neutra, rezando pelos pais revolucionários e cuidando dos irmãos e do lar. Mesmo saindo vitoriosos do conflito, o pai foi assassinado pouco depois do fim da guerra. Fany, por sua vez, abdica da oportunidade de se casar para cuidar da mãe e dos irmãos.

É interessante como a história de Fany se entrelaça à de Nísia Floresta. Tal como a criatura, a criadora se dedicou à família após a perda do pai, assassinado por um inimigo. Quando esteve no Rio Grande do Sul, a escritora presenciou a Revolução, e esse foi um dos motivos que a levou para o Rio de Janeiro. Entre os conflitos enfrentados no Rio Grande do Norte e Pernambuco com sua família, Nísia Floresta relata ter permanecido passiva, intercedendo pela vida do pai apenas através de orações: “À noite, prostrada ante a imagem do Todo Poderoso, eu lhe rogava, com o mais religioso recolhimento, conservasse meu pai, subtraindo-o sempre ao furor dos maus homens”⁵²¹.

Em *Fany*, Nísia Floresta repete o feito nas publicações anteriores, fazendo uso de sua experiência pessoal para forjar personagens virtuosas e modelos a serem seguidos. Sua escrita moralista tinha como objetivo reformar o caráter feminino de modo a elevar a mulher socialmente, retirando-a do estado de ignorância a que estava propositalmente condenada pela má educação recebida.

Por fim, *Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta*⁵²² (figura 5) foi a sua última publicação daquele ano, impressa pela Tipografia de F. de Paula Brito.

⁵²⁰ FLORESTA, Nísia. *Fany ou O modelo das donzelas*. Rio de Janeiro: Edição do Colégio Augusto, 1847. Aqui, a versão utilizada é: FLORESTA, Nísia. *Fany ou o modelo das donzelas*. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Inéditos e dispersos de Nísia Floresta*. Natal: EDUFRN, 2009. p. 95-102.

⁵²¹ FLORESTA, 1845, p. 13.

⁵²² FLORESTA, Nísia. *Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta*. Rio de Janeiro: Tipografia de F. de Paula Brito, 1847. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=DrlGAQAAMAAJ&hl=pt>. Acesso em: 23 out. 2025.

Datado de 18 de dezembro de 1847, o *Discurso* se apresenta em seis páginas, e foi proferido por ocasião do término do ano letivo, momento em que as educandas internas retornariam para a casa dos pais. Apesar de curto, o texto mantém o caráter pedagógico e reformador da moral feminina.

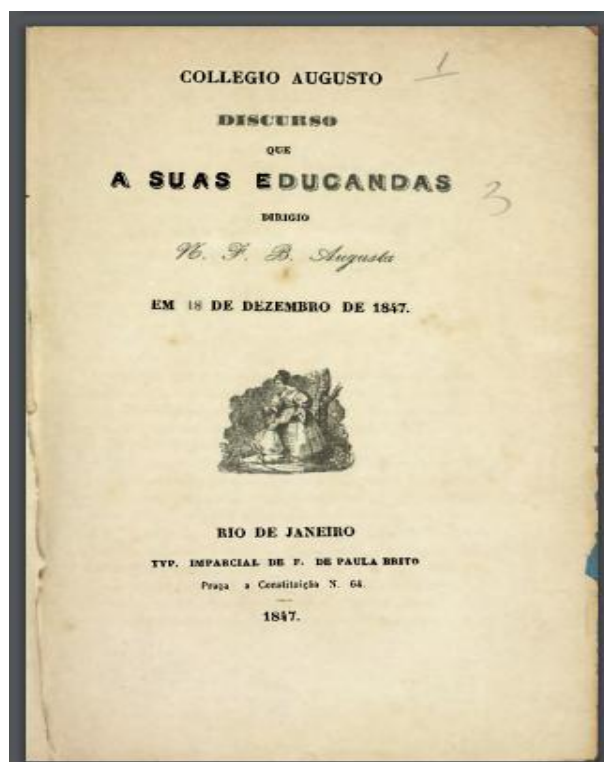


Figura 5: Capa do livro *Discurso que às suas educandas dirigiu Nisia Floresta Brasileira Augusta em 18 de dezembro de 1847*. Fonte: FLORESTA, Nisia. *Discurso que às suas educandas dirigiu Nisia Floresta Brasileira Augusta*. Rio de Janeiro: Tipografia de F. de Paula Brito, 1847. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=DrlGAQAAMAAJ&hl=pt>. Acesso em: 23 out. 2025.

A escritora prescreve modelos para a conduta das educandas quando não estivessem no Colégio Augusto, preocupando-se com a influência potencialmente danosa das famílias. Aponta que todo e qualquer avanço conquistado por meio da educação ministrada na instituição poderia ser freado pelos hábitos domésticos. Os três livretos foram editados a partir do Colégio Augusto, o que evidencia a relevância da instituição e da vivência como educadora para a escrita de Nisia Floresta.

Em 1849, Nísia Floresta publicou *A lágrima de um caeté*⁵²³ (figura 6), editado pela Tipografia de L. A. F. de Menezes e assinado com o pseudônimo Telessilla. O poema, composto por 712 versos, se insere no contexto romântico indianista, e aborda a condição do indígena e sua luta contra o avanço do colonizador.

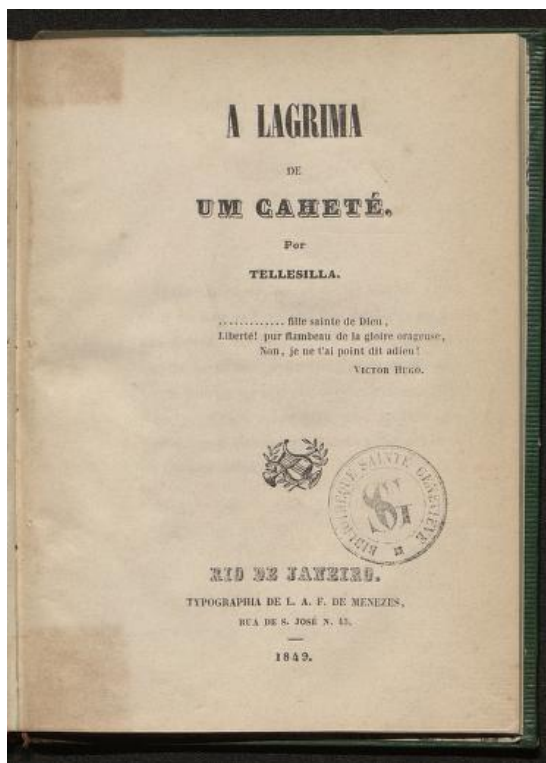


Figura 6: Capa do livro *A lágrima de um Caeté*, 1849. Fonte: FLORESTA, Nísia. *A lágrima de um Caeté*. Rio de Janeiro: Tipografia de L. A. F. Menezes, 1849. Disponível em: <https://archive.org/details/DELTA53690FA/page/n7/mode/2up>. Acesso em: 30 jan. 2024.

O fato de ser sido escrito em meio à Revolução Praieira ajuda a explicar o sucesso do livro, que teve duas edições no ano de lançamento, assim como o uso do pseudônimo na primeira edição, pois seu posicionamento era contrário às forças governamentais. Nísia Floresta cita Victor Hugo: “... *fille saint de Dieu/ Liberté! par flambeau de la gloire orageuse/ Non, je ne t'ai point dit adieu!*”⁵²⁴. E aponta as dificuldades enfrentadas para publicar:

O infeliz Caeté, apesar de ter chegado a esta Corte no mês de fevereiro logo depois da revolta dos *Rebeldes* em Pernambuco, é somente agora que lhe permitiram aparecer, e isto depois de o terem feito passar aqui por mil torturas

⁵²³ FLORESTA, Nísia. *A lágrima de um Caeté*. Rio de Janeiro: Tipografia de L. A. F. Menezes, 1849. Disponível em: <https://archive.org/details/DELTA53690FA/page/n7/mode/2up>. Acesso em: 30 jan. 2024.

⁵²⁴ FLORESTA, 1849.

inquisitoriais!... Graças à benfazeja mão, que o fez renascer, qual Fênix, das cinzas a que o haviam ou queriam reduzir! (grifo da autora)⁵²⁵.

O desejo de liberdade e justiça havia sido sufocado, ora pelo colonizador, ora pelas autoridades imperiais. É provável que a obra tenha sofrido censura, pois passou por “mil torturas inquisitoriais” antes de finalmente lhe permitirem aparecer. A tentativa de embargar a publicação estava associada ao seu caráter contestador, evidenciado, inclusive, no grifo à palavra “rebeldes”. Enquanto as obras anteriores mantiveram o caráter pedagógico moralista, *A lágrima de um caeté* desafiava os conservadores, uma vez que a escritora se posicionou não somente a favor do indígena, mas dos praieiros.

A Revolução Praieira pode ser entendida a partir das mudanças políticas ocorridas nos primeiros anos da década de 1840, “quando apareceu em Pernambuco uma dissidência do Partido Liberal, mais conhecida pelo apelido de ‘Partido Praieiro’”⁵²⁶. O fortalecimento dos Cavalcanti, família tradicionalmente conservadora, com a filiação de Holanda Cavalcanti junto aos liberais, foi o principal motivo da dissidência. Os dissidentes se reuniram no partido praieiro, apelido cuja origem fazia referência à rua da Praia, onde estava localizado o jornal *Diário Novo*, que veiculava as ideias do grupo nascente⁵²⁷.

Em 1845, Pedro II convidou o Partido Liberal para o gabinete ministerial, e os praieiros comemoram a nomeação de Antônio Pinto Chichorro para a presidência da província. As medidas adotadas a partir daí causaram conflitos entre os liberais e conservadores. Esses últimos foram perseguidos administrativamente, perdendo cargos. Ademais, os praieiros passaram a desarmar os seus opositores, invadindo propriedades, aumentando o descontentamento dos conservadores e incitando reações, também mediante violência⁵²⁸.

A bancada praieira na Corte, liderada por Joaquim Nunes Machado, seguia defendendo os interesses locais. Considerando o descontentamento popular diante da perda de empregos e da carestia do custo de vida, causado pelo domínio português e inglês sobre o comércio a retalho, os praieiros exigiam uma solução rápida para os problemas sociais. A população adotou uma postura mais radical, atacando estrangeiros e seus pontos comerciais⁵²⁹.

⁵²⁵ FLORESTA, 1849, p. 5.

⁵²⁶ CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de. Os nomes da Revolução: lideranças populares na Insurreição Praieira, Recife, 1848-1849. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 35, p. 209-238, 2003. p. 211. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/vbP5XZWJM4Lynrwj8xBTgGn/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 dez. 2025.

⁵²⁷ CARVALHO, 2003.

⁵²⁸ CARVALHO, 2003.

⁵²⁹ CARVALHO, 2003.

A situação se inverteu em 1848, quando os conservadores retomaram o controle do gabinete ministerial e adotaram as mesmas medidas anteriormente tomadas pelos praieiros: demitindo aqueles que eram da oposição e confiscando suas armas. De acordo com Marcus de Carvalho, a Insurreição Praieira teve início quando tentaram desarmar o coronel praieiro Manoel Pereira de Moraes, em novembro de 1848. “A raiz da Praieira foi esta disputa pelo poder local, principalmente pelos cargos na Polícia Civil, e secundariamente na Assembleia Provincial, nas Câmaras, na Justiça de Paz e Guarda Nacional”⁵³⁰.

O conflito se estendeu entre diferentes localidades de Pernambuco. No dia 2 de fevereiro de 1849, aproximadamente mil e seiscentos homens armados se dirigiram do interior para Recife, liderados por militares experientes e grandes proprietários rurais. Entre eles, havia indígenas, guardas nacionais e outros grupos agregados. Ao chegarem em seu destino, foram recebidos por tropas da Guarda Nacional. A luta demorou entre dez e doze horas e teve como saldo:

No final, as tropas que atacaram a capital tiveram 200 mortos e 400 feridos. As tropas do governo, 90 mortos e 197 feridos. Entre as vítimas fatais estava ninguém menos do que o principal líder do partido praieiro, o deputado Nunes Machado, cuja retórica precisa conquistou o respeito dos seus pares na câmara durante o ‘quinquênio liberal’ (1844-1845)⁵³¹.

O levante foi rapidamente contido e os sobreviventes, severamente punidos. Nísia Floresta se compadece com a derrota do movimento nativista. Em *A lágrima de um Caeté*, o indígena sofre a perda de Nunes Machado:

Caiu o chefe imortal
Dos bravos pernambucanos!
Debandados estes foram;
Sorriram-se os seus tiranos!
Mas seu sorriso é convulsivo,
Anuncia terrível siso...

Eis voa das margens tristes
Do Beberibe a Saudade,
Acompanhando o Caeté
Ao bairro da Soledade...
Ali vê no chão prostrado
O herói NUNES MACHADO!

[...]
Sangram nobres corações
Nas prisões
O despotismo cruento
Tudo tem aqui tostado!
NUNES MACHADO

⁵³⁰ CARVALHO, 2003, p. 212.

⁵³¹ CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de; CÂMARA, Bruno Augusto Dornelas. A Insurreição Praieira. *Almanack Braziliense*, São Paulo, n. 8, p. 5-38, nov. 2008. p. 6.

Não morreu no pensamento!

A causa, que defendia,
 Por quem ardia,
 Era causa da Nação,
 Mais tarde o Brasil dará,
 Afirmará,
 A prova desta asserção.

- Não chores, ó Caeté, o Amigo teu:
 Sua sorte, o mal seu, não mais lamentos!
 Pela Pátria viveu, deu tudo à Pátria,
 A Pátria cantará⁵³².

Nísia Floresta equipara a luta pela liberdade de Caeté com a de Nunes Machado, coloca-os lado a lado, com causas semelhantes e fins trágicos, decorrentes do despotismo. Elege-os como heróis da nação. Nunes Machado fora colega de Augusto, companheiro de Nísia Floresta, o que certamente a fez lamentar sua morte em nível pessoal⁵³³. Stélio Torquato Lima aponta que a escritora tinha o objetivo de evidenciar a distância entre o modelo de nação que se buscava instituir e a realidade. Ao relacionar o líder praieiro e o indígena, Nísia Floresta questionou o projeto de nação dos primeiros românticos, que defendiam a valorização dos nativos, mas não questionavam ou resistiam ao seu extermínio⁵³⁴.

Nísia Floresta era uma mulher reconhecida por sua atuação como diretora do Colégio Augusto e por suas publicações anteriores e estava socialmente distante da realidade vivenciada pelos indígenas. Apesar disso, denunciou as agressões dos brancos para com os nativos, bem como a hipocrisia dos românticos. Com a publicação de *A lágrima de um Caeté*, a escritora demonstra que suas preocupações iam além da educação feminina.

Além disso, deixa evidente o seu interesse e o conhecimento que detinha acerca da história do Brasil, do conflito instaurado em Pernambuco e das reivindicações dos revoltosos. Nísia Floresta participou ativamente das discussões políticas de seu tempo, exprimindo suas opiniões sem temer represálias. Esse posicionamento certamente lhe trouxe problemas e pode estar relacionado com sua ida para a Europa naquele mesmo ano.

⁵³² FLORESTA, 1849, p. 23-24, 26-28.

⁵³³ LÚCIO, Sônia Valério Marinho. *Uma viajante brasileira na Itália do Risorgimento*: tradução comentada do livro *Trois ans en'Italie suivis d'un voyage en Grèce* (vol. I – 1964; vol. II – s. d.) de Nísia Floresta Brasileira Augusta. 1999. 754 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

⁵³⁴ LIMA, Stélio Torquato. *O indianismo e o problema da identidade nacional em 'A lágrima de um caeté', de Nísia Floresta*. 2008. 185 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

Em 1849, alguns problemas relativos à saúde de seus familiares impactaram em suas decisões. Seu irmão, Joaquim Brasil, teve febre amarela em julho, “*qui l’aurait enlevé à ses nombreux enfants encore tous em bas âge, si la souer qui lui était si dévouée (...) ne fût accourue*”⁵³⁵. Ainda que sua mãe e sua cunhada tenham tentado mantê-la afastada do enfermo, ela não tardou em socorrê-lo. Nísia Floresta afirmou que seu amor fraternal foi capaz de providenciar a cura do irmão, mesmo quando os médicos não foram capazes de sanar seus males.

Sua filha também precisou de seus cuidados. No dia 7 de setembro, não podendo realizar a visita ao irmão, Nísia Floresta enviou Lívia em seu lugar. A jovem foi a cavalo e, ao passar próximo às comemorações pela Independência, o animal, assustado, a derrubou. A escritora se absteve de descrever a angústia sentida diante do acidente, mas destacou que o episódio “*changea la face de notre existence en m’arrachant aux intérêts de ma Maison, à la patrie et aux chers êtres*”⁵³⁶. Após o acidente, Nísia Floresta mudou de continente: partiu para a Europa sob a justificativa de cuidar da saúde de Lívia. Relembra:

*Le prince de la science médicale à Rio-Janeiro, le vieux docteur Mereilles, ancien ami de la famille, lui avait souvent dit que le climat énervant de Rio-Janeiro ne convenait pas du tout à cet enfant et qu’elle avait besoin, pour se fortifier, d’un voyage et d’un séjour de quelque temps en Europe. L’amour de la terre natale et les exigences d’une position qui l’y attachait avaient jusqu’à empêché la mère de s’en éloigner ; mais maintenant, en présence d’une si impérieuse nécessité, elle se décida à suivre le conseil de son ancien docteur. Elle eut de grands obstacles à surmonter, un grand sacrifice à faire ; mais elle se donna tout entière au devoir maternel et partit avec ses deux enfants pour la France*⁵³⁷.

A escritora ressalta que a recomendação médica para mudança de ares era recorrente, entretanto, seu apego pela pátria e os compromissos como diretora do Colégio Augusto

⁵³⁵ FLORESTA, Nísia. *Fragments d’un ouvrage inédit, notes biographiques*. Paris: A. Chérié, 1878. p. 76. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=ICxEAQAAMAAJ&pg=GBS.PA2&hl=pt>. Acesso em: 4 nov. 2025. “que o teria arrebatado dos seus numerosos filhos, todos ainda em tenra idade, se a irmã que lhe era tão devotada (...) não fosse acudi-lo”. A tradução utilizada é: FLORESTA, Nísia. *Fragments de uma obra inédita: notas biográficas*. Tradução de Nathalie Bernardo da Câmara. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. p. 61.

⁵³⁶ FLORESTA, 1878, p. 82. “mudou a face da nossa existência, arrancando-me dos interesses de minha casa, da pátria e dos entes queridos”. FLORESTA, 2001, p. 64.

⁵³⁷ FLORESTA, 1878, p. 84. “O príncipe da ciência médica do Rio de Janeiro, o velho doutor Mereilles, antigo amigo da família, dissera-lhe muitas vezes que o clima exasperante do Rio de Janeiro não convinha absolutamente a essa criança e que ela tinha necessidade, para se fortificar, de uma viagem e de uma permanência em algum tempo na Europa. O amor à terra natal e as exigências de uma posição que aí a mantinham haviam até então impedido a mãe de afastar-se dela; mas agora, na presença de tão imperiosa necessidade, ela decidiu seguir o conselho de seu velho médico. Ela teve que superar grandes obstáculos, de fazer um grande sacrifício, mas entregou-se completamente ao dever maternel e partiu com seus dois filhos para a França”. FLORESTA, 2001, p. 65.

impediam que a viagem fosse realizada. O acidente precipitou a ida para a Europa, se mostrando como uma necessidade inadiável para o bem de Livia. Nesse caso, endossa que o amor maternal se sobressaiu, e mediante “grande sacrifício”, partiu com a família em uma viagem que se estendeu até 1852. Partindo do pressuposto de que não fora uma viagem previamente planejada, a educadora deixou uma despedida no *Jornal do Comércio* de 5 de novembro de 1849, onde se lê:

Nisia Floresta Brasileira Augusta, oprimida da saudade que lhe esmaga o coração ao separar-se pela primeira vez da pátria, onde a prendem tantas e tão caras afeições, não pôde despedir-se das famílias de sua amizade. Ela lhes envia, pois, um triste adeus, pedindo-lhes que o acolham como expressão de sentimento que lhes há sempre consagrado. E vós, ó caras educandas suas, recebei um ósculo maternal que ela vos envia sob o símbolo de uma lágrima⁵³⁸.

A saudade da pátria e a associação entre o magistério e a maternidade são temas retomados em seus textos. É possível que entre as motivações de sua viagem estivessem os ataques de seus concorrentes através da imprensa, ou a reação negativa de parte dos leitores de *A lágrima de um Caeté*. Ao contrário do que suas palavras deixam entrever, sua ida à Europa atendia também aos seus desejos de viajar pelo Velho Mundo e conhecer lugares, intelectuais e monumentos que conhecia somente por meio da leitura.

A partida da escritora foi registrada no *Diário do Rio de Janeiro* de 30 de outubro de 1849: “Itália. – D. Nisia Floresta Brasileira Augusta, levando em sua companhia dois filhos menores, Brasileiros”⁵³⁹. No entanto, o destino final foi a França, conforme registrado no *Correio Mercantil*: “Havre – (...) D. Nisia Floresta Brasileira Augusta e 2 filhos”⁵⁴⁰. A escritora deixou para trás “uma nação atrasada em muitos aspectos, com uma sociedade altamente estratificada e uma economia dependente do sistema de trabalho escravo”⁵⁴¹.

Conhecedora da sociedade europeia através de livros e do contato com intelectuais, Nisia Floresta se deparou com uma realidade diferente daquela vivenciada em seu país, enriquecendo seu repertório argumentativo em defesa da educação feminina e da liberdade do indígena e do negro escravizado.

No ano seguinte, residindo em Paris, Nisia Floresta publicou *Dedicação de uma amiga*⁵⁴² em terras brasileiras, apontado como o primeiro romance escrito por uma norte-rio-

⁵³⁸ NÍSIA Floresta Brasileira Augusta... *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 24, n. 300, p. 4, 5 nov. 1849.

⁵³⁹ PESSOAS despachadas no dia 29 de outubro. *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, ano 28, n. 2840, p. 2, 30 out. 1849.

⁵⁴⁰ SAIDA dia 2. *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro, ano 6, n. 299, p. 4, 1 nov. 1849.

⁵⁴¹ HAHNER, 1981, p. 30.

⁵⁴² FLORESTA, Nisia. *Dedicação de uma amiga*. Niterói: Tipografia Fluminense de Lopes & Cia, 1850.

grandense. A obra, no entanto, foi escrita em 1848, conforme esclarecido pela escritora nas primeiras páginas:

Lêde. Escritos traçados nas ligeiras horas restantes de árduo-assíduo trabalho, alguma vez também no desalinho de ideias, que por demais sombrias me levam a procurar uma distração inocente sobre o papel, não deveria eu talvez dá-los ao prelo. O que me decidiu, entretanto, a publicá-los? A esperança de serem eles apreciados? Não, porque estou cônica, 1º. de minha insuficiência literária, 2º. do espírito de meu país sopesado de prejuízos, professando ainda errôneas grosseiras doutrinas, tendentes ao apreçamento da inteligência da mulher. Foi somente para satisfazer a um voto da amizade, que o fiz. E pois, sem orgulho, nem pretensões, eu apresento ao público, falta de melhores cores, o mal esboçado quadro da *dedicação de uma amiga*, cuja história outrora me contaram.
Janeiro 6 de 1848⁵⁴³.

Repetindo o costume entre as mulheres escritoras de minimizar sua capacidade criativa e a sofisticação de sua escrita, afirma não possuir aptidão para a produção literária. Além disso, ressalta conhecer o lugar dispensado às mulheres escritoras no Brasil, resultado do contato com doutrinas errôneas. Por fim, destaca que não havia nenhuma pretensão com a publicação. O romance deveria contar com quatro volumes, mas apenas dois foram lançados.

O livro foi dedicado à sua irmã, a quem: “me prenderam desde a infância os laços da mais terna afeição”, e assegura: “Lendo-o, medita profundamente sobre a grandeza dos sacrifícios, de que é capaz a dedicação de uma amiga! E ainda assim, não terás uma aproximada ideia d’aquela, que te eu consagro”⁵⁴⁴.

Filena, a personagem principal, é descrita como: “a virgem que todas as virtudes reunia, atraindo todos os respeitos dos seus semelhantes com quem sua bela alma pouco tinha de comum (...)”⁵⁴⁵. O romance tem início em 1836, tendo como pano de fundo histórico a Cabanagem, “quando a guerra civil, seguida de todos os seus horrores, devastava o Norte do Brasil”⁵⁴⁶. A revolta ocorreu entre os anos de 1835 e 1840, na região do Grão-Pará, que correspondia aos atuais estados do Pará, Amazonas, Amapá, Roraima e Rondônia e foi impulsionado pela população pobre, como lavradores, camponeses, negros escravizados, indígenas e pequenos comerciantes. No início, os cabanos, nome dado aos revoltosos em

⁵⁴³ FLORESTA, 1850, p. 1.

⁵⁴⁴ FLORESTA, 1850.

⁵⁴⁵ FLORESTA, 1850, p. 1-2.

⁵⁴⁶ FLORESTA, 1850, p. 1.

referência às habitações que residiam, receberam apoio de parte da elite local, composta por fazendeiros. Com a radicalização das ideias, no entanto, a elite se fastou do movimento⁵⁴⁷.

Os revoltosos estavam insatisfeitos com a situação em que viviam, a fome, as doenças e a falta de representatividade política. Desejavam o controle da província, e eram contrários à humilhação da escravidão e à política centralizadora do Governo Imperial. A eclosão do movimento se deu diante da política do presidente da província, Bernardo Lobo de Sousa, e a prisão e morte de líderes políticos locais, como o cônego Batista Campos. Em janeiro de 1853, os cabanos tomaram o quartel e o palácio do governo em Belém e assassinaram o então presidente. Entre os líderes, destacaram-se Félix Clemente Malcher, primeiro presidente cabano, morto ao ser considerado traidor; Francisco Pedro Vinagre, que assumiu o cargo após a morte de Malcher; e Eduardo Angelim, que aterrorizou a elite local⁵⁴⁸.

A cabanagem foi derrotada em 1840, após a morte de Eduardo Angelim. A repressão, extremamente violenta, resultou na morte de quase metade da população da região, aproximadamente 30 mil mortos. Com o fim do movimento, a região enfrentou dificuldades para produzir alimentos, com a escassez de mão de obra e o aparecimento de doenças como a varíola⁵⁴⁹.

No capítulo 5 do primeiro volume de *Dedicação de uma amiga*, Nísia Floresta oferece ao leitor “um ligeiro esboço da rebelião do Pará nessa época”⁵⁵⁰, ficando evidente sua aproximação com o fazer historiográfico. Registra:

Arbitrariedades praticadas em um recrutamento na freguesia do Acará ocasionaram desavenças entre um dos lavradores desse lugar e os que recrutavam, ficando na luta, estes, muito maltratados. Isto deu causa a que dois partidos, rivais desde a Independência, viessem às mãos. Na noite do dia 5 de janeiro de 1835, Vinagre, à frente de uma pequena força, surpreendeu a cidade de Belém e, dividindo-se em vários grupos, acometeram os quartéis, tocaram a rebate, prenderam no xadrez os soldados que iam chegando e mataram os oficiais, tornando-se destarte senhores da capital. No dia seguinte assassinaram o presidente Lobo, o general das armas Santiago, o comandante Inglis, da corveta Defensora, e outras pessoas. Malcher, que estava preso, foi solto e nomeado presidente; Vinagre tomou o comando das armas, e um de seus irmãos o da guarda municipal. Um governo assim constituído, por meio de assassinatos, não podia permanecer por muito tempo nem conservar a união entre seus membros⁵⁵¹.

⁵⁴⁷ MELO, Maria de Nazaré Santos; SANTOS, Maysa Leite Serra dos. Cabanagem: A história vivenciada na região do Grão-Pará. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 6, n. 12, p. 103318-103333, dez. 2020.

⁵⁴⁸ MELO, 2020.

⁵⁴⁹ MELO, 2020.

⁵⁵⁰ FLORESTA, 1850, p. 11.

⁵⁵¹ FLORESTA, 1850, p. 11.

Nísia Floresta prossegue mencionando as divergências entre a liderança do movimento, a morte de Malcher, a tentativa de repressão das forças centrais, a morte de Vinagre e a ascensão de Angelim ao governo. Por fim, informa:

O general Andrea foi finalmente nomeado presidente, e comandante das armas para essa revoltada província, e entrou na capital sem resistência por ter-se Eduardo retirado para o interior a pedido do bispo, que via a cidade quase balda de víveres, em consequência do apertado bloqueio e de se achar em poder do governo a ilha de Marajó, que fornece de gado à capital. Restabeleceu-se então a ordem. Foram presos a bordo das embarcações muitos desses infelizes, onde grande número sucumbiu miseravelmente e ao flagelo das bexigas⁵⁵².

A escritora considera, a princípio, que o movimento fora resultado das arbitrariedades cometidas pelo governante da província, e lamenta a destruição causada após os constantes levantes. Informa, ainda, que muitas famílias tiveram suas vidas comprometidas e tiveram que fugir dos conflitos, entre elas estava a de Fernando, “um negociante a quem Filena e sua amiga haviam socorrido em um tão aflitivo lance”⁵⁵³. Na ocasião, Fernando, a esposa e a filha, Alina, foram cercados por indígenas e salvos por Filena, que mantinha uma relação fraternal e harmoniosa com os nativos. A propósito, Alina é personagem utilizada por Nísia Floresta para contrapor as virtudes de Filena.

Enquanto essa é grata àquela que a acolheu após a morte dos pais, Alina é caracterizada como uma jovem fútil, ingrata, ambiciosa e vaidosa. As personagens da obra são o meio pelo qual Nísia Floresta prescreve um modelo de educação e virtudes ideais para uma jovem, enquanto critica o modelo vigente. Entre os temas abordados na obra, destacam-se também o julgamento sobre a perseguição aos indígenas e aos abusos da escravidão.

Alguns jornais anunciaram a venda dos exemplares, como *O Anunciador*:

DEDICAÇÃO DE UMA AMIGA

Romance original em 4 volumes

Saiu à luz o 1º volume, e se acha em casa do Sr. Paula Brito: os Srs. assinantes, que ainda não o receberam, queiram reclamar, para lhe ser entregue. Recebem-se ainda assinantes em todas as lojas de livros, por 5\$000 réis, entregues na recepção do 1º volume⁵⁵⁴.

Imediatamente abaixo deste anúncio, o periódico ofereceu: “ESPEREMOS SEMPRE, Conto moral, traduzido do francês, pela jovem L. A. F. R.; vende-se na loja do Sr. Agra e Cia, rua Quitanda n. 70, preço 240 réis”⁵⁵⁵. Este último se refere ao trabalho de Livia, filha de Nísia

⁵⁵² FLORESTA, 1850, p. 13.

⁵⁵³ FLORESTA, 1850, p. 13.

⁵⁵⁴ DEDICAÇÃO de uma amiga. *O Anunciador*. Rio de Janeiro, n. 5, p. 4, 5 fev. 1850.

⁵⁵⁵ ESPEREMOS sempre. *O Anunciador*. Rio de Janeiro, n. 5, p. 4, 5 fev. 1850.

Floresta, que seguiu os seus passos, traduzindo obras estrangeiras. Ela também foi responsável pela tradução de alguns títulos da mãe para outros idiomas.

No *Periódicos dos Pobres* de 12 de abril de 1850, consta outro anúncio de *Dedicação de uma amiga*, e acrescenta-se a informação de que a história havia sido “oferecida às educandas do Colégio Augusto pela diretora Nísia Floresta Brasileira Augusta”⁵⁵⁶. Mesmo distante da instituição de ensino, ela permaneceu como autora de parte do material destinado às alunas. Seu objetivo não era diferente daquele esboçado nos manuais escritos anteriormente. A educadora continuou fazendo uso da escrita para ensinar valores morais e prescrever um modelo feminino considerado ideal.

A não continuidade da publicação da história pode indicar que não foi bem recebida pelo público. Em *O Ateneu Pernambucano* apresenta-se uma crítica ao romance, em 1856:

Fora o Dr. Macedo, não divisamos outros romancistas além daqueles que temos citados – a além destes só temos notícia dos trabalhos das Senhoras Noronha e Brasileira Augusta. – A primeira dessas senhoras elogia a Ilustração Luso-Brasileira –; da segunda lemos um romance em que os defeitos são salientes⁵⁵⁷.

Nísia Floresta enveredou por novos projetos, tornou a publicar outros títulos e abandonou a continuidade do romance supracitado, não havendo indícios de sua motivação. Em 1851, a brasileira assistiu as aulas do Curso de História Geral da Humanidade oferecidas por Augusto Comte no Palais Cardinal. A aproximação com as ideias do filósofo resultou em uma crescente admiração e em uma amizade cultivada anos depois entre eles.

Em setembro, Nísia Floresta viajou para Portugal, passando brevemente em Lisboa, antes de retornar para o Rio de Janeiro. Há indícios de sua passagem por lá:

Chegou a Lisboa no último paquete de Inglaterra a célebre poetisa, natural do Rio de Janeiro, Brasileira Augusta; em sua companhia vem um anjo de formosura – perfeita composição de tudo que a mulher pode reunir –, a par das graças e dos dotes intelectuais. – Falo de sua filha, D. Lívia – que aos dezoito anos de idade junta vastos conhecimentos, falando os principais idiomas da Europa –, mui instruída em matemática, em física e em música –, encanta todas as pessoas que têm a ventura de lhe serem apresentadas⁵⁵⁸.

Em janeiro de 1852, partiram de Lisboa para o Brasil. Joana Paula Manso de Noronha comenta a chegada de Nísia Floresta por meio de *O Jornal das Senhoras*:

Sentimos vivo prazer em anunciar às nossas assinantes a chegada da sra. Dona Nísia Augusta Floresta, brasileira, tão conhecida entre nós pela sua inteligência e ilustração; tão respeitada pelo seu longo magistério, há 16 anos

⁵⁵⁶ DEDICAÇÃO de uma amiga. *Periódico dos Pobres*. Rio de Janeiro, n. 13, p. 4, 12 abr. 1850.

⁵⁵⁷ CUNHA, R. da. Estudo literário: o romance. *O Ateneu Pernambucano*. Recife, v. 1, n. 2, p. 40-41, ago. 1856.

⁵⁵⁸ CHEGOU A Lisboa... *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, n. 8791, p. 1, 13 set. 1851.

empregado com desvelos na educação de suas patrícias; e tão louvável digna de nossa admiração por sua dedicada e constância ao amor e à sabedoria e ao engrandecimento de sua pátria. A Sra. D. Nísia estava ausente de nós há dois anos e meio, viajando nesse intervalo à França e à Inglaterra, onde visitou os melhores colégios de instrução, os mais abalizados literatos, donde voltou a nossos braços, admirando os Herculanos, Garrets, Castilhos e outros varões respeitáveis na ciência. Está, pois, entre nós a Sra. D. Nísia, demos-lhes um abraço de viva amizade e gratidão, em nome do nosso sexo⁵⁵⁹.

Noronha agradece à Nísia Floresta em nome de todas as brasileiras, reconhecendo seus esforços em prol da educação feminina. Destaca sua atuação no magistério, sua “inteligência e ilustração”, e sua contribuição para o “engrandecimento da pátria”. A informação de que durante a viagem teve contato com colégios e intelectuais europeus, aponta a incorporação dessa experiência em sua atuação como educadora e escritora. A brasileira incorpora as experiências vivenciadas ao seu projeto em defesa da educação feminina, na elaboração de seus argumentos. Nísia Floresta teve contato com uma realidade diferente daquela observada em seu país e da conhecida apenas através de suas leituras.

Na segunda metade do século XIX, o Brasil passou por transformações decorrentes dos avanços tecnológicos europeus, exportados para diferentes países. A estrada de ferro, o telégrafo e o barco a vapor impulsionaram o crescimento de diversos centros urbanos, em termos estruturais e populacionais. O Rio de Janeiro se manteve como “líder intelectual, cultural e econômico do país”⁵⁶⁰.

Em 1853, Nísia Floresta publicou *Opúsculo humanitário* (figura 7), com a assinatura B. A. O livro reúne artigos que versam sobre o lugar ocupado pelas mulheres em diferentes sociedades no decorrer da história e sua relação com a educação que lhes era oferecida. A escritora conduz o leitor a refletir sobre os prejuízos causados pelo atraso da instrução e da educação feminina no Brasil, bem como as vantagens que acompanhariam a sua melhoria. A principal delas seria o desenvolvimento da nação e o progresso da humanidade.

⁵⁵⁹ NORONHA, Joana Paula Manso de. Sentimos vivo... *O Jornal das Senhoras*. Rio de Janeiro, p. 63, 22 fev. 1852.

⁵⁶⁰ HAHNER, 1981, p. 31.

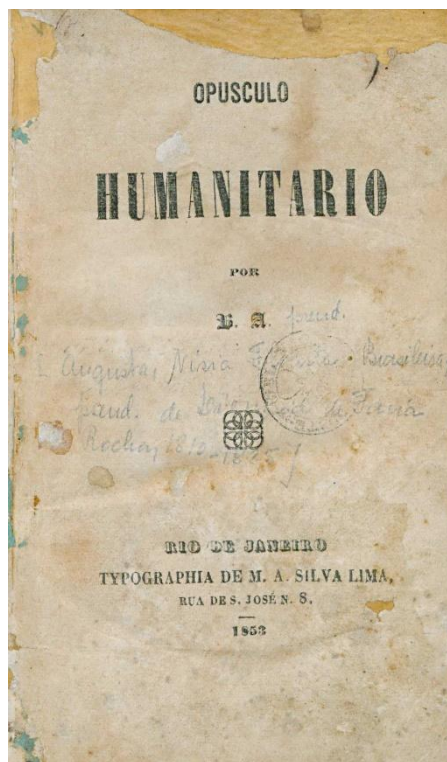


Figura 7: Capa do livro *Opúsculo humanitário*, 1853. Fonte: FLORESTA, Nísia. *Opúsculo humanitário*. Rio de Janeiro: Tipografia de M. A. Silva Lima, 1853. Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasgerais/drg376981/drg376981.html#page/1/mode/lup. Acesso em: 30 jan. 2024.

Ela não era a única a bradar pela emancipação intelectual e moral da mulher. A imprensa feminina, ou seja, aquela dirigida por e para mulheres, levantava discussões a esse respeito. Como exemplo, destaca-se *O Jornal das Senhoras*, onde se lê:

A mulher; o que vem a ser a mulher? A mulher não é o homem? Que novidade! Trata-se de defini-la! Isso não sei. Posso asseverar-vos que ela tem alma. Tem inteligência. Tem direitos que Deus e a natureza lhe concederam. É suscetível do bem e do mal. A mulher enfim não é em nosso entender um ser à parte na criação, e entra na partilha com o homem – do bem e do mal – da inteligência e da estupidez. [...] Reforme a sua educação moral; deixem os homens de considerá-la como sua propriedade. Seja o que Deus a fez: ser que pensa, e não coisa que se muda de lugar sem ser consultada; e então quando assim for falaremos⁵⁶¹.

Discutir acerca da natureza feminina e da sua inteligência significava enfrentar o conhecimento hegemônico difundido por homens que desejavam monopolizar para si a criação, o intelecto e o controle sobre o espaço público. Nísia Floresta também defendeu em *Opúsculo humanitário* que “o Eterno, na última de suas criações, (...) deu ao par ditoso, que deveria ser o

⁵⁶¹ A MULHER. *O Jornal das Senhoras*. Rio de Janeiro, p. 6, 1 jan. 1852.

tronco do gênero humano, o mesmo sentir, a mesma inteligência, as mesmas prerrogativas”⁵⁶². Assim, há um alinhamento entre os argumentos das mulheres que defendiam a elevação moral do seu sexo. Há outras publicações nesse sentido, entre elas, interessa aquelas que explicam e justificam o que seria a emancipação moral por elas desejada:

Emancipação moral da mulher – o que vem a ser isto? [...] Não se trata de levantar o estandarte da rebelião. [...] É o conhecimento verdadeiro da missão da mulher na sociedade; é o justo gozo dos seus direitos, que o brutal egoísmo do homem lhe rouba, e dos quais à deserda, porque tem em si a força material, e porque ainda se não convenceu que um anjo lhe será mais útil que uma boneca⁵⁶³.

A ideia de que não se buscava uma rebelião ou a mudança completa da ordem e das atribuições dos sexos era uma constante entre os escritos que defendiam o direito à educação e o reconhecimento da capacidade intelectual feminina. Esse argumento funcionava como uma espécie de defesa prévia: o medo do abandono do lar pelas mulheres, bem como de suas funções junto à família, fazia com que textos como esses fossem rechaçados pela sociedade, especialmente pelos homens. Em outro número de *O Jornal das Senhoras*, fica evidente que os artigos anteriores foram alvos de críticas. A autora afirma:

Os artigos sobre a emancipação moral da mulher têm sido acolhidos com inquieta curiosidade e condenados antes de serem lidos! – Há muita gente assim neste mundo – a aparição de toda doutrina nova, eles se revoltam contra ela só por instinto, não a conhecem, não aprofundam, e sem mais cerimônias eles a fulminam! [...] do contrário são capazes de supor que eu quero o fim do mundo, a realização do mundo às avessas, e quem sabe o que mais... Não entendo por emancipação moral da mulher subtraí-la à proteção do homem [...]. Não entendo por emancipação moral da mulher, a suspensão da obra das gerações [...]. Não entendo por emancipação moral da mulher subtraí-la à sua missão marcada pelo criador – a mãe e a esposa. [...] Não entendo por emancipação moral da mulher, que ela abandone o lar doméstico e marche à campanha enquanto o marido em casa trata da cozinha. [...] Emancipação moral da mulher no meu limitado entender é: sua ilustração, [...] uma religião, [...] o verdadeiro conhecimento dos deveres que cada criatura tem para consigo mesmo e as subdivisões desses deveres da mulher: como filha, como esposa, como mãe, como ser, formado para a obra imensa do progresso social⁵⁶⁴.

A reprodução da quase totalidade do artigo acima se justifica ao compararmos as ideias defendidas pela autora àquelas registradas por Nísia Floresta em *Opúsculo humanitário*. A escritora não desejava o rompimento entre a mulher e o espaço doméstico, ao contrário, defendia que ela, se devidamente educada, contribuiria para progresso da humanidade a partir

⁵⁶² FLORESTA, 1853, p. 6.

⁵⁶³ EMANCIPAÇÃO moral da mulher. *O Jornal das Senhoras*. Rio de Janeiro, p. 12, 11 jan. 1852.

⁵⁶⁴ DECLARAÇÃO sobre as minhas ideias da emancipação moral da mulher. *O Jornal das Senhoras*. Rio de Janeiro, p. 27-28, 25 jan. 1852.

de sua atuação no lar. Na obra supracitada, a escritora prescreve comportamentos idealmente esperados de uma mulher nos papéis de filha, esposa e mãe.

Os artigos que compõem o *Opúsculo humanitário* foram expostos pelo jornal *O Liberal* entre os dias 7 de julho de 1853 e 21 de maio de 1854. Na apresentação que antecedeu a publicação, consta:

Lemos em poucos números do *Diário do Rio* alguns artigos sobre a educação do belo sexo: agradou-nos não só o seu estilo como os pensamentos que encerravam, e desejando reproduzi-los, não o fizemos por já terem sido estampados em outra folha. Deixam, porém, de aparecer em suas colunas, privados nos vemos da sua leitura, sentíamos sua falta; e quando nos não restava esperança alguma de continuar a apreciá-los, eis que se nos proporciona uma ocasião de possuímos os próprios originais desse opúsculo, o qual principiamos publicar hoje [...] um escrito útil e de merecimento, tanto mais por sair da pena de uma das nossas patrícias, que por sua ilustração faz honra ao nosso país⁵⁶⁵.

O destaque dado à obra é um indício de sua recepção positiva por parte dos leitores, uma vez que é replicada elogiosamente. Os elogios, inclusive, são direcionados ao estilo e ao conteúdo do texto. Além disso, a publicação reconhece Nísia Floresta como uma mulher ilustrada, contrastando com as críticas à sua atuação como diretora do Colégio Augusto, recebidas anteriormente, e contrapondo aqueles que insistiam na inaptidão feminina para o pensamento.

No ano de 1855, Nísia Floresta lançou quatro produções. A primeira, *Páginas de uma vida obscura*, foi publicada em *O Brasil Ilustrado* entre 14 de março⁵⁶⁶ e 30 de junho⁵⁶⁷, assinado por B. A. Trata-se de uma crônica cujo protagonista é Domingos, um negro escravizado. A temática da escravidão é constantemente retomada pela escritora, uma vez que fazia parte do cotidiano da sociedade brasileira e, de acordo com ela, era perniciososa aos costumes.

Em *Páginas de uma vida obscura*, Nísia Floresta critica diretamente os donos de escravizados e a crueldade que utilizam para com eles. Domingos é apresentado como cristão e exemplo de virtude para todos os homens. A escritora convida: “Homens de todas as classes, de todas as crenças que tendes coração, vinde conosco ajoelhar sobre a sepultura de um escravo para ouvir sua história! Vinde dela aprender virtudes que honram a humanidade”⁵⁶⁸.

⁵⁶⁵ UM ESCRITO brasileiro. *O Liberal*. Rio de Janeiro, v. 6, n. 310, p. 2, 7 jul. 1853.

⁵⁶⁶ FLORESTA, Nísia. *Páginas de uma vida obscura*. *O Brasil Ilustrado*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 7-8, 14 mar. 1855.

⁵⁶⁷ FLORESTA, Nísia. *Páginas de uma vida obscura*. *O Brasil Ilustrado*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, p. 7, 30 jun. 1855.

⁵⁶⁸ FLORESTA, 14 mar. 1855, p. 7.

Certamente, o conteúdo da crônica desafiou os conservadores e defensores da manutenção do sistema escravagista.

Nísia Floresta foi além da defesa da vida do negro escravizado, ao compará-lo com os senhores brancos, ela o colocou como superior moralmente. O texto não é destoante dos anteriores e tem objetivo semelhante: atingir consciências, conduzir o leitor à reflexão e convocá-lo para transformar a realidade observada. Neste caso, a escravidão é apontada como a causa da degradação moral não apenas do negro, mas do homem branco e livre que compactua com o sistema. É necessário ressaltar que os leitores da crônica seriam justamente os homens criticados por ela, uma vez que eram eles que possuíam acesso ao mundo letrado.

A segunda publicação do ano foi o poema Um improviso – na manhã do 1º corrente, ao distinto literato e grande poeta, Antonio Feliciano de Castilho, em *O Brasil Ilustrado* de 30 de abril. A homenagem foi oferecida ao português que estava no país naquele momento:

Por sobre as vagas do janeiro undoso
Lá se vai deslizando o lenho altivo,
Que a seu bordo conduz o bardo exímio
O cantor português dos dias nossos
A quem mor gratidão deve o Brasil⁵⁶⁹.

Em julho, publicou Passeio no Aqueduto da Carioca, também em *O Brasil Ilustrado*⁵⁷⁰. Nessa crônica, Nísia Floresta guia o estrangeiro por um passeio que contempla a sujeira do cais, o atraso no espaço urbano e as belezas naturais ainda intocadas pelo homem. Acompanhante crítica, ela aponta o atraso decorrente da presença do escravizado na paisagem da cidade, bem como males herdados da colonização portuguesa. A escritora critica não só a forma de governar do passado, mas aquela do presente, que age com descaso e abandono para com os espaços públicos.

Naquele período, as intervenções governamentais visando o melhoramento das condições sanitárias do Rio de Janeiro eram praticamente inexistentes, aplicadas em locais pontuais, de forma descontínua. Sidney Chalhoub destaca a presença dos cortiços e de ações das autoridades na tentativa de promover a higiene na Corte, não apenas no que dizia respeito à saúde, mas uma higiene social. A desorganização do espaço urbano contribuía para o

⁵⁶⁹ FLORESTA, Nísia. Um improviso – na manhã do 1º corrente, ao distinto literato e grande poeta, Antonio Feliciano de Castilho. *O Brasil Ilustrado*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 10, p. 5, 30 abr. 1855.

⁵⁷⁰ FLORESTA, Nísia. Passeio ao Aqueduto da Carioca. *O Brasil Ilustrado*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 5, p. 68-70, 15 jul. 1855.

aparecimento e proliferação de doenças, tal como a febre amarela⁵⁷¹, que, inclusive, atingiu a família de Nísia Floresta⁵⁷².

A morte de sua mãe, no Rio de Janeiro, em 25 de agosto, redefiniu os planos da escritora, que logo sentiu a necessidade de voltar para a Europa. Uma nota sobre o falecimento foi publicada no *Correio Mercantil*:

Nizia Floresta Brasileira Augusta, o Dr. José Henrique de Medeiros e Augusto Américo de Faria Rocha, confessam sua mais profunda gratidão a todas as pessoas que se dignaram acompanhar, ao cemitério de S. João Baptista, o corpo de sua muito prezada mãe, sogra e avó, D. Antônia Clara Freire: e lhes participam que, no dia 31 do corrente, às 9 horas da manhã, será celebrada uma missa, em sufrágio da alma da falecida, na capelinha do mesmo cemitério⁵⁷³.

A última publicação do ano de 1855 foi Um apelo à caridade feminina, no *Correio Mercantil* de 23 de setembro, com a assinatura de Brasileira Augusta, abaixo transcrita:

Fluminenses! Brasileiras! Quando o grito de dor, arrancado pelo mais terrível dos flagelos que tem oprimido tantas populações diversas, retumba do norte ao sul do nosso caro Brasil, consenti que invoque os sentimentos generosos que Deus gravou em vossos corações em prol da humanidade sofredora! Nos tempos de calamidade, mais do que nos de bonança, a mulher deve satisfazer a grande missão de caridade que lhe foi transmitida pela mãe do Homem de Deus. Reunamo-nos, pois, comum acordo para socorrer os indigentes desvalidos, levando-lhes palavras de consolação, e recursos às suas casas, e até mesmo nos hospitais se mister for; formemos um núcleo de obras pias, concorrendo com o nosso óbolo, e mais ainda com os nossos serviços pessoais para reanimar a pobreza e a dor que propagam seus lamentos por esta grande cidade do Rio de Janeiro; e destarte teremos pago o melhor tributo à humanidade, que nos bem dirá perante Deus. A que vos fala, está há um mês mergulhada na dor da mais irreparável das perdas – a de uma boa e adorada mãe; mas quando a humanidade geme, as dores individuais devem calar-se. Eia, sigamos o exemplo que nos dão tantas caridosas mulheres de outras nações, e a nossa obra será mais meritória, porque mais do que elas temos que vencer os prejuízos da nossa terra, os hábitos de três séculos e meio! Reassumamos enfim por uma primeira prática de caridade pública, nesta tremenda quadra, o lugar a que mais direito temos na sociedade – o de suavizar quanto ao nosso alcance estiver os sofrimentos do nosso semelhante⁵⁷⁴.

⁵⁷¹ CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

⁵⁷² Nísia Floresta registra em *Fragmentos de uma obra inédita* que ela e o irmão contraíram a doença. Cf.: FLORESTA, 1878.

⁵⁷³ NÍZIA Floresta... *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro, ano 12, n. 240, p. 3, 30 ago. 1855.

⁵⁷⁴ AUGUSTA, Brasileira. Um apelo à caridade feminina. *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro, ano 12, n. 264, p. 2, 23 set. 1855. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/217280/per217280_1855_00264.pdf. Acesso em: 20 dez. 2025.

Neste ano, Nísia Floresta integrou o grupo que compunha a enfermaria de Nossa Senhora da Conceição, pois “se apresentou espontaneamente nesta enfermaria, e se propôs a velar junto aos leitos dos nossos pobres enfermos”⁵⁷⁵. Assim, ela faz referência, possivelmente, à epidemia de cólera, que assolava o Rio de Janeiro desde o início da década de 1850, e convoca as mulheres a cumprirem a “grande missão de caridade que lhe foi transmitida pela mãe do Homem de Deus”.

Nísia Floresta aproveita a oportunidade para destacar que o socorro aos indigentes, necessitados e doentes fazia parte das virtudes femininas. Ademais, salienta que sufocou a dor pela recente perda da mãe para dedicar-se aos cuidados com os enfermos, mostrando-se altruísta, tal como se esperava de uma mulher. Sua atuação na enfermaria não passou despercebida. Conforme agradecimentos publicados no *Correio Mercantil*, seus cuidados foram fundamentais para a recuperação de seus pacientes⁵⁷⁶.

Em 1856, Nísia Floresta publicou O pranto filial em *O Brasil Ilustrado*, e assinou como B. A. No texto ela lamenta a morte da mãe e oferece informações sobre sua vida:

Haviam decorrido vinte e sete anos depois que a mão de um vil assassino assalariado pelo atroz despotismo de um Cavalcante caiu sobre a cabeça de um advogado reto e enérgico, cuja pena fizera triunfar a causa da inocência oprimida!... [...] Foi a ti que devi as primeiras felizes inspirações de utilizar por mim só a família, de bastar-me a mim mesma. A tua viuvez prematura abriu-me aquela mais importante página da vida que selei com minha solicitude e ternura filial, feliz no meio de meus próprios pesares, quando pude dizer no silêncio do meu coração: ‘O resultado do meu trabalho é suficiente para satisfazer todas as suas precisões’⁵⁷⁷.

Agosto, definitivamente, não era sinônimo de boas recordações para a escritora, uma vez que perdeu o pai, o companheiro e a mãe nesse mês, em diferentes anos. Nísia Floresta revela outro detalhe a respeito do assassinado do pai, mencionando o sobrenome Cavalcante, e ressalta, mais uma vez, suas próprias virtudes filiais, neste caso, por sofrer de maneira resignada o luto e prover o sustento da família.

⁵⁷⁵ CARVALHO, Maximiano Marques de. Enfermaria de Nossa Senhora da Conceição... *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, n. 276, 7 out. 1855.

⁵⁷⁶ MELLO, José da Silva. Agradecimento. *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro, 30 out. 1855.; GUIMARÃES, Antônio de Freitas. Agradecimento. *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro, 15 nov. 1885.; CASTRO, José de. Gratidão e louvores. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 30 nov. 1885.

⁵⁷⁷ FLORESTA, Nísia. O pranto filial. *O Brasil Ilustrado*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 9, p. 141-142, 31 mar. 1856.

No dia 10 de abril de 1856, Nísia Floresta retornou para a Europa acompanhada de Livia⁵⁷⁸. No primeiro volume de *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*⁵⁷⁹, escreveu sobre a sua partida do Rio de Janeiro:

*Il y a des jours qui nous laissent dans l'âme une empreinte ineffaçable. Aussi peut-on dire qu'ils n'appartiennent pas pour nous au passé, car ils sont sans cesse si vivement présents à notre esprit qu'il nous semble y être encore en réalité. [...] Tel est pour moi le 10 avril, jour où j'ai quitté Rio-Janeiro après la mort de ma mère bien-aimée. Ce jour-là, tout accablée de douleur, je jetai un dernier regard voilé de larmes sur ce magnifique golfe, sur ces majestueuses montagnes dans toute la pompe de leur éternelle végétation, sur les deux villes, Rio-Janeiro et Nictheroy, disparaissant peu à peu [...]. Là, fuyait derrière moi cette contrée revêtue des plus superbes magnificences de la nature, où restait une partie de tout ce que j'avais le plus aimé ici-bas. Là, l'amour de Dieu, de la famille et de l'humanité, s'était développé dans mon âme, sous la direction de ma mère, et avait charmé mon existence, même parmi les rudes épreuves que me léguaient deux tombes au moment où j'entraais à peine dans la vie. Une troisième s'y ouvrit plus récemment, hélas! et brisa le plus fort lien qui m'attachait à la patrie. Privée de la vue de cette étoile qui m'avait suivie dès le berceau en répandant sur moi sa bénigne influence, il me sembla que tout pâlit dans mon horizon! et, dans la ténébreuse nuit de ma douleur filiale, je repris mon essor vers le vieux monde, où je cherche en vain par les voyages à endormir la tristesse de mon âme. Et plus les jours, les mois, les années se succèdent, plus je sens le vide qui se fait autour de moi*⁵⁸⁰.

A análise do trecho revela alguns aspectos interessantes acerca da vida e da escrita de Nísia Floresta. Primeiramente, a escritora reafirma constantemente em seus escritos pós-viagem

⁵⁷⁸ MOVIMENTO do Porto. *O Correio da Tarde*. Rio de Janeiro, ano 2, n. 83, p. 4, 10 abr. 1856.

⁵⁷⁹ FLORESTA, Nísia. *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*. Paris: Libraire E. Dentu, 1864. v. 1. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=v2U3AQAAMAAJ&pg=GBS.PA156>. Acesso em: 30 jan. 2024. A tradução utilizada é: FLORESTA, Nísia. Três anos na Itália, seguidos de uma viagem à Grécia, v. 1. In: LÚCIO, Sônia Valério Marinho. *Uma viajante brasileira na Itália do Risorgimento*: tradução comentada do livro *Trois ans en Italie suivis d'un voyage en Grèce* (vol. I – 1964; vol. II – s. d.) de Nísia Floresta Brasileira Augusta. 1999. 754 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999a.

⁵⁸⁰ FLORESTA, 1864, p. 62-63. “Há dias que nos deixam na alma uma inesquecível impressão. Para nós eles não pertencem ao passado porque estão tão vivos em nosso espírito e parece que estão na realidade. [...] Assim é para mim o dia 10 de abril, dia em que deixei o Rio de Janeiro após a morte de minha mãe bem-amada. Nesse dia, abatida pela dor, lancei um último olhar velado de lágrimas para o magnífico golfo, as majestosas montanhas com toda a pompa de sua eterna vegetação, para as duas cidades – Rio de Janeiro e Niterói – que desapareciam pouco a pouco [...]. Desaparecia atrás de mim a região dotada com os mais soberbos luxos da natureza, onde ficava parte de tudo o que mais amei na terra. Lá, o amor de Deus, da família e da humanidade desenvolveram-se em minha alma sob a orientação da minha mãe, e esse amor encantou minha existência apesar das duras provas que me impuseram dois túmulos, quando eu mal entrava na vida. Um terceiro abriu-se recentemente, ai de mim! e partiu o laço mais forte que me ligava à pátria. Privada da presença dessa estrela que me seguiu desde o berço, espalhando sua benigna influência sobre mim, parece que tudo empalideceu no meu horizonte! E na tenebrosa noite de minha dor filial voltei meus anseios para o Velho Mundo, onde procuro em vão, com as viagens, adormecer a tristeza da minha alma. E quanto mais os dias, os meses, os anos se sucedem, mais aumenta a sensação de vazio que sinto ao meu redor”. FLORESTA, 1999a, p. 66-67.

que se afastou de sua pátria e dos seus familiares motivada pela dor do luto. A morte de sua mãe é usada como justificativa quando escreve da Itália, da Alemanha e, anos depois, ao publicar seu último livro. Escrevendo em solo europeu, enquanto realizava o sonho de sua juventude, viajando pela Itália e Grécia, Nísia Floresta enfatiza que as distrações do presente não são capazes de amenizar o seu sofrimento diante do aniversário de sua partida do Brasil, revelando os traços do seu patriotismo, característica acentuada em seus escritos.

Além disso, indica “o amor de Deus, da família e da humanidade” como valores inspirados por sua mãe, e nas entrelinhas é possível entender que ela representava um modelo feminino a ser seguido. Se a viagem foi feita com a intenção de “adormecer a tristeza” de sua alma, a passagem dos anos a fez concluir que essa era uma tarefa impossível, mas não o suficiente para fazê-la retornar para junto de “tudo o que mais amei na terra”.

Anos depois, Nísia Floresta reafirma o objetivo de sua ida ao Velho Mundo:

*La mort récente de ma mère m'avait plongée dans une profonde douleur. Je vins en Europe, pensant trouver dans la vie de l'esprit quelque distraction. J'avais déjà voyagé dans bien des pays divers; mais cette fois j'étais privée de la compagnie de mon cher fils, qui pensait venir, et qui, hélas! ne vint jamais me rejoindre. Je séjournai à Paris, à Florence, à Londres, et en Allemagne [...]*⁵⁸¹.

Essa segunda viagem durou até 1872. Durante esse período, em seus escritos, Nísia Floresta deixava evidente o desejo e a esperança de ver o filho se juntar a ela e a Lúvia, assim como Joaquim Brasil. No entanto, isso não aconteceu. Nesse intervalo de tempo, Augusto Américo se casou com uma jovem desconhecida para ela, o que lhe causou certa decepção. Foi nessa segunda temporada na Europa que Nísia Floresta iniciou a troca de correspondências com Augusto Comte. A aproximação entre eles foi além, havendo visitas particulares e nascendo uma relação fraternal desse contato. Ambos externavam o afeto e admiração mútuos. A última carta foi enviada pouco antes da morte de Comte, em 1857.

A sua primeira publicação em língua estrangeira, *Itinéraire d'un voyage en Allemagne*⁵⁸², data de 1857 e foi assinado por Mme. Floresta A. Brasileira. Em formato de cartas enviadas para o filho e os irmãos, a escritora detalha sua viagem, que durou cinco semanas, e

⁵⁸¹ FLORESTA, 1878, p. 17-18. “A morte recente de minha mãe me havia mergulhado numa dor profunda. Vim à Europa pensando encontrar na vida do espírito alguma distração. Eu já havia viajado a países diversos, mas desta vez estava privada da companhia de meu querido filho, que pensava vir e que, ah! Nunca veio me encontrar. Eu residia em Paris, Florença, Londres e Alemanha [...]”. FLORESTA, 2001, 32.

⁵⁸² FLORESTA, Nísia. *Itinéraire d'un voyage en Allemagne*. Paris: A. Chérié Editeur, 1857. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=SI5aAAAACAAJ&pg=GBS.PP1>. Acesso em: 23 out. 2025. A tradução utilizada é: FLORESTA, Nísia. *Itinerário de uma viagem à Alemanha*. Tradução de Francisco Chagas Pereira. Natal: Editora Universitária, 1982.

contemplou Bruxelas, Frankfurt, Stuttgart, Estrasburgo, dentre outras cidades. Paris não lhe parecia mais atraente, era necessário “*parcourir de nouveaux pays, y puiser de nouvelles impressions sous un horizon plus vaste, dans une atmosphère plus libre, et par conséquent plus analogue à mes goûts*”⁵⁸³.

Em 1858, Joel Cherbuliez escreveu uma resenha da obra na *Revue Critique des Livres Nouveaux*, reproduzida a seguir:

*Le titre d'itinéraire n'exprime pas très-bien le contenu de ce petit livre, qui renferme plutôt un journal de voyage où le sentiment tient beaucoup plus de place que la topographie. Mme Floresta A. Brasileira décrit d'une manière très-rapide les lieux qu'elle parcourt, soit en chemin de fer; soit en bateau à vapeur, et songe plutôt à rendre compte de ses impressions personnelles qu'à rédiger un guide pour l'usage des touristes. Comme il est dit dans la préface placée en tête du volume, «elle n'avait d'autre but que d'épancher son cœur dans le cœur de sa famille, qu'elle associe à toutes ses joies, à toutes ses peines, à toutes ses sensations, et qu'elle ne quitte jamais par la pensée ». On comprend que cette correspondance intime peut offrir du charme à ceux auxquels elle s'adresse. Mais pour en apprécier tout le mérite, il faut connaître l'auteur et les circonstances de sa vie qui lui fournissent le thème d'allusions fréquentes dont le public ne pourra pas saisir le sens énigmatique. Cette publication nous paraît, du reste, destinée spécialement au Brésil, où les amis de Mme Brasileira n'ont sans doute pas besoin qu'elle leur apprenne pourquoi le mois d'août réveille dans son cœur de si déchirants souvenirs et lui rend Paris insupportable, pourquoi le cimetière de Montbéliard est le but de son pèlerinage, ni quel est le sage dont elle va visiter la tombe avec une émotion si profonde qu'elle se sent défailir*⁵⁸⁴.

A crítica de Cherbuliez é crível, se considerarmos que, apesar de ter “itinerário” no título, o livro não tem caráter descritivo, nem seria de grande ajuda a um turista. No entanto,

⁵⁸³ FLORESTA, 1857, p. 2. “percorrer novos países, neles haurir novas impressões, sob um horizonte mais amplo, em atmosfera mais livre e, consequentemente, mais consentâneas com minhas preferências”. FLORESTA, 1982, p. 9.

⁵⁸⁴ CHERBULIEZ, Joel. *Revue Critique des Livres Nouveaux*. Paris: Chez Joel Cherbuliez Libraire, 1858. p. 25. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6348182q/f9.item.r=brasileira%20augusta>. Acesso em: 20 jan. 2024. “O título do roteiro não expressa muito bem o conteúdo deste livrinho, que contém um diário de viagem onde o sentimento ocupa muito mais espaço do que a topografia. Dona Floresta A. Brasileira descreve com muita rapidez os lugares por onde passa, seja de trem ou de barco a vapor, e pensa mais em relatar suas impressões pessoais do que em escrever um guia para uso dos turistas. Como diz o prefácio colocado no cabeçalho do volume, ela não tinha outro objetivo senão abrir o seu coração no coração da sua família, que ela associa a todas as suas alegrias, a todas as suas tristezas, a todas as suas sensações, e que ‘ela nunca deixa em pensamento’. Entendemos que esta correspondência íntima pode encantar aqueles a quem é dirigida. Mas para apreciar todo o seu mérito é necessário conhecer o autor e as circunstâncias da sua vida que lhe proporcionam o tema de alusões frequentes cujo significado enigmático o público não conseguirá compreender. Esta publicação parece-nos, no entanto, dirigida especialmente ao Brasil, onde os amigos de Mme. Brasileira, sem dúvida, não precisam que ela lhes conte por que o mês de agosto desperta em seu coração lembranças tão dolorosas e torna Paris insuportável para ela, por que o cemitério de Montbéliard é o objetivo da sua peregrinação, nem quem é o sábio cujo túmulo ela visitara com uma emoção tão profunda que se sente fragilizada”.

Nísia Floresta esclarece que se tratava de um diário de viagem, no qual ela compartilhou suas impressões de forma íntima, tendo como leitores imediatos seus familiares. Eles certamente entenderam que a “tríplice perda”, citada pela escritora no prefácio, se referia à morte de seu pai, de seu companheiro, Augusto, e de sua mãe⁵⁸⁵. Independentemente dos defeitos apontados pelo crítico, interessa que o livro tenha sido lido e comentado em uma revista especializada em Paris.

No espaço dedicado a falar sobre a sua passagem por Roma, Nísia Floresta escreveu:

*Ceux qui sont doués d'une grande sensibilité et d'une vive imagination, qui voyagent, sans un but scientifique, non pas pour se désennuyer, ou pour pouvoir dire qu'ils ont voyagé, mais pour chercher des distractions convenables à une grande douleur; ceux-là, dis-je, que les affections de la famille et les souvenirs les plus chers attachent au lointain pays natal, pourront seuls comprendre ce qui se passe alors dans mon cœur: pour ceux-là seuls les quelques lignes qui viennent de s'échapper de ce cœur, hiéroglyphe indéchiffrable pour le vulgaire qui me lira peut-être indifférent sur les choses émanées du cœur; et qui cherchera seulement dans ces pages le récit des choses si répétées par d'autres voyageurs avec un talent et un goût exquis de forme auxquels je n'ai aucune prétention*⁵⁸⁶.

Essa poderia ser facilmente uma resposta de Nísia Floresta à resenha de Cherbuliez. A escritora expressa, como havia feito no prefácio do livro resenhado, que a sua intenção não era apenas se distrair, mas procurar alívio para sua dor, e que seus familiares seriam aqueles que conseguiriam entender o seu coração, sendo, por isso, os destinatários daquelas linhas. A escritora reafirma não ter a pretensão de atender às expectativas daqueles que procuravam apenas a repetição do que já fora dito por outros viajantes e eram indiferentes às “coisas emanadas do coração”. No Brasil, o livro foi comentado nos *Anais da Academia Filosófica* do Rio de Janeiro, em 1858:

O Itinéraire d'un voyage en Allemagne por Mme. Floresta A. Brasileira, eis o pequeno livro, que das plagas estranhas em que se acha nos enviou sua ilustre autora. Eugenia Pelsrf, escrevendo o prefácio desse interessante livro, diz: *Je lus avec entrainement cet Itinéraire, et je le trouvais si gracieusement écrit, si plein de poesie et de sentiment... que...* etc. Essas palavras não são meros

⁵⁸⁵ Seu pai morreu em 17 de agosto de 1828. Augusto, seu companheiro, morreu em 29 de agosto de 1833. Por fim, sua mãe morreu em 25 de agosto de 1855. Por isso, Nísia Floresta afirma que o mês de agosto “é tão funesto à minha felicidade, pela tríplice perda que imprimiu em minha existência”. FLORESTA, 1982, p. 9.

⁵⁸⁶ FLORESTA, 1864, p. 167. “Aqueles que têm grande sensibilidade e viva imaginação, que viajam sem uma finalidade científica, não só para se distrair, ou dizer que viajaram, e sim procurar alívio para uma grande dor, aqueles repito, que as afeições familiares e as mais queridas lembranças prendem ao longínquo país natal, serão os únicos que conseguirão compreender o que ocorre com o meu coração: é para estes que dirijo essas linhas que escaparam do coração, indecifrável hieróglifo para a pessoa comum, que talvez leia-me com indiferença para as coisas emanadas do coração, e que procurará nessas páginas o relato de coisas tão repetidas por outros viajantes, com um talento e gosto extraordinário para os quais não tenho nenhuma pretensão”. FLORESTA, 1999a, p. 154.

elogios da amiga da autora: sentimento e poesia se encontram neste pequeno volume. Passando por Bruxelas, Liège, Spa, Aix-la-Chapelle, Hildeberg, e algumas outras cidades da Confederação Germânica, a ilustrada Brasileira nota, em um estilo simples e elegante, os principais momentos, lembra um belo fato histórico, recorda uma legenda apagada, contempla os diversos céus de todas essas cidades, e associa sempre com tocante naturalidade uma recordação e uma saudade da pátria. Muitos desejaram que esse livro fosse escrito em português; a ideia é patriótica; muitos se orgulham que uma brasileira saiba tão belamente escrever em uma língua estrangeira: há ainda patriotismo. Em todo o caso, o *Itinerário de uma viagem à Alemanha* deve ser lido: é um livro que deleita e que instrui⁵⁸⁷.

O exemplar recebido pelo autor teria sido enviado por Nísia Floresta em sua versão francesa, visto que a tradução para o português foi publicada somente em 1982. O tom elogioso evidencia o prestígio que a autora conquistara ao escrever e publicar no exterior. A menção ao livro e ao orgulho suscitado por sua escrita “simples e elegante” se contrapõem ao episódio em que, na condição de diretora do Colégio Augusto, ela fora ironizada por ensinar latim às suas educandas e chamada de “pobre diretora”⁵⁸⁸.

Em 1859, Nísia Floresta lançou outro título em italiano, *Scintille d'un'anima brasiliana*⁵⁸⁹, reunindo cinco ensaios; Il Brasile; L'abisso sotto i fiori della civiltà; La donna; Viaggio magnético; Una passeggiata al giardino di Lussemburgo. Os ensaios foram traduzidos para outros idiomas por Lívia. O livro é assinado por Floresta Augusta Brasileira. Nesse ano, a escritora iniciou uma viagem pela Itália e pela Grécia, onde ela fixou residência em diferentes cidades entre os anos de 1860 e 1861.

*Le lagrime de un Caeté*⁵⁹⁰ foi lançado em italiano no ano de 1860, com tradução de Ettore Marcucci, amigo que Nísia Floresta conquistara em sua viagem pela Itália. Marcucci redigiu um prólogo dedicado ao filho da escritora, Augusto Américo de Faria Rocha. Ele afirma:

Non poca meraviglia vi dovrà recare, egregio signor Augusto, un'offerta che vi giunge così di lontano, quanto è dire da un polo all'altro, e da sco nosciuta persona. Cesserete però di stupirvi all'udire che io conosco voi meglio che di presenza, e che vi stimo e vi amo di finissimo cuore. [...] Per quante sieno le consolazioni che Iddio vi destinò sulla terra, le varrebbe tutte, a mio credere,

⁵⁸⁷ BONSUCESSO, A. do. Crítica literária. *Anais da Academia Filosófica*. Rio de Janeiro, p. 115, 22 maio 1858.

⁵⁸⁸ INSTRUÇÃO pública: revista dos colégios da capital. *O Mercantil*. Rio de Janeiro, ano 4, n. 17, p. 3, 17 jan. 1847.

⁵⁸⁹ FLORESTA, Nísia. *Scintille d'un'anima brasiliana*. Firenze: Tipografia Barbera. Bianchi & C., 1859. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=ShpJAQAAMAAJ&pg=GBS.PA64&hl=pt>. Acesso em: 23 out. 2025. A tradução utilizada é: FLORESTA, Nísia. *Cintilações de uma alma brasileira*. Tradução de Michele A. Vartulli. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.

⁵⁹⁰ FLORESTA, Nísia. *Le lagrime de um Caeté*. Firenze: Di Felice Le Monnier, 1860. Disponível em: https://play.google.com/books/reader?id=bktOmvp_4U4C&pg=GBS.PA1&hl=pt. Acesso em: 21 nov. 2025.

*l'avervi data una madre, che può aver solo un riscontro con le più nominate de'tempi antichi per tenerezza di cuore, forza d'animo, acume d'ingegno, varietà d'erudizione, tesoro di virtù. E il dolore che dee naturalmente costarvi la lontananza da una madre cosiffatta, vi sarà in parte alleggerito dalla bella fama ch'esce di lei per le contrade ancora d'Europa, mediante i suoi libri, non sol già scritti nell'idioma nativo, ma novellamente dettati nelle lingue di Rousseau e di Machiavelli*⁵⁹¹.

Marcucci oferece informações relevantes a respeito dos anos que Nísia Floresta passou naquela região e das relações pessoais que estabeleceu. Além de saudar Augusto Américo e revelar sua estima por ele, oriunda das constantes menções da escritora ao filho, o autor destaca as qualidades da brasileira, como a variedade de erudição e tesouro de virtude. Ele conforta Augusto Américo com a alegação de que a ausência da mãe deve ser aliviada pela “bela fama” que ela construiu na Europa, essa decorrente da publicação de seus livros, tanto na língua materna, como no francês e italiano.

O autor destaca, também, a facilidade que a brasileira apresentava em estabelecer vínculos com outras pessoas, pois “*perchè dovunque ella vada, può dire di trovarvi una patria, e fra quanti la conversano, credersi in mezzo alla sua propria famiglia*”⁵⁹². No entanto, afirma que se considerava o favorito entre os demais, pois haviam desenvolvido uma estima benevolente mútua nos últimos dois anos, desde que a escritora chegou em Florença, decorrente de sentimentos, interesses e estudos compartilhados por ambos.

Marcucci informa que os encontros entre eles eram frequentes: “*nè passa giorno che non ci si veda; anzi la signora Augusta, la cara Livietta, mia moglie ed io, ci troviamo insieme ogni sera, protraendo i nostri geniali trattenimenti fino a un gran pezzo di notte*”⁵⁹³. Nessas ocasiões, a conversa sempre terminava nos entes queridos que Nísia Floresta havia deixado no

⁵⁹¹ “Você deve estar surpreso, caro senhor Augusto, com uma oferta que lhe chega de tão longe, isto é, de um polo a outro, e de uma pessoa desconhecida. No entanto, você deixará de se surpreender ao ouvir que eu o conheço melhor do que pessoalmente e que o respeito e amo de todo o coração. [...] Por mais consolações que Deus tenha destinado a você na Terra, valeria a pena todas elas, na minha opinião, ter lhe dado uma mãe que só pode ser comparada com a mais famosa dos tempos antigos pela ternura de coração, força de espírito, perspicácia de engenhosidade, variedade de erudição, tesouro de virtude. E a dor que a distância de uma mãe assim deve naturalmente causar-vos será parcialmente aliviada pela bela fama que se espalha sobre ela por todas as terras da Europa, através dos seus livros, não só já escritos na sua língua nativa, mas também recentemente ditados na língua materna de Rousseau e Maquiavel”. MARCUCCI, Ettore. Al Signor Augusto Americo de Faria Rocha. In: FLORESTA, Nísia. *Le lagrime de um Caeté*. Firenze: Di Felice Le Monnier, 1860. p. 3-4. Disponível em: https://play.google.com/books/reader?id=bktOmvp_4U4C&pg=GBS.PA1&hl=pt. Acesso em: 21 nov. 2025.

⁵⁹² “porque onde quer que vá, pode dizer que encontrou uma pátria, e entre aqueles que conversam com ela, pode acreditar que está no meio da sua própria família”. MARCUCCI, 1860, p. 4.

⁵⁹³ “Não passa um dia sem nos vermos; na verdade, senhora Augusta, querida Lívia, minha esposa e eu nos encontramos todas as noites, prolongando nossos entretenimentos geniais até altas horas da noite”. MARCUCCI, 1860, p. 5.

Brasil e na descrição das belezas naturais de seu país. Outra motivação para a sua tradução é “*la speranza di offrire a’ miei nazionali una lettura di salutare pascolo pe’ liberi e magnanimi sentimenti che ben rispondono ai professati oggi in Italia*”⁵⁹⁴.

É importante salientar que nesse contexto, Nísia Floresta não é apresentada como educadora, como costumeiramente acontecia no Brasil, mas como escritora, erudita. Em seu país, até então, ela era vista como uma educadora que escrevia livros. Na Itália, conforme relatado por Marcucci, a brasileira parece angariar certo prestígio e conquistar a admiração de outros intelectuais, que se interessam por suas falas e produções. Essa valorização na Europa repercutiu na maneira como ela passou a ser mencionada nacionalmente.

No ano seguinte, em 1861, Nísia Floresta voltou a viver na França, e em 1864 publicou o primeiro volume de *Trois ans en Italie, suivis d’un voyage en Grèce*⁵⁹⁵ (figura 8), assinado por Une Brésilienne. Nesse livro, a escritora discorre sobre diversos assuntos relativos à cultura, à sociedade, à política e à história. Critica a escravidão, o preconceito racial e reitera a afirmação de que a inferioridade dos negros não era natural, mas resultado da escravidão que os subjugava aos brancos. Dessa vez, a escritora se insere nas discussões políticas europeias, comentando as movimentações do *Risorgimento* italiano. Na capa, lê-se: “*Auteur de plusieurs ouvrages littéraires et moraux écrits en portugais, en français et en italien et publiés a Rio Janeiro, a Florence et a Paris*”⁵⁹⁶, legitimando sua atuação como escritora.

⁵⁹⁴ “a esperança de proporcionar aos meus cidadãos uma leitura de passagens saudáveis para a liberdade de sentimentos magnânimos, que correspondem aos professos hoje na Itália”. MARCUCCI, 1860, p. 6.

⁵⁹⁵ FLORESTA, 1864.

⁵⁹⁶ FLORESTA, 1864. “Autora de muitas obras literárias e morais escritas em português, em francês e italiano e publicadas no Rio de Janeiro, em Florença e em Paris”. FLORESTA, 1999a.

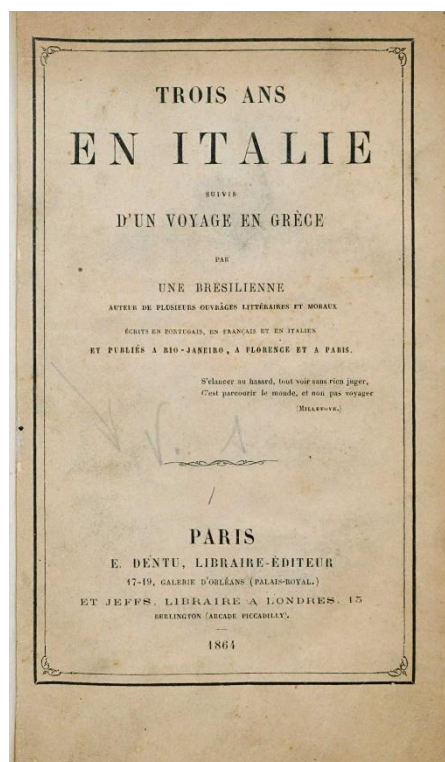


Figura 8: Capa do primeiro volume do livro *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*, 1864. Fonte: FLORESTA, Nísia. *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*. Paris: Libraire E. Dentu, 1864. v. 1. Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasgerais/drg291826/drg291826.html#page/2/mode/1up. Acesso em: 30 jan. 2024.

O livro foi comentado por Machado de Assis, o que permite inferir que o público brasileiro teve conhecimento sobre a publicação. Afirmou:

Outro livro, e de viagens, não de outra imperatriz, mas de uma senhora patricia nossa. *Trois ans en Italie* é o título; veio-nos da Europa onde se acha a autora, a Sra. Nísia Floresta Brasileira Augusta. A *fantasia* ou a *Itália* – é a mesma coisa; é, pelo menos, o que fazem crer os poetas e os romancistas, sussurrando aos nossos ouvidos o nome da Itália como o da terra querida das recordações e das fantasias, do céu azul e das noites misteriosas. *Três anos na Itália* deve ser um verdadeiro sonho de poeta. Até que ponto a nossa patricia satisfaz aos desejos dos que a lerem? Não sei, porque ainda não li a obra. Mas, a julgar pela menção benévola da imprensa, devo acreditar que o seu livro merece a atenção de todos os quantos prezam as letras e sonham com a Itália⁵⁹⁷.

Em 1865, o ensaio *La dona*⁵⁹⁸, de *Scintille d'un'anima brasiliana*, foi traduzido por Livia para o inglês e publicado em Londres. Ela também foi responsável pela tradução de *Il*

⁵⁹⁷ M. A. Ao acaso. *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, ano 44, n. 189, p. 1, 10 jul. 1864. Disponível em: https://memoria.bn.br/pdf/094170/per094170_1864_00189.pdf. Acesso em: 20 fev. 2024.

⁵⁹⁸ FLORESTA, Nísia. *Woman*. Londres: [s.n.], 1865.

*Brasile*⁵⁹⁹ para o francês, em 1871. Data deste ano a publicação do segundo volume de *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*⁶⁰⁰. No prefácio desta edição, Nísia Floresta explica que o seu interesse pela Itália não era motivado por suas belezas naturais ou obras de artes, mas pela sua história e o desejo de liberdade de seu povo, que resistia aos maus governos, verdadeiros culpados pelos atrasos outrora observados⁶⁰¹.

O livro é comentado no Brasil em, pelo menos, outros dois momentos. Em dezembro de 1871, no *Jornal do Comércio*, afirma-se que “a sua obra, escrita numa língua que a fará correr todo o mundo civilizado, atestará que o Brasil tem também filhas que podem competir com as de outro qualquer país nas lides que enobrecem a inteligência”⁶⁰². Outra menção foi feita no *Correio do Brasil*, em janeiro de 1872, onde o autor tece elogios à obra e à sua autora, tais como: “o seu talento e profundos conhecimentos ressaltam à primeira vista”; “não só se admita o brilhantismo de sua imaginação, como também a profunda sensibilidade de seu coração de mulher”; “se há uma leitura que possa seduzir alguém que ainda goste de leituras nesta terra, certamente é a deste livro; e, por fim: “*Três anos na Itália* tem um duplo merecimento: instrui e deleita”⁶⁰³.

Nísia Floresta é apontada como autora e como motivo de orgulho para a história intelectual do país e para o seu sexo. Certamente, a publicação de livros em francês e italiano, e o reconhecimento estrangeiro influenciaram no aparecimento de críticas elogiosas. A diversificação de sua produção significou, conseqüentemente, um alcance maior de leitores. No entanto, o interesse pela educação feminina é uma constante em suas obras, independentemente do gênero.

Morando na França desde 1861, Nísia Floresta estava em Paris quando as agitações políticas modificaram a sua rotina e reforçaram o desejo de retornar ao Brasil. Primeiramente, ela e a filha vivenciaram a Guerra Franco-Prussiana, sobre a qual comenta:

En arrivant de Berlin par Dresde, Vienne, Munich et les lacs du nord de la Suisse que nous n'avions pas encore visités, j'appris, avec un sincère regret pour la France, que j'avais toujours beaucoup aimée, la folle déclaration de guerre que Louis-Napoléon Bonaparte fit à la Prusse [...]. Ils oublièrent que le temps n'était plus où le soi-disant grand homme Napoléon I l'avait vaincu

⁵⁹⁹ FLORESTA, Nísia. *Le Brésil*. Paris: Libraire André Sagnier, 1871.

⁶⁰⁰ FLORESTA, 1872.

⁶⁰¹ FLORESTA, 1872, p. 2-3.

⁶⁰² IMPRENSA. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 50, n. 359, p. 3, 30 dez. 1871.

⁶⁰³ C. F. Sem título. *Correio do Brasil*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 6, p. 1, 7 jan. 1872.

*et humilié! Les conséquences désastreuses de ce fatal aveuglement auraient anéanti la France, si la France pouvait mourir*⁶⁰⁴.

Assistindo aos acontecimentos conforme se desenrolavam, a brasileira lamentava os maus passos dados pela França e sofria as consequências de suas escolhas, pois, diferindo de alguns conhecidos, ela optou por ficar em Paris. Assim, quando tiveram a certeza da derrota francesa e decidiram fugir de Paris, “*une indisposition physique me força à garder la chambre quelques jours, et je restai dans cette ville des villes, devenue un chaos de passions ardentes et de paroles exaltées, qui peu après y fomentèrent la plus affreuse des insurrections*”⁶⁰⁵.

A Batalha de Sedan, nome pelo qual ficou conhecido o episódio relatado por Nísia Floresta, ocorreu entre os dias 1º e 2 de setembro de 1870, e foi decisiva para a primeira etapa da guerra entre França e Prússia. As tropas francesas foram derrotadas pela artilharia alemã, junto com as tropas de infantaria e cavalaria. Os franceses se renderam. Entre eles a perda foi de 17 mil mortos e 104 mil prisioneiros. O imperador Napoleão III foi rendido e, pouco depois, perdeu o cargo⁶⁰⁶.

A permanência de Nísia Floresta e Lúvia em Paris se tornou insustentável diante do avanço da Comuna, no ano seguinte. De caráter popular, a insurreição teve início em 18 de março de 1871, em Paris. Entre os fatos que colaboraram para o desencadear dos acontecimentos, destaca-se a crise do regime bonapartista, a Guerra Franco-Prussiana e a ascensão da ideologia socialista entre o proletariado. O governo estabelecido por eles perdurou até maio de 1871⁶⁰⁷.

Nesse período, a escritora e a filha foram convidadas por diferentes amigos para longe do conflito, o que não impediu que presenciassem atos de violência. Relata, por exemplo, que:

⁶⁰⁴ FLORESTA, 1878, p. 18-19. “Chegando de Berlim por Dresden, Viena, Munique e os lagos do norte da Suíça que ainda não tínhamos visitado, soube, com um sincero pesar pela França, que eu sempre amara muito, da louca declaração de guerra que Luís Napoleão Bonaparte fez à Prússia [...]. Eles esqueciam que o tempo não era mais o mesmo como quando o suposto grande homem Napoleão I tinha vencido e humilhado. As consequências desastrosas dessa fatal cegueira teriam aniquilado a França, caso a França pudesse morrer”. FLORESTA, 2001, p. 32-33.

⁶⁰⁵ FLORESTA, 1878, p. 19-20. “Uma indisposição física forçou-me a ficar de cama alguns dias, e fiquei nesta cidade das cidades, transformada num caos de paixões ardentes e palavras exaltadas que, pouco depois, fomentaram a mais horrorosa das insurreições”. FLORESTA, 2001, p. 33.

⁶⁰⁶ SILVEIRA, José Renato Ferraz. A tragédia política de Napoleão III e Bismarck. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DE DEFESA. 11., 2021. *Anais eletrônicos 2021: estudos de Defesa em tempos de transformação: poder militar, multipolaridade e democracia*. Disponível em: https://www.enabed2021.abedef.org/resources/anais/15/enabed2020/1623789891_ARQUIVO_b46c26598e7fb0ec7fbe25ca17711959.pdf. Acesso em: 30 jan. 2024.

⁶⁰⁷ GUIMARÃES, Irene Maestro Sarrión dos Santos. A Comuna de Paris: uma fissura na subjetividade jurídica burguesa. In: MARTINS, Carla Benitez; BATISTA, Flávio Roberto; SEFERIAN, Gustavo (org.). *Comuna de Paris, Estado e Direito*. Belo Horizonte: RTM, 2021. p. 99-112.

“*Nous fûmes presque témoins du meurtre des deux généraux lâchement fusillés dans la rue des Rosiers, à Montmartre, un jour que nous étions allées dans ce quartier voir une amie*”⁶⁰⁸. Após o fim da Comuna, o cenário encontrado por elas em Paris foi assim descrito:

*Aussitôt après les derniers excès de la Commune, nous retournâmes dans la malheureuse capitale, et nous trouvâmes notre maison fort endommagée, comme toutes celles qui étaient situées sur le boulevard Saint-Michel, en face du jardin du Luxembourg, proche de la poudrière qu'on avait fait sauter. Toutes les fenêtres et les portes étaient brisées, les meubles fracassés, les murailles même avaient souffert; il nous fallut attendre que le tout fût réparé, et nous réfugier ailleurs. Mais cela ne pouvait me toucher en présence des grandes calamités publiques, des désastres terribles qui s'offraient à mes regards après les batailles fratricides qui avaient dévasté et ensanglanté la ville et les alentours. Les nombreuses ruines de l'incendie fumaient encore; les gémissements des victimes étouffées dans quelques caves où l'on s'était réfugié cessaient à peine de se faire entendre! On déterrât des cadavres ensevelis provisoirement dans différents points de la ville, et l'on remarquait çà et là des taches de sang. Paris avait partout un aspect lugubre. Mon cœur était navré à la vue de si grands malheurs qu'avait subis la France, qu'avait tout subis Paris, Paris qui était pour i comme une seconde patrie!*⁶⁰⁹

A perda de sua casa e os sinais de violência e devastação que testemunhou a levaram a acatar o desejo de sua família e aceitar retornar ao Brasil, deixando Paris, sua segunda pátria, e, para isso, vendeu tudo o que possuía⁶¹⁰. Sendo assim, partiu com Lívia para Londres, e depois para Lisboa, de onde embarcou para o Brasil, desta vez sem a filha, que ficou encarregada da educação de duas jovens de uma família conhecida de ambas⁶¹¹.

Alguns periódicos brasileiros comentaram a sua estadia na capital portuguesa. Entre eles, o *Diário de Pernambuco*, onde um correspondente não identificado afirmou que a admiração pela produção intelectual de Nísia Floresta surgira anteriormente, quando leu *Opúsculo humanitário*, e destaca que sua obra recente, *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage*

⁶⁰⁸ FLORESTA, 1878, p. 21. “Um dia, quase fomos testemunhas do assassinato dos dois generais covardemente fuzilados na rua dos Rosiers, em Montmartre, quando estivemos nesse bairro para ver uma amiga”. FLORESTA, 2001, p. 34.

⁶⁰⁹ FLORESTA, 1878, p. 24-25. “Logo depois dos últimos excessos da Comuna, retornamos à infeliz capital e encontramos nossa casa bastante danificada, como todas as que estavam situadas no *boulevard Saint-Michel*, diante do jardim de Luxembourg, próximo da fábrica de pólvora, que explodiram. Todas as janelas e as portas estavam quebradas, os móveis despedaçados, as paredes estragadas; foi-nos preciso esperar que tudo fosse reparado, e refugiamo-nos algures. Mas isso não podia tocar-me na presença das grandes calamidades públicas, dos desastres terríveis que se ofereciam a meus olhos, após as batalhas fratricidas que devastaram e ensanguentaram a cidade e os arredores. As numerosas ruínas do incêndio ainda fumegavam; os gemidos das vítimas sufocadas nas caves, onde elas se refugiaram, ainda ecoavam nos nossos ouvidos! Cadáveres sepultados provisoriamente em diferentes pontos da cidade eram desenterrados, e percebíamos, aqui e ali, manchas de sangue. Paris tinha por toda parte um aspecto lúgubre. Meu coração estava consternado diante de tão grandes infelicidades que sofrera a França, sobretudo Paris, Paris que era para mim como uma segunda pátria”. FLORESTA, 2001, p. 35-36.

⁶¹⁰ FLORESTA, 1878.

⁶¹¹ FLORESTA, 1878.

en Grèce, possuía circulação nos países mais cultos do mundo. O autor relata ter encontrado a brasileira em Lisboa, que lhe “falou com verdadeiro entusiasmo das glórias do seu Brasil, das simpatias do imperador, e do prazer que espera ter para a primavera indo ao Rio de Janeiro”. Ademais, lembrou a passagem de Nísia Floresta pela Alemanha e desejou que “brevemente publique a Staël brasileira tão interessante obra, a julgarmos pelos seus livros sobre a Itália e a Grécia”⁶¹².

No *Jornal do Comércio* de 5 de abril, o nome de Nísia Floresta consta entre os escritores brasileiros mencionados no *Dicionário bibliográfico português* de Inocêncio Francisco da Silva⁶¹³. Ela foi a única mulher listada, o que indica o reconhecimento e o respeito conquistados como escritora, ao tempo em que evidencia o silenciamento de outras mulheres que também se ocupavam da escrita naquele período. É provável que o fato de publicar em outras línguas tenha sido decisivo nesse sentido, dando a visibilidade que o seu sexo ocultava.

Pouco antes da chegada de Nísia Floresta ao Brasil, a revista *O Novo Mundo* publicou um artigo sobre sua vida e o conjunto de sua obra, e ofereceu “um retrato de uma das raras escritoras do Brasil”. O retrospecto de sua vida e dos trabalhos “elevados e úteis” que realizou “mostram que ainda até entre nós a mulher não foi feita somente para criar filhos e encerrar todas as suas aparições no círculo de afeições domésticas”. O artigo destaca que “esta autora”, nascida no Rio Grande do Norte, “foi professora por mais de vinte anos no Sul do Brasil, tendo sempre lutado muito contra a ‘rotina’ do ensino das meninas”. Na Europa, “tem adquirido renome por seus talentos superiores revelados em muitos escritos publicados em várias línguas”⁶¹⁴.

O Novo Mundo era editado e publicado nos Estados Unidos, em português, com circulação no Brasil. O periódico oferecia análises, resenhas e indicações literárias, com o objetivo de colaborar com a formação de uma identidade nacional, incentivando a especialização da atividade literária no Brasil⁶¹⁵. As menções elogiosas à sua atuação como escritora e às suas obras foram escritas por um homem, que considerou seu exemplo como suficiente para questionar a limitação feminina ao espaço doméstico. O autor reconhece seu

⁶¹² LISBOA. *Diário de Pernambuco*. Recife, n. 7, p. 2, 10 jan. 1872. Disponível em: [https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_05&pasta=ano%20187&pesq="Nísia%20Floresta"&pagfis=4734](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_05&pasta=ano%20187&pesq=). Acesso em: 1 mar. 2025.

⁶¹³ ESCRITORES brasileiros mencionados... *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 31, n. 95, p. 4, 5 abr. 1872.

⁶¹⁴ D. NÍSIA Floresta. *O Novo Mundo*. Nova Iorque, v. 2, n. 20, p. 133, 23 maio 1872.

⁶¹⁵ ASCIUTTI, Mônica Maria Rinaldi. *Um lugar para o periódico O Novo Mundo (Nova Iorque, 1870-1879)*. 2010. 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-24092010-144834/publico/2010_MonicaMariaRinaldiAsciutti.pdf. Acesso em: 30 jan. 2024.

trabalho como educadora e a sua luta em defesa da educação feminina. Isso é demonstrativo do reconhecimento que a brasileira recebeu após os anos dedicados ao Colégio Augusto e à escrita de livros no Brasil e Europa.

Nísia Floresta desembarcou no Brasil no dia 31 de maio de 1872⁶¹⁶. Sobre a satisfação de reencontrar a família, afirmou: “*Ma plume est impuissante à rendre le bienêtre que j’éprouvais en me voyant fêtée et caressée par tant d’êtres aimés*”⁶¹⁷. O retorno lhe trouxe recordações de sua infância, do convívio familiar e de sua mãe. Apesar da felicidade de estar junto aos seus amigos e familiares, sua permanência no Brasil não foi definitiva, estendendo-se até 1875.

Sua breve passagem pelo país está registrada em jornais do período e em seus relatos autobiográficos. Em 6 de julho de 1872, por exemplo, o *Diário de Notícias* publicou uma nota sobre a presença de Nísia Floresta no colégio Santo Agostinho, dirigido por seu filho, no Engenho Velho, referenciando-a como “ilustre literata” e “respeitável senhora”⁶¹⁸. Já em seu livro, ela relata ter contraído febre amarela, o que a fez perceber que não se adequaria novamente ao clima brasileiro.

Com essa justificativa, aliada à saudade da filha, Nísia Floresta decidiu retornar à Europa. Sobre isso, expressou: “*Sans cesse se présente à mon esprit, en me navrant le cœur, cette orageuse et lugubre matinée du 24 mars 1875, où, dans une agonie concentrée, je disais à bord du Neva mon dernier adieu à la patrie*”⁶¹⁹. No *Jornal do Comércio* consta o seu nome entre os passageiros com destino à Inglaterra⁶²⁰, onde Livia a esperava.

Pouco após seu retorno para a Europa, Nísia Floresta foi surpreendida com a notícia de que seu irmão, Joaquim Pinto Brasil, adoecera. Após momentos de melhora e recaídas, ele faleceu em 9 de novembro de 1875. Nísia Floresta reiterava constantemente a admiração e o amor que sentia pelo irmão. Sua partida foi sentida de maneira profunda, resultando na publicação de *Fragments d’un ouvrage inédit, notes biographiques*, escrito em 1877, mas publicado somente em 1878. Esta foi sua última obra publicada e apesar de ser uma biografia feita em homenagem a Joaquim Brasil, está repleta de discursos autobiográficos, com detalhes

⁶¹⁶ MOVIMENTO do Porto. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, n. 152, p. 1, 1 jun. 1872.

⁶¹⁷ FLORESTA, 1878, p. 27-28. “Minha pena é impotente para exprimir o bem-estar que eu sentia, vendo-me festejada e acariciada por tantos seres amados”. FLORESTA, 2001, p. 37.

⁶¹⁸ HOJE, no Colégio de Santo Agostinho... *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, ano 3, n. 521, p. 3, 6 jul. 1872.

⁶¹⁹ FLORESTA, 1878, p. 34. “Sem trégua, apresenta-se ao meu espírito, afligindo-me o coração, essa tempestuosa e lúgubre manhã de 24 de março de 1875, quando, numa solitária agonía, eu dizia, a bordo no Neva, meu último adeus à pátria”. FLORESTA, 2001, p. 40.

⁶²⁰ PASSAGEIROS. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 51, n. 83, p. 4, 24 mar. 1875.

sobre sua infância, as suas passagens pela Europa e os sentimentos despertados em momentos considerados relevantes.

Entretanto, anteriormente, no Brasil, duas traduções suas foram divulgadas em 1875. A primeira, *Um crime cometido por amor e sua punição*, foi publicada pelo *Diário de São Paulo* em 11 de dezembro. O episódio⁶²¹ narrado foi resultado do ciúme, sentimento “que dizem ser uma das paixões características dos italianos, mas que eu considero uma fraqueza universal, acaba de dar lugar, em Roma, a um fato tão horripilante quão comovedor”⁶²².

De acordo com Nísia Floresta, uma “moça de boa família, perdidamente amada por um jovem romano, com quem estava para casar-se” acompanhava seu pai e a madrasta em uma noite no teatro, quando “um indivíduo entrou no camarote e pôs-se a conversar com o pai da moça, que apenas o conhecia de vista. O namorado, despeitado, observava da plateia a visita, que já lhe parecia muito longa”⁶²³.

Ao fim da apresentação, o rapaz subiu de encontro à sua noiva, cobrando explicações: “Na cegueira de seu ciúme, toma o silêncio da moça por confusão e a resposta do pai por desfeita. Julga-se traído, ludibriado, e a razão o abandona. Em um acesso de loucura puxa por um punhal que trazia e crava-o no peito daquele que dizia amar”⁶²⁴. Se a conduta do homem foi contrária ao que se espera daquele que ama, a jovem ofereceu exemplo de amor e abnegação ao reagir de maneira inesperada:

Apenas o alucinado amante derramou o sangue inocente daquela que amava e conheceu seu funesto erro, atirou-se a seus pés e aos do infeliz pai, e ajoelhado, confessando a enormidade de seu crime, pedia para ser punido. Mas, a moça, moribunda, fazendo um apelo a todas as suas forças, protestou na presença do magistrado e das pessoas que a cercavam, que uma outra mão que não a de seu noivo a tinha ferido. [...] Mas, não parou por aqui a generosidade da infeliz moça; ela declarou que instituiu herdeiro de toda a fortuna que lhe tocou por morte de sua mãe, a seu noivo, procurando por esse modo garantir-lhe o futuro [...]”⁶²⁵.

O homem, arrependido do seu crime, vendo a noiva morrer, recusava qualquer alimento, “aniquilado pelo remorso”, desejando pôr fim à própria vida. Nísia Floresta finaliza o texto questionando: “qual é maior? Mais sublime? O remorso de um, ou a generosidade de outro?”⁶²⁶. A escritora utiliza a curta história para questionar o costume dos homens de

⁶²¹ O texto foi extraído do primeiro volume de *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*. Cf.: FLORESTA, 1864, p. 156-160.

⁶²² FLORESTA, Nísia. *Um crime cometido por amor e sua punição*. *Diário de São Paulo*. São Paulo, ano 11, n. 3015, p. 1, 11 dez. 1875.

⁶²³ FLORESTA, 11 dez. 1875, p. 1.

⁶²⁴ FLORESTA, 11 dez. 1875, p. 2.

⁶²⁵ FLORESTA, 11 dez. 1875, p. 2.

⁶²⁶ FLORESTA, 11 dez. 1875, p. 2.

professarem amor às mulheres, mas agirem com violência e opressão para com elas, enquanto delas se espera abnegação. “A conduta sublime da jovem romana nos oferece ainda uma prova”⁶²⁷.

O segundo texto publicado em 1875 foi *Viagem a Sorrento*⁶²⁸, desta vez no jornal *A Reforma* de 31 de dezembro⁶²⁹. Nísia Floresta descreve a emoção sentida diante das belezas que contempla no lugar e afirma que, se fosse permitido escolher uma pátria, ela escolheria a Sorrento, onde “eu viria pedir um doce abrigo, descanso e poesia para o resto da minha vida”. Diante dessa impossibilidade, ela define como pátria: “onde se acham aqueles que nos são caros, que são uma parte de nós [...]. É onde tantos amigos fazem votos pela nossa volta. Sim, a pátria é na terra que se ama, e onde se é amado”⁶³⁰.

Ainda que afirmasse que o Brasil era a sua verdadeira pátria e constantemente fizesse referência às suas belezas naturais e àqueles de quem sentia saudades, Nísia Floresta não retornou ao país após 1875. Faleceu em Rouen, na França, em 1885, totalizando 28 anos de exílio voluntário. De acordo com Sônia Valério Marinho Lúcio, no atestado de óbito consta que ela viveu de rendas⁶³¹. Se a sua primeira viagem à Europa, em 1849, foi motivada pela saúde da filha ou por perseguições resultantes da publicação de *A lágrima de um Caeté*, a última e definitiva viagem decorreu do reconhecimento de que não se adequaria novamente ao seu país. Alguns jornais comentaram o seu falecimento, entre eles o *Jornal do Comércio*:

Faleceu em Rouen, na França, onde desde alguns anos se achava, D. Nísia Floresta Brasileira Augusta, escritora cujo nome é conhecido nas letras pátrias. Por muitos anos exerceu aqui no Rio de Janeiro o mister de educadora da mocidade do sexo feminino, e da operosa tarefa que se impusera larga foi a compensação que encontrou nas muitas discípulas que lhe fizeram e ainda fazem honra. Cultivou as letras com proveito, revelado em mais de um livro que publicou; e dotada de vasta instrução, com aquelas que eram confiadas à sua direção e cuidados largamente repartiu os dons que possuía⁶³².

Assim, a menina nascida no Rio Grande do Norte, educada com a permissão do pai e que persistiu em instruir-se, aproveitando, também, as relações intelectuais do segundo companheiro, passou de preceptora à diretora de um colégio para meninas na Corte, publicou diversos títulos, que versavam desde a defesa da educação feminina a uma existência digna aos

⁶²⁷ FLORESTA, 11 dez. 1875, p. 1.

⁶²⁸ O texto foi extraído do primeiro volume de *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*. Cf.: FLORESTA, 1864, p. 193-197.

⁶²⁹ FLORESTA, Nísia. *Viagem a Sorrento*. *A Reforma*. Rio de Janeiro, ano 7, n. 293, p. 1-2, 31 dez. 1875.

⁶³⁰ FLORESTA, 31 dez. 1875, p. 1.

⁶³¹ LÚCIO, 1999.

⁶³² FALECIMENTOS. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 64, n. 145, p. 2, 26 maio 1885.

indígenas e negros. Atuando como educadora e escritora, ultrapassou as fronteiras nacionais e conseguiu êxito ao publicar em outras línguas, como o francês e o italiano. Ao ser reconhecida como escritora, no Brasil e Europa, Nísia Floresta desafiou os padrões sexuais de seu tempo, questionando o espaço ocupado pelas mulheres na sociedade que lhe era contemporânea.

Contrariando as filosofias, os saberes médicos e populares que associavam as mulheres ao ambiente doméstico, afastando-as de qualquer atividade criativa, Nísia Floresta percorreu diferentes lugares do mundo, atestando que poderia ocupar espaços públicos e, principalmente, ser respeitada enquanto escritora. As suas excursões pelo continente europeu, registradas em livros, informam que as limitações impostas ao seu sexo não eram fixas ou imutáveis. Sua trajetória intelectual ilustra as possibilidades femininas nos Oitocentos. Considerando as obras de viagens produzidas por ela, interessa analisar esse gênero e sua importância para a construção da emancipação intelectual feminina naquele período, objeto do próximo capítulo.

4 NÍSIA FLORESTA E A LITERATURA DE VIAGEM NOS OITOCENTOS

Homens e mulheres produziram narrativas de viagem nos Oitocentos. No entanto, os primeiros gozavam de maior prestígio e reconhecimento por sua atividade. A circulação de pessoas entre diferentes localidades foi facilitada no decorrer do século XIX pelo desenvolvimento e aperfeiçoamento dos meios de transporte. Ademais, os registros de viagens inspiravam outros indivíduos, desejosos de conhecer outros territórios e culturas e de se inserir nos círculos intelectuais. De suas viagens, Nísia Floresta escreveu dois livros: *Itinéraire d'un voyage en Allemagne*⁶³³ (1857) e *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*⁶³⁴ (1864-1872), publicados primeiramente em francês. Tais textos são apresentados e analisados com a finalidade de ilustrar como a escritora relata suas experiências, expressa o sentimento de nostalgia em relação à pátria e aos familiares, e seu envolvimento com as questões políticas e sociais de seu tempo, enquanto constrói a si mesma e seu projeto em defesa da educação feminina e da elevação moral da sociedade.

4.1 A escrita de viagens nos Oitocentos

Muitos viajantes se inspiraram no projeto global de pesquisa proposto por Alexander von Humboldt, que, em fins do século XVIII, destacou a necessidade de estudar os homens, os

⁶³³ FLORESTA, Nísia. *Itinéraire d'un voyage en Allemagne*. Paris: A. Chérié Editeur, 1857. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=SI5aAAAAcAAJ&pg=GBS.PP1>. Acesso em: 23 out. 2025. A tradução utilizada é: FLORESTA, Nísia. *Itinerário de uma viagem à Alemanha*. Tradução de Francisco Chagas Pereira. Natal: Editora Universitária, 1982.

⁶³⁴ FLORESTA, Nísia. *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*. Paris: Libraire E. Dentu, 1864. v. 1. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=v2U3AQAAMAAJ&pg=GBS.PA156>. Acesso em: 30 jan. 2024. A tradução utilizada é: FLORESTA, Nísia. *Três anos na Itália, seguidos de uma viagem à Grécia*, v. 1. In: LÚCIO, Sônia Valério Marinho. *Uma viajante brasileira na Itália do Risorgimento*: tradução comentada do livro *Trois ans en'Italie suivis d'un voyage en Grèce* (vol. I – 1964; vol. II – s. d.) de Nísia Floresta Brasileira Augusta. 1999. 754 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999a.; FLORESTA, Nísia. *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*. Paris: Libraire E. Dentu, 1872. v. 2. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=6usJmjAoOVAC&pg=GBS.PP1>. Acesso em: 22 out. 2025. A tradução utilizada é: FLORESTA, Nísia. *Três anos na Itália, seguidos de uma viagem à Grécia*, v. 2. In: LÚCIO, Sônia Valério Marinho. *Uma viajante brasileira na Itália do Risorgimento*: tradução comentada do livro *Trois ans en'Italie suivis d'un voyage en Grèce* (vol. I – 1964; vol. II – s. d.) de Nísia Floresta Brasileira Augusta. 1999. 754 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999b.

costumes e as línguas encontradas nos diferentes continentes explorados e mapeados, e não somente as plantas, os animais e os minerais⁶³⁵. Enquanto os homens escreviam diversos volumes de uma única viagem, a maior parte das mulheres não tinha sequer a intenção de publicar as suas observações. Essas mulheres enfrentavam as dificuldades de longas viagens e, algumas, o distanciamento familiar.

Sabendo que estavam se apropriando de um espaço masculino, escreviam de acordo com as regras e formatos já consolidados por homens. As narrativas de viagem produzidas por mulheres eram indicativas da capacidade de observação de suas autoras, que ia além das circunstâncias e situações pessoais e políticas enfrentadas por elas. Seus livros eram comumente escritos em forma de cartas para a família ou para os amigos, de diários ou em narrativas breves⁶³⁶.

Esse formato foi apropriado por Nísia Floresta, que ora registrou a viagem em formato de correspondências, enviadas aos familiares que ficaram no Brasil, ora como diários. Lígia Fonseca Ferreira aponta que, enquanto muitos viajantes europeus exploraram o Brasil, principalmente após a abertura dos portos em 1808, poucos brasileiros fizeram o caminho inverso, e “quase nenhum corresponde ao retrato clássico do ‘viajante’, enquanto produtor de um gênero específico, a ‘literatura de viagem’”. Nesse sentido, a trajetória de Nísia Floresta representa uma exceção, “fato ainda mais surpreendente por se tratar de uma mulher”⁶³⁷.

O número de mulheres europeias que desembarcaram no Brasil entre os séculos XVIII e XIX é superior ao de brasileiras que fizeram o percurso contrário. Consequentemente, os relatos de viagem escritos pelas primeiras são mais numerosos em relação aos das demais. Essas mulheres eram, na maioria, anônimas, seguindo seus companheiros em peregrinações ou em atividades comerciais, militares, diplomáticas ou, ainda, em compromissos advindos de cargos oficiais⁶³⁸.

Apesar das diferenças de escrita entre elas, essas mulheres “contam um pouco de suas vidas, revelando as dobras da alma, os hábitos e as tradições que carregam consigo”. Elas

⁶³⁵ MOREIRA LEITE, Miriam Lifchitz. Mulheres viajantes no século XIX. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 15, p. 129-143, 2000. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635570/3359>. Acesso em: 6 fev. 2025.

⁶³⁶ MOREIRA LEITE, 2000.

⁶³⁷ FERREIRA, Lígia Fonseca. Itinerário de uma viajante brasileira na Europa: Nísia Floresta (1810-1885). *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, n. 3, p. 22-44, nov. 2016. p. 23. Disponível em: <https://portal.sescsp.org.br/files/artigo/056047b5-d391-4745-a436-4421aeelb0e9.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2025.

⁶³⁸ DEL PRIORE, Mary. Prefácio. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho (org.). *Mulheres viajantes no Brasil (1764-1820)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008. p. 7-10.

“misturam escrita autobiográfica e registro de viagem, revelando as relações entretidas com seus maridos, seus patrícios, os outros diferentes e, sobretudo, as mulheres estrangeiras”. Assim, “na pena feminina, cada texto é um caleidoscópio de informações variadas e interessantes sobre as viagens e também sobre as viajantes – elas mesmas”⁶³⁹.

Dentre essas mulheres, destacam-se as inglesas Jemina Kindersley (1741-1809) e Elizabeth Henrietta Macquarie (1777-1835), e as francesas Rose de Saulces de Freycinet (1794-1832) e Adèle Toussaint-Samson (1826-1911). Jemina, de origem pobre, casou-se com Nathaniel Kindersley, tenente de um braço do exército britânico, o que permitiu significativa ascensão social. Sua passagem pelo Brasil ocorreu em 1764 e foi registrada no seu *Lettres from the island of Teneriffe, Brazil, the Cape of Good Hope, and the East Indies*, publicado em Londres, em 1777. Elizabeth desembarcou no Rio de Janeiro em 1809. Seu destino era a Nova Gales do Sul, atual Austrália, acompanhando o marido, o coronel Lachlan Macquarie (1761-1824). Em seu diário de viagem, *Voyage from England to Australia in 1809*, narra seu itinerário de Santa Helena, Inglaterra, a Port Jackson, na Nova Gales. Rose acompanhou o marido, o capitão de fragata e naturalista Louis Freycinet, em viagem às terras austrais, passando pelo Brasil em 1817 e 1820, e escreveu *Journal d'un Voyage autour du monde à bord de l'Uranie (1817-1820)*⁶⁴⁰.

Jean Marcel Carvalho França aponta que os registros feitos pelas três primeiras, considerando suas particularidades, apresentam aproximações com os relatos produzidos por homens, não sendo relevante identificar uma singularidade especificamente feminina. As três, de acordo com França, “como era habitual entre os viajantes escritores, depois de comentarem o moroso processo de entrada e desembarque num porto brasileiro (...), passam a uma simpática descrição da ‘exuberante natureza dos trópicos’”⁶⁴¹. A atenção das autoras, então, recai sobre o espaço físico, a produção alimentícia e os habitantes da cidade.

Já a francesa Toussaint-Samson esteve no Brasil entre 1849 e 1863, acompanhando o marido, Jules Toussaint, dançarino de teatro, filho de pais franceses, mas nascido no Brasil. Em *Une parisienne au Brésil*⁶⁴², publicado em 1883, narra sua passagem pelo país, detalhando sua chegada, seu processo de adaptação ao novo ambiente e aos costumes. Descreve celebrações, tradições, hábitos alimentares, a arquitetura das casas, os espaços urbano e rural, as vestimentas,

⁶³⁹ DEL PRIORE, 2008, p. 9.

⁶⁴⁰ FRANÇA, Jean Marcel Carvalho (org.). *Mulheres viajantes no Brasil (1764-1820)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

⁶⁴¹ FRANÇA, 2008, p. 21.

⁶⁴² TOUSSAINT-SAMSON, Adèle. *Uma parisiense no Brasil*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Capivara, 2003.

sem negligenciar a escrita sobre si e suas relações pessoais. Sua narração contém diálogos, como, por exemplo, quando encontra uma negra escravizada que lhe pede que interceda pelo fim do castigo que sofria após uma tentativa de fuga frustrada⁶⁴³, ou quando encontra uma mulher casada que lhe descreve as maldades e traições do marido. Nesses momentos, a escritora deixa evidente a distância cultural entre seu país de origem e o Brasil⁶⁴⁴.

As mulheres viajantes citadas têm em comum o fato de terem seu destino definido pelos cônjuges. Sob as obrigações intrínsecas do casamento, que as ligavam irremediavelmente aos seus companheiros, essas mulheres não viajaram, necessariamente, por vontade própria. As motivações dos deslocamentos estavam ligadas à vida profissional dos respectivos maridos, como a oferta de cargos ou a necessidade de encontrar melhores condições de vida. No entanto, esses fatores não foram impeditivos de sua produção intelectual.

Os deslocamentos não voluntários fizeram parte da vida de Nísia Floresta, especificamente em seus primeiros anos, quando precisara fugir com a família das revoltas antilusitanas ou quando o pai fora assassinado. Quando se juntou a Augusto, mudou-se em busca de melhores condições de vida para Porto Alegre; quando o perdeu, foi para o Rio de Janeiro, novamente em busca de estabelecer-se financeiramente, agora como diretora do Colégio Augusto.

Quando viajou para a Europa pela primeira vez, Nísia Floresta o fez com a justificativa de cuidar da saúde de Lívia, e seu retorno foi motivado pela necessidade de cuidar da mãe, que estava com a saúde debilitada. Portanto, ainda que tenha saído do país para conhecer o continente que tanto despertara seu interesse, suas justificativas permaneciam ligadas às suas funções femininas de cuidado ao outro, desempenhando o papel de boa mãe e boa filha. No entanto, Constância Lima Duarte⁶⁴⁵ e Sônia Valério Marinho Lúcio⁶⁴⁶ sugerem a possibilidade de que sua decisão de partir estava relacionada à Revolução Praieira e à publicação de *A lágrima de um Caeté*. Lúcio destaca que o retorno de Nísia Floresta coincidiu com o ano da anistia aos revoltosos. Para Ignês Sabino, as críticas que Nísia Floresta recebia tiveram forte influência em sua decisão de partir: “ódio surdo principiou a deprimi-la nas folhas onde escreviam pasquinadas contra a mesma, pelo que, insultada, retirou-se, ato contínuo, para a Europa”⁶⁴⁷.

⁶⁴³ TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 125-127.

⁶⁴⁴ TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 141-144.

⁶⁴⁵ DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: vida e obra*. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995.

⁶⁴⁶ LÚCIO, Sônia Valério Marinho. *Uma viajante brasileira na Itália do Risorgimento: tradução comentada do livro Trois ans en Italie suivis d'un voyage en Grèce* (vol. I – 1964; vol. II – s. d.) de Nísia Floresta Brasileira Augusta. 1999. 754 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

⁶⁴⁷ SABINO, Ignês. *Mulheres ilustres do Brasil*. Florianópolis: Editora das Mulheres, 1996. p. 172.

Em sua segunda viagem à Europa, as condições e motivações de Nísia Floresta eram diferentes. Viúva, com o filho emancipado e a mãe falecida no ano anterior, estava, portanto, livre das obrigações para com a família e pôde, finalmente, dedicar-se às viagens em caráter instrutivo e filosófico. Ludmila de Souza Maia destaca que:

A escritora brasileira assemelhou-se a dezenas de viajantes da mesma época, que além da saia e da ‘crinolina’, compartilharam outras características. Em meados do século XIX, mulheres de todo o mundo se lançaram aos mares, diligências e expressos para percorrer o mundo por motivos variados. As mulheres sempre viajaram, mas muitas contemporâneas de Nísia compartilharam, de certo modo, uma série de atitudes em relação à viagem e à condição da mulher que muito nos informa sobre seus anseios e suas possibilidades. Essas viajantes evitaram, em geral, romper relações com a família ou esquecer suas obrigações ‘femininas’ com o lar, com os parentes, ou com sua honra mesmo em lugares distantes⁶⁴⁸.

Mulheres que produziram relatos de suas viagens nos Oitocentos viveram experiência semelhante à de Nísia Floresta: “muitas delas aguardaram ou aproveitaram um luto, a morte dos pais, do marido, a emancipação dos filhos ou o fim da pressão social em relação à maternidade e ao casamento com a vinda da maturidade para tornarem-se viajantes”⁶⁴⁹. Nos registros de viagem de Nísia Floresta, a distância geográfica imposta pelas viagens era compensada pela manutenção das relações familiares por meio da escrita e pela manifestação da saudade daqueles que ficaram. De acordo com Maia, sua produção nesse período indica as contradições “entre sua vida de liberdade e deslocamentos na Europa, com a defesa de ideais burgueses da mulher como rainha do lar e mãe, realizando um movimento de transposição da domesticidade para a vida itinerante”⁶⁵⁰.

Nas últimas décadas, os estudos sobre os relatos de viagem escritos por mulheres têm enfatizado a associação entre o universo feminino e o privado, bem como as estratégias retóricas usadas pelas autoras para ultrapassar esses limites⁶⁵¹. Stella Maris Scatena Franco, no entanto, alerta que a alusão ao caráter específico dos textos produzidos por mulheres viajantes pode

⁶⁴⁸ MAIA, Ludmila de Souza. Recolher as âncoras em busca da liberdade: gênero e viagem em Nísia Floresta (Europa, 1856-1885). *Varia História*, Belo Horizonte, v. 34, n. 64, p. 165-191, jan./abr. 2018. p. 168. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/CZBdcQwcqdZ3RYW6mnf554g/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 mar. 2025.

⁶⁴⁹ MAIA, 2018, p. 168.

⁶⁵⁰ MAIA, 2018, p. 168.

⁶⁵¹ FRANCO, Stella Maris Scatena. Viagem e gênero: tendências e contrapontos nos relatos de viagem de autoria feminina. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 50, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8650737/16899>. Acesso em: 2 mar. 2025.

incorrer em “certa generalização, passível de ser relativizada, levando-se em consideração as ambiguidades presentes nos discursos das personagens analisadas”⁶⁵².

Nas produções femininas, havia a necessidade de abrandamento do discurso em relação àquele produzido por homens na mesma posição, assumindo certa passividade e demonstrando preocupação para com os seus relacionamentos. Se os homens eram assertivos, as mulheres precisavam se justificar, “conservando uma aparência de inferioridade ligada ao feminino – operação que mobilizavam para alcançarem um reconhecimento do próprio valor, ao mesmo tempo que ‘reconheciam’ o valor do mais forte”⁶⁵³. Os relatos de viagens escritos por mulheres apresentam, geralmente, discurso autobiográfico. Essas características estão presentes nos livros de Nísia Floresta.

Além de sua experiência, outras mulheres latino-americanas registraram suas impressões de viagem durante esse período. Franco destaca o exemplo de seis viajantes, incluindo Nísia Floresta. A primeira mencionada é Gertrudis Gómez de Avellaneda (1814-1863), que se mudou para a Espanha aos 22 anos, acompanhando sua família. Seus escritos, reunidos em quatro cadernos publicados postumamente, são compostos de cartas endereçadas à prima e de uma memória dos dois primeiros anos da viagem. Gertrudis narra suas decepções amorosas, suas reclamações da família do padrasto e lembranças da infância, sem abandonar a erudição, citando, por exemplo, Lord Byron e Madame de Staël. Ela busca certo grau de tecnicidade ao descrever edifícios, ancorada em fontes historiográficas. Também registrou sua viagem aos Pirineus, acompanhada do marido, em 1859, onde “descreveu as estações de águas termais, a natureza exuberante da região e os estabelecimentos frequentados pelos turistas”, que diferia “em muito do primeiro, que privilegia o tom autobiográfico”⁶⁵⁴.

Outra citada é Eduarda Mansilla (1834-1892), argentina, “oriunda de uma família abastada e envolvida com política”, que, acompanhando o marido diplomata, registrou a viagem feita aos Estados Unidos em 1860, publicada sob o título *Recuerdos de viaje* nos primeiros anos da década de 1880. O livro pouco apresentava discursos autobiográficos, pois estava “mais voltado para uma análise da sociedade norte-americana, feita principalmente a partir da observação dos hábitos culturais (incluindo-se a vida das mulheres)”, além de “reflexões históricas”⁶⁵⁵.

⁶⁵² FRANCO, 2017, p. 3.

⁶⁵³ FRANCO, 2017, p. 4.

⁶⁵⁴ FRANCO, 2017, p. 8.

⁶⁵⁵ FRANCO, 2017, p. 10.

A terceira escritora mencionada é Maipina de La Barra (1834–1904). Chilena, publicou *Mis impresiones y mis vicisitudes en mi viaje a Europa pasando por el Estrecho de Magallanes y en mi excursión a Buenos Aires pasando por la cordillera de los Andes* em 1878, em Buenos Aires, após ida para a Europa em 1873. “Nele, os traços autobiográficos têm um grande predomínio. Narrou sobre sua viuvez (embora não fale do marido), relatou que viajou com a filha, que enfrentou dificuldades financeiras e que teve algumas incompatibilidades com a mãe”⁶⁵⁶. Seu público era as mulheres da alta sociedade e, assim como Nísia Floresta, defendeu a educação feminina⁶⁵⁷.

A cubana Aurélia Castillo de Gonzáles (1842-1920) é a quarta referida. Casada com um militar espanhol opositor do governo, acompanhou-o em viagens de exílio. Publicou *Un paseo por América, cartas de Méjico y de Chicago* em 1895, cujo “objetivo é descrever a Exposição Universal de Chicago, em 1893. A autora se porta como uma periodista, escrevendo com objetividade para um veículo da imprensa”⁶⁵⁸.

Por fim, Franco destaca a escrita de Soledade Acosta de Samper (1833-1913). Colombiana, viúva, “foi uma escritora prolífica, tendo trafegado por diferentes gêneros: artigos em periódicos, biografias, contos, história, romances, relatos de viagem”⁶⁵⁹. Seu relato foi publicado com o título de *Viaje a España en 1892*, para onde viajou acompanhada de sua filha. Samper oferece poucos comentários sobre a família e sua vida pessoal, concentrando-se na “narração dos aspectos históricos das cidades visitadas nas diferentes regiões do país, como Vizcaya, Castela, Galícia e Andaluzia”⁶⁶⁰.

A despeito das trajetórias mencionadas, Franco arremata:

Alguns traços que ajudam a perfilar as viajantes e considerar suas ligações com o âmbito feminino: quatro, dentre as seis, viajaram com filhos (Mansilla, Nísia, Maipina e Acosta de Samper), sendo essas três últimas viúvas, o que provavelmente abria maiores possibilidades às viagens, por liberá-las, ao menos parcialmente, de compromissos domésticos. Em geral reproduziram temas ligados à esfera privada, mas nunca se limitando a eles. Outros elementos estão presentes nessas obras, sendo os mais evidentes a narração dos acontecimentos históricos ligados aos locais descritos, a preocupação com a questão da educação feminina, a crônica de costumes das sociedades visitadas⁶⁶¹.

⁶⁵⁶ FRANCO, 2017, p. 10.

⁶⁵⁷ FRANCO, 2017.

⁶⁵⁸ FRANCO, 2017, p. 11.

⁶⁵⁹ FRANCO, 2017, p. 11.

⁶⁶⁰ FRANCO, 2017, p. 11.

⁶⁶¹ FRANCO, 2017, p. 12.

Protegida pelo *status* de viúva, que permitia maior mobilidade social às mulheres⁶⁶², a condição de viajante não impactava de maneira negativa na imagem e não oferecia riscos à honra de Nísia Floresta, ainda que mulheres que viajassem sozinhas não fossem bem-vistas⁶⁶³. No caso da escritora brasileira, é provável que, ao publicar livros em francês, tenha ganhado certo prestígio em seu país de nascimento. Em sua primeira ida à Europa, estava acompanhada de seus dois filhos, Livia e Augusto Américo. Na segunda, somente Livia a acompanhou. O comparecimento de ambas em salões europeus causava estranhamento, dada a raridade da presença de viajantes brasileiras nesses espaços⁶⁶⁴.

A escritora Mabel Sharman Crawford (1820-1912) é mencionada por Lúcio como exemplo de mulher que viajava sozinha e que demonstrou insatisfação diante do tratamento recebido⁶⁶⁵. Nascida em Dublin, a irlandesa era filha do reformador radical e proprietário de terras William Sharman Crawford e de Mabel Frideswid Sharman Crawford. Recebeu educação em casa, junto aos irmãos. Em 1852, publicou o romance *Fanny Denison*, em Londres, assinado com o seu próprio nome, e, em 1864, *The Wilmot Family*⁶⁶⁶.

Quanto às narrativas de viagem, Crawford escreveu duas: *Life in Tuscany*⁶⁶⁷, em 1859, e *Through Algeria*⁶⁶⁸, em 1863, ambos publicados em Londres. O primeiro foi dedicado ao seu pai e baseado nos dez meses que passou na Itália, entre 1856 e 1857. A escritora priorizou a observação das condições sociais nas zonas rurais e do tratamento dispensado às mulheres⁶⁶⁹. No segundo, defendeu-se das críticas recebidas, defendendo o direito das mulheres solteiras de viajarem sozinhas por instrução ou diversão. Crawford argumenta:

In bygone days, the rule that no lady should travel without a gentleman by her side, was doubtless rational; but in a period of easy locomotion, and with abundant evidence to prove that ladies can travel by themselves in foreign countries with perfect safety, the maintenance of that rule certainly savours of injustice. For unquestionable as it is that woman's sphere, as wife and mother, lies at home, it is surely unreasonable to doom many hundred English ladies, of independent means and without domestic ties, to crush every natural

⁶⁶² FRANCO, 2017.

⁶⁶³ LÚCIO, 1999.

⁶⁶⁴ FERREIRA, 2016.

⁶⁶⁵ LÚCIO, 1999.

⁶⁶⁶ GRAY, Peter. Crawford, Mabel Sharman. *Dicionário de biografia irlandesa*. Dublin, abr. 2024. Disponível em: <https://www.dib.ie/biography/crawford-mabel-sharman-a10358>. Acesso em: 7 mar. 2025.

⁶⁶⁷ CRAWFORD, Mabel Sharman. *Life in Tuscany*. Londres: Smith, Elder and Q., 1859. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=ajkNAAAAYAAJ&pg=GBS.PR8&hl=pt>. Acesso em: 7 mar. 2025.

⁶⁶⁸ CRAWFORD, Mabel Sharman. *Trough Algeria*. Londres: Richard Bentley, 1863. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=gVMBAAAAQAAJ&pg=GBS.PR2&hl=pt>. Acesso em: 7 mar. 2025.

⁶⁶⁹ GRAY, 2024.

*aspiration to see nature in its grandest forms, art in its finest works, and human life in its most interesting phases; – such being the practical result of a social law which refuses them the right of travel, save on conditions often wholly unattainable*⁶⁷⁰.

Crawford defende que a regra que determinava que as mulheres só poderiam viajar mediante o acompanhamento de um homem era ultrapassada. Destacando que, naquele momento, as inovações permitiam uma locomoção mais fácil e segura, afirma não haver justificativas para limitar o trânsito de mulheres solteiras e independentes. A escritora defende, ainda, que as viagens tinham caráter instrutivo para as mulheres, pois a exploração de terras estrangeiras era mais enriquecedora e divertida que a permanência no ambiente doméstico, onde elas se ocupavam de tarefas tediosas, como o trabalho de crochê⁶⁷¹.

A escritora irlandesa se mostra consciente da imagem de si que circulava entre seus contemporâneos, assim como de outras mulheres que ousavam escrever e se apropriavam desse espaço majoritariamente masculino. Crawford afirma:

*The butt of wit and witling, the satirist's staple theme, the 'unprotected' lady looms before the popular gaze as a synonym for that ideal Gorgon, the 'strong-minded woman'; from whose wooden face, hard features, harsh voice, blunt manners, and fiercely-independent bearing, society shrinks in horror. To be confronted with such a fancy portrait of myself, is in truth, no pleasant thought; but as every innovation must have victims, I accept my menaced fate, cheered by the conviction that my immolation will prove of benefit to that class of tourists which, in these pages, I represent*⁶⁷².

Citando a maneira como era satirizada pelos críticos, Crawford se vê como uma vítima da maledicência, resultado do ineditismo de sua iniciativa de enveredar pelos caminhos da literatura de viagem, sendo uma mulher solteira. No entanto, mostra-se disposta a suportar os

⁶⁷⁰ CRAWFORD, 1863, p. XI. “Antigamente, a regra de que nenhuma dama deveria viajar sem um cavalheiro ao seu lado era, sem dúvida, racional; mas em um período de locomoção fácil, e com evidências abundantes para provar que as damas podem viajar sozinhas em países estrangeiros com perfeita segurança, a manutenção dessa regra certamente tem gosto de injustiça. Pois, por mais inquestionável que seja que a esfera da mulher, como esposa e mãe, esteja em casa, é certamente irracional condenar centenas de damas inglesas, de meios independentes e sem laços domésticos, a esmagar toda aspiração natural de ver a natureza em suas formas mais grandiosas, a arte em suas melhores obras e a vida humana em suas fases mais interessantes; sendo esse o resultado prático de uma lei social que lhes recusa o direito de viajar, exceto em condições muitas vezes totalmente inatingíveis” (tradução nossa).

⁶⁷¹ CRAWFORD, 1863, p. XII.

⁶⁷² CRAWFORD, 1863, p. XIII. “O alvo da sagacidade e da malícia, o tema básico do satirista, a dama ‘desprotegida’ paira diante do olhar popular como um sinônimo para aquela Górgona ideal, a ‘mulher de mente forte’; de cujo rosto de madeira, feições duras, voz áspera, maneiras rudes e porte ferozmente independente, a sociedade se encolhe em horror. Ser confrontado com um retrato tão extravagante de mim mesmo, na verdade, não é um pensamento agradável; mas como toda inovação deve ter vítimas, aceito meu destino ameaçado, animado pela convicção de que minha imolação provará ser benéfica para aquela classe de turistas que, nestas páginas, represento” (tradução nossa).

ataques recebidos em prol de informar e inspirar outras leitoras e turistas. Suas palavras refletem a dificuldade que as mulheres viajantes enfrentavam para publicar seus escritos e, quando conseguiam, tinham que lidar com as críticas.

Lívia também está inserida nesse contexto. Maia sugere que a primogênita de Nísia Floresta optou pelo anonimato da vida de viajante, distanciando-se do universo da família e das “pressões sociais relativas à sua condição de mulher culta e sozinha”, e livrando-se “da temível denominação de ‘solteirona’”⁶⁷³. No entanto, Lívia não é somente acompanhante da mãe, sendo responsável por traduzir alguns dos títulos de sua autoria para outras línguas, além de publicar traduções em jornais do Brasil, contrariando o suposto desejo pelo anonimato.

As viagens de Nísia Floresta e os livros delas resultantes seguiam um “‘modelo’ que podemos chamar de viagem romântica, e que se situa entre o *Grand Tour* dos jovens aristocratas e gentis-homens ingleses e as viagens turísticas da segunda metade do século XIX”⁶⁷⁴, conforme proposto por Lúcio. Os viajantes passaram a seguir recomendações de seus predecessores, que incluíam, por exemplo, a indicação dos locais a visitar e os horários ideais para fazê-lo. A ampliação do perfil dos viajantes ocorreu entre o fim do século XVIII e o início do século XIX, quando alguns escritores ilustres, “com seus relatos de viagem e com os livros que escreveram delas decorrentes, contribuíram para modificar os hábitos dos outros viajantes”⁶⁷⁵. Portanto, intencionalmente ou não, criaram roteiros que guiavam os leitores pelo espaço físico e ditavam as emoções esperadas.

Madame de Staël e François-René de Chateaubriand, ambos lidos por Nísia Floresta, são exemplos de escritores que influenciaram seus contemporâneos e sucessores. Madame de Staël, exilada de Paris por Napoleão em 1803, dedicou-se às viagens e à escrita de livros “que retrataram países e o modo de observá-los”⁶⁷⁶. Conforme Lúcio, a escritora seria o exemplo de que os franceses que viajavam naquele período eram “ilustrados, eruditos, educados pelo Neoclassicismo, liam muitos livros antes de partir; eram cosmopolitas e nas cidades onde chegavam participavam de reuniões sociais, visitavam museus, apreciavam as cenas da natureza”⁶⁷⁷.

Enquanto a escritora era perseguida por Napoleão, Chateaubriand teve uma trajetória diferente. Suas viagens foram incentivadas pela autoridade francesa. Seu *Itinéraire de Paris à Jérusalem*, de 1811, “tornou-se um modelo do gênero”, colocando em evidência os lugares que

⁶⁷³ MAIA, 2018, p. 166.

⁶⁷⁴ LÚCIO, 1999, p. IV.

⁶⁷⁵ LÚCIO, 1999, p. IV.

⁶⁷⁶ LÚCIO, 1999, p. V.

⁶⁷⁷ LÚCIO, 1999, p. V.

“falam da história”, “que representam e trazem as marcas de um momento histórico fundamental”⁶⁷⁸.

Na segunda metade do século XIX, “as estradas de ferro que se espalhavam pela Europa ampliavam as viagens, o perfil dos viajantes, a maneira de escrever livros”⁶⁷⁹. Os guias se tornaram mais completos e eruditos, reunindo os modos de viajar do *Grand Tour* e da viagem romântica, e codificando “desde a hora de ver o Coliseu até as exclamações sobre as cidades: Florença, ‘a Bela’, Gênova, a ‘Soberba’, Roma, a ‘Eterna’”⁶⁸⁰. Entre os viajantes, o número de mulheres aumentava progressivamente, especialmente aquelas que viajavam sozinhas. Quanto ao perfil dessas mulheres, Lúcio destaca que:

Eram mulheres de classe média, que viajavam graças às conquistas femininas na área da educação, que criaram oportunidades de trabalho – governantas, professoras, escritoras – e despertaram desejos cada vez maiores de novos conhecimentos, para complementar os estudos. Mulheres que fugiam das salas fechadas por grossas cortinas para o ar livre, ao mesmo tempo uma fuga das restrições inibidoras das regras sociais⁶⁸¹.

O número crescente de mulheres viajantes incidiu, conseqüentemente, no aumento de relatos de viagem de autoria feminina. “As proibições que cercavam as viagens e os textos transformaram tanto o ato de viajar quanto o de escrever em transgressões, que, ao invés de inibir, atraíam cada vez mais as mulheres”⁶⁸². Essas ultrapassaram não somente barreiras geográficas, mas também as que limitavam sua atividade intelectual. Em seus relatos, reproduziam comentários de escritores, versos de poetas românticos, descrições de paisagens e seguiam as etapas de viagem dos jovens ingleses do *Grand Tour*, visitando monumentos, museus, tecendo observações sobre os costumes e os governos dos locais visitados⁶⁸³. Nísia Floresta não fez diferente em suas narrativas de viagem pela Alemanha, Itália e Grécia, conforme apresentado a seguir.

4.2 “Meu espírito ama as viagens, (...) mas meu coração nunca será viajor”: Nísia Floresta na Alemanha

Nísia Floresta e Livia viajaram juntas em 1856, saindo da França, passando pela Bélgica, com destino à Alemanha (figura 8). A viagem teve início em 26 de agosto e fim em 30

⁶⁷⁸ LÚCIO, 1999, p. VI.

⁶⁷⁹ LÚCIO, 1999, p. XIII.

⁶⁸⁰ LÚCIO, 1999, p. XIV.

⁶⁸¹ LÚCIO, 1999, p. XIV-XV.

⁶⁸² LÚCIO, 1999, p. XVII.

⁶⁸³ LÚCIO, 1999.

de setembro daquele ano, percorrendo Bruxelas, Liège, Spa, Aix-la-Chapelle, Colônia, Bonn, Coblença, Bordas do Reno, Mogúncia, Frankfurt, Darmstadt, Mannheim, Heidelberg, Schwetzingen, Carlsruhe, Stuttgart, Cannstatt, Baden-Baden, Estrasburgo, Mulhouse, Montbéliard, Hérimoncourt e Estrasburgo.



Figura 9: Mapa da viagem de Nísia Floresta à Alemanha. Fonte: LABORATÓRIO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA DAS AMÉRICAS. *Nísia Floresta – Brasil (1810-1895)*. São Paulo. Disponível em: <https://leha.fflch.usp.br/nisia-floresta-brasil-1810-1895>. Acesso em: 4 out. 2025.

Insatisfeita em Paris, afirmou necessitar percorrer novos países, mais propícios a despertarem a sua atenção. Ademais, expressa o interesse em “*voir une terre type dont l’aspect sérieux et grave imposait à mon esprit par la richesse de sa nature, son passé grandiose et les mœurs encore patriarcales de son peuple*”⁶⁸⁴. Sendo assim, manifestou o interesse pela intelectualidade, cultura e história dos lugares a serem visitados. O prefácio, escrito por Eugénie Pelserf, que se identifica como amiga da escritora, oferece informações importantes sobre a natureza do texto:

En écrivant ses impressions de voyage, Mme Brasileira ne pensait point les livrer au public; elle n’avait d’autre but que d’épancher son cœur dans le

⁶⁸⁴ FLORESTA, 1857, p. 2. “ver uma terra-tipo, cujo aspecto sério e respeitável se impusesse a meu espírito pela riqueza de sua natureza, pelo passado grandioso e pelos costumes ainda patriarcais de seu povo”. FLORESTA, 1982, p. 9.

*cœur de sa famille, qu'elle associe à toutes ses joies, à toutes ses peines, à toutes ses sensations, et qu'elle ne quitte jamais par la pensée*⁶⁸⁵.

Conforme a prefaciadora, Nísia Floresta não tinha a pretensão de publicar o seu itinerário pela Alemanha, característica compartilhada por outras mulheres viajantes de seu tempo. Essa, no entanto, não é a única aproximação entre elas, pois, se os principais interlocutores dessas mulheres eram seus familiares e amigos, a escritora brasileira endereça suas impressões para o seu “*Cher enfant et frères de mon cœur*”⁶⁸⁶ e segue o formato de cartas, comum entre suas semelhantes.

Pelserf diz ter lido com “*entraînement*” o *Itinerário*, achando-o “*gracieusement écrit, si plein de poésie et de sentiment*”⁶⁸⁷, e, por isso, insistiu para que Nísia Floresta o publicasse. Afirma acreditar que aqueles que conheciam a autora receberiam o escrito com prazer, e que os demais encontrariam “*un intérêt tout particulier dans les souvenirs historiques qui y sont évoqués à chaque page*”⁶⁸⁸, capaz de despertar “*le désir de parcourir les sites et les ruines qu'elle a visités, de réfléchir là où elle s'est arrêtée*”⁶⁸⁹.

Apesar de breve, o prefácio de Eugénie Pelserf resume perfeitamente o teor de *Itinéraire d'un voyage en Allemagne*. Com uma linguagem pessoal e intimista, Nísia Floresta registra os passeios feitos, valorizando os aspectos históricos dos locais visitados, conduzindo a narrativa tal qual uma conversa entre familiares e amigos. Ao atentar-se às reminiscências históricas, insere-se no universo da escrita historiográfica, também presente em outros de seus títulos.

Nísia Floresta se tornou o exemplo de que uma mulher devidamente educada e instruída poderia ocupar espaços predominantemente masculinos, sem causar desordem nas funções sociais atribuídas a cada sexo. Ainda que sua prática desafiasse os padrões sexuais de seu tempo, mantinha o tom modesto em seus textos e autoafirmava-se como exemplo de filha, esposa e mãe. As qualidades consideradas inerentes ao sexo feminino são atribuídas a ela por Pelserf ao

⁶⁸⁵ PELSERF, Eugénie. Préface. In: FLORESTA, Nísia. *Itinéraire d'un voyage en Allemagne*. Paris: Firmin Didot Frères, 1857. p. V-VII. “Escrevendo suas impressões de viagem, a senhora Brasileira não pensava em pô-las à disposição do público. Tinha como único objetivo dar expansão a suas emoções junto ao coração da família, que associa a todas as suas alegrias, sofrimentos e sensações, nunca abandonando-a em pensamento”. PELSERF, Eugénie. Prefácio. In: FLORESTA, Nísia. *Itinerário de uma viagem à Alemanha*. Tradução de Francisco Chagas Pereira. Natal: Editora Universitária, 1982. p. 5.

⁶⁸⁶ FLORESTA, 1857, p. 1. “Caro filho e irmãos do meu coração”. FLORESTA, 1982, p. 9.

⁶⁸⁷ PELSERF, 1857, p. VI. “graciosamente escrito, tão cheio de poesia e sentimento”. PELSERF, 1982, p. 5.

⁶⁸⁸ PELSERF, 1857, p. VI. “um interesse bem particular nas reminiscências históricas evocadas a cada página”.

⁶⁸⁹ PELSERF, 1857, p. VI. “o desejo de percorrer as paisagens e ruínas que ela visitou, de refletir nos lugares onde ela se deteve”. PELSERF, 1982, p. 5.

afirmar que, desde os seus 23 anos, com a morte de seu companheiro, “*a remplacé la brillante auréole du plaisir et de la jeunesse par le crêpe et le noble travail, et a adopté cette devise: Vivre pour autrui*”⁶⁹⁰. Enaltece, dessa maneira, a modéstia e o altruísmo da viajante brasileira.

Em sua viagem, Nísia Floresta lamenta frequentemente a ausência dos familiares, ilustrando as dificuldades enfrentadas por outras mulheres viajantes. A brasileira personifica os familiares através da escrita, como quando visualiza Augusto Américo ao sair de Paris, expressando a felicidade que sentia ao viajar com os dois filhos⁶⁹¹. Com o fim do devaneio, retorna ao momento presente, demonstrando que a viagem seria marcada pela saudade constante daqueles que ficaram para trás. Ao passar por Amiens, Arras e Valenciennes, ateu-se às suas respectivas reminiscências históricas⁶⁹².

Apesar de sua atenta observação às paisagens, o percurso lhe pareceu triste e monótono, pois sentia a perda da mãe e a ausência dos demais. Relembrando seus últimos instantes em Paris e a oração feita, afirma: “*je sentis dans mon cœur que ma mère approuvait mon voyage*”⁶⁹³. A frequência com que se refere aos familiares é indicativo não somente do gênero textual utilizado, mas também aponta o elo permanente entre a escritora e seus interlocutores. Revelar que recebeu a aprovação materna para realizar a viagem é, possivelmente, uma estratégia para rebater qualquer censura à sua prática, mostrando-se uma filha amorosa e obediente.

Ainda que a proposta do livro fosse, primeiramente, comunicar-se com os seus familiares e, supostamente, não houvesse a intenção de publicá-lo, Nísia Floresta não abandona o estilo presente em outros de seus textos. Mesclando discursos autobiográficos e o tom moralista, a escritora tece suas observações no decorrer da viagem, revelando aspectos de sua vida conforme era conveniente, forjando para si uma imagem de filha, esposa e mãe ideal. Sua escrita não é desinteressada ou ingênua. Ao contrário, além do objetivo de manter o vínculo com aqueles que ficaram no Brasil, Nísia Floresta escreve para definir a sua reputação, protegendo-se de possíveis críticas e insistindo no caráter pedagógico, colocando-se como exemplo a ser seguido.

Ao cruzar a fronteira entre a França e a Bélgica, passando pela estação de Blanc-Misseron, a 72 léguas de Paris, e chegando a Quiévrain, estação belga, notou a mudança na

⁶⁹⁰ PELSERF, 1857, p. VII. “substituiu a auréola brilhante do prazer e da juventude pelo crepe e pelo trabalho nobre, adotando esta divisa: viver para o outro”. PELSERF, 1982, p. 5.

⁶⁹¹ FLORESTA, 1857, p. 3.

⁶⁹² FLORESTA, 1857, p. 3-4.

⁶⁹³ FLORESTA, 1857, p. 4. “Senti no coração que minha mãe aprovaria a viagem”. FLORESTA, 1982, p. 10.

estrutura das casas⁶⁹⁴. Observações desse tipo são feitas em outras ocasiões, quando chega a uma nova localidade e descreve a aparência, estrutura e higiene das ruas e casas, bem como a receptividade dos habitantes, comparando-a com a anterior.

Em Bruxelas, Nísia Floresta informa ter visitado os museus de Pintura e História Natural, o Palácio das Belas-Artes e o Palácio da Indústria, que possuía uma biblioteca com mais de 200 mil exemplares impressos e manuscritos. Alguns são mencionados, o que demonstra o conhecimento que a escritora detinha sobre o acervo. Parte de seu tempo foi dedicado a visitar conhecidos que outrora residiam em Paris.

Utilizando o encontro com a senhora S., aproveitou a oportunidade para comparar Paris e Bruxelas, ou a Alemanha e a França, ação continuamente retomada no decorrer do texto. Fazendo uso de ironia, escreveu:

Madame S... est une femme spirituelle ; elle connaît bien, dit-elle, Bruxelles, qu'elle habite depuis longtemps ; elle en parle avec une mordante satire, quand il s'agit de juger les mœurs des habitants. À son avis, Bruxelles, cette jolie miniature de Paris, renferme une plus grande licence de mœurs. Je ne sais si elle a raison ; mais je trouve qu'une Parisienne qui connaît bien sa capitale doit bien se garder d'en faire le parallèle sous le rapport des mœurs avec une autre capitale, quelle qu'elle soit... Quoi qu'on puisse dire, Bruxelles a pour moi deux grands attraits : son extrême propreté et l'air de liberté qu'on y respire. Son peuple me paraît poli, simple et laborieux ; on remarque chez lui la complaisance des Français, sans leur grand empressement à saisir l'occasion de tirer profit de l'étranger⁶⁹⁵.

Nísia Floresta havia fixado residência em Paris meses antes de iniciar o itinerário pela Alemanha. Apesar do pouco tempo vivendo na cidade, a brasileira demonstra conhecer os costumes parisienses. É provável que tal conhecimento não seja resultado apenas de sua estadia recente, mas de leituras prévias. Ademais, elogia a limpeza e o povo de Bruxelas, que, diferindo dos franceses, não demonstrava interesse em se aproveitar dos estrangeiros.

Ainda sobre os passeios realizados naquele dia, Nísia Floresta discorre sobre a visita ao castelo de Lacken, principal residência dos reis da Bélgica, construído entre 1782 e 1784. A visita estendeu-se ao cemitério, às igrejas, como a de Saint-Gudule, eleita como sua preferida,

⁶⁹⁴ FLORESTA, 1857, p. 5.

⁶⁹⁵ FLORESTA, 1857, p. 12-13. “A senhora S... é uma mulher espirituosa. Segundo afirma, conhece bem Bruxelas, onde mora há muito tempo; quando julga os costumes de seus habitantes, discorre num tom satírico e mordaz. Para ela, Bruxelas, graciosa miniatura de Paris, encerra maior licença de costumes. Não sei se tem razão. Acho, porém, que uma parisiense, conhecendo bem sua cidade, deve abster-se de compará-la, no tocante aos costumes com outra capital, qualquer que seja... Independentemente de outras opiniões, Bruxelas tem para mim dois grandes atrativos: sua extrema limpeza e o ar de liberdade que nela se respira. O povo parece-me polido, simples e laborioso. Observa-se nesse a amabilidade do francês, sem aquela acentuada pressa em agarrar a oportunidade de tirar proveito do estrangeiro”. FLORESTA, 1982, p. 15.

aos jardins botânicos e ao zoológico. Neste último, dirigiu seu pensamento ao Brasil ao ter contato com a natureza. A menção à pátria é uma característica comum aos relatos de viajantes produzidos nos Oitocentos, assim como a descrição dos locais visitados acompanhada das reminiscências históricas. Nísia Floresta oferece ao seu leitor um texto que seguia preceitos previamente estabelecidos; embora não inaugure um estilo literário, imprime seu estilo no que era praticado por autores estrangeiros, que serviram de inspiração para a sua escrita, para moldar o seu olhar sobre as paisagens e as maneiras de experienciar as viagens;

Flora Sussekind⁶⁹⁶, ao apresentar o artigo em que José Brito Broca analisa a experiência de João Manoel Pereira da Silva⁶⁹⁷ como viajante romântico e suas narrativas de viagem à Europa, oferece informações relevantes para o entendimento das constantes referências ao Brasil feitas por Nísia Floresta, pois, anos antes de ela registrar suas impressões de viagem, Pereira da Silva o fizera. Seus relatos de viagem estão registrados em *Viagem pela Alemanha em 1837, Impressões de viagem e Reminiscências*, editados em 1862 pela Livraria de B. L. Garnier⁶⁹⁸. Pela Alemanha, viajou entre os anos de 1834 e 1838. O segundo título é constituído por doze cartas escritas durante sua passagem pela Europa em 1851. O último é composto por suas lembranças da Itália, escritas pós-viagem. Assim como Nísia Floresta, Pereira da Silva estabelece comparações entre os locais visitados e sua pátria.

Pereira da Silva é apresentado por Brito Broca como exceção entre os românticos de seu tempo, que pouco registraram suas impressões de viagem. Sussekind aponta que, nos anos de 1830 e 1840, no Brasil, as produções literárias eram marcadas pelos esforços de construir um Estado-nação centralizado por parte das camadas dirigentes do Império, “a que pertenciam de fato ou de favor os primeiros românticos brasileiros”⁶⁹⁹. Acrescenta:

Em meio às lutas provinciais (Cabanagem, Farroupilha, Sabinada, Balaiada, revoltas de Minas e São Paulo em 1842, Revolta das Alagoas em 1844), às

⁶⁹⁶ SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

⁶⁹⁷ Nascido em 30 de agosto de 1817, em Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, Pereira da Silva viajou para Paris em 1834 para estudar Direito, formando-se em 1838. Pereira da Silva ocupou cargos públicos como fiscal do Banco do Brasil, consultor do Ministério do Império e advogado do Conselho de Estado. Exerceu mandatos como Deputado Geral (1843 a 1844, 1848; 1867 a 1868; 1869 a 1870; 1872 a 1875; 1877; 1882 a 1884; 1886 a 1887) e Senador (1888 a 1889). Como escritor, dedicou-se a diferentes gêneros, com ênfase em biografias e estudos literários. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, em 1897. Faleceu em 1898, na França. Cf.: LABORATÓRIO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA DAS AMÉRICAS. *João Manoel Pereira da Silva (1817-1898)*. Disponível em: <https://leha.fflch.usp.br/es/node/58>. Acesso em: 25 mar. 2025.

⁶⁹⁸ SILVA, João Manuel Pereira da. *Obras literárias e políticas*. Rio de Janeiro: Livraria de B. L. Garnier, 1862. Disponível em: <http://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uiuo.ark:/13960/t72v2t33f;view=1up;seq=10>. Acesso em 25 mar. 2025.

⁶⁹⁹ SUSSEKIND, 1990, p. 66.

rebeliões de escravos e ao fantasma da restauração lusa, tomava-se mais urgente, para a ‘elite ilustrada’, afirmar identidades, origens e essências ‘nacionais’, mapear um Brasil-pitoresco, territorialmente ao menos, coeso e singular⁷⁰⁰.

As viagens pelo Brasil eram incentivadas pelo governo. Os relatos de viagem eram produzidos em maior número por estrangeiros em comparação aos viajantes locais. As narrativas de viagem pela Europa ou pelo Brasil produzidas por brasileiros eram igualmente escassas. Essas narrativas apareciam de modo indireto nas tramas folhetinescas, como ficção. Era interesse do Estado mapear o país e promover a construção de uma nacionalidade, fazendo uso da literatura, entre outros meios, para atingir seu objetivo. Sussekind destaca que:

Mesmo impressões de viagens pela Europa podem de súbito converter-se em expedições pelo país de origem, em mais um exercício de paisagismo e mapeamento do território brasileiro. E este parece ser o destino dos possíveis relatos de viagens por outras terras, outros costumes, no caso desses primeiros românticos brasileiro. [...] a obrigação de descrever e definir um território *nacional* faz com que enxerguem o Brasil em toda parte (grifo da autora)⁷⁰¹.

Pautados, mas não limitados, por essa tentativa de forjar uma nacionalidade através dos discursos escritos, autores brasileiros de relatos de viagem ao exterior se mostravam comprometidos em reafirmar o cenário nacional. Nísia Floresta retorna ao Brasil em pensamento, enaltecendo as belezas naturais de sua pátria. Suprime a ausência dos familiares, imaginando-os junto de si. Isso indica a necessidade de manter os vínculos familiares constantemente enfatizados para a manutenção de sua honra e credibilidade.

Portanto, a escrita de viagem de Nísia Floresta era inspirada em autores europeus que mencionavam sua pátria em termos saudosistas e comparativos, ao mesmo tempo em que estava inserida no contexto de esforços para forjar uma nacionalidade, reforçando o sentimento de pertencimento ao seu país nativo. A nostalgia faz parte da escrita de viagem de Nísia Floresta. Para a compreensão desse sentimento, de acordo com o contexto histórico em estudo, Jean Starobinski elucida que:

A história dos sentimentos e das ‘mentalidades’ levanta uma questão de método, que tem a ver com a relação entre os sentimentos e a linguagem. Os sentimentos cuja história queremos retrair só nos são acessíveis a partir do momento em que se manifestaram, verbalmente ou por qualquer outro meio expressivo. Para o crítico, para o historiador, um sentimento só pode ser objeto de estudo depois que aparece num texto. Nada de um sentimento é captável aquém do ponto em que ele é nomeado, em que se designa e se exprime. Portanto, não é a própria experiência afetiva que se oferece a nós, mas apenas

⁷⁰⁰ SUSSEKIND, 1990, p. 66.

⁷⁰¹ SUSSEKIND, 1990, p. 70-71

a parte da experiência afetiva que passou por um enunciado pode solicitar o historiador⁷⁰².

A designação de um sentimento acarreta mudanças significativas. A verbalização pode suscitar reflexões e críticas, além de contribuir para “fixar, propagar, generalizar a experiência afetiva de que é indício”⁷⁰³. De acordo com Starobinski, a palavra “nostalgia” está relacionada ao surgimento de uma doença caracterizada pela saudade da pátria. A ideia de que os exilados sofriam longe de sua pátria ganhou novos contornos com Johannes Hofer de Mulhouse que, no século XVII, submeteu-a a interpretações do raciocínio médico. Hofer criou a nomenclatura a partir dos termos “retorno” (*nóstos*) e “dor” (*álgos*), e “esse neologismo foi tão bem-aceito que acabou perdendo o sentido primitivamente médico e fundiu-se na língua comum”⁷⁰⁴. A sua entrada no *Dictionnaire de l'Académie* em 1835 aponta para o abandono do seu significado técnico, tornando-se um termo literário. Nísia Floresta oferece a seguinte definição no segundo volume de *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*:

Saudade est un mot qui ne trouve pas d'équivalent dans les autres langues. Il signifie le désir ardent de quelque bien dont on est privé. Si ce bien est le pays natal, et si la saudade présente des symptômes maladifs, elle se traduit par le mot grec *nostalgia*, commun à toutes les langues cultivées. C'est alors le mal du pays des Français, le *heimweh* des Allemands, le *homesick* des Anglais, etc. (grifos da autora)⁷⁰⁵.

Em fins do século XVIII, a disseminação da nostalgia como doença mortal fez surgir o medo de longos afastamentos do próprio país. Por outro lado, os jovens ingleses continuaram a partir para um *Grand Tour*, o que denota as contradições nas mentalidades desse século e que algumas variáveis influenciavam o desenvolvimento da doença, como o poderio financeiro e o objetivo das viagens. Starobinski enfatiza:

É lícito conjecturar que a nostalgia é uma virtualidade antropológica fundamental: é o sofrimento do indivíduo provocado pelo efeito da separação, quando ele ficou dependente do lugar e das pessoas com quem se estabeleceram suas primeiras relações. A nostalgia é uma variedade do luto. [...] Portanto, o que se inventou com a palavra ‘nostalgia’ foi a atitude decididamente descritiva (patográfica) em relação ao sentimento assim designado. [...] Uma vez nomeado, e tendo adquirido uma identidade, um

⁷⁰² STAROBINSKI, Jean. *A tinta da melancolia: uma história cultural da tristeza*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 205.

⁷⁰³ STAROBINSKI, 2016, p. 205.

⁷⁰⁴ STAROBINSKI, 2016, p. 208.

⁷⁰⁵ FLORESTA, 1872, p. 216. “*Saudade* é uma palavra que não encontra equivalência em outras línguas. Significa o desejo ardente de qualquer bem que estejamos privados. Se esse bem é o país natal, e se a *saudade* apresenta sintomas doentios, traduz-se pela palavra grega *nostalgia*, comum a todas as línguas cultas. É então o *mal du pays* dos franceses, o *heimwek* dos alemães, o *homesick* dos ingleses, etc.” (grifos da autora). FLORESTA, 1999b, p. 176.

sentimento não é mais completamente o mesmo. Uma palavra nova condensa o incompreendido que, antes, permanecera difuso. Faz dele um conceito⁷⁰⁶.

O ato constante de transportar a si e ao outro através de sonhos e pensamentos, colocando a todos numa mesma realidade espacial, é outro recurso constantemente utilizado pela escritora, tal como uma fuga para um cenário considerado ideal, antítese da realidade vivida⁷⁰⁷. A escrita de viagem de Nísia Floresta apresenta ambiguidades quanto a esse sentimento, pois, enquanto manifestava tristeza e pesar por estar distante de seu filho, irmãos e de sua pátria, externava a satisfação sentida por finalmente realizar o desejo de viajar. Assim, conforme Lúcio, “ela vai em busca de espaços intelectuais, de uma ‘pátria de espírito’”⁷⁰⁸.

Em 28 de agosto, movida pelo desejo de atender ao pedido de Livia de subir ao Monte do Leão, memorial da Batalha de Waterloo construído na década de 1820, Nísia Floresta registra suas reflexões diante do “*vaste cimetière de l’armée impériale – Waterloo*”⁷⁰⁹. Lúcio informa que o lugar ocupado pelo observador da paisagem era decisivo para a produção da literatura de viagem, pois “os lugares altos (...) permitiam ao viajante um distanciamento para vislumbrar a história, deixar os séculos desfilar, ver a pátria distante e, diante das variações das paisagens, das nuances, descobrir a si mesmo”⁷¹⁰.

Sendo assim, era comum entre os viajantes, independentemente de produzirem relatos de seus itinerários ou não, a procura por lugares altos, indicação de escritores, como Alphonse de Lamartine⁷¹¹, a quem Nísia Floresta declara admiração. Ao subir até o memorial, enfrentando a “*difficile ascension*”, pôde “*pour se livrer un instant à la contemplation de ce site remarquable dont la vue m’inspire les plus profondes réflexions*”⁷¹².

A Batalha de Waterloo, ocorrida em 18 de junho de 1815, foi o confronto decisivo que marcou o fim das chamadas Guerras Napoleônicas. Travada próximo à vila de Waterloo, atual Bélgica, a batalha colocou as forças do imperador francês Napoleão Bonaparte contra a coalizão dos exércitos liderados pelo Duque de Wellington, do Reino Unido, e pelo príncipe Gebhard Leberecht von Blücher, da Prússia. Napoleão, que havia escapado do exílio na ilha de Elba e

⁷⁰⁶ STAROBINSKI, 2016, p. 225-226.

⁷⁰⁷ STAROBINSKI, 2016.

⁷⁰⁸ LÚCIO, 1999, p. XXXIV.

⁷⁰⁹ FLORESTA, 1857, p. 20. “Amplio cemitério do exército imperial – Waterloo”. FLORESTA, 1982, p. 19.

⁷¹⁰ LÚCIO, 1999, p. XII.

⁷¹¹ Poeta, escritor, historiador e político francês. Nasceu em 21 de outubro de 1790, em Mâcon. Publicou *Méditations Poétiques* (1820), *Voyage en Orient* (1835), *Graziella* (1849), entre outros. Defensor da República, teve participação na Revolução de 1848. Serviu como membro do governo provisório e ministro das Relações Exteriores. Faleceu em 28 de fevereiro de 1869, em Paris.

⁷¹² FLORESTA, 1857, p. 23. “difícil subida”; “entregar-se, um instante, à contemplação dessa paisagem notável, cuja visão me inspirou as mais profundas reflexões”. FLORESTA, 1982, p. 21.

reassumido o poder na França, buscava restabelecer seu domínio na Europa. No entanto, os resultados não foram conforme o esperado: a batalha culminou na derrota esmagadora das tropas de Napoleão. O exército francês foi dizimado. A derrota definitiva de Napoleão resultou em sua abdicação e exílio para a ilha de Santa Helena, onde permaneceu até sua morte, em 1821⁷¹³.

No memorial da batalha, Nísia Floresta segue com suas reflexões, lamentando as vidas perdidas no conflito, pessoas comuns, retiradas de seu cotidiano pela ambição de terceiros, causando dor em seus familiares. Outra vez, conecta-se àqueles que estão no Brasil e relaciona a dor sentida pela ausência de sua família com as dores causadas pela guerra, uma forma de dimensionar o tamanho de seu próprio sentimento. Assim, demonstra compreensão pelo sofrimento alheio, ao tempo em que expressa a saudade de seus familiares. Ela informa ter escrito seus nomes no monumento, costume compartilhado por viajantes de diferentes nacionalidades, como forma de registrar sua passagem. Também procuravam as marcas deixadas pelos ilustres escritores viajantes, que popularizaram essa prática⁷¹⁴.

Ainda em Bruxelas, Nísia Floresta se sensibilizou durante a visita a uma fábrica de renda, onde constatou a exploração do trabalho feminino em uma atividade que serviria apenas para “*exciter la coquetterie, à augmenter le luxe frivole des femmes du monde*”⁷¹⁵. As trabalhadoras com idade avançada fizeram-na lembrar de sua mãe, que possuía amor ao trabalho, além de levar uma vida pura e casta. Essas últimas eram qualidades esperadas das mulheres, sendo, portanto, uma maneira de enaltecer a mãe como modelo feminino.

No dia 29 de agosto, Nísia Floresta e Lívia chegaram a Liège e hospedaram-se no Hotel dos Estrangeiros, onde, de sua janela, as colinas verdejantes trouxeram-lhe a recordação de Porto Alegre e de Augusto. A brasileira registrou seu pesar e lamentou a partida precoce do companheiro, destacando que a música que tocava no recinto naquele momento influenciou suas emoções⁷¹⁶. Ainda no século XVIII, acreditava-se que alguns sons poderiam desencadear crises de tristeza intensa, associando melodias à memória. Starobinski aponta que Jean-Jacques Rousseau defendeu a música como sinal memorativo, e explica:

A melodia, fragmento do passado vivido, toca os nossos sentidos, mas arrasta consigo, no modo imaginário, toda a existência e todas as imagens associadas das quais era solidária. O sinal memorativo é uma presença mental que nos faz sentir, com dor e delícia, a iminência e a impossibilidade de restituição

⁷¹³ CORNWELL, Bernard. *Waterloo*: a história de quatro dias, três exércitos e três batalhas. O confronto que deteve Napoleão. Rio de Janeiro: Record, 2015.

⁷¹⁴ LÚCIO, 1999.

⁷¹⁵ FLORESTA, 1857, p. 26. “Exercitar a galanteria, para aumentar o luxo frívolo das mulheres da sociedade”. FLORESTA, 1982, p. 23.

⁷¹⁶ FLORESTA, 1857, p. 28.

completa do universo que se foi e que emerge fugazmente fora do esquecimento. Despertada pelo sinal memorativo, a consciência se deixa invadir por um passado a um só tempo próximo e inacessível⁷¹⁷.

Na segunda metade dos Setecentos, entendeu-se que o sentido da audição era a via pela qual a associação entre os sons e a memória era efetivada, e sons como o ruído das fontes e dos riachos assumiram o mesmo papel que as melodias. Nesse sentido, Starobinski aponta a existência de uma teoria acústica da nostalgia, que contribuiu para a formação da teoria romântica da música e para a definição do romantismo⁷¹⁸.

Em *Itinéraire d'un voyage en Allemagne*, Nísia Floresta dá a devida importância à música e a outros sons para a produção de seu relato e a descrição de suas emoções. Menciona a música alemã e seu impacto em suas lembranças acerca do passado, dos entes queridos e da pátria. Na ocasião do aniversário de morte de Augusto, a música contribuiu para intensificar seu pranto e fez com que seu pensamento, “atravessando os mares e o espaço”, chegasse a Porto Alegre, especificamente à sepultura de seu companheiro. Anteriormente, o som do canto dos pássaros, ouvido durante uma visita ao zoológico, foi capaz de transportá-la para Floresta, propriedade em que nasceu e viveu seus primeiros anos. Em outro momento, credita à música alemã, tocada durante o jantar, a capacidade de elevar a experiência do estrangeiro⁷¹⁹.

Prostrada na igreja de Saint-Jacques, primeiro local que visitou em Liège, orou por Augusto, eternizado em seu coração. Na ocasião, a escritora revela aspectos de sua condição como mãe e viúva. A maneira carinhosa como se refere ao falecido companheiro demonstra não somente o afeto destinado à sua memória, como também demarca seu compromisso com ele, reforçando o status de viúva, indispensável para manter sua respeitabilidade e liberdade de transitar sem acompanhamento masculino em diferentes espaços. Por fim, pediu consolo, pois se encontrava “triste e isolada sobre a terra”⁷²⁰, o que poderia facilmente confundir o leitor, fazendo-o esquecer que seu exílio fora voluntário e que sua solidão era resultado de sua escolha em viajar para longe dos familiares.

Nísia Floresta faz uso da escrita para oferecer informações sobre si ao leitor, especificamente aquelas que a tornavam exemplo de virtudes e digna de honra e respeito. Nesse aspecto, *Itinéraire d'un voyage en Allemagne* não é diferente de outros textos de sua autoria. O discurso autobiográfico informa sobre sua família, seus sentimentos e sua percepção sobre o espaço físico, a cultura e a história dos locais visitados. Por outro lado, é notável o controle das

⁷¹⁷ STAROBINSKI, 2016, p. 215.

⁷¹⁸ STAROBINSKI, 2016.

⁷¹⁹ FLORESTA, 1857.

⁷²⁰ FLORESTA, 1857, p. 29.

palavras para forjar uma imagem de si. Essa era uma prática comum nos Oitocentos, quando homens e mulheres produziam, deliberadamente ou não, uma memória de si através de documentos que remetiam à formação de uma identidade, como diários, correspondências, biografias e autobiografias⁷²¹.

Conforme Duarte, *Itinéraire d'un voyage en Allemagne* contém diversas viagens empreendidas por Nísia Floresta ao mesmo tempo: “A ‘viagem propriamente dita’, que configura o presente da narrativa”, com a descrição de paisagens, castelos, igrejas, universidades; uma viagem que parte do presente em direção ao passado, com rememorações históricas e culturais; e “uma terceira viagem realizar-se-á através de ‘incursões dentro de si mesma’, quando reflete a respeito do que está vivenciando ou se lembra dos parentes distantes”⁷²².

Ainda em Liège, a atenção da autora volta-se para a paisagem: as fábricas, o Palácio da Justiça, a universidade, com os gabinetes de Física, Mineralogia, Zoologia e Anatomia Comparada. Após breve passagem por Spa, Nísia Floresta exclama: “*Nous voilà sur le sol si désiré de l'Allemagne, dans cette ville de Prusse où naquit et mourut Charlemagne, dont les souvenirs sont présents ici partout*”⁷²³. A partir daqui, as menções ao seu passado e à família tornam-se menos frequentes, priorizando os aspectos históricos dos lugares visitados, evidenciando seu conhecimento e interesse pela história alemã. No entanto, a escritora não deixa de ressaltar que seu coração e espírito permaneciam junto de seus familiares, comprometendo a apreciação das cidades percorridas.

Martin Kitchen⁷²⁴ destaca que, na virada do século XVIII para o XIX, o Império Alemão existia como uma miscelânea desgastada de entidades políticas, incluindo Áustria e Prússia, feudos, mosteiros, cidades independentes e aldeias. No entanto, o impacto das guerras revolucionárias francesas e do avanço de Napoleão sobre a Europa trouxe mudanças significativas, como o fim do Sacro Império Romano-Germânico. Os franceses dominaram o território à esquerda do Reno e, em 1803, o mapa da Alemanha foi redesenhado após deliberações que formalizaram os planos dos franceses e russos.

⁷²¹ GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

⁷²² DUARTE, Constância Lima. As viagens e o discurso autobiográfico de Nísia Floresta. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 25, jul./dez. 2009.

⁷²³ FLORESTA, 1857, p. 38. “Eis-nos no solo tão desejado da Alemanha, nesta cidade da Prússia em que nasceu e morreu Carlos Magno, cujas lembranças estão presentes aqui, por toda a parte”. FLORESTA, 1982, p. 29.

⁷²⁴ KITCHEN, Martin. *História da Alemanha moderna de 1800 aos dias de hoje*. São Paulo: Cultrix, 2013.

Com o fim das Guerras Napoleônicas, organizou-se o Congresso de Viena, em 1815, “uma resplandecente assembleia de cabeças coroadas, diplomatas, aventureiros e beldades. O principal propósito era criar uma Europa estável baseada em uma ampla interpretação do princípio da legitimidade”⁷²⁵. Assim, o mapa político da Europa foi redesenhado e a Alemanha, antes fragmentada em mais de 300 estados soberanos, foi reorganizada na Confederação Germânica, formada por 39 estados. O principal objetivo dessa entidade política era manter a estabilidade e o equilíbrio de poder na região. No entanto, a falta de unidade entre os membros dificultava sua eficácia. Kitchen a definiu como inútil, pois “nada fazia para superar as divisões econômicas dentro da Alemanha, deixava de tomar a iniciativa na política de transportes e não criou uma moeda comum. Ela era igualmente passiva nas questões jurídicas”⁷²⁶.

A década de 1840 foi decisiva no desenvolvimento da consciência nacional alemã. O fortalecimento da burguesia ocasionou o choque entre o dinamismo do novo e a imobilidade do velho, gerando radicalismo em ambos os lados. A crise econômica e social foi agravada em 1845, com a crise agrícola, o aumento dos preços dos alimentos, a fome e a proliferação de doenças. Em 1848, eventos iniciados em Paris desencadearam uma série de revoltas pelo continente. Na Alemanha, a revolução foi impulsionada por movimentos liberais e nacionalistas, que reivindicavam reformas políticas, maior representação e unificação nacional.

Em resposta aos protestos, foi convocada a Assembleia Nacional de Frankfurt com o objetivo de elaborar uma constituição para uma Alemanha unificada. Entretanto, as divergências internas e a resistência dos monarcas impediram progressos significativos. Na década de 1850, “a Confederação Alemã estava agora empenhada em desfazer a maior parte das conquistas liberais de 1848”⁷²⁷, e ocorreu o fim da cooperação entre Áustria e Prússia. Portanto, Nísia Floresta encontra uma Alemanha não unificada, com instabilidade social, política e econômica.

Em seu diário de viagem, Nísia Floresta estabelece comparações entre a Alemanha, a França e a Inglaterra, recurso presente em *Da Alemanha*, de Madame de Staël. Ainda que a brasileira fizesse referência aos países que havia visitado, é provável que o livro da escritora francesa tenha lhe servido de inspiração. Nísia Floresta circulou por diferentes espaços de produção e difusão do conhecimento científico, literário e filosófico na Europa, onde pôde formular suas próprias conclusões e endossar sua argumentação em favor da causa feminina

⁷²⁵ KITCHEN, 2013, p. 63.

⁷²⁶ KITCHEN, 2013, p. 65.

⁷²⁷ KITCHEN, 2013, p. 167-168.

nos Oitocentos. Portanto, a escritora brasileira se apropriou⁷²⁸ de diferentes discursos e concepções, formulando seus apontamentos de acordo com a realidade observada.

Madame de Staël visitara a Alemanha na primeira década dos Oitocentos e registrou suas impressões e reflexões em *Da Alemanha*⁷²⁹, finalizado em 1810, mas publicado somente em 1813, em Londres, devido à censura imposta pelo governo francês. A escritora detalha, no prefácio, o processo pelo qual o livro passou até ser finalmente publicado. A escritora entregou o manuscrito, em 1810, ao livreiro que havia impresso *Corina*, certa de que, por não conter suas opiniões acerca do governo francês, não teria embargos para publicá-lo.

Dias depois, relata, surgiu o decreto de que as obras a serem publicadas deveriam passar pelo exame dos censores. Num primeiro momento, diversas passagens foram suprimidas e a publicação fora autorizada. No entanto, o ministro da Polícia, general Savary, “enviou seus guardas à casa do livreiro, com a ordem de despedaçar toda a edição, e de colocar sentinelas nas diversas saídas da loja, no temor de que um só exemplar do perigoso escrito pudesse escapar”⁷³⁰. Assim, os 10 mil exemplares impressos foram destruídos.

Ademais, fora intimada a entregar a cópia original do manuscrito e a deixar a França em 24 horas, o que ela contestou, alegando precisar de oito dias para partir. Em resposta, o ministro da Polícia concedeu o prazo solicitado, afirmou que sua última obra não era francesa, cabendo a ele impedir a publicação⁷³¹. A escritora responde às provocações do referido ministro em seu prefácio, eternizando o embate travado por ambos e demarcando sua posição política. A escritora lamenta o exílio que lhe foi imposto:

Que maneira graciosa de anunciar a uma mulher, então, ai de mim, mãe de três crianças, à filha de um homem que serviu a França com tanta lealdade, que está sendo banida para sempre do lugar de seu nascimento, sem que lhe seja permitido protestar de modo algum contra uma pena reputada a mais cruel, depois da condenação à morte! Existe um *vaudeville* francês no qual um meirinho, gabando-se de sua polidez para com aqueles que conduz a prisão, diz: Como sou amado por todos aqueles que prendo. Não sei se essa era a intenção do general Savary⁷³².

Enfatiza que sua insistência em publicar era oriunda do sentimento de dever de proporcionar ao público o conhecimento do “livro caluniado”, “origem de tantas dores”, oferecido aos franceses, apesar da acusação de que não se tratava de uma obra francesa. Os

⁷²⁸ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

⁷²⁹ STAËL, Madame de. *Da Alemanha*. Tradução de Edmir Míssio. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2017.

⁷³⁰ STAËL, 2017, p. 2.

⁷³¹ STAËL, 2017, p. 3.

⁷³² STAËL, 2017, p. 4.

obstáculos enfrentados pela escritora para publicar o livro e seu posicionamento político foram conhecidos por Nísia Floresta, pois a brasileira era leitora e admiradora de Madame de Staël, a quem menciona direta e indiretamente em seu *Itinéraire d'un voyage en Allemagne*. Em *Opúsculo Humanitário* (1853)⁷³³, Nísia Floresta enaltece a escritora francesa, sua educação, dignidade e energia, conforme o trecho a seguir:

Quando o grande herói do século XIX, fazendo revolver o mundo e curvar ao seu despotismo as cabeças coroadas da Europa, temeu a influência de uma mulher, e a desterrou em Coppet; essa mulher achou em seu espírito assaz de recursos para suportar o exílio, e em sua dignidade assaz de energia para recusar-se depois ao seu chamado. Essa grande potência, perante quem tudo se curvava, teve que devorar a recusa de uma mulher, cujo mérito havia a princípio desdenhado. Napoleão ignorava, como diz Chateaubriand que: ‘o verdadeiro talento só no gênio reconhece Napoleões’. Se muitas outras se não tem portado, em casos semelhantes, com a mesma dignidade e energia, é porque lhes faltam a educação e as luzes que ornavam o espírito da célebre filha de Necker⁷³⁴.

Nísia Floresta aponta que Napoleão fora capaz de grandes conquistas na Europa, mas temeu Madame de Staël. Com o exílio, a escritora francesa refugiou-se em Coppet, Suíça. Mencioná-la como exemplo de mulher educada, capaz de superar as dificuldades e enfrentar uma autoridade acostumada a vencer nos campos de batalha mediante o uso da força é uma maneira de demonstrar a importância da educação feminina, visto que se tratava de uma mulher educada e instruída.

Ferreira defende que a escritora e filósofa francesa foi a principal referência de Nísia Floresta⁷³⁵. Ao percorrer diversos países europeus, Madame de Staël teve contato com artistas e filósofos renomados, e com diferentes fazeres artísticos, literários e políticos praticados no estrangeiro. A autora sugere que o trajeto seguido pela brasileira na Alemanha foi inspirado no relato de Madame de Staël, uma vez que seu livro teve “forte impacto estético, constituindo-se em marco teórico e espécie de ‘certidão de nascimento’ do romantismo francês”⁷³⁶. Nesse sentido, Nísia Floresta inicia sua visita a uma Alemanha fragmentada politicamente e indefinida enquanto nação e tem o olhar mediado por escritores, com apreço especial pelo relato de Madame de Staël, considerando a admiração por seu posicionamento político e à sua escrita.

⁷³³ FLORESTA, Nísia. *Opúsculo humanitário*. Rio de Janeiro: Tipografia de M. A. Silva Lima, 1853. Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasgerais/drg376981/drg376981.html#page/1/mode/1up. Acesso em: 30 jan. 2024.

⁷³⁴ FLORESTA, 1853, p. 32-33.

⁷³⁵ FERREIRA, 2016, p. 30.

⁷³⁶ FERREIRA, 2016, p. 31.

O relato de Nísia Floresta sobre uma manifestação religiosa dos alemães ajuda a indicar a relação entre a obra de ambas, uma vez que a religião foi assunto da quarta parte do livro de Madame de Staël. A brasileira apontou que o povo alemão “*très-religieux, on le dit même fanatique*”⁷³⁷, enquanto a escritora francesa considerou que as nações germânicas seriam naturalmente religiosas, e que entre os alemães havia um “maior apelo ao entusiasmo do que o fanatismo”⁷³⁸. Em *Opúsculo humanitário*, a escritora brasileira parece reproduzir parte dessa sentença quando afirma: “Os alemães, mais entusiásticos que fanáticos, mais pensadores que galantes, concederam à mulher privilégios reais (...)”⁷³⁹.

Em *Itinéraire d'un voyage en Allemagne*, Nísia Floresta afirma que o povo alemão se mostrava polido, franco, amável, sincero e sempre disposto a servir aos estrangeiros, e sua hospitalidade aproximava-o do povo brasileiro. Os alemães possuíam qualidades físicas e morais que dispensavam as “tiradas espirituosas” valorizadas pelos parisienses. Os homens eram francos e leais, enquanto as mulheres eram amáveis e modestas.

Ferreira defende que o perfil do povo alemão traçado por Nísia Floresta apresenta semelhanças com o que foi elaborado por Madame de Staël em *Da Alemanha*⁷⁴⁰. A escritora francesa afirmou:

*Les femmes allemandes ont un charme qui leur est tout-à-fait particulier, un son de voix touchant [...]; elles sont modestes, mais moins timides que les anglaises; on voit qu'elles ont rencontré moins solvante des hommes qui leur fussent supérieurs, et qu'elles ont d'ailleurs moins à craindre des jugements sévères du public. Elles cherchent à plaire par la sensibilité, à intéresser par l'imagination; la langue de la poésie et des beaux-arts leur est connue; elles font de la coquetterie avec de l'enthousiasme, comme on en fait en France avec de l'esprit et de la plaisanterie. La loyauté parfaite qui distingue le caractère des allemands rend l'amour moins dangereux pour le bonheur des femmes [...]*⁷⁴¹.

⁷³⁷ FLORESTA, 1857, p. 59. “Muito religioso; é tido até mesmo como fanático”. FLORESTA, 1982, p. 40.

⁷³⁸ STAËL, 2017, p. 585.

⁷³⁹ FLORESTA, 1853, p. 16.

⁷⁴⁰ FERREIRA, 2016, p. 29-33.

⁷⁴¹ STAËL, Madame de. *De l'Allemagne*. Paris: H. Nicolle, 1810. p. 37. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b86232882/f5.item#>. Acesso em: 25 abr. 2025. “As mulheres alemãs têm um encanto que lhes é inteiramente peculiar, um som de voz tocante [...]; elas são modestas, mas menos tímidas que as inglesas; vê-se que tiveram menos ocasião de encontrar homens que lhes fossem superiores, e que, além disso, têm menos a temer os julgamentos severos do público. Elas procuram agradar pela sensibilidade, interessar pela imaginação; conhecem a linguagem da poesia e das belas-artes; sua coqueteria é feita com entusiasmo, tal como se faz na França de modo espirituoso e divertido. A lealdade perfeita distingue que o caráter dos alemães torna o amor menos perigoso à felicidade das mulheres [...]”. STAËL, 2017, p. 30.

Enquanto Madame de Staël dedicou a primeira parte de seu livro, intitulada *Da Alemanha e dos costumes alemães*, composta por vinte capítulos, para abordar os mais diferentes aspectos da sociedade e cultura alemã, Nísia Floresta teceu comentários pontuais a esse respeito, conforme avançava em sua viagem e tinha contato com as diversas manifestações culturais desse povo. A escritora brasileira afirmou:

*La franchise et la loyauté parfaite des hommes, l'aimable et vraie modestie des femmes, dont un son de voix charmant, qui leur est particulier, rehausse les autres qualités physiques et morales, suppléent chez les unes et les autres à l'absence de ces saillies d'esprit, naturelles ou fabriquées, si hautement vantées dans la société parisienne. Dans le peu que j'ai observé depuis que je suis sur le sol allemand, je me confirme dans l'opinion que je m'étais formée de ce peuple, et dont le résumé se trouve dans mon Opuscul humanitaire*⁷⁴².

Como bem afirma Nísia Floresta, sua opinião sobre o povo alemão fora registrada em 1853, em *Opúsculo humanitário*. Essa foi formulada com a leitura de autores que versavam sobre a Alemanha, dentre eles Madame de Staël. Ambas destacam a lealdade perfeita dos homens alemães, a modéstia, a moral e a voz encantadora das mulheres alemãs, e estabelecem comparação com a sociedade francesa.

Nísia Floresta “se distingue como leitora abalizada de uma galeria de autores e autoras que marcaram a produção intelectual da França desde o Iluminismo, ao mesmo tempo em que, ao forjar-lhe o espírito, fornecem modelos e compõem sua vasta e incomum erudição”⁷⁴³. Considerando que a escritora brasileira segue a tradição de referenciar escritores viajantes que a antecederam, torna-se compreensível o uso dessas ideias e expressões semelhantes.

Se em *Opúsculo humanitário*, Nísia Floresta baseou suas análises nas leituras feitas sobre a Alemanha, em *Itinéraire d'un voyage en Allemagne* a escritora emite sua opinião, nem sempre em conformidade com os autores consultados, transformando o que lera em conhecimentos novos, baseados, agora, em sua própria experiência de viagem. Portanto, ainda que *Da Alemanha* lhe tenha servido, em algum momento, de inspiração ou roteiro de viagem, Nísia Floresta demonstra autonomia em sua escrita, apropriando-se de leituras prévias e transformando-as de acordo com sua vivência.

⁷⁴² FLORESTA, 1857, p. 98-99. “A franqueza e a lealdade perfeita dos homens, a amável e real modéstia das mulheres, que têm um tom de voz encantador, bem peculiar, realçando-lhes as outras qualidades físicas e morais! ... Por isso, não lhes fazem falta as tiradas espirituosas, naturais ou fabricadas, tão altamente gabadas na sociedade parisiense. Pelo pouco que observei, desde que estou em solo alemão, confiro-me na opinião que me formara desse povo e cujo resumo se acha em meu *Opúsculo humanitário*”. FLORESTA, 1982, p. 61.

⁷⁴³ FERREIRA, 2016, p. 33.

Ao passar pela estrada entre Verviers e Aix-la-Chapelle, Nísia Floresta reflete acerca do tempo e expressa sua perspectiva histórica presente em outros de seus textos⁷⁴⁴. Transportando-se, mais uma vez, no tempo e no espaço através de seus pensamentos, reflete sobre o futuro de sua pátria. Sua visão é otimista, ainda que considere que o Brasil estivesse atrasado em relação à Alemanha. No decorrer de *Itinéraire d'un voyage en Allemagne*, a escritora evidencia seu conhecimento sobre o passado, suas percepções sobre o presente e as suas expectativas quanto ao futuro.

François Hartog⁷⁴⁵ colabora para o entendimento da relação que Nísia Floresta estabelece com a história e como ela atua como historiadora do tempo presente. O autor apresenta a noção de regime de historicidade: “uma maneira de engrenar passado, presente e futuro ou de compor um misto das três categorias”. Por “historicidade”, afirma, entende-se essa “experiência primeira de *estrangement*, de distância de si para si mesmo que, justamente, as categorias de passado, presente e futuro permitem apreender e dizer, ordenando-a e dando-lhe sentido”⁷⁴⁶. Em síntese, regime de historicidade refere-se à maneira como diferentes épocas e sociedades se relacionam com o tempo e a história, formulando compreensões distintas do tempo histórico.

A partir da experiência de Chateaubriand, Hartog delinea o que seria a crise entre o antigo e o novo regime de historicidade moderno, o mesmo que influenciou a vida e a produção escrita de Nísia Floresta. Chateaubriand foi escolhido por representar o moderno, estar em uma “brecha do tempo”, e por ser capaz de identificar esse momento como de crise. Ele teve a vida modificada pela Revolução Francesa e, fazendo parte da nobreza, conseguiu perceber as transformações de seu tempo. Como viajante, teve contato com diferentes percepções do tempo e da cultura.

Reinhart Koselleck⁷⁴⁷ destaca o esvaziamento do conceito de história enquanto exemplo e repetição. Se antes acreditava-se que a história era cíclica, o conceito moderno permitiu a compreensão do distanciamento entre o campo da experiência e o horizonte da expectativa. A Revolução Francesa, por outro lado, provocou a aceleração do tempo, momento em que as transformações são perceptíveis e incidem diretamente sobre determinada sociedade.

⁷⁴⁴FLORESTA, 1857, p. 39.

⁷⁴⁵ HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presenteísmo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

⁷⁴⁶ HARTOG, 2013, p. 12.

⁷⁴⁷ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

Chateaubriand se via confrontado entre a dissolução da *historia magistra vitae*, que expressava a concepção clássica da história enquanto fornecedora de exemplos, e a formação de um novo paradigma: “Ele quer compreender, mas também quer prever – com os instrumentos intelectuais de que dispunha na época: o exemplo e o paralelo –, considerando as revoluções antigas e modernas ‘em suas relações com a Revolução Francesa’”⁷⁴⁸. Chateaubriand, como outros intelectuais de seu tempo, acreditava na necessidade de observar o passado para compreender o presente e, possivelmente, prever o futuro. Como repetição, era necessário considerar as particularidades de cada povo, levando à operacionalização do reconhecimento de diversos costumes⁷⁴⁹.

Nísia Floresta compartilhava, em certa medida, das concepções daquele período. Logo, o seu entendimento sobre a história e o tempo permitia-lhe especular o futuro a partir da análise do passado e das percepções do presente. Observando o povo alemão e conhecendo sua história, a escritora estabelece paralelos com a situação do Brasil e o atraso por ela denunciado. Em *Opúsculo humanitário*, a escritora utilizou como recurso o recuo na história para enfatizar a importância da educação feminina em diferentes tempos e sociedades. A perspectiva de um futuro “mais feliz” é condicionada pela urgência de solucionar problemas por ela outrora apontados, como oferecer uma educação digna às mulheres, pôr fim à escravidão e preservar a vida dos indígenas⁷⁵⁰.

Expressando o estranhamento ao ouvir somente a língua alemã, pois estava acostumada com o francês, mesmo na Bélgica, “*de sorte que je m’étais crue jusqu’ici encore dans la France, que je considère comme une seconde patrie*”⁷⁵¹, revela o seu apreço pela França. Partindo para Colônia, lamentou, outra vez, a distância em que se encontrava de seus familiares, afirmando: “*et, telle que le condamné debout derrière la porte de bronze qui lui barre la sortie de son cachot, je baisse la tête et je marche*”⁷⁵². Assim, ao comparar sua situação à de um prisioneiro, ignora propositalmente que a viagem foi uma iniciativa própria. Com essas palavras, substitui a imagem de uma mulher viajando sozinha por livre escolha, desfrutando de uma liberdade incomum ao seu sexo naquele período, por outra: a de uma mulher aprisionada pelo sofrimento causado pela ausência de seus entes queridos.

⁷⁴⁸ HARTOG, 2013, p. 103.

⁷⁴⁹ HARTOG, 2013.

⁷⁵⁰ FLORESTA, 1853.

⁷⁵¹ FLORESTA, 1857, p. 40. “De maneira que eu me sentira até aqui ainda na França, que considero uma segunda pátria”. FLORESTA, 1982, p. 30.

⁷⁵² FLORESTA, 1857, p. 49-50. “E, qual condenado face à última porta de bronze que lhe barra a saída do calabouço, abaixo a cabeça e marchar”. FLORESTA, 1982, p. 35.

Em direção a Coblença, reafirma seu interesse pelas ruínas e pelas paisagens, assim como fora instruída pela leitura de viajantes que a precederam. Esses escritores de viagem, como Chateaubriand e Bernardin de Saint-Pierre⁷⁵³, colaboraram para a elaboração de reflexões em torno das ruínas, pois “contemplar as ruínas era deixar a história desfilar diante dos olhos e dos ouvidos da imaginação”⁷⁵⁴. Sua estadia não difere da vivenciada nos locais visitados anteriormente: observa as ruas, praças, igrejas católicas, o templo evangélico e a sinagoga.

Na Mogúncia, antes de sua partida para Frankfurt, Nísia Floresta se despede de Madame B., na companhia de quem passeava há três dias. A despedida leva-a a refletir: “*Il est triste de se voir; de s’aimer pour se quitter aussitôt! Ce sont là pourtant les liaisons de touristes! Mon esprit aime les voyages, mon être physique s’y complaît, mais mon cœur ne sera jamais voyageur*”⁷⁵⁵. É assim que Nísia Floresta resume sua relação com o ato de viajar: ainda que sentisse apreço pela descoberta de novos prazeres proporcionados pelas viagens, seu coração permanecia vinculado àqueles que amava e que havia deixado em sua pátria.

Em Frankfurt, onde permaneceu entre os dias 8 e 10 de setembro, Nísia Floresta tornou a ressaltar a importância da imaginação para suprimir distâncias. Afirmou: “*L’imagination, cette bienfaitante faculté, triomphe de la distance qui nous sépare, en vous représentant sans cesse à mes côtés partout où je dirige mes pas*”⁷⁵⁶. Manifestou o desejo de morar em Frankfurt, atraída pelo comércio, pela localização às margens do Meno, pelos belos edifícios e pela cordialidade dos habitantes. Por isso, arrepende-se de ter fixado residência em Paris, dispendiosa, em vez de ter seguido o impulso de continuar viajando pela Europa. O contato com a Alemanha, com seus habitantes e costumes, a fez perceber que desejava permanecer ali.

Após o jantar no primeiro dia em Frankfurt, Nísia Floresta seguiu à procura do novo hospital do Espírito Santo, uma vez que esses locais faziam parte do roteiro das mulheres viajantes. Lúcio afirma que “as viajantes faziam as inevitáveis visitas aos asilos, casas de caridade, hospitais e prisões, obrigações filantrópicas exigidas às mulheres pela sociedade, cada

⁷⁵³ Nasceu em 19 de janeiro de 1737. Escritor e botânico francês. Autor de *Voyage a l’isle de France* (1773), *Études de la nature* (1784) e *Paul et Virginie* (1787). Faleceu em 21 de janeiro de 1814. Cf.: BERNARDIN de Saint-Pierre. *Infopédia: Dicionários Porto Editora*. Porto. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/artigos/\\$bernardin-de-saint-pierre](https://www.infopedia.pt/artigos/$bernardin-de-saint-pierre). Acesso em: 23 abr. 2025.

⁷⁵⁴ LÚCIO, 1999, p. VIII.

⁷⁵⁵ FLORESTA, 1857, p. 94. “É triste ver-se, querer-se bem, para deixar-se logo em seguida! São, assim, no entanto, as ligações de turistas! Meu espírito ama as viagens, meu ser físico nela se compraz, mas meu coração nunca será viajor”. FLORESTA, 1982, 58.

⁷⁵⁶ FLORESTA, 1857, p. 96. “A imaginação, faculdade benfazeja, triunfa sobre a distância que nos separa, representando vocês, constantemente ao meu lado, por toda parte a que dirijo meus passos”. FLORESTA, 1982, p. 59.

vez mais, que não eram esquecidas nem mesmo em viagens”⁷⁵⁷. Em seu caminho, a brasileira se deparou com uma senhora que falava francês e que se ofereceu para acompanhá-la, esposa de um advogado da cidade, cuja conversa, “*dans laquelle le sentiment maternel ressortait avec une exquise tendresse, m’intéressa profondément*”⁷⁵⁸.

O sentimento materno é um dos assuntos mais caros para Nísia Floresta, abordado frequentemente em seus escritos. No hospital, lembra-se do cunhado, o médico José Henrique de Medeiros. O episódio, em sua totalidade, evidencia a conservação da feminilidade e dos laços familiares da escritora brasileira, ainda que não tenha sido sua intenção demarcar esses valores em seu registro. Mesmo quando assumiam lugares ocupados predominantemente por homens, era necessário que essas mulheres se autoafirmassem, fosse por meio de atitudes ou da palavra escrita, enquanto seres femininos que não abandonavam as características consideradas inerentes ao seu sexo.

Ao iniciar a carta sobre seu último dia em Frankfurt, Nísia Floresta destaca a importância de viajar como “*le moyen le plus sûr pour alléger le poids d’une grande douleur qui nous mine lentement*”⁷⁵⁹. Dentre os locais visitados, estava o Instituto de Senckenberg, formado por um museu de História Natural, uma sala de Anatomia, um jardim botânico e uma biblioteca, onde viu livros de naturalistas alemães sobre o Brasil. Foi à Biblioteca da Cidade, à catedral, aos hospitais dos burgueses e dos israelitas, à sinagoga e à Judengasse, a rua dos judeus. Além desses, foi à Praça Goethe, onde relembrou o tempo em que pensar em conhecer a Alemanha era como um sonho distante. O escritor teve relevância significativa para o romantismo alemão e para a literatura de viagem, pois ajudou a definir uma nova perspectiva sobre o viajar.

Em Heidelberg, Nísia Floresta admirou as ruínas do castelo e relacionou-as ao passado. Caracterizou a si e à filha como estrangeiras solitárias, cuja melancolia fora despertada pelas reminiscências históricas do local visitado. Adiante, recordou-se do Rio de Janeiro e de suas montanhas, e voltou a lamentar a ausência do filho, dos irmãos e das amigas. Assim, as belezas da paisagem só se tornavam apreciáveis graças ao pensamento que a conectava à sua pátria.

Nísia Floresta foi acometida por uma indisposição que a deixou dois dias retida no leito, mal-estar que acreditou que lhe seria fatal. Com a saúde restabelecida, nas montanhas de

⁷⁵⁷ LÚCIO, 1999, p. XV.

⁷⁵⁸ FLORESTA, 1857, p. 97. “Em que salientava o sentimento materno, com fina ternura, interessou-me profundamente”. FLORESTA, 1982, p. 60.

⁷⁵⁹ FLORESTA, 1857, p. 109. “o meio mais seguro de aliviar o peso se uma grande dor que nos mina lentamente”. FLORESTA, 1982, p. 67.

Heidelberg, rememora o passeio nos aquedutos da Carioca, mas avalia de maneira negativa a paisagem artificial dos campos brasileiros:

*Le vandalisme qui abat les beaux arbres des environs de Rio pour assouvir les caprices d'une civilisation factice n'est connu dans les environs d'aucune des villes que j'ai visitées ; et l'on peut dire, sans craindre le reproche de partialité, que la vraie civilisation se fait plus sentir dans quelques-unes des forêts de l'Europe que dans certains villages de notre vaste empire*⁷⁶⁰.

A crítica à interferência humana sobre as paisagens naturais do Rio de Janeiro é feita em outros textos de sua autoria⁷⁶¹. Nísia Floresta repudiava a tentativa das autoridades e de parte da elite do Brasil de europeizar o país, especialmente, quando não havia investimentos necessários para valorizar a natureza. A artificialidade da paisagem refletia o interesse em apagar as raízes nativas. Em síntese, a escritora defendia que as reformas do espaço urbano deveriam propiciar um ambiente salubre para seus habitantes e que a natureza fosse devidamente reverenciada. Enquanto observava os europeus preservando a natureza e o passado, percebia o Brasil percorrendo o caminho inverso.

Observando um grupo de crianças andando pelo campo acompanhado de seus pais, próximo a uma diversidade de frutas, sem, no entanto, colhê-las, a escritora lamenta a miséria de parte do povo francês, enquanto a outra desfrutava do luxo. A brasileira indaga: “*si c'est aux vertus particulières du peuple allemand ou à la sagesse de son gouvernement que l'on doit attribuer ce bien-être dont le spectacle me touche*”⁷⁶², comparando, outra vez, de maneira crítica, a realidade observada entre as sociedades alemã e francesa. Sobre os diferentes usos da cidade, Nísia Floresta registra:

*Cette ville, la plus studieuse et la plus savante du Palatinat, est le rendez-vous non seulement des touristes désœuvrés, qui préfèrent en général les villes des eaux et leur élégante société, mais particulièrement des artistes et des poètes, qui trouvent dans les nombreuses promenades de ses environs l'immense et éloquent livre de la nature tout ouvert à leur imagination et à leur cœur ; ils peuvent lire dans chacune de ces montagnes et de ces sites une page intéressante, héroïque ou terrible des temps passés*⁷⁶³.

⁷⁶⁰FLORESTA, 1857, p. 131-132. “O vandalismo que abate as lindas árvores dos arrabaldes do Rio, para saciar os caprichos de uma civilização artificial, não é conhecido nos subúrbios de nenhuma das cidades que visitei. Pode-se dizer, sem temer a censura da parcialidade, que a verdadeira civilização se faz sentir mais em algumas das florestas da Europa do que em certas aldeias do nosso vasto império”. Floresta, 1982, p. 78.

⁷⁶¹ Entre os textos que contemplam essa temática, destacamos: Um Improviso, na manhã do 1º do corrente, ao distinto literato e grande poeta, Antônio Feliciano de Castilho (1855), Passeio ao Aqueduto da Carioca (1855), e Viagem magnética (1859).

⁷⁶² FLORESTA, 1857, p. 139. “Se é às virtudes particulares do povo alemão ou a sabedoria de seu governo que se deve atribuir esse bem-estar cujo espetáculo me comove”. FLORESTA, 1982, p. 82.

⁷⁶³ FLORESTA, 1857, p. 142. “Esta cidade, a mais estudiosa e sábia do Palatinado, é o ponto de encontro não somente dos turistas desocupados, que preferem em geral as cidades das águas e sua elegante

Assim, Heidelberg poderia agradar desde o “turista desocupado” até aquele que buscava conhecimento e se interessava pelos “tempos passados”, sendo este último o caso de Nísia Floresta. Com pesar, a escritora viajante deixa a cidade, cujos atrativos cativaram seu coração. As amigadas que cultivou, apesar da curta estadia, “*étaient émues en nous voyant partir. Elles me firent promettre d’y retourner lorsque j’aurais le bonheur d’avoir mon fils avec moi*”⁷⁶⁴. A menção às relações que estabelece durante a viagem mostra sua capacidade de criar vínculos e despertar admiração por onde passava. Intencionalmente ou não, por meio das palavras, Nísia Floresta se autoafirma inserida no contexto intelectual europeu e confere valor às trocas culturais estabelecidas com os habitantes locais, com os conhecidos em Paris e com outros estrangeiros que, assim como ela, viajavam pela Alemanha.

Em 20 de setembro, partiu, então, para Karlsruhe, onde se hospedou no Hotel de Paris. Na cidade, encantou-se com o laranjal que cercava o palácio do duque, que achou superior ao de Versalhes. Os jardins fizeram-na lembrar dos campos do Rio de Janeiro e a presença de uma professora italiana fez com que recordasse sua atuação como educadora. Anotou:

*Elle me rappela le souvenir d’une institutrice dont le cœur et l’esprit s’harmoniaient pour instruire la jeunesse : seulement, celle-ci se bornait à faire des leçons entre les murs d’un établissement et dans un pays où l’on ne comprend pas encore toute la portée d’une éducation générale, qui forme à la fois le moral et le physique*⁷⁶⁵.

Enquanto Nísia Floresta sentia-se incompreendida em seu país, lembre-se de que foi chamada de “pobre diretora” em publicação de *O Mercantil* de 1847⁷⁶⁶, a italiana era valorizada no desempenho de sua função. Ambas conversaram, e a brasileira pondera, após a despedida:

Les deux institutrices étrangères se rencontrèrent sur le sol allemand, l’une déchue de ses espérances de vingt années de dévouement et de travail, l’autre enivrée de la perspective riante que lui offre son début dans la vie qu’elle commence à peine [...] ; l’une franchissant le portique enguirlandé du temple des illusions, l’autre tournant le dos à ses attrails mensongers, pour retremper

convivência, mas particularmente dos artistas e dos poetas que deparam, nos numerosos passeios de seus arredores, o imenso e eloquente livro da natureza, inteiramente aberto a imaginação e ao coração ponto em cada uma dessas montanhas e desse sítios, podem ler uma página interessante, heroica ou terrível, dos tempos passados”. FLORESTA, 1982, p. 84.

⁷⁶⁴ FLORESTA, 1857, 145. “Comoveram-se, vendo-nos partir. Obrigaram-me a prometer que voltaria, tão logo tivesse a felicidade de ter meu filho comigo”. FLORESTA, 1982, p. 85.

⁷⁶⁵ FLORESTA, 1857, p. 147. “Fez-me lembrar uma professora cujo coração e espírito se harmonizavam para instruir a juventude; apenas, limitava-se a ministrar lições entre os muros de um estabelecimento e num país onde não se compreende ainda toda a relevância de uma educação geral, que forme ao mesmo tempo o moral e o físico”. FLORESTA, 1982, p. 86.

⁷⁶⁶ INSTRUÇÃO pública: revista dos colégios da capital. *O Mercantil*. Rio de Janeiro, ano 4, n. 17, p. 3, 17 jan. 1847.

*son âme dans l'étude de la vie réelle, qui lui pèse sans pourtant la décourager*⁷⁶⁷.

A professora italiana é tal como um espelho para Nísia Floresta, onde ela pode observar a si mesma quando mais jovem. A escritora lamentou que os vinte anos devotados à educação de meninas não tenham sido compreendidos ou valorizados pelos pais no Brasil, gerando a quebra de suas ilusões, mas não a perda de sua coragem. De fato, fora da sala de aula e dos muros do Colégio Augusto, Nísia Floresta continuou a advogar pela educação feminina por meio da escrita. Em solo europeu, seguia demonstrando preocupação quanto ao estado da educação oferecida às mulheres em sua pátria, que permanecia em atraso, especialmente em relação aos países que ela havia conhecido.

A correspondência escrita por Nísia Floresta em Cannstatt, penúltima cidade alemã de seu itinerário, ilustra a maneira como expressava seus sentimentos em relação à família que ficara no Brasil e às suas concepções acerca da Alemanha e de sua pátria. Vejamos:

*Bonsoir, chers objets de mon cœur. En jetant sur le papier, chaque jour, mes impressions dans cette Allemagne qui me séduit, je me figure que je vous parle à vous-mêmes, ici, à mes côtés où vous vivez par la force de mon imagination, plus vivement depuis que je voyage sur le sol de la vieille Germanie*⁷⁶⁸.

A saudação reforça a tentativa de suprimir a ausência física da família, reafirmando a imaginação como instrumento de aproximação. Nísia Floresta assume o papel de estrangeira, de viajante, alternando sua atenção entre o presente e o passado, entre as paisagens que admira e a nostalgia de sua pátria. Sua narrativa não se concentra apenas no que vê; a presença constante do filho e dos irmãos em pensamento é um impeditivo para uma experiência completamente feliz em solo estrangeiro. Ainda que a escolha de viajar tenha sido sua, baseada no desejo de findar a tristeza causada pelo luto, ela não deixa de lamentar a distância estabelecida por sua partida. Prossegue:

Entre la civilisation avancée de ce pays et celle du nôtre, je trouve quelques points de rapprochement dans certaines choses qui m'attachent davantage à cette terre: la franchise, la sincérité, l'affection sympathique, l'hospitalité, qualités naturelles du peuple brésilien, qu'une civilisation mal transplantée d'Europe, et plus mal cultivée encore, tend chaque jour à faire dégénérer, se

⁷⁶⁷ FLORESTA, 1857, p. 148. “Assim, as duas professoras estrangeiras encontramo-nos no solo alemão: uma decepcionada com suas esperanças de vinte anos de devotamento e trabalho; a outra embriagada pela perspectiva risonha que oferece este começo na vida que apenas inicia. (...) uma atravessando o pórtico engrinaldado do tempo das ilusões; a outra dando as costas a seus atrativos mentirosos, para retemperar a alma no estudo da vida real, que lhe pesa sem, todavia, desencorajá-la”. FLORESTA, 1982, p. 87.

⁷⁶⁸ FLORESTA, 1857, p. 162. “Bom dia, queridos objetos de meu coração. Lançando sobre o papel cada dia minhas impressões nesta Alemanha que me seduz, imagino falar-lhe diretamente, aqui, a meu lado, onde vocês vivem pela força de minha imaginação, de forma mais viva desde que viaja no solo da velha Germânia”. FLORESTA, 1982, p. 94.

*trouvent chez le peuple allemand, et y règnent à travers toutes les transformations par lesquelles ce peuple a passé depuis tant de siècles! L'éducation y a conservé, en grande partie, les mœurs patriarcales, surtout dans les villes et dans les campagnes plus éloignées du contact des étrangers, chargés du fluide électrique du soidisant progrès moderne. C'est un plaisir que de contempler un ménage dans ces endroits dont je vous parle, d'écouter la mère de famille, le père ou l'aïeule; on aime à entendre la conversation naïve de la jeune fille instruite et laborieuse, cachant comme la violette, sous le voile de la modestie, le parfum des qualités précieuses qu'elle ignore elle-même*⁷⁶⁹.

A afinidade de Nísia Floresta com a Alemanha aumenta ao observar semelhanças entre alemães e brasileiros. Ela acreditava que a civilização portuguesa ameaçava as qualidades do povo brasileiro. Desde 1838, com a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), havia um esforço para definir a identidade e a nação brasileira. Enquanto alguns afirmavam a superioridade dos portugueses em relação aos indígenas e negros⁷⁷⁰, Nísia Floresta via essa preponderância como fonte de vícios morais e físicos, evidenciados pela subjugação mediante o uso da violência imposta pelos primeiros sobre os demais⁷⁷¹.

Por fim, o comentário acerca da família e da educação feminina coincide com aqueles feitos em *Opúsculo humanitário*, quando afirmou: “É ainda na Alemanha que se encontra o verdadeiro tipo do espírito de família, e do respeito tributado à velhice”⁷⁷², e que “os alemães (...) concederam à mulher privilégios reais, baseados na educação sólida desse povo, por demais profundo e morigerado para compreender toda a importância (...) da matrona esclarecida edificando os filhos e o sexo com exemplos de uma sã moral”⁷⁷³.

⁷⁶⁹ FLORESTA, 1857, p. 162-163. “Entre a civilização avançada deste país e a do nosso, encontro alguns pontos de aproximação em certas coisas que me vinculam mais a esta terra. A franqueza, a sinceridade, a afeição simpática, a hospitalidade, qualidades naturais ao povo brasileiro, que uma civilização, mal transplantada da Europa e sobretudo ainda muito mal cultivada, tende cada dia a fazer degenerar, encontram-se no povo alemão e reinam através de todas as transformações pelas quais este povo passou desde tantos séculos! A educação conservou aqui, em grande parte, os costumes patriarcais, sobretudo nas cidades e campos mais afastados do contato com os estrangeiros imbuídos do fluido elétrico do pretenso progresso moderno. É um prazer, nestes lugares, contemplar um lar, escutar a mãe de família. o pai ou a avó. É bom ouvir a conversa singela da moça instruída e trabalhadora, escondendo como a violeta, sob um véu da modéstia, o perfume das qualidades preciosas que ela mesma ignora”. FLORESTA, 1982, p. 94.

⁷⁷⁰ GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-27, 1988.

⁷⁷¹ Essas ideias são defendidas com profundidade em *Opúsculo humanitário* (1853).

⁷⁷² FLORESTA, 1853, p. 19.

⁷⁷³ FLORESTA, 1853, p. 16.

Ainda em Cannstatt, Nísia Floresta expressa sua admiração pelo teatro alemão, que considera superior ao francês. No teatro, ela conversou com uma “moça de postura distinta”, o que a fez lembrar dos seus tempos como professora:

*Et je plaignais intérieurement, comme je fais toujours en pareille occasion, une partie de ces nombreux groupes de jeunes filles qui m'ont coûté tant d'efforts du cœur pour les bien instruire, et qui ont si peu réussi au gré de mes désirs. C'est que l'institutrice, pour les élever et orner leur esprit, n'avait que quelques mois, quelques années ; et leurs familles, loin de suivre la même méthode, détruisaient, au contraire, toutes les leçons reçues, et donnaient quelquefois des exemples contraires*⁷⁷⁴.

Nísia Floresta revisita suas memórias por meio da escrita em várias passagens de *Itinéraire d'un voyage en Allemagne*. Durante a ida ao teatro, a escritora conversa com uma jovem que desperta suas lembranças acerca de sua experiência como professora, especialmente das dificuldades que encontrou para efetivar seu projeto educacional em benefício das meninas brasileiras. Como empecilhos para o sucesso do seu empreendimento, ela destaca os pais com mentalidade antiquada⁷⁷⁵. Assim, também temos acesso aos seus ressentimentos, confidenciados, a princípio, aos seus familiares.

Na carta escrita em Baden-Baden, última cidade alemã de seu roteiro, Nísia Floresta descreve momentos de sua infância ao lado dos irmãos em Floresta, localidade onde nasceu, após passar pelos lagos próximos a Stuttgart. A cidade é considerada arrebatadora pela escritora. Ali, visitou castelos, jardins e uma casa de conversação, que contava com sala de jogos, de música, de conversação, de leitura e outras duas, onde aconteciam bailes e representações. Essas casas eram frequentadas por ambos os sexos e eram importantes locais para compartilhar conhecimentos. A presença da brasileira nesses espaços mostra seu envolvimento na vida intelectual europeia. Despedindo-se da Alemanha, escreveu:

*Ô vous dont le souvenir se réveille plus vivement dans mon esprit depuis que je suis sur le sol germanique, recevez, dans ces lignes, mes derniers adieux de cette terre qui m'a tant charme ! Baden-Baden est ma dernière étape de l'Allemagne, que je vais quitter à regret. Si un jour j'y reviens avec vous, un de mes rêves les plus constants, depuis que je la connais, sera réalisé*⁷⁷⁶.

⁷⁷⁴ FLORESTA, 1857, p. 164-165. “Passei então a lamentar interiormente, como faço sempre em ocasião semelhante, algumas daquelas moças cuja instrução me custava tantos esforços do coração e que tiveram tão pouco sucesso, apesar de meus desejos. A professora, para educá-las e ornar seu espírito, dispunha apenas de alguns meses, alguns anos; e suas famílias, longe de seguir o método, destruíam todas as lições recebidas”. FLORESTA, 1982, p. 95.

⁷⁷⁵ Nísia Floresta disserta a esse respeito em *Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta* (1847) e em *Opúsculo humanitário* (1853).

⁷⁷⁶ FLORESTA, 1857, p. 195. “Vocês, cuja lembrança surge mais vivamente em meu espírito desde quando estou no solo germânico, recebam, nessas linhas, meus últimos adeuses desta terra que tanto me encantou! Baden-Baden é minha última etapa da Alemanha que vou deixar a contragosto. Se um dia

Assim, encerra seu itinerário pela Alemanha, reafirmando seu encantamento e o desejo de um dia retornar acompanhada de sua família. No entanto, o livro continua. A escritora incluiu as correspondências enviadas durante sua peregrinação ao túmulo de Georges-Louis Duvernoy⁷⁷⁷, falecido no ano anterior, com quem desenvolveu sincera amizade. Assim, registrou sua ida a Estrasburgo, Mulhouse, Montbéliard, Hérimoncourt e, por fim, seu retorno a Estrasburgo, entre os dias 27 e 30 de setembro.

Em *Itinéraire d'un voyage en Allemagne*, Nísia Floresta incluiu sua passagem pela Bélgica e o retorno à França, onde possuía moradia fixa. As correspondências reunidas no livro tinham como motivação inicial manter o diálogo com os familiares que permaneciam no Brasil. Nesse sentido, é compreensível que apresentem pensamentos e sentimentos íntimos, compartilhados com pessoas de sua confiança. Ao escrever as cartas, geralmente, ao final do dia, a brasileira registra suas impressões de viagem. Com a publicação do que se pretendia íntimo, Nísia Floresta passou a integrar o restrito grupo de mulheres brasileiras que produziram literatura de viagem. Seus próximos destinos, a Itália e a Grécia, também foram registrados e são analisados a seguir.

4.3 “A Itália é um imenso livro vivo”⁷⁷⁸: história, cotidiano e política em *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*

Nísia Floresta e Livia partiram da França rumo à Itália em março de 1858, onde permaneceram até junho de 1861, incluindo uma visita de aproximadamente um mês à Grécia em 1859. A escritora brasileira registrou suas impressões de viagem em *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*, dividido em dois volumes editados em francês. Os volumes contam com a epígrafe de Charles Millevoye (1782–1816): “Tudo ver sem nada julgar, é percorrer o mundo e não viajar”, que sintetiza perfeitamente o conteúdo dos livros, considerando seu interesse pela cultura e pela política italiana.

voltar com vocês, será realizado um dos meus mais constantes sonhos, desde que a conheço”. FLORESTA, 1982, p. 100.

⁷⁷⁷ Anatomista e paleontólogo. Nascido a 6 de agosto de 1777, em Montbéliard. Foi professor no Museu Nacional de História Natural de Paris. Duvernoy desempenhou um papel importante na disseminação do conhecimento científico de sua época, tornando-se colaborador próximo de Georges Cuvier, um dos fundadores da anatomia comparada.

⁷⁷⁸ FLORESTA, 1864.

O primeiro volume foi publicado em 1864 e o segundo em 1872, provavelmente⁷⁷⁹. Ambos foram editados por Emile Dentu, que integrava uma tradicional família de editores franceses e “acolhia de bom grado a literatura feminina e a literatura de viagem”⁷⁸⁰. Entre março e agosto de 1858, Nísia Floresta e Livia visitaram as cidades de Gênova, Livorno, Pisa, Roma, Nápoles, Florença, Pistóia, Bolonha, Ferrara, Pádua e Veneza, que compõem a narrativa do primeiro volume. Assim, “as viajantes cumpriram o roteiro mais tradicional da viagem à península, desde o ‘*Grand Tour*’ dos jovens aristocratas ingleses dos séculos XVII e XVIII, que privilegiava os quatro grandes centros da civilização italiana”⁷⁸¹.

O segundo volume apresenta uma narrativa mais fragmentada, se comparado ao primeiro. Reúne as impressões sobre Verona, Turim, os lagos de Garda e Maggiore, visitados em setembro e outubro de 1858. Após uma pausa de 38 dias, por ocasião de uma ida à França e à Suíça, foi à Gênova, à Florença, onde ficou de dezembro de 1858 a abril de 1859. Entre abril e maio desse ano, foi à Sicília e à Grécia. Após outra ida à França, em agosto, seu retorno à Itália foi marcado por um acidente de trem na estrada entre Susa e Turim. Seu estado físico debilitado não a impediu de reencontrar Livia em Florença, onde permaneceu até julho de 1860. O Piemonte foi seu destino seguinte. Por fim, partiu para San Remo, onde permaneceu até junho de 1861, quando deixou a Itália definitivamente (figuras 9, 10, 11, 12 e 13).

⁷⁷⁹ Seguindo a datação proposta por Aداuto da Câmara e Constância Lima Duarte. Cf.: CÂMARA, Aداuto da. *História de Nísia Floresta*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1941.; DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: vida e obra*. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995.

⁷⁸⁰ LÚCIO, 1999, p. LXXXVI.

⁷⁸¹ LÚCIO, 1999, p. LXXVIII.



Figura 11: Mapa da viagem de Nisia Floresta à Itália (2). Fonte: LABORATÓRIO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA DAS AMÉRICAS. *Nisia Floresta – Brasil (1810-1895)*. São Paulo. Disponível em: <https://leha.fflch.usp.br/nisia-floresta-brasil-1810-1895>. Acesso em: 4 out. 2025.



Figura 12: Mapa da viagem de Nísia Floresta à Itália (3). Fonte: LABORATÓRIO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA DAS AMÉRICAS. *Nísia Floresta – Brasil (1810-1895)*. São Paulo. Disponível em: <https://leha.fflch.usp.br/nisia-floresta-brasil-1810-1895>. Acesso em: 4 out. 2025.



Figura 13: Mapa da viagem de Nisia Floresta à Itália (4). Fonte: LABORATÓRIO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA DAS AMÉRICAS. *Nisia Floresta – Brasil (1810-1895)*. São Paulo. Disponível em: <https://leha.fflch.usp.br/nisia-floresta-brasil-1810-1895>. Acesso em: 4 out. 2025.



Figura 14: Mapa da viagem de Nísia Floresta à Itália (5). Fonte: LABORATÓRIO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA DAS AMÉRICAS. *Nísia Floresta – Brasil (1810-1895)*. São Paulo. Disponível em: <https://leha.fflch.usp.br/nisia-floresta-brasil-1810-1895>. Acesso em: 4 out. 2025.

A viagem de Nísia Floresta ocorreu em um contexto em que tais deslocamentos foram valorizados e receberam novos significados. De acordo com Valéria Salgueiro, um novo tipo de viajante surgiu a partir do século XVIII, ligado às transformações proporcionadas pelo Iluminismo e pela Revolução Industrial. O *grand tourist* era o viajante “amante da cultura dos antigos, e de seus monumentos, com gosto exacerbado por ruínas” e “uma inclinação inusitada

para contemplar paisagens com seu olhar armado no enquadramento de amplas vistas panorâmicas, compostas segundo um idioma permeado por valores estéticos sublimes”⁷⁸².

O *Grand Tour* colaborou para intensificar o interesse de outros viajantes pela Itália, ainda que o percurso apresentasse novos riscos no século XIX. Não que isso significasse uma viagem tranquila no século anterior; ao contrário, exigia coragem e disposição para enfrentar o trajeto no lombo de mulas, especialmente quando ainda não existia navegação marítima a vapor ou trem de ferro. Os viajantes contratavam guias entre os moradores locais, que auxiliavam no deslocamento, demonstravam e explicavam aspectos referentes aos pontos de interesse dos lugares visitados. Também faziam leituras que os preparavam para a viagem, além de consultarem guias impressos, que os orientavam na visita a locais importantes e às antiguidades de Roma⁷⁸³.

Essas práticas permaneceram no século XIX e foram compartilhadas por Nísia Floresta e Lívia. Lúcio aponta que o guia do jornalista e crítico de arte do jornal *L'Illustration*, Joseph Augustin Du Pays (1804–1875), *Itinéraire descriptif, historique et artistique de l'Italie et de la Sicile*, publicado pela Hachette em 1855, estava entre as leituras preparatórias da escritora. O guia reunia informações como mapas, indicações de estradas, hotéis, restaurantes, custos, meios de transporte, roteiros para cada cidade ou galeria e museu de arte, “com comentários históricos e artísticos de um verdadeiro estudioso”, e fazia parte de uma coleção de guias, denominada *Joanne*, criada pelo jornalista Adolphe Joanne em 1852⁷⁸⁴.

A coleção foi recomendada por George Sand em *La Daniella* (1857), romance lido por Nísia Floresta, que se refere à autora como “*composé par un des plus grands écrivains du siècle*”⁷⁸⁵. Dirigidos a viajantes cultos, os guias da Hachette ajudaram a difundir o gênero e o turismo ao firmar contrato com a companhia de estradas de ferro para a comercialização de livros nas principais estações. Lúcio informa que “em julho de 1853 a editora já dispunha de 43 pontos de vendas (...), entre 1860 e 1909 (...), a Joanne publicou 200 títulos”⁷⁸⁶, o que indica a circulação de seus impressos e a importância dos guias para os viajantes.

⁷⁸² SALGUEIRO, Valéria. *Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura*. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 289-310, 2002. p. 291. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/6hKN4T5Shdv7gn5w7c8RWRf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 4 jun. 2025.

⁷⁸³ SALGUEIRO, 2002.

⁷⁸⁴ LÚCIO, 1999, p. LXXXII.

⁷⁸⁵ FLORESTA, 1864, p. 66. “escrito por um dos maiores escritores do século”. FLORESTA, 1999a, p. 69.

⁷⁸⁶ LÚCIO, 1999, p. LXXXII.

Além dos guias de viagem, Nísia Floresta realizou outras leituras, tais como Lord Byron, Madame de Staël, Chateaubriand e Goethe. Este último esteve na Itália entre 1786 e 1788 e escreveu *Viagem à Itália*⁷⁸⁷, publicada em dois volumes, em 1816 e 1817. A publicação tardia indica, conforme Mirella Guidotti, a “preocupação não satisfeita com o mero relato como registro da experiência, mas sim o desejo de dar ao mundo uma obra acabada, capaz de relatar a trajetória de transformação do narrador”⁷⁸⁸. Para João Barrento, a ida de Goethe à Itália era inevitável, visto que o destino “tornara-se, para a aristocracia já desde o século XVIII, e para a burguesia culta no seguinte, o objetivo último e incontornável do *Grand Tour* europeu”⁷⁸⁹.

Nísia Floresta apresenta um caso semelhante quanto à publicação tardia de sua narrativa de viagem. O primeiro volume levou três anos para ser publicado, enquanto o segundo demorou aproximadamente dez anos desde o fim da viagem. Esse intervalo entre a experiência vivida e a elaboração e publicação textual da experiência é caracterizado pela retirada ou adição de informações e análises, evidenciado nas notas da escritora. Assim, é importante considerar que há uma distância entre o vivido e o escrito, e que Nísia Floresta publica, especialmente o segundo volume, quando os acontecimentos presenciados já haviam tido seus desdobramentos.

Ao desembarcarem na Itália, as brasileiras encontraram um território fragmentado, governado por estrangeiros, sob a comoção de movimentos revolucionários que desejavam a unificação italiana. A divisão política refletia as diferenças culturais entre as regiões. No Norte, como Lombardia e Piemonte, prevalecia a ação política, com forte influência francesa. Na Toscana renascentista, as artes e a literatura atraíam viajantes. Roma era conhecida por suas ruínas e pela predominância da Igreja Católica, enquanto Nápoles, ao Sul, tinha uma população pobre, religiosa e supersticiosa, cercada por natureza exuberante. A identidade italiana não era definida, e cada um tinha sua concepção de pátria⁷⁹⁰.

Elas presenciaram momentos decisivos do *Risorgimento* italiano, período que desempenhou papel central na história e na política italiana, conforme Lucy Riall. Comparando-o com a Revolução Francesa ou a unificação alemã, a autora destaca que, através do *Risorgimento*, o Estado italiano moderno adquiriu os seus “pais fundadores”, Cavour, Mazzini, Garibaldi, e seus ideais políticos. Salienta, ainda, o impacto na historiografia, com uma série de

⁷⁸⁷ GOETHE, Johann Wolfgang. *Viagem à Itália*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

⁷⁸⁸ GUIDOTTI, Mirella. A construção do olhar: a Viagem à Itália, de Goethe. *Pandaemonium*, São Paulo, v. 15, n. 19, p. 122-136, jul. 2012. p. 123.

⁷⁸⁹ BARRENTO, João. Prefácio. In: GOETHE, Johann Wolfgang. *Viagem à Itália*. Lisboa: Bertrand, 2016. p. 7.

⁷⁹⁰ LÚCIO, 1999.

transformações, e a substituição de identidades fragmentadas e diversas por uma cultura nacional única⁷⁹¹.

O *Risorgimento* teve suas origens associadas à crise europeia da “velha ordem”, datada do fim do século XVIII. Nos Estados italianos, essa crise envolveu conflitos quanto às reformas, em especial a tentativa dos governantes de centralizar burocracias, resultando em dificuldades financeiras e políticas. As tentativas de arrecadar receitas a partir do aumento dos impostos foram impopulares e frequentemente fracassadas, enquanto a Igreja e a nobreza se ressentiam ao verem seus privilégios e posições políticas sendo atacados⁷⁹².

Em 1814-1815, após a derrota de Napoleão, a restauração da Europa do Antigo Regime e de seus governantes foi assegurada pelo Congresso de Viena. Na Itália, essa restauração foi definida e controlada pelas potências conservadoras, em particular pela Áustria. Sob o seu domínio, os Estados italianos refletiram a oposição ao constitucionalismo e o anseio de fortalecer os fundamentos morais e políticos do absolutismo. A restauração política interna foi determinada pelo princípio do direito monárquico legítimo, questionado pela experiência revolucionária⁷⁹³.

Como resultado do Acordo de Viena, a Lombardia e Veneza foram incorporadas ao Império Austríaco, enquanto o Grão-Ducado da Toscana e os ducados centro-italianos de Módena e Parma ficaram sob o governo de membros da família real austríaca, a dinastia dos Habsburgos. Os Estados Papais foram devolvidos ao Papa, e Nápoles, no sul, e a ilha da Sicília, denominadas Reino das Duas Sicílias, foram restauradas ao rei Bourbon Ferdinando IV, que se tornou Ferdinando I. O Papa e Ferdinando fizeram concessões ao poder austríaco, permitindo a intervenção de seu exército defensivo. O Reino da Sardenha, conhecido como Piemonte, que abrangia também Saboia, Ligúria e a ilha da Sardenha, foi o único Estado italiano que permaneceu relativamente independente da Áustria, servindo como um sustentáculo entre a França e a Áustria⁷⁹⁴.

A primeira tentativa de unificação da Itália foi desencadeada pelas revoluções de 1848, que ocorreram na Europa. Entre os nomes importantes desse período, destacam-se Giuseppe Mazzini (1805-1872), fundador da organização paramilitar Jovem Itália, Daniele Manin (1804-

⁷⁹¹ RIALI, Lucy. *The Italian Risorgimento: State, society and national unification*. Londres; Nova Iorque: Routledge, 2004. p. 1. Disponível em: [https://oldmis.kp.ac.rw/admin/admin_panel/kp_lms/files/digital/Core%20Books/Core%20Books%20in%20History/E263_World%20History%20II\[Lucy_Riall\]_The_Italian_Risorgimento_State,_Soci\(BookFi\).pdf](https://oldmis.kp.ac.rw/admin/admin_panel/kp_lms/files/digital/Core%20Books/Core%20Books%20in%20History/E263_World%20History%20II[Lucy_Riall]_The_Italian_Risorgimento_State,_Soci(BookFi).pdf). Acesso em: 9 jun. 2025.

⁷⁹² RIALI, 2004.

⁷⁹³ RIALI, 2004.

⁷⁹⁴ RIALI, 2004.

1857), que lutou contra o domínio austríaco em Veneza e Giuseppe Garibaldi (1807-1882). O rei Carlos Alberto da Sardenha (1798-1849), incentivado pela circulação de ideias liberais, declarou guerra aos austríacos da Lombardia e de Veneza em 1848. Após as derrotas em Custoza e Novara, ocorridas em 1848 e 1849, respectivamente, o rei abdicou, passando o governo para o seu filho Vítor Emanuel II (1820-1878)⁷⁹⁵.

Enquanto isso, os revolucionários proclamaram as repúblicas de São Marcos, Toscana e a Romana. Em Veneza, Manin instalou uma república que durou sete meses. Na Sicília, criou-se um governo provisório. Em Nápoles, o rei Ferdinando conseguiu conter rapidamente o avanço dos revolucionários e retomou o poder sobre a Sicília. O papa Pio IX se refugiou em Nápoles, após ter seu ministro assassinado. A República Romana, instalada em 5 de fevereiro de 1849, cuja proclamação contou com a participação de Mazzini e Garibaldi, teve fim em 2 de julho, após a união da Áustria, Espanha e França para restaurar o poder do papa⁷⁹⁶.

O insucesso dessas revoluções pode ser atribuído, em parte, às dissensões dentro dos movimentos revolucionários. No entanto, o fator decisivo foi a intervenção estrangeira. Apesar da derrota, as revoluções de 1848-1849 são sintomáticas da reviravolta na sorte dos liberais. O Piemonte manteve a constituição concedida pelo rei em 1848, e seu desenvolvimento político divergiu do restante da Itália. A constituição piemontesa garantiu liberdades, como a de imprensa, de associação e de reunião, e estabeleceu um parlamento. Após 1852, quando o conde Camillo Cavour (1810-1861), liberal moderado, se tornou primeiro-ministro do Piemonte, o parlamento começou a afirmar sua autoridade de maneira mais consistente. As reformas empreendidas reduziram a burocracia, e o Judiciário limitou o poder do monarca e da Igreja. O primeiro-ministro utilizou o poder parlamentar para estimular reformas econômicas de longo alcance e fortalecer a posição dos liberais moderados dentro do sistema político, e foi o responsável por negociar diplomaticamente os interesses e o prestígio do Piemonte na Europa⁷⁹⁷.

Com o avanço dos liberais moderados no Piemonte e o sucesso de suas reformas econômicas e políticas, o clima político e o equilíbrio de poder na Itália foram alterados significativamente. Em 1859, o Piemonte travou uma guerra vitoriosa contra a Áustria, com a ajuda dos franceses. Neste ano, a Lombardia foi unida ao Piemonte, enquanto o Vêneto permaneceu sob controle austríaco até 1866. Em 1860, foram derrubados os governos da Restauração na Toscana, em Parma e Módena, assim como a autoridade papal nas Legações,

⁷⁹⁵ LÚCIO, 1999.

⁷⁹⁶ LÚCIO, 1999.

⁷⁹⁷ RIAL, 2004.

substituídos por administrações liberais moderadas, que se uniram ao Piemonte. A monarquia Bourbon, por sua vez, foi derrubada por um exército popular liderado por Garibaldi, cujo objetivo era unir o Sul da Itália ao Estado do Piemonte, no Norte. Os Estados Papais, exceto Roma, foram dominados pelo exército piemontês, que marchou rumo ao Sul para enfrentar o exército de Garibaldi. Por fim, Vítor Emanuel II foi declarado rei de uma Itália unificada em março de 1861. Somente em 1870, após a retirada das tropas francesas de Roma, o exército italiano ocupou a cidade, que se tornou a capital da Itália⁷⁹⁸.

Diferentemente da Alemanha, a Itália não era considerada segura para as viajantes. Nísia Floresta comenta que os bons costumes dos alemães permitiam que uma mulher viajassem sozinha em segurança. No entanto, apesar do desejo de conhecer a Itália desde a juventude, os relatos que escutava sobre a decadência do povo italiano e grego a desmotivava. Pensando, enfim, no passado, nas imponentes ruínas e incomparáveis obras-primas, decidiu arriscar-se⁷⁹⁹. Esse interesse é reafirmado no decorrer de sua narrativa, com o preenchimento das lacunas deixadas pela destruição do passado com a imaginação, prática comum entre os escritores e viajantes naquele período⁸⁰⁰.

Isso é observado, por exemplo, em sua visita aos túmulos da Via Ápia, quando aponta a destruição do local e ressalta: “*Mais là, comme ailleurs, le voyageur éprouve souvent une grande déception quand il ne compte pas sur les ressources de son imagination pour se représenter les œuvres de l’antiquité qu’il visite*”⁸⁰¹. Desde o *Grand Tour*, as ruínas eram entendidas como sinais visíveis do passado, e ofereciam lições para o presente e o futuro. A Itália era particularmente estimulante para o viajante, pois as ruínas de seus monumentos instruíam e alimentavam a imaginação, proporcionando material tanto para o estudo quanto para estimular a fantasia⁸⁰².

Na ocasião, lamenta a destruição dos monumentos antigos, associando-a à decadência moral da Itália. Tal sentimento extrapolava as expectativas normalmente alimentadas pelos viajantes e pelos relatos de suas jornadas. A observação das ruínas a levava a evocar o passado, refletindo sobre os diversos acontecimentos que culminaram na ruína da glória romana. A

⁷⁹⁸ RIAL, 2004.

⁷⁹⁹ FLORESTA, 1864, p. X.

⁸⁰⁰ LÚCIO, 1999.

⁸⁰¹ FLORESTA, 1864, p. 96. “Mas ali, como por toda parte, o viajante frequentemente sente uma decepção quando não conta com os recursos da imaginação para representar as obras da antiguidade que visita”. FLORESTA, 1999a, p. 96.

⁸⁰² SALGUEIRO, 2002.

escritora estabelece comparações entre os romanos e os povos que eles subjugaram, concluindo, por meio de uma voz sussurrada pela brisa, que eram merecedores do destino que tiveram.

Nísia Floresta confirma a sua aproximação com a escrita da história por se debruçar sobre o passado e as transformações das cidades visitadas, assim como por registrar os acontecimentos do presente relacionados aos conflitos do processo de unificação italiana. Dessa forma, seu interesse em contribuir para o conhecimento histórico manifesta-se por meio de uma elaboração argumentativa que relaciona o passado, o presente e as expectativas para o futuro. Superando as fronteiras espaciais e temporais, a escritora realiza comparações entre diferentes povos com o objetivo de fundamentar suas ideias.

O percurso da viagem foi feito de trem, de carro ou de navio. Entre as cidades, fez uso de diligências e *vetturinos*, ou seja, o serviço prestado por donos de carros, que se encarregavam dos pormenores da viagem, como as paradas para descanso e a refeição. “Era mais barato do que a diligência, viajava-se com menos passageiros (as diligências levavam até trinta passageiros, apertados num espaço pequeno e sempre fechado), e a negociação era feita diretamente com o dono do transporte”⁸⁰³.

Nísia Floresta poderia ser acusada de alimentar anseios e ambições masculinas, adentrando em espaços pouco explorados até mesmo por homens. Alguns brasileiros estiveram na Itália na primeira metade dos Oitocentos, mas poucos escreveram a respeito. Lúcio informa que o primeiro relato de viagem à Itália escrito por um brasileiro consta na biografia de Sousa Caldas (1762-1814), sacerdote católico e poeta brasileiro, escrita por Joaquim Manoel Pereira da Silva. Na verdade, trata-se de uma viagem fictícia, imaginada pelo autor a partir da ida do biografado à Itália em 1762. Manuel de Araújo Porto Alegre, por sua vez, publicou Contornos de Nápoles na revista *Niterói* em 1836, onde descreve as paisagens e arredores da cidade⁸⁰⁴.

Gonçalves de Magalhães, embora não tenha escrito diretamente a respeito, fez um roteiro poético das cidades e paisagens italianas em parte de *Suspiros poéticos e saudades*, de 1836. Pereira da Silva reuniu relatos de viagem junto a textos com temáticas diversas em *Variedades literárias*, de 1862. Ao contrário de Nísia Floresta, esse último se opunha aos movimentos revolucionários daquele período⁸⁰⁵. Se poucos foram os homens a se interessar em relatar sua passagem pela Itália, Nísia Floresta foi a primeira e única mulher brasileira a fazê-lo.

⁸⁰³ LÚCIO, 1999, p. LXXX.

⁸⁰⁴ LÚCIO, 1999.

⁸⁰⁵ LÚCIO, 1999.

Nísia Floresta dedicou o primeiro volume de *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce* ao seu filho, Augusto Américo. Em 12 de janeiro de 1864, em Londres, afirmou que a leitura revelaria as suas impressões sobre a Itália, a Sicília e a Grécia e que, mesmo diante do espetáculo dos progressos morais e dos esplendores da arte e da natureza desses povos, a saudade que sentia não foi amenizada⁸⁰⁶. Essas afirmações são indicativas do conteúdo da obra, que reúne, ainda, lembranças de infância, de momentos vividos ao lado do filho no Brasil e na Europa, e o constante lamento pela distância imposta pela viagem entre si e os familiares. Exemplo disso é quando afirma:

*Les douleurs dont on est opprimé sous le ciel natal, quelque poignantes qu'elles soient, ne portent jamais dans le cœur les muettes et atroces contorsions de ce spasme moral qu'on appelle vulgairement – mal du pays, – saudade! Ce mal est pour les cœurs patriotiques et aimants un lourd fardeau qui les écrase petit à petit sans que les suaves brises qui les réveillèrent jadis leur murmurent les notes magiques qui adoucissent un moment les angoisses du mourant lui-même*⁸⁰⁷.

A escritora menciona as suas raízes e a família, característica comum à escrita de viagem produzida por mulheres. Ainda no prefácio, fala de sua pátria, dos “queridos afetos do meu coração”, “uma família bem-amada”, de suas alunas, com quem Livia compartilhou os seus ensinamentos e seus “ternos cuidados maternos”, assim como do pai, da mãe e do marido, falecidos⁸⁰⁸. Nas entrelinhas, a escritora destaca a sua base familiar, o exercício de sua profissão e as suas qualidades como filha, esposa e mãe. Em suma, elabora a imagem que quer de si mesma, desafiando as limitações impostas ao seu sexo, estando em outro país, escrevendo e, assim, contestando a ideia de que mulheres eram intelectualmente incapazes e que não fariam bom uso de uma instrução mais elevada.

Quando desembarcou em Gênova, observou a estrutura da cidade, a circulação de pessoas de todas as classes, o dialeto genovês e a vestimenta de algumas mulheres, lançando o olhar sobre aspectos do cotidiano citadino. Durante os passeios, seus pensamentos foram conduzidos para o passado, e lamentou as guerras e a submissão imposta pelo Congresso de Viena ao Reino da Sardenha. Como em diversos momentos do seu relato, expressou o seu posicionamento acerca dos conflitos políticos, aspecto que endossa a singularidade de sua

⁸⁰⁶ FLORESTA, 1864.

⁸⁰⁷ FLORESTA, 1872, p. 38. “As dores que nos oprimem sob o céu natal, por mais pungentes que sejam, nunca causam ao coração as surdas e doloridas contorções do espasmo moral que chamam vulgarmente de – mal do país, – saudade! Este mal é para os corações patrióticos e amorosos um fardo pesado que os destrói pouco a pouco, sem que as suaves brisas, que os despertaram outrora, murmurem as notas mágicas que aliviam por um momento até mesmo as angústias de um moribundo”. FLORESTA, 1999b, p. 32.

⁸⁰⁸ FLORESTA, 1864, p. XI.

escrita. Diferindo da maioria das mulheres que escreviam relatos de viagem, não se eximiu de exprimir opiniões que envolviam a esfera pública, ou seja, de domínio masculino.

Nísia Floresta questiona a proibição à circulação das mulheres em determinados espaços religiosos, como a capela de São João Batista, imposta pelo papa Inocêncio VIII⁸⁰⁹. Argumenta:

*Le crime de la détestable Hérodiade devait-il donc rejaillir dans les générations futures sur toutes les femmes, et est-il juste de leur défendre encore aujourd'hui l'entrée de cette chapelle? Où a-t-on vu un pareil arrêt frapper tous les hommes, sous prétexte de crimes du même genre que plusieurs d'entre eux ont commis dans tous les temps et, sans aucune intervention de l'autre sexe? Si tout un sexe devait être puni pour les crimes de l'un ou de plusieurs de ses membres, les lieux saints à Jérusalem seraient-ils ouverts aux hommes, et ceux-ci seraient-ils admis à voir le saint sépulcre? [...]*⁸¹⁰.

Assim, defendeu a igualdade entre os sexos e apontou a parcialidade do papa ao decidir excluir as mulheres daquele espaço. Adiante, durante a visita ao túmulo de Tasso na igreja do convento de Santo Onofre, voltou a lamentar que por conta de tal proibição ela fosse impedida de apreciar o acervo artístico de determinados locais, especialmente aqueles que lera em guias de viagem e que despertaram a sua curiosidade. Essas proibições refletiam o tratamento desigual entre homens e mulheres da época e impactavam na formação intelectual feminina.

Em Livorno, a visita à grande Cisterna a fez lembrar dos meses que passara com o filho em Lisboa e do aqueduto do Rio de Janeiro. A estátua de Ferdinando I, por sua vez, foi o pretexto para defender o fim da escravidão. Representado de pé com quatro escravos acorrentados aos seus pés, a imagem provoca “*le trop douloureux souvenir de l’esclavage que l’esprit despotique du Vieux Monde transmit aux plages heureuses de la libre Amérique!*”⁸¹¹. Apelou:

*Maîtres du Brésil, ce sol béni où vous respirez, montrez-vous-en dignes en faisant disparaître du milieu de vous la plus grande honte des peuples chrétiens ! Honte qui entache encore vos tiers voisins du Nord, malgré les admirables progrès de leur génie entreprenant et progressiste. Cessez une horrible profanation de la nature humaine ; elle doit avoir tôt ou tard pour résultat de terribles représailles*⁸¹².

⁸⁰⁹ Giovanni Battista Cybo nasceu em 1432. Foi o papa número 213 da Igreja Católica, eleito em 1484. Faleceu em 1492.

⁸¹⁰ FLORESTA, 1864, p. 8. “O crime da odiosa Herodias deve então recair sobre todas as mulheres nas gerações futuras, é justo ainda hoje impedir-lhes a entrada nesta capela? Já existiu uma interdição semelhante para todos os homens, sob o pretexto de crimes do mesmo gênero que muitos deles cometeram, em todos os tempos, e sem nenhuma ajuda do outro sexo? Se todo um sexo recebesse uma punição pelos crimes cometidos por vários de seus membros, os lugares santos de Jerusalém seriam abertos aos homens e eles teriam permissão para ver o Santo Sepulcro?” FLORESTA, 1999a, p. 16.

⁸¹¹ FLORESTA, 1864, p. 14. “A dolorosa lembrança da escravidão que o espírito despótico do velho mundo transmitiu às plagas felizes da livre América”. FLORESTA, 1999a, p. 21.

⁸¹² FLORESTA, 1864, p. 15. “Senhores do Brasil! mostrai-vos dignos deste solo bendito em que respirais fazendo desaparecer do vosso meio a maior vergonha dos povos cristãos, vergonha que ainda

Nísia Floresta participa do debate abolicionista, travado majoritariamente entre homens, e direciona o seu pedido aos proprietários de escravizados, buscando dialogar com aqueles a quem culpava pela situação do negro e, por conseguinte, poderiam pôr fim ao seu sofrimento. A escritora sugere: “*Aimez vos nègres, et ils vous serviront, non comme des brutes, mais comme des hommes libres et dévoués*”⁸¹³. Duarte destaca que a escritora foge do etnocentrismo, e suas críticas evidenciam que estava atenta às injustiças do preconceito racial e apontam a sua relevância para a causa abolicionista⁸¹⁴.

Em Roma, revelou o desapontamento ao entrar na cidade. Acompanhando outros escritores, estabeleceu a contraposição entre a Roma do presente e a antiga, a que estava em ruínas e a de passado glorioso. Pensando no passado, a brasileira adormece e sonha com um ancião, que se identifica como Lúcio Quíncio Cincinnato, cônsul e ditador romano⁸¹⁵. Através dele, refletiu sobre as realizações humanas e a tendência de autodestruição e abandono dos princípios que deveriam conduzir a humanidade, comprometendo o progresso. Roma seria o símbolo dessas questões.

Sonhos deste tipo não eram incomuns em textos literários daquele período, incluindo as narrativas de viagem. Bonnie G. Smith afirma que “o sentido da história como imanência fantasmagórica ou presença sensual (voz com som de flauta) fluía como uma corrente através de uma certa experiência da elite”⁸¹⁶. O sonho de Nísia Floresta parece partir de suas expectativas quanto ao que veria em Roma, de suas concepções quanto à história romana, ou seja, seu passado, presente e futuro, somadas às leituras que realizou, do contato com os diversos estilos de outros escritores, que ajudaram a construir o seu relato de viagem.

Nísia Floresta tinha conhecimento da excepcionalidade de sua presença em determinados espaços. Isso pode ser observado quando se declara como a primeira brasileira a prestar homenagem ao pintor Rafael (1483-1520)⁸¹⁷, ou ao afirmar ser a primeira mulher brasileira a derramar lágrimas na prisão de Tasso, quando esteve em Ferrara⁸¹⁸. Essa é uma

mancha vossos orgulhosos vizinhos do Norte, apesar dos admiráveis progressos do gênio empreendedor e progressista. Cessai com essa horrível profanação da natureza humana, ela resultará cedo ou tarde em terríveis consequências”. FLORESTA, 1999a, p. 22.

⁸¹³ FLORESTA, 1864, p. 16. “Amai vossos negros e eles vos servirão, não como seres brutos, mas como homens livres e devotados”. FLORESTA, 1999a, p. 23.

⁸¹⁴ DUARTE, 1995.

⁸¹⁵ FLORESTA, 1864, p. 31.

⁸¹⁶ SMITH, Bonnie G. *Gênero e história: homens, mulheres e a prática histórica*. Bauru (SP): EDUSC, 2003. (Coleção História). p. 57.

⁸¹⁷ FLORESTA, 1864, p. 36.

⁸¹⁸ FLORESTA, 1864, p. 359.

maneira de se autoafirmar pioneira, de endossar a singularidade de sua trajetória e dos seus feitos em solo estrangeiro.

Em diferentes momentos do seu relato, registra embates travados com homens com quem discordava. Esse é o caso da conversa com o senhor N., que desejava ser o confessor de Lívia em Roma, o que foi prontamente negado. Disso, seguiu-se o diálogo:

‘Tiens! observa-t-il en reprenant contenance et en se dirigeant vers moi, cette enfant ne voudrait pas de moi pour confesseur! Pourquoi cela, s’il vous plaît?’ – ‘Les pourquoi sont bien difficiles quelquefois à expliquer, Monseigneur. Du reste, en matière de conscience, on doit laisser toute liberté aux esprits. Heureusement, nous ne sommes plus dans les temps du fameux Saint-Office, ajoutai-je en riant : cette enfant ne pourra pas m’être enlevée à cause de sa franchise’⁸¹⁹.

Assim, demonstra firmeza na defesa dos seus princípios. Sem medo de contrariar os homens, mesmo que em espaços públicos, Nísia Floresta se impõe e defende a filha, chamada de criança, apesar de ter 28 anos na ocasião. Em tais discussões, coloca-se como a parte que foi capaz de convencer o interlocutor e conquistar o apoio dos demais ouvintes, de modo que pode ser entendida como superior a alguns homens em sua capacidade de argumentação.

Com o fim das cerimônias da Semana Santa, apesar de escrever: “*Expliquerai-je ici l’impression que me laissa la semaine sainte à Rome?... Non, je ne dois pas le faire*”⁸²⁰, é exatamente isso que ela faz a seguir. A desordem na Capela Sistina, por exemplo, é duramente criticada, incluindo a postura dos cristãos. No entanto, o seu julgamento não é direcionado aos italianos, pois a quantidade de estrangeiros dificultava atribuir aos primeiros o mau comportamento. E faz a ressalva:

*Cette réflexion me paraît juste, et je la consigne ici de peur de tomber dans la même faute que j’ai eu occasion de relever, plus d’une fois, chez certains voyageurs qui affirment des choses tout à fait fausses ou grandement altérées sur les habitudes des peuples qu’ils ont à peine visités, et que je connais particulièrement. Tenant surtout à amuser leurs lecteurs, et à procurer ainsi plus de vogue à leurs livres, ils sacrifient la simple vérité au charme de certains contes qui portent le cachet de la nouveauté, et qu’ils savent parer de toutes les grâces de l’esprit*⁸²¹.

⁸¹⁹ FLORESTA, 1864, p. 44. “‘Veja, ele observou, retomando o controle e dirigindo-se a mim, esta criança não me deseja como confessor, por que?’. ‘Os porquês são algumas vezes bem difíceis de explicar, senhor. Além disso, em matéria de consciência deve-se deixar toda a liberdade ao espírito. Felizmente não estamos mais no tempo do famoso Santo Ofício, completei rindo, esta criança não me será tomada por conta de sua sinceridade’”. FLORESTA, 1999a, p. 49.

⁸²⁰ FLORESTA, 1864, p. 44. “Falarei aqui da impressão que me deixou a semana santa em Roma? ... Não, não devo fazê-lo!”. FLORESTA, 1999a, p. 50.

⁸²¹ FLORESTA, 1864, p. 45-46. “Essa reflexão parece-me justa e a deixo aqui, para não cair no mesmo erro que já tive oportunidade de mencionar, mais de uma vez, em que caem certos viajantes ao afirmarem coisas falsas, ou enormemente alteradas, sobre os hábitos dos povos que eles mal visitaram e que eu conheço particularmente. Desejando antes de tudo divertir seus leitores, e assim conseguir mais fama

Refletindo sobre os viajantes que exageravam ou distorciam a verdade ao escreverem sobre os lugares e os povos que visitavam para tornar suas histórias atrativas para o leitor, Nísia Floresta exteriorizou a sua desconfiança para com aqueles que visitaram o Brasil e fizeram dele um retrato caricato. Ferreira destaca que, desde a sua primeira ida à Europa, a brasileira reagiria à visão dos viajantes europeus sobre o Brasil, resultando na publicação de *Le Brésil*, cujo objetivo era corrigir as percepções equivocadas sobre o país⁸²². A autora afirma que, ao criticar esses viajantes, a brasileira demonstra a sua intuição sobre a relatividade dos discursos sobre o outro, recurso raro nas narrativas de viagem, e destaca os perigos do etnocentrismo⁸²³.

No domingo de Páscoa, conforme descrito por Nísia Floresta, o papa apareceu na janela após a celebração da missa. Reunido na praça do Vaticano, o povo esperava para receber a bênção do chefe da Igreja Católica, e a escritora comparou o presente com o passado, quando “*là même où ses ancêtres se rassemblaient pour assister à des scènes si diverses, et applaudir au féroce spectacle que leur donnaient Néron et d’autres tyrans*”⁸²⁴. A comparação tinha como propósito afirmar que o papa, assim como Nero, era um tirano. A ocasião também evidenciou o luxo excessivo ostentado pelo clero.

A crítica aos luxos do clero é justificada pela situação de miséria em que parte da população vivia, enquanto outra parte ameaçava se revoltar. Assim, Nísia Floresta se define como uma mulher piedosa. Apesar de afirmar que a pena de uma mulher não deveria se ocupar com tais assuntos, suas críticas se estendem ao Vaticano e ao papa. O primeiro é visto como um grande poder, comparado a um gigante armado com força celestial e terrestre, e que, para que fosse realmente avaliado pelos povos do mundo, era necessário que o evangelho iluminasse e afastasse a escuridão espiritual que ainda envolvia muitas pessoas, guiando-as pelo verdadeiro caminho. Suas primeiras palavras contrariam, portanto, a intenção de se manter neutra⁸²⁵.

Usando as palavras de maneira deliberada, a escritora possuía um objetivo: revelar a hipocrisia da Igreja Católica e de seus representantes. Em visita ao papa, relatou a sua entrada nos “*superbes appartements de réception*”, para adiante se referir à construção como a “*du très*

para os seus livros, eles sacrificam a simples verdade ao encanto de certos relatos que trazem a marca da novidade, que eles sabem dotar com toda a graça do espírito”. FLORESTA, 1999a, p. 51.

⁸²² FERREIRA, 2016.

⁸²³ FERREIRA, 2016.

⁸²⁴ FLORESTA, 1864, p. 47. “no mesmo lugar onde seus ancestrais reuniam se para assistir cenas tão diferentes e aplaudir o feroz espetáculo que Nero e outros tiranos lhes proporcionavam”. FLORESTA, 1999a, p. 52.

⁸²⁵ FLORESTA, 1864, p. 102.

humble représentant du Christ sur la terre”⁸²⁶. Ao descrever brevemente o espaço, sua atenção foi capturada pela fisionomia de algumas senhoras que estavam com ela e Lívia naquele momento. Essas senhoras, por sua vez, funcionam como um fio condutor para que desenvolva novas reflexões.

Havia uma princesa russa, uma condessa, uma marquesa e uma americana de Boston. As três primeiras pareciam estar perdidas em pensamentos em vez de ansiar pela bênção do papa. A americana, após perguntar se Lívia era sua filha, revelou que decidiu converter-se ao catolicismo e, por isso, foi impedida pelo marido de levar consigo a filha. Nísia Floresta culpabiliza o catolicismo por arrancar essa mulher dos deveres da família, o que contradiz, em sua opinião, os preceitos cristãos. Afirma:

*J'écoutais en silence cette touchante narration, et je me demandais quelle est celle qui suit le mieux le précepte du Christ, de la femme qui pratique de cœur les vertus d'épouse et de mère au foyer de la famille, ou de celle qui l'abandonne en y laissant dans le désespoir une fille et un mari qui l'aime et dont elle avait juré de partager le sort. Cette réflexion me porta naturellement à bien d'autres que le sujet dont on venait de m'entretenir et le lieu où je me trouvais me suggérait amplement*⁸²⁷.

Informa que, apesar de respeitar o papa por sua atuação nos movimentos de independência de 1848, que não pretendia ser recebida por ele, mas fora convencida pelo arcebispo T., e pelo senhor M. e sua família, que defendiam as virtudes de Pio IX. Em uma crítica indireta à pompa que rodeia o pontífice, menciona que suas palavras suaves e edificantes fazem com que seja possível esquecer o aparato de sua corte pontifical.

Mastai Ferretti (1792-1878) se tornou papa em junho de 1846. Entre 1846 e 1848, promoveu várias mudanças importantes na administração do Estado, como a concessão de anistia a prisioneiros políticos, a dissolução da comissão especial nas Legações, afrouxou os controles sobre a imprensa e suavizou as leis antijudaicas. Para ajudar a população, foi iniciado um programa de obras públicas e tomadas medidas para aliviar a grave fome que afetava os Estados Papais. Também foi concluída uma união aduaneira com a Toscana e o Piemonte. As reformas despertaram o entusiasmo de liberais nacionais, esperançosos de receber o apoio do

⁸²⁶ FLORESTA, 1864, p. 102-103. “soberbos aposentos de recepção”; “casa do mais humilde representante de Cristo na terra”. FLORESTA, 1999a, p. 101.

⁸²⁷ FLORESTA, 1864, p. 104. “Escutei em silêncio sua emocionada confidência, e me perguntei quem seguiria melhor os preceitos de Cristo, a mulher que pratica de coração as virtudes de esposa e mãe no seio da família, ou a que a abandona, deixando no desespero uma filha e um marido que a amam e com quem jurou dividir o destino. Essa reflexão naturalmente me levou à muitas outras, despertadas pelo lugar em que me encontrava”. FLORESTA, 1999a, p. 102.

Papa que, a princípio demonstrou simpatia pela causa. Entretanto, diante da radicalização do movimento, o apoio não foi efetivado⁸²⁸.

Após a sua fuga para Nápoles, a restauração do seu poder e a recondução a Roma, Pio IX se tornou cada vez mais conservador⁸²⁹. Nísia Floresta aponta esse possível abandono do papa às causas populares e tece críticas sutis a respeito, como ao defini-lo enquanto “*cet astre qui brilla un moment à l’horizon de l’humanité, et qui fit palpiter en 1848 le cœur de l’Italie, de l’espérance de voir réaliser la grande œuvre de sa régénération*”⁸³⁰.

Ainda durante o encontro, Pio IX perguntou a Nísia Floresta se fazia muito tempo que havia deixado o Brasil e se tinha interesse em fixar moradia em Roma. Em parte, ele se dirigiu a ela em português, o que causou grande emoção à brasileira. Perguntada se tinha outros filhos além de Livia, respondeu mostrando o retrato de Augusto Américo. Registrou:

*En la prenant dans ses mains, il applaudit à ma pensée maternelle, et ajouta que j’étais la première mère qui lui apportait ainsi l’effigie de son fils, ne pouvant lui amener l’original. [...] Je lui racontai en peu de mots ma douleur causée par la mort de ma mère, ainsi que le but de mes voyages. Des paroles consolantes et pleines d’onction s’échappèrent des lèvres de Pie IX, qui, dans son indulgente bonté, daigna louer mes sentiments de fille et de mère*⁸³¹.

Neste contexto, faz uso das declarações do papa para validar sua imagem de boa mãe e boa filha para o seu leitor. A escritora também justifica o fato de viajar acompanhada exclusivamente de sua filha, assim como fizera em *Itinéraire d’un voyage en Allemagne*. O papa a aconselha a estabelecer residência em Roma e isso a faz pensar que ele desconhecia os acontecimentos contemporâneos. A conversa a fez esquecer momentaneamente o esplendor da corte papal e os abusos que a cercavam, dignos de causar choque àqueles que conheciam as verdadeiras máximas do Evangelho.

Conclui que Pio IX possuía um coração dotado de virtudes, capaz de proporcionar felicidade àqueles que almejavam a unificação italiana, desde que demonstrasse maior energia. Além disso, manifesta pesar pelo fato de que o espírito do grande reformador, outrora considerado um sonhador em 1848, não estivesse mais em consonância com sua própria

⁸²⁸ RIAL, 2004.

⁸²⁹ LÚCIO, 1999.

⁸³⁰ FLORESTA, 1864, p. 105. “astro que brilhou por instantes no horizonte da humanidade, e que em 1848 fez palpitar o coração da Itália com a esperança de ver realizada a grande obra de regeneração”. FLORESTA, 1999a, p. 103.

⁸³¹ FLORESTA, 1864, p. 106. “Tomando-o na mão, elogiou meu pensamento materno e disse que eu era a primeira mãe a trazer o retrato do filho, não podendo trazê-lo pessoalmente. [...] Conteí, em poucas palavras, a dor que sentira com a morte de minha mãe e a finalidade de minhas viagens. Palavras consoladoras e carregadas de unção saíram dos lábios de Pio IX, que na sua indulgente bondade elogiou meus sentimentos de filha e mãe”. FLORESTA, 1999a, p. 104.

consciência. Igualmente, lamenta que atos de injustiça e tirania, praticados em seu nome, tenham reduzido a simpatia que anteriormente inspirava, e que seu poder tenha se confundido com os interesses políticos do mundo. E expressa um desejo:

*Si j'avais eu le mérite et l'éloquence de la femme de la Bible, j'eusse alors parlé à Pie IX du sujet le plus important qui occupe les esprits italiens; j'aurais surtout plaidé pour ce grand problème que lui seul peut résoudre sans trouble, en raffermissant l'empire de l'Église par une mesure sage qui répugne aux intérêts personnels d'un certain parti, mais qui lui attirerait, à lui, les sympathies et les bénédictions des peuples!*⁸³²

Este constitui mais um momento em que Nísia Floresta afirma deliberadamente que se abstém de expressar-se conforme sua vontade, prática essa que efetivamente realiza de forma textual. Embora não tenha manifestado verbalmente ao Papa o desejo de vê-lo atuar em prol das causas revolucionárias, ela o faz por meio de um registro escrito e publicado, evidenciando, assim, sua postura de contenção e de expressão indireta de suas aspirações. Apesar de afirmar que a bondade e a caridade do papa fariam com que ele possivelmente escutasse a solicitação se esta fosse feita por um coração orientado pelo amor da paz e do progresso, conclui que: “*ma faible voix serait impuissante pour arracher son esprit à l'influence de son entourage*”⁸³³. Ademais, deixa subentendido que o papa não seria alguém dotado dessas características, pois precisava que terceiros o alertassem de seus erros.

Ao deixar a presença de Pio IX, Nísia Floresta formula uma nova reflexão ao observar a “*moderne Roma*”. Se a presença do papa revela “*autre atmosphère que celle qui accable l'esprit de ses sujets!*”, a simples concepção de que ele detinha súditos leva-a a questionar: “*Saint Pierre, l'humble serviteur de Jésus-Christ, s'arrogea-t-il jamais le droit d'avoir des sujets?*”⁸³⁴. Essa indagação, por sua vez, a conduz a identificar essa questão como mais uma contradição intrínseca ao catolicismo.

Comparou, ainda, o clero brasileiro e o romano através da narração de um diálogo com um cardeal que, após pedir informações sobre o Brasil, dissera: “*Le clergé du Brésil est très démoralisé, n'est-ce pas, Madame?*”. Julgando o comentário inconveniente, especialmente por

⁸³² FLORESTA, 1864, p. 107. “Se eu tivesse o mérito e a eloquência da mulher da bíblia teria então falado a Pio IX sobre o assunto mais importante que ocupa os espíritos dos italianos, sobretudo teria advogado o grande problema que só ele pode resolver sem perturbações, consolidando o domínio da igreja por uma medida sábia, que contraria o interesse particular de um certo partido, mas que atrairia a simpatia e benemerência dos povos!”. FLORESTA, 1999a, p. 105.

⁸³³ FLORESTA, 1864, p. 107. “minha frágil voz seria impotente para arrancar do seu espírito a influência dos que o cercam”. FLORESTA, 1999a, p. 105.

⁸³⁴ FLORESTA, 1864, p. 108. “uma atmosfera completamente diferente da que acabrunha o espírito dos seus súditos”; “São Pedro, o humilde servo de Jesus Cristo, algum dia se deu o direito de ter súditos!?”. FLORESTA, 1999a, p. 106.

ser dirigido a uma mulher brasileira, não se intimidou e defendeu: “*Nous avons dans notre clergé, répondis-je aussitôt en tâchant d’imiter sa franchise, ‘plusieurs ecclésiastiques remarquables par la pureté de leurs mœurs, leurs sentiments pieux et leur profonde instruction’*”. Em seguida, afirmou: “*Quant à ceux qu’il vous plaît de généraliser sous le nom de clergé du Brésil, ils sont à peu près comme ceux du clergé de Rome, parmi lequel un certain nombre d’entre eux ont vécu et ont puisé de bonnes leçons*”⁸³⁵. Em *Opúsculo humanitário*, Nísia Floresta aponta o clero brasileiro como um dos fatores que atrasam o desenvolvimento moral do país, embora o defenda diante da opinião estrangeira.

Registra, ainda, a reação dele às suas palavras: “*Le sage prélat se pinça les lèvres, sourit gracieusement, et passa de suite au sujet intarissable de la puissante nature du Brésil, dont les femmes, ajoute-t-il, ont beaucoup d’esprit!*”. O grifo na palavra “sábio” revela a ironia na escolha do adjetivo. Nísia Floresta também retruca a afirmação sobre as brasileiras: “*Pardon, monseigneur, vous vous trompez, les femmes de mon pays ont plus de cœur que d’esprit, car c’est surtout le cœur qu’on s’efforce d’y cultiver; c’est pourquoi elles se trouvent un peu dépayées dans certaines villes d’Europe où le règne de l’esprit est si puissant*”⁸³⁶.

Como justificativa de sua reação, argumenta que a maioria das altas personalidades que compunham a corte de Pio IX não se pareciam com ele. Por isso, sentiu a necessidade de demonstrar a um deles que não era papel do clero de Roma censurar o clero do Brasil ou de qualquer outra nação em relação aos costumes, ressaltando que essa vontade não vinha apenas de um sentimento de nacionalidade, mas também de um senso de justiça, que a levou a superar sua resistência natural a ofender alguém. A escritora seguiu, portanto, se posicionando firmemente em defesa de seus princípios, independentemente de quem era o seu interlocutor.

Além de atender ao seu dever de justiça, consolida sua argumentação para o público leitor, que poderia concordar ou não com sua atitude. Cabe salientar que Nísia Floresta é uma mulher estrangeira em uma cidade governada pela autoridade papal, retrucando a opinião de um cardeal, portanto, alto membro da Igreja Católica e, por fim, expõe a situação para seus leitores, tornando-a pública.

⁸³⁵ FLORESTA, 1864, p. 108-109. “o clero do Brasil é muito imoral, não é senhora?”; “Temos no nosso clero, respondi imitando sua franqueza, muitos eclesiásticos notáveis pela pureza dos seus costumes, sentimentos piedosos e profunda instrução”; “Quanto àqueles que generalizais sob o nome de clero do Brasil, eles são iguais ao clero de Roma, onde um certo número deles viveu e aprendeu boas lições”. FLORESTA, 1999a, p. 106.

⁸³⁶ FLORESTA, 1864, p. 109. “O *sábio* cardeal mordeu os lábios, sorriu sem jeito, e passou rápido ao assunto inesgotável da vigorosa natureza do Brasil, cujas mulheres, acrescentou, têm muito espírito!”; “Perdão senhor, vos enganais, disse – é sobretudo o coração que nos esforçamos em cultivar, é por isso que elas ficam pouco à vontade em certas cidades da Europa, onde o reino do espírito é tão forte”. FLORESTA, 1999a, p. 106 (grifo da autora).

Em visita à Trinità dei Pellegrini, refletiu sobre a caridade ao observar o contraste entre as mulheres e crianças miseráveis, e as princesas e senhoras de famílias ricas, que praticavam o bem esperando receber homenagens. A escritora afirma: “*Mais comme elle se montre ici déplacée, au milieu de cette foule curieuse et bruyante, de cette pompe ostensible*”, e interroga: “*Les hommages!... qu’est-ce que les hommages du monde? Vulgaires fleurs sans parfum dont un art trompeur s’empare pour les rendre odorantes, et les jeter sur le premier venu que favorise la fortune ou une circonstance fortuite*”⁸³⁷.

Os episódios presenciados por ela servem para apresentar a defesa da caridade como virtude inerente às mulheres, provocando o leitor a refletir por meio de questionamentos retóricos, levando-o a concluir que a verdadeira caridade deveria ser feita em segredo, sem buscar o reconhecimento ou homenagem pública. Em sua passagem por Nápoles, Nísia Floresta incluiu reflexões sobre as casas de caridade da cidade. Considerando a quantidade de mendigos ali e em Roma, a existência dessas instituições era questionável. Relacionando a pobreza com a negligência dos governos para com a educação, afirmou:

*Mais ce ne seront pas ces établissements ni d’autres du même genre que j’ai visités partout, [...] qui parviendront à soustraire le pauvre peuple aux funestes conséquences de la misère. La source principale de ce fléau qui le ronge, le décourage quelquefois, et le porte assez souvent au vice, c’est l’ignorance où l’on s’est plu toujours à le laisser plongé. Ce blâme, on ne le répètera jamais assez. Le pauvre peuple de Rome et de Naples, les deux villes d’Italie que j’ai le mieux vues jusqu’ici, manque entièrement d’instruction. Rien de plus négligé que l’éducation des classes dites inférieures de ces deux villes! Une grande misère y existe, avec cette seule différence, que les pauvres de Naples traînent cette misère en chantant, et que ceux de Rome la traînent tristes et taciturnes!*⁸³⁸

Embora a visita a instituições de caridade fizesse parte do roteiro das mulheres viajantes, a preocupação de Nísia Floresta com esse princípio é anterior à sua viagem e esteve presente

⁸³⁷ FLORESTA, 1864, p. 55. “Como a caridade parecia deslocada no meio da multidão curiosa e barulhenta, e vaidosa pompa”; “As homenagens! ... o que são as homenagens do mundo? Vulgares flores sem perfume, das quais uma arte enganosa apodera-se para torná-las perfumadas e jogá-las no primeiro que chega, favorecido pela sorte ou fortuitas circunstâncias”. FLORESTA, 1999a, p. 59.

⁸³⁸ FLORESTA, 1864, p. 236. “No entanto, não serão esses estabelecimentos, nem outros do mesmo gênero que visitei em vários lugares, [...] que conseguirão extirpar das pessoas pobres as funestas consequências da miséria. A causa principal desse flagelo que corrói e abate, e muitas vezes leva o miserável ao vício, é a ignorância em que o deixam mergulhado. E nunca é demais repetir essa crítica. O povo pobre de Roma e Nápoles, as duas cidades da Itália que conheci melhor até agora, não tem nenhuma instrução. Nas duas cidades, nada é mais negligenciado do que a educação das classes ditas inferiores. Nas duas existe uma grande miséria, com uma única diferença, os pobres de Nápoles arrastam essa miséria cantando e os de Roma tristes e taciturnos!”. FLORESTA, 1999a, p. 217-218.

em outros de seus textos, como *Conselhos à minha filha*⁸³⁹ e *Opúsculo humanitário*. Elaborando análises, apontando causas e propondo soluções para os problemas sociais observados, reconhece que a miséria na Itália não é maior que na França, onde havia proibição da mendicância, e cita também o caso de Londres, exibindo os lugares que conhecera. Além disso, sugere que nos Estados Pontifícios a situação seria pior, o que atestaria o fracasso desse governo.

O pauperismo tornou-se objeto de intenso debate público, com opiniões divididas entre os defensores da filantropia privada ou religiosa e aqueles que propunham uma atuação mais ativa do Estado como forma de enfrentamento da crise social. As transformações econômicas do final do século XVIII provocaram profundas consequências sociais, inicialmente percebidas no meio rural. Nas áreas urbanas, o crescimento populacional resultou em desorganização social. De acordo com Riall, durante o século XIX, a população de Turim duplicou, enquanto Milão passou de 139 mil para 189 mil habitantes entre o período da Restauração e as revoluções de 1848. À semelhança de outros centros urbanos em expansão acelerada na Europa, as cidades italianas careciam de infraestrutura adequada e de oportunidades de emprego para absorver o novo contingente populacional⁸⁴⁰.

Nesse contexto, Riall destaca a criação de uma “classe perigosa”, associada a trabalhadores temporários⁸⁴¹. A autora ressalta que parcela significativa dessa classe era formada por mulheres. Muitas delas, embora casadas, migravam para centros urbanos no Norte e Centro da Itália, deparando-se com escassas oportunidades de inserção no mercado de trabalho. Subordinadas legalmente aos homens e alvo de discriminação educacional e salarial, essas mulheres ocupavam funções marginais, geralmente acumulando o trabalho doméstico com atividades como tecelagem, costura e cuidados infantis⁸⁴².

Entre os segmentos femininos considerados mais “perigosos” estavam as prostitutas. Essa percepção não se restringia ao contexto italiano, sendo compartilhada em cidades como Londres, Paris, Portsmouth e Hamburgo. Geralmente oriundas de áreas rurais e solteiras, essas mulheres buscavam complementar sua renda em ocupações como empregadas domésticas, lavadeiras, costureiras ou garçonetes⁸⁴³. Nísia Floresta comenta brevemente acerca da

⁸³⁹ FLORESTA, Nísia. *Conselhos à minha filha, com 40 pensamentos em versos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Imperial de F. de Paula Brito, 1845. Disponível em: https://play.google.com/books/reader?id=c_ZCAQAAMAAJ&pg=GBS.PR3&hl=pt. Acesso em: 23 out. 2025.

⁸⁴⁰ RIALL, 2004.

⁸⁴¹ RIALL, 2004, p. 42.

⁸⁴² RIALL, 2004.

⁸⁴³ RIALL, 2004.

prostituição em ruas italianas, e questiona a ausência de iniciativa dos governos em frear essa atividade, “*qui ternit les plus belles perspectives des progrès d’un peuple!*”⁸⁴⁴. Aproveita a discussão para reafirmar a importância da mulher para a elevação moral da humanidade, conforme o trecho a seguir:

*Ayons cependant foi dans l’avenir. L’attention des peuples aveuglés s’éveillera tout à fait sur leur intérêt le plus palpitant; ils apprécieront, ils sauront mettre en pratique, espérons-le, cette éloquente réflexion d’un esprit progressiste, d’un célèbre écrivain français: ‘Philosophes, physiologistes, économistes, hommes d’État, nous savons tous que l’excellence de la race, la force du peuple, tient surtout au sort de la femme. Être aimée, enfanter, puis élever moralement, élever l’homme (ce temps barbare ne l’entend pas bien encore): voilà l’affaire de la femme’*⁸⁴⁵.

Nísia Floresta mantém sua defesa da educação feminina e da relevância da mulher para o progresso moral da humanidade, reafirmando seus argumentos mesmo em um texto cujo foco principal deveria ser sua viagem. As experiências vividas na viagem enriquecem sua argumentação, fundamentam sua retórica, fornecendo-lhe elementos adicionais para comparação e criando possibilidades de análise.

Os desafios enfrentados pelos centros urbanos italianos nesse período, como o rápido crescimento populacional, a disseminação de enfermidades e a formação de “classes perigosas”, reproduziam problemáticas comuns a diversas regiões da Europa. As elites italianas reagiram de formas distintas ao agravamento da pobreza rural e à intensificação da instabilidade urbana. Grande parte da assistência social disponível, por meio de hospitais, abrigos, cozinhas comunitárias e empréstimos, era provida pela Igreja, o que representava uma estratégia de manutenção de sua influência nas comunidades empobrecidas. Em algumas localidades, contudo, surgiram iniciativas promovidas por cidadãos e pelo Estado que procuravam desafiar o monopólio eclesiástico no atendimento aos pobres⁸⁴⁶.

Em Turim, por exemplo, a nova elite urbana impulsionou o desenvolvimento de um sistema educacional independente. Durante a década de 1840, foram fundadas escolas infantis no Piemonte, na Toscana e em Nápoles, com o objetivo de oferecer instrução primária aos filhos de artesãos e trabalhadores pobres. Essas reformas educacionais estavam alinhadas aos valores

⁸⁴⁴ FLORESTA, 1864, p. 297. “que acaba com as mais belas perspectivas de progresso de um povo”. FLORESTA, 1999a, p. 270.

⁸⁴⁵ FLORESTA, 1864, p. 298. “Tenhamos fé no futuro. A atenção dos povos cegos despertará para seus interesses mais palpitantes, eles apreciarão, eles saberão pôr em prática, esperemos, a eloquente reflexão do espírito progressista de um célebre escritor francês: ‘Filósofos, fisiologistas, economistas, homens de Estado, todos nós sabemos que a excelência da raça, a força do povo, deve-se sobretudo à mulher. Ser amada, ter filhos, depois educá-los moralmente, formar o homem (estes tempos bárbaros ainda não entendem isso): eis a missão da mulher!’”. FLORESTA, 1999a, p. 270.

⁸⁴⁶ RIALI, 2004.

da burguesia emergente, priorizando, além da alfabetização, a internalização de normas como a sobriedade, a disciplina e a aceitação da hierarquia social vigente⁸⁴⁷.

A visita a instituições de ensino atrai o interesse de Nísia Floresta, que registra a ida à escola das irmãs do *Sacre Coeur*, em Roma. Destacando a preferência por semelhante instituição entre os franceses, destaca que: “*les filles élevées dans cette atmosphère morale contractent souvent l’habitude de la dissimulation et de manières aristocratiques très-déplacées chez les élèves des humbles servantes de Jésus*”⁸⁴⁸. Nessa ocasião, reafirma que a mãe deveria ser a principal responsável por garantir uma formação educacional adequada às suas filhas, criticando, assim, o costume de delegar essa responsabilidade a terceiros.

Também aceitou o convite do bispo de Mondovì para visitar a instituição dedicada à educação de meninas fundada por ele, sobre a qual elabora a seguinte avaliação:

*C’est un des établissements de ce genre les mieux montés que j’aie vus en Italie. L’ordre et la propreté y règnent partout, et rien n’y semble négligé pour inspirer à l’enfance et à la jeunesse le goût du travail, soit matériel, soit intellectuel, l’enseignement de ce dernier étant très-borné comme partout, dans de pareilles écoles spécialement, selon le principe qui établit l’inutilité pour le sexe d’une complète instruction*⁸⁴⁹.

Embora reconhecesse a instituição como uma das melhores que visitara na Itália, a educadora apontou que o ensino intelectual era bastante limitado, uma vez que a instrução feminina era considerada inútil. A diretora, conforme suas observações, mostrou-se gentil e satisfeita com sua presença. Ela e as professoras tratavam as meninas com delicadeza. O bispo, por sua vez, fez questão de presidir pessoalmente os exercícios naquela ocasião. As numerosas alunas, oriundas de diversas classes sociais, foram distribuídas em vários grupos. As turmas trabalhavam com o método da lição cantada, o que, em sua avaliação, prejudicava o pulmão e as “sofredoras cabeças que as escutam”⁸⁵⁰.

A partir dos registros sobre tais instituições, Nísia Floresta se afirma como uma autoridade no campo da educação. Sua opinião era tão valorizada por aqueles interlocutores que, segundo ela, “*Tout était sans doute préparé d’avance pour que le cadre de l’enseignement*

⁸⁴⁷ RIAL, 2004.

⁸⁴⁸ FLORESTA, 1864, p. 151. “as meninas educadas nessa atmosfera moral frequentemente adquirem o hábito da dissimulação e maneiras aristocráticas, dissonantes com as alunas das humildes servas de Jesus”. FLORESTA, 1999a, p. 142.

⁸⁴⁹ FLORESTA, 1872, p. 329. “É um dos estabelecimentos desse tipo melhor montado que vi na Itália. A ordem e limpeza reinam por toda parte, e nada parece ser esquecido para inspirar à infância e juventude o gosto pelo trabalho material ou intelectual, porém o ensino desse último é muito limitado, como em escolas semelhantes em todos os outros lugares, de acordo com o princípio que estabelece a inutilidade de uma completa instrução para o sexo feminino”. FLORESTA, 1999b, p. 268.

⁸⁵⁰ FLORESTA, 1999b, p. 269.

de cette maison produisît sur moi une favorable impression”⁸⁵¹. É preciso considerar que essa é a impressão da própria educadora sobre a experiência vivida, o que a torna marcada pela parcialidade. Ainda assim, a inclusão de *Conselhos à minha filha* como material de estudo nas escolas de meninas de Mondovì atesta em seu favor, evidenciando o prestígio de que desfrutava naquele espaço e a respeitabilidade de seu trabalho como educadora e escritora.

Na seção destinada ao Fórum Romano, Nísia Floresta faz uma reflexão sobre o passado enquanto experiência, momento em que a autora aborda a barbárie como ruína dos povos e questiona os sábios que afirmavam que o tempo dos bárbaros havia terminado, citando eventos recentes que contradizem essa ideia. Ela defende que “*le nom de peuple barbare a disparu de l’Europe civilisée, mais les barbaries s’y perpétuent partout. Les Attilas modernes se présentent sous d’autres formes*”⁸⁵², ainda que professem outros princípios e ajam de maneiras distintas. Dessa forma, parte das autoridades contemporâneas, juntamente com o clero que respaldava suas ações, é apresentada como uma continuidade da barbárie.

O reencontro com o arcebispo P. fez com que a escritora recordasse os anos dedicados ao magistério e o momento em que ele se surpreendeu com a existência de uma instituição “*de jeunes personnes, où, tout en leur enseignant la pratique des vertus domestiques, on ne dédaignait pas de cultiver leur esprit en leur révélant les beautés des Herculano, des Racine, des Shakespeare, des Gæthe, des Dante et des Virgile*”⁸⁵³. Segundo a escritora, a surpresa era justificável, uma vez que o arcebispo, como grande parte dos europeus, acreditava que o Brasil ainda se encontrava em condição semisselvagem.

Assim, Nísia Floresta informa o leitor sobre sua atuação como educadora e, apesar do tom modesto ao falar de sua inteligência como frágil, aponta que os resultados eram surpreendentes até para aqueles que duvidavam das potencialidades do Brasil. Ademais, aponta o Colégio Augusto como exemplo do desenvolvimento moral e intelectual do país, e, consequentemente, a si como a responsável por tal feito.

Encara como um trabalho fatigante examinar as obras-primas da cidade, e prescreve um modo de vivenciar a viagem a outros viajantes: a primeira visita a Roma “*doit être, en vérité, consacré entièrement à la contempler, à l’admirer en silence, à se laisser pénétrer de sa*

⁸⁵¹ FLORESTA, 1872, p. 330. “Tudo fora preparado antecipadamente, sem dúvida para que o método de ensino da casa me impressionasse favoravelmente”. FLORESTA, 1999b, p. 269.

⁸⁵² FLORESTA, 1864, p. 70. “O nome do povo bárbaro desapareceu da Europa civilizada, mas os bárbaros perpetuaram-se por toda parte. Os Átilas modernos apresentam-se com outras formas”. FLORESTA, 1999a, p. 72.

⁸⁵³ FLORESTA, 1864, p. 76. “de jovens onde, sempre lhes ensinando a prática das virtudes domésticas, não se descuidaram de cultivar seus espíritos, revelando-lhes as belezas dos Herculano, Racine, Shakespeare, Goethe, de Dante ou de Virgílio”. FLORESTA, 1999a, p. 78.

grandeur réelle par la méditation de ce qui lui a donné une juste célébrité dans le monde”⁸⁵⁴. Essas recomendações a aproximam daqueles que a antecederam e contribuíram para a construção de modos de viajar.

A elevação moral da sociedade é defendida ao discorrer sobre a função da arte e da literatura. Emitindo seu “humilde julgamento”, contraria a ideia predominante de que a representação de crimes e vícios pudesse ter um caráter educativo, influenciando positivamente a geração contemporânea. Argumenta que a repetição do método ao longo dos séculos atestava a sua ineficácia. Defende, ainda, que é necessário “*une méthode plus capable de mieux diriger l’éducation morale des peuples, en les préparant dès l’enfance à adorer la vertu et à détester le vice, quelle que soit la forme sous laquelle il se présente*”⁸⁵⁵.

A maneira como a autora se refere ao próprio julgamento tem como objetivo atenuar o fato de se posicionar em igualdade com escritores e artistas homens que insistiam no método por ela criticado. Sua atuação como escritora é concebida como instrumento de transformação de consciências e de defesa da necessidade de uma reforma moral e educacional da sociedade. Independentemente do gênero predominante em seus textos, Nísia Floresta mantém-se firme na defesa dos princípios que orientam sua produção desde a primeira publicação.

Em visita ao Castelo de Santo Ângelo, demonstra consternação ao ver os quartos que serviram de prisão no passado. A experiência serve para que discuta a existência de prisões semelhantes em diversos países na contemporaneidade e relacione isso ao atraso moral da humanidade. De acordo com ela, o homem, enquanto ser moral, tende a ficar mais revoltado do que curado diante de castigos cruéis ou vergonhosos, especialmente quando não foi devidamente esclarecido ou orientado na prática de seus deveres, sendo punido sem piedade ao cometer erros.

Por fim, defende que a humanidade encontraria plenitude quando compreendesse que as instituições de trabalho e ensino deveriam substituir as prisões. Nísia Floresta condena, ainda, o suplício, especialmente o sofrido por Beatrice Cenci (1577-1599), jovem romana condenada e decapitada sob a acusação de assassinar o pai, o conde Francesco Cenci. Defendendo que a

⁸⁵⁴ FLORESTA, 1864, p. 77. “deve ser, na verdade, consagrada inteiramente à contemplação. Devemos admirá-la em silêncio, deixar-se penetrar por sua grandeza real, meditando sobre o que lhe dá a justa celebridade no mundo”. FLORESTA, 1999a, p. 79.

⁸⁵⁵ FLORESTA, 1864, p. 84. “um método que seja capaz de dirigir melhor a educação moral dos povos, preparando-os desde a infância a adorar a virtude e a detestar o vício, qualquer que seja forma com que ele se mostre”. FLORESTA, 1999a, p. 83.

jovem agiu em defesa de sua honra, argumenta: “*La loi absout l’homme qui tue son semblable en défendant sa propre vie. Qu’est-ce que la vie en comparaison de l’honneur?*”⁸⁵⁶.

No entanto, repreende o pensamento de que Francisco Cenci merecia a morte, uma vez que também é contrária à pena de morte. Os suplicios constituíam a punição frequentemente aplicada durante os séculos XVII e XVIII, caracterizando-se por punições públicas e físicas, incluindo execuções e torturas, com a finalidade de assegurar a autoridade do Estado sobre a população. O desaparecimento do suplício ocorreu de forma gradual, entre 1830 e 1848, ainda que a prática da tortura tenha permanecido em uso⁸⁵⁷. Entre as razões para se opor aos recursos punitivos, ela os associa ao atraso moral da humanidade.

Dessa forma, a autora brasileira expande sua atuação para além do mero relato de viagem, adotando uma postura crítica diante de temas que mobilizavam intelectuais e autoridades ocidentais, especialmente no contexto pós-Revolução Francesa e dos movimentos de 1848. Os crimes, segundo a construção argumentativa de Nísia Floresta, seriam consequência de uma sociedade desigual, desorganizada e carente de uma educação adequada para homens e mulheres.

Com a visita ao Museu do Vaticano, Nísia Floresta aponta que não havia exemplos de um governo que tivesse beneficiado verdadeiramente a humanidade e sugere que, para pôr fim aos flagelos que acometiam os diferentes povos, era necessário que se priorizasse a educação moral. Comparando Roma a outras cidades, aponta que a primeira carecia de um governo adequado e que: “*Trois choses choquent l’étranger aussitôt qu’il arrive dans cette métropole du catholicisme: 1^o l’absence de surveillance pour la propreté générale de la ville; 2^o le nombre considérable de mendiants; 3^o le luxe de son haut clergé*”⁸⁵⁸. Enquanto a cidade moderna abandonou o gosto pela limpeza, com o fechamento de banhos públicos, os costumes do alto clero cresceram em elegância e riqueza. Assim, Nísia Floresta associa o abandono da cidade ao enriquecimento do clero, responsável pelas mazelas observadas em sua viagem.

A brasileira menciona o encontro com o Sr. A.⁸⁵⁹, descrito como um dos mais distintos escritores franceses e responsável por sugerir parte dos passeios feitos por ela. Nísia Floresta demonstra admiração pelos méritos literários e pela sensibilidade do Sr. A. e menciona que ele

⁸⁵⁶ FLORESTA, 1864, p. 116. “A lei absolve o homem que mata seu semelhante defendendo sua própria vida. O que é a vida em comparação com a honra?”. FLORESTA, 1999a, p. 112.

⁸⁵⁷ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

⁸⁵⁸ FLORESTA, 1864, p. 124-125. “Três coisas chocam o estrangeiro logo que ele chega na metrópole do catolicismo: 1^o A ausência de cuidados com a limpeza geral da cidade; 2^o O grande número de mendigos; 3^o O luxo do alto clero”. FLORESTA, 1999a, p. 119.

⁸⁵⁹ Lúcio (1999) sugere que se tratava de Jean-Jacques Ampère (1800-1864).

emitiu uma opinião sobre seu “pobre” *Itinéraire d'un voyage en Allemagne*. Tal referência funciona como uma estratégia de validação da obra, conferindo-lhe valor sem abandonar a modéstia socialmente exigida às mulheres escritoras. Ao caracterizar e justificar a feitura do texto, reafirma que seu principal objetivo ao escrevê-lo era distrair-se da ausência dos familiares, sem a pretensão de alcançar um público amplo. Seu comentário também pode sugerir a circulação da publicação, especialmente entre seus amigos⁸⁶⁰.

A família e a pátria continuam a ser mencionadas periodicamente em seu relato. Ao passar por uma torrente de água a caminho de Tivoli, Nísia Floresta lembrou-se do Brasil e se imaginou repousando em seus campos natais⁸⁶¹. A brasileira descreve as paradisíacas paisagens de seu país, que povoavam as memórias de sua infância. O recurso de evocar raízes familiares e nacionais, amplamente utilizado por escritores e escritoras de sua geração, especialmente pelos românticos, constitui também uma afirmação de pertencimento. Nísia Floresta informa ao leitor quando recebe cartas dos familiares, uma maneira de reafirmar a manutenção da comunicação e, portanto, dos vínculos, apesar da distância. Tais estratégias literárias desempenham um papel importante ao contrabalançar a imagem de uma mulher escritora, viajante e solitária, reforçando assim os laços com suas origens e sua história familiar.

Conversas entre populares ou intelectuais eram observadas por Nísia Floresta, que fez uso das situações para discutir, dentre outros assuntos, a política italiana. Em um passeio à Igreja *di Gesù*, durante uma conversa com uma alemã e um romano, indagou o motivo de os italianos, filhos de uma mãe pródiga e cheia de grandes lembranças, não se unirem para reabilitar sua nação e garantir seus direitos, deixando-se dividir pelos inimigos e aceitando a humilhação de serem governados por estrangeiros, ao que o senhor romano respondeu, envergonhado:

*nous nous sommes énervés sous une sainte influence (...). Les successeurs de saint Pierre ont oublié leur mission, et, s'étant arrogé indéfiniment le pouvoir temporel, trafiquèrent toujours de leurs brebis avec toutes les puissances qui se sont inspirées de leur amour paternel*⁸⁶².

Essa conversa é apenas uma dentre tantas que Nísia Floresta afirma ter tido e ouvido entre os romanos, que “*exhalent ainsi à la dérobée leurs plaintes amères contre le*

⁸⁶⁰ FLORESTA, 1864, p. 128.

⁸⁶¹ FLORESTA, 1864, p. 147-148.

⁸⁶² FLORESTA, 1864, p. 162. “ficamos amarrados sob uma santa influência, (...) os sucessores de São Pedro esqueceram sua missão, e ao arrogar-se indefinidamente o poder temporal manipularam sempre suas ovelhas, junto com todas as potências que inspiraram-se em seu amor paterno”. FLORESTA, 1999a, p. 150.

gouvernement du Pape”⁸⁶³. A escritora afirma que não iria repetir os relatos diários dos abusos praticados pelas autoridades romanas, que contrastavam com a imagem de um governo paternal que se apregoava do outro lado. Mencionando um estudioso da cidade, aconselha que aqueles que cultivavam amor pela humanidade e um espírito verdadeiramente católico mantivessem distância de Roma para que pudessem amá-la na sua grandeza, conforme o cristianismo representava em suas imaginações.

Quando esteve em Nápoles, outra conversa mereceu a sua atenção. Após um comentário feito por uma francesa sobre o interior das prisões da cidade e a advertência feita por um napolitano, que ressaltou a tirania do rei e o destino dos prisioneiros, Nísia Floresta afirma:

*Sans savoir même s’entourer d’une certaine auréole de gloire qui fait trop souvent excuser aux despotes leurs actes de cruauté, Ferdinand II excite chez les Napolitains de la haine et du mépris à la fois. Cette haine et ce mépris sont couvés et progressent de jour en jour en silence, au cœur même de cette ville gardée par la plus nombreuse troupe des États d’Italie et surveillée par une des polices les plus inquisitoriales*⁸⁶⁴.

Assim, Ferdinando II é alvo da censura da escritora. Ainda em Nápoles, questionou a preferência do rei por viver em sua fortaleza de Gaeta, e não nos palácios da capital, ao que um nobre napolitano respondeu: “*Les tyrans de cette espèce, madame, sont comme les loups; ils aiment à dévorer leurs proies à l’ombre des solitudes*”, e manifestou o desejo: “*Mais le jour n’est pas loin, j’espère, où lui et toute sa nichée seront emportés par le souffle puissant de l’esprit national, qui balayera cette race détestable et en délivrera nos plages*”⁸⁶⁵. Nísia Floresta insiste que os comentários contrários aos governos estrangeiros e do papa eram corriqueiros, destacando sua opinião de que o rei não conseguiria manter seu poder por muito mais tempo.

A escritora destaca que a população, silenciosamente, cultivava sentimentos de raiva e desprezo. As conversas que endossavam as opiniões de Nísia Floresta contra as autoridades, que considerava usurpadoras do poder do povo italiano, aconteciam no cotidiano citadino entre pessoas comuns, sem envolvimento direto nos movimentos revolucionários. Ao citá-las, a

⁸⁶³ FLORESTA, 1864, p. 163. “manifestam assim, em segredo, suas queixas amargas contra o governo do papa, nós continuamos a visitar as ruínas da grandeza romana de outrora”. FLORESTA, 1999a, p. 151.

⁸⁶⁴ FLORESTA, 1864, p. 230. “Sem saber nem mesmo cercar-se com uma certa auréola de glória, que sempre desculpa aos déspotas seus atos de crueldade, Ferdinando II desperta nos napolitanos raiva e desprezo ao mesmo tempo. Raiva e desprezo que estão abafados e progridem dia após dia, silenciosamente, até mesmo no coração desta cidade, guardada pela mais numerosa tropa de Estados da Itália, e controlada por uma das polícias mais inquisitoriais”. FLORESTA, 1999a, p. 212.

⁸⁶⁵ FLORESTA, 1864, p. 252. “Os tiranos desse tipo, senhora, são como os lobos, eles gostam de devorar suas presas nas sombras da solidão. Porém, não está longe o dia, espero, em que ele e toda a sua corja serão levados pelo sopro poderoso do espírito nacional, que varrerá essa raça detestável e livrará nossas plagas”. FLORESTA, 1999a, p. 232.

escritora pretende enfatizar a iminência da revolução, que estaria em andamento e contava com o apoio dos mais diferentes grupos da sociedade italiana.

Riall contribui para a compreensão das bases sociais do *Risorgimento*, destacando a complexidade da composição social italiana no período da unificação. A autora identifica três grupos principais, aristocracia, burguesia e campesinato, e defende a análise interdependente dos fatores econômicos e políticos para compreender o papel de cada grupo no processo. Há consenso na historiografia italiana, no entanto, sobre a ausência de um apoio popular amplo, sobretudo do campesinato⁸⁶⁶.

A autora ressalta que a burguesia italiana era definida mais por *status* social do que por atividade econômica, composta por uma elite restrita, enquanto a pequena burguesia e as mulheres permaneciam excluídas dos espaços públicos e das redes de sociabilidade. A heterogeneidade regional e social dificulta generalizações sobre os impactos políticos dessas transformações. Embora se observe o surgimento de uma opinião pública liberal em algumas cidades, faltam estudos específicos sobre a atuação política desses grupos. Riall questiona a tradicional associação entre o *Risorgimento* e os interesses burgueses, defendendo a reavaliação do papel do conflito de classes frequentemente minimizado pela historiografia recente. Ainda assim, há indícios de consciência política popular, como nas revoltas urbanas protagonizadas por artesãos, nas ocupações de terra durante os anos revolucionários e na adesão camponesa à campanha de Garibaldi⁸⁶⁷.

Por fim, a historiadora destaca a influência decisiva da Igreja nas comunidades locais, cuja lealdade à autoridade religiosa e ao Estado dificultava a aceitação de ideais seculares. Assim, as conexões entre revolta popular e o *Risorgimento* permanecem pouco claras e controversas, sendo vistas por historiadores revisionistas como interpretações excessivamente simplificadas das relações entre estrutura social e comportamento político⁸⁶⁸.

As afirmações de Nísia Floresta podem ser interpretadas sob três perspectivas. Em primeiro lugar, os registros por ela elaborados podem ser compreendidos como fontes históricas que evidenciam o interesse de homens e mulheres pelas questões políticas de seu tempo, inclusive por meio de pequenos atos de insubordinação, como no caso de uma senhora que se recusou a se levantar em sinal de respeito a Ferdinando II. Em segundo lugar, tais registros indicam o anseio de ver a população engajada com os ideais revolucionários e que nutria o desejo de liberdade. Dessa forma, o ato de registrar revela-se como uma estratégia de

⁸⁶⁶ RIAL, 2004.

⁸⁶⁷ RIAL, 2004.

⁸⁶⁸ RIAL, 2004.

reafirmação de suas próprias convicções políticas. Por fim, a decisão de incluir diálogos desse tipo em sua narrativa pode estar associada, em parte, ao fato de conhecer os desdobramentos dos eventos registrados, visto que a publicação foi posterior ao fim da viagem.

Nísia Floresta afirma que estuda os povos dos lugares visitados, interessada em suas virtudes e em seus esforços na luta contra aqueles que os oprimem, assim como procura ver a fisionomia do chefe da nação que visita, na tentativa de ler os sentimentos que movem o seu governo. Sendo assim, ao saber da presença de Ferdinando II, acompanhado de sua família e da Corte, para assistir ao milagre de *Saint Janvier*, a escritora se dirige até o local. Além disso, desejava rever Dona Januária⁸⁶⁹ (1822-1901), casada com Dom Luís (1824-1897), irmão do rei das Duas Sicílias.

Nísia Floresta relata que esperava encontrar em Ferdinando II uma expressão severa e despótica, mas surpreendeu-se ao perceber nele um semblante afável. Segundo a autora, qualquer pessoa que desconhecesse os atos de tirania atribuídos ao rei poderia facilmente vê-lo, em meio à família e em atitude devota diante dos altares, como um soberano exemplar. Não hesita, assim, em manifestar publicamente sua oposição à autoridade de Ferdinando II. Ao contrário, o caracteriza como “déspota cruel” e “tirano”. A brasileira se posiciona contundentemente em seus escritos, assim como naqueles publicados no Brasil, onde criticou a ausência de iniciativa do governo na melhoria da educação feminina, a escravidão e o massacre indígena, tornando-se uma presença indesejada em alguns círculos intelectuais.

No monte Finestra, foi ao convento de *Trinità della Cava*, dos beneditinos, e como mulheres eram proibidas de acessar o interior destas instituições, dirigiu-se para a capela de Santo Alfière, onde escreveu a lápis:

[...] *Ô mes frères, ma sœur, mon fils! un ange saint
Vient éclairer mon âme encor tout embrasée
De votre souvenir qui respire en mon sein.
Alors ta douce image, ô mère bien-aimée,
M'apparaît radieuse aux pieds de cet autel,
Priant le Tout-Puissant pour ta fille chérie
[...] O mère, père, époux, ma trinité première,
Qui, s'envolant sitôt dans une étoile d'or,
Me lascia sur la terre où je gémis encor [...]*⁸⁷⁰.

⁸⁶⁹ Januária de Bragança, filha do imperador Dom Pedro I e da imperatriz Maria Leopoldina. Irmã do imperador Pedro II do Brasil e da rainha Maria II de Portugal.

⁸⁷⁰ FLORESTA, 1864, p. 187-188. “[...] Oh! meus irmãos, minha irmã, meu filho, um anjo santo/ Venham iluminar minha alma ainda enleada/ Com vossas lembranças que respiram em meu peito./ Neste momento tua doce imagem, oh! mãe bem-amada/ Apareceu-me radiosa aos pés deste altar,/ Orando ao todo poderoso por tua filha querida/ Que chora e ainda espera pelo Ser Supremo./ [...] Oh! mãe, pai, esposo, minha trindade primeira/ Que partindo tão cedo numa estrela de ouro/ Deixou-me cá na terra onde ainda gemo [...]”. FLORESTA, 1999a, p. 174.

Os versos cantam a saudade da família que permaneceu no Brasil e o luto pela mãe, o esposo e o pai. A maneira como se refere a Augusto legitima para os seus leitores o seu estado de viuvez. Esse é mais um exemplo de como Nísia Floresta conduz a opinião dos leitores e elabora uma imagem de si e da sua vida através da escrita. Passeia por diferentes espaços, distante da família, que voluntariamente deixou, apropria-se da escrita, território de hegemonia masculina, para emitir opiniões severas sobre a política, o poder temporal do papa, para apoiar os revolucionários liberais, enquanto enfatiza que sua “pobre pena é incapaz de traduzir” suas próprias impressões durante a viagem. Uma contradição aparente, no entanto, dificilmente espontânea e desinteressada.

Os discursos autobiográficos atravessam a escrita de *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*, sendo feitos de maneira direta ou indireta. Exemplo do último caso é a afirmação feita após observar os vestígios da destruição causada pelas erupções do Vesúvio e citar a conduta de Plínio, que não abandonou a mãe, mesmo diante do pedido para que o fizesse:

*Il y a d'autres épreuves, sinon plus violentes, du moins bien plus difficiles à subir que la mort dans un moment suprême comme celui où se trouva la mère du jeune Pline; épreuves dont quelques mères se sont héroïquement tirées. C'en est une assurément de pouvoir braver et dompter, quand on a dans l'âme un volcan d'amour, la voix d'une longue jeunesse isolée, assiégée de séductions puissantes, afin de ne vivre que pour son enfant. C'est là, il me semble, le résumé des plus grands efforts de la femme et de toute la tendresse de la mère*⁸⁷¹.

A escritora parece referir-se a si mesma e às dificuldades que enfrentou após o falecimento de Augusto. Viúva aos vinte e três anos e responsável pelo sustento da família e pela educação dos filhos, afirma ter vivido uma existência solitária, dedicada integralmente aos filhos. Sendo assim, sua experiência é considerada heroica diante das perdas e dos desafios impostos pela vida.

O viajante daquele período contava com uma rede de conhecimentos apoiada por comerciantes, diplomatas, artistas, banqueiros e estudiosos. Formada por relações pessoais e posições específicas, essas redes eram ativadas por meio de cartas de apresentação, recomendações, salvo-condutos e bilhetes de amigos e conhecidos. Por meio delas era possível conseguir facilidades, como reservas em hospedarias e contatos com pessoas locais que podiam

⁸⁷¹ FLORESTA, 1864, p. 202. “Existem outras provas, senão mais violentas, ao menos mais difíceis de enfrentar, do que a morte num momento supremo como o que estava a mãe do jovem Plínio. Provas às quais algumas mães saíram-se heroicamente. É uma afirmação de força enfrentar e dominar a voz de uma longa juventude, solitária, assediada por poderosas seduções, e quando se tem na alma um vulcão de amor, para viver apenas para os filhos. Aí está, parece-me, a síntese dos maiores esforços da mulher e de toda a ternura de mãe”. FLORESTA, 1999a, p. 188.

atuar como guias ou com conhecedores de coleções particulares de antiguidades, permitindo que o viajante as inspecionasse. Amigos em comum, que já conheciam bem os lugares, poderiam ser excelentes guias para compatriotas que chegavam recentemente⁸⁷².

Nísia Floresta informa que das cartas de recomendação que recebera para Nápoles, remeteu apenas duas, uma para o Sr. S., “*le disciple le plus éclairé du fondateur du Positivisme*”⁸⁷³, e outra para o Sr. R. de S., “*chargé d'affaires par le gouvernement du Brésil dans le royaume de Naples*”⁸⁷⁴. Lúcio sugere que o positivista a quem a escritora se refere é Luís Augusto Segond (1819-1908), médico e cantor lírico francês, que estivera no Brasil com uma companhia de canto em 1857, e entregara a carta de recomendação de Nísia Floresta para o seu cunhado, José Henrique de Medeiros⁸⁷⁵.

Nísia Floresta defende o papel do governo na condução do progresso de uma nação, ou de seu fracasso. Para iniciar a construção de sua argumentação, menciona os *Lazzaroni*, parte do povo de Nápoles, descritos como estranhos e vadios por viajantes, mas que naquele momento se confundiam com os trabalhadores da cidade. A significativa transformação ocorrida entre esses indivíduos marginalizados, atribuída ao progresso promovido pela administração francesa, é evidência de que certas camadas da população, por mais inferiores que possam parecer, são sempre passíveis de melhoria quando o governo se dedica a elas com empenho.

A escritora convida o leitor a analisar a história dos povos, atualmente tão orgulhosos de sua civilização, e observar que, em sua origem, pareciam tão incapazes de alcançar tal civilização quanto aqueles considerados selvagens, aos quais foram submetidos a diversos tipos de crueldades sob o pretexto de civilizá-los. Gregos e romanos, por exemplo, que deram origem aos europeus e se consideravam uma raça superior, caíram em decadência quando governados sem base sólida. Por fim, conclui:

*De même que le peuple le plus éclairé et le plus puissant, après quelques siècles d'oppression et de calamité que lui firent subir ses gouvernements, est sujet à dégénérer, de même les hommes nés dans la condition la plus inférieure peuvent parvenir, si l'on cherche à cultiver leur cœur et leur esprit, à honorer la société par de nobles et grandes actions*⁸⁷⁶.

⁸⁷² SALGUEIRO, 2002.

⁸⁷³ FLORESTA, 1864, p. 224. “o mais esclarecido discípulo do fundador do Positivismo”. FLORESTA, 1999a, p. 207.

⁸⁷⁴ FLORESTA, 1864, p. 224. “representante do governo do Brasil em Nápoles”. FLORESTA, 1999a, p. 207.

⁸⁷⁵ LÚCIO, 1999.

⁸⁷⁶ FLORESTA, 1864, p. 248. “Da mesma maneira que o povo mais esclarecido e poderoso, depois de alguns séculos de opressão e infortúnios que seus governos o fizeram suportar, está sujeito a degenerar, assim também os homens nascidos nas mais inferiores condições podem conseguir, se procurarem

Nísia Floresta utilizava tais argumentos para defender o fim da escravidão no Brasil, pois contestava a noção de que o negro seria uma raça moralmente inferior. Apesar das evidências científicas que apontariam diferenças entre os órgãos de homens brancos e negros, argumentava que, sob condições adequadas, os negros poderiam alcançar um desenvolvimento moral superior. Ao relacionar passado, presente e futuro, a escritora deixa evidente a concepção de história como portadora de preciosas lições.

Dedica algumas linhas para registrar observações gerais sobre a Itália, negando que a finalidade fosse fazer “história propriamente dita” do caráter ou da nação italiana em particular. No entanto, Nísia Floresta transcreve a frase “*Pour juger du caractère d’une nation, c’est la masse commune qu’il faut examiner*”⁸⁷⁷, que atribui a madame de Staël, para embasar o direcionamento do seu olhar sobre o viver da população. A escritora expressa a relação que estabelece com os diferentes tempos históricos durante a viagem, não apenas no que diz respeito às lacunas deixadas pela destruição de ruínas, mas também ao destacar a necessidade de cultivar esperança por dias de liberdade para o povo italiano. Destaca o contraste entre as maravilhas naturais que via todos os dias e a situação política da nação, ignorada por parte da população, que seguia entregue aos prazeres, alheios às vítimas da política de Ferdinando II.

Em Florença, afirma ter encontrado um “*peuple d’artistes et de guerriers à la fois, intelligent, littéraire et brave, toujours prêt à échanger la plume et le pinceau pour l’épée, au premier appel de la patrie menacée dans sa liberté*”⁸⁷⁸. A escritora acompanha a procissão de *Corpus Domini* e reflete sobre a falta de decoro da população e do clero e, em determinado momento, seu pensamento se dirige ao passado, quando perdera Augusto e se tornou responsável por seus filhos, mãe e irmã, por quem tinha sentimento materno. Na ocasião, reafirma a viagem como meio mais seguro e útil para aliviar dores, e define:

Observer le monde est une grande science; analyser et comparer les mœurs, les coutumes, les divers degrés de civilisation des peuples, c’est la meilleure étude que puisse faire le voyageur. Mais, pour que cette étude soit faite avec ordre et avec un profit quelconque, il faut, avant tout, que l’esprit soit calme,

cultivar o coração e o espírito, honrar a sociedade com nobres e grandes ações”. FLORESTA, 1999a, p. 228.

⁸⁷⁷ FLORESTA, 1864, p. 249. “Para julgar o caráter de uma nação, é preciso examinar a massa comum”. FLORESTA, 1999a, p. 230.

⁸⁷⁸ FLORESTA, 1864, p. 268. “Povo de artistas e de guerreiros, ao mesmo tempo inteligente, literato e bravo, sempre pronto a trocar a pena e o pincel pela espada, ao primeiro apelo da pátria ameaçada em sua liberdade”. FLORESTA, 1999a, p. 245.

*et que le cœur ne gémissse pas à plus de 2.500 lieues de la chère patrie qui renferme la moitié de sa vie!*⁸⁷⁹

Ainda que reconheça que a observação do mundo é uma ciência, e que o melhor estudo para o viajante é analisar e comparar os costumes, modos de vida e os níveis de civilização dos povos, Nísia Floresta admite que o seu estudo é comprometido pelo sofrimento de estar distante de sua pátria e de seus familiares. Seu tom nostálgico se estende à lembrança despertada pelo aniversário de sua mãe, em 13 de maio, reservando algumas linhas para uma breve homenagem à sua memória. Observa-se uma alteração no uso do vocativo por parte da escritora: enquanto em *Itinéraire d'un voyage en Allemagne* ela se dirige diretamente ao familiar com quem dialoga, em *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*, ela faz referência a esses indivíduos de forma indireta, mencionando-os sem estabelecer um diálogo direto com eles.

Nísia Floresta discorre sobre o casamento, usando como pretexto Ettore Marcucci, prefaciador e tradutor da edição italiana de *A lágrima de um Caeté*, e até mesmo Livia. Sobre Marcucci, por quem expressa profunda amizade e admiração, aponta o seu casamento como exemplo de união bem-sucedida. O músico, literato e poeta era de uma família honrada de Roma. Seu pai, severo e ambicioso, queria que ele se casasse com uma herdeira inglesa rica, mas ele não se apaixonou por ela e recusou a união. Por isso, deixou Roma e morou em Nápoles, Sicília e, finalmente, em Florença, onde se apaixonou por uma jovem mulher que se tornou seu grande amor. Eles tiveram 11 filhos e, apesar das dificuldades, seu amor e ternura fortaleceram seus laços, tornando sua vida uma história de resistência e afeto.

Quando Nísia Floresta foi apresentada a Marcucci, uma senhora piemontesa lamentou que ele fosse excessivamente dedicado à esposa, recusando oportunidades profissionais que implicassem em afastamento entre eles. O comportamento, segundo ela, contrariava a racionalidade esperada de um homem de mérito. A brasileira, habituada aos costumes parisienses que ridicularizavam demonstrações de afeto entre homens e mulheres, não se surpreendeu com a crítica, mas, ao contrário, passou a admirar o casal por considerar essa devoção uma virtude, aumentando sua estima por ambos à medida que os conhecia melhor.

Sobre Livia, menciona os pedidos de casamento recusados por ela, e a escolha de não intervir como mãe, respeitando a escolha da filha, conhecedora que era da “*solidité de ses goûts simples, dépourvus de toute ambition, et sa résolution de consacrer sa vie à l'étude et aux*

⁸⁷⁹ FLORESTA, 1864, p. 280. “Observar o mundo é uma grande ciência. Analisar e comparar os costumes, modos de vida, os diferentes graus de civilização dos povos, é o melhor estudo que o viajante pode fazer. Para que este estudo seja feito com organização, e com algum proveito, é preciso, antes de tudo, que o espírito esteja calmo, e que o coração não padeça a mais de 2.500 léguas da querida pátria, onde ficou a metade de nossa vida”. FLORESTA, 1999a, p. 256.

affections filiales”⁸⁸⁰. Quando tentou mostrar as vantagens de aceitar o pedido de um dos pretendentes, ouviu em resposta: “*Quittons bientôt Milan, ma chère maman, les attentions affectueuses de ce comte m’ennuient, tu sais que je ne veux pas me marier; je suis si heureuse avec toi!*”⁸⁸¹. Em suma, Nísia Floresta defende que o casamento deveria ser um compromisso firmado por amor e amizade e de livre escolha dos nubentes, rechaçando interesses financeiros ou sociais.

Acrescenta que não era uma preocupação sua dar a filha em casamento, pois se sentia contente em vê-la ocupada com os livros e o trabalho, mas reconhece a existência do preconceito de que as mulheres só seriam felizes no contexto do casamento. Ela, entretanto, discorda e critica tal preconceito, argumentando que muitas mulheres se uniram em relações infelizes apenas para atender às exigências sociais, enquanto a maioria dos pais seguia privando as filhas de fortalecerem seu espírito. Apesar da certeza que tinha sobre a não vocação de Lúvia para o casamento, ela se casou, mas tornou-se viúva meses depois, como a avó e a mãe.

Nísia Floresta informa o leitor sobre diversos encontros e amizades que estabeleceu por onde passou. Essa era uma maneira de agradecer a recepção que tivera em solo estrangeiro enquanto reafirmava o prestígio social que conquistara. Exemplo disso é o registro do momento em que conheceu a marquesa Geppi, com quem estabeleceu fortes laços de amizade:

*‘J’attendais avec impatience que vous me fussiez présentée’, me dit-elle, avec une naïve franchise, ‘pour me procurer le plaisir de votre société et celle de votre charmante fille; car il y a peu de temps qu’une dame belge de passage ici, que je rencontrai chez une de mes amies, m’a parlé de deux Brésiliennes, la mère et la fille, qu’elle avait connues au bord du Rhin et dont elle portait un livre publié par vous; elle m’en a dit mille belles choses. Je fis dès lors votre connaissance en esprit, et j’espérai vous voir un jour! J’ai su hier qu’une Brésilienne du même nom devait venir à ce concert, et ç’a été le plus grand attrait qui m’y ait attirée aujourd’hui. Vous venez d’arriver dans notre ville, où peut-être vous n’avez pas encore beaucoup de connaissances; je me fais donc un plaisir de vous y offrir tout ce que je pourrai faire pour vous être agréable. On m’a parlé très avantageusement des deux étrangères que j’ai devant moi, et j’espère que, pour mes offres de services, elles voudront bien m’accorder la préférence sur mes concitoyennes’*⁸⁸².

⁸⁸⁰ FLORESTA, 1872, p. 43. “solidez de seus desejos simples, desprovidos de toda ambição, e sua decisão de consagrar a vida ao estudo e às afeições filiais”. FLORESTA, 1999b, p. 36.

⁸⁸¹ FLORESTA, 1872, p. 43. “Deixemos logo Milão, minha querida mãe, disse; sabes que não quero casar, estou muito feliz ao teu lado!”. FLORESTA, 1999b, p. 36.

⁸⁸² FLORESTA, 1864, p. 301. “‘Esperava com impaciência que me fostes apresentada’, falou com uma franqueza natural, ‘para me dar o prazer de vossa sociedade e a de vossa encantadora filha. Há pouco tempo uma senhora belga de passagem por aqui, que encontrei na casa de uma amiga, falou sobre duas brasileiras, a mãe e a filha, que conhecera às margens do Reno. Ela tinha um livro publicado por vós e sobre o qual falou belas coisas. Desde então vos conheci por espírito e esperei vê-la um dia. Ao saber, ontem, que uma brasileira com o mesmo nome viria a este concerto, essa foi a mais forte razão para minha presença aqui. Sei que acabais de chegar à nossa cidade, onde talvez não tenhais ainda muitos

As afirmações feitas pela marquesa ilustram o prestígio que o nome de Nísia Floresta conquistou entre a elite e os intelectuais da época. Sua reputação circulava através de comentários elogiosos, o que possibilitou sua notoriedade não apenas por meio de sua produção escrita, mas também por meio de redes de sociabilidade estabelecidas durante suas viagens. A marquesa menciona o livro *Itinéraire d'un voyage en Allemagne* e as recomendações recebidas de uma belga, que Nísia Floresta conhecera durante o trajeto entre Bonn e a Mogúncia, evidenciando a circulação de informações e referências à brasileira no meio europeu. Se a tradução desse livro para o português demorou mais de um século, é plausível supor que ela estivesse, de alguma forma, disseminada oralmente entre os círculos europeus, reforçando a influência indireta de sua obra e suas ideias.

A expectativa que a marquesa nutria em relação ao encontro com Nísia Floresta, chegando a considerá-lo o principal motivo de sua participação naquele evento social também deve ser ressaltada. Tal percepção revela a importância atribuída à brasileira, especialmente quando a escritora informa que a marquesa vivia reclusa. Por fim, a fala da marquesa indica a importância que ela adquiria no contexto europeu, e que havia certo reconhecimento do seu nome, de sua atuação e influência. As informações, registradas pela escritora, contrastam com a modéstia ocasionalmente manifestada em seus escritos.

Outro momento registrado pela escritora é o encontro com o chefe da alfândega quando se dirigia ao Reino Lombardo-Vêneto. Convidada ao escritório, foi recebida por um senhor que aparentava estar adoentado, que a acolheu com cortesia e demonstrou surpresa ao interrogar o empregado que a acompanhava. O senhor então questionou se elas, já que estava acompanhada de Lívia, eram brasileiras, pois, mesmo que nunca tivesse visto outras como elas, tinha interesse em conhecer os habitantes do país sobre o qual havia lido descrições tanto elogiosas quanto pejorativas.

A escritora respondeu que as expectativas de encontrar pessoas pitorescas ou selvagens eram errôneas, ressaltando que os brasileiros eram superiores, em diversos aspectos, aos estereótipos europeus. Por fim, o chefe da alfândega agradeceu suas elucidações e se dispôs a servi-la futuramente, se fosse necessário. Portanto, foi abordada como uma estrangeira exótica e tratou de desfazer os enganos causados pelas descrições exageradas de escritores que visitaram o Brasil e descreveram seus habitantes como selvagens.

conhecidos, tenho pois o prazer de oferecer tudo que possa fazer para vos ser agradável. Elogiaram as duas estrangeiras que tenho diante de mim, e espero que elas queiram dar-me a preferência aos meus conterrâneos”. FLORESTA, 1999a, p. 273.

Nísia Floresta e Lúvia foram interpeladas, outra vez, sobre a sua nacionalidade e, ao responderem que eram brasileiras, obtiveram do seu interlocutor, o Sr. G***, a mesma reação de espanto vista anteriormente. A escritora não deixa de oferecer defesa à sua pátria e ao seu povo, afirmando:

*Du reste, la civilisation actuelle du Brésil, je le répète, est encore très-peu connue dans une grande partie de l'Europe, où les écrits de quelques soi-disant critiques des mœurs et des habitudes de ce vaste empire ne font guère qu'entretenir les Européens dans une complète ignorance sur ses progrès, et l'on ne doit pas s'étonner de la surprise que nous produisons sur ceux qui ne connaissent encore le Brésil que par ces écrits ou des gravures représentant les castes aborigènes. [...] Dans les classes lettrées elles-mêmes de cette vieille Europe, on commet souvent des erreurs grossières quand on parle des peuples d'au delà de l'Atlantique. On peut ajouter même, sans craindre de manquer à la vérité, qu'en général, on tombe aussi quelquefois dans ces erreurs quand on parle des différentes nations voisines*⁸⁸³.

Mencionando uma conversa que tivera com Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), botânico, naturalista e viajante francês, sobre a má reputação das mulheres brasileiras forjada por escritores que exageravam os seus relatos, afirma que ele concordou com seus argumentos:

*Vous avez raison, madame, et j'accepte avec docilité la partie de votre juste critique qui me regarde. Mais vous avez bien vu, dans mes observations sur les mœurs d'une des villes de votre belle patrie que j'ai parcourue, qu'en touchant avec peine à cette triste plaie [a escravidão], je n'ai pas manqué d'impartialité dans la comparaison que j'ai faite entre elle et celle qui dévore le cœur de ma propre patrie [a prostituição]*⁸⁸⁴.

Nísia Floresta demonstra grande incômodo com a maneira como alguns escritores europeus retrataram o Brasil. A resposta dada por Saint-Hilaire atende às aspirações da escritora de ter a injustiça reconhecida e, em parte, sanada, principalmente quando o viajante francês complementa, falando das mulheres pobres de São Paulo: “*Ces femmes-là même conservent une sorte de pudeur, et n'avaient absolument rien de ce dévergondage cynique qui, à la même*

⁸⁸³ FLORESTA, 1864, p. 362-363. “Na verdade, a atual civilização do Brasil ainda é pouco conhecida em grande parte da Europa, onde o relato de alguns que se dizem críticos dos modos e costumes desse grande império, não fazem mais do que manter os europeus em completa ignorância sobre seus progressos, e não devemos nos espantar com a surpresa que despertamos naqueles que só conhecem o Brasil por seus relatos e gravuras representando as castas de aborígenes. [...] Mesmo entre as classes letradas da velha Europa cometem-se com frequência muitos erros grosseiros quando falam dos povos além do Atlântico. Podemos acrescentar, sem medo de faltar com a verdade, que em geral elas também cometem erros quando falam das diferentes nações vizinhas”. FLORESTA, 1999a, p. 322.

⁸⁸⁴ FLORESTA, 1864, p. 238. “Tens razão, senhora, aceito com docilidade a parte de vossa justa crítica que me compete. Mas, haveis bem-visto nas minhas observações sobre os costumes de uma das cidades de vossa bela pátria que percorri, que tocando com timidez nessa triste chaga não faltei com imparcialidade na comparação que fiz entre ela, e aquela que devora o coração da minha própria pátria”. FLORESTA, 1999a, p. 219.

époque, révoltait si souvent dans les Parisiennes de bas étage, etc.”⁸⁸⁵. Com as palavras do viajante, Nísia Floresta defende a moralidade da mulher brasileira e prova ser superior à parte das parisienses.

Ademais, a recorrência deste tema em *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce* é consequência da intencionalidade de Nísia Floresta de mostrar-se como exemplo de mulher instruída, civilizada e detentora de uma moral virtuosa inquestionável aos seus leitores europeus. Não é somente a imagem do Brasil como sinônimo de progresso e civilização que a escritora desejava incutir em seus interlocutores, contrariando a literatura de viagem escrita por europeus que divulgava relatos de um país atrasado e selvagem. Nísia Floresta elabora a si através das palavras, além de enfatizar a singularidade da presença de uma mulher brasileira viajante em solo europeu. Isso fica evidente quando afirma: “*à part toute vanité, nous sommes bien souvent heureuses de pouvoir donner aux personnes qui nous y connaissent une opinion plus digne de notre Brésil que la plupart des écrits qu'on a publiés sur lui en Europe*”⁸⁸⁶.

Em Bolonha, Nísia Floresta visitou duas universidades e destacou a presença de mulheres nas cátedras de Direito, Filosofia e Anatomia e Cirurgia. Informou:

*La belle Novella remplaçait, au quatorzième siècle, son père dans sa chaire de droit canon, et on lit dans plus d'un récit sur cette savante fille, qu'elle avait une petite courtine au-devant d'elle afin que sa beauté ne pût distraire l'attention de son auditoire. Caëtana Agnesi, et tant d'autres, sont encore citées ici comme de beaux ornements de cette légion de talents bolonais dont la mémoire fera toujours revivre leur patrie. Le dernier des grands talents féminins qui se distingua le plus dans l'université de cette ville, ce fut la célèbre Tambroni qui y occupa la chaire de langue grecque jusqu'en 1798, et qui mourut au commencement du siècle actuel*⁸⁸⁷.

Em Florença, havia frequentado o curso de botânica de Filippo Parlatori, responsável pela fundação do Herbário Central Italiano, em 1842, e aponta a presença de muitas mulheres, estrangeiras em sua maioria, que seguem os cursos públicos. Afirma que o curso: “*c'est pour moi un attrait de plus à Florence que d'y trouver comme là l'utile récréation de cette étude qui*

⁸⁸⁵ FLORESTA, 1864, p. 238. “essas mulheres conservam urna espécie de pudor, e não tinham nada da cínica falta de vergonha que, na mesma época, parecia revoltante nas parisienses das classes baixas, etc.”. FLORESTA, 1999a, p. 220.

⁸⁸⁶ FLORESTA, 1864, p. 363. “deixando de lado toda vaidade, nós sempre ficamos felizes em poder dar às pessoas que conhecemos uma ideia mais digna do nosso Brasil, do que a maioria dos que escreveram sobre ele, na Europa”. FLORESTA, 1999a, p. 325.

⁸⁸⁷ FLORESTA, 1864, p. 342. “No século quatorze, a bela Novella substituiu seu pai na cátedra de Direito Canônico e lemos, em mais de um relato sobre esta sábia moça, que ela mantinha uma pequena cortina diante de si durante as aulas para que sua beleza não distraísse a atenção do auditório. Caetana Agnesi e muitas outras são citadas aqui como belos ornamentos da legião de talentos bolonheses cuja memória sempre glorificará sua pátria. O último dos grandes talentos femininos de maior destaque na universidade da cidade foi a célebre Trunbroni, que ocupou a cátedra de Língua Grega até 1798 e morreu no início do nosso século”. FLORESTA, 1999a, p. 306.

m'attachait si fort autrefois au collège de France et au musée d'histoire naturelle”⁸⁸⁸, demonstrando o seu interesse pelos diversos tipos de conhecimento e a sua assiduidade em espaços de saber, como as universidades. Validar a presença de mulheres nesses espaços é a comprovação dos seus argumentos em defesa da capacidade intelectual feminina. A escritora também destaca a presença feminina nas artes, como Propezia de Rossi, “*qui était à la fois peintre, graveur, sculpteur et musicienne*”⁸⁸⁹, cuja obra estava exposta na basílica de São Petronio.

Nísia Floresta, ao visitar a Academia de Belas Artes em Veneza, observou com admiração o discurso patriótico de seus professores, o que lhe permitiu concluir que, apesar da dominação estrangeira, os jovens venezianos ainda preservavam sentimentos nobres e nacionalistas. Refletindo sobre a situação política local, ela lamentou os efeitos do Tratado de Campoformio (1797), que, ao extinguir a República de Veneza, privou o povo veneziano de sua autonomia e contribuiu para o declínio de sua antiga grandeza militar, comercial e artística. Para ela, era impossível que um viajante sensível permanecesse indiferente diante do mal decorrente deste episódio. A escrita adverte:

*Mais ne vous y trompez pas, ô vous qui passez à Venise en voyageur distrait pour cueillir les fleurs des plaisirs tout nouveaux qu'elle seule possède dans son type original: sous cette apparence calme et ce laisser-aller, l'esprit qui se réveilla en 1848 avec tant d'énergie et un héroïsme si digne d'un autre résultat, réside encore chez ce qui reste de ces nobles cœurs qui ont succombé en combattant pour l'affranchissement de leur chère Venise. Tout cœur vraiment vénitien est rempli du même sentiment patriotique, et se courbe en rugissant de colère devant l'usurpateur qu'il déteste sans pouvoir lui résister. Ils attendent...*⁸⁹⁰

A cidade é outra, mas a atenção de Nísia Floresta permanece na movimentação política das variadas camadas da população. No segundo volume, ao tratar da necessidade de uma reforma religiosa, afirma categoricamente: “*Tout ce que j'ai entendu dire en Italie dans toutes les classes, (...) me porte à croire que la libre pensée religieuse n'est pas bien loin d'y*

⁸⁸⁸ FLORESTA, 1872, p. 100. “é uma atração a mais de Florença, pois encontro aqui, como em Paris, a útil recreação do estudo que outrora me ligou tão fortemente ao Colégio de França, e ao Museu de História Natural”. FLORESTA, 1999a, p. 83.

⁸⁸⁹ FLORESTA, 1864, p. 343. “que foi ao mesmo tempo pintora, gravadora, escultora e musicista”. FLORESTA, 1999a, p. 307.

⁸⁹⁰ FLORESTA, 1864, p. 372. “Porém, não vós enganais Ó! vós que passais em Veneza como distraído viajante para colher as flores dos novos prazeres que só Veneza possui em sua originalidade. Sob a calma aparência e conformismo, o espírito que despertou em 1848 com tanta energia e heroísmo, dignos de um outro resultado, ainda resiste no que restou dos nobres corações, que sucumbiram combatendo pela liberdade da sua querida Veneza. Todo coração verdadeiramente veneziano está tomado pelo mesmo sentimento patriótico, e curva-se urrando de raiva diante do usurpador que detesta, sem poder resistir-lhe. Eles esperam...”. FLORESTA, 1999a, p. 332.

trionpher” (grifos nossos)⁸⁹¹. Circulando entre espaços de saber, ouvindo e dialogando com intelectuais e com *peessoas de todas as classes*, a escritora ajuda a contar a história do *Risorgimento*. É, ao mesmo tempo, estudiosa e fonte da história italiana. A escritora revela os interesses nacionalistas de parte da população, em conformidade com a sua esperança de ver a Itália livre do domínio estrangeiro. Assim, o veneziano é apresentado como patriota, e os governantes como usurpadores do poder.

A escritora, apesar de afirmar sentir horror por toda invenção humana usada para destruir seus semelhantes, visitou o Arsenal de Veneza, pois precisava satisfazer sua curiosidade de viajante. As lembranças pesadas despertadas por instrumentos de guerra foram dissipadas quando viu uma piroga, “*ou plutôt d’un canot comme j’en avais tant vu dans mon pays natal, me frappa singulièrement*”⁸⁹². O objeto a lembrou dos passeios campestres, “*dans un de ces canots perfectionnés comme ils le furent depuis, et sillonnant mes magnifiques rivières natales ombragées d’arbres superbes ou longeant les rives garnies de beaux jardins (...)*”⁸⁹³. Assim, voltou a Veneza com “*l’âme remplie des poétiques images que ces souvenirs et la magie qu’elle exerce sur moi m’offrirent plus puissamment ce jour-ci*”⁸⁹⁴. O sentimento de indignação ao ver o arsenal dos venezianos abandonou-a. Nísia Floresta contrapõe não somente os sentimentos despertados durante a visita, mas a imagem de uma Veneza escravizada e um Brasil com paisagens idílicas.

Nísia Floresta encerra o primeiro volume com uma elegia intitulada *L’Amérique au Génie de Venise*, redigida em 19 de agosto, configurando-se como uma espécie de despedida. Se dirigindo ao espírito da cidade de Veneza, a brasileira lamenta sua degradação e a convida a ter esperança, à regeneração e à luta pelo seu direito de liberdade. Compara a opressão sofrida por Veneza e a colonização do continente americano, e afirma que, apesar da destruição levada pelos europeus, a América foi capaz de se reerguer, sendo, portanto, símbolo de liberdade e futuro. Ainda que lamente a situação em que Veneza se encontrava politicamente, a brasileira acredita no poder da resistência: “*Oh! ne te laisse pas abattre dans ta douleur; sois forte pour*

⁸⁹¹ FLORESTA, 1872, p. 75. “Tudo o que ouvi dizer na Itália, *por pessoas de todas as classes (...)* faz-me acreditar que o livre pensamento religioso não está muito longe de triunfar” (grifos nossos). FLORESTA, 1999b, p. 62.

⁸⁹² FLORESTA, 1864, p. 383. “ou melhor de uma canoa, como tantas outras que vira no meu país natal, impressionou-me singularmente”. FLORESTA, 1999a, p. 341.

⁸⁹³ FLORESTA, 1864, p. 383. “em uma destas canoas aperfeiçoadas depois, e singrando meus magníficos rios natais sombreados com soberbas árvores, ou ladeando as encostas ocupadas por belos jardins (...)”. FLORESTA, 1999a, p. 342.

⁸⁹⁴ FLORESTA, 1864, p. 383. “a alma cheia das poéticas imagens que as lembranças e a magia que exerceram sobre mim ofereceram neste dia”. FLORESTA, 1999a, p. 342.

la surmonter, attends avec dignité, agis avec sagesse, et tu triompheras!”⁸⁹⁵. O texto manifesta diretamente suas ideias políticas e sua defesa à liberdade, partindo do exemplo da América.

Abaixo, uma transcrição de um trecho:

*Je souffre avec toi de tes souffrances, ô noble Génie de Venise, et, en y compatissant, j'oublie presque mes propres afflictions, qui ont été pourtant bien plus grandes et bien plus imméritées que les tiennes; car, innocente et libre parmi mes forêts vierges, je n'ai jamais apporté aucun mal à des peuplades quelconques du vieux monde. [...] Quoique dans une situation bien différente de la mienne actuellement, crois et espère, ô beau Génie de Venise! Le temps de tes malheurs nationaux touche peut-être à sa fin; l'ange des nations étendra sur la tienne ses ailes protectrices...*⁸⁹⁶

Nísia Floresta demonstra empatia diante da opressão sofrida por Veneza, uma vez que a história de sua pátria perpassa por momentos de subjugação estrangeira. Assim, relaciona a solidariedade entre nações oprimidas e a oposição entre Velho e Novo Mundo, pontuando que o segundo tem conseguido superar a degeneração imposta pelo primeiro. Defende os ideais de liberdade, justiça e cooperação entre os diferentes povos, e não ignora o papel das mulheres e dos filósofos na condução da humanidade rumo ao progresso. Em tom melancólico, expressa a esperança de um mundo justo e livre de toda e qualquer tirania, e convoca: “*Viens, oh! viens te ranger sous le drapeau de la noble croisade morale et intellectuelle que les deux mondes préparent pour rendre les peuples frères et jeter les fondements solides d'une nouvelle et véritable civilisation*”⁸⁹⁷.

No segundo volume de *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*, Nísia Floresta adota o tom combativo e político de maneira mais incisiva. Isso é percebido ainda no prefácio, onde afirma:

Aucune nation n'a mérité plus que l'Italie d'attirer l'admiration du monde, soit par la multiplicité de ses hauts faits d'armes, soit par l'immense développement qu'elle donna aux arts et aux sciences importés de l'Orient, soit enfin par sa trop longue et douloureuse lutte contre la constante série de

⁸⁹⁵ FLORESTA, 1864, p. 389. “Oh! não te deixes abater na tua dor, sejas forte para suplantá-la, esperes com dignidade, ajas com sabedoria, e triunfarás!”. FLORESTA, 1999a, p. 346.

⁸⁹⁶ FLORESTA, 1864, p. 390-391. “Sofro contigo os teus sofrimentos, oh! nobre gênio de Veneza, e compassiva quase esqueço minhas aflições, que, no entanto, foram bem maiores e menos merecidas do que as tuas, porque inocente e livre entre as florestas virgens nunca levei nenhum mal a qualquer população do velho mundo. [...] Mesmo em situação bem diferente da minha, crê e esperes, oh! belo Gênio de Veneza! Os tempos de tuas infelicidades nacionais talvez cheguem ao seu fim, o anjo das nações estende sobre a tua cabeça suas protetoras asas...”. FLORESTA, 1999a, p. 348.

⁸⁹⁷ FLORESTA, 1864, p. 391-392. “Venhas, oh! venhas! alinhar-te sob a bandeira da nobre cruzada moral e intelectual que os dois mundos preparam para tomar os povos irmãos, e lançar os fundamentos sólidos de uma nova e verdadeira civilização”. FLORESTA, 1999a, p. 348-349.

*tyrans qui se sont partagé son sol, et y ont persécuté plus ou moins cruellement les idées d'indépendance nationale et de liberté*⁸⁹⁸.

A escritora defende a Itália como destino para os viajantes. Apesar da indefinição quanto à data de publicação do segundo volume, é certo que este se deu concomitantemente ao processo de unificação italiana. A agitação política e a reputação moral da Itália comprometiam o fluxo de viajantes. Nesse contexto, Nísia Floresta afirma que as belezas naturais e as obras de arte não eram o único atrativo do país, mas as nobres aspirações de liberdade e regeneração política do povo italiano. Além disso, destaca a amabilidade com que recebem os estrangeiros e a simplicidade da aristocracia italiana, que se diferencia da afetação de outras elites europeias, em provável referência à parisiense. A desorganização italiana, por sua vez, deve ser tratada com indulgência, pois é atribuída ao despotismo e à incapacidade dos diferentes governos que a administraram mal.

Nísia Floresta registra que visitou Alessandro Francesco Tommaso Manzoni (1785-1873), poeta, filósofo e romancista, que, no momento, estava acompanhado do seu genro, Massimo d'Azeglio (1798-1866), e celebra: “*j’eus l’avantage de faire à la fois la connaissance de ces deux beaux astres de la littérature actuelle d’Italie*”⁸⁹⁹. Manzoni, que estava doente, ficara sensibilizado com a visita, especialmente com o interesse que a escritora demonstrou pela regeneração da Itália, pois “*Comme tous les dignes fils de cette noble mère opprimée, son cœur soupire après le jour où elle brisera les chaînes qui l’attachent encore au despotisme étranger dans son propre sol*”⁹⁰⁰.

Reafirma a tristeza que o domínio estrangeiro sobre as cidades visitadas lhe causa ao deixar Milão, e informa que o próximo destino seria o Piemonte, descrito como: “*Sentinelle avancée de la liberté en Italie, ce brave pays, le seul de son vaste sol qui jouit de nos jours d’un gouvernement national, est là avec tout son trésor de virilité et de croyances patriotiques, attendant le moment d’accomplir sa grande œuvre commencée*”⁹⁰¹. A expectativa da brasileira

⁸⁹⁸ FLORESTA, 1872, p. I. “Nenhuma nação merece mais do que a Itália atrair a admiração do mundo, seja pela multiplicidade dos seus feitos guerreiros, seja pelo imenso desenvolvimento que deu às artes e ciências importadas do Oriente, seja enfim, pela longa e dolorosa luta contra a série repetida de tiranos que dividiram seu solo, e perseguiram com maior ou menor crueldade as idéias de independência nacional e de liberdade”. FLORESTA, 1999b, p. 1.

⁸⁹⁹ FLORESTA, 1872, p. 39. “tive a sorte de conhecer ao mesmo tempo dois belos astros da literatura atual da Itália”. FLORESTA, 1999b, p. 33.

⁹⁰⁰ FLORESTA, 1872, p. 39. “Como todos os dignos filhos desta mãe oprimida, seu coração suspira com o dia em que ela quebrará as correntes que ainda a prendem, em seu próprio solo, ao despotismo estrangeiro!”. FLORESTA, 1999b, p. 34.

⁹⁰¹ FLORESTA, 1872, p. 62. “Sentinela avançada da liberdade da Itália, este bravo país, o único do seu grande solo que em nossos dias goza de um governo nacional, mantém-se com todo seu tesouro de

sobre os destinos da Itália se confirmara. Se escreveu antes ou após a liderança piemontesa obter sucesso em sua empreitada, não é possível precisar, tendo em vista que adicionou anotações até a publicação final.

Ao chegar em Turim, capital do Piemonte, afirma: “*je sentis donc le bien-être de cette atmosphère de liberté sarde sous laquelle se continue et progresse avec activité le travail de l’émancipation de l’Italie contre toute prévision de ses oppresseurs*”⁹⁰². Nísia Floresta destaca o aspecto limpo e alegre da cidade, as praças cercadas por edifícios e os belos passeios. Oferece comentários sobre a sua história, reflete sobre a divisão da Itália naquele período e afirma preferir imaginar seu ressurgimento e a unificação de todas as partes que estavam separadas politicamente. Destaca:

*Si la ville de Turin ne possède pas l’attrait magique de Venise, la source intarissable de l’étude du monde qu’offre Rome, l’exquise gentillesse autant que l’intelligence supérieure de Florence, ni les grands trésors de l’art que ces trois sœurs renferment, elle ne se recommande pas moins par son esprit de liberté et le souvenir de ses luttes glorieuses pour préserver son indépendance nationale des naufrages où toutes les autres villes d’Italie perdirent peu à peu la leur*⁹⁰³.

Há uma pausa de 38 dias no seu relato de viagem, justificada por sua ida até Paris para desocupar a casa que havia montado, considerando que sua estadia na Itália se estenderia por três anos. A partir desse ponto, observa-se que há mudanças sutis na estrutura narrativa da obra. Conforme a avaliação de Lúcio⁹⁰⁴, o primeiro volume deveria ser encerrado com o retorno de Nísia Floresta para a França, e o segundo volume deveria ter início a partir de sua chegada em Gênova, pois a organização adotada originalmente é caótica. Sua afirmação é baseada na ideia de que a viajante brasileira deixa o relato de viagem em segundo plano, se tornando uma cronista dos acontecimentos relevantes para a história da Itália e a sua unificação sob o reino de Vítor Emanuel, assim como seu desenrolar entre 1859 e 1861.

É preciso considerar, previamente, o contexto em que a obra, em seus dois volumes, foi escrita e publicada. Nísia Floresta estava presente na Itália e foi uma espectadora dos eventos

coragem e crença patriótica esperando o momento de completar a grande obra já iniciada”. FLORESTA, 1999b, p. 51.

⁹⁰² FLORESTA, 1872, p. 66. “senti o bem-estar da atmosfera de liberdade da Sardenha sob a qual desenvolve-se e progride ativamente o trabalho de emancipação da Itália, mesmo contra toda a previsão dos seus opressores”. FLORESTA, 1999b, p. 54.

⁹⁰³ FLORESTA, 1872, p. 73. “Mesmo que a cidade de Turim não possua a mágica atração de Veneza, a fonte inesgotável de estudo do mundo que Roma oferece, a extraordinária gentileza e inteligência superior de Florença, nem os grandes tesouros de arte das três irmãs, ela destaca-se por seu espírito de liberdade, e a lembrança de suas gloriosas lutas para preservar a independência nacional dos naufrágios em que pouco a pouco todas as outras cidades da Itália perderam as suas”. FLORESTA, 1999b, p. 60.

⁹⁰⁴ LÚCIO, 1999.

que tanto desejara poder relatar. Sua afinidade com a história e o fazer historiográfico estava evidente desde suas primeiras publicações. Em *Itinéraire d'un voyage en Allemagne*, demonstra o interesse pelas reminiscências históricas e em *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce* se dedicou abertamente a enaltecer o passado italiano, criticar o presente marcado pela opressão estrangeira, e alimentar a esperança de um futuro livre, expressando, concomitantemente, o regime de historicidade em que estava inserida.

Portanto, se a organização da obra pode parecer caótica para o leitor à primeira vista, isso pode ser explicado pelo contexto histórico de sua produção. Como escritora, viajante “amiga” da Itália e defensora da liberdade, do progresso e da integração da humanidade, Nísia Floresta não poderia, certamente, perder a oportunidade de registrar e opinar sobre a experiência vivida em solo italiano nesse período. Dessa forma, o livro pode ser analisado sob duplo aspecto: é, simultaneamente, objeto e fonte de análise histórica.

Já em Gênova, Nísia Floresta fora avisada de que o Sr. S., positivista citado em Nápoles, estava doente em Polcevera, para onde ela se dirigiu. O estado de saúde do amigo fizera com que ela desistisse de retornar a Florença naquele momento, passando a fazer visitas periódicas a ele. Sobre esses dias, afirma que as conversas giravam em torno da completa regeneração da sociedade, “*et nous faisaient passer agréablement le temps dans cette espèce de thébaïde*”⁹⁰⁵.

Findo o seu tempo em Polcevera, retornou a Florença, pegando um barco a vapor que a levou rapidamente a Livorno, onde reencontrou Braye Debuysé, que traduziu *Conselhos à minha filha* do italiano para o francês, “*en y ajoutant un prologue trop flatteur pour l'humble auteur qui fut surprise autant que touchée de cette traduction*”⁹⁰⁶. É interessante como a Europa parece pequena diante das interações sociais estabelecidas por Nísia Floresta. Isso pode indicar o tamanho de sua rede de contatos e sua possível influência mesmo fora do Brasil.

Nísia Floresta descreve os dias em Florença: “*Des visites, des concerts, des dîners, des théâtres, des promenades, des réunions diverses où l'on parle des beaux-arts et de littérature remplissent agréablement le temps*”⁹⁰⁷. Quanto à política, informa que, diferentemente de outras regiões, é marcada por calma e simplicidade. O partido liberal manifestava-se constantemente contra o governo do grão-duque, que agia de maneira semelhante aos austríacos, aumentando o ódio do partido nacional, presente em toda a Itália, tanto contra os austríacos quanto contra

⁹⁰⁵ FLORESTA, 1872, p. 95. “e nos fez passar o tempo agradavelmente, numa espécie de Tebaida”. FLORESTA, 1999b, p. 79.

⁹⁰⁶ FLORESTA, 1872, p. 98. “acrescentando um prólogo muito elogioso para a humilde autora que ficou ao mesmo tempo surpresa e emocionada com esta tradução”. FLORESTA, 1999b, p. 81.

⁹⁰⁷ FLORESTA, 1872, p. 100. “Visitas, concertos, jantares, teatros, passeios, reuniões diversas onde fala-se de belas artes e literatura, ocupam o tempo agradavelmente”. FLORESTA, 1999b, p. 84.

os Bourbon. A escritora reforça que viu na cidade o que havia visto em toda parte, ou seja, o descontentamento que predominava na Itália e que aumentava progressivamente. Nísia Floresta descreve o clima político e o acirramento das disputas pelo poder:

*Le besoin d'une guerre dont les journaux parlent depuis quelque temps devient de jour en jour plus pressant. Les luttes suprêmes qu'on voit imminentes auront-elles l'heureuse issue sur laquelle compte le parti libéral? Et puis, se fera-t-elle, cette réorganisation de la nationalité italienne qui doit être la conséquence du réveil de la race latine, en rapport avec la prépondérance déjà exercée sur le monde et avec les victoires auxquelles elle est nouvellement réservée parmi les nations? – Espérons-le avec foi*⁹⁰⁸.

Além das informações acerca das agitações políticas ocorridas quando estava em solo italiano, Nísia Floresta menciona os jornais como fonte dos eventos e instrumento para medir a efervescência social. Também informa que os parentes do Rio de Janeiro estavam temerosos da eclosão de uma guerra na Península, considerando que a notícia havia sido transmitida de maneira exagerada no Brasil.

Nísia Floresta, movida por um desejo antigo, traça novo itinerário rumo à Grécia após visitar a Sicília em 1859. Em Palermo, destaca a cordialidade do povo e seu anseio por libertar-se do domínio dos Bourbons, além de visitar monumentos e o Observatório de Astronomia, com acesso facilitado por cartas de recomendação. Na Grécia, lamenta a degradação das paisagens e a perda da antiga glória, especialmente no porto do Ático e na Atenas moderna, que não corresponde às suas expectativas juvenis. Usa a imaginação para compensar a decepção com ruas estreitas e miseráveis. No jardim da rainha, onde aromas tropicais evocam sua terra natal, critica os altos gastos da monarquia e a negligência com áreas essenciais como saúde, infraestrutura, agricultura e cultura.

Atribui o atraso do povo à omissão dos governantes, observando que, embora os gregos sejam espirituosos e inteligentes, carecem de escolas de qualidade. Acredita que, com um bom governo, o país alcançaria desenvolvimento intelectual. Fiel aos seus ideais de liberdade, manifesta solidariedade às aspirações populares tanto na Grécia quanto na Itália, e registra votos por um futuro guiado pelas virtudes cívicas e domésticas. Seus princípios libertários abrangem mulheres, escravizados, indígenas e povos subjugados por potências estrangeiras.

⁹⁰⁸ FLORESTA, 1872, p. 109. “A necessidade de uma guerra, sobre a qual falam os jornais já há algum tempo, toma-se a cada dia mais imperativa. As lutas supremas que parecem iminentes alcançarão o feliz resultado esperado pelo partido liberal? Se acontecer a esperada reorganização da nacionalidade italiana, qual será a consequência do despertar da raça latina, em relação com o predomínio já exercido sobre o mundo, e com as vitórias que lhe estarão novamente reservadas entre as nações? – Esperemos com fé!”. FLORESTA, 1999b, p. 89.

No dia 6 de maio, Nísia Floresta registra sua gratidão pelo sucesso do espírito liberal em Florença e informa que a bandeira da independência foi hasteada em meio a um entusiasmo popular pacífico e firme. O grão-duque, Leopoldo II, e sua família se retiraram sem sofrer qualquer insulto, mesmo da parte dos populares, “*dont il est difficile de contenir les passions dans de pareilles circonstances*”⁹⁰⁹. A escritora transcreve um trecho do *Monitor Toscano* de 28 de abril, que noticiou a partida do príncipe e sua família às seis da tarde, acompanhados pelo corpo diplomático até a fronteira, em direção a Bolonha. Para reforçar a tranquilidade do evento, menciona uma correspondência recebida de Florença, na qual se afirmava que nunca uma manifestação popular contra um governo detestado havia sido tão isenta de raiva contra o líder deposto.

Destaca que a Toscana desejava unir-se ao Piemonte na luta pela independência há algum tempo, expectativa compartilhada por pessoas notáveis e pelo exército local. No entanto, aqueles que tentaram convencer o príncipe e seu governo a apoiar a causa nacional não obtiveram sucesso. Com a iminência do fim do prazo de um ultimato austríaco ao Piemonte, a situação se tornou crítica. Na manhã de 27 de abril, uma multidão composta por diferentes classes sociais se reuniu na Praça Barbano, em Florença, portando bandeiras tricolores e gritando palavras de ordem pela guerra, pela independência e pelo rei Vítor Emanuel. As bandeiras também foram hasteadas nas fortalezas da cidade.

Com a pressão popular, o príncipe convocou o marquês de Lajatico, D. Neri Corsini, que lhe apresentou as exigências do povo, incluindo sua abdicação. Inicialmente, o príncipe recusou, mas depois pediu garantias para sua segurança e a de sua família até que deixassem a Toscana. Após a partida do grão-duque, Florença nomeou um governo provisório composto por Ubaldino Peruzzi, Vincenzo Malenchini e Alessandro Danzini. Esse governo publicou uma proclamação, transcrita por Nísia Floresta, afirmando que, com o abandono do grão-duque, assumiam o poder temporariamente para que o rei Vítor Emanuel pudesse governar a Toscana durante a guerra e garantir sua contribuição para a causa nacional.

Nísia Floresta enaltece alguns personagens, como o Conde de Cavour, descrito como “astro luminoso” e grande estadista, o rei Vítor Emanuel, “bravo rei soldado”, e Giuseppe Garibaldi, “gênio da liberdade”, que convocava voluntários para a “santa causa nacional”. Sobre este último, acredita que sentia dor ao precisar da ajuda de Napoleão III, da França, para libertar a Itália. Destaca que Napoleão III declarou a intenção de colaborar com a libertação

⁹⁰⁹ FLORESTA, 1872, p. 146. “cujas paixões são difíceis de conter em tais circunstâncias”. FLORESTA, 1999b, p. 118.

italiana até o Adriático, e que as tropas francesas, sob o comando do general Canrobert, estavam se organizando para unir-se ao exército piemontês. Enquanto isso, a Áustria também se preparava para o conflito, com a concentração de tropas em Pavia e a prisão de patriotas em Mântua. Mantendo sua posição, a brasileira faz votos pelo triunfo da causa italiana.

O retorno de Nísia Floresta à Itália é marcado por reencontros fraternos e sociabilidades, além do registro dos acontecimentos políticos do período. A escritora informa que Ferdinando II faleceu, e os napolitanos estavam divididos entre o alívio e a esperança duvidosa de um governo mais bem dirigido por seu filho. Novamente em Roma, aproveita para admirar melhor as belezas e obras de arte. A sociedade, entretanto, apresenta outro aspecto. A cidade estava quase deserta, conforme sua descrição, pois parte da juventude fora juntar-se ao exército italiano.

Destaca que o sucesso do exército italiano contra a Áustria na Lombardia, nas batalhas de Palestro, Magenta e Solferino, havia causado preocupação para a Corte romana, sempre tão certa da estabilidade do Estado Pontifício. Dela, Bolonha e outras cidades começavam a se separar. O acirramento das questões políticas não impactou as comemorações do *Corpus Christi*. O físico do papa, em sua avaliação, transformou-se diante dos combates que possivelmente ocorriam em seu coração italiano, visto que era obrigado a condenar a regeneração da Itália que outrora ele apoiava. O massacre em Perúgia, após os habitantes desta instaurarem um governo provisório em 20 de junho de 1859, comprometera a popularidade do papa.

Em Perúgia, defende que, considerando os acontecimentos recentes, seria possível encher um grosso volume a respeito. Afirma que outras penas já haviam se dedicado a expor para o mundo as barbaridades cometidas pelas tropas a mando do papa, que envergonhavam o poder temporal daquele que deveria ser o representante de Cristo na terra e, por isso, não se sentia capaz de limitar-se “às regras de uma simples narração”, pois estava horrorizada. Avalia:

Le calme et la froideur nécessaires à l'historien ne sont pas possibles chez ceux à qui les faits qu'il doit transmettre à la postérité se présentent sous les formes les plus cruelles, les plus révoltantes, les plus capables de les émouvoir. C'est ce qui fait qu'on trouve en général presque toujours exagérés les historiens des faits contemporains. Faites le récit d'un événement arrivé il y a un siècle, quelque horrible ou triste et poignant qu'il soit, vous sentirez, en le faisant, votre esprit libre, quoique votre cœur en soit profondément touché. Mais si ce même événement arrive sous vos yeux, ou si vous en voyez des traces toutes palpitantes encore, il est difficile que votre récit ne se

*ressente pas trop de la part que vous prenez au sort des malheureux qui y succombèrent ou y perdirent ce qu'ils avaient de plus cher au monde*⁹¹⁰.

Nísia Floresta reflete, portanto, acerca do ofício do historiador, especialmente o do tempo presente, e evita se autointitular historiadora, ainda que o conjunto de sua obra ateste o contrário. Ela reconhece os limites do fazer historiográfico e a relação entre aquele que escreve e o contexto social, histórico e político que o contorna. Estando ao lado dos revolucionários, reconhece também que as suas afirmações não possuíam a objetividade reivindicada por parte dos historiadores entendidos como profissionais.

Neste sentido, Nísia Floresta poderia ser incluída no que Smith denominou de “alto amadorismo”. Frequentemente, as historiadoras amadoras produziam história de outros países, não se limitando ao registro de eventos nacionais. As narrativas estrangeiras ofereciam lições de cidadania e referências a sólidas regras políticas, o passado funcionava como um espelho para discutir valores, instituições e condutas que poderiam ser aplicados no contexto. Essa prática não estava limitada a uma agenda definida previamente ou vinculada à questão da mulher e da virtude. Era um campo com fronteiras fluidas, onde o estudo histórico permitia a realização de incursões em debates políticos amplos, ao mesmo tempo em que era possível promover reflexões morais e culturais, ligadas ou não ao lugar social da mulher⁹¹¹.

O “alto amadorismo” possibilitava que essas mulheres transitassem por diversos temas e abordagens, não apenas aqueles limitados ao espaço acadêmico, construindo, portanto, um espaço próprio em que a pesquisa histórica não era apenas vinculada à documentação e ao método, estabelecendo diálogo com a filosofia, a literatura e a moral. Embora ainda marginalizadas, não reconhecidas oficialmente, essas mulheres contribuíram para ampliar o horizonte interpretativo da história, ao passo que desafiavam a hegemonia masculina e a rigidez disciplinar⁹¹².

Nísia Floresta apresenta uma trajetória intelectual que permite que seja entendida conforme essa definição. A escritora desobedece às normas sociais impostas ao seu sexo,

⁹¹⁰ FLORESTA, 1872, p. 236. “A calma e frieza, necessárias aos historiadores, não são possíveis para aqueles a quem os fatos que devem transmitir para a posteridade apresentam-se sob as formas mais cruéis, as mais revoltantes, mais capazes de emocioná-los. É por isso que quase sempre parecem exagerados os historiadores dos fatos contemporâneos. Ao fazer o relato de um acontecimento ocorrido há um século, por mais horrível, triste ou doloroso que tenha sido, sentireis vosso espírito livre, mesmo que vosso coração esteja profundamente sensibilizado. Porém, se o mesmo fato acontece aos vossos olhos, ou se vedes marcas ainda palpitantes, é difícil que vosso relato não fique muito marcado pelo partido que tornais com a sorte dos infelizes que aí pereceram, ou perderam o que tinham de mais querido no mundo”. FLORESTA, 1999b, p. 191-192.

⁹¹¹ SMITH, 2003.

⁹¹² SMITH, 2003.

incluindo algumas que ela mesma postula, não ficou limitada ao ambiente doméstico, viajou pela Europa desacompanhada de qualquer figura masculina e abandonou o primeiro marido, apagando a união através da menção constante a Augusto como seu esposo em seus escritos. Além da personalidade desviante, a brasileira esteve na Itália agitada pelos eventos do *Risorgimento*, e não obedeceu aos familiares que pediram que retornasse e evitasse as áreas de conflito. Ao contrário, escolheu ir para Perúgia, onde havia ocorrido há pouco tempo o massacre.

Ainda sobre a Revolta de Perúgia, relata que a cidade teria sido profundamente impactada pela catástrofe política causada pelas ordens do papa. A população fora surpreendida durante as festividades de sua celebração nacional. A escritora julga a ação repressora como assustadora e informa que atingiu estrangeiros que estavam na cidade naquele momento, como o caso de uma família americana que permanecera escondida em local escuro, com o sangue das vítimas do ataque escorrendo pelos pés, e cuja mãe adoeceu e faleceu poucos dias depois.

Em Florença, registra o impacto das transformações: “*Tout était changé dans la politique, et la joie nationale débordait partout*”⁹¹³, e a decepção causada pelo acordo de paz de Villafranca (1859), proposto por Napoleão III. O acordo manteve Veneza sob o domínio austríaco e devolveu a Lombardia ao Piemonte, além de prever o retorno dos grão-duques de Modena e Toscana, o que provocou a resistência dos florentinos.

Nísia Floresta informa que assuntos de seu interesse exigiam seu retorno à França, recebido com pesar pelas “famílias que nos amavam”. Desta vez, a viagem foi solitária, pois Lívia permanecera em Florença, sob os cuidados da marquesa Geppi. A brasileira, a bordo do navio a vapor que partia para Marselha, conhece a família d’Ajaccio, cuja filha afirma ter lido o recentemente publicado *Scintille d’un’anima brasileira*. A aparente frequência com que Nísia Floresta encontrava leitores e admiradores de seus livros é, além de um indício da circularidade de sua obra e da popularidade do seu nome, também o modo como informa o leitor sobre suas publicações e de como usa esses leitores para recomendá-las e atestar a sua qualidade literária.

Em Paris, afirma ter ido ao lugar onde tinha negócios, sem especificá-los, e seis dias depois subiu ao Monte Cenís, pensando em surpreender Lívia com o retorno antes do previsto. A escritora cita a si: “*Ci prepara la sorte colpi funesti, quando più ci abbandoniamo ai piaceri;*

⁹¹³ FLORESTA, 1872, p. 239. “Tudo mudara na política, e a alegria nacional transbordava em toda parte”. FLORESTA, 1999b, p. 194.

ché brilla il sole nell'oriente , ma tempesta orribile poco dopo lo eclissa. (Consigli a mia figlia – 2ª Ed. in italiano)”⁹¹⁴, aludindo ao acidente que estava prestes a sofrer.

Informa que se dirigiu à estação para partir no primeiro trem que fazia o trajeto de Susa a Turim, estrada de ferro concluída em 1854. A brasileira sentia um estranho temor durante a viagem e não conseguia admirar as paisagens ao longo do percurso, pegava as fotografias dos familiares na tentativa de acalmar-se, até que, às sete horas da manhã, o trem que vinha de Turim chocou-se com aquele em que ela estava, e ambos se incendiaram. Assim, a brasileira descreve as cenas de horror, um filho chorando a morte do pai, outros vivos procurando entre os mortos e feridos os seus entes queridos.

Após a remoção dos mortos e feridos, ela sentiu os graves ferimentos que sofrera, pois: *“Mon esprit et mon cœur avaient été trop préoccupés du sort des malheureux qui périssaient d’une manière si déplorable autour de moi, pour que je m’aperçusse de mes douleurs physiques”*⁹¹⁵. A brasileira, então, pediu para ser levada ao Hotel da Inglaterra, onde foi avaliada por um médico homeopata, que recomendou pelo menos oito dias de repouso, o que foi prontamente recusado, visto a urgência que tinha em rever Livia.

Através da resposta do médico, informa que, apesar dos efeitos do acidente sobre si, se dedicou a cuidar das demais vítimas, sendo reconhecida por isso. Além disso, doou a indenização paga pela companhia da estrada de ferro para obras de caridade. Seja através do registro da fala de terceiros ou da menção à doação feita, a escritora deixa o leitor ciente de suas ações altruístas e caridosas, mesmo quando foi vítima como todos os outros de tal fatalidade. Com autorização para viajar no dia seguinte, iniciou o trajeto de volta para perto de Livia, que estava aflita sem ver a mãe pessoalmente. Ela transcreve um trecho da correspondência enviada pela filha:

‘Reviens bien vite, mia diletta Mamina, [...]. Dans ces quelques jours d’absence trop longs pour moi, je me suis convaincue encore plus qu’il me serait impossible de vivre sans toi. Notre illustre amie a beau chercher à me distraire en m’amenant tantôt dans le monde dont tu sais que les attrait ne me touchent point, tantôt dans le Casino ou dans les environs les plus beaux de cette ville. Sa bonté et son affection pour moi redoublent de jour en jour depuis que tu es partie, je lui en ai d’autant plus de reconnaissance, mais il

⁹¹⁴ FLORESTA, 1872, p. 243. “No prazer, quando bem nos engolfamos, a sorte contra nós golpes despede; brilha o sol no horizonte, e logo, às vezes, medonha tempestade lhe sucede”. FLORESTA, 1845, p. 31.

⁹¹⁵ FLORESTA, 1872, p. 249. “Meu espírito e meu coração tinham estado muito preocupados com a sorte dos infelizes que morreram ao meu lado, de uma maneira tão terrível, para que eu percebesse minhas dores físicas”. FLORESTA, 1999b, p. 203.

*n'y a que toi au monde avec qui je puisse être heureuse. Reviens donc bien vite combler les vœux de ta tendre enfant*⁹¹⁶.

Tais palavras servem para demonstrar que Livia seguia os deveres filiais, assim como Nisia Floresta desempenhava bem o seu papel de mãe. O sucesso de uma indicava, consequentemente, o da outra. Como mãe, Nisia Floresta era, conforme suas afirmações, o modelo que recomendava às mulheres em seus manuais morais, especialmente insubstituível, mesmo quando havia deixado a filha sob os cuidados confiáveis da marquesa Geppi. De volta a Florença, sentiu a melhora dos sintomas físicos, ainda que fosse difícil reviver constantemente o acidente em pensamentos. O início da regeneração italiana foi, em sua avaliação, fundamental para sua recuperação.

Findados os comentários acerca do acidente, informa sobre a recepção de suas duas publicações, *Consigli a mia figlia*⁹¹⁷ e *Scintilles d'un' anima brasiliana*, ambas daquele ano. Afirma:

*Deux petits ouvrages que j'avais écrits en italien et publiés à Florence avaient reçu l'accueil le plus sympathique et m'attirèrent des éloges trop au-dessus de leur mérite. La bienveillante appréciation que les personnes dont se composait notre cercle daignèrent faire de ces écrits et les lettres que je recevais à ce sujet des autres villes d'Italie m'en auraient donné de l'orgueil, si mon esprit en était susceptible. Puis, deux choses seules devaient produire chez mes lecteurs les belles et obligeantes paroles qu'ils m'adressaient : la nouveauté de lire des ouvrages d'une Brésilienne, écrits dans leur sonore et poétique langue, et le cachet d'amour maternel et d'élan humanitaire que portent ces petits ouvrages*⁹¹⁸.

Assim, com a modéstia que lhe é característica, demonstra aparente surpresa ao saber que suas obras estavam sendo elogiadas, e os comentários e as cartas recebidas de outras cidades italianas indicavam uma recepção positiva dos livros e a circulação deles na Itália. Suas palavras sugerem, ainda, que era reconhecida no meio intelectual italiano. O sucesso, afirmado pela escritora diretamente, é atribuído, por sua vez, à novidade cultural que representa, afinal,

⁹¹⁶ FLORESTA, 187, p. 252-253. “Venhas logo minha diletta mãezinha, dizia ao terminar sua carta. Nesses poucos dias de tua ausência convenci-me, mais uma vez, que será impossível viver sem ti. Nossa ilustre amiga esforça-se para me distrair, me levando, na sociedade, onde sabes que os atrativos não me seduzem, no Casino, e nos arredores mais belos da cidade. Sua bondade e afeição por mim redobram desde que partistes, e tenho muito reconhecimento, porém só posso ser feliz neste mundo ao teu lado. Venha bem depressa satisfazer os desejos de tua filha”. FLORESTA, 1999b, p. 205.

⁹¹⁷ FLORESTA, Nisia. *Consigli a mia figlia*. 2. ed. Mandovi: [s. n.], 1859.

⁹¹⁸ FLORESTA, 1872, p. 255. “Duas pequenas obras que escrevi em italiano, publicadas em Florença, foram recebidas com muita simpatia e mereceram elogios muito acima do seu mérito. A bondosa apreciação que dignaram-se a fazer as pessoas do nosso círculo, e as cartas que recebi de outras cidades da Itália, encheriam de orgulho o meu espírito, se ele fosse susceptível. Pois, apenas duas coisas devem ter suscitado aos meus leitores as belas e gentis palavras que me endereçaram: a novidade de lerem obras de uma Brasileira, escritas na sonora e poética língua italiana, e a expressão de amor materno e élan humanitário dessas pequenas obras”. FLORESTA, 1999b, p. 206.

tratava-se de obras produzidas por uma brasileira, espécime raro em solo italiano e constantemente subestimado em suas capacidades intelectuais e civilidade, e à mensagem de amor materno e espírito humanitário presente nos livros.

Há um salto na narrativa. Sob o título 1860, Nísia Floresta escreve um “*imparfait aperçu de mes impressions sur le mouvement politique d’alors*”⁹¹⁹. Tais impressões são registradas *a posteriori*, ou seja, após a sua experiência. É preciso considerar que parte de seus registros foi feita em meio à efervescência do momento, enquanto outra é escrita a partir da conclusão dos acontecimentos e com a possível consulta de outras fontes auxiliares. A decisão de como dispor os acontecimentos em seu relato ocorre no momento da escrita, e a escolha dos eventos, dos jornais transcritos, se deu, provavelmente, com a intenção calculada de oferecer um relato dotado de uma lógica pré-definida ao leitor.

Nísia Floresta aponta o ano de 1859 sob uma perspectiva ambígua, considerando os avanços rumo à unificação italiana e, no entanto, algumas regiões ainda permaneciam sob jugo opressor, como Veneza, Nápoles, Sicília e Roma. Destaca Garibaldi como personagem importante na luta pela causa italiana, que, apesar dos obstáculos, não desistiu de seus ideais, especialmente no Sul da Itália. Critica a tirania do jovem rei das Duas Sicílias, que não atendeu às esperanças de exercer um governo melhor que o de seu pai, e observa que a resistência popular continuava ativa. Menciona as comemorações e festividades populares como demonstração da alegria nacional, além do trabalho incansável de Cavour e Bettino Ricasoli (1809-1880) na construção da nova Itália.

Tais registros são alternados com comentários sobre as sociabilidades que estabeleceu em Florença e as amizades, especialmente fortalecidas após o acidente. A mudança de assunto pode sugerir a ausência de planejamento de escrita ou até mesmo de organização. No entanto, a escritora tinha consciência do lugar que ocupava naquela sociedade, sabendo, portanto, que era uma mulher estrangeira assumindo uma atividade cujo protagonismo era comumente pertencente aos homens. A aparente fragmentação do conteúdo do segundo volume é o meio ao qual recorre para se posicionar politicamente, sem perder a feminilidade que lhe era exigida até mesmo em sua escolha de palavras. Ademais, a política não era o seu único interesse: “*On parlait de science, de littérature et des arts; la poésie et la musique venaient à leur tour se mêler à ces entretiens remplis d’attraits*”⁹²⁰.

⁹¹⁹ FLORESTA, 1872, p. 262. “imperfeito resumo de minhas impressões sobre o movimento político da época”. FLORESTA, 1999b, p. 214.

⁹²⁰ FLORESTA, 1872, p. 264. “falávamos de ciência, de literatura e arte. A poesia e a música completavam as conversas tão atraentes”. FLORESTA, 1999b, p. 216.

A escritora registra, com a data de 16 de abril de 1860, a entrada de Vítor Emanuel em Florença, após a anexação da Toscana ao Piemonte, por meio do plebiscito de 15 de março daquele ano. Sua descrição é minuciosa, preocupada em representar a comoção popular diante do evento, destacando, além do percurso feito pelo rei desde a saída de Livorno, a decoração das ruas, os sons, as autoridades presentes e algumas palavras ditas. Afirmar que as hospedagens estavam cheias, considerando a chegada de estrangeiros para presenciarem o momento.

O *gonfaloniere* de Florença proferiu um discurso, transcrito por Nísia Floresta, no qual reconheceu Vítor Emanuel como rei e libertador da Itália, expressando a alegria e a esperança do povo na união italiana. As delegações das províncias ainda não libertadas, por sua vez, manifestaram sua dor e esperança, sendo aclamadas pela multidão. O rei, por sua vez, agradeceu a calorosa acolhida e enfatizou a importância da união para a liberdade da Itália.

As festividades incluíram uma cerimônia religiosa na catedral, um jantar e um espetáculo de fogos de artifício, com a cidade iluminada e bandas de música animando as ruas. À noite, Vítor Emanuel percorreu a cidade em carro aberto, sendo saudado pela multidão, que demonstrava um entusiasmo espontâneo e sincero pela sua liderança na causa da independência italiana. Ainda que afirme ser impossível detalhar a festa popular, Nísia Floresta se esforça por registrar o momento, incluindo as emoções demonstradas pela população, e compara-o com manifestações anteriores:

*Ce n'était pas cette joie extérieure, ces vains applaudissements que le peuple prodigue souvent à un chef quelconque qui se montre revêtu d'un pouvoir usurpé ou obtenu aux dépens des larmes et du sang qu'il a fait verser! C'était un élan spontané, libre, généreux, élan sincère et général comme avaient été sincères et unanimes les vœux des cœurs toscans en offrant à ce premier soldat de l'indépendance italienne la plus précieuse perle qui embellit maintenant sa couronne de roi. Ce n'étaient pas des phrases, des paroles étudiées; c'était l'âme de tout un peuple qui semblait se fondre dans un frémissement solennel, une expression prolongée d'intime satisfaction pour redire au zouave couronné: 'Nous sommes heureux de te posséder dans notre ville et de voir ainsi fleurir l'espérance de la complète union italienne, base de la grandeur future de notre bien-aimée patrie'*⁹²¹.

⁹²¹ FLORESTA, 1872, p. 280. “Não era a alegria artificial, os aplausos vazios que muitas vezes o povo dedica a um chefe qualquer, que se mostra revestido de um poder usurpado, ou conseguido com ajuda das armas, do sangue que elas fazem jorrar. Era um impulso espontâneo, livre, generoso, sincero e geral, como foram sinceros e gerais os votos dos corações toscanos oferecendo ao primeiro soldado da independência italiana a mais preciosa pérola, que embeleza sua coroa de rei. Não eram frases, palavras estudadas. Era a alma de todo um povo que parecia derreter-se num murmúrio solene, uma expressão prolongada de satisfação íntima, para repetir ao zuavo coroado: ‘Somos felizes por tê-lo na nossa cidade e de ver florir a esperança de completa união italiana, base da grandeza futura da nossa bem-amada pátria’”. FLORESTA, 1999b, p. 228.

É coerente que a escritora dedique páginas de seu relato de viagem para descrever tais acontecimentos, não somente por compartilhar o desejo de ver a Itália livre e unificada, mas por se interessar pelos costumes, pelo cotidiano, pelas conversas sussurradas ou silenciadas. Se havia registrado os comentários que ouviu da população durante a viagem, os lamentos e o sofrimento do povo italiano, é esperado que registre também o momento de celebração da conquista tão almejada. O comportamento do povo outrora diante dos usurpadores da pátria italiana, dos tiranos ou déspotas, como se refere aos austríacos e ao governo papal, é contraposto ao do presente, quando reconhece a legitimidade do governo de Vítor Emanuel e o aceita como uma espécie de salvador da causa italiana.

E a escritora seguia ocupada com a história do tempo presente. Em maio de 1860, registrou com entusiasmo:

*Une entreprise gigantesque, hardie et on ne peut plus noble allait commencer, toute l'Italie était émue! On mêlait partout la crainte à l'espoir, l'approbation à la réprobation. Qui a eu raison? on le sut bientôt. Le lecteur sait déjà que je veux parler de cette intrépide, héroïque expédition des braves en Sicile. Noble résolution, d'autant plus glorieuse qu'elle fut hérissée de dangers nombreux et mise en pratique par de simples volontaires, patriotes résolus et tout de cœur qui écoutèrent plutôt les cris de leurs frères opprimés là-bas que les convenances qui portaient alors le gouvernement du bon roi Victor-Emmanuel à différer l'aide qu'il devait et qu'il désirait prêter aux Siciliens et Napolitains pour secouer le joug qui les écrasait*⁹²².

Assim, descreve a expedição de voluntários à Sicília. A decisão, que classifica como nobre, não contava com o apoio de Vítor Emanuel. As palavras da escritora denotam descontentamento com o desinteresse do rei em escutar “os gritos dos seus irmãos oprimidos”, que demorava a socorrer os sicilianos e napolitanos. Poucos parágrafos acima, no entanto, destacou a importância do rei para a libertação da Itália. A aparente contradição entre criticar e elogiar demonstra que Nísia Floresta se mostra capaz de avaliar os acontecimentos, apesar de seu envolvimento intelectual e emocional, sem defender indiscriminadamente todas as decisões do rei.

Nísia Floresta deixa evidente a sua admiração por Garibaldi no decorrer de *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce* e, por isso, enaltece a sua participação na causa siciliana.

⁹²² FLORESTA, 1872, p. 283-284. “Uma tarefa gigantesca, difícil, e que não poderia ser mais nobre, iria começar. Toda a Itália estava emocionada! Por toda parte, uniam-se o temor e a esperança, a aprovação e reprovação. Qual seria a razão? Logo saberemos. O leitor já sabe que quero falar da intrépida, heroica expedição dos bravos na Sicília. Nobre decisão, mais gloriosa ainda pelos numerosos perigos, e porque foi levada adiante por simples voluntários, patriotas resolutos guiados pelo coração, que escutaram os gritos dos seus irmãos oprimidos, mais do que as conveniências do governo do bom rei Vítor Emanuel, que retardava a ajuda que deveria, e que desejaria prestar, aos sicilianos e napolitanos, para libertá-los da tirania que os esmagava”. FLORESTA, 1999b, p. 231.

Conforme Lúcio, Garibaldi, descontente com o armistício de Villafranca, planejava libertar Roma, mas optou, primeiramente, por ajudar a Sicília, embarcando para Gênova em maio de 1860, atendendo ao pedido de Francesco Crespi, acompanhado dos seus famosos “mil” voluntários. A Toscana apoiava a causa garibaldina, com comitês de ajuda formados. Aponta, ainda, que Garibaldi inspirou muitos, como Victor Hugo, que o descreveu como sublime homem da liberdade e da humanidade, e Alexandre Dumas, que acompanhou a expedição para narrá-la, e afirma que ele era um herói de romance.

Nísia Floresta informa que os jornais noticiaram que Garibaldi havia deixado Gênova clandestinamente, indo em “*secours des braves qui se battaient sans ressources contre les troupes disciplinées du despote des Deux-Siciles. Leur élan fraternel méritait la surprenante réussite que le monde admire*”⁹²³. Afirmando que não repetiria os detalhes da famosa expedição, tendo em vista a ampla divulgação em diversas línguas de seus “felizes resultados”, não negaria a si o prazer de transcrever textualmente algumas notícias publicadas por jornais relacionadas ao “grande acontecimento”. Antes de iniciar a tarefa, destaca:

*En les copiant dans leur original italien, il me semble les entendre sortir de la bouche même de cet homme admirable qui fut et qui est encore le symbole vivant de l'amour de la liberté, partout où il l'avait trouvée aux prises avec la tyrannie, le défenseur infatigable de la nationalité italienne, le brave dépourvu de tout intérêt personnel, le cœur capable de l'abnégation patriotique la plus rare, la plus digne d'une glorieuse immortalité; mieux que tout cela, l'exemple personnifié des vertus d'époux, de père, d'ami et de citoyen humanitaire*⁹²⁴.

Descreve, portanto, características admiráveis de Garibaldi, imagem compartilhada, segundo Lúcio, com outros escritores românticos do período. É importante considerar que as páginas dedicadas pela escritora ao registro dos eventos políticos misturam o presente, momento da escrita, e o passado recente, pois nem tudo fora registrado imediatamente. Anos depois, com parte das decisões tomadas e outras inacabadas, Nísia Floresta escreve acerca dos acontecimentos que presenciou e daqueles que conheceu por meio de relatos orais ou escritos, como no caso do uso dos jornais como fonte, emitindo opiniões e juízos de acordo com o

⁹²³ FLORESTA, 1872, p. 284. “socorro dos bravos que lutavam sem recursos contra as tropas disciplinadas do déspota das Duas Sicílias. Este impulso fraternal mereceu o surpreendente sucesso que o mundo admira”. FLORESTA, 1999b, p. 232.

⁹²⁴ FLORESTA, 1872, p. 284. “Ao copiá-las, no seu original italiano, parece que as escuto sair da boca do homem admirável que foi, e ainda é, o símbolo vivo do amor à liberdade, (por toda parte onde ele a encontrou presa da tirania), o defensor infatigável da nacionalidade italiana, o bravo desprovido de todo interesse pessoal, o coração capaz da abnegação patriótica mais rara, o mais digno de gloriosa imortalidade, e mais que tudo isso, o exemplo personificado das virtudes de esposo, de pai, de amigo, e de cidadão humanitário”. FLORESTA, 1999b, p. 232.

presente. Assim, quando ela escreve, por exemplo, sobre a expedição de Garibaldi na Sicília, já conhece seu desfecho e desdobramentos.

A primeira transcrição de Nísia Floresta se refere a uma carta publicada nos jornais de Florença em 23 de maio. Ela identifica o remetente, Garibaldi, como o “*digne général (méconnu encore alors par quelques-uns)*”⁹²⁵, corroborando que escrevera em momento posterior aos acontecimentos. Na referida carta, Garibaldi informa que estava partindo para participar da insurreição na Sicília, considerada por ele decisiva para os destinos da nacionalidade italiana, expressa sua esperança e confiança e reafirma seu comprometimento com a causa italiana. O jornal *Il Movimento* publicou um telegrama que informava o desembarque de Garibaldi próximo a Marsala entre os dias 12 e 13 de maio, de acordo com Nísia Floresta. Acrescenta:

*L'apparition subite de cet homme extraordinaire, suivi de quelques braves compagnons, dans la Sicile gardée par des troupes bien disciplinées sous le commandement des dépositaires fidèles des ordres de François II de Naples, son audacieuse entreprise, son courage, sa valeur et les triomphes qu'il obtint, sont des faits presque uniques dans l'histoire; ils passeront aux générations à venir comme une légende, un miracle bien caractérisé!*⁹²⁶

A brasileira informa que, no *Constitutionnel* de 14 de maio, o editor comentou que o Piemonte e a França eram contrários à iniciativa de Garibaldi, mas nada poderiam fazer, visto que sua ação correspondia ao desejo de parte do povo, que o via como herói, e que qualquer repressão por parte do Piemonte poderia suscitar uma perigosa reação na Itália. Antes de transcrever a *Proclamazione del generale Garibaldi all'Italiani*, comenta:

*Tandis que les opinions du dehors et même en Italie étaient divisées sur la démarche hasardeuse de cet homme providentiel, nous lisions à Florence entre autres articles palpitants d'intérêt, la proclamation suivante qui porte l'empreinte du véritable patriotisme dont son grand cœur est animé*⁹²⁷.

Nísia Floresta defende apaixonadamente Garibaldi e afirma que a *Proclamazione* comprova o seu patriotismo. No texto a que ela se refere, Garibaldi convocou todos a ajudar os sicilianos que lutavam pela liberdade e pela unificação da Itália, afirmando que era dever de todos colaborar com os recursos disponíveis, mas, principalmente, com ação direta. O líder

⁹²⁵ FLORESTA, 1872, p. 285. “o digno general (então desconhecido para alguns)”. FLORESTA, 1999b, p. 233.

⁹²⁶ FLORESTA, 1872, p. 285-286. “A repentina aparição desse homem extraordinário, seguido por alguns bravos companheiros, na Sicília guardada por tropas bem disciplinadas sob o comando de guardiões fiéis das ordens de Francisco II, de Nápoles, sua audaciosa empreitada, sua coragem, seu valor, e os triunfos que conseguiu, são fatos quase únicos na história, e passarão às gerações futuras como lenda, um bem caracterizado milagre”. FLORESTA, 1999b, p. 234.

⁹²⁷ FLORESTA, 1872, p. 286-287. “Enquanto as opiniões externas, e mesmo as italianas, dividiam-se sobre a difícil expedição desse homem providencial, líamos em Florença, entre outros artigos palpitantes de interesse, a seguinte proclamação que traz a marca do verdadeiro patriotismo que anima o seu grande coração”. FLORESTA, 1999b, p. 234.

revolucionário criticou as divisões e a indiferença entre as províncias italianas, que foram a causa primeira do sofrimento em que se encontravam.

Por outro lado, afirmou que a redenção nacional começou com o apoio mútuo entre os italianos. Garibaldi pediu também que as províncias livres se manifestassem e enviassem jovens para o combate, exaltando o lema “Itália e Vítor Emanuel” como o grito de guerra que uniria a todos e provaria que o espírito romano ainda vivia nos italianos.

Ainda sobre isso, Nísia Floresta comenta que, no decorrer da história e entre diferentes povos, é comum que proclamações de líderes, legítimos ou não, despertem algum grau de emoção nas populações, principalmente em tempos de crise. No entanto, a proclamação feita por Garibaldi é notável por sua simplicidade comovente e se distingue das habituais declarações oficiais. Por isso, o texto tocou profundamente os corações italianos, de acordo com ela, despertando o patriotismo e fortalecendo a esperança na iminente derrota do Bourbon das Duas Sicílias e na libertação dos italianos.

Outras transcrições feitas por Nísia Floresta correspondem à carta de Garibaldi a Augustin Bertani, genovês que arregimentou tropas para a referida expedição e tornou-se seu secretário-geral em Nápoles⁹²⁸, publicada no jornal *La Nazione*, e à carta que o revolucionário endereçou às mulheres italianas, apelando para que apoiassem a causa da independência e libertação da Itália. Incentiva-as a renunciar a adornos e luxos pessoais para contribuir com esforços patrióticos.

Em sua carta, Garibaldi destacou a importância do papel feminino na história e na luta nacional, mencionando as mulheres de Roma, Esparta e Cartago, que, em tempos passados, enviaram seus homens para guerras sangrentas. Elas deveriam se unir ao esforço coletivo, oferecendo recursos e apoio moral para que obtivessem sucesso, alcançando a liberdade e a união nacional.

Denuncia os horrores da guerra e a hipocrisia de uma civilização que ainda permite massacres em nome do poder. Apesar das vitórias de Garibaldi, Francisco II declarava falsamente sua derrota, manipulando a verdade na tentativa de manter-se no poder. No entanto, a verdade prevalecia, e as vitórias de Garibaldi puseram fim ao seu domínio sobre Nápoles. A escritora destaca que sua campanha foi movida por patriotismo e abnegação, e não por ambições pessoais, como o acusaram seus detratores. À história caberia narrar os feitos de Garibaldi e, às mulheres, o lamento pelas vítimas da guerra, independentemente do lado em que estivessem.

⁹²⁸ LÚCIO, 1999.

Nísia Floresta informa que a Itália estava livre, exceto Roma, que não foi devolvida, mas que um dia voltaria a fazer parte dessa grande família. Citando John Stuart Mill, concorda que a qualidade de um governo pode ser avaliada pelas virtudes morais e intelectuais que ele promove na sociedade.

Sendo assim, um bom governo é aquele que consegue inspirar independência nos homens, tornando-os capazes de conduzir a si mesmos. A escritora usa esse pressuposto para deduzir que o rei de Nápoles era um governante ruim, visto que defendia que seu poder emanava de Deus, fazendo uso da influência religiosa e de grosseiros preconceitos para sufocar o espírito nacional.

Recorre ao texto de Edgard Quinet (1803-1875)⁹²⁹, publicado em 1868, para discutir a situação religiosa na Itália. Em síntese, afirma que havia uma crescente insatisfação em relação à influência da Igreja Católica na Itália, destaca que havia tendência para a emancipação individual e para o questionamento da autoridade eclesiástica. Assim, as ideias italianas que derrubaram os obstáculos políticos e militares ameaçavam também derrubar a hegemonia eclesiástica. Em momentos anteriores em seu texto, posiciona-se contrária ao poder papal, e o opõe até mesmo aos principais preceitos do Cristianismo, inserindo-se, assim, nessa tradição.

A escritora afirma que todo aquele que se dispusesse a analisar a situação da religião na Itália reconheceria que o elemento que ligava o homem a Deus “*Elle y est, en général, plutôt une chose d’imagination, qu’une croyance profonde, inébranlable, fondée par le libre examen exclu encore de l’Église Romaine*”⁹³⁰. Sugere que os erros do ensino religioso e a diversidade de falsas doutrinas eram as principais causas da crise da crença católica. Argumenta que, ao longo da história, os soberanos italianos resistiram às tentativas da Igreja de impor sua autoridade. Além disso, aponta que havia uma crescente agitação intelectual e política na Itália, com a literatura, a ciência e até a hierarquia eclesiástica apoiando a reforma e a separação dos poderes. Essa movimentação indica que o poder temporal da Igreja estava se enfraquecendo e que, eventualmente, poderia se dissolver pacificamente, refletindo a evolução natural do povo italiano, que é pacífico e humano.

Por fim, destaca a participação de mulheres na “grande luta nacional”. Assim como os homens estavam para o “*élan patriótico*”, as mulheres estavam para o “*élan humanitário*”. Elas, “*lesquelles sans bruit et sans jactance se sont montrées dans la grande lutte nationale les dignes*

⁹²⁹ Conforme indicado por Lúcio (1999), trata-se do livro *La question Romaine devant l’Histoire*. Cf.: QUINET, Edgar. *La question Romaine devant l’histoire*. Paris: Armand Le Chevalier, 1868. Disponível em: <https://archive.org/details/laquestionromain00quin/page/n2/mode/1up>. Acesso em: 24 jul. 2025.

⁹³⁰ FLORESTA, 1872 p. 299. “É, em geral, mais uma coisa de imaginação do que uma crença profunda, sólida, nascida do livre arbítrio, ainda excluído da Igreja Romana”. FLORESTA, 1999b, p. 245.

représentantes de leurs illustres aïeules romaines”⁹³¹. Eram mães, esposas, filhas, irmãs, noivas, que contribuíram para reforçar a coragem dos homens e para reduzir as necessidades das famílias que foram privadas de seus chefes. Aponta que, em Jési, desafiaram a autoridade do chefe da Igreja, e trinta mulheres coletaram itens para ajudar a família dos exilados, mencionando Guadalina Borguesi como exemplo de caridade em meio a guerra. Defende que:

*La femme n'est jamais plus à sa place que lorsqu'elle répand d'un cœur dévoué et d'une main prodigue autant que modeste les bienfaits de la charité sur ceux qui souffrent. Quoi qu'on ait dit et fait jusqu'ici pour l'émancipation de la femme, son importance réelle ne sera sérieusement établie dans la société que lorsqu'elle y saura exercer par des vertus autant domestiques que civiques une influence salutaire et solide, en inspirant avant tout aux hommes des sentiments propres à les délivrer tout à fait d'une certaine sauvagerie qui, malgré les progrès de la civilisation, reparaît encore plus ou moins dans beaucoup de leurs actes*⁹³².

A caridade é entendida como uma virtude feminina basilar por Nísia Floresta. Em seu projeto, defendido no decorrer de sua carreira como escritora e educadora, a mulher assume a função de auxiliar a humanidade rumo ao progresso. Apesar da aparente controvérsia da afirmação de que ela construiu uma carreira, considerando as limitações impostas ao seu sexo nos Oitocentos, é importante reconhecer que por meio de sua dupla atuação, defendeu a importância da educação feminina, independentemente do gênero em que escreveu. Esse é o caso de *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*, onde rompe os limites do gênero proposto para discutir, sempre que possível, os princípios que lhe eram caros.

Sua temporada na Itália teve fim em 1861. A escritora oferece como justificativa os calores do verão, que desencadearam novas vertigens. Além disso, os constantes pedidos para que retornasse a Paris, onde a comunicação com a família no Brasil era mais eficiente, contribuíram para sua decisão. Apesar do gosto pelas viagens, reafirma a saudade e o amor pela família, que pesavam em seu coração, ofuscando as belezas e distrações onde quer que estivesse.

Nas páginas finais de seu texto, a menção à família e ao seu sofrimento com a distância imposta pela viagem evidência o tom que permeia toda a obra. A referência sinaliza que, apesar

⁹³¹ FLORESTA, 1872, p. 301. “que sem alarde e sem arrogância mostraram-se dignas representantes de suas ilustres ancestrais romanas, na grande luta nacional”. FLORESTA, 1999b, p. 247.

⁹³² FLORESTA, 1872, p. 302. “A mulher conquista verdadeiramente seu lugar quando através de um coração devotado e de uma mão pródiga, porém modesta, espalha os benefícios da caridade entre aqueles que sofrem. O que quer que se tenha dito ou feito até hoje pela emancipação da mulher, sua importância real só será seriamente restabelecida na sociedade quando ela souber exercer, pelas virtudes ao mesmo tempo domésticas e cívicas, uma saudável e sólida influência, inspirando aos homens, antes de tudo, sentimentos necessários para libertá-los de uma certa selvageria, que apesar dos progressos da civilização ainda ressurgem em muitos dos seus atos”. FLORESTA, 1999b, p. 248.

do encantamento e deslumbramento diante das paisagens, das ruínas e das obras de arte descritas, assim como as amizades feitas, a experiência foi incompleta. A viagem não foi suficiente para atenuar a dor provocada pela ausência dos entes queridos, reiterando, assim, tanto os vínculos afetivos da escritora com a sua família quanto a sua condição de estrangeira.

Nísia Floresta registra o que sentiu ao se despedir da Itália:

*J'avais respiré tous les parfums et tous les souvenirs de cette chère Italie; je m'étais enivrée de toute la poésie qui s'échappe de cette riche nature comme d'une source profonde; ainsi je croyais pouvoir quitter ses dernières rives, sans regret et, pourtant, l'heure du départ fut triste, car ce n'était pas seulement le beau ciel d'Italie, son sol béni que je quittais en emportant son image, sa poésie, ses souvenirs; mais il me fallait encore trop m'éloigner, à jamais, peut-être, des personnes qui nous y avaient fait un si bienveillant, si sympathique accueil*⁹³³.

Os anos vividos na Itália foram aproveitados, em parte, conforme suas expectativas juvenis. Embora parte dos monumentos e ruínas que sonhara ver tenha sido destruída pelo tempo, por guerras ou pelo descaso das más administrações, sua imaginação foi suficiente para preencher as lacunas, imaginação sustentada pelo conhecimento adquirido por meio de leituras prévias sobre a história da Itália e relatos de outros viajantes.

Na Alemanha, Nísia Floresta demonstrou interesse pelas reminiscências históricas dos lugares que visitou. Na Itália, sua atenção estava voltada para a arte, a história, os monumentos e a política. Em ambos, sua perspectiva abrange as múltiplas possibilidades de vivenciar a cidade. A escritora observa os nativos, estrangeiros, mulheres, homens e crianças interagindo entre si e com o meio ambiente. Sua atenção não se limita aos pontos turísticos, estende-se aos transeuntes, enquanto aprofunda o seu conhecimento sobre o passado histórico dos locais visitados.

As universidades, como locais de produção e disseminação do conhecimento, suscitam reflexões sobre seu uso pelos brasileiros e sobre a possibilidade de ter filho ocupando esses espaços, assim como os hospitais levavam seus pensamentos à atuação do cunhado como médico, especialmente na Alemanha. As comparações com “situações vividas, no local de origem, com aquelas que procuram descrever e interpretar” eram um aspecto comum entre as escritoras desse gênero literário⁹³⁴.

⁹³³ FLORESTA, 1872, p. 353. “Respirei todos os perfumes e todas as lembranças da querida Itália. Embriaguei-me com toda a poesia que emana da sua rica natureza, como de uma fonte profunda. Por isso pensei que poderia deixar suas últimas plagas sem lamentar, porém a hora da partida foi triste, porque não era apenas o belo céu da Itália, seu solo bendito, que deixava, levando sua imagem, sua poesia, suas lembranças, sentia muito afastar-me, talvez para sempre, das pessoas que nos fizeram uma acolhida tão generosa, e tão simpática”. FLORESTA, 1999b, p. 290.

⁹³⁴ MOREIRA LEITE, 2000, p. 133.

Os detalhes minuciosos e a atenção rigorosa aos aspectos culturais e históricos das localidades visitadas apontam Nísia Floresta como uma observadora perspicaz e bem-informada. Ela não apenas relata suas impressões, mas também contextualiza cada elemento observado com uma profundidade que evidencia sua bagagem intelectual. Ao mencionar itens específicos nos museus, por exemplo, exhibe um conhecimento erudito que enriquece suas descrições, tornando-as documentos históricos e culturais. Além disso, seu interesse pelas reminiscências históricas a aproxima dos historiadores de seu tempo.

Há diferenças entre *Itinéraire d'un voyage en Allemagne e Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*. Além de ser mais extenso, o segundo foi escrito com a intenção de ser publicado, enquanto a publicação do primeiro foi resultado da insistência de sua amiga Pelsef. O registro de sua experiência na Alemanha apresenta tom intimista e nostálgico, ainda que ofereça informações sobre os lugares visitados, não o fazia com detalhes. A fragmentação política alemã não foi objeto de análise profunda ou detalhada, assim como não mencionou suas expectativas quanto ao futuro do povo alemão, tal como fez acerca da Itália. Nísia Floresta não escreve essencialmente sobre a Alemanha, mas sobre si enquanto vivenciava aquele lugar. O formato de cartas compõe o estilo do livreto e define seus limites.

Os seus interlocutores primários eram os seus familiares que ficaram no Brasil. Logo, ela expõe a tristeza e a solidão que a acompanham durante a viagem e reitera frequentemente que a imaginação suprimia as ausências que outrora lhe causavam sofrimento. Assim, ela justifica a escolha por permanecer distante, viajando pela Europa, sem data definida para retornar para junto dos seus.

Ao tornar as correspondências públicas, Nísia Floresta amplia o universo dos seus interlocutores e permite que os leitores interessados tenham acesso não somente às suas opiniões sobre os locais vistos, mas também a aspectos de sua vida, sua atuação como educadora e os motivos pelos quais era uma mulher viajando acompanhada somente por sua filha, tão distante das figuras masculinas de sua família, tornando-se, assim, livre. A bênção recebida da mãe através de uma prece, os sonhos com o filho, as recordações de momentos vividos ao lado dos irmãos e cunhados, reforçam que a sua feminilidade não fora abalada, e permanecia dotada de sentimentos, de afeição e de saudade. Essa dualidade entre o prazer da exploração e a melancolia da distância é uma característica marcante nas narrativas de Nísia Floresta, refletindo a complexidade de suas experiências como mulher viajante e escritora.

A viagem à Itália e o relato dela resultante apresentam outra configuração. Ao contrário de um mês, como passara na Alemanha, a escritora passou três anos na Itália, chegando a fixar residência em Florença. A publicação dos dois volumes foi planejada e estabelece diálogo com

leitores para além de seu círculo familiar. Seu posicionamento político revela uma escrita comprometida com o passado, o presente e o futuro italiano.

Nísia Floresta ultrapassa os limites do gênero das narrativas de viagem, posicionando-se politicamente e registrando os acontecimentos relativos às guerras de independência italiana, deixando o relato da viagem em segundo plano, ocasionalmente. Escuta e registra as conversações no cotidiano das cidades, entre populares, intelectuais e membros da elite. Interessa-se pela cultura, pelas tradições, pelas artes e paisagens naturais. Sua narrativa contempla do povo às grandes personalidades da história italiana. Embora afirme que sua “pobre pena” não é capaz de escrever sobre determinados assuntos, contraria a si mesma, e expõe seu pensamento, por exemplo, acerca da escravidão, do papel da mulher na busca pelo progresso da humanidade, da subjugação da Itália às nações estrangeiras, entre outros.

Os discursos autobiográficos, característicos dos relatos de viagem produzidos por mulheres naquele período, informam a imagem de uma brasileira que escolheu ser estrangeira, para amenizar a dor da perda dos pais e do esposo, modo como ela se refere a Augusto, consolidando a imagem de viuvez, e apagando definitivamente, por meio das palavras, qualquer união anterior. Por outro lado, estava constantemente em busca de conhecimento e a realização de sonhos alimentados desde a infância. Enquanto a maioria das mulheres de seu tempo sonhava com um bom casamento ou a maternidade, Nísia Floresta sonhava em conhecer a Itália e a Grécia, visitar pessoalmente os lugares em que havia estado apenas em pensamento, levada através das leituras permitidas pelo pai, incentivadas pelo esposo, mas continuadas pelo crescente desejo de saber.

Assim, as figuras masculinas, ainda que relevantes para sua iniciação nos estudos, não são as definidoras últimas de seus interesses. Ao contrário, a viuvez tão lamentada em sua escrita é também a liberdade para transitar até mesmo entre países sem perder sua respeitabilidade. Falando de si, fornece informações sobre sua família, seus primeiros anos e sua atuação como educadora. Nísia Floresta aponta a si, a mãe e a filha como possíveis modelos de virtudes femininas. Ainda que o objetivo principal dos livros seja registrar as viagens, a escritora não hesita em prescrever modelos femininos ideais a partir de sua própria prática.

Nos momentos em que sua nacionalidade desperta curiosidade ou preconceito, consegue transformá-los em admiração, fosse por parte de seus companheiros de viagem ou moradores locais. Nessas ocasiões, Nísia Floresta aproveita para enaltecer sua pátria e desfazer os enganos causados, conforme suas acusações, por europeus que, viajando pelo Brasil, forjaram imagens negativas e caricatas do país. Além disso, aproveita para demarcar a excepcionalidade de sua

trajetória, afirmando, diversas vezes, que sua presença despertava tais reações por ser a primeira brasileira vista transitando naqueles lugares.

Assim, deixa evidente para seu leitor a singularidade de sua iniciativa de viajar pelo Velho Mundo, o espanto causado e a admiração que despertava por onde passava. Nísia Floresta se torna exceção por registrar e publicar suas narrativas de viagem em francês, antes mesmo de publicá-las em português. Suas práticas desafiavam os limites impostos ao seu sexo. Sua vivência a define como uma mulher livre, respeitada, capaz de circular por espaços frequentados pela elite e por intelectuais, angariando admiradores, estabelecendo relações de afeto e sendo reconhecida como uma brasileira ilustre em solo estrangeiro. É, inclusive, a partir do reconhecimento conquistado na Europa enquanto mulher escritora que passa a ser valorizada no Brasil.

Nísia Floresta registra aspectos do cotidiano dos locais visitados na Itália, descrevendo comportamentos do povo, o modo como estrangeiros eram tratados, as festas cívicas e religiosas, e até os boatos que circulavam oralmente entre a população. Mesmo quando os comentários parecem desinteressados, ela os usa como pretexto para aprofundar assuntos que considerava relevantes. No caso da política italiana, manifesta oposição a determinadas decisões, deixando evidente seu conhecimento acerca de assuntos públicos, portanto tidos como território masculino.

Exemplo disso é a crítica ao acordo de paz de Villafranca (1859) e à aliança entre a França e o Reino do Piemonte contra a Áustria. Esta última envolvia, como parte do acerto diplomático, o compromisso de casamento entre a filha de Vítor Emanuel, com apenas quinze anos, e Girolamo Bonaparte, filho de Napoleão III, com quarenta anos de idade. Enquanto o primeiro é criticado por suas consequências no processo de unificação italiana, o segundo é criticado por razões de ordem moral. A escritora condena a diferença de idade entre os noivos e, sobretudo, o caráter imposto da união, desprovida de afeto e escolha, embora esse modelo fosse comum na época, inclusive no Brasil⁹³⁵.

Seu posicionamento é, certamente, marcado por sua experiência pessoal, uma vez que foi dada em casamento aos treze anos, situação que posteriormente contesta ao nomear Augusto como esposo. Embora não tenha sido localizada nenhuma comprovação da anulação legal de seu primeiro casamento, é por meio das palavras que Nísia Floresta confere legitimidade ao que considera sua verdadeira vivência conjugal.

⁹³⁵ SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Sistema de casamento no Brasil Colonial*. São Paulo: T. A. Queiroz; Editora da Universidade de São Paulo, 1984.

Nesse sentido, a palavra, para Nísia Floresta, configura-se como instrumento de dupla funcionalidade: por um lado, possibilita a expressão do posicionamento acerca de questões controversas de sua época, das quais ela não se exime, ainda que, ocasionalmente, declare o contrário. Essa postura é evidenciada quando afirma que não emitirá comentários ou julgamentos sobre determinado assunto, mas o faz no parágrafo subsequente. Essa conduta é semelhante à de outras escritoras que, a fim de evitar confrontos diretos com a crítica ou o boicote às suas publicações, adotavam um tom modesto e desinteressado. Nísia Floresta, contudo, não demonstra indiferença. Aparentemente, seu intento é evitar se afirmar ou ser confundida com uma especialista em determinados temas.

O outro emprego que confere às palavras reside na construção de uma autoimagem e de uma narrativa de sua vida que lhe pareçam convenientes ou adequadas ao seu público-alvo. Pode-se inferir, ademais, que Nísia Floresta utiliza a escrita para validar sua própria credibilidade enquanto filha, esposa, mãe, educadora e escritora. Exemplo disso é a menção recorrente aos seus atributos, à relação afetuosa e respeitosa estabelecida com seus pais, ao amor que dedica ao filho, apesar da distância física, ao cuidado com Lívia e sua saúde, às contribuições para a formação das jovens brasileiras que a tiveram como mestra e, por fim, aos elogios recebidos de amigos e desconhecidos pelos livros que havia publicado. Portanto, a palavra escrita é, simultaneamente, instrumento de resistência e de elaboração de si.

A produção literária de Nísia Floresta demonstra a relevância que assumiu em seu tempo e o reconhecimento posterior. Ainda que limitada pelas noções referentes ao seu sexo, foi além das fronteiras nacionais, publicando em outras línguas, explorando outros países, escrevendo a respeito e sendo lida por um público que não estava restrito a seus familiares nem à sua língua materna.

Manteve o discurso próximo ao que era esperado de seu sexo, reafirmando constantemente a saudade dos familiares e de sua pátria, além da lembrança de sua infância. Ainda assim, a escritora brasileira adentra o universo predominantemente masculino, ganhando reconhecimento. Ser uma mulher brasileira, e, portanto, estrangeira, não a impediu de escrever e publicar, ainda que certamente tenha impactado a circulação de seus textos, dado o preconceito que envolvia a escrita feminina naquele período.

É imperativo salientar a singularidade e a relevância da iniciativa de Nísia Floresta, considerando tratar-se de uma mulher brasileira e, portanto, estrangeira em solo europeu, que se posiciona sobre temas controversos, como a política, por meio da escrita. Tal feito ocorreu em uma época em que o espaço público e a palavra escrita eram predominantemente domínios masculinos. Dessa forma, ao conquistar espaço em um território limitado ao seu sexo, Nísia

Floresta emerge como um exemplo de que uma mulher instruída poderia ascender a posições sociais antes consideradas inatingíveis.

O projeto de Nísia Floresta tinha como principal objetivo proporcionar uma educação adequada às mulheres, para que participassem ativamente do progresso da humanidade, e era atravessado por sua experiência como educadora e como viajante. A escritora estabeleceu diálogo com outros intelectuais de seu tempo e registrou suas observações sobre a sociedade oitocentista, enquanto prescrevia modelos ideais de filha, esposa e mãe, discussão aprofundada no capítulo subsequente.

5 OS DIÁLOGOS DE NÍSIA FLORESTA COM O PENSAMENTO EUROPEU

O projeto de defesa da educação feminina desenvolvido por Nísia Floresta, assim como suas prescrições sobre os modelos ideais de filha, esposa e mãe, dialoga com os debates de sua época sobre os papéis sociais atribuídos às mulheres, além de conter influências de correntes filosóficas contemporâneas. Leitora assídua de autores europeus desde a juventude, educadora comprometida com a formação de meninas virtuosas, escritora audaciosa e estrangeira por escolha própria, ela constrói seus argumentos com base no vasto conhecimento adquirido em diferentes esferas de atuação, ao mesmo tempo em que se contrapõe às ideias que questionavam a capacidade intelectual das mulheres. Seu projeto e suas críticas à sociedade estabelecem interlocuções com outros pensadores, entre os quais se destacam Mary Wollstonecraft e Augusto Comte. Este capítulo dedica-se à análise das conexões entre o pensamento desses autores e as formulações de Nísia Floresta, evidenciando como a escritora brasileira dialoga com o pensamento intelectual europeu na defesa da educação feminina.

5. 1 Da Inglaterra ao Brasil: Mary Wollstonecraft e Nísia Floresta em defesa dos direitos das mulheres

As mulheres estiveram à margem da história durante muito tempo. O desenvolvimento da antropologia e a atenção conferida à família, assim como a história das mentalidades e a sua preocupação com o cotidiano, o privado e o individual, colaboraram para que pudessem emergir como objetos e sujeitos da história. Além disso, e não menos importante, o movimento das mulheres e o levantamento de perguntas relevantes impulsionou novas investigações. Assim, dentro e fora das universidades, elas passaram a procurar os vestígios de suas antepassadas e a compreender as formas pelas quais, ao longo do tempo e do espaço, se estruturaram as relações entre os sexos⁹³⁶.

Estudar a história de personagens femininas é considerar o aspecto relacional de sua existência, sopesando o lugar que ocupam, os papéis que desempenham, os poderes que possuem, ainda que contra a vontade masculina, como agem, o que falam e o que silenciam, a

⁹³⁶ DUBY, Georges; PERROT, Michelle. Escrever a História das Mulheres. In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlete (org.). *História das mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991.

diversidade de formas com que são representadas. A História das mulheres se ocupa, portanto, de suas permanências e mudanças, e é “decididamente relacional, que interroga toda a sociedade e que é, na mesma medida, história dos homens”⁹³⁷.

Na maior parte do tempo, as mulheres foram silenciadas pelos homens, que detinham e monopolizavam os discursos científicos e intelectuais. Dessa forma, as representações sobre as mulheres eram construídas de acordo com as expectativas masculinas. Conforme Arlette Farge e Natalie Zemon Davis:

Dela muito se fala até mais não poder, a fim de pôr o universo em ordem. Mas aqui reside o paradoxo. Porque este discurso pletórico e repetido sobre a mulher e sobre a sua natureza é um discurso atravessado pela necessidade de conter, pelo desejo mal disfarçado de fazer da sua presença uma espécie de ausência, ou, pelo menos, uma presença discreta que deve cingir-se a limites cujo traçado se assemelha a um jardim fechado⁹³⁸.

A História das Mulheres compreende, ainda, o interesse pelos discursos que influenciam as ações dessas personagens, assim como elas influenciam os demais. É importante “reconstruir a sua atividade no campo de relações que se instituem entre ela e o homem” e “fazer da relação entre os sexos uma produção social, a partir da qual o historiador pode e deve fazer a história”⁹³⁹. Entre os séculos XVI e XVIII, momento em que Sophia⁹⁴⁰, autora do livro verdadeiramente traduzido por Nísia Floresta em 1832, e Mary Wollstonecraft expressaram suas ideias, o debate entre homens e mulheres era acirrado, e estava relacionado à instabilidade sociopolítica e a esfacelamento das referências vigentes⁹⁴¹.

Nos textos, nas imagens e nos arquivos do período é possível constatar mulheres maliciosas, imperfeitas, manipuladoras, mortíferas, invalidadas, ainda que circulasse, concomitantemente, a ideia de que eram meigas e submissas. O século XVIII, que foi designado posteriormente como o século da mulher, “começará e decorrerá com um debate muito animado à volta da razão das mulheres e desta questão da maior importância: que fazer dessa razão num esquema igualitário entre os sexos?”⁹⁴². A tensão, decorrente da construção social da diferença entre os sexos, é uma constante. Farge e Davis, sobre o uso deste termo, determinam:

⁹³⁷ DUBY; PERROT, 1991, p. 7.

⁹³⁸ FARGE, Arlette; DAVIS, Natalie Zemon. Introdução. In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlete (org.). *História das mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991. p. 9.

⁹³⁹ FARGE; DAVIS, 1991, p. 11.

⁹⁴⁰ A identidade de Sophia, pseudônimo utilizado na publicação de *Woman not inferior to man* (1739), não está esclarecida. Paulo Margutti sugere tratar-se de Mary Wortley Montagu (1689-1762) ou Sophia Fermor (1721? 1724?-1745). Cf.: MARGUTTI, Paulo. Nísia Floresta e a questão da autoria de Direitos das mulheres, injustiça dos homens. *Annales*, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 5-28, 2017.

⁹⁴¹ FARGE; DAVIS, 1991.

⁹⁴² FARGE; DAVIS, 1991, p. 12.

Devemos tomá-lo em sentido lato. Um fio tenso é um fio que liga dois espaços. Estes dois espaços agem para manter a tensão do fio. É neste sentido que as relações entre os sexos serão vistas. Neste frágil equilíbrio entre dois mundos feitos para se entenderem e para se devorarem. Desta tensão nascem conflitos, mas também partilhas e sistemas de compensação face à perda, poderes oficiais e contrapoderes oficiosos, por vezes igualmente evidentes⁹⁴³.

Partindo dessa definição, é importante, ainda, saber que a tensão, os debates e as desigualdades, ainda que se inclinem para o benefício dos homens, não resultam, necessariamente, em mulheres vítimas ou heroínas, quando conseguem ultrapassar os limites determinados. As mulheres são, simplesmente, sujeitos da história. Quanto à diferença entre os sexos, as autoras definem como um espaço, “um lugar onde se racionaliza a desigualdade para a ultrapassar, um lugar de realidade que os acontecimentos modelam, um lugar imaginário e imaginando que narram, cada qual à sua maneira, as imagens, os contos e os textos”⁹⁴⁴. Há, neste sentido, construções sociais que cercam homens e mulheres, definindo e redefinindo as fronteiras de maneira fluída e não linear.

A construção do feminino e a determinação das funções sociais da mulher através do discurso coloca o poder na mão daqueles que o detinham, portanto, os homens. A literatura, o teatro e a imagem ofereciam representações diversas sobre a mulher e permitiam brechas para o vir a ser. A filosofia, a medicina e a ciência, por sua vez, produziam discursos rígidos, transformando a mulher em objeto de estudo. Em suma, tais discursos e representações eram provenientes da iniciativa de homens, constituindo um olhar do outro sobre o feminino.

A busca pela definição das diferenças entre homens e mulheres ocupou, desta maneira, parte dos intelectuais e outros detentores de saber entre os séculos XVIII e XIX. As tentativas não tinham como objetivo torná-los inimigos, mas reafirmar a sua complementaridade. Ao homem era atribuída a força física, o poder da razão e o domínio sobre o mundo, enquanto a mulher era relacionada à sensibilidade, à devoção e à submissão. Assim, as diferenciações entre os sexos exigem uma “irreduzível diferença de funções, cuja transgressão é sempre percebida como uma ameaça”⁹⁴⁵.

Recorrendo constantemente ao que seria a natureza da mulher, os discursos endossavam as diferenças físicas, aparentes no corpo feminino, dotado de seios e útero, que determinavam o seu destino e definiam como sua função parir e proteger. Formava-se e reforçava-se uma visão “radicalmente dualista do universo humano”. Jean-Jacques Rousseau, nome relevante na

⁹⁴³ FARGE; DAVIS, 1991, p. 13.

⁹⁴⁴ FARGE; DAVIS, 1991, p. 14.

⁹⁴⁵ BADINTER, Elizabeth. *Émilie, Émilie: a ambição feminina no século XVIII*. São Paulo: Discurso Editorial; Duna Duetto; Paz e Terra, 2003. p. 27.

construção das diferenças sexuais no século XVIII e no século seguinte, é um exemplo daqueles que defendiam haver uma “lógica da natureza”, relacionando a mulher a maternidade, e rechaçando qualquer tentativa de proposição de igualdade, considerando uma aberração⁹⁴⁶.

O discurso médico tinha como objetivo justificar o papel confiado à mulher na família ou na sociedade. Os tratados de medicina apontavam e procuravam explicações para as imperfeições femininas, justificando a concepção de que as mulheres eram frágeis e instáveis. A inferioridade era atestada com o uso de argumentos pretensamente científicos. Se diferentes anatomicamente, logo, a diferenciação social aparenta ser apenas uma dedução lógica. O fato de gerar vidas suscita a necessidade de novos cuidados, não por elas, mas por carregarem a descendência dos homens. Assim, “em nome de um determinismo natural, o pensamento médico confina, então, a feminilidade ideal na esfera estreita que a ordem social lhe destina: a mulher, sã e feliz, é a mãe de família, guardiã das virtudes e dos valores eternos”⁹⁴⁷.

As iniciativas femininas em busca de novos espaços sociais, nesse contexto, eram malvistas e depreciadas. As Preciosas, mulheres integrantes da elite francesa do século XVII, que promoviam recepções em seus salões literários para conversar sobre assuntos diversos, tendo homens como interlocutores, foram ridicularizadas pelos seus contemporâneos. Ainda que não tenham desfrutado das mudanças que desejavam impor, foram precursoras no caminho trilhado por mulheres a partir do século posterior, e consolidado no decorrer dos Oitocentos, incluindo a inserção das mulheres no universo da escrita⁹⁴⁸.

Assim, os salões constituíam importantes espaços de promoção do saber, sendo organizados por mulheres. Entre os frequentadores assíduos estavam escritores e filósofos. A filosofia foi um dos primeiros campos intelectuais a servir para a formulação da diferenciação entre homens e mulheres, reforçando a inferioridade feminina através do discurso. Logo, se tornou lugar de debates e disputas acerca das diferenças e dos papéis sexuais.

Sobre a atuação dos filósofos na segunda metade do século XVIII, Elizabeth Badinter aponta que “durante o verão de 1762, fica demonstrado que a opinião pública passou a constituir um poder que não pode ser ignorado”, e mesmo soberanos como Frederico II e a imperatriz Catarina II, reconhecem a importância de “entrar na modernidade definida pelos filósofos”⁹⁴⁹.

⁹⁴⁶ BADINTER, 2003.

⁹⁴⁷ BERRIOT-SALVADORE, Évelyne. O discurso da medicina e da ciência. In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlete (org.). *História das mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991. p. 454.

⁹⁴⁸ BADINTER, 2003.

⁹⁴⁹ BADINTER, Elizabeth. *As paixões intelectuais: vontade de poder, 1762-1778*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 19.

Entretanto, é importante destacar que esse reconhecimento não foi unânime, considerando que Luís XV agia com hostilidade para com os filósofos.

Havia, de acordo com Badinter, certa convivência entre príncipes e filósofos, partindo da ideia de que a opinião desses últimos construiria reputações, conferindo valor aos elogios da “república das letras”. Os soberanos ofereciam benefícios que geravam a ilusão de poder e a expectativa de aplicação de suas ideias. Paralelamente às transformações políticas do período, a imprensa e a opinião pública assumem novos contornos, e se tornam decisivos, uma vez que o pensamento deixa as fronteiras da academia e se expande, buscando reconhecimento de um público maior⁹⁵⁰. Esse processo é demonstrativo, simultaneamente, da relevância e dos limites da atuação dos filósofos no decorrer do século XVIII, e da influência que exerceram para além deste século.

As mulheres que detinham certo grau de educação e tiveram a possibilidade de ingressar no mundo da palavra escrita, para além da conversação dos salões, rivalizaram com os filósofos que insistiam na monopolização dos discursos sobre as diferenças sexuais, fosse indiretamente, através de sua mera existência, que desafiava os saberes hegemônicos a esse respeito, fosse diretamente, discorrendo sobre o lugar ocupado pelas mulheres e reivindicando melhorias sociais para o seu sexo.

Entre essas mulheres, destacou-se Mary Wollstonecraft, apontada como pilar importante para os movimentos de mulheres que reivindicavam a igualdade dos sexos, autora de um dos textos fundadores do que viria a ser o feminismo⁹⁵¹. Muito antes de ser objeto de interesse de Nísia Floresta, a filósofa inglesa defendia ideias consideradas contrassensos entre os seus contemporâneos, como a capacidade das mulheres de serem instruídas assim como os homens, o seu direito de participar dos governos e de serem cidadãs plenas e atuantes⁹⁵².

Wollstonecraft nasceu em 27 de abril de 1759. Esperançosa de ter acesso à educação oferecida aos irmãos, a inglesa, assim como suas irmãs, Eliza e Everina, descobriu que “seu currículo seria limitado às artes da costura e somatória simples. Mary ficou furiosa. A lista do que elas *não* aprenderiam era interminável”⁹⁵³. Com o advento do século XVIII, o enfraquecimento das práticas religiosas e a relevância assumida pelos filósofos, a educação

⁹⁵⁰ BADINTER, 2009.

⁹⁵¹ PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2008.

⁹⁵² DAVIS, Natalie Zemon. A mulher “na política”. In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlete (org.). *História das mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991.

⁹⁵³ GORDON, Charlotte. *Mulheres extraordinárias: as criadoras e a criatura*. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2020. p. 37-38.

passou a ser discutida de maneira mais contundente. A pedagogia é vista como indispensável para a formação social e de novos princípios.

As mães, primeiras educadoras de seus filhos, visão compartilhada por Nísia Floresta, deveria receber uma educação adequada à importância de sua função. A admissão de que uma reforma se fazia necessária, levou a discussão para a questão do lugar, a casa paterna ou uma instituição, assim como a escolha dos professores e o conhecimento a ser transmitido. Entretanto, uma coisa permanece: “a mulher não tem acesso ao conhecimento para si mesma, mas para tornar sua presença agradável aos que a rodeiam. Decididamente, ela não é feita para o saber, mas para o prazer e o bem-estar do marido e dos filhos”⁹⁵⁴.

A casa permanece o principal lugar de educação para as mulheres, com o conhecimento passado de mãe para filha, e o controle direto dos pais sobre o ensino das filhas. Alguns pais esclarecidos permitiam maior abertura ao saber. Quando possuíam irmãos, se beneficiavam do ensino oferecido a eles. Além da casa, os conventos, as casas de educação, os internatos e a escola elementar eram destinados à educação feminina⁹⁵⁵.

Duante o Antigo Regime, os conhecimentos propostos nas instituições de educação feminina mantêm uma base em comum: “a religião mesclada de moral, os rudimentos do ‘ler-escrever-contar’ e o manuseio do fio e das agulhas”⁹⁵⁶. A leitura era mero instrumento religioso, quando ultrapassa esse limite tornava-se suspeita e era motivo de advertências. Nem todas aquelas que dominavam a leitura poderiam dizer o mesmo quanto à escrita, considerando que a permanência nas instituições de ensino era decidida pelos pais, que retiravam as filhas conforme parecesse conveniente⁹⁵⁷.

Aos 15 anos, Wollstonecraft recebeu uma educação melhor ao conhecer o pastor Henry Clare e sua esposa, com quem passou a conviver, tendo acesso ao gabinete de estudos da residência. Por meio dessa relação, conheceu Fanny, sua melhor amiga. Com a morte da mãe, Elizabeth Wollstonecraft, em 1782, ela foi morar com a amiga e sua família. A relação violenta dos pais minou o seu interesse pelo casamento, contrato criticado por ela em alguns de seus escritos⁹⁵⁸.

⁹⁵⁴ SONNET, Martine. Uma filha para educar. In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlete (org.). *História das mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991. p. 151.

⁹⁵⁵ SONNET, 1991.

⁹⁵⁶ SONNET, 1991, p. 172.

⁹⁵⁷ SONNET, 1991.

⁹⁵⁸ GORDON, 2020.

Além da experiência dos pais, ao prestar auxílio à irmã pouco depois de dar à luz e constatar que ela sofria maus-tratos do marido, Wollstonecraft teve a vontade de abrir uma escola fortalecida, pois acreditava que era preciso ensinar meninas a “cultivar a mente e o corpo a fim de poderem se tornar independentes”, o que “ajudaria a criar uma sociedade em que esposas fossem capazes de se defender e mulheres solteiras pudessem existir à sua própria maneira”⁹⁵⁹.

Auxiliada por Hanna Burgh, viúva do educador e escritor James Burgh, Wollstonecraft fundou uma escola em Newington Green, em 1784, junto com as irmãs Everina e Eliza, e a amiga Fanny⁹⁶⁰. A ocasião possibilitou que estendesse sua rede de contatos e conhecesse Samuel Johnson, que viria a ser o seu editor⁹⁶¹. Após a morte de Fanny e o fechamento da escola, que recebia meninos e meninas de diferentes idades, Wollstonecraft foi incentivada pelo amigo, John Hewlett, a registrar suas ideias em um livro, como alternativa para quitar dívidas.

Assim, “Mary começou a escrever. Ela queria mostrar ao mundo como era difícil para mulheres solteiras conseguir o próprio sustento”, afinal, “ela se perguntava por que as opções das mulheres eram tão restritas. Isso era ruim, não só para as mulheres: era ruim para o mundo”⁹⁶². Seu primeiro escrito foi *Thoughts on the education of daughters: with reflections on female conduct, in the more important duties of life*, publicado em 1787.

O manuscrito despertou o interesse do editor Joseph Johnson, pois estava de acordo com as discussões a respeito da educação feminina naquele período. Alguns autores defendiam que uma mãe educada inadequadamente poderia criar filhos mimados e egoístas, prejudicando, assim, o funcionamento da sociedade. O editor ofereceu dez libras pelo manuscrito e prometeu analisar futuras produções para publicação, fomentando nela o sonho de seguir a carreira de escritora⁹⁶³.

Wollstonecraft trabalhou como governanta da casa do Visconde de Kingsborough, na Irlanda⁹⁶⁴. Os constantes conflitos a fizeram decidir-se pela escrita como meio de sustento. Retornando a Londres, contou com o apoio de seu editor e amigo Johnson, que lhe deu abrigo e garantias de que publicaria regularmente os seus escritos⁹⁶⁵. Considerando as limitações

⁹⁵⁹ GORDON, 2020, p. 89.

⁹⁶⁰ GORDON, 2020.

⁹⁶¹ MIRANDA, Daniel M. Brevíssima contextualização histórica e biográfica. In: WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos das mulheres: o primeiro grito feminista*. São Paulo: EDIPRO, 2015. p. 9.

⁹⁶² GORDON, 2020, p. 112.

⁹⁶³ GORDON, 2020.

⁹⁶⁴ MIRANDA, 2015.

⁹⁶⁵ GORDON, 2020.

impostas à educação feminina naquela época, o conjunto da produção literária feminina era igualmente restrito.

A proibição de alguns gêneros às mulheres repercutia nas possibilidades de sua escrita, afinal, não seria possível escrever sobre aquilo que desconhecia. A principal dificuldade encontrada pelas mulheres que se aventuravam na escrita eram as suas obrigações domésticas, logo, aquelas que não possuíam marido ou filhos, tinham probabilidades maiores de produzir. Essa produção, por sua vez, se concentrava, predominantemente, na literatura devota e moralizadora. Quando ultrapassavam essa linha, eram desconsideradas⁹⁶⁶.

Mulheres que ousavam publicar eram alvos de críticas e julgamentos por parte de ambos os sexos. A maior parte foi impelida pela necessidade de subsistência e se escondeu, ou protegeu, com o uso de pseudônimos, ou assinavam “Uma Dama de Condição”. Jane Austen, por exemplo, filha solteira, porém comprometida com os cuidados com a mãe, escrevia escondida, ciente dos julgamentos que acompanhavam a sua atividade⁹⁶⁷. Outra característica do conjunto da produção literária feminina do período era a adoção de um tom conformista, dificilmente subversivo, com heroínas que seguiam as normas de decência impostas ao seu sexo. Em suma, “o ato libertador, o ato emancipador, era escrever, independentemente do que se escrevia”⁹⁶⁸.

No século XVIII, as mulheres que escreviam se multiplicaram e passaram a abordar outros domínios. Os romances dividiam espaço com livros de história, de filosofia, de ciência e de vulgarização científica, traduções, peças de teatro e livretos de ópera⁹⁶⁹. Em 1788, Wollstonecraft garantiu a publicação de dois livros por Johnson: *Mary* e *Original stories from real life*⁹⁷⁰. A filósofa inglesa passou a trabalhar como tradutora de livros estrangeiros a partir desse ano, traduzindo, por exemplo, *The significance of religious theories* de Jacques Necker, e *Elements of morality for the use of children* de C. G. Salzman⁹⁷¹. Quando discordava dos argumentos originais dos autores, Wollstonecraft modificava ou omitia trechos inteiros⁹⁷².

Aos 29 anos de idade, começou a escrever críticas literárias na revista *Analytical Review*, de Johnson. Publicada mensalmente, a revista era vista pelos conservadores como um perigoso veículo de ideias radicais. Wollstonecraft ignorou a suposição de que as mulheres não

⁹⁶⁶ DULONG, Claude. Da conversação à criação. In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlete (org.). *História das mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991.

⁹⁶⁷ DULONG, 1991.

⁹⁶⁸ DULONG, 1991, p. 489.

⁹⁶⁹ DULONG, 1991.

⁹⁷⁰ GORDON, 2020.

⁹⁷¹ MIRANDA, 2015.

⁹⁷² GORDON, 2020.

deveriam publicar nesses espaços e utilizou a escrita para criticar livros e seus autores. Suas censuras estavam centradas principalmente nos romances. Em *Reivindicação dos direitos das mulheres*⁹⁷³, Wollstonecraft associa tal gênero à deficiência moral de homens e mulheres que se deixavam guiar por falsos sentimentos ao invés da razão. Para se proteger de possíveis ataques, utilizou a assinatura M. W.⁹⁷⁴.

A participação de mulheres em periódicos na Europa da Idade Moderna era rara e exigia coragem, uma vez que optavam por possuir uma carreira em um período em que isso não era aceitável socialmente. Além da motivação financeira, mulheres que se envolviam com essa atividade tinham o desejo de provarem sua capacidade intelectual e conquistar adeptos para a sua causa, cientes da relevância desses veículos para influenciar a opinião pública. Jornais editados por mulheres, ainda que fossem escassos e esparsos, apareceram durante o século XVIII, e a maioria teve existência efêmera⁹⁷⁵.

Definindo a possibilidade de uma “consciência feminista” compartilhada por mulheres jornalistas como o “reconhecimento da subordinação feminina e a contestação a ela”⁹⁷⁶, Nina Rattner Gelbart identifica estratégias em comum adotadas por elas, que incluíam o abrandamento das críticas elaboradas, falsa modéstia e mudanças de assunto, conforme fosse necessário. O tom modesto era, geralmente, uma estratégia para driblar as perseguições e garantir a impressão dos jornais⁹⁷⁷.

Ciente das dificuldades financeiras e políticas enfrentadas pela França, Wollstonecraft se envolveu nos debates que circulavam a respeito. O iluminismo forneceu as bases ideológicas da revolução que se desenrolava: igualdade, liberdade, fraternidade, a crítica à autoridade tradicional e a defesa de direitos naturais e da razão⁹⁷⁸, que, por conseguinte, eram compartilhados pela escritora inglesa, que repudiava a tirania e desejava a emancipação dos pobres e oprimidos⁹⁷⁹.

A Revolução Francesa foi um marco na transformação política e social do mundo moderno. Antes de 1789, a França vivia a crise do Antigo Regime. O sistema feudal e aristocrático estava cada vez mais desgastado e não atendia às demandas da sociedade,

⁹⁷³ WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos das mulheres*: o primeiro grito feminista. São Paulo: EDIPRO, 2015.

⁹⁷⁴ GORDON, 2020.

⁹⁷⁵ GELBART, Nina Rattner. As mulheres jornalistas e a imprensa nos séculos XVII e XVIII. In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlete (org.). *História das mulheres no Ocidente*: do Renascimento à Idade Moderna. Porto: Afrontamento, 1991.

⁹⁷⁶ GELBART, 1991, p. 498.

⁹⁷⁷ GELBART, 1991.

⁹⁷⁸ HOBBSBAWM, Eric J. *A era das revoluções, 1789-1848*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

⁹⁷⁹ GORDON, 2020.

caracterizada pelo fortalecimento da burguesia, pela difusão das ideias iluministas e pelo crescimento das desigualdades sociais. As guerras e o custo da manutenção da Corte foram decisivos para o colapso político, provocando a convocação dos Estados Gerais e, em seguida, a explosão revolucionária⁹⁸⁰.

A Revolução Francesa levou à abolição dos privilégios feudais, à proclamação da igualdade civil, redefinido as bases da soberania popular e projetou ideais universais de cidadania e direitos. O seu alcance ultrapassou as fronteiras francesas, e os seus princípios inspiraram movimentos liberais em toda a Europa, assim como nas Américas. Embora a revolução não tenha sido linear, passando por fases distintas, “Diretório (1795-1799), Consulado (1799-1804), Império (1804-1814)”⁹⁸¹, sua influência internacional é inegável.

O fim do século XVIII foi marcado pela crise dos velhos regimes da Europa e seus sistemas econômicos, com agitações políticas que chegaram a atingir o ponto da secessão, “não só nos Estados Unidos (1776-1783), mas também na Irlanda (1782-1784), na Bélgica e em Liège (1787-1790), na Holanda (1783-1787), em Genebra e [...] na Inglaterra”⁹⁸². Essas agitações políticas repercutiam entre os intelectuais do período, preocupados em analisar os eventos do presente, traçar perspectivas de futuro e oferecer contribuições ideológicas para os movimentos. Os filósofos tiveram contribuição relevante na Revolução Francesa: “ela teria ocorrido sem eles; mas eles provavelmente constituíram a diferença entre um simples colapso de um velho regime e a sua substituição rápida e efetiva por um novo”⁹⁸³.

Wollstonecraft se envolveu nas discussões a respeito ao defender Richard Price⁹⁸⁴, seu amigo de longa data, através da publicação anônima de *A reivindicação dos direitos dos homens* (1790). O sucesso da primeira edição levou à publicação de uma segunda e, dessa vez, assinou como autora, se estabelecendo como escritora política⁹⁸⁵. Entretanto, não saiu ilesa às críticas. Após lidar com os ataques recebidos ao revelar sua identidade, se dedicou a escrever o livro seguinte: *Reivindicação dos direitos das mulheres*, editado e vendido a partir de janeiro de 1792.

⁹⁸⁰ HOBBSBAWM, 2009.

⁹⁸¹ HOBBSBAWM, 2009, p. 126.

⁹⁸² HOBBSBAWM, 2009, p. 98.

⁹⁸³ HOBBSBAWM, 2009, p. 106.

⁹⁸⁴ Nascido em 1723, em Glamorgan, País de Gales, foi um filósofo moral britânico, especialista em seguros e finanças e defensor das revoluções americana e francesa. Em seu círculo de amigos estavam Benjamin Franklin, William Pitt, Lord Shelburne e David Hume. Escreveu *Principal Questions and Difficulties in Morals* (1758), *Observations on the nature of Civil Liberty, the Principles of Government, and the Justice and Policy of the War with America* (1776). O sermão em questão é *Discourse on The Love of Our Country* de 1789. Faleceu em 1791. Cf.: RICHARD PRICE. *Encyclopaedia Britannica*. Disponível em: <https://www-britannica-com.translate.goog/biography/Richard-Price>. Acesso em: 31 ago. 2025.

⁹⁸⁵ MIRANDA, 2015.

Assim como *A reivindicação dos direitos dos homens*, *Reivindicação dos direitos das mulheres* esgotou rapidamente e teve uma segunda edição. Essa foi dedicada a Charles Maurice de Talleyrand-Périgord⁹⁸⁶, que apresentou propostas quanto a educação das mulheres em seu *Relatório sobre educação pública* (1791), desapontando Wollstonecraft. Em seu *Relatório*, Talleyrand, afirma:

*Qu'on ne cherche donc plus la solution d'un problème suffisamment résolu; élevons les femmes, non pour aspirer à des avantages que la Constitution leur refuse, mais pour connoître et apprécier ceux qu'elle leur garantit: au lieu de leur faire dédaigner la portion de bien-être que la Société leur réserve en échange des services important qu'elle leur demande, apprenons-leur qu'elle est la véritable mesure de leurs devoirs et de leurs droits (...). La maison paternelle vaut mieux à l'éducation des femmes; elles ont moins besoin d'apprendre à traiter avec les intérêts d'autrui, que de s'accoutumer à la vie calme et retirée. Destinées aux soins intérieurs, c'est au sein de leur famille qu'elles doivent en recevoir les premières leçons et les premiers exemples. Les pères et mères, avertis de ce devoir sacré, sentiront l'étendue des obligations qu'il impose: la présence d'une jeune fille purifie le lieu qu'elle habite, et l'innocence commande à ce qui l'entoure, le repentir ou la vertu. Que toutes vos institutions tendent donc à concentrer l'éducation des femmes dans cet asyle domestique: il n'en est pas qui convienne mieux à la pudeur, et qui lui prépare de plus douces habitudes*⁹⁸⁷.

Talleyrand, acompanhando os intelectuais de seu tempo, defende que a educação feminina não deveria exceder o âmbito privado, ao contrário, deveria ser aplicada na casa paterna e ter como objetivo formar mulheres para desempenharem adequadamente as funções próprias do espaço doméstico. Considerando o que foi apresentado por Talleyrand, Wollstonecraft indaga:

⁹⁸⁶ Francês, nascido em 1754, atuou como Bispo de Autun de 1788 a 1791. Abandonou o cargo para se dedicar a atividades políticas. Atuou como administrador do departamento de Paris e prestou serviço aos Estados Gerais, à Assembleia Constituinte e à Assembleia Nacional. Conheceu Wollstonecraft em 1792, entre a publicação da primeira e da segunda edição de *Reivindicação dos direitos das mulheres*. Cf.: MIRANDA, 2015.

⁹⁸⁷ “Não busquemos mais, portanto, a solução de um problema suficientemente resolvido; eduquemos as mulheres, não para aspirar às vantagens que a Constituição lhes nega, mas para conhecer e apreciar aquelas que ela lhes garante: em vez de fazê-las desdenhar da parcela de bem-estar que a sociedade lhes reserva em troca de importantes serviços que pede delas, ensinemos-lhes que é a verdadeira medida dos seus deveres e dos seus direitos [...]. A casa paterna é melhor para a educação das mulheres; eles têm menos necessidade de aprender a lidar com os interesses dos outros do que de se acostumar a uma vida calma e retraída. Destinado ao cuidado interior, é no seio da família que deve receber as primeiras lições e os primeiros exemplos. Os pais e mães, advertidos deste sagrado dever, sentirão a extensão das obrigações que ele impõe: a presença de uma jovem purifica o lugar que ela habita, e a inocência comanda aquilo que a rodeia, o arrependimento ou a virtude. Que todas as suas instituições, portanto, concentrem a educação das mulheres neste asilo doméstico: não há nenhuma que se adapte melhor à modéstia e que prepare para ela hábitos mais doces”. TALLEYRAND-PÉRIGORD, Charles Maurice de. *Rapport sur l'instruction publique*. Paris: Imprimerie Nationale, 1791. p. 120-121. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/cache/epub/26336/pg26336-images.html>. Acesso em: 1 set. 2025.

Considere, me dirijo a sua função de legislador, se, quando os homens lutam por sua liberdade e são permitidos a julgar por si mesmos a respeito de sua própria felicidade, não seria inconsistente e injusto subjugar as mulheres, mesmo que o senhor firmemente acredite que esteja agindo da maneira bem calculada para promover a felicidade dos mesmos? Quem fez o homem juiz exclusivo, se a mulher compartilha com ele a dádiva da razão? Dessa maneira, argumentam os tiranos de toda denominação, desde o rei fraco até o fraco pai de família, eles estão todos ávidos para esmagar a razão; mesmo que eles sempre afirmem que usurpam o trono apenas para serem úteis. O senhor não assume o mesmo papel quando força todas as mulheres, negando-lhes seus direitos civis e políticos, a permanecerem presas em seus grupos familiares, no escuro?⁹⁸⁸

Wollstonecraft enfrentou diretamente Talleyrand ao propor tais questionamentos, e expressou, ainda, o desejo de fazê-lo mudar de opinião, “induzi-lo a reconsiderar o tema, e, com maturidade, avaliar o que eu tenho avançado em relação aos direitos das mulheres e sobre a educação nacional (...)”⁹⁸⁹. Assim, deixa evidente que os seus “avanços” no assunto são superiores ao do legislador, logo, a opinião dele era fruto de um engano, um atraso.

Em seu livro, Wollstonecraft dialoga com Adam Smith⁹⁹⁰, Francis Bacon⁹⁹¹, Alexandre Pope⁹⁹², James Fordyce⁹⁹³, James Hervey⁹⁹⁴, dentre outros. Suas críticas mais duras são direcionadas a Rousseau e a John Gregory, como é o caso da afirmação de que ambos “têm contribuído para tornarem as mulheres mais artificiais, personagens mais fracas do que seriam em outro contexto; e, conseqüentemente, membros mais inúteis da sociedade”⁹⁹⁵. Gordon afirma que as críticas a Rousseau a fizeram perder o apoio de liberais, e ela já não contava com

⁹⁸⁸ WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos das mulheres: o primeiro grito feminista*. São Paulo: EDIPRO, 2015. p. 22.

⁹⁸⁹ WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 19.

⁹⁹⁰ Nasceu em 1723, em Kirkcaldy, Escócia. Filósofo social e economista político, relevante na ascensão do liberalismo clássico. Autor de *Uma investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações* (1776). Cf.: HEILBRONER, Robert L. Adam Smith. *Encyclopaedia Britannica*, 4 ago. 2025. Disponível em: <https://www.britannica-com.translate.goog/biography/Adam-Smith>. Acesso em: 1 set. 2025.

⁹⁹¹ Nasceu em 1561, em Londres. Advogado, estadista, ensaísta, historiador, reformador intelectual, filósofo e defensor da ciência moderna. Faleceu em 1626. Cf.: SIMPSON, David. Francis Bacon (1561, 1626). *Internet Encyclopedia of Philosophy*. Disponível em: https://iep-utm-edu.translate.goog/francis-bacon/?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=tc. Acesso em: 1 set. 2025.

⁹⁹² Nasceu em 1688, em Londres. Poeta e satirista, autor dos poemas: *Um ensaio sobre a crítica* (1711), *O rapto da Mecha* (1712-1724), *Um ensaio sobre o homem* (1733-1734). Faleceu em 1744. Cf.: BUTT, John Everett. Alexandre Pope. *Encyclopaedia Britannica*. Disponível em: <https://www-britannica-com.translate.goog/biography/Alexander-Pope-English-author>. Acesso em: 1 set. 2025.

⁹⁹³ Nasceu em 1720. Ministro presbiteriano escocês, escritor e orador. Escreveu *Sermons to Young Women* (1766). Faleceu em 1796. Cf.: JAMES FORDYCE. *Encyclopaedia Britannica*. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/James-Fordyce>. Acesso em: 23 nov. 2025.

⁹⁹⁴ Nasceu em 1714. Clérigo anglicano e escritor devocional inglês. Estudou em Oxford. Escreveu *Meditations and Contemplations* (1746-1747), *Theron and Aspasio* (1755). Faleceu em 1758. Cf.: JAMES HERVEY. *Encyclopaedia Britannica*. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/James-Hervey>. Acesso em: 23 nov. 2025.

⁹⁹⁵ WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 45.

o apreço dos conservadores, que atacavam a sua moral e a consideravam um perigo para a unidade da família⁹⁹⁶.

Com o objetivo de testemunhar e documentar os eventos da revolução, Wollstonecraft foi para a França no final de 1792, de onde enviava escritos para serem publicados na *Analytical Review*. Entre os eventos desse ano, destaca-se o início da guerra da França contra a Áustria e a Prússia, o fim da monarquia e proclamação da Primeira República Francesa pela Convenção Nacional. Nos anos seguintes, até o retorno de Wollstonecraft a Londres, ocorre, ainda, a execução de Luís XVI e Maria Antonieta, a ascensão dos jacobinos e a criação do Comitê de Salvação Pública, e a execução de Robespierre.

Ainda em 1792, conheceu Gilbert Imlay, com quem se envolveu e que a registrou como esposa na embaixada norte-americana diante da intensificação do controle jacobino sobre a cidade, como forma de protegê-la das autoridades francesas⁹⁹⁷. No ano seguinte, Wollstonecraft descobriu estar grávida, momento em que a situação na França se tornava mais grave, com o cerceamento dos direitos das mulheres. O casal foi morar em Le Havre, Alta Normandia, onde ela se dedicou a terminar seu escrito sobre a revolução. Em maio de 1794, nasceu Fanny, que recebeu este nome em homenagem à falecida melhor amiga de Wollstonecraft. Em dezembro do mesmo ano, publicou *An historical and moral view of the origin and progress of the French Revolution*, onde discutiu suas teorias sobre liberdade natural, justiça social e enfatizou a importância da ciência política e do papel do cientista político para a melhoria da condição humana⁹⁹⁸.

Em abril de 1795, Wollstonecraft retornou a Londres com sua filha, indo ao encontro de Imlay. Os problemas entre ambos a levaram a tentar suicídio, o que assustou o companheiro já ausente na maior parte do tempo. Pouco depois, foram para a Escandinávia, retornando para Londres em setembro, onde ela tentou suicídio novamente. Recuperada, dedicou-se a escrever um livro que reunia suas experiências na Escandinávia, “seria um registro de viagens e reflexões, uma observação e uma autoanálise”. O livro publicado, em janeiro de 1796, recebeu o título de *Letters written during a short residence in Sweden, Norway, and Denmark*⁹⁹⁹.

Em março de 1796, Wollstonecraft separou-se definitivamente de Imlay e reencontrou William Godwin, com quem tivera contatos anteriores intermediados por amigos. O envolvimento de ambos culminou com o casamento em 1797. No dia 30 de agosto do mesmo

⁹⁹⁶ GORDON, 2020.

⁹⁹⁷ GORDON, 2020.

⁹⁹⁸ GORDON, 2020.

⁹⁹⁹ GORDON, 2020, p. 352.

ano, nasceu a filha do casal, Mary Wollstonecraft Godwin, futura Mary Shelley, autora de *Frankstein*. Devido a complicações no parto, Wollstonecraft morreu, em 10 de setembro, aos 38 anos.

Com a intenção de homenagear a memória de sua esposa, considerando-a relevante demais para ser esquecida, Godwin publicou *Obra póstumas*, em 1798, assim como uma biografia, com o título *Memórias sobre a autora de Reivindicação dos direitos das mulheres*. Embora o seu desejo fosse homenagear Wollstonecraft e demonstrar que não sentia vergonha de seu passado pouco convencional para a época, as *Memórias* geraram o efeito inverso: fizeram com que a produção intelectual de Wollstonecraft fosse reduzida aos escândalos de sua vida.

De acordo com Eileen Hunt Botting e Charlotte Hammon Matthews, a repercussão do livro tornou a escritora inglesa “*an anti-revolutionary morality tale for how women’s rights would lead to sexual immorality and religious infidelity*”¹⁰⁰⁰. Portanto, é compreensível que a reputação de Wollstonecraft não fosse das melhores no início do século XIX. Botting¹⁰⁰¹ aponta uma tradição que minimiza ou nega o impacto de Wollstonecraft sobre o desenvolvimento de movimentos femininos no século XIX. Por isso, propõe uma abordagem revisionista para analisar a recepção de Wollstonecraft entre Europa continental oitocentista e na Grã-Bretanha e nas Américas. Aponta que os equívocos na história da recepção de sua obra na Europa contribuíram para que as suas influências sobre a literatura e a teoria política moderna fossem negligenciadas e incompreendidas.

A escritora foi uma importante defensora dos direitos das mulheres durante o iluminismo europeu e norte-americano, considerando a publicação de *Reivindicação dos direitos das mulheres* em diferentes línguas e as diversas reedições. O sucesso da escritora rendeu, inclusive, traduções erroneamente atribuídas a ela. É o caso de M. César Gardeton, que afirmou ter traduzido livremente *Reivindicação dos direitos das mulheres* em 1826, em Paris. Em suas pesquisas, Botting descobriu que a obra original traduzida por Gardeton era *Womam not inferior to man*, de 1739, publicado por Sophia¹⁰⁰².

Na hipótese sugerida por Botting, Gardeton atribuiu a autoria a Wollstonecraft, afirmou estar na oitava edição e indicou o nome de solteira da escritora para vender mais cópias. Essa

¹⁰⁰⁰ BOTTING; MATTHEWS, 2014, p. 66. “Um conto moral antirrevolucionário sobre como os direitos das mulheres levariam à imoralidade sexual e à infidelidade religiosa”.

¹⁰⁰¹ BOTTING, Eileen Hunt. Wollstonecraft in Europe, 1792-1904: a revisionist reception history. *History of European Ideas*, [S. l.], v. 39, n. 4, p. 503-527, out. 2012. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/01916599.2012.725668>. Acesso em: 2 set. 2025.

¹⁰⁰² BOTTING, 2012.

foi a edição que Nísia Floresta teve acesso anos depois. Entretanto, o equívoco da brasileira foi involuntário, e o uso do nome de solteira de Wollstonecraft parece atrair a atenção do público, uma vez que contou com três edições na década de 1830 no Brasil¹⁰⁰³.

Entre os motivos apresentados por Botting para que a obra de Wollstonecraft tenha sido desvalorizada no século XIX, está a sua aproximação com os ideais da revolução francesa, que tornaram sua leitura uma fonte perigosa de instabilidade política, e a publicação de *Memórias do autor de Uma reivindicação dos direitos da mulher*, que prejudicou a reputação póstuma da escritora. Essa publicação mudou o foco de interesse dos leitores, deixando em segundo plano suas ideias e priorizando a sua vida privada. É compreensível essa recepção por parte do público, considerando as expectativas sobre a conduta feminina e que Wollstonecraft destoava do padrão imposto no período¹⁰⁰⁴.

Wollstonecraft é lida como uma “feminista inicial”¹⁰⁰⁵, ou “pré-feminista”, conforme a designação utilizada por Michelle Perrot, que aponta, ainda, *Reivindicação dos direitos das mulheres* como um dos textos basilares, indicando “uma reviravolta. Um advento. Insinuando na brecha das Luzes e principalmente da Revolução Francesa, segundo um processo eruptivo clássico (...)”, como “se as reivindicações das mulheres só esperassem uma falha, uma brecha para eclodir”¹⁰⁰⁶.

Antes da publicação de *Direito das mulheres e injustiça dos homens*¹⁰⁰⁷ como uma tradução livre da *Reivindicação* de Wollstonecraft por Nísia Floresta, em 1832, o nome da escritora inglesa já circulava entre as autoridades brasileiras. Durante as discussões sobre o ensino primário público no Brasil ocorridas no Senado em 1827, o Visconde de Cairu recorreu ao nome de Wollstonecraft para exemplificar o perigo de educar mulheres¹⁰⁰⁸. No entanto, o livreto de Nísia Floresta colaborou para a difusão do seu nome entre os letrados do país.

Ao publicar *Direito das mulheres e injustiça dos homens*, Nísia Floresta afirmou que a autoria original era de “Mrs. Gowin (sic), traduzido livremente do francês para o português e oferecido às brasileiras e acadêmicos brasileiros por Nísia Floresta Brasileira Augusta”¹⁰⁰⁹. A relevância da publicação é apontada por Aduino da Câmara:

Nísia Floresta foi, no Brasil, a precursora da reabilitação social da mulher. Toda a sua obra de escritora e de educadora revela sua paixão por este ideal, a que se consagrou desde os 23 anos, quando traduziu o livrinho de Mrs.

¹⁰⁰³ BOTTING, 2012.

¹⁰⁰⁴ BOTTING, 2012.

¹⁰⁰⁵ BOTTING, 2012.

¹⁰⁰⁶ PERROT, 2008, p. 154-155.

¹⁰⁰⁷ FLORESTA, Nísia. *Direito das mulheres e injustiça dos homens*. São Paulo, Cortez: 1989.

¹⁰⁰⁸ BOTTING; MATTHEWS, 2014.

¹⁰⁰⁹ FLORESTA, 1989, p. 21.

Godwin. Seu feminismo era então restrito à elevação da mulher pela instrução, pela educação e pelo trabalho. Os objetivos políticos teriam que vir depois [...] ¹⁰¹⁰.

Essa edição passou a ser objeto de debates a partir da década de 1990, quando sua verdadeira autoria foi questionada. Apesar de atribuído à Wollstonecraft, não se trata do mesmo texto. Os questionamentos foram levantados primeiramente por Maria Lúcia Pallares-Burke ¹⁰¹¹, no ensaio *A Mary Wollstonecraft que o Brasil conheceu*, ou a travessura literária de Nísia Floresta, no qual afirma que a obra da brasileira seria o plágio de outro texto.

A pesquisa de Pallares-Burke estava centrada na análise da tradução feita por Nísia Floresta, e evidenciou:

desde o início, aspectos um tanto intrigantes. Afora lugares-comuns presentes em textos feministas do século XVIII, não se percebia, no cotejo, nenhuma outra semelhança mais significativa. [...] Dessa análise comparativa o que, na verdade, sobressaía, era que, a despeito de os dois textos pertencerem, por assim dizer, à mesma ‘família’ feminista, não parecia haver entre eles a filiação que uma tradução, mesmo que livre, deveria implicar ¹⁰¹².

Entre os elementos que chamaram a sua atenção, estava a ausência de menções a Rousseau, uma presença constante entre os argumentos apresentados por Wollstonecraft em sua *Reivindicação*. Ademais, Pallares-Burke afirma ter se recordado de outro texto que se assemelhava ao editado por Nísia Floresta: *De l'Égalité des deux sexes* ¹⁰¹³ de 1673, de autoria de François Poulain de La Barre. Consultando esse texto e cruzando-o com os *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, a autora constatou a presença de trechos literais entre ambos. Isso explicaria a ausência de Rousseau, visto que o filósofo nem havia nascido quando La Barre escreveu.

Conforme Badinter, La Barre defendeu a ideia de uma nova igualdade do homem e da mulher, apontando a inferioridade feminina como oriunda do preconceito herdado dos antigos. O filósofo afirmava que a feminilidade não tinha essência e resultava apenas de construções exteriores, motivo que o levou a defender a necessidade de transformar a educação tradicional das mulheres e de denunciar as relações de força entre os sexos. Sobre o casamento, considerava que não deveria se fundar no temor, mas no amor, sendo um ato de liberdade e não de

¹⁰¹⁰ CÂMARA, Adauto da. *História de Nísia Floresta*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1941.

¹⁰¹¹ PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *A Mary Wollstonecraft que o Brasil conheceu*, ou a travessura literária de Nísia Floresta. In: PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Nísia Floresta, o Carapuceiro e outros ensaios de tradição cultural*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

¹⁰¹² PALLARES-BURKE, 1996, p. 169-170.

¹⁰¹³ LA BARRE, François Poulain de. *De l'Égalité des deux sexes*. Paris: Jean Du Puis, 1673. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=JLcALUU3ZMEC&pg=GBS.PP6&hl=pt>. Acesso em: 3 set. 2025.

constrangimento. Afirmou, ainda, que o espírito não tinha sexo, e que mulheres e homens estavam aptos às ciências e ao trabalho e funções públicas. A maternidade, em sua concepção, era entendida como elemento que conferia superioridade às mulheres¹⁰¹⁴. Suas ideias, portanto, estavam de acordo com a maior parte daquelas defendidas por Nísia Floresta, não somente em *Direito das mulheres e injustiça dos homens*, mas em publicações subsequentes.

A descoberta de Pallares-Burke quanto às similaridades entre a tradução de Nísia Floresta e o livro de La Barre a fez acreditar na possibilidade de salvar o que chamou de “infidelidade criativa” de Nísia Floresta, entendendo que parte do texto ainda poderia ser de sua autoria, pois alguns trechos se referiam a uma época posterior a La Barre. Entretanto, uma outra descoberta explicou a origem da tradução feita pela brasileira:

Ela traduziu *literalmente* e na sua *totalidade* um livreto de 1739, intitulado *Woman not inferior to man*, cujo autor ou autora desconhecida se escondia, e ainda se esconde, sob o pseudônimo de Sophia. [...] Enfim, foi o texto de Sophia, plagiado em grande parte do texto de Poulain, que Nísia Floresta traduziu. Em outras palavras, a pretensa tradução livre de Wollstonecraft foi, na verdade, o que poderíamos chamar, na falta de melhor expressão, de plágio-tradução de outro plágio (grifos da autora)¹⁰¹⁵.

Assim, a autora sugere: “Incapaz de, por si só, desenvolver oposição articulada a um sistema opressor, Nísia teria encontrado no livreto de Sophia a argumentação crítica e construtiva que buscava”¹⁰¹⁶. Quanto à atribuição do texto a Mary Wollstonecraft, a autora aponta que a escolha da escritora brasileira foi pautada na admiração que tinha pela filósofa britânica e, também, para agregar o prestígio que os textos e ideias inglesas carregavam, na época.

Constância Lima Duarte questiona o modo como Pallares-Burke apresentou o resultado de suas pesquisas. Afirma: “Não é, portanto, a descoberta da ensaísta que quero contestar. Mas o tratamento e a utilização dados a essas mesmas descobertas, que julgo merecer alguns reparos”¹⁰¹⁷. O incômodo advém dos termos “plágio” e “travessura literária” utilizados por Pallares-Burke. Em sua opinião, constituía um “equivoco tentar ler e julgar, hoje, a partir de uma perspectiva redutora e ingênua, algo que foi escrito há cerca de 160 anos, naturalmente submetidos a outros parâmetros, outros conceitos e procedimentos intelectuais”¹⁰¹⁸. Plágio, por exemplo, possuía significado diferente no período em que o texto de Nísia Floresta foi

¹⁰¹⁴ BADINTER, 2003.

¹⁰¹⁵ PALLARES-BURKE, 1996, p. 177-178.

¹⁰¹⁶ PALLARES-BURKE, 1996, p. 185.

¹⁰¹⁷ DUARTE, Constância Lima. Nísia Floresta: incompreensão em relação à sua genialidade. *Ciência & Trópico*, Recife, v. 26, n. 2, p. 253-260, jul./dez. 1998. p. 253.

¹⁰¹⁸ DUARTE, 1998, p. 254.

publicado, sendo comum a cópia de trechos de um autor por outro, sem que isso gerasse desconfiança sobre seu trabalho intelectual.

Sobre a afirmação de que Nísia Floresta teria cometido uma “travessura literária”, Duarte afirma que a expressão sugere “um gesto infantil, uma brincadeira impensada, o resultado de um ato inconsequente” de Nísia Floresta. Para a autora, o que Nísia Floresta fez foi “se apropriar e adaptar à realidade brasileira, as muitas ideias a respeito do tema que circulavam na época, e tratar a questão feminina a partir de uma perspectiva nacional”¹⁰¹⁹. Portanto, para Duarte, Nísia Floresta se apropriou e adaptou as ideias que circulavam a respeito da natureza e das funções femininas naquele período com a intenção de oferecer esclarecimentos para as mulheres e, a partir deles, tornar possível a modificação daquela sociedade, o que fez parte do projeto defendido em todas as suas obras.

Defende, então, que a brasileira adaptou a linguagem veiculada no exterior para outra que fosse inteligível para a realidade social em que se encontrava. O uso da expressão “tradução livre” e a identificação de Wollstonecraft como Mrs. Godwin, por sua vez, seriam recursos utilizados para se desviar dos ataques que a autora inglesa costumava sofrer. Duarte conclui:

Por tudo isto, sou favorável a uma outra leitura do episódio, bem diferente da realizada pela ensaísta, que não alcançou a dimensão do gesto nem a astúcia criadora de Nísia Floresta, vendo aí apenas uma ‘travessura’ inconsequente. Nísia apropriou-se, sim, das ideias dominantes na Europa de seu tempo, demonstrando com isto o quanto as conhecia, apesar de residir tão distante [...]. Antes de ser considerada ‘plágio’, tal atitude constitui-se num gesto de legítima defesa; numa *apropriação* e numa *desconstrução* de escritos europeus realizadas da perspectiva da *periferia*, visando à construção de um *outro texto*. Ela se apropria dos discursos de Poulain de La Barre e de Catão (manifestações distintas do discurso masculino europeu) para contestar o mesmo discurso masculino, desta vez brasileiro. O gesto de Nísia teve, sim, uma intencionalidade, e esta intencionalidade, já o dissemos, consistia em denunciar as injustas relações sociais de gênero existentes em seu tempo (grifos da autora)¹⁰²⁰.

Conforme mencionado, a discussão também ocupou espaço nos trabalhos de Botting e Matthews. As autoras afirmam que desde o primeiro século após a publicação de *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, não houve evidências de comparações feitas entre o texto de Nísia Floresta e o de Mary Wollstonecraft, pois as cópias da versão brasileira foram consideradas perdidas, até a reedição lançada por Duarte em 1989. Assim, “*was such a comparison finally made and the vast differences between the two texts were revealed, in both*

¹⁰¹⁹ DUARTE, 1998, p. 254.

¹⁰²⁰ DUARTE, 1998, p. 258-259.

content and style”¹⁰²¹. Cientes dos estudos de Pallares-Burke e de Duarte sobre o assunto, as autoras destacam que as pesquisas realizadas na Biblioteca Nacional da França em 2011 ajudaram a desvendar os enganos que envolvem a originalidade do texto traduzido por Nísia Floresta. Afirmam:

*In 1826 Cesar Gardeton – a prolific author of musical and gastronomic reviews and, it seems, an enthusiastic (re)producer of feminist literature – published a book entitled *Les droits des femmes, et l’injustice des Hommes*; par Mistriss Godwin. Traduit librement de l’Anglais, sur la huitieme edition. This text is an exact reproduction, barring orthographical updates (and title, of course), of the 1750/51 French translation of Sophia’s *Woman not inferior to man* mentioned above. There can be no doubt, then, that this 1826 publication is the text Floresta translated – title, supposed author and all*¹⁰²².

Portanto, *Direito das mulheres e injustiça dos homens* é, na verdade, uma tradução literal de *Woman not inferior to man*, publicado por Sophia, em 1739, que copiou trechos de *De l’égalité des deux sexes*, escrito por La Barre em 1673. Gardeton traduziu o livreto de Sophia do inglês para o francês, mas o identificou como uma versão traduzida livremente do texto de Wollstonecraft. Sobre a versão de Nísia Floresta, as autoras argumentam:

*For the truth is that Floresta did indeed translate Wollstonecraft, insofar as she made the conscious ecision to translate and publish a radical defence of sexual equality which she believed to be the work of Mary Wollstonecraft, and thus to associate her own name with that of the famous British writer. We must therefore conclude that, even at the age of twenty-two, Floresta understood Wollstonecraft’s power as a Symbol of discourse on women’s rights*¹⁰²³.

Sendo assim, as autoras defendem que a intencionalidade Nísia Floresta importa, uma vez que decidiu conscientemente traduzir e publicar uma defesa radical da igualdade entre os sexos, que acreditava ser de autoria de Wollstonecraft, vinculando seu nome ao dela, já reconhecida como referência no debate sobre os direitos das mulheres. A jovem escritora

¹⁰²¹ BOTTING; MATTHEWS, 2014, p. 69. “tal comparação foi finalmente feita e as grandes diferenças entre os dois textos foram reveladas, tanto no conteúdo como no estilo”.

¹⁰²² BOTTING; MATTHEWS, 2014, p. 70. “Em 1826, Cesar Gardeton – um prolífico autor de críticas musicais e gastronômicas e, ao que parece, um entusiasta (re)produtor de literatura feminista – publicou um livro intitulado *Les droits des femmes, et l’injustice des hommes*, da Senhora Godwin. Traduzido livremente do inglês, na oitava edição. Este texto é uma reprodução exata, exceto atualizações ortográficas (e título, é claro), da tradução francesa de 1750/51 de *Woman not inferior to man* de Sophia, mencionada acima. Não há dúvida, então, de que esta publicação de 1826 é o texto traduzido por Floresta – título, suposto autor e tudo”.

¹⁰²³ BOTTING; MATTHEWS, 2014, p. 71. “Pois a verdade é que Floresta realmente traduziu Wollstonecraft, na medida em que tomou a decisão consciente de traduzir e publicar uma defesa radical da igualdade sexual que ela acreditava ser obra de Mary Wollstonecraft, e assim associar seu próprio nome ao da famosa escritora britânica. Devemos, portanto, concluir que, mesmo aos vinte e dois anos, Floresta entendia o poder de Wollstonecraft como um símbolo do discurso sobre os direitos das mulheres”.

brasileira distinguia a força simbólica associada à figura de Wollstonecraft nos debates sobre a emancipação feminina.

Botting e Matthews apresentam evidências de que tanto Nísia Floresta como seus contemporâneos acreditavam que *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* era uma tradução livre do texto de Wollstonecraft. A referência feita por Joaquim Manuel de Macedo em *A moreninha*, publicado em 1844 corrobora a afirmação. No romance, o autor cita que a protagonista, Carolina, leu Wollstonecraft, porém, as informações destacadas por ele se referem ao livro traduzido livremente pela brasileira. As autoras afirmam:

*What this light-hearted reference suggests is that Macedo had not only read Direitos and knew who 'Mistriss Godwin' was, but also expected his readers to share that knowledge. A Moreninha appeared in Rio at a time when Floresta was running a successful school for girls in the capital, and only six years after Direitos had first been put on sale there*¹⁰²⁴.

Essa informação já havia sido dada por Duarte, indicando a difusão e a recepção do texto de Nísia Floresta entre os leitores brasileiros¹⁰²⁵. O engano da escritora a respeito de sua tradução não deve ter durado muito, visto que viajou para a Europa entre 1849 e 1852, e no ano seguinte publicou *Opúsculo humanitário*¹⁰²⁶, onde se refere a Wollstonecraft e a radicalidade de suas concepções¹⁰²⁷. Desfeito ou não o engano, Nísia Floresta passou a ser reconhecida como a responsável por traduzir Wollstonecraft no Brasil, de forma que é identificada como precursora dos direitos femininos no país.

Pallares-Burke abordou o tema novamente em 2020, com a publicação de Travessura revolucionária, artigo da *Revista Piauí*¹⁰²⁸, mencionando a descoberta do estatuto de não originalidade de *Direito das mulheres e injustiça dos homens* e a repercussão negativa. A autora afirma ter entrevisto que Nísia Floresta tivera, na verdade, contato com o livro de Sophia, traduzido por Gardeton, e não com *Reivindicação dos direitos das mulheres* original. Arremata:

¹⁰²⁴ BOTTING; MATTHEWS, 2014, p. 72. “O que esta referência despreocupada sugere é que Macedo não só leu *Direitos* e sabia quem era ‘Mistriss Godwin’, mas também esperava que seus leitores compartilhassem esse conhecimento. *A moreninha* surgiu no Rio em um momento em que Floresta dirigia uma escola de sucesso para meninas na capital, e apenas seis anos depois que *Direitos* foram colocados à venda ali”.

¹⁰²⁵ DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: vida e obra*. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995.

¹⁰²⁶ FLORESTA, Nísia. *Opúsculo humanitário*. Rio de Janeiro: Tipografia de M. A. Silva Lima, 1853. Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasgerais/drg376981/drg376981.html#page/1/mode/1up. Acesso em: 30 jan. 2024.

¹⁰²⁷ FLORESTA, 1853, p. 27.

¹⁰²⁸ PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Travessura revolucionária: uma teia de erros em torno da feminista Nísia Floresta, nascida há 210 anos. *Revista Piauí*, out. 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/travessura-revolucionaria/>. Acesso em: 15 jul. 2022.

De qualquer modo, o que eu disse em 1995 sobre a ‘façanha’ de Nísia Floresta continuo a sustentar hoje: o próprio ato de traduzir Sophia – quer via Gardeton, quer via Sophia e Gardeton juntos – representou, ‘por si só, um ato revolucionário’, pois significou combater corajosamente um sistema patriarcal opressor com valores alternativos e subversivos. A ‘travessura literária’ de Nísia Floresta foi, pois, responsável por uma daquelas felizes ironias da história. O tratado subversivo *Woman not inferior to man*, publicado por Sophia em 1739 (com uma segunda edição em 1743), só seria reeditado na Europa em 1975. Mas na primeira metade do século XIX já podia ser lido pelas sinhazinhas supostamente dengosas e indolentes no Brasil – um país atrasado, aos olhos do europeu civilizado¹⁰²⁹.

A autora disponibilizou o arquivo digitalizado do livro de Sophia¹⁰³⁰, o que permite que, comparando-o com a tradução de Nísia Floresta, se verifique que se trata literalmente do mesmo texto. Afirmção comum entre os participantes desse debate é a da genialidade de Nísia Floresta. A capacidade de traduzir o texto de outra língua para o português e a atitude de disponibilizá-la aos leitores brasileiros, consciente de que as ideias apresentadas iam na contramão do que era defendido pela elite letrada conservadora do seu país, constituem provas da ousadia da jovem escritora brasileira.

Nísia Floresta e Mary Wollstonecraft possuem trajetórias semelhantes à medida em que seus projetos em defesa da valorização social da mulher se tornam conhecidos, assim como a participação de ambas nas agitações políticas de seus respectivos tempos através da escrita. O exemplo de cada uma desafiou a concepção de que as mulheres eram intelectualmente inferiores aos homens, discurso legitimado pela filosofia e ciência.

Enquanto afirmavam a inexistência da racionalidade nas mulheres, Wollstonecraft escrevia para defender não somente a capacidade intelectual feminina, mas que a educação seria o caminho para garantir o uso correto da razão feminina em benefício da humanidade. Afirmava:

Lutando pelos direitos das mulheres, meu argumento principal é construído nesse simples princípio, que, se ela não for preparada pela educação para se tornar companhia do homem, ela impedirá o progresso do conhecimento e da virtude; porque a verdade deve ser comum a todos, ou então será ineficaz em relação a sua influência na prática geral. E como se espera que a mulher coopere sem que ela saiba por que deve ser virtuosa?¹⁰³¹

Ideia semelhante motivou Nísia Floresta a elaborar seu *Opúsculo humanitário*, um tratado em defesa da educação feminina. A escritora brasileira reconhece que era necessário o transcorrer de séculos para que se operasse uma transformação no espírito do país, mas, caso a história da civilização fosse observada, seria constatada a relevância da educação oferecida às

¹⁰²⁹ PALLARES-BURKE, 2020.

¹⁰³⁰ SOPHIA. *Woman not inferior to man*. London: John Hawkins, 1739. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=fUVfAAAAcAAJ&pg=GBS.PP1>. Acesso em: 6 set. 2025.

¹⁰³¹ WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 21.

mulheres, o que possibilitaria o progresso da humanidade. Associa, ainda, a educação ao desenvolvimento das virtudes femininas.

Nísia Floresta e Wollstonecraft acreditavam que a associação entre homens e mulheres garantiria a felicidade da humanidade e o seu progresso. A primeira argumenta:

Qual é aí o homem razoável e honesto, que se contente de uma esposa que prefere passar no seio dos prazeres do mundo entregue às futilidades de uma vida de dissipação e indolência, antes que no empenho constante de restabelecer seu direito aos gozos razoáveis, e de ilustrar-se pela prática das virtudes, que honram a espécie humana, e contribuem para a felicidade?¹⁰³²

Considerando a distância temporal entre os textos, é lógico pensar que Wollstonecraft encontrou ainda mais entraves às suas ideias que Nísia Floresta. Enquanto a primeira participou do desenvolvimento dessas concepções, dialogando e se contrapondo à medida que os debates sobre a educação e a natureza feminina avançavam, a segunda encontrou parte dessas concepções consolidadas entre os intelectuais de seu tempo.

Nísia Floresta opta por se distanciar de discursos radicais, aderindo a uma postura conservadora. Conhecendo Wollstonecraft e a sua reputação, comprometida pela conduta de sua vida privada, tornada pública em suas *Memórias*, a escritora brasileira deixa registrado o seu afastamento quando afirma: “Mas deixemos a Wollstonecraft, Condorcet, Sieyes, Legouvé etc. a defesa dos direitos do sexo; a nossa tarefa é outra, e cremos que mais conveniente será às sociedades modernas – a educação da mulher”¹⁰³³. De qualquer forma, a menção a esses autores indica que Nísia Floresta realizou tais leituras.

Conforme a sociedade europeia supria as suas precisões vitais, o interesse pela educação avançava entre os séculos XVI e XVIII. A necessidade de produzir quadros para os Estados e a para a Igreja fez surgir distinções evidentes. Enquanto os filhos das elites, nobres e, posteriormente, burguesas, tinham acesso à cultura clássica, ao colégio e à universidade, as meninas, independentemente se pertencentes ao povo ou a elite, recebiam como educação o ensino dos saberes confinados ao espaço doméstico, que aprendiam primeiramente com a mãe ou em casas religiosas. Martine Sonnet justifica: “Haveria pelo menos que ensinar qualquer coisa mais às futuras esposas dos letrados, para que elas pudessem compreender e manter uma conversa”¹⁰³⁴.

A diferenciação sexual das práticas educativas acompanha a diferenciação social. O aparecimento de instituições de ensino não considerava ambos os sexos de maneira igualitária,

¹⁰³² FLORESTA, 1853, p. 61-62.

¹⁰³³ FLORESTA, 1853, p. 27-28.

¹⁰³⁴ SONNET, 1991, p. 141.

negando às mulheres a possibilidade de emancipação pelo saber, uma vez que recebiam um saber incompleto e eram rigidamente vigiadas. Entretanto, apesar de lenta, a abertura para que mulheres tivessem acesso à educação não deixou de significar um passo importante¹⁰³⁵.

No século XVI, a preocupação com a educação feminina circulava em torno da necessidade de preparar esposas e mães adequadas aos preceitos cristãos. Entre os protestantes, o acesso das mulheres às letras é facilitado pela importância dada à leitura da Bíblia. Com o Concílio de Trento (1545-1563), a Igreja Católica identifica a necessidade de difundir o acesso à leitura, que nem sempre estava acompanhado da prática da escrita. Na viragem do século, os reformadores católicos parecem entender o papel desempenhado pelas mulheres no âmbito familiar e reconhece que deveriam ser educadas de acordo com as funções que iriam desempenhar. Enquanto “as mais ricas vão para internatos conventuais caros, as mais desfavorecidas sentam-se nos bancos das escolas de caridade. A educação assim promovida visa formar boas mães cristãs”¹⁰³⁶. Em princípios do século XVII, algumas mulheres tomam a iniciativa de fundarem ou propagarem instituições voltadas para a instrução das meninas.

Os diversos gêneros literários abordavam o assunto, e nos salões se discutiam as polêmicas geradas pelo saber destinado às mulheres. Na França, em fins do século XVII, o debate ganha outros contornos, e a educação feminina passa a abranger o saber ler, escrever e contar. Ainda que o objetivo fosse o desempenho de sua função social familiar e doméstica, abre-se, assim, “uma brecha para o acesso a uma nova cultura, a novos poderes”¹⁰³⁷.

Intensificadas desde o século XVIII, as discussões acerca da necessidade e utilidade da educação feminina circulavam em torno de sua serventia para os homens. De acordo com Sonnet: “Mães dos homens novos, elas serão também as suas primeiras educadoras e deterão por isso o segredo de uma regeneração duradoura”¹⁰³⁸. Doutrinas que partiam desse princípio levaram à valorização da figura materna e, consequentemente, significou algum avanço para as mulheres, ainda que não tivesse como objetivo estimular a sua independência intelectual. A autora informa: “A partir de 1760, o problema da educação, feminina e masculina, invade as consciências iluminadas. Entre 1715 e 1759 foram publicadas 51 obras tratando da educação, número que passa a 161 para o período 1760-1790”¹⁰³⁹.

A ousadia de Wollstonecraft é defender a educação para benefício da mulher, para garantir a sua própria felicidade e não somente para agradar ou servir aos homens. Sua crítica

¹⁰³⁵ SONNET, 1991.

¹⁰³⁶ SONNET, 1991, p. 145.

¹⁰³⁷ SONNET, 1991, p. 147.

¹⁰³⁸ SONNET, 1991, p. 148.

¹⁰³⁹ SONNET, 1991, p. 149.

ao estágio da educação feminina de seu tempo se detém ao reforço da inferioridade das mulheres, assim como o casamento enquanto principal objetivo da existência feminina e o seu único lugar de atuação. Afirma:

A educação das mulheres tem, atualmente, sido mais frequente que antes; no entanto, elas continuam sendo consideradas um sexo frívolo, e ridicularizadas ou vistas com pena por escritores que se empenham por sátira ou instrução, melhorá-las. É reconhecido que elas passam muitos dos primeiros anos de sua vida adquirindo uma pequena parcela de realizações; ao mesmo tempo, o fortalecimento da mente e do corpo são sacrificados em nome de noções libertinas de beleza, no desejo de se estabelecerem – a única forma que as mulheres podem subir no mundo – pelo casamento¹⁰⁴⁰.

A escritora inglesa defendia que o casamento transformava as mulheres em animais e as levava a agir como crianças. Demonstra sua indignação ao questionar: “Certamente esses seres fracos só servem para um harém! Podemos esperar que elas governem uma família com discernimento, ou tomem conta dos pobres bebês que elas trazem ao mundo?”¹⁰⁴¹. Portanto, defendia que a educação estava ligada ao papel social desempenhado pela mulher naquela sociedade. Nísia Floresta elabora uma argumentação semelhante, e considera o lugar que as mulheres ocupavam e as funções de filha, esposa e mãe, que acumulavam. Afirma:

A falta de uma boa educação é a causa capital que contribui para que a mulher, no meio da corrupção da sociedade, perca esse norte, o qual não é outro mais que a moral. [...] Todos os que têm escrito sobre a educação da mulher, pregando tão errôneas doutrinas e considerando-a debaixo do ponto de vista puramente material, não tem feito mais que tirar-lhe toda a dignidade de sua natureza. Mulheres assim educadas seriam próprias para fazer as delícias de um harém, mas cremos que nenhuma de nossas brasileiras amará semelhante existência, a não ser a que é indigna de outra mulher¹⁰⁴².

Assim como Wollstonecraft, Nísia Floresta denuncia o descaso para com a educação feminina por parte dos estudiosos que deveriam se ocupar do assunto e considera, de forma sarcástica, que as mulheres educadas precariamente, serviriam apenas para preencherem um harém. A correspondência entre os pensamentos pode indicar não apenas certa influência da escritora inglesa sobre a brasileira, mas que ambas estavam atentas e ativas nas discussões e na defesa dos direitos das mulheres.

Nísia Floresta e Wollstonecraft recomendam que a mulher seja transformada de serva em companheira do homem a partir do recebimento de uma educação adequada. Wollstonecraft condena a visão de que a educação feminina deveria atender aos interesses masculinos, ligados, muitas vezes, a paixões sensuais. Destaca:

¹⁰⁴⁰ WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 29.

¹⁰⁴¹ WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 29.

¹⁰⁴² FLORESTA, 1853, p. 60-61.

Porém, não contentes com sua preeminência natural, os homens se empenham em nos afundar ainda mais, meramente para nos tornar objetos atraentes por um momento; e as mulheres, intoxicadas pela adoração que os homens, sob influência de seus sentidos, prestam a elas, não buscam obter um interesse durável em seus corações, ou de se tornarem amigas de seus semelhantes que encontram deleite em sua sociedade¹⁰⁴³.

Nísia Floresta também manifesta descontentamento diante do descaso proposital para com a educação feminina:

Repelindo com profunda indignação o princípio daqueles que apresentam a mulher naturalmente inclinada a fixar a atenção do homem pelas graças exteriores, incapaz de reflexão e apta somente para oferecer-lhe agradáveis passatempos, fazemos justiça à maioria dos nossos conterrâneos para pensar que, não eles, mas somente os libertinos podem assim agredir os domínios da razão e profanar a dignidade da virtude¹⁰⁴⁴.

O aperfeiçoamento das virtudes era uma obrigação imposta às mulheres, e a educação que recebiam tinha por objetivo estimulá-las muito mais que aos homens. A literatura católica e protestante colaborou para prescrever as virtudes inatas ou esperadas nas mulheres, e configuram uma permanência mesmo com o passar dos séculos¹⁰⁴⁵. As mulheres deveriam ser, nesse sentido, naturalmente doces, compassivas e maternas. As obras de caridade, o cuidado com os filhos e a sua educação inicial e religiosa, a gestão do lar e a vigilância doméstica deveriam ser suas ocupações. Confinadas ao espaço privado, esperava-se delas obediência e castidade, sendo filhas submissas e, depois, boas esposas¹⁰⁴⁶.

Aliás, quando a literatura se ocupava dos perfis femininos, percebe-se muito mais uma unidade que diversidade. É preciso considerar que, quando ensinadas a ler, a leitura permitida compreendia basicamente manuais morais e religiosos. Estes, por sua vez, fixavam modelos ideais de conduta feminina. Os gêneros literários considerados nobres, como a teologia, a filosofia, a história e o direito, ignoravam as mulheres ou apenas relembavam os seus deveres entre os séculos XVI e XVII, enquanto os romances eram considerados perniciosos, embora tenham sido um importante espaço para a escrita feminina e para modificar costumes que, posteriormente, vieram a beneficiá-las¹⁰⁴⁷.

¹⁰⁴³ WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 26.

¹⁰⁴⁴ FLORESTA, 1853, p. 64-65.

¹⁰⁴⁵ KESSEL, Elisja Schulte van. Virgens e mães entre o céu e a terra: as cristãs no início da Idade Moderna. In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlete (org.). *História das mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991. p. 181-227.

¹⁰⁴⁶ DESAIVE, Jean-Paul. As ambiguidades do discurso literário. In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlete (org.). *História das mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991.

¹⁰⁴⁷ DESAIVE, 1991.

Wollstonecraft e Nísia Floresta reconhecem que somente a virtude poderia restaurar a humanidade e conduzi-la na marcha para o progresso. Logo, era necessário proporcionar uma educação capaz de desenvolver as virtudes femininas, “essa poderosa regeneradora do espírito humano”¹⁰⁴⁸. No entanto, Wollstonecraft reclama que “as mulheres não são permitidas terem força de intelecto suficiente para adquirir o que realmente merece ser chamado de virtude”¹⁰⁴⁹. A escritora inglesa define que uma educação perfeita seria “tanto um exercício do entendimento como é voltada para fortalecer o corpo e formar o coração. Ou, em outras palavras, possibilitar ao indivíduo que adquira tais hábitos de virtude, pois irão torná-lo independente”¹⁰⁵⁰.

Outra crítica compartilhada por Wollstonecraft e Nísia Floresta é aos adornos e à vaidade feminina. A valorização da beleza como uma das principais qualidades das mulheres parecia oferecer uma alternativa contra os poderes masculinos. Conforme Yvonne Knibiehler, a beleza “não é apenas útil para incitar o homem ao ato gerador, mas constitui também a arma específica, e legítima, do sexo fraco, que graças a ela pode compensar sua fraqueza, tornando mais dócil o sexo forte”¹⁰⁵¹.

Entretanto, Wollstonecraft defendia que o estímulo à vaidade levava as mulheres a um estado infantil e de dependência aos homens. A vaidade, assim como os adornos, era entendida como uma prisão para o sexo feminino, incutida desde a infância:

Ensinadas desde a infância que a beleza é o cetro da mulher, a mente se molda ao corpo, e, perambulando ao redor da jaula reforçada, apenas buscam adornar sua prisão. Os homens têm muitos empregos e buscas que engajam sua atenção, e dão um caráter à mente aberta; porém, as mulheres, confinadas em uma [só busca], e tendo seus pensamentos constantemente direcionados à parte mais insignificante delas mesmas, raramente estendem sua visão para além do triunfo do momento presente. Mas, se o seu entendimento alguma vez fosse emancipado da escravidão que o orgulho e a sensualidade do homem e seu desejo míope, como aquela dominação pelos tiranos, de influência presente, as sujeitaram, nós provavelmente deveríamos ler sobre sua fraqueza com surpresa¹⁰⁵².

Assim, identifica a educação oferecida às mulheres como responsável por limitá-las ao cultivo da aparência, restringindo sua mente à preocupação com o corpo e à vaidade. Enquanto os homens tinham diversas ocupações e ambições, as mulheres eram confinadas a uma única possibilidade, com pensamentos voltados ao imediatismo. Nísia Floresta não se distancia dessa opinião ao afirmar:

¹⁰⁴⁸ FLORESTA, 1853, p. 70.

¹⁰⁴⁹ WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 41.

¹⁰⁵⁰ WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 44.

¹⁰⁵¹ KNIBIEHLER, Yvonne. *Corpos e corações*. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle (org.). *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991.

¹⁰⁵² WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 73.

É um absurdo, pois, uma profanação mesmo, pretender-se que essa alma, obra-prima do Criador, [...] consagre o corpo que anima na rápida passagem desta vida, unicamente a fúteis adornos, a graças factícias, para deleitar as horas de ócio de uma criatura sua igual, que vemos ceder mais ao império dos sentidos que ao da razão. Todos esses princípios subversivos, espalhados com tanta profusão por penas mais ou menos hábeis de pretendidos melhoradores da educação da mulher, confirmando o antiquado e funesto prejuízo de que ela deve somente aspirar ao império das graças exteriores, só tem feito com que se aumente o número, já tão considerável, de escravas, procurando iludir despóticos ou fanáticos senhores a fim de haverem, pela fraude, um cetro que elas deveriam conquistar pela razão, se lhes deixassem a liberdade de aperfeiçoar as suas faculdades morais¹⁰⁵³.

A escritora brasileira critica a redução da alma feminina à adornos e à beleza exterior, enquanto acusa a educação oferecida às mulheres de promover valores que as escravizavam. O cultivo à vaidade era apenas mais um instrumento utilizado pelos homens para garantir a submissão e a dominação sobre as mulheres. Distraídas com futilidades, elas eram impedidas de usar a razão e alcançar a liberdade e o pleno desenvolvimento moral, atendendo às expectativas de reformadores que disseminavam tais princípios, que atrasavam a emancipação intelectual feminina.

Além do uso de termos semelhantes, Nísia Floresta se apropria de argumentos utilizados por Wollstonecraft. Apesar das diferenças óbvias de tempo e espaço, os textos de ambas evidenciam a defesa à capacidade intelectual feminina além do cultivo das aparências. A diferença entre os discursos surge quando Nísia Floresta argumenta que a educação deveria formar mulheres capazes de desempenhar adequadamente as funções de filha, esposa e mãe, enquanto Wollstonecraft defende o uso da educação para garantir a felicidade individual da mulher:

Conectadas aos homens como filhas, esposas e mães, seu caráter moral pode ser estimado por sua maneira de satisfazer essas tarefas simples; mas o fim, o grande fim de seu empenho, deve ser o desenvolvimento de suas próprias faculdades e a aquisição da dignidade da virtude consciente¹⁰⁵⁴.

A escritora inglesa elege a mulher como protagonista de suas reivindicações e defende que o maior benefício da educação seria proporcioná-la independência e resgatar a sua dignidade. Ela proclama que é “tempo de realizar uma revolução nas maneiras femininas – tempo de devolver a elas a dignidade perdida – e fazê-las, como parte da espécie humana, trabalhar para que se reformem e assim reformarem o mundo”¹⁰⁵⁵, e reforça: “eu não desejo que

¹⁰⁵³ FLORESTA, 1853, p. 62-63.

¹⁰⁵⁴ WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 50.

¹⁰⁵⁵ WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 74.

elas tenham poder sobre os homens; mas sobre si mesmas”¹⁰⁵⁶. Nísia Floresta, entretanto, defende outro lugar para as mulheres. Se em *Direito das mulheres e injustiça dos homens* a brasileira concorda que as mulheres possuem razão, anos depois, defende que essa racionalidade deveria ser útil para a humanidade. A mulher, ocupando as funções sociais que lhe cabiam, seria responsável pelo progresso da humanidade, desde que fosse devidamente educada.

A análise biográfica de Wollstonecraft e Nísia Floresta ajuda a explicar suas diferenças de pensamento. Wollstonecraft cresceu em um ambiente de violência paterna, o que a levou a criticar duramente o casamento. Já Nísia Floresta recorda a infância e a figura paterna de forma afetuosa, descrevendo o matrimônio dos pais como uma união de amor e companheirismo.

Outro contraste é a reputação social de cada uma. Wollstonecraft não demonstrava grande preocupação em seguir as normas impostas às mulheres de seu tempo, enquanto Nísia dependia de sua boa reputação para conquistar leitoras e atrair alunas para o Colégio Augusto. Essa diferença também se reflete na vida pessoal: Wollstonecraft envolveu-se em relações amorosas que contrariavam os ideais de castidade feminina, ao passo que Nísia se valeu da mudança de estado e da adoção de um novo nome para reforçar a imagem de viúva respeitável.

Por fim, suas visões sobre a família também divergem. Para Wollstonecraft, o casamento e a estrutura familiar representavam um cárcere que limitava a independência feminina. Para Nísia Floresta, a família era a base da sociedade e o núcleo capaz de promover a transformação social. Assim, enquanto a inglesa assumia uma postura radical, a brasileira aproximava-se de ideais mais conservadores.

Nísia Floresta se aproxima, entretanto, de Wollstonecraft em sua crítica a alguns filósofos, tais como Rousseau e John Gregory. A escritora inglesa dedica um capítulo de *Reivindicação dos direitos das mulheres* para rebater afirmações desses e de outros intelectuais. Destaca:

Eu posso ser acusada de arrogância; ainda sim, preciso declarar o que realmente acredito, todos os escritores têm escrito sobre a educação e maneiras femininas, de Rousseau ao Dr. Gregory, tem contribuído para tornarem as mulheres mais artificiais, personagens mais fracas do que seriam em outro contexto; e, conseqüentemente membros mais inúteis da sociedade¹⁰⁵⁷.

Os prejuízos causados pelas ideias defendidas pelos autores são denunciados por Nísia Floresta:

Procurando sempre prender-lhe a inteligência, enfraquecer-lhe os sentidos, inabilitam-na para ocupar-se, como devia, antes de tudo do cuidado de

¹⁰⁵⁶ WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 97.

¹⁰⁵⁷ WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 45.

purificar o seu coração, o que nunca poderá ela vantajosamente conseguir se sua inteligência permanecer sem cultura. Bem diversas desta doutrina são as de Rousseau e Gregory, quando lhe aconselham o gosto pelos adornos (que ambos pretendem ser natural às mulheres) e embelecer os dotes do corpo, tirando da beleza física e do artifício os meios para subjugar os homens¹⁰⁵⁸.

Além disso, Nísia Floresta cita um trecho de *Reivindicação dos direitos das mulheres*, de Wollstonecraft, em seu *Opúsculo humanitário*, evidenciando que tinha conhecimento do equívoco de sua “tradução livre” de anos antes, e que havia lido o texto original. Wollstonecraft escreveu: “A fraqueza pode estimular a ternura, e gratificar o orgulho arrogante do homem, mas os afagos insolentes de um protetor não gratificarão uma mente nobre que pede e deseja ser respeitada”¹⁰⁵⁹, e Nísia Floresta citou:

Porém, um erro ainda mais funesto vem adornando dos atrativos que podem melhor lisonjear os sentidos e triunfar da razão, sobrestar os progressos da educação do sexo: é o axioma ridículo de que a fraqueza constitui um de seus primeiros encantos. ‘A fraqueza pode excitar e lisonjear o arrogante orgulho do homem, diz uma célebre escritora inglesa, mas as carícias de um senhor, de um protetor, não satisfarão uma alma generosa que quer e merece respeito’¹⁰⁶⁰.

Portanto, o encontro intelectual de Nísia Floresta com Wollstonecraft é inegável. Como leitora da escritora inglesa, a brasileira se apropria de parte de suas ideais, selecionando-as conforme era conveniente ao projeto que defendia, interpretando e transformando o texto lido de acordo com o contexto histórico e social que de era participante¹⁰⁶¹. Se *Direito das mulheres e injustiça dos homens* foi um equívoco de uma jovem inexperiente, *Opúsculo humanitário* foi resultado de anos de atuação como diretora do Colégio Augusto, como autora de outros títulos e como viajante, considerando que foi publicado após o retorno da sua primeira viagem à Europa.

Nísia Floresta se tornou relativamente conhecida no Brasil da primeira metade dos Oitocentos a partir da “tradução livre” que realizou do livro de Wollstonecraft. Se quando jovem foi induzida ao erro pela tradução francesa, embora seja incontestável que o simples ato de traduzir indica o seu interesse pelos ideais em defesa da igualdade entre os sexos, a maturidade a fez reconhecer a necessidade de se afastar do discurso radical da escritora inglesa, pelo menos aparentemente. Ela parece entender que a aproximação seria danosa à sua dignidade e à recepção dos seus textos, considerando como Wollstonecraft era entendida pelos seus

¹⁰⁵⁸ FLORESTA, 1853, p. 61.

¹⁰⁵⁹ WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 54.

¹⁰⁶⁰ FLORESTA, 1853, p. 64.

¹⁰⁶¹ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1990.

contemporâneos. Apesar do distanciamento intencional, ela não deixou de citá-la em seu *Opúsculo humanitário*.

Ainda que não seja possível determinar em que momento Nísia Floresta teve contato com a obra de Wollstonecraft ou quando tomou ciência do erro que cometeu, a brasileira demonstra conhecimento acerca da produção da escritora inglesa e da repercussão de sua produção e da sua vida privada, mostrando acompanhar os debates intelectuais de seu tempo. A congruência entre os argumentos de ambas não indica que Nísia Floresta tenha copiado Wollstonecraft. Primeiro, é preciso considerar que elas faziam parte de um mesmo grupo social: eram mulheres, escritoras e acreditavam que a educação poderia transformar a realidade social das mulheres. Junto a elas, outras tantas compartilharam ideais semelhantes, assim como homens participaram dessas discussões. Logo, é compreensível que a linguagem se aproxime em alguns momentos.

Ademais, Nísia Floresta reafirma os argumentos elaborados por Wollstonecraft por concordar com eles e rebate aqueles com os quais discorda, formando sua própria linha de raciocínio. Nísia Floresta adapta o projeto elaborado nas páginas de *Reivindicação dos direitos das mulheres* à realidade brasileira, em suma, defendendo a necessidade de educar as mulheres para que fossem devidamente valorizadas e desempenhassem um papel verdadeiramente útil à humanidade. Para Wollstonecraft, a independência da mulher é o principal fim da educação, enquanto Nísia Floresta entende exercício das funções de filha, esposa e mãe como a principal finalidade da educação feminina.

5. 2 Entre a filosofia e a amizade: Nísia Floresta e Augusto Comte

A relação intelectual estabelecida entre Nísia Floresta e Augusto Comte constituiu um importante capítulo na história do pensamento oitocentista, indicando não apenas a circulação de ideias europeias no Brasil, mas também o lugar que uma mulher brasileira ocupou nos intensos debates acerca das diferenças sexuais e da educação feminina nos Oitocentos. As correspondências trocadas entre 1856 e 1857 são fontes diretas da amizade firmada entre eles.

O contato com Comte permitiu a Nísia Floresta dialogar com as bases de uma filosofia que buscava reorganizar a sociedade a partir da ciência e da moral, enquanto o filósofo pôde conhecer uma intelectual comprometida com a educação das mulheres. A análise dessa relação permite explorar a recepção crítica e criativa do positivismo por Nísia Floresta e o impacto sobre o projeto por ela formatado.

A adesão de Nísia Floresta ao positivismo foi especulada por alguns estudiosos. Dioclecio D. Duarte, por exemplo, escreveu:

Nísia constitui-se uma excepcional discípula do preclaro mestre de Montpellier. E o mestre admirava e proclamava o espírito singular daquela filha de uma terra desconhecida aonde não haviam ainda chegado os ecos do novo evangelho. A veneração de Nísia pela inspiradora Religião da Humanidade criara no espírito do filósofo a certeza de que se acercava mais uma vez de uma mulher singular. Formou-se rapidamente, recíproca e profunda estima que durou até a morte do mestre. E na tarde úmida em que o caixão do maior pensador do século era conduzido para o cemitério de Paris no cortejo, silencioso e grave, uma mulher acompanhava. Era Nísia. Ali estava o sentimento e a inteligência do Brasil¹⁰⁶².

Com o objetivo de enaltecer a importância de Nísia Floresta para a história do Brasil, D. Duarte se refere a ela como discípula de Comte. Embora a relação entre eles seja importante para a formação do projeto da brasileira e indique o prestígio intelectual que conquistou no decorrer de sua carreira, a constatação do autor é feita de maneira apressada. Câmara, por seu turno, afirmou que Nísia Floresta “tinha por Comte uma admiração exaltada”¹⁰⁶³, que muitas vezes fora confundida como adesão à filosofia positivista.

A crença nessa adesão foi responsável por salvar parte dos arquivos referentes ao contato entre eles. As cartas trocadas entre 1856 e 1857 foram organizadas e publicadas por Constância Lima Duarte em 2002¹⁰⁶⁴. As cartas escritas por Comte foram localizadas na Igreja Positivista do Brasil e traduzidas por Miguel Lemos, enquanto as enviadas pela brasileira foram encontradas no acervo do Museu Augusto Comte, em Paris¹⁰⁶⁵. Além das cartas, algumas referências feitas por Nísia Floresta a Augusto Comte e ao Positivismo em seus textos são relevantes para traçar os limites dessa relação.

Nascido em 19 de janeiro de 1798, em Montpellier, França, Isidore Auguste Marie François Xavier Comte era filho de Louis Comte, caixa de taxas, e de Rosalie Boyer, ambos católicos e legitimistas. Teve uma relação complicada com o pai e os irmãos, mas homenageou publicamente a mãe¹⁰⁶⁶. De acordo com José Arthur Giannotti, “suas relações com a família

¹⁰⁶² DUARTE, Dioclecio D. Nísia Floresta e o sentimento nacional. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 114, n. 198, p. 4, 25 maio 1941.

¹⁰⁶³ CÂMARA, 1941, p. 103.

¹⁰⁶⁴ DUARTE, Constância Lima (org.). *Cartas: Nísia Floresta e Augusto Comte*. Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres, 2002.

¹⁰⁶⁵ DUARTE, 2002.

¹⁰⁶⁶ TACUSSEL, Patrick. Augusto Comte: a obra vivida. *Logos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, 1999. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/14633/11093>. Acesso em: 10 set. 2023.

foram sempre tempestuosas e contêm elementos explicativos do desenvolvimento de sua vida e talvez até mesmo de certas orientações dadas às suas obras”¹⁰⁶⁷.

Sua passagem pela Escola Politécnica de Paris, “centro de agitação republicana e bonapartista”¹⁰⁶⁸ foi importante para a sua trajetória. A instituição foi fundada em 1794, “como fruto da Revolução Francesa e do desenvolvimento da ciência e da técnica, resultante da Revolução Industrial”¹⁰⁶⁹. Comte ingressou na escola em 1841, e logo começou a ser visto como faccioso e radical pela direção, sendo expulso por desrespeitar um professor dois anos depois¹⁰⁷⁰.

Comte realizou a leitura de Adam Smith (1723-1790), Jean-Baptiste Say (1767-1832), David Hume (1711-1776), William Robertson (1721-1793), além de Condorcet (1743-1794). Desse último, destaca-se a obra *Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano*, que apresenta o desenvolvimento da humanidade marcado pelos descobrimentos e invenções da ciência e tecnologia, que fariam com que o homem caminhasse para uma era de organização social e política fruto da razão. Segundo Giannotti: “Essa ideia tornar-se-ia um dos pontos fundamentais da filosofia de Comte”¹⁰⁷¹.

Em 1817, Comte começou a trabalhar como secretário de Saint-Simon (1760-1825), e a convivência repercutiu na formulação de suas ideias. Entretanto, quando discordou do mestre a respeito das relações entre a ciência e a reorganização da sociedade, a dissidência resultou no fim definitivo da parceria em 1824¹⁰⁷². Nesse ano casou-se com Caroline Massin, cujas fugas constantes somadas aos problemas financeiros, contribuíram para que ele fosse internado em 1826 para tratar os sintomas de depressão melancólica¹⁰⁷³. Devido a doença, interrompeu o curso que estava ministrando em sua casa, que daria origem ao *Curso de Filosofia Positiva*, dividido em seis volumes, publicados a partir de 1830.

O casamento com Caroline teve fim em 1842, ano em que Comte concluiu a publicação do *Curso de Filosofia Positiva*. A obra é composta de duas lições: “Exposição da finalidade deste curso, ou considerações gerais sobre a natureza e a importância da filosofia positiva” e “Exposição do plano deste curso, ou considerações gerais sobre a hierarquia das ciências

¹⁰⁶⁷ GIANNOTTI, José Arthur. Comte: vida e obra. In: COMTE, Augusto. *Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os pensadores). p. 6.

¹⁰⁶⁸ TACUSSEL, 1999, p. 17.

¹⁰⁶⁹ GIANNOTTI, 1978, p. 6.

¹⁰⁷⁰ TACUSSEL, 1999.

¹⁰⁷¹ GIANNOTTI, 1978, p. 6

¹⁰⁷² GIANNOTTI, 1978.

¹⁰⁷³ MELRO, Fernando. Nota prévia. In: COMTE, Augusto. *Catecismo positivista*. Sintra: Europa-América, 1979. p. 11-14.

positivas”¹⁰⁷⁴. De maneira didática, o filósofo se propôs a apresentar e explicar as bases da filosofia positiva.

Nesse período, o filósofo perdeu sua fonte de renda e passou a sobreviver de doações recebidas de amigos e admiradores. Em 1844, elaborou o *Discurso sobre o espírito positivo*, que inicialmente era a introdução ao *Tratado filosófico de astronomia popular*. O *Discurso* está dividido em duas partes: “Superioridade mental do espírito positivo” e “Superioridade social do espírito positivo”. Comte esclarece:

De acordo com esta doutrina fundamental, todas as nossas especulações estão inevitavelmente sujeitas, assim no indivíduo como na espécie, a passar por três estados teóricos diferentes e sucessivos, que podem ser qualificados pelas denominações habituais de teológico, metafísico e positivo. O primeiro estado, embora seja, a princípio, a todos os respeito, indispensável, deve ser concebido sempre, de ora em diante, como puramente provisório e preparatório; o segundo, que é, na realidade, apenas a modificação dissolvente do anterior, não comporta mais que um simples destino transitório, para conduzir gradualmente ao terceiro; é neste único plenamente normal, que consiste, em todos os gêneros, o regime definitivo da razão humana¹⁰⁷⁵.

Foi nesse ano que ele conheceu Clotilde de Vaux, por quem nutriu uma paixão platônica. Ela teria influenciado a filosofia de Comte, o fazendo colocar a mulher “no coração de sua reflexão filosófica”¹⁰⁷⁶. Geneviève Fraisse acrescenta:

O encontro de Comte com Clotilde de Vaux, a morte desta e depois o culto erigido em sua memória não modificam fundamentalmente esta estrutura, mas dão-lhe de fato uma nova amplitude. A mudança opera-se essencialmente na linguagem, onde a mulher, filha, mãe e irmã, se torna um anjo para o homem, uma deusa para a humanidade. A nova religião que destrona a antiga, o cristianismo, põe a mulher, a virgem-mãe, em primeiro plano. A ideia de complementaridade sexual pode assim produzir uma hipertrofia da representação feminina¹⁰⁷⁷.

Comte fundamenta sua reflexão sobre a mulher na biologia, ciência que se consolidava como disciplina autônoma a partir da década de 1840. A partir dela, o filósofo defendia a hierarquia natural entre os sexos: ao homem caberia o intelecto, à mulher o afeto. Essa concepção teria, inclusive, motivado a ruptura com John Stuart Mill, pois Comte se recusava a admitir a igualdade entre os sexos. Embora tenha oscilado em suas definições, variando a

¹⁰⁷⁴ COMTE, Augusto. *Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os pensadores).

¹⁰⁷⁵ COMTE, Augusto. *Discurso sobre o espírito positivo*. São Paulo: Montecristo Editora, 2022. p. 10-11.

¹⁰⁷⁶ FRAISSE, Geneviève. Da destinação ao destino: história filosófica da diferença entre os sexos. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle (org.). *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991. p. 74.

¹⁰⁷⁷ FRAISSE, 1991, p. 74.

imagem da mulher entre uma criança grande ou uma deusa, o seu sistema colaborou para romper com a lógica da desigualdade¹⁰⁷⁸.

No plano social, a mulher estaria restrita à família e à domesticidade, mas dotada de uma função moral: ela seria a fonte dos sentimentos sociais e auxiliares do poder espiritual no advento da religião positivista. Portanto, mesmo subordinada, a mulher ocuparia um lugar central no pensamento comtiano. Elabora a sua filosofia tanto pela razão quanto pelo coração, em uma estreita relação com a sua vida privada¹⁰⁷⁹.

Clotilde de Vaux morreu de tuberculose em 1848, sem que a relação entre eles tenha ultrapassado o limite do imaginário, visto que era esposa de um homem que estava preso e considerava seu matrimônio indissolúvel, permitindo, assim, apenas o estabelecimento de uma amizade entre eles¹⁰⁸⁰.

Tacussel caracteriza o filósofo e a sua obra:

Apesar de o positivismo fazer prevalecer a ordem face ao movimento, seu inventor não demonstra um temperamento que seria qualificado, hoje, de reacionário. Antimilitarista declarado, foi condenado a três dias de prisão por ter se recusado a servir na Guarda Nacional. Toma o partido dos operários em 1848 e denuncia os ‘carrascos de junho’, isto é, os generais responsáveis pela repressão. [...] O primeiro ato da ditadura republicana, em que ele fixa o programa, é abolir o exército. [...] Tudo isso não surpreende muito, visto que o *Sistema de política positiva* quer promover uma república social, e não política, depois de uma completa liberdade de exposição e de discussão¹⁰⁸¹.

O Positivismo é, em certa medida, compartilhado entre seus contemporâneos e discutido por outros intelectuais. Comte se diferencia ao propor uma mudança que não abrange as instituições, mas o sistema de pensamento humano. Colocando a ciência acima da religião, defende que uma sociedade evoluída é aquela que abandona a metafísica e abraça o conhecimento científico.

No seu sistema de pensamento, a mulher ocupa posição estratégica, visão consolidada com a publicação de *Catecismo positivista*¹⁰⁸², em 1852. Simulando uma conversa com Sophie¹⁰⁸³, sua protegida, Comte explica o positivismo e o papel a ser desempenhado pela

¹⁰⁷⁸ FRAISSE, 1991.

¹⁰⁷⁹ FRAISSE, 1991.

¹⁰⁸⁰ GIANOTTI, 1978.

¹⁰⁸¹ TACUSSEL, 1999, p. 17.

¹⁰⁸² COMTE, Augusto. *Catecismo positivista ou a sumária exposição da Religião da Humanidade*. Tradução de Miguel Lemos. 2. ed. Rio de Janeiro: Sede Central da Igreja Positivista do Brasil, 1895. Disponível em: <http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/6868>. Acesso em: 25 out. 2025.

¹⁰⁸³ Sophie Bliaux cuidou do filósofo e de sua casa durante os últimos anos de sua vida, e chegou a ser considerada por ele uma filha adotiva. Cf.: DUARTE, 2002, p. 68.

mulher para que o progresso da humanidade seja alcançado. Comparando o lugar destinado às mulheres por Comte e outras linhas de pensamento do seu tempo, Tacussel destaca que:

A mulher é convocada para uma elevada missão no positivismo, como no saint-simonismo. Nas duas filosofias, trata-se de uma ‘feminilidade sacertodal’, ponto capital da resistência incontinente a uma corrosão da sensibilidade engendrada pela mecanização do trabalho, pelo nivelamento dos valores, pela idolatria do dinheiro e da mercadoria. Este argumento está destinado a fazer sucesso: Marx e Engels o tomam emprestado no *Manifesto do Partido Comunista*. [...] Comte preocupa-se com uma demonstração similar àquela dos dois redatores do *Manifesto*: com a mesma radicalidade, liga ‘a incorporação social do proletariado à digna liberação da mulher’¹⁰⁸⁴.

Organizado em formato de perguntas e respostas, o *Catecismo* é de fundamental importância para o entendimento da relação entre a filosofia positivista e as ideias defendidas por Nísia Floresta. O primeiro contato da brasileira com Comte ocorreu durante a sua primeira viagem à Europa. Estando em Paris, em 1851, a brasileira frequentou conferências do Curso de História Geral da Humanidade ministrado pelo filósofo¹⁰⁸⁵. Nísia Floresta retornou ao Brasil no ano seguinte, permanecendo até 1856, quando iniciou sua segunda viagem à Europa, acompanhada de Lúvia.

Nísia Floresta vivenciou um cenário marcado pela Revolução Francesa e pelas revoluções de 1848, que impactaram o contexto econômico, social e político da Europa. Informando os novos contornos do mundo ocidental, Hobsbawm destaca:

A população do mundo era também maior do que nunca [...]. As cidades de grande tamanho se multiplicavam mais depressa do que em qualquer época anterior. A produção industrial atingia cifras astronômicas [...]. A ciência nunca fora tão vitoriosa; o conhecimento nunca fora tão difundido. Mais de 4.000 jornais informavam os cidadãos do mundo, e o número de livros publicados anualmente na Grã-Bretanha, França, Alemanha e Estados Unidos chegava a casa das centenas de milhares. [...] A maioria dos habitantes da terra continuava sendo de camponeses como antes, [...], e a população urbana já estava a ponto de ultrapassar a rural, como aconteceu, pela primeira vez, no censo de 1851. [...] A estrutura política do mundo também foi grandemente transformada na década de 1840. [...] A monarquia ainda continuava sendo avassaladoramente o modo mais comum de governo, com exceção do continente americano, e mesmo neste continente, um dos maiores países, o Brasil, era um império [...]¹⁰⁸⁶.

A “primavera dos povos”, uma série de revoluções e levantes populares ocorridos em países europeus, como Áustria, Itália, Alemanha e França, em 1848, por sua vez, “não foi

¹⁰⁸⁴ TACUSSEL, 1999, p. 17.

¹⁰⁸⁵ DIAS, Luma Pinheiro; QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. Quando projetos se encontram: a mulher entre Augusto Comte e Nísia Floresta. *Rev. Hist. UEG*, Porangatu, v. 6, n. 1, p. 162-183, jan./jul. 2017. Disponível em: https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/pt_BR/article/view/5762. Acesso em: 19 out. 2025.

¹⁰⁸⁶ HOBBSAWM, 2009, p. 466, 468, 471.

meramente um breve episódio sem consequências”¹⁰⁸⁷. Ainda que as expectativas geradas em suas gêneses, com variações locais, tenham sido frustradas, as mudanças decorrentes foram profundas. O ano foi caracterizado pelo fim da política da tradição, os monarquistas tomaram conhecimento de que o povo não aceitava passivamente o direito divino, e “dali em diante, as forças do conservadorismo, do privilégio e da riqueza teriam que defender-se de outras formas”¹⁰⁸⁸.

Quanto ao governo da França, Luís Napoleão saiu vitorioso devido ao prestígio de seu nome e ao voto camponês, contrário à república burguesa. O sufrágio universal poderia, portanto, sustentar a ordem social ao invés de subvertê-la. Sua ascensão deu início a um modelo moderno de poder que se baseava em força militar, propaganda e apelo popular. Conforme Hobsbawm, tais revoluções “deixaram claro que a classe média, o liberalismo, a democracia política, o nacionalismo e mesmo as classes trabalhadoras eram, daquele momento em diante, presenças permanentes no panorama político”¹⁰⁸⁹.

Outra vez em Paris, Nísia Floresta fixou residência “à Rue Royer Collard, 9, próxima do Jardim de Luxemburgo, da Sorbonne e do endereço de Augusto Comte, à Rue Monsieur LePrince, 10”¹⁰⁹⁰ (figura 14). Nesse ano, teve início a troca de correspondências entre eles, estendida até 1857, quando o filósofo faleceu.

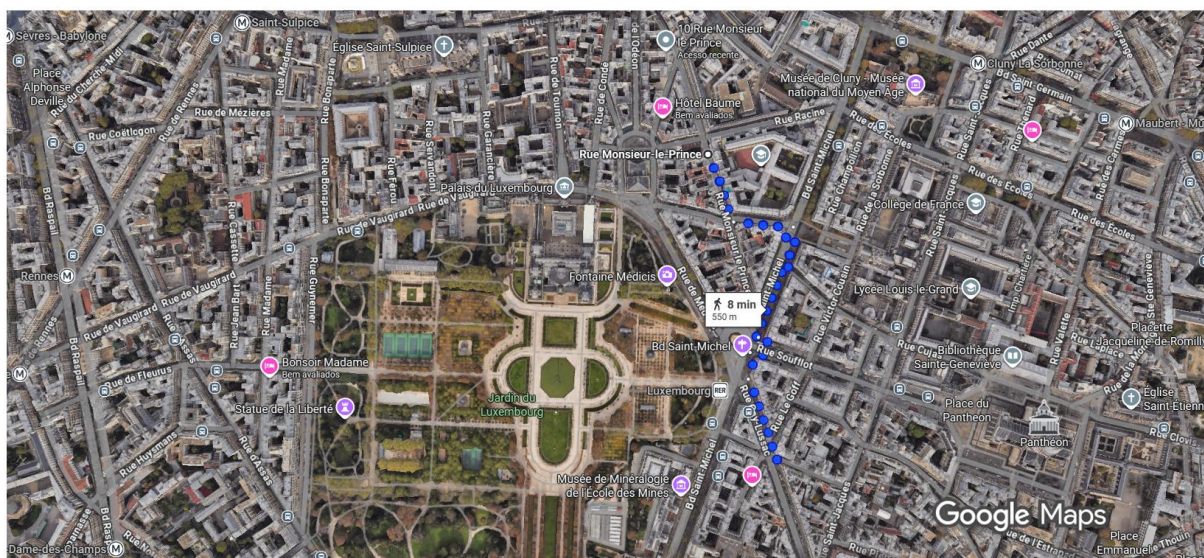


Figura 15: Distância entre as residências de Nísia Floresta e Augusto Comte em Paris. Fonte: GOOGLE. Google Maps. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/VwZ3CmyH9NdLS2T79>. Acesso em: 12 set. 2025.

¹⁰⁸⁷ HOBBSAWM, Eric J. *A era do capital, 1848-1875*. São Paulo: Paz e Terra, 2005. p. 48.

¹⁰⁸⁸ HOBBSAWM, 2005, p. 48.

¹⁰⁸⁹ HOBBSAWM, 2005, p. 50.

¹⁰⁹⁰ DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta*. Recife: Editora Massangana, 2010.

A proximidade entre eles contribuiu para as especulações sobre a adesão de Nísia Floresta ao Positivismo. A escritora enviou para o filósofo o seu *Opúsculo humanitário* e, de acordo com Ivan Lins, escreveu como dedicatória: “*Au grand Prêtre de l’Humanité, le profond philosophe M. A. Comte, hommage de l’auteur. Brasileira Augusta*”¹⁰⁹¹. Lins acrescenta:

O *Opúsculo* mereceu a leitura do filósofo, que a respeito escreveu a Pierre Laffitte: ‘Desde que fiquei inteiramente livre, fiz as leituras excepcionais que espontaneamente prometera. O *Opúsculo* em português, além de revelar-me que eu sabia indiretamente mais uma língua, inspira-me sólidas razões para esperar se torne a nobre dama, sua autora, dentro em breve, uma digna positivista, susceptível de alta eficácia para a nossa propaganda feminina e meridional’¹⁰⁹².

Seguindo as fontes indicadas por Lins, foi possível localizar o *Testament d’Auguste Comte*, no qual consta a menção do filósofo a Nísia Floresta, datada de 12 de outubro de 1856. Ele cita que: “*En Août, je dois d’abord marquer mon premier contact direct avec la noble veuve brésilienne qui m’offre, de coeur, d’esprit et de caractère, tous les indices d’une précieuse disciple, si je puis assez transformer ses habitudes métaphysiques*”¹⁰⁹³. Embora visse em Nísia Floresta uma possível discípula, Comte destaca seus hábitos metafísicos como um provável impedimento. Lins apresenta, ainda, a correspondência enviada pelo filósofo ao Dr. Audiffrent, para ilustrar as expectativas em torno na conversão da brasileira:

Durante vossa visita de outono, comunicar-vos-ei especialmente as fundadas esperanças que me inspiram, para o nosso mais decisivo progresso, duas novas discípulas meridionais, uma nobre viúva brasileira, e, sobretudo, sua digna filha, contando respectivamente 47 e 22 anos. Estão em Paris há sete meses e tenho motivo de esperar que aqui se fixarão, de modo a poderem presidir o verdadeiro salão positivista que nos seria tão precioso. Ambas são eminentes pelo coração e suficientes quanto ao espírito. Acha-se, contudo, a mãe de tal modo imbuída dos hábitos do século dezoito, que pouco devemos esperar da plenitude de sua conversão, embora as suas simpatias remontem ao meu curso de 1851, cuja influência ela não pôde, entretanto, receber senão através de uma única das sessões. Sua filha, porém, comporta uma incorporação completa, que a mãe secundará sem rivalidade disfarçada¹⁰⁹⁴.

¹⁰⁹¹ LINS, Ivan. *A história do positivismo no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964. p. 20. “Ao grande Sacerdote da Humanidade, o profundo filósofo Sr. A. Comte, homenagem da autora. Brasileira Augusta”.

¹⁰⁹² LINS, 1964, p. 20.

¹⁰⁹³ COMTE, Augusto. *Testament d’Auguste Comte*. Paris: Fonds Typographique De L’exécution Testamentaire D’Auguste Comte, 1896. p. 236. “Em agosto devo, primeiramente, marcar meu primeiro contato direto com a nobre viúva brasileira que me oferece, de coração, mente e de caráter, todos os sinais de um discípulo precioso, se me permitem o suficiente para transformar seus hábitos metafísicos”.

¹⁰⁹⁴ COMTE apud LINS, 1964, p. 21.

Comte acreditava que Nísia Florestava possuía hábitos ultrapassados, enquanto vê em Livia uma personalidade que seria mais facilmente convencida pela filosofia positivista. O filósofo reconhece a possibilidade de ambas presidirem um salão em Paris, conferindo-lhes apreço e reconhecendo suas respectivas capacidades intelectuais. Portanto, sua avaliação quanto ao atraso de Nísia Floresta pode estar relacionada ao fato ser um típico homem dos Oitocentos que, ao se deparar com uma mulher de ideias consolidadas e independentes, tenta desqualificá-la ou lhe colocar sob suspeita intelectual. Se duvidada dos predicados da escritora, ela lhe dispensava profunda admiração, conforme o relato exposto por Câmara:

Narra que o Dr. Antônio Pereira Simões ouvira de um velho senhor de engenho pernambucano que tivera ocasião de conhecer Comte em casa de Nísia Floresta, em Paris, ‘onde era recebido sempre com testemunhos de profunda consideração e respeito pelos que frequentavam o salão de D. Nísia. Esta ia pessoalmente receber o filósofo à entrada de seu apartamento, e dizia aos presentes, com visível entusiasmo, e formulando um gesto de silêncio: – Aí está o Sr. Comte, a maior glória da França. Procurem ouvi-lo e me darão razão. Não é um homem como os outros. É um gênio. A originalidade das suas concepções é tão sedutora como o cavalheirismo de que é feito seu coração. Os clarões de sua inteligência transfiguram-no num homem belo, quando ele expõe os seus grandes pensamentos sobre moral, sobre política, sobre medicina. Sabe tudo, e todos os respeitam como a maior cabeça do século. Orgulhem-nos de apertar-lhe a mão’ [...] ¹⁰⁹⁵.

Comte frequentava a casa de Nísia Floresta e era recebido com honrarias. Além disso, a escritora mantinha um salão, espaço que “constituía um dos raros espaços de liberdade onde a mulher podia exprimir-se”¹⁰⁹⁶. Frequentados por homens e mulheres, em regiões em que a religião não ditava todas as regras, os salões eram lugares “eminentemente pedagógicos e são-no duplamente, porque formando-se aí as mulheres, aí elas formam os homens”¹⁰⁹⁷. Os salões, como mencionado, foram relevantes para o fortalecimento e divulgação das produções femininas, permitindo que as palavras conversadas se transformassem em palavras escritas.

Câmara continua transcrevendo o relato:

‘Augusto Comte trajava sempre sobrecasaca marrom escuro, com gravata branca. À sua entrada, todos se inclinavam respeitosamente, e dentro em pouco dominava ele a conversa geral, cercado da admiração coletiva, frequentemente interrompido pela admiração entusiasta de dona Nísia. [...] Augusto Comte era em geral o primeiro a retirar-se, sendo acompanhado até a porta por grande maioria dos presentes, entre os quais estava sempre dona Nísia. Certa vez, dona Nísia perguntou ao nosso compatriota pernambucano: – O que me diz deste homem? Guarde sempre a lembrança de que apertou em minha casa a mão do homem mais extraordinário do século’¹⁰⁹⁸.

¹⁰⁹⁵ CÂMARA, 1941, p. 103-104.

¹⁰⁹⁶ DULONG, 1991, p. 467.

¹⁰⁹⁷ DULONG, 1991, p. 470.

¹⁰⁹⁸ CÂMARA, 1941, p. 104-105.

Nísia Floresta é descrita como simpatizante de Comte e de suas ideias. O filósofo parece ser tratado como a atração mais importante das reuniões quando estava presente, sendo frequentemente enaltecido pela anfitriã. Nísia Floresta era, portanto, participante ativa da cultura intelectual parisiense. Além disso, considerando que eram locais frequentados por pessoas abastadas e letradas, a presença da brasileira é indicativa de sua posição naquela sociedade, uma vez que a hierarquia social do período era rígida.

A admiração de Nísia Floresta por Comte também fica evidente nas cartas trocadas por eles. Totalizando 14 cartas, sete de cada, as correspondências indicam que ambos desenvolveram uma amizade fraterna. Como fonte, esse material apresenta a vantagem da espontaneidade, mostrando o cotidiano daqueles que escrevem¹⁰⁹⁹. Nesse sentido, a análise das cartas possibilita o conhecimento da relação entre eles na esfera privada. Em 19 de agosto de 1856, a brasileira enviou para Comte:

Uma leve indisposição me acometeu no dia seguinte àquele em que tive o prazer de vê-lo e o estado de saúde de minha filha querida, que depois se agravou, me impediram de ir, tão logo quanto desejara, exprimir-lhe, de viva voz, minha gratidão pela felicidade que o senhor me fez desfrutar ao me enviar sua fotografia. Oferecida pelo senhor mesmo, ela se torna duplamente preciosa à estrangeira que guardou religiosamente, a duas léguas de distância, a lembrança das palavras que o ouviu pronunciar há cinco anos no púlpito da igreja. É doce aos corações como o meu encontrar simpatia em um coração como o seu. E se atualmente algo existe em França que possa de alguma forma atenuar a dupla chaga que trago comigo, desta vez de meu país, ao perder a mais terna das mães, são sem dúvida os instantes em que o Senhor me concede sua companhia¹¹⁰⁰.

As afirmações de Nísia Floresta indicam que a amizade entre eles não era resumida apenas à troca de correspondências, mas composta por visitas domésticas, especialmente considerando a curta distância entre a casa de ambos, que nesse caso não ocorreu por questões de saúde. A escritora agradece o envio de uma fotografia pessoal por parte do filósofo, assim, expressa sua gratidão e carinho pelo remetente. Outra informação é a de que esteve presente na conferência apresentada por Comte em 1851, salientando a relevância do que ouviu na ocasião. A resposta de Comte foi redigida no mesmo dia:

Minha Senhora, sinto-me sinceramente aflito pela alteração momentânea que anuncia no seu estado físico e no de sua digna filha. Sinto-me, porém, extremamente penhorado do testemunho especial que ele lhe inspira uma simpatia tão preciosa como me é a sua. Ninguém avalia melhor do que eu a importância habitual das dignas relações femininas, sobretudo entre os verdadeiros filósofos. Elas [as relações femininas] secundam o desenvolvimento das impulsões simpáticas donde derivam as inspirações

¹⁰⁹⁹ PERROT, Michele. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2005.

¹¹⁰⁰ FLORESTA, Nísia. Carta datada de 19 de agosto de 1856. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Cartas: Nísia Floresta e Augusto Comte*. Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres, 2002. p. 63-64.

sintéticas. Somente elas podem dissipar bastante ou corrigir a fatal aridez teórica à qual os trabalhos, mesmo os mais bem dirigidos, estão sempre expostos pela contenção que impõem à nossa fraca inteligência. Entretanto, salvo a benéfica influência contínua da minha excelente Sophie, vivo habitualmente privado desse poderoso meio de aperfeiçoamento e de felicidades. Pode, portanto, julgar que apreço devo naturalmente dar às relações que espero desenvolver com uma pessoa tão digna, quanto a senhora, de associar uma impulsão objetiva ao ascendente subjetivo que sobre mim exerce a Angélica Patrona¹¹⁰¹ a quem dediquei minha obra capital¹¹⁰².

Além de lamentar o mal-estar que acometeu a escritora e agradecer a sua simpatia, demonstra sua satisfação por ter despertado bons sentimentos em Nísia Floresta e destaca a relevância das relações femininas para a sua elaboração intelectual. A mulher ocupa uma posição de destaque dentro do sistema social proposto por Comte, pois é vista como peça fundamental para o sucesso da humanidade almejado pelo filósofo.

Dia 9 de dezembro de 1856, a troca de correspondências foi retomada, quando Comte escreveu:

Minha Senhora, na presunção de já ter lido o volume inicial que se dignou a aceitar recentemente, devo agora completar a homenagem, enviando-lhe, com esta, três outros tomos da minha obra principal. Respeito e simpatia. P. S.: Minhas afetuosas homenagens à sua digna filha¹¹⁰³.

A carta deixa evidente que Nísia Floresta estava consumindo os textos indicados por Comte, não estando, portanto, alheia à produção do filósofo. Ele, por outro lado, continuou a incluir Livia em suas menções, com o interesse de estreitar os laços com a mãe e a filha. Em 17 de dezembro de 1856, a escritora enviou a resposta e, a partir dela, é possível constatar que o filósofo enviou o seu *Sistema de política positiva*. Ela escreveu:

Minha querida filha muito se sensibilizou com sua amável lembrança; ela me pede que lhe transmita a expressão do profundo respeito e da grande admiração que tem pelo senhor. Espero que meu espírito se refaça um pouco mais dos abalos que tem sofrido desde há um tempo, para que eu possa melhor estudar seu sublime *Sistema* cujos felizes resultados abrirão à humanidade uma nova fonte de bem-estar. Enquanto espero, permita-me, senhor, invocar aqui a lembrança do anjo que teve, sobre sua vida, uma tão salutar influência, para lhe assegurar que nenhum outro coração no mundo lhe é mais simpático que o meu. P. S.: Anexo a soma, não aquela que eu gostaria, mas a que no momento posso oferecer à sociedade, em nome de uma anônima¹¹⁰⁴.

¹¹⁰¹ Provável referência à Clotilde de Vaux (1815-1846).

¹¹⁰² COMTE, Augusto. Carta datada de 19 de agosto de 1856. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Cartas*: Nísia Floresta e Augusto Comte. Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres, 2002. p. 66-67.

¹¹⁰³ COMTE, Augusto. Carta datada de 9 de dezembro de 1856. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Cartas*: Nísia Floresta e Augusto Comte. Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres, 2002. p. 70.

¹¹⁰⁴ FLORESTA, Nísia. Carta datada de 17 de dezembro de 1856. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Cartas*: Nísia Floresta e Augusto Comte. Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres, 2002. p. 73-74.

Nísia Floresta estabelece conexão entre a filha e o filósofo, transmitindo a ele os agradecimentos de Livia, ao passo que informa que estudaria o trabalho recebido. Quanto ao anjo citado na carta, é uma referência a Clotilde de Vaux. A escritora utiliza sua figura, tão cara para Comte, para reforçar a simpatia que nutre por ele. Ademais, Nísia Floresta indica sua inclusão entre aqueles que colaboravam financeiramente para o sustento do filósofo, pois enviou uma “soma” junto à correspondência.

Comte agradeceu em resposta enviada no dia 18 de dezembro, registrando para a posteridade a doação que recebera da escritora brasileira, indicando que era uma contribuição recorrente, visto que enviou o recibo assinalando “conforme meu costume”¹¹⁰⁵. Finalizou afirmando: “Vejo nisto um precioso crescimento das raras, porém, decisivas proteções femininas que já secundam o sucesso da religião universal”¹¹⁰⁶. Se poucas mulheres tiveram a oportunidade de contribuir para o sustento do filósofo, Nísia Floresta pode, de fato, ter se considerado relevante para o sucesso do positivismo ao fazê-lo.

No recibo consta: “Recebi de Mme. Brasileira a quantia de cinquenta francos para a subscrição pública destinada a sustentar minha existência material”¹¹⁰⁷. Considerando a filosofia positiva como referencial, essa informação é contraditória aos seus preceitos. Apesar de registrar que se tratava de uma importante contribuição feminina para o sucesso da religião universal, Comte não concordava com o trabalho feminino e defendia que o único provedor deveria ser o homem. A mulher deveria, inclusive, renunciar ao seu direito de herança¹¹⁰⁸. Porém, estava ele, como homem, recebendo a provisão de uma mulher.

Em 18 de abril de 1857, outra carta foi enviada por Nísia Floresta. Justificando a dificuldade de visitá-lo devido a mudança de residência que estava causando transtornos, informou: “Assim, acontece que há mais de um mês eu e minha querida filha estamos privadas de vê-lo, tendo tido o desprazer de não estar em casa quando de sua última visita”¹¹⁰⁹. A ausência de cartas entre dezembro e abril não significou, portanto, o esmorecimento da amizade, pois realizavam visitas domésticas entre si.

¹¹⁰⁵ COMTE, Augusto. Carta datada de 18 de dezembro de 1856. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Cartas: Nísia Floresta e Augusto Comte*. Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres, 2002. p. 76.

¹¹⁰⁶ COMTE, Augusto. Carta datada de 18 de dezembro de 1856. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Cartas: Nísia Floresta e Augusto Comte*. Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres, 2002. p. 77.

¹¹⁰⁷ COMTE, Augusto. Carta datada de 18 de dezembro de 1856. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Cartas: Nísia Floresta e Augusto Comte*. Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres, 2002. p. 77.

¹¹⁰⁸ COMTE, 1978.

¹¹⁰⁹ FLORESTA, Nísia. Carta datada de 18 de abril de 1857. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Cartas: Nísia Floresta e Augusto Comte*. Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres, 2002. p. 80.

Comte escreveu sua resposta no dia seguinte e afirmou compreender os motivos que a impediam de realizar a visita prometida. Afirmou: “Ainda mesmo que tivesse de ficar por muito tempo privado da preciosa visita que me reserva, esta demora seria de antemão justificada”¹¹¹⁰, demonstrando estima por sua presença. O filósofo finalizou agradecendo Nísia Floresta:

Prevaleço-me da oportunidade para testemunhar-lhe quanto me sensibilizou a sua participação espontânea no meu fatal aniversário. Uma tal simpatia me é tanto mais preciosa, pelo fato dessa manifestação decisiva ser, depois de onze anos, a primeira comemoração feminina da angélica inspiradora da única religião na qual a mulher é tratada dignamente¹¹¹¹.

Comte se refere ao aniversário de morte de Clotilde de Vaux como o “fatal aniversário”, indicando que, após onze anos, Nísia Floresta foi a primeira mulher a visitar o cemitério nessa data. Além disso, confirma a influência que Clotilde de Vaux exerceu sobre a formulação de seu sistema filosófico. Nísia Floresta remete outra carta dia 23 de maio de 1857, desta vez lamentando a morte do senador Viellard, discípulo de Comte. Na ocasião, a brasileira surpreende ao enaltecer a determinação de que a cerimônia fúnebre fosse somente civil. Afirma:

Deplorando pelo senhor e pela humanidade a perda de um amigo e um servidor zeloso, experimentei, no entanto, satisfação ao saber que um último ato de sua vontade firme e consequente até perto da morte tornará sua memória duplamente querida e digna da sábia doutrina que o senhor proclamou. Minha filha se junta a mim para lhe pedir que acredite em uma continuação inalterável de nosso profundo e simpático devotamento pelo senhor¹¹¹².

É interessante que Nísia Floresta concorde com a recusa de ritos fúnebres religiosos quando Comte acreditava que seus “hábitos metafísicos” seriam o impedimento para sua adesão ao positivismo. A brasileira oferece outros indícios de sua simpatia pela filosofia comtiana ao lamentar não somente a morte de um amigo, mas de um “servidor zeloso”. Nísia Floresta atribui a si e à sua filha um “profundo e simpático devotamento” por Comte. Esse sentimento significaria uma completa conversão ao sistema proposto pelo filósofo? É provável que não, como se verá adiante. Apesar de admirar e elogiar constantemente o sistema de pensamento elaborado por ele, não abandona suas convicções quanto ao papel da mulher no espaço público e privado, o que diferia entre eles. Ainda sobre a morte de Vieillard, Comte escreve em 24 de maio de 1857:

Sou profundamente grato à parte que a senhora e sua filha tomaram na perda que acabo de sofrer. Eis-me pessoalmente privado do único homem que me

¹¹¹⁰ COMTE, Augusto. Carta datada de 19 de abril de 1857. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Cartas: Nísia Floresta e Augusto Comte*. Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres, 2002. p. 81.

¹¹¹¹ COMTE, Augusto. Carta datada de 19 de abril de 1857. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Cartas: Nísia Floresta e Augusto Comte*. Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres, 2002. p. 81-82.

¹¹¹² FLORESTA, Nísia. Carta datada de 23 de maio de 1857. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Cartas: Nísia Floresta e Augusto Comte*. Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres, 2002. p. 84.

seguiu sempre, desde o começo da minha carreira, a partir do meu opúsculo fundamental de 1822. O positivismo perde assim seu único patrono oficial, íntegro e perseverante, embora incompleto e frágil¹¹¹³.

A afirmação de que o falecido discípulo era incompleto e frágil é, provavelmente, resultante da recusa de uma cerimônia religiosa, pois esse último ato casou confusão em seus contemporâneos ao colocá-lo em condição semelhante aos revolucionários. Comte explica:

Se eu tivesse sido consultado a respeito, teria talvez obtido demonstrações mais nobres e mais decisivas, segundo as quais um verdadeiro conservador se não arriscaria a ser injustamente colocado entre os revolucionários. A falta de dignidade em semelhante préstimo fez-me especialmente sentir que o culto o mais caduco é praticamente preferível à ausência de qualquer culto¹¹¹⁴.

Contrariando as conclusões de Nísia Floresta sobre o episódio, Comte acredita que a falta de culto foi um fator prejudicial ao positivismo. A carta seguinte é de 10 de julho de 1857, enviada pela brasileira para justificar a ausência de visitas e de uma resposta imediata ao filósofo. Escreveu:

Devo parecer ao senhor muito negligente não apenas por haver deixado de ir vê-lo, mas ainda por lhe não haver escrito nem que fosse uma palavra em resposta a sua carta, pela qual o senhor me havia favorecido a ocasião de ter o prazer de ser útil em alguma coisa a um de seus discípulos. [...] Desde há um mês um problema de saúde forçou-me a submeter-me a um tratamento severo¹¹¹⁵.

Comte havia solicitado uma carta de apresentação do Dr. L. A. Segond à Nísia Floresta, membro da Sociedade Positivista, professor da Faculdade de Medicina de Paris e autor de obras sobre biologia, que estava de viagem ao Brasil. A carta teria sido escrita e enviada ao Dr. José Henrique de Medeiros, o cunhado de Nísia Floresta. Sobre isso, Lins informa:

Já o filósofo falecera havia vinte e cinco dias quando, do Rio, em 30 de setembro de 1857, lhe dirigiu Segond uma carta [...]: 'Não posso esquecer-me de agradecer vossa carta de apresentação a Mme. Brasileira. Seu irmão, Dr. José Medeiros, foi para mim cheio de bondade e dedicação. Pelo prazer que tem em servir sua irmã, pode-se julgar como Mme. Brasileira sabe fazer-se querida. Mme. José Medeiros e sua encantadora filhinha partilham do culto do irmão¹¹¹⁶.

Foi, aliás, Medeiros quem comunicou a morte de Comte a Segond. Nísia Floresta encontrou Segond pessoalmente em Nápoles, e o visitou, posteriormente, em Polvocera, quando

¹¹¹³ COMTE, Augusto. Carta datada de 24 de maio de 1857. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Cartas: Nísia Floresta e Augusto Comte*. Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres, 2002. p. 85.

¹¹¹⁴ COMTE, Augusto. Carta datada de 24 de maio de 1857. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Cartas: Nísia Floresta e Augusto Comte*. Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres, 2002. p. 85-86.

¹¹¹⁵ FLORESTA, Nísia. Carta datada de 10 de julho de 1857. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Cartas: Nísia Floresta e Augusto Comte*. Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres, 2002. p. 88.

¹¹¹⁶ LINS, 1964, p. 31.

ele estava doente. Na ocasião, o estado de saúde do amigo fizera com que ela desistisse de retornar a Florença naquele momento, fazendo visitas periódicas a ele. Sobre esses dias, detalha:

*Les hautes idées de l'estimable convalescent sur la complète régénération de la société tant souhaitée par les vrais moralistes et malheureusement si difficile, sinon impossible, firent souvent l'objet de nos entretiens et nous faisaient passer agréablement le temps dans cette espèce de thébaïde*¹¹¹⁷.

Nísia Floresta se reuniu por diversas vezes com o discípulo de Comte e sua esposa, evidenciando que manteve as redes de contatos estabelecidas através do filósofo e de sua doutrina. Retornando às cartas, Nísia Floresta remeteu outra correspondência em 22 de agosto de 1857, quando Comte estava doente e se negava a receber o tratamento. A brasileira apelou:

Senhor, desde há um mês, todos os corações que o amam e que depositaram no senhor todas as suas esperanças vindouras sofrem profundamente com o estado em que o senhor se depaupera, sem querer recorrer à ciência dos primeiros médicos, submetendo-se a uma consulta. Permita que em nome desses corações que lhe estão sinceramente ligados, em nome da humanidade que o senhor é o ministro e o mais zeloso servidor, minha fraca voz se eleve junto a seu leito para suplicar-lhe que recorra à arte enquanto ainda é tempo. Que a lembrança do anjo que constantemente plana em torno do senhor, a santa mulher sob cuja influência seu grande gênio assumiu a nobre tarefa de regenerar a humanidade, torne eficaz minha prece junto ao senhor!¹¹¹⁸

Sabendo que o estado de saúde de Comte inspirava cuidados, Nísia Floresta recorre à figura de Clotilde de Vaux para pedi-lo que buscasse tratamento médico, argumentando que isso seria necessário para o cumprimento do seu dever como aquele capaz de regenerar a humanidade a partir dos seus ensinamentos teóricos. Até então sua prece parece de uma discípula fiel do positivismo. Entretanto, ela conclui: “O que será dos discípulos sem o mestre? O que será da humanidade sem a sua grande obra completada? Espero e tenho confiança no Grande Criador que o senhor não nos será tirado tão cedo!”¹¹¹⁹. A menção a um “Grande

¹¹¹⁷ FLORESTA, Nísia. *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*. Paris: Libraire E. Dentu, 1872. v. 2. p. 95. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=6usJmjAoOVAC&pg=GBS.PP1>. Acesso em: 22 out. 2025. “As altas idéias do estimado convalescente sobre a completa regeneração da sociedade, tão desejada pelos verdadeiros moralistas, e infelizmente tão difícil, senão impossível, foi quase sempre o motivo de nossas conversas e nos fez passar o tempo agradavelmente, numa espécie de Tebaida”. A tradução utilizada é: FLORESTA, Nísia. Três anos na Itália, seguidos de uma viagem à Grécia, v. 2. In: LÚCIO, Sônia Valério Marinho. *Uma viajante brasileira na Itália do Risorgimento: tradução comentada do livro Trois ans en'Italie suivis d'un voyage en Grèce* (vol. I – 1964; vol. II – s. d.) de Nísia Floresta Brasileira Augusta. 1999. 754 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999b. p. 79.

¹¹¹⁸ FLORESTA, Nísia. Carta datada de 22 de agosto de 1857. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Cartas: Nísia Floresta e Augusto Comte*. Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres, 2002. p. 91-92.

¹¹¹⁹ FLORESTA, Nísia. Carta datada de 22 de agosto de 1857. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Cartas: Nísia Floresta e Augusto Comte*. Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres, 2002. p. 92.

Criador” certamente contrariava os ensinamentos de Comte. Mas, não somente isso parece ter irritado o filósofo, que respondeu:

Em resposta à sua carta, muito afetuosa, porém pouco judiciosa, posso me limitar a desenvolver a minha profunda convicção de que, se me tivesse infelizmente submetido às precipitações vãs emanadas da ciência falaz das notabilidades médicas, estaria atualmente morto. [...] Se me tivesse visto alguma vez, de modo a comparar os meus estados sucessivos, a sua experiência tê-la-ia preservado de partilhar os temores pueris de um moço superficial, inteiramente estranho às noções medicaís e que só pensou na minha magreza, justamente explicável: no final de contas, por mais assustados que os outros estejam, não conseguirão jamais assustar-me num caso em que, melhor que ninguém, sinto que somente olhos vulgares puderam prever a minha morte. A sua invocação de uma vítima angélica em apoio de um conselho perigoso, é tanto mais cega, quanto a minha Beatriz, sucumbiu, não pela moléstia, porém pelos seus dois médicos [...]¹¹²⁰.

Comte repreende Nísia Floresta por se preocupar com o seu estado de saúde e recusa o conselho para procurar um médico, pois “depois de me haver libertado da teologia, da metafísica e mesmo da ciência, conservando somente delas o que cada uma tem de incorporável ao positivismo, emancipei-me finalmente da medicina”¹¹²¹. Assim, o filósofo a repreende duplamente, incluindo os seus hábitos teológicos e metafísicos. Anos depois, quando estava na Itália, Nísia Floresta adoece e, assim como Comte, desacreditou que a sua cura estivesse na ciência médica, indo em busca de se recuperar de modo independente, apesar dos lamentos e repreensões de familiares e amigos¹¹²².

O filósofo também admoesta o fato de Nísia Floresta ter usado o exemplo de Clotilde de Vaux na tentativa de sensibilizá-lo, pois acredita que a morte dela foi em decorrência da intervenção médica, e não da doença. Comte acrescenta que não recorrer à medicina era uma forma de usar a si como exemplo para aqueles que o seguiam:

É assim que devo, à minha custa, fazer sempre encaminhar os meus incidentes, quaisquer que eles sejam, em proveito da minha incomparável missão social. Forneci com isso o tipo antecipado dos costumes normais, em que, quando a educação enciclopédica tiver, por toda parte, espalhado as sadias noções gerais sobre a natureza humana, qualquer doente, convenientemente esclarecido, se a sua razão permanecer plenamente intacta, tornar-se-á o seu melhor médico, com único capaz de conhecer-se bem¹¹²³.

¹¹²⁰ COMTE, Augusto. Carta datada de 24 de agosto de 1857. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Cartas: Nísia Floresta e Augusto Comte*. Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres, 2002. p. 93-95.

¹¹²¹ COMTE, Augusto. Carta datada de 24 de agosto de 1857. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Cartas: Nísia Floresta e Augusto Comte*. Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres, 2002. p. 95.

¹¹²² FLORESTA, 1872.

¹¹²³ COMTE, Augusto. Carta datada de 24 de agosto de 1857. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Cartas: Nísia Floresta e Augusto Comte*. Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres, 2002. p. 95.

Nísia Floresta parece ter notado o tom recriminatório de Comte em sua resposta, e enviou um texto que escreveu em homenagem a Clotilde de Vaux, o que parece uma tentativa de recobrar a simpatia do filósofo. Escreveu:

A Clotilde de Vaux,
 Por prece, uma lágrima sobre tua tumba, ó digna Mulher! Uma lágrima que acaba de derramar um coração iniciado como o teu nos mistérios da dor! Recebe este mui humilde tributo de uma estrangeira que o não seria para ti se tivesse tido a vantagem de te conhecer durante tua vida objetiva, pois os corações como o teu não estão sujeitos aos preceitos de nacionalidade que dividem os homens e retardam o verdadeiro progresso da Humanidade! Alma pura e afetuosa mal passaste sobre a terra, como a flor da primavera..., porém a mais feliz do que ela, em tua curta jornada, encontraste em teus últimos dias de peregrinação sobre a terra um grande gênio que recolheu teu santo perfume; e guardando-o em seu nobre coração, assim como a vestal guardava o fogo sagrado do templo, ele o asperge, esse perfume, sobre o mundo inteiro, em obras incomparáveis que te imortalizarão tanto quanto a ele próprio. Nova Beatriz, teu nome passará para as gerações futuras com maior glória, pois não é admirável ficção de um grande poeta, mas a doutrina regeneradora de um grande filósofo que por ti redime da degradação onde ela, a mulher, ainda se encontra [...]¹¹²⁴.

Apesar de ter escrito o texto em 17 de abril daquele ano, Nísia Floresta só o ofereceu ao filósofo após o breve impasse. A carta cumpriu o seu fim, pois Comte respondeu em agradecimento:

Minha Senhora, li ontem a sua digna efusão e experimento esta manhã a necessidade de agradecê-lo cordialmente. É o complemento duradouro da primeira homenagem feminina prestada até agora àquela que, por mim, regenera o seu sexo, à casta inspiradora que tão bem merece a sentença de Petrarca:

Ter dolci nomi á in te raccolti

*Sposa, Madre, e Figliuola*¹¹²⁵

A sua tocante composição está irrevogavelmente colocada na gaveta sagrada que contém somente a correspondência excepcional¹¹²⁶.

Afirmando ter sido profundamente tocado pelo texto, informou que o incluiu nos documentos guardados para a posteridade, e destacou ser essa a primeira homenagem feminina à destinatária de seu afeto. Embora a filosofia positiva limitasse a educação feminina ao atendimento das funções domésticas, o filósofo reconhece as qualidades da escrita de Nísia Floresta. Poucos dias depois, em 5 de setembro, Comte faleceu, e a brasileira estava entre as quatro mulheres que acompanharam o cortejo fúnebre.

¹¹²⁴ FLORESTA, Nísia. Carta datada de 28 de agosto de 1857. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Cartas: Nísia Floresta e Augusto Comte*. Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres, 2002. p. 97-98.

¹¹²⁵ Ter doces nomes reunidos em você/ Noiva, Mãe e Filha.

¹¹²⁶ COMTE, Augusto. Carta datada de 29 de agosto de 1857. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Cartas: Nísia Floresta e Augusto Comte*. Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres, 2002. p. 100-101.

A relevância de Comte para o projeto de Nísia Floresta não pode ser mensurada com exatidão. Entretanto, algumas observações colaboram para o entendimento dessa relação e dos seus limites. Comte elege a mulher como peça indispensável para o sucesso do seu sistema filosófico. Defendendo que a sociedade seria devidamente reorganizada a partir da reforma intelectual do homem, a mulher, a quem se refere como o sexo afetivo, teria função relevante nesse processo. No projeto de Nísia Floresta, a mulher é a protagonista no processo de desenvolvimento moral da sociedade, desde que recebesse uma educação adequada, sendo esse o principal ponto de afastamento com a filosofia comtiana.

Nísia Floresta e Augusto Comte são herdeiros e participantes das discussões filosóficas a respeito das diferenças sexuais. No século anterior, a mulher era entendida como metade do gênero humano e mesmo aqueles que discutiam preceitos universais, precisavam lidar com as contradições desses significados. Ainda que houvesse variações, com avanços e recuos, a maioria dos argumentos reforçavam a desigualdade intelectual das mulheres, mesmo diante do exemplo daquelas que mantinham salões, espaços “onde se propaga o espírito filosófico e contribuem para o desenvolvimento da literatura e para a difusão das ciências”¹¹²⁷.

As discussões se detinham na necessidade de definir o homem e a sua natureza. Conforme Michèle Crampe-Casnabet, Diderot apresentou uma definição geral que valeria para toda a espécie: “o homem é um ser que sente, reflete, pensa, dotado de um corpo e de uma alma, capaz do bem e do mal, e, neste sentido, é um ser moral, enfim, que vive em sociedade, dá a si mesmo leis e algumas vezes senhores e, neste sentido, o homem é um animal político”¹¹²⁸. O filósofo tratou o homem como espécie moral, cuja definição Nísia Floresta parece se aproximar. Crampe-Casnabet acrescenta:

Por espécie moral há que entender a humanidade no que ela se distingue da animalidade, pela sua faculdade de conhecer, de trabalhar, de se comportar não apenas sob o império do instinto, mas segundo os costumes. Aparece aqui o poder da educação que molda os homens e pode modificá-los. Tal como o homem, a mulher depende da educação que recebe; mas as pessoas de cada sexo são educadas de maneira diferente: a ordem masculina é que rege, de fato, a formação das mulheres; a ordem prejudicial aos próprios homens, sublinha o autor¹¹²⁹.

Sobre o casamento, havia a ideia de que a mulher era propriedade do marido e que vivia em uma servidão doméstica voluntária. As mulheres eram definidas “pela arte de agradar, pelo

¹¹²⁷ CRAMPE-CASNABET, Michèle. A mulher no pensamento filosófico do século XVIII. In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlete (org.) *História das mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991. p. 373.

¹¹²⁸ CRAMPE-CASNABET, 1991, p. 376-377.

¹¹²⁹ CRAMPE-CASNABET, 1991, p. 377

prazer, pela imaginação, pelo gosto da dominação, da autoridade que ela só pode satisfazer por vias indiretas, pelo artifício e por essa arte suprema, a coqueteria”¹¹³⁰, visão duramente combatida por Nísia Floresta em seus escritos. Em *Opúsculo humanitário*, por exemplo, a escritora aponta que essas definições tinham como objetivo manter a submissão feminina e condenar a mulher à ignorância¹¹³¹.

O discurso filosófico, assim como o religioso, fosse católico ou protestante, também reforçava a versão de uma mulher virtuosa: “esposa, mãe, condescendente com o marido, terna para os filhos, boa para os criados. O seu reino situa-se num só local: ela é dona de casa”. Mesmo quando valorizavam as virtudes femininas, esses discursos “falam das mulheres segundo uma relação dissimétrica, depreciativa”¹¹³².

As mulheres eram vistas como fúteis e voltadas para o desejo de agradar, enquanto os homens não precisavam se esforçar para isso, bastava existirem. Montesquieu acreditava que isso fazia parte da natureza feminina e que havia certa utilidade, pois o gosto pelos enfeites movimentava o comércio. Kant, por sua vez, defendia que as fraquezas atribuídas às mulheres eram, na realidade, instrumentos para dirigir os homens e dominar, e, além de sua função de perpetuar a espécie, creditava às mulheres o papel de conduzir o homem à moralidade¹¹³³. Nísia Floresta recorre a esse último argumento para formular seu projeto em defesa da educação feminina. Kant acreditava que a moralidade poderia dar poder às mulheres e a escritora não duvidava que esse seria o caminho para garantir o acesso à educação e, assim, exercer poder benéfico sobre os homens.

As discussões sobre a aparência feminina iam além: havia aqueles que defendiam que não era possível que mulheres possuíssem beleza e a razão. Nísia Floresta denunciava que essa noção era perigosa ao seu sexo, pois enquanto a beleza era passageira e atrairia elogios vãos, a razão asseguraria o cultivo das virtudes e da verdadeira beleza feminina, que ninguém poderia usurpar. Se as belas atraíam homens interessados apenas em sua aparência efêmera, as cultas conquistariam a amizade verdadeira daqueles capazes de cultivar o seu espírito¹¹³⁴.

Rousseau, por exemplo, apregoava que a mulher viveria eternamente na infância, sendo incapaz de enxergar além da domesticidade. A mulher, portanto, teria relação apenas com o

¹¹³⁰ CRAMPE-CASNABET, 1991, p. 378.

¹¹³¹ FLORESTA, 1853.

¹¹³² CRAMPE-CASNABET, 1991, p. 380.

¹¹³³ CRAMPE-CASNABET, 1991.

¹¹³⁴ FLORESTA, 1853.; FLORESTA, Nísia. *Conselhos à minha filha, com 40 pensamentos em versos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Imperial de F. de Paula Brito, 1845. Disponível em: https://play.google.com/books/reader?id=c_ZCAQAAMAAJ&pg=GBS.PR3&hl=pt. Acesso em: 23 out. 2025.

concreto, não sendo capaz de abstrair e generalizar, estando ligada ao estado da imaginação, que poderia, inclusive, adoecê-la. A inferioridade sexual e intelectual da mulher definiria o seu papel na reprodução da espécie humana e no cuidado dos filhos que, por conseguinte, determinaria a educação que deveria receber. Assim, ela deveria ser preparada para desempenhar o seu papel natural de esposa e de mãe, recebendo uma educação que acentuava as desigualdades dos papéis entre os sexos¹¹³⁵.

O final do século XVIII foi “marcado por rupturas em cascatas”¹¹³⁶. Nesse cenário, as mulheres ocuparam espaços antes impensados e desempenharam papéis de agitadoras. Algumas encabeçaram insurreições em Paris e provocaram a participação dos homens. A participação delas, entretanto, esbarrava na limitação imposta por sua não-cidadania. Apesar disso, frequentavam as tribunas abertas ao público e se imiscuíam na esfera política, “concreta e simbolicamente”. Participam, ainda, com o envio de donativos nos movimentos revolucionários. As mulheres dos meios dirigentes, participam através dos salões, “espaço privado na medida em que faz parte da casa e ao qual nem todos têm acesso; espaço público na medida em que é um lugar de encontro de homens públicos”¹¹³⁷.

A Revolução Francesa foi um momento de transformações decisivas na história das mulheres¹¹³⁸, pois colocou a questão da sua participação política em evidência. Era necessário definir o papel das mulheres diante da percepção incontestável de que elas poderiam ocupar um lugar na cidade. Além disso, a revolução colocou em causa a hierarquia dos sexos. As leis de setembro de 1792, que tratavam sobre o estado civil e o divórcio a partir da visão de igualdade entre os cônjuges, suscitaram a instabilidade do casamento e interferiram diretamente nas reivindicações políticas das mulheres¹¹³⁹.

O discurso filosófico sobre as mulheres e a diferença entre os sexos, nos Oitocentos, estava situado no cruzamento entre questões históricas e problemas clássicos da filosofia, como a dualidade corpo e espírito, a oposição entre natureza e civilização e a tensão entre as esferas pública e privada. A humanidade passou a ser pensada em termos históricos, tanto pelos impactos das transformações revolucionárias quanto pela ideia de um devir da espécie. Nesse

¹¹³⁵ CRAMPE-CASNABET, 1991.

¹¹³⁶ GODINEAU, Dominique. Filhos da liberdade e cidadãs revolucionárias. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle (org.). *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991. p. 22.

¹¹³⁷ GODINEAU, 1991, p. 29.

¹¹³⁸ SLEDZIEWSKI, Elisabeth G. Revolução Francesa: a viragem. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle (org.). *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991.

¹¹³⁹ SLEDZIEWSKI, 1991.

contexto, ainda que as representações da mulher permanecessem marcadas por grande rigidez, o abalo das antigas estruturas é percebido e sentido pelos filósofos¹¹⁴⁰.

O século XIX, embora marcado por normas rígidas e opressivas para as mulheres, não se resume à submissão. Foi também o período do nascimento do feminismo, associado ao trabalho assalariado, ao direito à instrução e à presença feminina na política. Nesse contexto, amplia-se o campo de possibilidades e as mulheres começam a afirmar-se como sujeitos modernos e futuras cidadãs¹¹⁴¹.

As transformações próprias da modernidade trouxeram condições favoráveis às mulheres. A noção de que a humanidade possui uma história abriu a perspectiva de evolução, incluindo-as nesse processo. A Revolução Industrial, ao lado da Revolução Francesa — que, segundo Hobsbawm¹¹⁴², moldaram o mundo moderno, ampliou os espaços sociais acessíveis às mulheres, aproximando-as da figura do trabalhador e do cidadão e oferecendo a possibilidade de romper com a dependência econômica e simbólica em relação ao pai ou ao marido. Já a era democrática evidenciou as desigualdades, criando oportunidades para que elas reivindicassem novos espaços e direitos¹¹⁴³.

As mudanças históricas e a possibilidade de emancipação feminina, entendida como contestação da desigualdade dos sexos, apregoada de maneira praticamente irrefutável até o século anterior, suscitam reformulações que ora reafirmam certezas, ora revelam equívocos, sempre recorrendo ao plano metafísico, onde a diferença entre os sexos se torna a chave para interrogar a relação entre o próprio e o outro¹¹⁴⁴.

De acordo com Fraisse, três eixos estruturam a representação da mulher no pensamento do século XIX. O primeiro é a família, entendida simultaneamente como fruto do casamento e célula fundamental da sociedade. O segundo é a espécie, cujo sentido maior seria a perpetuação da vida humana. Por fim, a propriedade, ligada ao trabalho e à liberdade, completa o quadro dessas representações. A autora salienta que os filósofos se dividem em dois campos: uns afirmam *a priori* a harmonia entre os sexos, enquanto outros sustentam a ideia de conflito, concebendo as relações como paz ou, ao contrário, como guerra entre homens e mulheres¹¹⁴⁵.

¹¹⁴⁰ FRAISSE, 1991.

¹¹⁴¹ FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle. Introdução: ordens e liberdade. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle (org.). *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991.

¹¹⁴² HOBBSBAWM, 2009.

¹¹⁴³ FRAISSE; PERROT, 1991.

¹¹⁴⁴ FRAISSE, 1991.

¹¹⁴⁵ FRAISSE, 1991.

Quanto ao campo jurídico, desde Aristóteles, a igualdade fora pensada a partir de desigualdades naturais que justificassem a inferioridade feminina. No século XIX, embora o direito estivesse fundado na autonomia da vontade, a legislação francesa manteve caráter autoritário, limitando a mulher à condição de filha, esposa e mãe, sempre considerada em sua relação com os homens. Para justificar e validar essa desigualdade, juristas argumentavam que as mulheres buscavam proteção contra si mesmas, admitindo reformas apenas quando estivessem aptas a gerir os seus negócios. Assim, surgiam contradições: enquanto umas reivindicavam direitos apenas para reforçar o seu papel doméstico, as mais abastadas conquistavam certa emancipação nos costumes e as mais pobres estavam ocupadas com o trabalho, alheias a um direito que as excluía. A mulher se coloca “no centro da ambivalência do direito, consequência do hiato entre o discurso jurídico e a realidade social que ele pretende ordenar”¹¹⁴⁶.

É, portanto, a partir desse contexto de transformações e incertezas, alimentadas por debates acirrados, que Comte e Nísia Floresta elaboram seus projetos intelectuais. Não há rupturas definitivas, as ideias são retomadas e rechaçadas à medida que novos pressupostos são considerados. Quando ambos escrevem, os acontecimentos mencionados ainda faziam parte do presente. Não são, então, ideias acabadas, encerradas em suas possibilidades de expansão. São, antes de tudo, parte de um todo, que buscam interpretar a realidade observada, formular análises a partir dos conhecimentos disponíveis e propor reformas conforme as expectativas acerca do futuro da humanidade.

Na filosofia comtiana, a mulher tem o papel de “(...) supremo árbitro privado da educação universal”¹¹⁴⁷, e exerceria influência decisiva sobre os homens, sendo a principal responsável por sua educação moral, pois tem a sua superioridade reconhecida nesse âmbito. Comte afirma: “(...) o culto positivo erige o sexo afetivo como providência moral de nossa espécie”¹¹⁴⁸. De acordo com ele, a mãe é a responsável por “garantir seu filho contra os vícios que temeis, dispondo-o a colocar dignamente as afeições pessoais que deverão fixar em seguida o seu destino doméstico, em vez de esperar que elas surjam bruscamente de encontros fortuitos”¹¹⁴⁹.

Para Comte, a mulher não deveria receber a mesma educação científica e filosófica que o homem, pois o que verdadeiramente importa é o cultivo dos seus sentimentos morais e de seu

¹¹⁴⁶ ARNAUD-DUC, Nicole. As contradições do direito. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle (org.). *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991. p. 98.

¹¹⁴⁷ COMTE, 1895, p. 26.

¹¹⁴⁸ COMTE, 1895, p. 26.

¹¹⁴⁹ COMTE, 1895, p. 331.

altruísmo. Sua função seria transmitir para os filhos, durante os anos da primeira infância, noções de moralidade, dever e religiosidade positiva. O filósofo afirma que a mulher iletrada compreenderia melhor o positivismo, pois “[...] só elas podem compreender assaz a preponderância que merece a cultura habitual do coração, tão comprimida pela grosseira atividade, teórica e prática, que domina o Ocidente moderno”¹¹⁵⁰. Nísia Floresta, por sua vez, defende, no ensaio *La donna*¹¹⁵¹:

*Avvi un solo e potente motore che può rannodare tutti questi elementi, e farli cooperare alla generale causa dell'umanità; e finchè gli uomini nel loro deplorabile accecamento, o nel loro straboccato orgoglio lo calpesteranno, o lo metteranno in non cale, non potranno conseguire la perfettibilità dei loro grandi sforzi! Questo motore è il sentimento della tenerezza; e il suo grande e precipuo focolare è nel cuore della donna. Privatela di tutto, e con quel vostro solito egoismo, che dagli antichi popoli ereditarono i moderni con qualche modificazione, negate ad essa l'intelligenza, la fermezza d'animo, la rettezza di spirito, il coraggio, l'energia. Ma in quanto a tenerezza, dovete confessare ch'ella ne ha più dell'uomo*¹¹⁵².

As acusações de Nísia Floresta aos modernos que herdaram o egoísmo dos antigos são destinadas àqueles que insistiam em negar a ausência de intelecto nas mulheres e de as impedir de receber instrução. A escritora confere valor ao sentimento, à ternura, e concorda com a superioridade feminina neste quesito, mas propõe que ele estivesse acompanhado de uma boa educação:

A lui, secondo voi, l'intelligenza, l'ingegno, la forza di volontà, e tutti i loro trionfi. A noi, il cuore e tutti i sentimenti suoi più generosi con la nobilissima delle virtù, l'annegazione. Ma non basta che la natura le sia stata cortese di questo grande e inestimabil tesoro: bisogna dirigerlo bene con una educazione colta, e fortificata nella pratica del dovere e nella ragione, per saperlo adoperare a beneficio degli altri. Meno orgogliose e più modeste che non sono gli uomini inebriati dai trionfi del loro genio, noi non crediamo, come lo credono essi delle loro scoperte e delle loro opere, che il solissimo

¹¹⁵⁰ COMTE, 1895, p. 21.

¹¹⁵¹ FLORESTA, Nísia. *La donna*. In: FLORESTA, Nísia. *Scintille d'un anima brasiliana*. Firenze: Tipografia Barbera, Bianchi & C., 1859a. p. 33-67. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=ShpJAQAAMAAJ&hl=pt>. Acesso em: 25 nov. 2025. A tradução utilizada é: FLORESTA, Nísia. *A mulher*. In: FLORESTA, Nísia. *Cintilações de uma alma brasileira*. Tradução de Michele A. Vartulli. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997a.

¹¹⁵² FLORESTA, 1859a, p. 46. “Há um único e potente motor que pode aglutinar todos esses elementos, e fazê-los cooperar na causa geral da humanidade; e enquanto os homens em sua deplorável cegueira, ou em seu transbordante orgulho pisarem-no ou dele descurarem, não poderão conseguir a perfeição de seus grandes esforços! Esse motor é o sentimento da ternura; e o seu grande precípua lume está no coração da mulher. Privai-a de tudo, e com aquele vosso costumeiro egoísmo, que dos antigos povos herdaram os modernos com alguma modificação, negai a ela a inteligência, a firmeza de ânimo, a retidão de espírito, a coragem, a energia. Mas quanto à ternura, deveis confessar que ela tem a mais que o homem”. FLORESTA, 1997a, p. 113-115.

*sentimento sia bastevole a produrre la gran riforma che i popoli da molti secoli aspettano*¹¹⁵³.

A resposta parece ser destinada diretamente ao filósofo. No entanto, publicado juntamente com La Donna em *Scintille d'un'anima brasiliana*, estava Una passeggiata al Giardino di Lussemburgo¹¹⁵⁴, texto em que enaltece a contribuição de Comte para a humanidade. Deve-se concluir que Nísia Floresta rebate todos aqueles contrários à educação das mulheres, o que incluía Comte.

O positivismo refuta os preceitos teológicos e metafísicos, se distanciando da ideia da mulher como a origem do mal difundida pelo catolicismo. Ao contrário, Comte defendia que a mulher seria um instrumento de elevação da humanidade. Neste sentido, a participação das mulheres estava na base da reorganização social que propunha, sem elas o sistema não poderia prevalecer. O filósofo afirma:

A mulher e o sacerdote constituem, de fato, os dois elementos essenciais do verdadeiro poder moderador, ao mesmo tempo doméstico e cívico. Organizando esta santa coligação social, cada elemento procede aqui de acordo com a sua genuína natureza: o coração propõe as questões que o espírito resolve. Assim, a própria composição deste catecismo logo indica a principal concepção do positivismo: o homem pensando sob a inspiração da mulher, para fazer sempre concorrer a síntese com a simpatia, a fim de regularizar a sinergia¹¹⁵⁵.

Em suma, Comte defende que a união entre o sacerdote, representando o espírito e a razão, e a mulher, representante do coração e do sentimento, era a base do poder moderador da sociedade. A mulher seria a inspiração moral e afetiva para que o sacerdote produzisse normas e sínteses racionais. A mulher é entendida como altruísta, feita de sentimento e coração e, ainda que frágil, seria capaz de modificar o pensamento dos homens com a sua afetividade. Ela seria

¹¹⁵³ FLORESTA, 1859a, p. 46-47. “A ele [homem], segundo vós, a inteligência, o engenho, a força de vontade e todos os seus triunfos. A nós, o coração e todos os seus sentimentos mais generosos com a mais nobre entre as virtudes, a abnegação. Mas não basta que a natureza lhe tenha sido cortês neste grande e inestimável tesouro: é preciso dirigi-lo bem com uma educação culta e fortificada na prática do dever e na razão, para sabê-lo utilizar em benefício dos outros. Menos orgulhosas e mais modestas do que os homens inebriados pelos triunfos do seu gênio, não acreditamos, como creem eles de suas descobertas e de suas obras, que unicamente o sentimento seja bastante para produzir a grande reforma que os povos há muito séculos esperam”. FLORESTA, 1997a, p. 115.

¹¹⁵⁴ FLORESTA, Nísia. Una passeggiata al Giardino di Lussemburgo. In: FLORESTA, Nísia. *Scintille d'un'anima brasiliana*. Firenze: Tipografia Barbera. Bianchi & C., 1859b. p. 77-85. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=ShpJAQAAMAAJ&hl=pt>. Acesso em: 25 nov. 2025. A tradução utilizada é: FLORESTA, Nísia. Um passeio no Jardim de Luxemburgo. In: FLORESTA, Nísia. *Cintilações de uma alma brasileira*. Tradução de Michele A. Vartulli. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997b. p. 182-203.

¹¹⁵⁵ COMTE, 1895, p. 20-21.

a responsável pelo convencimento da humanidade no tocante à nova religião proposta pelo filósofo. A família, lugar de ação da mulher, deveria adorá-la e admirá-la. Determina:

O duplo ofício fundamental da mulher, como mãe e como esposa, equivale, em relação à família, ao do poder espiritual no Estado. Exige, portanto, a mesma isenção da vida ativa, e uma análoga desistência de todo comando. [...] Toda mulher deve, pois, ser cuidadosamente preservada do trabalho exterior, a fim de poder preencher dignamente sua santa Missão. Voluntariamente encerrada no santuário doméstico, a mulher aí promove livremente o aperfeiçoamento moral de seu esposo e de seus filhos, cujas justas homenagens ela aí dignamente recebe¹¹⁵⁶.

Comte compartilha a ideia de que a mulher se submete de maneira voluntária. O filósofo defende que o casamento é a união complementar dos sexos, onde a mulher disciplina o impulso masculino e inspira ternura, enquanto o homem conserva superioridade de caráter e força intelectual. O casamento garantiria a confiança e a amizade plena. Assevera:

Daí resulta a teoria positiva do casamento, em que vosso sexo melhora o meu, disciplinando o impulso carnal sem o qual a inferioridade moral do homem não lhe permitiria quase nunca uma suficiente ternura. Porém esta relação fundamental é felizmente secundada por todos os outros contrastes cerebrais dos dois sexos. A superioridade masculina é incontestável em tudo o que diz respeito ao caráter propriamente dito, fonte principal do comando. Quanto à inteligência, ela oferece, no homem, mais força e extensão; na mulher, mais justeza e penetração. Tudo, pois, concorre para provar a eficácia mútua dessa união íntima, que constitui a mais perfeita das amizades, embelezada por uma incomparável posse recíproca. Fora de semelhante laço, as rivalidades atuais ou possíveis impedem sempre a plenitude de confiança que só pode existir de um sexo em relação ao outro¹¹⁵⁷.

Nísia Floresta elabora comentários sobre o casamento em diversas passagens no conjunto de sua obra e coloca a união dos seus pais e a sua com Augusto como ideais, pois havia amizade mútua. Ao recomendar um companheiro ideal para Livia, alerta que havia “duas sortes de admiradores do nosso sexo, uma assaz comum, outra extremamente rara”¹¹⁵⁸. Detalha:

A primeira é daqueles homens, que olhando-nos com desprezo, não veem em nós, assim como nessas lindas flores, que se colhem para servir-nos de um ornato passageiro, mais do que um objeto digno somente de lisonjear seus sentidos. [...] A segunda, porém, é a daqueles homens, cujo coração formado na escola da virtude, para honra da humanidade, se prestam espontaneamente a vingar-nos dos ultrajes com que pretendem abocanhar-nos o crédito aqueles de que acabo de falar-te¹¹⁵⁹.

Segundo a escritora, enquanto para os primeiros a mulher amável era aquela cheia de graças exteriores, os segundos eram capazes de discernir as fraquezas e elevações das mulheres,

¹¹⁵⁶ COMTE, 1895, p. 371.

¹¹⁵⁷ COMTE, 1895, p. 363-364.

¹¹⁵⁸ FLORESTA, 1845, p. 27.

¹¹⁵⁹ FLORESTA, 1845, p. 27-28.

ajudando-as na correção e não se aproveitando de sua superioridade para subjugar-las. Nísia Floresta acrescenta: “Aqueles que menos te falarem de tuas qualidades e te admirarem em silêncio, serão justamente os que mais convencidos estarão delas. É estéril a linguagem da modéstia, enquanto a da lisonja demasiadamente fértil”¹¹⁶⁰.

O companheiro ideal, conforme as prescrições de Nísia Floresta, seria aquele que compartilhasse inteligência, moralidade e propósitos semelhantes ao de Lívia, que admirasse suas qualidades e virtudes e não sua aparência. Que estimulasse seu espírito e não sua vaidade¹¹⁶¹. A escritora se posiciona contrária ao casamento arranjado pelos pais ou com significativa diferença de idade, e afirma que não obrigaria sua filha a se casar sob nenhuma hipótese¹¹⁶².

Em *La donna*, determina, com certa reprimenda:

*Se la maggior parte degli uomini non cercassero nella santa unione del matrimonio un commercio che li avviliisce, o un mezzo per avere legittima prole; se la donna non vi cercasse spesso che una condizione nel mondo, o una mal intesa libertà che le affranchi da certi pregiudizi; se l'uno e l'altro, prima di legarsi per sempre avessero a cuore d'intendersi fra loro, di studiarsi, di conoscersi e amarsi, la dolce unione del matrimonio, tanto calunniata, tanto profanata, e spesse volte mal riuscita, sarebbe ormai il non plus ultra dell'umana felicità. Qual altra cosa vi è più dolce su questa terra di esilio, più tenera, più degna e santa di questa vita coniugale; questa soave e costante armonia di due cuori amanti, che si avviano di concordia pel sentiero di tutte le virtù domestiche e sociali verso l'ultimo e beato fine dell'uomo?*¹¹⁶³

Nísia Floresta questiona os verdadeiros, e equivocados, motivos que conduzem as pessoas ao matrimônio. Homens e mulheres, advoga, deveriam buscar o conhecimento mútuo

¹¹⁶⁰ FLORESTA, 1845, p. 28.

¹¹⁶¹ FLORESTA, 1845.

¹¹⁶² FLORESTA, Nísia. *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*. Paris: Libraire E. Dentu, 1864. v. 1. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=v2U3AQAAMAAJ&pg=GBS.PA156>. Acesso em: 30 jan. 2024. A tradução utilizada é: FLORESTA, Nísia. Três anos na Itália, seguidos de uma viagem à Grécia, v. 1. In: LÚCIO, Sônia Valério Marinho. *Uma viajante brasileira na Itália do Risorgimento*: tradução comentada do livro *Trois ans en'Italie suivis d'un voyage en Grèce* (vol. I – 1964; vol. II – s. d.) de Nísia Floresta Brasileira Augusta. 1999. 754 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999a.; FLORESTA, 1872.

¹¹⁶³ FLORESTA, 1859a, p. 57. “Se a maior parte dos homens não procurasse na santa união do matrimônio um comércio que os avilta, ou um meio para ter uma legítima prole; se a mulher não procurasse aí muitas vezes senão uma condição no mundo, ou uma mal interpretada liberdade que a libere de certos preconceito; se um e outra, antes de se ligarem para sempre houvessem por bem entenderem-se entre eles, se estudar, se conhecer e se amar, a doce união do matrimônio, tão caluniada, tão profanada, e tantas vezes fracassada, seria enfim o *non plus ultra* da humana felicidade. Que outra coisa é mais doce sobre esta terra de exílio, mais terna, mais digna e santa do que esta vida conjugal; esta suave e constante harmonia de dois corações amantes, que dirigem-se em concórdia pela senda de todas as virtudes domésticas e sociais, para o último e beatífico fim do homem?”. FLORESTA, 1997a, p. 137-139.

e o amor verdadeiro, e não o enriquecimento material ou a falsa liberdade. Se assim fizessem, conquistariam a felicidade, firmada na harmonia e no caminho das virtudes domésticas e sociais. Esses argumentos a aproximam da visão de Comte sobre o casamento.

O que escrevera a respeito do casamento permite concluir que o concebia como uma união entre semelhantes e fruto da vontade de ambos. Nísia Floresta teve contato com um casal aos moldes positivistas, se Second e sua esposa podem ser considerados assim, e emitiu a seguinte opinião:

*Nous partageons notre temps ici entre lui et sa compagne dont j'ai maintenant l'occasion d'apprécier de près le dévouement de véritable sœur de charité dans le zèle tout particulier qu'elle met à lui adoucir les souffrances tant physiques que morales, loin de la patrie et d'une mère qu'il adore. Parmi les nobles rôles de la femme, celui de soulager par une constante et douce sollicitude les peines des malades me fut toujours un des plus sympathiques. J'ai donc pris pour madame S. une affection sincère, et je me plais dans sa société, quoique sa conversation manque de l'agrément que des connaissances variées donnent à celle de son mari. Il y a sûrement des qualités bien plus précieuses chez la femme qu'une grande instruction; telles sont, entre autres, la bonté de cœur, la droiture d'esprit, la douceur de caractère et la chaste dignité qu'elle doit savoir mettre dans toutes ses actions. Cependant, quand à ces qualités essentielles se joint une saine et solide instruction, elles ressortent avec plus d'avantage et ont un double prix aux yeux de l'homme supérieur qui fait d'une telle femme la plus chère société de sa vie. Si Dieu lui accorde des enfants, cette instruction lui offre alors un avantage plus grand encore, car il n'y a pas de meilleures et de plus profitables leçons pour ces jeunes esprits que celles qu'ils reçoivent d'une mère vertueuse et instruite*¹¹⁶⁴.

Nísia Floresta reconhece, na companhia de Second, qualidades dignas de apreço, sobretudo a devoção e o zelo no cuidado às necessidades físicas e morais do marido. Apesar de salientar a agradabilidade de sua presença, observa a disparidade entre sua conversação e a de Second, o que sugere um contraste entre instrução e virtude. Ao adotar um tom moderado, possivelmente para não soar desrespeitosa, reafirma o valor de atributos como bondade, sinceridade, doçura e dignidade. Entretanto, enfatiza que tais virtudes, quando associadas a uma

¹¹⁶⁴ FLORESTA, 1872, p. 94-95. “Dividimos nosso tempo aqui entre ele e sua companhia, que tive a oportunidade de conhecer de perto, e de apreciar a devoção de verdadeira irmã de caridade, no zelo todo particular para amenizar os sofrimentos do marido, tanto físicos quanto morais, por encontrar-se tão longe da pátria e da mãe que ele adora. Entre as obrigações da mulher a de aliviar, com constante e doce atenção, os sofrimentos dos enfermos parece-me sempre uma das mais simpáticas. Senti então pela Senhora S. sincera afeição, e sua companhia me agradou, embora sua conversa não tenha a atração que os conhecimentos variados dão à conversa do seu marido. Certamente existem qualidades bem mais preciosas numa mulher que uma grande instrução, tais como a bondade de coração, a sinceridade do espírito, a doçura de caráter e a casta dignidade que ela deve ter em todas as suas ações. No entanto, quando estas qualidades essenciais unem-se a uma santa e sólida instrução, elas aparecem com mais sucesso, e têm um duplo valor aos olhos do homem superior que faz desta mulher a mais querida companhia da sua vida. Se Deus lhes concede filhos esta instrução é então mais vantajosa ainda, porque não existem melhores e mais proveitosas lições para os espíritos jovens do que as que eles recebem de uma mãe virtuosa e instruída”. FLORESTA, 1999b, p. 78-79.

sólida instrução, tornam a mulher uma companheira ainda mais estimada e uma mãe capaz de transmitir melhores lições aos filhos, o que reforça a relevância da instrução feminina em sua concepção.

Com o objetivo de estruturar os mais diversos aspectos da vida humana, Comte elege a família como célula fundamental, onde a moralidade é cultivada e a mulher exerce o papel de principal guardiã dos valores afetivos e altruístas. Considera as funções de filha, esposa e mãe como naturais da mulher. Aponta: “[...] A mãe, a esposa e a filha devem, em nosso culto, como na existência que ele idealiza, desenvolver respectivamente em nós a veneração, o apego e a bondade”¹¹⁶⁵, e recomenda que não exerça trabalhos externos e se mantenha voluntariamente no “santuário doméstico”¹¹⁶⁶. Nesse espaço ela poderia garantir o aperfeiçoamento moral dos filhos e do marido. Nísia Floresta compartilha opinião semelhante em *La donna*, quando afirma:

*Quando la società sarà bene ordinata, la madre sarà l'unico direttore e l'unico maestro dei propri figli, sino all'età in cui la loro ragione si vegga forinata. Finchè non s'effettua questo lento e generale ordinamento, mettetevi all'opera con coraggio, perseveranza e modestia nel santuario della famiglia, dove sarete il primo e degno sacerdote, avendo il cuore per altare e la morale per sacrificio*¹¹⁶⁷.

A escritora utiliza um vocabulário comum ao do filósofo. Apenas em termos especulativos é possível sugerir que ela teria aderido a parte dos postulados positivistas, ou que estivesse apenas utilizando termos comuns à sua época. Em qualquer cenário é certo que se aproxima das ideias defendidas pelo filósofo, sem abandonar sua defesa à educação feminina. Ainda em *La donna*, Nísia Floresta reafirma: “Figlia, sposa, madre! Questa sublime triade siete voi, o donne, che la rappresentate sopra la terra”¹¹⁶⁸. Partindo das funções atribuídas ao seu sexo, a escritora defende a educação como meio para que as suas contribuições se tornassem efetivas:

Educate il cuor della donna, rischiarate il suo intelletto con lo studio di cose utili e con la pratica dei doveri, ispirandole il diletto che si prova nell'adempirli; smorbate l'anima sua da tante nocevoli frivolezze puerili, da cui si trova intornata appena apre gli occhi alla luce. [...] le assegni da ultimo una educazione qual si richiede al grand'ufizio ch'ella deve adeinpire nella società col benefico ascendente del cuore; e la donna sarà come dev'essere,

¹¹⁶⁵ COMTE, 1895, p. 129.

¹¹⁶⁶ COMTE, 1895, p. 128.

¹¹⁶⁷ FLORESTA, 1859a, p. 60. “Quando a sociedade for bem ordenada, a mãe será o único diretor e o único mestre dos próprios filhos, até a idade em que a razão deles mostre-se formada. Enquanto não se efetuar este lento e geral ordenamento, ponde-vos à obra com coragem, perseverança e modéstia no santuário da família, onde sereis o primeiro e digno sacerdote, tendo o coração por altar e a moral por sacrifício”. FLORESTA, 1997a, p. 143.

¹¹⁶⁸ FLORESTA, 1859a, p. 55. “(...) Filha, esposa, mãe! Esta sublime tríade sois vós, ó mulheres, que representais sobre a Terra”. FLORESTA, 1997a, p. 133.

*figlia e sorella svisceratissima, tenera e pudica sposa, buona e provida madre*¹¹⁶⁹.

Nísia Floresta confirma as funções sociais comumente atribuídas às mulheres. Essa afirmação pode parecer repetitiva, entretanto, é preciso considerar que a escritora está defendendo um projeto durante toda a sua carreira, abordando temas de forma recorrente, ainda que com variações relativas ao gênero literário utilizado. Isso explica por que em meio a um relato de viagem pela Itália, ela discuta o casamento, a prostituição ou a importância da instrução para as mulheres. Além disso, a sua retórica se constrói a partir de suas observações da realidade que vivencia, dos encontros intelectuais e das leituras que realiza.

Comte e Nísia Floresta divergem quanto a questão do trabalho feminino. Para ele, o homem seria o único provedor do lar, pois o enriquecimento da mulher através do trabalho causaria danos para o seu desenvolvimento moral e alteraria a ordem natural da humanidade, aquela em que a mulher deveria amar e obedecer ao invés de mandar. Nísia Floresta acreditava que o trabalho poderia ser um meio para o engrandecimento moral da mulher, quando necessário, afastando-a de vícios. A sua atuação como escritora e educadora, fundadora e diretora do Colégio Augusto, atestam por si só a importância do trabalho na vida de Nísia Floresta, principalmente se o orgulho que demonstrava ter ao afirmar ter se tornado a provedora da família após a morte do pai e do marido for levado em consideração.

Outra aproximação entre o filósofo e a brasileira é máxima moral do positivismo, “viver para outrem”, presente em toda a obra de Nísia Floresta, incluindo textos anteriores ao seu contato com Comte. O filósofo reafirma esse propósito em diversos momentos, identificando a mulher como instrumento capaz de proporcionar essa realidade:

Condensando toda a sã moral na lei – *viver para outrem*, o positivismo consagra a justa satisfação permanente dos diversos instintos pessoais, enquanto indispensável à nossa existência material, sobre a qual assentam sempre nossos atributos superiores¹¹⁷⁰.

O culto é principalmente destinado a desenvolver os sentimentos que nos dispõem a viver para outrem. [...]. Ora, tal objetivo supõe necessariamente o concurso íntimo e contínuo dos dois sexos, porque ele depende tanto do coração como do espírito¹¹⁷¹.

¹¹⁶⁹ FLORESTA, 1859a, p. 47-48. “Educai o coração da mulher, esclarecei seu intelecto com o estudo de coisas úteis e com a prática dos deveres, inspirando nela o deleite que se experimenta ao cumpri-los; purgai a sua alma de tantas nocivas frivolidades pueris de que se acha rodeada mal abre os olhos à luz. [...] Dedique-lhe, por último, uma educação como exige a grande tarefa que ela deve cumprir na sociedade como o benéfico ascendente do coração; e a mulher será como deve ser, filha e irmã dedicadíssima, terna e pudica esposa, boa e providente mãe”. FLORESTA, 1997a, p. 115-117.

¹¹⁷⁰ COMTE, 1895, p. 51.

¹¹⁷¹ COMTE, 1895, p. 308.

A escritora determina: “È tempo che tutte le donne di cuore si riuniscano sotto la santa bandiera del bene universale, seco recando il tesoro di teneri e pii sentimenti, di che natura le ha dotate; e la ferma risoluzione di operare per rendersi utile alla famiglia e a tutta l’umanità”¹¹⁷². Além disso, aponta que somente as mulheres, reunidas sob o desejo de promover o melhoramento da sociedade, poderiam, a partir da prática das virtudes, garantir um resultado satisfatório em vinte anos, algo que os homens não poderiam efetuar em um século com o uso de toda a sua competência intelectual.

Enquanto Comte formata um sistema filosófico no decorrer dos anos, e determina diretrizes para o culto em *Catecismo positivista*, Nísia Floresta afirma:

*Io non farò qui motto sulla forma esteriore del culto religioso, che io credo il solamente degno di rendersi all’Ente supremo. L’inconveniente di varie credenze è una grave questione sulla quale non metterò mai bocca, perchè non ha troppo che fare col mio soggetto. [...] Sia il cuor della donna da pertutto la sede della vera carità e di tutte le altre umane virtù; questo è ciò che preme, ond’ella si renda degna dell’universale ammirazione, qualunque sia il culto che le abbiano ispirato i suoi maggiori, e ch’ella eserciti di cuore. Lasciamo agli uomini le teoriche più o meno eloquenti per dichiarare tutto ciò che appartiene al misticismo; lasciamo ad essi gli argomenti scientifici, le vive ed eleganti discussioni d’ogni genere nel progredir che fanno per aggiungere la meta dei loro vasti disegni, o riuscire nelle rischivevoli imprese*¹¹⁷³.

O termo “Ente supremo” é utilizado por Nísia Floresta e por Comte. Ainda que afirme não ter por objetivo discutir questões religiosas ou fixar um culto específico, assegura que a mulher, independentemente de qualquer teoria, é o centro de todas as virtudes humanas e capaz de promover o aprimoramento da humanidade. Ela também aponta que as limitações presentes na educação destinada às mulheres impedem que alcancem seu pleno potencial, e anuncia:

Nell’annihittimento morale in cui le donne si trovano senz’accorgersene, la loro impresa parra forse inesequibile; ma se avranno il buon senso e il coraggio di spogliarsi quei difetti che appiccaronsi loro addosso per una

¹¹⁷² FLORESTA, 1859a, p. 53. “É tempo de todas as mulheres de coração reunirem-se sob a santa bandeira do bem universal, trazendo consigo o tesouro de ternos e pios sentimentos, do qual a natureza as dotou; e a firme resolução de trabalhar para tornar-se útil à família e a toda a humanidade”. FLORESTA, 1997a, p. 129.

¹¹⁷³ FLORESTA, 1859a, p. 54. “Não direi aqui sobre a forma exterior do culto religioso que eu acredito ser o único digno de render ao Ente supremo. O inconveniente de diversas crenças é uma grave questão sobre a qual não abrirei jamais a boca, porque não tem muito a ver com meu tema. [...] Seja o coração da mulher por toda parte a sede da verdadeira caridade e de todas as outras humanas virtudes; isto é o que faz-se mister, para que ela torne-se digna da admiração universal, seja qual for o culto que lhe tenham inspirado os seus superiores, e que ela exercite de coração. Deixemos aos homens as teorias mais ou menos eloquentes para declarar tudo que pertence ao misticismo; deixemos a eles os argumentos científicos, as vivas e elegantes discussões de toda espécie em seu progresso para alcançar a meta de seus vastos projetos, ou ter êxito nas arriscadas empresas”. FLORESTA, 1997a, p. 131.

*educazione tutt' opposta al verace loro destino, agevolmente vi perverranno*¹¹⁷⁴.

Nísia Floresta e Augusto Comte divergiam em questões o suficiente para que o filósofo não acreditasse na possibilidade de conversão incondicional da escritora ao positivismo. Isso não foi impedimento para que ela continuasse a mencioná-lo ou a se referir ao sistema filosófico que ele elaborou, exemplo disso é *Una passeggiata al Giardino di Lussemburgo*. O texto narra um passeio realizado por “*tre persone native di tre diverse provincie fra le ventuna che presentemente costituiscono la fulgida aureola di un grande impero*”¹¹⁷⁵, que dentre os assuntos tratados, discutiram sobre a “*sola base fondamentale dell' ordine, della dignità, della vera grandezza, e del ben essere delle nazioni; l'educazione della gioventù*”¹¹⁷⁶. Afirmar que o projeto discutido por eles:

*aveva per fondamento, senza che se ne accorgessero, il medesimo principio da cui la dottissima penna dell' impareggiabile Augusto Conti attinse i mirabili concetti da lui lasciati alla posterità come un immortal monumento, eretto dal genio dell' umanità al secolo decimonono*¹¹⁷⁷.

O tom elogioso se acentua, ainda, no seguinte trecho:

*A te dunque, o gran filosofo del secolo, degno concittadino di Descartes, anima nobilissima, ingegno nell'età nostra a nessun altro secondo, che hai saputo comprendere e pregiare la donna per associarla alle tue profonde fatiche, alla tua rigeneratrice dottrina; sia lode a te! a te la simpatia dei cuori che aspirano al miglioramento del sesso da te onorato! Il sistema umanitario, di cui sei fondatore e degno rappresentante, stabilisce per la donna un grado particolarmente distinto, che l'abilita a poter attuare con sicuro vantaggio le facoltà della propria intelligenza e quelle del cuore nell'esercizio delle virtù, che faranno di lei uno dei primi ornamenti e la base più solida dei progressi della civiltà. Quando gli uomini avranno compreso il tuo gran sistema, nello stesso modo che tu comprendi il cuor della donna, l'uno e l'altro spargeranno sulla società il solo balsamo efficace per guarirla dai mali cronici d'inveterati pregiudizi*¹¹⁷⁸.

¹¹⁷⁴ FLORESTA, 1859, p. 55. “Na madorra moral em que as mulheres encontram-se sem perceber, sua tarefa parecerá talvez inexequível; mas se tiverem o bom senso e a coragem de se despirem daqueles defeitos que lhes salpicaram em cima com uma educação toda oposta ao seu verdadeiro destino, facilmente conseguirão”. FLORESTA, 1997a, p. 133.

¹¹⁷⁵ FLORESTA, 1859b, p. 77-78. “três pessoas oriundas de três diferentes províncias entre as vinte e uma que presentemente constituem a fúlgida auréola de um grande império”. FLORESTA, 1997b, p. 187.

¹¹⁷⁶ FLORESTA, 1859b, p. 78. “única base fundamental da ordem, da dignidade, da verdadeira grandeza, e do bem-estar das nações; a educação da juventude”. FLORESTA, 1997b, p. 189.

¹¹⁷⁷ FLORESTA, 1859b, p. 81. “Tinha por fundamento, sem que se apercebessem disso, o mesmo princípio no qual a doutíssima pena do incomparável Augusto Comte buscou os admiráveis conceitos por ele deixados à posteridade como um imortal monumento, erguido pelo gênio da humanidade ao século dezenove”. FLORESTA, 1997b, p. 195.

¹¹⁷⁸ FLORESTA, 1859b, p. 80-81. “A ti, portanto, ó grande filósofo do século, digno concidadão de Descartes, alma nobilíssima, gênio em nossa era, segundo ninguém mais, que soubesse compreender e

Nísia Floresta se refere a Comte como “grande filósofo”, “gênio”, e o único capaz de compreender e valorizar a mulher, incluindo-a na sua filosofia regeneradora. Sua doutrina permitiria às mulheres desenvolverem as faculdades da inteligência e do coração em favor da humanidade. A escritora acredita que quando o sistema filosófico comtiano fosse devidamente compreendido, possibilitaria que homens e mulheres superassem preconceitos enraizados e promovessem, enfim, o verdadeiro progresso social.

Conhecedora da filosofia positivista, é provável que Nísia Floresta ignore as limitações que Comte impõe às mulheres, escolhendo enfatizar a relevância que conferiu ao papel feminino na família e, conseqüentemente, na sociedade. O filósofo concebe a família como a base da ordem universal. A mulher é a responsável por manter a harmonia doméstica e educar os filhos, e sua atuação é restrita ao ambiente doméstico. Sendo assim, apesar de conferir certa importância à mulher, não propõe nenhuma alteração significativa referente ao lugar que ela já ocupava naquele momento.

Comte oferece para Nísia Floresta o endosso necessário para advogar em favor da educação feminina: diante da sua importância para o progresso da humanidade, sua influência na unidade familiar e na educação dos filhos, essa mulher deveria receber uma educação que a preparasse para o desempenho adequado de suas funções. A escritora credita a ignorância em que suas semelhantes viviam ao egoísmo dos homens, que as impediam de receber instrução e argumenta em seu favor.

Falando diretamente às mães, recomenda: “*Fate intendere ai vostri figli, che l’uomo non è mai grande, se non quando sa fare annegazione di sè stesso pel ben degli altri; e che la vera gloria è di lavorare affìn di ristabilir l’armonia, l’ordine e la felicità tra i popoli [...]*”¹¹⁷⁹, o que é, sem dúvida, uma aproximação com os preceitos de Comte. Entretanto, ela vai além ao afirmar: “*L’insegnamento dell’eguaglianza che regnar deve tra uomo e donna*”¹¹⁸⁰, e defender

prezar a mulher para associá-la às tuas profundas fadigas, à tua regeneradora doutrina; louvado sejas! A ti a simpatia dos corações que aspiram ao melhoramento do sexo por ti honrado! O sistema humanitário, de que és fundador e digno representante, estabelece para a mulher um grau particularmente distinto, que a habilita a poder utilizar com segura vantagem as faculdades da própria inteligência e as do coração no exercício das virtudes, que farão dela um dos primeiros ornamentos e a base mais sólida dos progressos da civilização. Quando os homens tiverem compreendido o teu grande sistema, do mesmo modo que tu compreendes o coração da mulher, um e outra espalharão sobre a sociedade o único balsamo eficaz para curá-la dos males crônicos de inveterados preconceitos”. FLORESTA, 1997b, p. 193.

¹¹⁷⁹ FLORESTA, 1859a, p. 62. “Fazei vossos filhos entenderem que o homem nunca é grande, senão quando sabe abnegar-se pelo bem dos outros; e que a verdadeira glória é trabalhar a fim de estabelecer a harmonia, a ordem e a felicidade entre os povos [...]”. FLORESTA, 1977a, p. 149.

¹¹⁸⁰ FLORESTA, 1859a, p. 63. “O ensinamento da igualdade deve reinar entre homem e mulher [...]”. FLORESTA, 1997a, p. 149.

que filhas e filhos recebessem afeições e tratamentos imparciais para que a felicidade mútua fosse promovida. E conclui:

*Solo così potrà effettuarsi quest' organamento sociale sì generalmente e vanamente commendato e reclamato dagli scrittori del progresso! Con l'avvezzare i vostri figliuoli nella pratica dei veri principii umanitarii, voi fonderete meglio e più facilmente di tutte le grandi e belle massime sepolte nei loro volumi in foglio, le solide basi della famiglia. Costituendo buone famiglie, formerete popoli laboriosi, morigerati, giusti e felici. E le famiglie, i popoli, le nazioni, di cui l'uman genere si compone, vi benediranno nel verace loro progresso, nella loro prosperità*¹¹⁸¹.

Nísia Floresta resume, assim, o cerne da filosofia positivista, enquanto defende que “*ma la donna che dee progredire col secolo decimonono, accanto all'uomo verso la rigenerazione dei popoli*”¹¹⁸². Se Comte delineia um lugar de relevância para a mulher no interior da família e conquista a simpatia da escritora, em *La donna*, Nísia Floresta expande as possibilidades femininas ao defender o seu direito à educação, o colocando como um dever a partir da necessidade de habilitá-la ao desempenho de suas funções.

É esse, aliás, o principal ponto de divergência entre Nísia Floresta e a filosofia positivista. A escritora não confronta diretamente o filósofo, pois parece esperar o mesmo que ele: ser capaz de convencer o seu interlocutor de que o seu projeto era o melhor para a humanidade. O não abandono das questões metafísicas era o menor dos problemas entre eles. A escritora usa termos próprios da filosofia comtiana, como “Ente supremo”, enaltece as contribuições do filósofo para a humanidade, e afirma, em 1857: “*Ce ne sera point l'épée, mais l'amour qui régénérera l'homme; le christianisme le prêche en vain depuis près de dix-neuf cents ans; espérons que la religion générale de l'humanité le réalisera un jour*”¹¹⁸³, embora em *Trois ans en Italie suivis d'un voyage en Grèce* volte a mencionar preceitos cristãos, ainda que com toques de ironia e crítica em alguns trechos.

¹¹⁸¹ FLORESTA, 1859a, p. 63-64. “Somente assim poderá efetuar-se esta organização social tão geralmente e inutilmente recomendada e reclamada pelos escritores do progresso! Acostumando vossos filhos na prática dos verdadeiros princípios humanitários, implantareis melhor e mais facilmente que todas as grandes e belas máximas sepultadas em seus in-fólios, as sólidas bases da família. Constituindo boas famílias, formareis gente laboriosa, morigerada, justa e feliz. E as famílias, os povos, as nações, de que o gênero humano se compõe, abençoar-vos-ão em seu verdadeiro progresso, em sua prosperidade”. FLORESTA, 1997a, p. 151.

¹¹⁸² FLORESTA, 1859a, p. 47. “a mulher que deve progredir com o século dezenove, ao lado do homem, rumo à regeneração dos povos”. FLORESTA, 1997a, p. 115-117.

¹¹⁸³ FLORESTA, Nísia. *Itinéraire d'un voyage en Allemagne*. Paris: A. Chérié Editeur, 1857. p. 75. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=SI5aAAAAcAAJ&pg=GBS.PP1>. Acesso em: 23 out. 2025. “Não será a espada, mas o amor que regenerará o homem; o cristianismo prega-o em vão, há cerca de dezenove séculos; esperemos que a religião geral da humanidade o realize um dia”. A tradução utilizada é: FLORESTA, Nísia. *Itinerário de uma viagem à Alemanha*. Tradução de Francisco Chagas Pereira. Natal: Editora Universitária, 1982. p. 47.

Portanto, uma coisa não é, necessariamente, contrária à outra: Nísia Floresta certamente cultivou uma amizade e sincera admiração por Comte e o seu sistema filosófico, sem que isso tenha significado sua completa adesão a ele ou um consumo acrítico de sua parte. O projeto da escritora é anterior ao seu contato com Comte, tendo iniciado com a sua “tradução livre” de Wollstonecraft, assumindo que desde a juventude realizava leituras, mantendo o desejo de modificar o lugar ocupado pelas mulheres na sociedade oitocentista.

Nísia Floresta se apropria da filosofia positivista e faz uso dela conforme seus interesses, endossando os argumentos defendidos através de sua escrita e de sua atuação como educadora. Em Comte encontrou um homem simpático à sua causa, “o melhoramento do sexo por ti honrado!”. Defendendo o direito da mulher a uma educação que a tornasse capaz de ocupar o lugar de regeneradora moral da humanidade, a brasileira supera as limitações impostas pelo positivismo ao seu sexo, mesmo reafirmando os papéis de filha, esposa e mãe como fundamentalmente próprios da natureza feminina.

Se Comte prescreve como modelo ideal uma mulher iletrada, com atuação restrita ao ambiente doméstico e que abdicasse do trabalho, de qualquer autoridade e até mesmo do direito à herança, Nísia Floresta representa o contra-modelo. Após a morte do pai e do marido, assume para si a responsabilidade de prover o sustento da família; defende a educação feminina de tal modo que funda uma instituição voltada para o ensino de meninas que, além de lhe servir como fonte de renda, era o meio pelo qual publicava seus textos e intentava impactar consciências; as viagens pela Europa são o suficiente para justificar o porquê de o conceito de domesticidade não se aplicar a ela; ainda que a sua renda permanença indeterminada, não só se mantinha em constante deslocamento em solo europeu, como ajudou financeiramente o filósofo, que, nesse caso, não se opôs à possibilidade de ter uma mulher como provedora.

Ambos concebem a mulher enquanto instrumento do progresso da humanidade. Agindo diretamente na família, entendida como espaço de formação do indivíduo, a mulher é valorizada. As discordâncias quanto às questões metafísicas e o suposto não abandono do cristianismo por Nísia Floresta, assim como quanto a proposta a respeito da educação que deveria ser concedida às mulheres, permite concluir que a brasileira não adotou o positivismo de forma irrefletida ou sem questionamentos.

Afirmar que o impedimento de sua adesão foram suas questões metafísicas é reforçar a visão de Comte sobre ela ser uma mulher supersticiosa ou antiquada, quando é mais provável que ele tenha percebido que Nísia Floresta não anularia o projeto que estava formatando em defesa da educação feminina. Essa hipótese subestima e reduz a atuação da escritora, a

colocando como uma discípula incompleta, imperfeita, e não como uma mulher educada, instruída e capaz de defender as suas ideias mesmo admirando e respeitando Augusto Comte.

Comte não acreditava numa adesão sincera de Nísia Floresta porque ela ultrapassava os limites impostos às mulheres por sua doutrina filosófica. Era capaz de pensar por si, formular seu projeto em benefício da humanidade fazendo uso de sua razão, de seu intelecto, e mesmo viúva, foi capaz de manter o seu sustento e da família através de seu trabalho.

Nísia Floresta demonstra preocupação com os rumos da humanidade, acreditando, como o pensamento vigente, na necessidade de garantir o progresso moral da sociedade. A sua preocupação vai além de definir os papéis femininos, fazendo uso de sua escrita para registrar suas observações sobre a sociedade oitocentista, enquanto elabora críticas e soluções para os problemas que aponta.

Fosse em seu contato com Wollstonecraft ou com Augusto Comte, Nísia Floresta se manteve firme em seu propósito, não abandonando seu decoro ao se contrapor a filosofias e teorias que legitimassem a inferioridade intelectual da mulher. Sabendo dialogar com intelectuais de seu tempo, se apropriando e transformando ideias que convinham aos seus objetivos, Nísia Floresta defende a educação feminina nos Oitocentos, sendo ela mesma um exemplo dos benefícios de se permitir o acesso à instrução às mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A valorização de personalidades femininas que impulsionaram a emancipação intelectual das mulheres articula-se aos movimentos femininos e ao avanço da História Cultural e da História das Mulheres. A compreensão de que constituem um grupo social ativo, com história e capacidade de intervenção no processo histórico, reforça a importância de analisar a trajetória intelectual de Nísia Floresta Brasileira Augusta. É imperativo reconhecer a sua atuação como escritora e educadora e o seu projeto em defesa da educação feminina em um contexto em que o seu sexo era silenciado e mantido no espaço doméstico, com a anuência dos discursos oficiais, médicos e filosóficos.

Sua experiência, embora singular e excepcional, não foi a única em seu tempo, antes, fora possibilitada por diversos fatores conjugados. Nascida Dionísia Gonçalves Pinto, teve acesso à instrução através do pai, português ilustrado. Apesar das lacunas nas informações a respeito de sua formação, é certo que dominava francês e teve contato com leituras estrangeiras clássicas. Sua atuação como preceptora na juventude atesta que sabia o suficiente para ensinar.

A vida de Dionísia apresenta um episódio considerado como uma mácula entre os seus contemporâneos: o fim do casamento contraído aos treze anos e o retorno para a casa dos pais poucos meses depois. O acolhimento de sua família, apesar de incerto, pode significar a distinção do pai em relação às normas sociais, ou que ela teve sucesso no apagamento do fato através da sua escrita. A morte do pai é retratada como um momento difícil, visto que foi descrito como pai amoroso, e implicou no acúmulo de responsabilidades para com sua família. Ainda como Dionísia, conheceu Manuel Augusto de Faria Rocha, a quem promove como o verdadeiro, e único, marido.

Já como companheira de Augusto, se torna Nísia Floresta e escreve no *Espelho das Brasileiras* e, posteriormente, publica sua “tradução livre” sob essa assinatura. A partir daí, registra seus filhos com o pseudônimo, indicando a completa substituição do nome de batismo. Poucos anos depois, tornou-se viúva, *status* que lhe conferiu certa liberdade de circulação social e respeitabilidade, ainda que o luto por Augusto seja constantemente retomado em seus textos, funcionando como um instrumento de apagamento da primeira união desfeita e para garantir a sua honra, estivesse ela em casa ou circulando pela Europa.

Após morar em diferentes províncias do Brasil, se estabeleceu no Rio de Janeiro e fundou o Colégio Augusto, em 1838. A instituição voltada para o ensino meninas é a tentativa

de colocar em prática suas ideias em defesa da educação feminina. Sua atuação como diretora não foi unanimidade, recebendo críticas negativas, acusada de oferecer um currículo dispensável e inútil para as educandas; os elogios chegaram um pouco depois, reconhecendo a sua importância e contribuição para a educação. Através do Colégio Augusto editou alguns de seus textos e os disponibilizou para o público em geral, conciliando, assim, a educadora e a escritora em si para formatar o seu projeto em defesa da valorização social das mulheres através do acesso à educação.

No Brasil, especialmente na primeira metade dos Oitocentos, a educação feminina era limitada. Apesar das tentativas do governo de centralizar e normatizar o ensino, poucas iniciativas contemplavam efetivamente a educação das mulheres. Em sua maioria, elas estavam excluídas dos espaços de ensino, e recebiam uma educação pautada nas funções sociais esperadas de seu sexo, ou seja, visando o desempenho das funções ligadas ao ambiente doméstico. Aprendiam a cozinhar, costurar, as primeiras letras e operações aritméticas básicas; dança, piano e línguas estrangeiras eram oferecidos para o cultivo de suas “graças exteriores”.

Meninas de famílias abastadas eram ensinadas em casa por professores particulares ou preceptores, às vezes beneficiadas pelo ensino ministrado aos irmãos ou outros familiares. A ausência de normas ou de fiscalização, quando elas existiam, permitia que pessoas que se consideravam habilitadas para o ensino abrissem seus próprios colégios em casa ou em prédios alugados ou doados pelo poder público. Estrangeiros possuíam ainda mais facilidade nesse meio, conquistando clientes sem necessariamente comprovar aptidão.

Nesse cenário, Nísia Floresta critica duramente a falta de iniciativa das autoridades em padronizar o ensino e em garantir a melhoria da educação oferecida às meninas. Vendo nos estrangeiros concorrentes desleais e incompetentes, destina páginas de seu *Opúsculo humanitário* (1853) para questionar a validade do magistério por eles exercido. Não se tratava apenas de uma preocupação com o destino das mulheres brasileiras, mas com o seu negócio e a sua própria clientela.

A desigualdade no ensino e nas possibilidades oferecidas a homens e mulheres é denunciada em seus escritos. Nísia Floresta constrói, texto a texto, o argumento sobre a necessidade de educar as mulheres para garantir o progresso da humanidade. A desigualdade prejudicaria os homens por consequência, visto que era esperado que a mãe fosse a primeira preceptora dos filhos. Portanto, instruí-la e educá-la era um dever daqueles que se preocupavam verdadeiramente com o futuro da humanidade. Denuncia o atraso da mentalidade dos pais brasileiros, ocupados em cultivar a coqueteria e a vaidade em suas filhas, prepará-las para o casamento como um contrato, em que a sua função seria distrair o marido e gerar filhos.

Em *Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta* (1847), a educadora aponta que o retorno das educandas para o convívio familiar poderia prejudicar o seu desenvolvimento moral e comprometer o que fora ensinado no colégio. Essa é outra perspectiva abordada por Nísia Floresta: a ideia de que o atraso moral estava no seio das famílias brasileiras, uma maneira de culpabilizar os homens, chefes condutores das decisões do lar. A escravidão, presente no cotidiano das famílias brasileiras é apontada como fator de risco para a educação das meninas, que aprendiam desde os primeiros anos a serem cruéis ou a terceirizar as responsabilidades maternas.

A publicação de *Conselhos à minha filha* (1842), utilizado como manual moral pelas educandas do Colégio Augusto, oferecido gratuitamente ao público externo e traduzido, mais tarde, para o italiano, ilustra a união de sua atuação como educadora a escritora. As diversas recomendações dadas à Lívia tinham como objetivo inspirar nela as virtudes cultivadas por sua mãe. Essa é uma, dentre tantas outras, iniciativa de Nísia Floresta de colocar a si como exemplo a ser seguido, fosse por sua filha, por suas educandas ou demais leitoras.

É através da escrita que Nísia Floresta elabora uma versão ideal não somente de si, mas de filha, esposa e mãe, que deveria ser adotada por todas as mulheres e asseguradas pelos homens, que decidiam o futuro delas através da condução da família ou das leis. No entanto, é importante destacar que mulheres como Nísia Floresta não são produtos apenas da vontade ou permissão masculina. Na realidade, ela dirigia seus argumentos consciente de quem deveria convencer e transformar. Sabia que o poder de decisão estava, majoritariamente, nas mãos dos homens, e intentava convencê-los a mudar de ideia.

A educadora e escritora pode ser entendida como uma vontade ou decisão do pai, que possibilitou a sua instrução, mas isso seria um equívoco. Ter o acesso às letras facilitado contribuiu, mas não definiu a sua carreira. O interesse pelos estudos, pelo conhecimento, viajar para o Velho Mundo, estar diante dos lugares e das histórias que conhecera apenas pelos livros, e a iniciativa de usar sua existência para reivindicar a melhoria do seu sexo é autônoma, individual, pertence à Nísia Floresta e foi definida, entre outros fatores, pelas escolhas que fez no decorrer da vida. Atuar como educadora e escritora a fez elaborar o projeto defendido durante toda a sua carreira.

A escrita era, aliás, outro território de difícil acesso para as mulheres nos Oitocentos. Privadas de instrução, a maioria não possuía os meios necessários para produzir escritos, independentemente do gênero. Consideradas seres sem intelecto, vistas como eternas crianças, elas seriam incapazes de criar. Quando ultrapassavam esse limite imposto, causavam a

desconfiguração dos papéis sexuais, e despertavam o medo da desordem da família e, por conseguinte, da sociedade.

Chamadas de “mulheres autores” quando conseguiam atingir relativo sucesso no mundo da escrita, eram tratadas no masculino, pois somente possuir características do sexo oposto justificaria o êxito. A existência de Madame de Staël, George Eliot, George Sand, Maria Firmina dos Reis, Nísia Floresta, dentre outras, desafiavam os padrões sexuais por confrontarem diretamente as certezas quanto à inferioridade intelectual feminina.

As estratégias adotadas por escritoras, como o uso de pseudônimo, que no caso de Nísia Floresta não se aplica, visto que ganhou certo reconhecimento mesmo sob o signo feminino, adoção de um tom modesto e a abordagem de temas neutros, na maioria dos casos, permitiram a algumas que circulassem nesse meio predominantemente masculino. Havia aquelas que procuravam na escrita um meio de subsistência, traduzindo textos de outros autores ou publicando livros conforme o gosto do público.

Nísia Floresta adotou a escrita como instrumento de luta. Há uma diferença no tratamento recebido entre a primeira e a segunda metade do século XIX, ou melhor, entre antes e depois de sua viagem à Europa. Os títulos publicados no Brasil foram anunciados nos jornais e comentados em algumas ocasiões, mas as publicações em francês e italiano lhe conferiram certa credibilidade entre literatos e outros intelectuais. Exemplo disso é a diferença de tratamento entre a publicação em que foi chamada de “pobre diretora” e aquela em que é mencionada como “ilustre literata” em jornais do Brasil, ainda que tal reconhecimento não tenha ocorrido sem tensões.

Embora adotasse um tom modesto, Nísia Floresta não se abstém de se posicionar firmemente sobre assuntos espinhosos, como a escravidão, a causa indígena, as questões políticas de seu tempo, além, é claro, de defender o direito das mulheres à educação. Sua escrita é partidária, crítica, esboça sua defesa aos menos favorecidos, denunciando o que considerava como injustiças sob a justificativa de atrasarem o curso do progresso da humanidade.

A escravidão é abordada em *Opúsculo humanitário* (1853), *Páginas de uma vida obscura* (1855), *Scintille d'un'Anima Brasileira* (1859) e em *Trois ans em Italie, suivis d'un Voyage en Grèce* (1864-1872). Nísia Floresta associa a escravidão ao atraso moral da sociedade brasileira, e condena a prática, defendendo que os escravizados, se libertos, poderiam ser moralmente elevados e portarem virtudes como os brancos. Ia além, ao denunciar os senhores de escravizados como homens atrasados, com hábitos condenáveis. Em suma, seu desejo era por um mundo em que a escravidão não existisse.

A causa indígena, por sua vez, foi abordada de forma clara e contundente em *A lágrima de um Caeté* (1849), onde questiona a pretensa superioridade do colonizador e enfrenta as autoridades ao eleger o indígena como herói, símbolo de resistência, em meio à Revolução Praieira, o que lhe rendeu a censura e possivelmente motivou sua ida para a Europa em 1849. O indígena é visto como dotado de certa pureza e virtude, o que pode ser constatado na maneira como se refere às mulheres indígenas em *Opúsculo humanitário* (1853).

As questões sociais e políticas estão presentes na obra de Nísia Floresta, ainda que o foco principal não fosse esse. Em *Dedicação de uma amiga* (1850), romance histórico inacabado, enquanto descreve a conduta feminina ideal, personalizada na figura de Filena, e aquela que deveria ser combatida, representada por Alina, a escritora adota como pano de fundo a Cabanagem, revolta popular ocorrida no Norte do Brasil entre 1835 e 1840, demonstrando seu conhecimento sobre os acontecimentos do período.

Nísia Floresta não estava preocupada apenas em formatar modelos femininos ou em estar alinhada aos discursos conservadores. Seu projeto envolvia a sociedade em sua totalidade, e o conjunto da sua obra confirma isso. Seu objetivo era intervir no curso dos acontecimentos, transformar consciências, moldar um futuro com perspectivas melhores a partir da realidade por ela observada e criticada. Suas concepções acerca do passado, presente e futuro expressam a sua noção de historicidade, que estava em conformidade com o regime de historicidade mais comum nos Oitocentos: a ideia da história como portadora de lições e capaz de conduzir a humanidade em uma linha evolutiva. Suas críticas à escravidão, à tirania dos governantes ou ao lugar ocupado pela mulher naquela sociedade repercute essa visão. Acreditava que era preciso mudar o caminho para atingir resultados diferentes dos seus antepassados.

A escritora e educadora assume a posição de historiadora em diversos momentos de sua carreira, abordando a história do tempo presente enquanto constrói narrativas com caráter pedagógico, prescreve modelos de conduta feminina ou relata suas viagens pela Europa. As mulheres sempre estiveram presentes na história, como sujeitos, embora silenciadas, e como escritoras. As tentativas de limitar a escrita feminina e a relegar a um estatuto de inferioridade comparada à produção dos homens não impediram que as mulheres escrevessem, além dos tratados morais, traduções de livros de terceiros ou romances, também se ocuparam da escrita da história.

Rebaixadas pelo estigma que acompanha o termo amadorismo, essas mulheres desempenharam papel relevante na historiografia, ignorado por homens e mulheres que afirmam que a História das Mulheres teve início a partir da década de 1970. Ao contrário, tais escritoras iniciaram essa atividade há, pelo menos, dois séculos. Nísia Floresta pode ser

considerada como “alto amadora”, se dedicando aos registros e análises críticas dos acontecimentos do tempo presente, comparando-os com o passado, projetando perspectivas de futuro e demonstrando amplo conhecimento histórico.

Em suas narrativas de viagem, Nísia Floresta deixa evidente o seu fascínio pelas “reminiscências históricas” dos lugares que visitou. Através da análise dos seus relatos como viajante é possível conhecer os seus interesses, sentimentos e avaliação sobre a paisagem, as construções, o cotidiano, a cultura e os habitantes. E não se deve esquecer das questões políticas, sociais e religiosas. Há enfoques diferentes entre sua ida à Alemanha e os anos passados na Itália.

A forma como registra as suas viagens está em conformidade ao que era comumente praticado entre homens e, principalmente, entre mulheres que se aventuravam em ultrapassar os limites geográficos e intelectuais impostos ao seu sexo. Enquanto eles tinham os seus relatos publicados em vários volumes e ganhavam certo prestígio, a maioria das mulheres escrevia textos sem a intenção de publicá-los, em tom intimista, modesto, tendo os familiares e amigos como interlocutores e dotados de discursos autobiográficos.

Em *Itinéraire d'un Voyage en Allemagne* (1859), Nísia Floresta segue, em parte, essa espécie de modelo. O livro é organizado em cartas que mantinham a comunicação entre a brasileira e os familiares que permaneceram no Brasil, incluindo seu filho, Augusto Américo. No prefácio, o leitor é informado que a escritora não tinha a intenção de publicar o texto, mas fora incentivada por sua amiga, Eugénie Pelsef. Publicada em francês, a narrativa detalha seus sentimentos, especialmente a saudade da família e de sua pátria. A viagem é justificada pela necessidade de amenizar o luto da perda de sua mãe. Nísia Floresta demonstra fascínio pelas reminiscências históricas, pelos hábitos dos alemães, e faz referências à história dos lugares que visita, que incluíam museus, jardins, universidades, castelos, dentre outros.

Trois ans em Italie, suivis d'un Voyage en Grèce (1864-1872), por sua vez, apresenta diferenças em relação à narrativa de viagem anterior: foi dividida em dois volumes e tinha a intenção de atingir um público leitor para além de seus familiares. Nesse caso, Nísia Floresta se aproxima das produções masculinas. Ainda que mantenha a modéstia, a escritora não se exime de emitir sua opinião sobre os mais diversos assuntos: critica o clero, incluindo o papa, os governantes, a quem chama de tiranos e déspotas, lamenta a destruição das ruínas e monumentos, e clama pela liberdade da Itália. Também se ocupa do cotidiano, descrevendo conversas, vestimentas, e detalha encontros que deram a oportunidade de desfazer a maneira negativa e errônea com que os brasileiros eram vistos pelos europeus. Além disso, aborda a

educação feminina, a caridade, o casamento, a prostituição, a necessidade de reformas que libertem o povo da ignorância e garanta o progresso da humanidade.

Nísia Floresta descreve as paisagens e conta a história dos lugares que visita, reclama das memórias perdidas com a depredação das ruínas, e estabelece comparações entre o passado e o presente. Os detalhes da viagem se alternam com temas que ela considera importantes, e no segundo volume, considera relevante registrar os acontecimentos políticos ligados ao Risorgimento italiano. Ela adota uma posição política, analisando tanto notícias quanto conversas populares para formar e registrar suas opiniões.

A escritora menciona as amizades feitas, e descreve a maneira afetuosa e respeitosa com que era tratada. Circula por diferentes espaços de saber, frequentando cursos nas universidades, demonstrando interesse em ciências naturais, além da filosofia. Nas reuniões, nos salões, é tratada com honras, capaz de manter o diálogo sobre música, literatura, filosofia e política. Sua presença parece ser requisitada frequentemente, com diferentes pedidos para que se hospedasse na casa dos amigos ou que aceitasse companhia em seus passeios.

Tais informações são registradas pela escritora, o que significa que é necessário ter o devido cuidado com a confiabilidade dos relatos. A escrita de Nísia Floresta é marcada pelos discursos autobiográficos. Em meio aos relatos de viagem, por exemplo, ela menciona passagens de sua infância, de sua convivência com Augusto, da morte dos entes queridos, de sua experiência como educadora, descreve a reação das pessoas ao conhecê-la, os comentários elogiosos ao seu livro. Assim, Nísia Floresta constrói uma imagem de si, apaga fatos que poderiam comprometer a sua honra. Por outro lado, a publicação em italiano de *Conselhos à minha filha* (1858, 1859), *Cintilação de uma alma brasileira* (1859) e *A lágrima de um Caeté* (1860) corroboram que ela desfrutava de certo prestígio e respeitabilidade como escritora.

As viagens enriquecem o seu intelecto, expandem a sua rede de contatos, ajudam na elaboração de argumentos, mas não modificam o cerne de seu projeto em defesa da educação feminina. Ao contrário, oferecem novas possibilidades de discutir e intentar convencer seus interlocutores da necessidade de garantir a instrução e a educação moral adequada às mulheres. Além disso, defende o fim da escravidão, salientando seu compromisso com tais causas, independentemente de onde estivesse escrevendo.

As relações interpessoais e intelectuais que estabeleceu são evidenciadas em sua escrita. Nísia Floresta menciona nominalmente diversos escritores e filósofos do seu tempo, ora concordando, ora discordando com as ideias propostas. Madame de Staël é eleita como uma mulher escritora modelo, pois apresentava, na opinião de Nísia Floresta, instrução e educação, sem apresentar exemplos perniciosos para o seu sexo. Madame de Staël é elogiada, ainda, por

seu posicionamento político, contrário a Napoleão. Ela poderia ser apontada como uma influência decisiva para Nísia Floresta, que demonstra conhecer a obra da escritora francesa e admirá-la profundamente.

A escritora brasileira também evidencia conhecer a produção de George Sand, Chateaubriand, Goethe, Harriet Beecher Stowe, Condorcet, John Stuart Mill, Jean-Jacques Rousseau, Olinthus-Gilbert Gregory, Claude Adrien Helvétius, Alexandre Herculano, e muitos outros. Nísia Floresta estabelece diálogos e conexões, formulando seus próprios argumentos, contrariando seus contemporâneos que defendiam que à mulher caberia apenas a cópia, jamais a invenção. Conhecedora das discussões que envolvia o seu sexo, se insere nos debates de maneira autônoma e crítica.

A sua “tradução livre” de *Direito das mulheres e injustiça dos homens*, atribuída equivocadamente à *Reivindicação dos direitos das mulheres* de Mary Wollstonecraft, representa, oficialmente, a sua inserção nos debates acerca dos direitos femininos, e uniu a carreira de ambas. Assim, a trajetória de Nísia Floresta foi comparada à de Wollstonecraft, o que contribui para que seja apontada como precursora do feminismo no Brasil e na América Latina. Após a reedição do livro e o desenvolvimento de pesquisas a ele associadas, entretanto, ficou evidente que não se tratava do mesmo texto, o que não anula os feitos de Nísia Floresta em defesa das mulheres, nem mesmo a sua escolha em traduzir o texto que lera em francês e, decerto, concordou com o conteúdo ao ponto de publicá-lo.

Posteriormente, em *Opúsculo humanitário*, expressa o que seria um distanciamento das causas defendidas por Wollstonecraft, embora a cite diretamente no mesmo livro. Nísia Floresta reconhece que Wollstonecraft perdera credibilidade devido aos escândalos de sua vida íntima, logo, não era conveniente continuar usando o seu nome. Apesar disso, a escritora brasileira compartilha ideias muito semelhantes às defendidas pela inglesa, como a necessidade de melhorar e ampliar a educação oferecida às mulheres, o combate às filosofias que afirmavam que a natureza feminina era frágil, fútil e voltada para servir e agradar aos homens. Apesar da aproximação entre o projeto de ambas, a brasileira tente negá-la para não prejudicar a si e à circulação de suas ideias.

Com Augusto Comte a postura de Nísia Floresta é diferente. Sua aproximação com o filósofo ocorre motivada principalmente pelo lugar concedido à mulher na filosofia positivista. A escritora frequentou ocasionalmente o curso ministrado por ele em Paris, e recebeu, anos depois, exemplares de seus escritos para estudo, conforme indica as cartas trocadas entre eles. Essas comprovam a existência de uma relação amigável, caracterizada pela admiração mútua, em que um tentava convencer o outro da validade de suas ideias. Comte desejava que Nísia

Floresta abandonasse alguns princípios que dificultavam sua aceitação do positivismo, enquanto ela continuou a defender a educação feminina, posição diferente da recomendação do filósofo.

As cartas atestam a aproximação entre eles, assim como revelam as tensões dessa relação. Exemplo disso é a insistência feita por Nísia Floresta para que Comte aceitasse tratamento médico para doença que o acometia, enquanto ele rechaça seu pedido, acreditando ser capaz de curar a si e, assim, se tornar exemplo de quão longe seu sistema filosófico poderia levar a humanidade. É preciso assumir que essas tensões se estendiam a questões maiores. A escritora era a comprovação de que a mulher idealizada por Comte não era válida. Assim, ou o filósofo permaneceria defendendo o seu modelo feminino e buscando os defeitos que dificultassem a adesão de Nísia Floresta, ou reconheceria que uma mulher educada, instruída e vivendo para além do ambiente doméstico poderia ser útil para a humanidade.

É neste sentido que a escritora brasileira se torna um contra-modelo se comparada àquilo que foi postulado por Comte para o seu sexo: mulher, escritora, detentora do saber e de capacidade criativa, provedora, incluindo doações para a sobrevivência do filósofo, viajante, que frequentava aulas públicas em universidades, e defensora do direito das mulheres a uma educação e instrução adequadas. Nísia Floresta foi além, utilizando os argumentos que valorizavam a mulher a partir de sua importância na família, tida como a base da sociedade, tal como o positivismo pregava, para defender que a educação das mulheres não era apenas um direito, mas um dever, considerando seu papel decisivo na composição social.

Era, portanto, dever dos homens que ditavam as leis e o funcionamento da sociedade ampliar a educação moral e a instrução oferecida às mulheres para que elas desempenhassem adequadamente o papel de filha, esposa e mãe. Como primeira educadora dos filhos, as mães precisavam receber uma preparação à altura de sua função. Era incoerente, conforme as ideias reafirmadas constantemente por Nísia Floresta, que se elegesse a mulher como principal motor do progresso moral da humanidade e a mantivesse ignorante, privada de uma educação adequada e subjugada por discursos que valorizavam apenas sua aparência e incentivavam o seu desejo de agrada. A mulher era mantida numa eterna infância de maneira proposital.

Nísia Floresta parece se alinhar aos discursos conservadores, especialmente àqueles que se detinham sobre as funções sociais da mulher, seu poder sobre o ambiente doméstico, concepções amplamente defendidas em tratados médicos, filosóficos e jurídicos, além de apregoados pela literatura e imprensa. Entretanto, essa é apenas parte de seu projeto, a impressão que teria um leitor desatento, que desconhece sua biografia e o conjunto de sua obra.

A escritora e educadora prescreve modelos femininos ideais, a “sublime tríade”: filha, deveria amar e respeitar os pais; esposa, seu dever é ser doce, solícita em ofertar o que é necessário, útil e agradável ao seu escolhido, sem perder a sua vontade própria, sendo, antes, companheira e honesta; e a mãe, deveria estar atenta à educação dos filhos, em guiá-los no caminho da virtude. Aquilo que parece em conformidade com conservadorismo vigente revelase inovador ao considerar a possibilidade de a mulher escolher livremente tanto o matrimônio quanto o cônjuge, visto que, naquele contexto histórico, era habitual que o casamento fosse determinado pelo pai, contemplando aspectos comerciais, interesses sociais ou alianças familiares. Esse é apenas um exemplo de como articula conservadorismo e ousadia, dentre outros que estão presentes em sua obra.

Nísia Floresta utiliza o vocabulário comum à sua época, afirmação óbvia, mas ignorada por aqueles que cruzam os termos usados por ela com a filosofia positivista para defender uma completa adesão de sua parte. Acompanhando as discussões intelectuais de seu tempo, os lançamentos literários, frequentando teatros, a escritora dialoga com os valores culturais de seu tempo, se comunica com os códigos que estão disponíveis, fabricando suas representações e se apropriando do que estava em conformidade com o seu projeto.

O projeto elaborado é pretensamente universal, estruturado a partir da observação da realidade brasileira e do diálogo com o pensamento europeu. Antes de sua viagem, suas formulações resultavam da leitura de outros autores, incluindo estrangeiros, aliada à experiência nacional. O contato direto com a Europa, porém, confere maior amplitude a seu discurso, permitindo-lhe comparar realidades distintas. Dessa posição, denuncia as deficiências da educação feminina e consolida o caráter universal de sua reflexão.

A escritora recorre ao estilo compartilhado por outras “mulheres autores” como estratégia para ser aceita, lida entre o público masculino. Sob o verniz da submissão e da obediência feminina, Nísia Floresta critica o estado da educação feminina e defende que a instrução não subverteria a ordem, não significaria o fim da família, mas contribuiria para o progresso da humanidade.

Enquanto defende a importância da mulher para a família e reafirma a sua domesticidade, viajava pela Europa, deixando o filho e outros familiares no Brasil, se transformando em um exemplo para suas contemporâneas de que as barreiras domésticas não eram suficientes para barrar uma mulher devidamente educada e instruída. Em diálogo com os homens, detentores das palavras e das leis, Nísia Floresta propõe reflexões para convencê-los dos benefícios de educar suas filhas. Se não podia falar diretamente às suas semelhantes,

recorria àqueles que tinham o poder de efetivar o seu projeto, afirmando que seriam eles os principais favorecidos com os avanços.

Mantendo o tom aparentemente ameno, Nísia Floresta distribui críticas e propõe reformas. Confronta os senhores de escravizados, ciente de que eram homens abastados e instruídos, portanto, potenciais leitores de seus textos, e defende que a liberdade produziria resultados duradouros, e que a moralidade dependia de suas consciências. Questiona o assassinato dos indígenas sob a justificativa do avanço colonizador. Defende a valorização social das mulheres, as escolhendo como protagonistas das transformações sociais e morais apregoadas pelos intelectuais de seu tempo.

A aparente contradição entre a sua vida privada e o conteúdo de sua escrita é a comprovação de sua ousadia, astúcia e inovação. Sua experiência é a constatação do erro daqueles que condenam a educação feminina. Se apresentando como filha, esposa e mãe ideal, a escritora elabora uma imagem de si, enquanto se apresenta como exemplo das potencialidades da educação feminina.

Apesar da modéstia e humildade afirmada em seus escritos e o reconhecimento de que havia limitações em seus argumentos, que ela dificilmente acreditava ser verdade, Nísia Floresta tinha por objetivo contar com a generosidade do julgamento masculino para com a sua escrita, e não como aquela que se impõe e rivaliza com a escrita de homens. Não pretendia, portanto, ser vista como uma concorrente no mercado literário, mas garantir que seu projeto atingisse o maior número de leitores possíveis e pudesse conquistar adeptos.

A escritora e educadora estava ciente de que para ser lida e respeitada era necessário adequar a sua escrita o quanto possível aos discursos hegemônicos de sua época. Isso não significa que discordasse absolutamente dos papéis atribuídos às mulheres nos Oitocentos. Nísia Floresta é, obviamente, uma mulher do seu tempo, logo, é da realidade vivenciada que constrói as suas representações, é a partir da apropriação dos textos lidos, de palestras e conversas, que endossa os seus argumentos. Assim, quando almejava uma sociedade diferente, era partindo da realidade observada.

Nísia Floresta denunciou a tirania de governantes, e emitia opiniões, embora afirmasse não ser capaz de fazê-lo. No Brasil, *A lágrima de um Caeté* causou descontentamento das autoridades, e pode ter motivado sua primeira viagem à Europa, ainda que a justificativa dada pela escritora estivesse relacionada à saúde da filha. Além disso, apontava o prejuízo causado pelo domínio português no Brasil, exemplos de que não se eximia de se posicionar politicamente.

Sabendo que era necessário manter sua honra intacta, não somente para assegurar a circulação dos seus escritos, mas para manter a clientela do Colégio Augusto, Nísia Floresta omite fatos de sua vida, e descreve a si como modelo de conduta. A escrita é utilizada como recurso de apagamento ou para enaltecer suas virtudes. Assim, Nísia Floresta ocupa o lugar de objeto e fonte. A leitura de seus textos informa sobre a autora e sobre o seu contexto histórico.

Seus escritos compõem panoramas de uma época, com observações sobre o governo, a sociedade, a religiosidade, o cotidiano, a educação, a cultura, enquanto se envolve nos acontecimentos e os registra. Educadora, literata, filósofa, historiadora: Nísia Floresta assume diversas versões de si, ultrapassando os limites impostos ao seu sexo e propondo reformas para que não fosse a única a usufruir das possibilidades abertas pela educação e instrução. Ela é o exemplo de que mulheres educadas e instruídas eram dotadas de intelecto, criatividade e poderiam existir para além do espaço doméstico.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Elizabeth de Sousa. “*O dote é a moça educada*”: mulher, dote e instrução em São Luís na Primeira República. São Luís: EDUEMA, 2012.

ARAÚJO, Johny Santana de; SILVA, Francisco de Assis Oliveira. O. A construção do Estado Imperial brasileiro: Confederação do Equador e a província do Piauí 1823-1825. *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v. 20, n. 33, p. 102-119, set. 2020. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/cadernoshistoria/article/view/23544>. Acesso em: 6 nov. 2025.

ARNAUD-DUC, Nicole. As contradições do direito. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle (org.). *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991.

ARQUIVO HISTÓRICO DA CÚRIA METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE. Livro de Registro de Batismo da Matriz Madre de Meus de Porto Alegre, fl. 62. In: RIO GRANDE DO SUL. *Registros da Igreja Católica, 1738-1952*. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-F833-2M?i=542&cc=2177295>. Acesso em: 6 jan. 2023.

ASCIUTTI, Mônica Maria Rinaldi. *Um lugar para o periódico O Novo Mundo (Nova Iorque, 1870-1879)*. 2010. 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-24092010-144834/publico/2010_MonicaMariaRinaldiAsciutti.pdf. Acesso em: 30 jan. 2024.

ASPHE, RHE. Lei n. 1, de 1837, e o decreto n. 15, de 1839, sobre Instrução Primária no Rio de Janeiro - 1837. *Revista História da Educação*, [S. l.], v. 9, n. 18, p. 199-205, 2012. p. 199. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/29135>. Acesso em: 28 jul. 2025.

BADINTER, Elizabeth. *As paixões intelectuais: vontade de poder, 1762-1778*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BADINTER, Elizabeth. *Émilie, Émilie: a ambição feminina no século XVIII*. São Paulo: Discurso Editorial; Duna Duetto; Paz e Terra, 2003.

BARRENTO, João. Prefácio. In: GOETHE, Johann Wolfgang. *Viagem à Itália*. Lisboa: Bertrand, 2016.

BASSANEZI, Carla; PEDRO, Joana Maria (org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018.

BERNARDIN de Saint-Pierre. *Infopédia: Dicionários Porto Editora*. Porto. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/artigos/\\$bernardin-de-saint-pierre](https://www.infopedia.pt/artigos/$bernardin-de-saint-pierre). Acesso em: 23 abr. 2025.

BERRIOT-SALVADORE, Évelyne. O discurso da medicina e da ciência. In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlete (org.) *História das mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991.

BIBLIOTECA NACIONAL. Biblioteca Nacional Digital. *Joaquim Norberto de Souza*. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/joaquim-norberto-de-souza>. Acesso em: 1 ago. 2025.

BIBLIOTECA NACIONAL. *Jornal do Commercio (Rio De Janeiro)*. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/jornal-do-commercio-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 30 jan. 2024.

BIBLIOTECA NACIONAL. *Série periódicos brasileiros: Gazeta do Rio de Janeiro, 10 de setembro de 1808*. Disponível em: <https://antigo.bn.gov.br/explore/curiosidades/serie-periodicos-brasileiros-gazeta-rio-janeiro-10-setembro>. Acesso em: 14 nov. 2023.

BOTTING, Eileen Hunt. Wollstonecraft in Europe, 1792-1904: a revisionist reception history. *History of European Ideas*, [S. l.], v. 39, n. 4, p. 503-527, out. 2012. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/01916599.2012.725668>. Acesso em: 2 set. 2025.

BOTTING, Eileen Hunt. *Wollstonecraft, Mill, and women's human rights*. New Haven: Yale University Press, 2016.

BOTTING, Eileen Hunt; MATTHEWS, Charlotte Hammond. Overthrowing the Floresta-Wollstonecraft myth for Latin American feminism. *Gender & History*, v. 26, n. 1, p. 64-83, abr. 2014. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1468-0424.12052>. Acesso em: 21 out. 2025.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.) *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-191.

BRANDÃO, Ulisses. *A confederação do Equador*. Recife: Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, 1924.

BRASIL, Bruno. Ostensor Brasileiro. *Biblioteca Nacional Digital*. 6 abr. 2015. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/ostensor-brasileiro-jornal-litterario-e-pictoreal/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

BRASIL. *Anais do Parlamento Brasileiro*. Câmara dos deputados. Quarto ano da quarta legislatura. Sessão de 1841. Rio de Janeiro: Tipografia da Viúva Pinto e Filho, 1883. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=132489&pasta=ano%20184&pesq=%22Sendo%20as%20mulheres%20pela%20disposi%C3%A7%C3%A3o%20%22&pagfis=15644>. Acesso em: 15 nov. 2025.

BRASIL. *Constituição política do Império do Brasil*. Rio de Janeiro, 1824. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm. Acesso em: 1 dez. 1823.

BRASIL. *Lei de 15 de outubro de 1827*. Rio de Janeiro, 1827. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM..-15-10-1827.htm#:~:text=LEI%20DE%2015%20DE%20OUTUBRO,lugares%20mais%20populosos%20do%20Imp%C3%A9rio. Acesso em: 4 dez. 2023.

BRASIL. *Lei de 20 de outubro de 1823*. Rio de Janeiro, 20 out. 1823. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/antioresa1824/lei-40951-20-outubro-1823-574564-publicacaooriginal-97677-pe.html. Acesso em: 22 nov. 1823.

BRASIL. *Lei nº 16, de 12 de agosto de 1834*. Rio de Janeiro, 1834. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/leimp/1824-1899/lei-16-12-agosto-1834-532609-publicacaooriginal-14881-pl.html>. Acesso em: 10 dez. 2023.

BUTT, John Everett. Alexandre Pope. *Encyclopaedia Britannica*. Disponível em: <https://www-britannica-com.translate.goog/biography/Alexander-Pope-English-author>. Acesso em: 1 set. 2025.

CÂMARA, Aduauto da. *História de Nísia Floresta*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1941.

CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de. Os nomes da Revolução: lideranças populares na Insurreição Praieira, Recife, 1848-1849. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 35, p. 209-238, 2003.

CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de; CÂMARA, Bruno Augusto Dornelas. A Insurreição Praieira. *Almanack Braziliense*, São Paulo, n. 8, p. 5-38, nov. 2008.

CASCUDO, Luiz da Câmara. Biografia impossível. In: KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Tradução de Luiz da Câmara Cascudo. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1942. p. 9-16.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 4, p. 37-47, 1995.

COMTE, Augusto. *Catecismo positivista ou a sumária exposição da Religião da Humanidade*. Tradução de Miguel Lemos. 2. ed. Rio de Janeiro: Sede Central da Igreja Positivista do Brasil, 1895. Disponível em: <http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/6868>. Acesso em: 25 out. 2025.

COMTE, Augusto. *Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os pensadores).

COMTE, Augusto. *Discurso sobre o espírito positivo*. São Paulo: Montecristo Editora, 2022.

COMTE, Augusto. *Testament d'Auguste Comte*. Paris: Fonds Typographique De L'exécution Testamentaire D'Auguste Comte, 1896.

CORNWELL, Bernard. *Waterloo: a história de quatro dias, três exércitos e três batalhas*. O confronto que deteve Napoleão. Rio de Janeiro: Record, 2015.

COSTA, Patrícia Rodrigues; SOUSA, Germana Henriques Pereira de. George Sand no Brasil. *Belas infieis*, Brasília, v. 4, n. 1, p. 257-288, 2015.

CRAMPE-CASNABET, Michèle. A mulher no pensamento filosófico do século XVIII. In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlete (org.). *História das mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991.

CRAWFORD, Mabel Sharman. *Life in Tuscany*. Londres: Smith, Elder and Q., 1859. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=ajkNAAAAYAAJ&pg=GBS.PR8&hl=pt>. Acesso em: 7 mar. 2025.

CRAWFORD, Mabel Sharman. *Trough Algeria*. Londres: Richard Bentley, 1863. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=gVMBAAAAQAAJ&pg=GBS.PR2&hl=pt>. Acesso em: 7 mar. 2025.

DAVIS, Natalie Zemon. A mulher “na política”. In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlete (org.). *História das mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991.

DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

DEL PRIORE, Mary. Prefácio. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho (org.). *Mulheres viajantes no Brasil (1764-1820)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008. p. 7-10.

DEL PRIORI, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

DESAIVE, Jean-Paul. As ambiguidades do discurso literário. In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlete (org.). *História das mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991.

DIAS, Luma Pinheiro Dias; QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. Mary Wollstonecraft, Nísia Floresta, Sophia e a escrita em defesa dos direitos das mulheres. *Contraponto*, Teresina, v. 11, n. 1, p. 43-63, jan./dez. 2022. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/contraponto/article/view/14038/8485>. Acesso em: 6 set. 2024.

DIAS, Luma Pinheiro. *Nísia Floresta e a escrita em defesa da educação feminina nos Oitocentos*. 2017. 166 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017.

DIAS, Luma Pinheiro; QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. Quando projetos se encontram: a mulher entre Augusto Comte e Nísia Floresta. *Rev. Hist. UEG*, Porangatu, v. 6, n. 1, p. 162-183, jan./jul. 2017. Disponível em: https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/pt_BR/article/view/5762. Acesso em: 19 out. 2025.

DUARTE, Constância Lima (org.). *Cartas: Nísia Floresta e Augusto Comte*. Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres, 2002.

DUARTE, Constância Lima. A ficção didática de Nísia Floresta. In: LOPES, Eliane Marta Texeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (org.). *500 anos de educação no Brasil*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 291-324.

DUARTE, Constância Lima. As viagens e o discurso autobiográfico de Nísia Floresta. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 25, jul./dez. 2009.

DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta*. Recife: Editora Massangana, 2010.

DUARTE, Constância Lima. Nísia Floresta: incompreensão em relação à sua genialidade. *Ciência & Trópico*, Recife, v. 26, n. 2, p. 253-260, jul./dez. 1998

DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: vida e obra*. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995.

DUARTE, Dioclecio D. Nísia Floresta e o sentimento nacional. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 114, n. 198, p. 4, 25 maio 1941.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. Escrever a História das Mulheres. In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlete (org.). *História das mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991.

DULONG, Claude. Da conversação à criação. In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlete (org.). *História das mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991.

FALCI, Miridan B. Knox. Mulheres do sertão nordestino. In: DEL PRIORI, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

FARGE, Arlette; DAVIS, Natalie Zemon. Introdução. In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlete (org.). *História das mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane Marta Texeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (org.). *500 anos de educação no Brasil*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FERNANDES, Rogério. As Cortes Constituintes da Nação Portuguesa e a educação pública. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (org.). *Histórias e memórias da educação no Brasil: século XIX*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 19-33.

FERREIRA, Flávio Rodrigo Freire. De Papary à (Dio) Nísia: cidade e mulher. *Imburana – Revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses*, Natal, n. 3, p. 25-37, fev./jun. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/imburana/article/view/969/878>. Acesso em: 6 nov. 2025.

FERREIRA, Lígia Fonseca. Itinerário de uma viajante brasileira na Europa: Nísia Floresta (1810-1885). *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, n. 3, p. 22-44, nov. 2016. Disponível em: <https://portal.sescsp.org.br/files/artigo/056047b5-d391-4745-a436-4421aee1b0e9.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2025.

FLORESTA, Nísia. *A lágrima de um Caeté*. Rio de Janeiro: Tipografia de L. A. F. Menezes, 1849. Disponível em: <https://archive.org/details/DELTA53690FA/page/n7/mode/2up>. Acesso em: 30 jan. 2024.

FLORESTA, Nísia. *Cintilações de uma alma brasileira*. Tradução de Michele A. Vartulli. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.

FLORESTA, Nísia. *Conselhos à minha filha, com 40 pensamentos em versos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Imperial de F. de Paula Brito, 1845. Disponível em: https://play.google.com/books/reader?id=c_ZCAQAAMAAJ&pg=GBS.PR3&hl=pt. Acesso em: 23 out. 2025.

FLORESTA, Nísia. *Consigli a mia figlia*. Florence: Stamperia Sulle Logge del Grano, 1858. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/view/?45000008039&bbm/2878#page/1/mode/2up>. Acesso em: 30 jan. 2024.

FLORESTA, Nísia. *Dedicação de uma amiga*. Niterói: Tipografia Fluminense de Lopes & Cia, 1850.

FLORESTA, Nísia. *Direito das mulheres e injustiça dos homens*. 2. ed. Porto Alegre: Tipografia de V. F., 1833. Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or1622247/or1622247.pdf. Acesso em: 30 jan. 2024.

FLORESTA, Nísia. *Direito das mulheres e injustiça dos homens*. São Paulo, Cortez: 1989.

FLORESTA, Nísia. *Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta*. Rio de Janeiro: Tipografia de F. de Paula Brito, 1847. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=Dr1GAQAAMAAJ&hl=pt>. Acesso em: 23 out. 2025.

FLORESTA, Nísia. Fany ou o modelo das donzelas. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Inéditos e dispersos de Nísia Floresta*. Natal: EDUFRN, 2009. p. 95-102.

FLORESTA, Nísia. *Fragmentos de uma obra inédita: notas biográficas*. Tradução de Nathalie Bernardo da Câmara. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FLORESTA, Nísia. *Fragments d'un ouvrage inédit, notes biographiques*. Paris: A. Chérié, 1878. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=ICxEAQAAMAAJ&pg=GBS.PA2&hl=pt>. Acesso em: 4 nov. 2025.

FLORESTA, Nísia. *Itinéraire d'un voyage en Allemagne*. Paris: A. Chérié Editeur, 1857. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=SI5aAAAACAAJ&pg=GBS.PP1>. Acesso em: 23 out. 2025.

FLORESTA, Nísia. *Itinerário de uma viagem à Alemanha*. Tradução de Francisco Chagas Pereira. Natal: Editora Universitária, 1982.

FLORESTA, Nísia. *Le lagrime de um Caeté*. Firenze: Di Felice Le Monnier, 1860. Disponível em: https://play.google.com/books/reader?id=bktOmvp_4U4C&pg=GBS.PA1&hl=pt. Acesso em: 21 nov. 2025.

FLORESTA, Nísia. *Opúsculo humanitário*. Rio de Janeiro: Tipografia de M. A. Silva Lima, 1853. Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasgerais/drg376981/drg376981.html#page/1/mode/1up. Acesso em: 30 jan. 2024.

FLORESTA, Nísia. *Scintille d'un'anima brasiliana*. Firenze: Tipografia Barbera. Bianchi & C., 1859. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=ShpJAQAAMAAJ&pg=GBS.PA64&hl=pt>. Acesso em: 23 out. 2025.

FLORESTA, Nísia. Três anos na Itália, seguidos de uma viagem à Grécia, v. 1. In: LÚCIO, Sônia Valério Marinho. *Uma viajante brasileira na Itália do Risorgimento*: tradução comentada do livro *Trois ans en'Italie suivis d'un voyage en Grèce* (vol. I – 1964; vol. II – s. d.) de Nísia Floresta Brasileira Augusta. 1999. 754 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999a.

FLORESTA, Nísia. Três anos na Itália, seguidos de uma viagem à Grécia, v. 2. In: LÚCIO, Sônia Valério Marinho. *Uma viajante brasileira na Itália do Risorgimento*: tradução comentada do livro *Trois ans en'Italie suivis d'un voyage en Grèce* (vol. I – 1964; vol. II – s. d.) de Nísia Floresta Brasileira Augusta. 1999. 754 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999b.

FLORESTA, Nísia. *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*. Paris: Libraire E. Dentu, 1864. v. 1. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=v2U3AQAAMAAJ&pg=GBS.PA156>. Acesso em: 22 out. 2025.

FLORESTA, Nísia. *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*. Paris: Libraire E. Dentu, 1872. v. 2. Disponível em:

<https://play.google.com/books/reader?id=6usJmjAoOVAC&pg=GBS.PP1>. Acesso em: 22 out. 2025.

FLORESTA, Nísia. Viagem a Sorrento. *A Reforma*. Rio de Janeiro, ano 7, n. 293, p. 1-2, 31 dez. 1875.

FONTES, Janaína Gomes. As heroínas de George Eliot: subversão ou conformismo. In: SEMINÁRIO MULHER E LITERATURA, 14., 2011, Brasília. *Anais do XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura/ V Seminário Internacional Mulher e Literatura*, Brasília, 2011, v. 1, n. 1. Disponível em: <<http://www.mulhereliteratura.com.br/anais/>>. Acesso em: 1 abr. 2016.

FONTES, Janaína Gomes. *George Eliot: a maternidade ressignificada*. 2014. 268 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FRAISSE, Geneviève. Da destinação ao destino: história filosófica da diferença entre os sexos. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle (org.). *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991. p. 59-95.

FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle. Introdução: ordens e liberdade. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle (org.). *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho (org.). *Mulheres viajantes no Brasil (1764-1820)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

FRANCO, Stella Maris Scatena. Viagem e gênero: tendências e contrapontos nos relatos de viagem de autoria feminina. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 50, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8650737/16899>. Acesso em: 2 mar. 2025.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano*. São Paulo: Global, 2006.

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO. *Henrique Castriciano de Souza*. Disponível em: http://adcon.rn.gov.br/ACERVO/secretaria_extraordinaria_de_cultura/DOC/DOC000000000113066.PDF. Acesso em: 28 out. 2025.

GAY, Peter. *A educação dos sentidos: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das letras, 1988.

GAY, Peter. O poderoso sexo frágil. In: GAY, Peter. *O cultivo do ódio: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GELBART, Nina Rattner. As mulheres jornalistas e a imprensa nos séculos XVII e XVIII. In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlete (org.). *História das mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991.

GENI. Antônio Fernandes Rodrigues. Disponível em: <https://www.geni.com/people/Ant%C3%B4nio-Fernandes-Rodrigues/6000000080563267181>. Acesso em: 30 dez. 2023.

GENI. Bento Freire do Revoredo. Disponível em: <https://www.geni.com/people/Capit%C3%A3o-Mor-Bento-Freire-do-Revoredo/6000000031333056559>. Acesso em: 30 dez. 2023.

GIANNOTTI, José Arthur. Comte: vida e obra. In: COMTE, Augusto. *Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os pensadores)

GODINEAU, Dominique. Filhos da liberdade e cidadãs revolucionárias. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle (org.). *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991.

GOETHE, Johann Wolfgang. *Viagem à Itália*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra. *Educação, poder e sociedade no Império brasileiro*. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

GORDON, Charlotte. *Mulheres extraordinárias: as criadoras e a criatura*. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2020.

GRAY, Peter. Crawford, Mabel Sharman. *Dicionário de biografia irlandesa*. Dublin, abr. 2024. Disponível em: <https://www.dib.ie/biography/crawford-mabel-sharman-a10358>. Acesso em: 7 mar. 2025.

GREGORY, John. *A father's legacy to his daughters*. Londres: Wood & Innes, 1808. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/cache/epub/50108/pg50108-images.html>. Acesso em: 18 fev. 2024.

GUIDOTTI, Mirella. A construção do olhar: a Viagem à Itália, de Goethe. *Pandaemonium*, São Paulo, v. 15, n. 19, p. 122-136, jul. 2012.

GUIMARÃES, Antônio de Freitas. Agradecimento. *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro, 15 nov. 1885.

GUIMARÃES, Irene Maestro Sarrión dos Santos. A Comuna de Paris: uma fissura na subjetividade jurídica burguesa. In: MARTINS, Carla Benitez; BATISTA, Flávio Roberto; SEFERIAN, Gustavo (org.). *Comuna de Paris, Estado e Direito*. Belo Horizonte: RTM, 2021. p. 99-112.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-27, 1988.

HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HAHNER, June E. Honra e distinção das famílias. In: BASSANEZI, Carla; PEDRO, Joana Maria (org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018.

HARTMANN, Ivan. *Aspetos da Guerra dos Farrapos*. Novo Hamburgo: Feevale, 2002.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presenteísmo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HEILBRONER, Robert L. Adam Smith. *Encyclopaedia Britannica*, 4 ago. 2025. Disponível em: <https://www-britannica-com.translate.goog/biography/Adam-Smith>. Acesso em: 1 set. 2025.

HOBBSAWM, Eric J. *A era das revoluções, 1789-1848*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

HOBBSAWM, Eric J. *A era do capital, 1848-1875*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

HOOCK-DEMARLE, Marie-Claire. Ler e escrever na Alemanha. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle (org.). *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991.

HOOCK-DEMARLE, Marie-Claire. Ler e escrever na Alemanha. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle (org.). *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991.

JAMES FORDYCE. *Encyclopaedia Britannica*. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/James-Fordyce>. Acesso em: 23 nov. 2025.

JAMES HERVEY. *Encyclopaedia Britannica*. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/James-Hervey>. Acesso em: 23 nov. 2025.

JINZENJI, Mônica Yumi. Leitura e escrita femininas no século XIX. *Cadernos Pagu*, Campinas, p. 367-394, jan./jun. 2012.

KESSEL, Elisja Schulte van. Virgens e mães entre o céu e a terra: as cristãs no início da Idade Moderna. In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlete (org.). *História das mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991. p. 181-227.

KITCHEN, Martin. *História da Alemanha moderna de 1800 aos dias de hoje*. São Paulo: Cultrix, 2013.

KNIBIEHLER, Yvonne. Corpos e corações. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle (org.). *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991. p. 351-401.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Tradução de Luiz da Câmara Cascudo. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1942.

LA BARRE, François Poulain de. *De l'Égalité des deux sexes*. Paris: Jean Du Puis, 1673. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=JLcALUU3ZMEC&pg=GBS.PP6&hl=pt>. Acesso em: 3 set. 2025.

LABORATÓRIO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA DAS AMÉRICAS. *João Manoel Pereira da Silva (1817-1898)*. Disponível em: <https://leha.fflch.usp.br/es/node/58>. Acesso em: 25 mar. 2025.

LIMA, Ana Cristina Pereira. Irmãs vicentinas e profissionalização feminina no século XIX em Fortaleza (CE). *Hist. R.*, Goiânia, v. 25, n. 2, p. 309-330, maio/ago. 2020.

LIMA, Joelma Varão. “Jornal das Senhoras”: as mulheres e a urbanização na corte. *Cadernos CERU*, série 2, v. 21, n. 2, p. 227-240, dez. 2010.

LIMA, Stélio Torquato. *O indianismo e o problema da identidade nacional em 'A lágrima de um caeté', de Nísia Floresta*. 2008. 185 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

LINS, Ivan. *A história do positivismo no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORI, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 443-481.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

LÚCIO, Sônia Valério Marinho. *Uma viajante brasileira na Itália do Risorgimento*: tradução comentada do livro *Trois ans en'Italie suivis d'un voyage en Grèce* (vol. I – 1964; vol. II – s. d.) de Nísia Floresta Brasileira Augusta. 1999. 754 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

MAGALHÃES, Pablo Iglesias; JUNQUEIRA, Lucas de Faria. A biblioteca de um estadista do Império: o inventário de livros de José Lino Coutinho (1836). *Almanack*, Guarulhos, n. 16, p. 206-257, ago. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/alm/article/view/13123/9166>. Acesso em: 19 nov. 2025.

MAIA, Ludmila de Souza. Recolher as âncoras em busca da liberdade: gênero e viagem em Nísia Floresta (Europa, 1856-1885). *Varia História*, Belo Horizonte, v. 34, n. 64, p. 165-191, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/CZBdcQwcqdZ3RYW6mnf554g/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 mar. 2025.

MARCUCCI, Ettore. Al Signor Augusto Americo de Faria Rocha. In: FLORESTA, Nísia. *Le lagrime de um Caeté*. Firenze: Di Felice Le Monnier, 1860. Disponível em: https://play.google.com/books/reader?id=bktOmvp_4U4C&pg=GBS.PA1&hl=pt. Acesso em: 21 nov. 2025.

MARGUTTI, Paulo. Nísia Floresta e a questão da autoria de Direitos das mulheres, injustiça dos homens. *Annales*, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 5-28, 2017.

MAUGUE, Annelise. A nova Eva e o velho Adão. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle (org.). *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991. p. 582-601.

MEDEIROS, José Henrique de. *A amamentação materna é quase sempre possível*. Rio de Janeiro: Tipografia Imparcial de Francisco de Paula Brito, 1848.

MELO, Maria de Nazaré Santos; SANTOS, Maysa Leite Serra dos. Cabanagem: A história vivenciada na região do Grão-Pará. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 6, n. 12, p. 103318-103333, dez. 2020.

MELRO, Fernando. Nota prévia. In: COMTE, Augusto. *Catecismo positivista*. Sintra: Europa-América, 1979. p. 11-14.

MICHAUD, Stéphane. Idolatrias: representações artísticas e literárias. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle (org.). *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991.

MIRANDA, Daniel M. Brevíssima contextualização histórica e biográfica. In: WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos das mulheres*. São Paulo: EDIPRO, 2015.

MORAN, M.C. Between the Savage and the Civil: Dr John Gregory's Natural History of Femininity. In: KNOTT, S., TAYLOR, B. (org.) *Women, Gender and Enlightenment*. Londres: Palgrave Macmillan, 2005.

MOREIRA LEITE, Miriam Lifchitz. Mulheres viajantes no século XIX. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 15, p. 129-143, 2000. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635570/3359>. Acesso em: 6 fev. 2025.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 225-233, jan./jun. 2003.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma pioneira: Maria Firmina dos Reis. In: DUARTE, Constância Lima et al. (org.). *Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora*. Rio de Janeiro: Malê, 2018. p. 21-39.

NAZZARI, Muriel. *O desaparecimento do dote: mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil, 1600-1900*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PAIVA, Kelen Benfenatti. Maria Firmina dos Reis: educação e emancipação feminina. In: DUARTE, Constância Lima et al. (org.). *Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora*. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. A Mary Wollstonecraft que o Brasil conheceu, ou a travessura literária de Nísia Floresta. In: PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Nísia Floresta, o Carapuceiro e outros ensaios de tradição cultural*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Travessura revolucionária: uma teia de erros em torno da feminista Nísia Floresta, nascida há 210 anos. *Revista Piauí*, out. 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/travessura-revolucionaria/>. Acesso em: 15 jul. 2022.

PELSERF, Eugénie. Préface. In: FLORESTA, Nísia. *Itinéraire d'un voyage en Allemagne*. Paris: Firmin Didot Frères, 1857.

PELSERF, Eugénie. Prefácio. In: FLORESTA, Nísia. *Itinerário de uma viagem à Alemanha*. Tradução de Francisco Chagas Pereira. Natal: Editora Universitária, 1982.

PEREIRA DA SILVA, João Manuel. *História do Brasil de 1831 a 1840*. Rio de Janeiro: Dias da Silva Júnior, 1878.

PEREIRA, Cláudia Gomes. A poesia esquecida de Beatriz Brandão (1779-1868). *Navegações*, v. 3, n. 1, 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/navegacoes/article/view/7182>. Acesso em: 18 nov. 2025.

PERROT, Michele. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. A família triunfante. In: PERROT, Michelle (org.). *História da vida privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009a.

PERROT, Michelle. Figuras e papéis. In: PERROT, Michelle (org.). *História da vida privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009b.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2008.

PORTUGAL. *Constituição Política da Monarquia Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1822. Disponível em: <https://www.parlamento.pt/Parlamento/Documents/CRP-1822.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2023.

PRADO, Maria Lígia; FRANCO, Stella Scatena. Participação feminina no debate público brasileiro. In: BASSANEZI, Carla; PEDRO, Joana Maria (org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018.

QUEIROZ, Luiza Amélia. A mulher. In: QUEIROZ, Luíza Amélia de. *Flores incultas*. 2. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras; EDUFPI, 2015.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Os literatos e a República*: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. Teresina: EDUFPI, 2011a.

QUEIROZ, Teresinha. Amélia Bevilacqua e a escrita feminina no Brasil. In: BORRALHO, J.; GOMES, M.; BEZERRA, N. (org.). *Pontos, contrapontos não desvendados: os vários tecidos sociais de um Brasil Oitocentista*. São Luís: Café e Lápis, Editora UEMA, 2011b. p. 203-217.

QUINET, Edgar. *La question Romaine devant l'histoire*. Paris: Armand Le Chevalier, 1868. Disponível em: <https://archive.org/details/laquestionromain00quin/page/n2/mode/1up>. Acesso em: 24 jul. 2025.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula e outras obras*. Brasília: Edições Câmara, 2018.

RIALL, Lucy. *The Italian Risorgimento: State, society and national unification*. Londres; Nova Iorque: Routledge, 2004. Disponível em: [https://oldmis.kp.ac.rw/admin/admin_panel/kp_lms/files/digital/Core%20Books/Core%20Books%20in%20History/E263_World%20History%20II\[Lucy_Riall\]_The_Italian_Risorgimento_State,_Soci\(BookFi\).pdf](https://oldmis.kp.ac.rw/admin/admin_panel/kp_lms/files/digital/Core%20Books/Core%20Books%20in%20History/E263_World%20History%20II[Lucy_Riall]_The_Italian_Risorgimento_State,_Soci(BookFi).pdf). Acesso em: 9 jun. 2025.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. Mulheres educadas na Colônia. In: LOPES, Eliane Marta Texeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (org.). *500 anos de educação no Brasil*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

RIBEIRO, José Alcides. Correio Mercantil: gêneros jornalísticos, literários e muito mais... *Revista USP*, São Paulo, n. 65, p. 131-147, mar./maio 2005.

RICHARD PRICE. *Encyclopaedia Britannica*. Disponível em: <https://www-britannica-com.translate.goog/biography/Richard-Price>. Acesso em: 31 ago. 2025.

RITZKAT, Marly Gonçalves Bicalho. Preceptoras alemãs no Brasil. In: LOPES, Eliane Marta Texeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (org.). *500 anos de educação no Brasil*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ROCHA, Olívia Candeia Lima. Feminismo e escrita de mulheres no Piauí (1875-1925). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. 27., 2013. *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo social*. Natal: ANPUH, 2013. Disponível em: https://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364699481_ARQUIVO_OLIVIAROCHAANPUH2013.pdf. Acesso em: 10 fev. 2024.

ROCHA, Olívia Candeia Lima. Luíza Amélia de Queiroz: uma pioneira das letras e do feminismo no Piauí. In: QUEIROZ, Luíza Amélia de. *Flores incultas*. 2. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras; EDUFPI, 2015. p. 251-260.

ROSA, Graziela Rinaldi da. *Transgressão e moralidade na formação de uma 'matrona esclarecida': contradições na filosofia de educação nissiana*. 2012. 350 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

SABINO, Ignês. *Mulheres ilustres do Brasil*. Florianópolis: Editora das Mulheres, 1996.

SALGUEIRO, Valéria. Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 289-310, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/6hKN4T5Shdv7gn5w7c8RWRf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 4 jun. 2025.

SAMARA, Eni de Mesquita. *As mulheres, o poder e a família*: São Paulo, século XIX. São Paulo: Editora Marco Zero, 1989.

SANTANA, Flávio Carreiro de. Civilidade, sensibilidade e cotidiano familiar no Brasil Império: o exemplo das “Cartas sobre a educação de Cora”. In: FREITAS, Talitta Tatiane Martins; CAPELOZI, Lays da Cruz. *Anais do VI Simpósio Nacional de História Cultural: escritas da História: ver, sentir, narrar*. Uberlândia: GT Nacional de História Cultural, 2012. p. 1-2. Disponível e: <https://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Flavio%20Carreiro%20de%20Santana.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2025.

SANTOS, Jaiane da Silva; QUEIROZ, Geisiane Dias. A multiplicidade de sentimentos na poesia de Luíza Amélia de Queiroz. *Contraponto*, Teresina, v. 9, n. 2, p. 91-113, jun./dez. 2020.

SAVIANI, Demerval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. *Revista Brasileira de Educação*, v. 14, n. 40, p. 143-155, jan./abr. 2009.

SAVIANI, Demerval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

SCHAEFFER, Louise Salles. Um estudo sobre a vida de Madame de Stael através do seu romance *Corine ou L' Italie* na primeira metade do século XIX. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 12., 2021. *Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 12*. Florianópolis, 2021. p. 1-2. Disponível em: https://www.fg2021.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/fg2020/1613677791_ARQUIVO_d05248fd76d1155dcbe9bc50002133f1.pdf. Acesso em: 4 ago. 2025.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de lidar com as mulheres*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2018.

SCOTT, Joan. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (org.). *Falas de gênero: teorias, análises, leituras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, João Manuel Pereira da. *Obras literárias e políticas*. Rio de Janeiro: Livraria de B. L. Garnier, 1862. Disponível em: <http://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uiuo.ark:/13960/t72v2t33f;view=1up;seq=10>. Acesso em 25 mar. 2025.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. Educação feminina e educação masculina no Brasil colonial. *Revista de História*, v. 55, n. 109, p. 149-164, 1977. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/77331>. Acesso em: 6 nov. 2023.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Sistema de casamento no Brasil Colonial*. São Paulo: T. A. Queiroz; Editora da Universidade de São Paulo, 1984.

SILVEIRA, José Renato Ferraz. A tragédia política de Napoleão III e Bismarck. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DE DEFESA. 11., 2021. *Anais eletrônicos 2021: estudos de Defesa em tempos de transformação: poder militar, multipolaridade e democracia*. Disponível em: https://www.enabed2021.abedef.org/resources/anais/15/enabed2020/1623789891_ARQUIVO_b46c26598e7fb0ec7fbe25ca17711959.pdf. Acesso em: 30 jan. 2024.

SIMPSON, David. Francis Bacon (1561, 1626). *Internet Encyclopedia of Philosophy*. Disponível em: https://iep-utm-edu.translate.google/francis-bacon/?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=tc. Acesso em: 1 set. 2025.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SLEDZIEWSKI, Elisabeth G. Revolução Francesa: a viragem. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle (org.). *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991.

SMITH, Bonnie G. *Gênero e história: homens, mulheres e a prática histórica*. Bauru (SP): EDUSC, 2003. (Coleção História).

SOIHET, Rachel. Nísia Floresta e mulheres de letras no Rio Grande do Norte: pioneiras na luta pela cidadania. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 179-199, jan./abr. 2005.

SOIHET, Rachel; SOARES, Rosana M. A.; COSTA, Suely Gomes. A história das mulheres: cultura e poder das mulheres; ensaio de historiografia. *Revista Gênero*, Niterói, v. 2, n. 1, p. 7-30, 2. sem. 2001. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/30986>. Acesso em: 21 out. 2025.

SONNET, Martine. Uma filha para educar. In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlete (org.). *História das mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991.

SOPHIA. *Woman not inferior to man*. London: John Hawkins, 1739. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=fUVfAAAACAAJ&pg=GBS.PP1>. Acesso em: 6 set. 2025.

STAËL, Madame de. *Da Alemanha*. Tradução de Edmir Míssio. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2017.

STAËL, Madame de. *De l'Allemagne*. Paris: H. Nicolle, 1810.

STAROBINSKI, Jean. *A tinta da melancolia: uma história cultural da tristeza*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TACUSSEL, Patrick. Augusto Comte: a obra vivida. *Logos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, 1999. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/14633/11093>. Acesso em: 10 set. 2023.

TALLEYRAND-PÉRIGORD, Charles Maurice de. *Rapport sur l'instruction publique*. Paris: Imprimerie Nationale, 1791. p. 120-121. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/cache/epub/26336/pg26336-images.html>. Acesso em: 1 set. 2025.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla. *História das mulheres no Brasil* (org.). São Paulo: Contexto, 2004. p. 401-442.

TELLES, Norma. Paisagens de letras e palavras. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 18, n. esp. 1, p. 49-70, 2013.

TOUSSAINT-SAMSON, Adèle. *Uma parisiense no Brasil*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Capivara, 2003.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. A educação doméstica no Brasil de Oitocentos. *Educação em Questão*, Natal, v. 28, n. 14, p. 24-41, jan./jun. 2007.

VILLALTA, Luiz Carlos. Pernambuco, 1817, “encruzilhada de desencontros” do Império luso-brasileiro: notas sobre as ideias de pátria, país e nação. *Revista USP*, São Paulo, n. 58, p. 58-91, jun./ago. 2003.

VILLELA, Heloísa de Oliveira Santos. O mestre-escola e a professora. In: LOPES, Eliane Marta Texeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (org.). *500 anos de educação no Brasil*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 95-134.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos das mulheres: o primeiro grito feminista*. São Paulo: EDIPRO, 2015.

JORNAIS

A MULHER. *O Jornal das Senhoras*. Rio de Janeiro, p. 6, 1 jan. 1852.

ANÚNCIOS. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 11, n. 234, p. 3, 21 out. 1837.

ANÚNCIOS. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 11, n. 268, p. 3, 20 nov. 1837.

ANÚNCIOS. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 13, n. 232, p. 3, 17 out. 1838.

ANÚNCIOS. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 13, n. 24, p. 4, 31 jan. 1838.

ANÚNCIOS. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 13, n. 39, p. 3, 19 fev. 1838.

ANÚNCIOS. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 13, n. 8, p. 4, 11 jan. 1838.

ANÚNCIOS. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 20, n. 212, p. 2, 7 ago. 1845.

ASSISTIMOS aos exames... *O Mercantil*. Rio de Janeiro, ano 3, n. 355, p. 3, 23 dez. 1846. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/228133/per228133_1846_00355.pdf. Acesso em: 29 out. 2025.

AUGUSTA, Brasileira. Um apelo à caridade feminil. *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro, ano 12, n. 264, p. 2, 23 set. 1855.

AVISOS. *Gazeta do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, n. 91, p. 4, 13 nov. 1813.

BONSUCESSO, A. do. Crítica literária. *Anais da Academia Filosófica*. Rio de Janeiro, p. 115, 22 maio 1858.

C. F. Sem título. *Correio do Brasil*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 6, p. 1, 7 jan. 1872.

CALASANS. Cinco minutos. *Jornal do Recife*. Recife, n. 25, v. 1, p. 198, 18 jun. 1859.

CARVALHO, Maximiano Marques de. Enfermaria de Nossa Senhora da Conceição... *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, n. 276, 7 out. 1855.

CASTRO, José de. Gratidão e louvores. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 30 nov. 1885.

CHEGOU A Lisboa... *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, n. 8791, p. 1, 13 set. 1851.

CHERBULIEZ, Joel. *Revue Critique des Livres Nouveaux*. Paris: Chez Joel Cherbuliez Libraire, 1858. p. 25. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6348182q/f9.item.r=brasileira%20augusta>. Acesso em: 20 jan. 2024.

COLÉGIO AUGUSTO. *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro, ano 13, n. 5, p. 3, 5 jan. 1856.

COLÉGIO AUGUSTO. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 23, n. 342, p. 3, 26, 27 dez. 1843.

COLÉGIO de meninas. *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, ano 29, n. 8332, p. 4, 20 fev. 1850.

COLÉGIO de Nossa Senhora das Dores. *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, ano 32, n. 6, p. 4, 7 jan. 1853.

COLÉGIO para meninas. *Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte da Província do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1848.

COLÉGIO para meninas. *Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte da Província do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1849.

CUNHA, R. da. Estudo literário: o romance. *O Ateneu Pernambucano*. Recife, v. 1, n. 2, p. 40-41, ago. 1856.

D. NÍSIA Floresta. *O Novo Mundo*. Nova Iorque, v. 2, n. 20, p. 133, 23 maio 1872.

DACIZ ou a jovem completa... *O Anunciador*. Rio de Janeiro, n. 5, p. 3, 5 fev. 1850.

DACIZ, ou a jovem completa. *Correio da Tarde*. Rio de Janeiro, n. 760, p. 4, 19 ago. 1850.

DACIZ, ou a jovem completa. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 24, n. 95, p. 2, 8 abr. 1849.

DECLARAÇÃO sobre as minhas ideias da emancipação moral da mulher. *O Jornal das Senhoras*. Rio de Janeiro, p. 27-28, 25 jan. 1852.

DEDICAÇÃO de uma amiga. *O Anunciador*. Rio de Janeiro, n. 5, p. 4, 5 fev. 1850.

DEDICAÇÃO de uma amiga. *Periódico dos Pobres*. Rio de Janeiro, n. 13, p. 4, 12 abr. 1850.

EMANCIPAÇÃO moral da mulher. *O Jornal das Senhoras*. Rio de Janeiro, p. 12, 11 jan. 1852.

ESCRITORES brasileiros mencionados... *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 31, n. 95, p. 4, 5 abr. 1872.

ESPEREMOS sempre. *O Anunciador*. Rio de Janeiro, n. 5, p. 4, 5 fev. 1850.

FALECIMENTOS. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 64, n. 145, p. 2, 26 maio 1885.

FLORESTA, Nísia. O pranto filial. *O Brasil Ilustrado*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 9, p. 141-142, 31 mar. 1856.

FLORESTA, Nísia. Opúsculo Humanitário. *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, ano 32, n. 107, p. 1, 20 abr. 1853.

FLORESTA, Nísia. Páginas de uma vida obscura. *O Brasil Ilustrado*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 7-8, 14 mar. 1855.

FLORESTA, Nísia. Páginas de uma vida obscura. *O Brasil Ilustrado*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, p. 7, 30 jun. 1855.

FLORESTA, Nísia. Passeio ao Aqueduto da Carioca. *O Brasil Ilustrado*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 5, p. 68-70, 15 jul. 1855.

FLORESTA, Nísia. Um crime cometido por amor e sua punição. *Diário de São Paulo*. São Paulo, ano 11, n. 3015, p. 1, 11 dez. 1875.

FLORESTA, Nísia. Um imprevisto – na manhã do 1º corrente, ao distinto literato e grande poeta, Antonio Feliciano de Castilho. *O Brasil Ilustrado*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 10, p. 5, 30 abr. 1855.

FLORESTA, Nísia. Viagem a Sorrento. *A Reforma*. Rio de Janeiro, ano 7, n. 293, p. 1-2, 31 dez. 1875.

GALVÃO, Hélio. Dona Francisca Freire. *Diário de Natal*. Natal, ano 10, n. 1789, p. 1-4, 13 fev. 1949.

HISTÓRIA moral... *O Gratis*. Rio de Janeiro, ano 1, n. 34, p. 1, 3 out. 1850.

HISTÓRIA oferecida... *Periódico dos Pobres*. Rio de Janeiro, n. 16, p. 4, 22 maio 1850.

HOJE, no Colégio de Santo Agostinho... *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, ano 3, n. 521, p. 3, 6 jul. 1872.

IMPRENSA. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 50, n. 359, p. 3, 30 dez. 1871.

INSTRUÇÃO primária. *O Mercantil*. Rio de Janeiro, ano 3, n. 359, p. 4, 27 dez. 1846.
Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/228133/per228133_1846_00359.pdf.
Acesso: 30 out. 2025.

INSTRUÇÃO pública: revista dos colégios da capital. *O Mercantil*. Rio de Janeiro, ano 4, n. 17, p. 3, 17 jan. 1847. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/228133/per228133_1847_00017.pdf. Acesso em: 31 out. 2025.

INSTRUÇÃO pública: revista dos colégios da capital. *O Mercantil*. Rio de Janeiro, ano 4, n. 17, p. 3, 17 jan. 1847.

LISBOA. *Diário de Pernambuco*. Recife, n. 7, p. 2, 10 jan. 1872. Disponível em: [https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_05&pasta=ano%20187&pesq="Nisia%20Floresta"&pagfis=4734](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_05&pasta=ano%20187&pesq=). Acesso em: 1 mar. 2025.

M. A. Ao acaso. *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, ano 44, n. 189, p. 1, 10 jul. 1864.
Disponível em: https://memoria.bn.br/pdf/094170/per094170_1864_00189.pdf. Acesso em: 20 fev. 2024.

MELLO, José da Silva. Agradecimento. *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro, 30 out. 1855.

MESTRA de meninas. *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, n. 1, p. 7, 1 ago. 1821.

MOVIMENTO do Porto. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, n. 152, p. 1, 1 jun. 1872.

MOVIMENTO do Porto. *O Correio da Tarde*. Rio de Janeiro, ano 2, n. 83, p. 4, 10 abr. 1856.

NÍSIA Floresta Brasileira Augusta... *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 24, n. 300, p. 4, 5 nov. 1849.

NÍSIA FLORESTA... *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 24, n. 300, p. 4, 2-3 nov. 1849.
Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_03&pasta=ano%20184&pesq=%22saude%20que%20lhe%22&pagfis=14637. Acesso em: 13 nov. 2025.

NÍZIA Floresta... *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro, ano 12, n. 240, p. 3, 30 ago. 1855.

NORONHA, Joana Paula Manso de. Às nossas assinantes. *O Jornal das Senhoras*. Rio de Janeiro, p. 1, 1 jan. 1852.

NORONHA, Joana Paula Manso de. Sentimos vivo... *O Jornal das Senhoras*. Rio de Janeiro, p. 63, 22 fev. 1852.

NOS DIAS 18, 19 e 20 tiveram... *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 20, n. 349, p. 4, 23 dez. 1845.

O COLÉGIO Augusto. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 21, n. 356, p. 2, 24 dez. 1846.
Disponível em:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_03&pesq=%22Col%C3%A9gio%20Augusto%22&pasta=ano%20184&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=10307.
Acesso em: 29 out. 2025.

O MESTRE ESCOLA EM FÉRIAS. *O Mercantil*. Rio de Janeiro, ano 4, n. 2, p. 4, 2 jan. 1847.
Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/228133/per228133_1847_00002.pdf. Acesso em: 31 out. 2025.

O PROSPECTO. *O Espelho Diamantino*. Rio de Janeiro, n. 1, p. 1-2, set. 1827.

PASSAGEIROS. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 51, n. 83, p. 4, 24 mar. 1875.

PELA secretaria do governo... *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 15, n. 64, p. 3, 7 mar. 1840.

PELA secretaria do governo... *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, ano 19, n. 161, p. 2, 20 jun. 1844.

PESSOAS despachadas no dia 29 de outubro. *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, ano 28, n. 2840, p. 2, 30 out. 1849.

PROUDHON, Pierre-Joseph. Les femmes auteurs. *Courrier Du Brésil*. Rio de Janeiro, ano 5, n. 27, p. 4-5, 4 jul. 1858. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709719&Pesq=Proudhon&pagfis=934>. Acesso em: 1 ago. 2025.

PUBLICAÇÕES a pedido. *Diário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, ano 31, n. 8917, p. 3, 17 fev. 1852.

REVUE BRITANNIQUE [Traduzido por M.]. Da independência política e social das mulheres (...). *Ostensor Brasileiro*. Rio de Janeiro, n. 32, p. 249-251, 1845a. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=700100x&pasta=ano%20184&pesq=&pagfis=282>. Acesso em: 14 nov. 2025.

REVUE BRITANNIQUE [Traduzido por M.]. Da independência política e social das mulheres (...). *Ostensor Brasileiro*. Rio de Janeiro, n. 33, p. 257-258, 1845b. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=700100x&pasta=ano%20184&pesq=&pagfis=291>. Acesso em: 14 nov. 2025.

REVUE BRITANNIQUE [Traduzido por M.]. Da independência política e social das mulheres (...). *Ostensor Brasileiro*. Rio de Janeiro, n. 34, p. 265-267, 1845c. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=700100x&pasta=ano%20184&pesq=&pagfis=300>. Acesso em: 14 nov. 2025.

REVUE BRITANNIQUE [Traduzido por M.]. Da independência política e social das mulheres (...). *Ostensor Brasileiro*. Rio de Janeiro, n. 36, p. 282, 1845d. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=700100x&pasta=ano%20184&pesq=&pagfis=318>. Acesso em: 14 nov. 2025.

SAÍDA dia 2. *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro, ano 6, n. 299, p. 4, 1 nov. 1849.

SOBRE a educação das mulheres. *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro, ano 14, n. 19, p. 3, 26 jan. 1847.

UM ESCRITO brasileiro. *O Liberal*. Rio de Janeiro, v. 6, n. 310, p. 2, 7 jul. 1853.

UM PAI AGRADECIDO. Correspondências. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, n. 86, p. 1, 29 mar. 1843.

UM PAI DE FAMÍLIA. Os colégios na Corte. *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro, ano 10, n. 81, p. 2, 22 mar. 1853.

VENDEM-SE na Livraria Nacional... *O Mercantil*. Rio de Janeiro, ano 2, n. 230, p. 4, 8 ago. 1845.